John Foxe
O LIVRO DOS
Mártires
A história dos sofrimentos
e morte dos cristãos primitivos
e dos mártires protestantes

O LIVRO DOS MÁRTIRES

John Fox

Primeira edição, escrita por Fox no século XVI,
e ampliação de William Byron Forbush no século XIX.

**Tradução do espanhol para o português realizada por Daniela Raffo,
Terminada em quarta-feira, 16 de abril de 2008, 13:28:05**

NOTA DA TRADUTORA:
Todas as citações bíblicas foram extraídas das versões:
ACF: Almeida Corrigida e Revisada, Fiel ao Texto Original
PJFA: João Ferreira de Almeida Atualizada
NVI:Nova Versão Internacional
Esses textos aparecerão em itálico. Os textos bíblicos que não estão em itálico nem com a indicação de sua fonte, foram traduzidos diretamente do texto original espanhol.

ÍNDICE

SOBRE O AUTOR

John Fox (ou Foxe) nasceu em Boston, no condado de Lincolnshire (Inglaterra) em 1517, onde se diz que seus pais viviam em circunstâncias respeitáveis. Ficou órfão de pai numa idade precoce, e apesar de que sua mãe logo voltou casar, permaneceu sob teto paterno. Por sua precoce exibição de talento e disposição para o estudo, seus amigos sentiram-se impelidos a enviá-lo a Oxford, para cultivá-lo e levá-lo à maturidade.

Durante sua residência em Oxford, se distinguiu pela excelência e agudeza de seu intelecto, que melhorou com a emulação de seus companheiros de estudos, junto com um zelo e atividade incansáveis. Estas qualidades cedo lhe ganharam a admiração de todos, e como recompensa pelos seus esforços e conduta gentil foi escolhido "Companheiro" do Magdalen College, o que era considerado como uma grande honra na universidade, e que poucas vezes era concedido: só em casos de grande distinção. A primeira exibição de seu gênio foi na poesia, e compus algumas comedias latinas, que ainda existem. Mas logo dirigiu sua atenção a uma questão mais séria, o estudo das Sagradas Escrituras: e a verdade é a que se aplicou à teologia com mais fervor que prudência, e descobriu sua parcialidade para a Reforma, que então tinha começado, antes de conhecer os que a apoiavam, ou os que a tinham protegido. E esta circunstância veio a ser a origem de seus primeiros problemas.

Diz-se que afirmou em muitas ocasiões o que primeiro que o levou a seu exame da doutrina papista foi que viu diversas coisas muito contraditórias entre si impostas sobre os homens ao mesmo tempo; por esta razão sua resolução e esforço de obediência à Igreja sofreram uma certa sacudida, e gradativamente se estabeleceu um desagrado para o resto.

Seu primeiro cuidado foi pesquisar a história antiga e a moderna da Igreja; determinar sua origem e progresso; considerar as causas de todas aquelas controvérsias que tinham surgido no intervalo, e sopesar diligentemente seus efeitos, solidez, fraqueza, etc.

Antes de chegar aos trinta anos tinha estudado os pais gregos e latinos, e outros autores eruditos, as transações dos Concílios e os decretos dos consistórios, e tinha adquirido um conhecimento muito competente da língua hebraica. A estas atividades dedicava freqüentemente uma parte considerável da noite, ou até a noite inteira; e a fim de relaxar sua mente depois de um estudo tão incessante, acudia a um bosque perto do colégio, lugar muito

freqüentado pelos estudantes no final da tarde, devido a sua recôndita escuridão. Nestes passeios solitários freqüentemente o ouviam emitir profundos soluços e suspiros, e com lágrimas derramar suas orações a Deus. Estes retiros noturnos, posteriormente, deram origem às primeiras suspeitas de seu afastamento da Igreja de Roma. Pressionado para dar uma explicação de sua conduta, rejeitou inventar desculpas: expôs suas opiniões e assim, por sentença do colégio, foi declarado convicto, condenado como herege e expulso.

Seus amigos, ao conhecerem o fato, sentiram-se profundamente ofendidos, e lhe ofereceram, quando tinha assim rejeitado os seus, um refúgio em casa de Sir Tomás Lucy, de Warwickshim, aonde foi chamado como preceptor de seus filhos. A casa está perto de Stmatford-on-Avon, e foi este lugar que, poucos anos depois, foi cena das tradicionais expedições de pesca clandestina do menino Shakespeare. Fox morreu quando Shakespeare tinha três anos.

Posteriormente, Fox se casou na casa de Sir Lucy. Mas o temor dos inquisidores papistas os fez fugir rápido dali, porquanto não se contentavam com castigar delitos públicos, mas começavam também a meter-se nos segredos particulares de famílias. Começou a considerar o que devia fazer para livrar-se de maiores inconvenientes, e resolveu dirigir-se à casa de seu sogro.

O pai de sua mulher era cidadão de Coventry, e suas simpatias não estavam contra ele, e era provável que o pudesse persuadir, por causa de sua filha. Resolveu primeiro ir à casa dele, mas antes, mediante cartas, ver se seu sogro o receberia ou não. Assim fez, e como resposta recebeu a seguinte mensagem: "Que parecia-lhe difícil aceitar em sua casa alguém que sabia que era culpável e que estava condenado por um delito capital; e que tampouco ignorava o risco em que incorreria ao aceitá-lo; não obstante, agiria como parente, e relevaria seu próprio perigo. Se mudasse de idéia, podia acudir, sob a condição de que ficaria tanto tempo como desejar; mas se não podia persuadir-se, que devia contentar-se com uma estadia mais breve, e não pôr em perigo nem a ele nem a sua mãe".

Não se devia rejeitar nenhuma condição; além disso, foi secretamente aconselhado por sua sogra a acudir, e para não temer a severidade de seu sogro, "porque talvez era necessário escrever como o fazia, mas se se der a ocasião, compensaria suas palavras com ações". De fato, foi melhor recebido por ambos do que havia esperado.

Deste modo se manteve oculto durante um certo tempo, e depois empreendeu viagem a Londres, durante a última parte do reinado de Henrique VIII. Sendo desconhecido na capital, encontrou-se frente a muitas dificuldades, e até ficou reduzido ao perigo de morrer de fome, se a Providência não se tivesse interposto em seu favor da seguinte forma:

Um dia, estando Fox sentado na Igreja de São Paulo, esgotado após longo jejum, um estranho sentou-se a seu lado e o cumprimentou cortesmente, colocando uma soma de dinheiro em sua mão e exortando-o a recuperar o bom ânimo. Ao mesmo tempo o informou que depois de poucos dias se abririam a ele novas expectativas para seu futuro mantimento. Nunca pôde saber quem era o estranho, mas depois de três dias recebeu um convite da Duquesa de Richmond para encarregar-se da educação dos filhos do Conde de Surrey, que estava encarcerado na Torre, junto com seu pai, o Duque de Norfolk, pelos ciúmes e a ingratidão do rei. Os filhos assim confiados a seu cuidado foram Tomás, que sucedeu no ducado; Henry, depois Conde de Northampton; e Jane, que chegou a ser Duquesa de Westmoreland. E no cumprimento destes deveres deu plena satisfação à duquesa, a tia dos meninos.

Estes dias de calma prosseguiram durante a última parte do reinado de Henrique VIII e os cinco anos do reinado de Eduardo VI, até que Maria herdou a coroa, e, pouco depois de sua chegada, deu todo o poder aos papistas.

Por esse tempo Fox, que ainda estava sob a proteção de seu nobre pupilo, o duque, começou a suscitar a inveja e o ódio de muitos, particularmente do doutor Gardiner, que era então Bispo de Winchester, e que posteriormente chegou a ser seu maior inimigo.

Fox percebeu isto, e vendo que começava uma terrível perseguição, começou a pensar em abandonar o reino. Tão pronto como o duque conheceu suas intenções, tentou de persuadi-lo para permanecer ali, e seus argumentos foram tão poderosos e expressados com tanta sinceridade que abandonou o pensamento de deixar seu asilo por enquanto.

Naquele tempo o Bispo de Winchester tinha uma grande amizade com o duque (tendo sido pelo apoio de sua família que havia negado a dignidade da qual então gozava), e freqüentemente o visitava para apresentar seu serviço, quando pediu várias vezes poder ver seu antigo tutor. No princípio o duque negou a sua petição, alegando numa ocasião sua ausência e outra vez, indisposição. No final aconteceu que Fox, não sabendo que o bispo estava em casa, entrou na sala em que o duque e o bispo estavam conversando; porém, ao ver o bispo, retirou-se. Gardiner perguntou de quem se tratava, respondendo o duque que era "seu médico, que era algo rude, sendo recém chegado da universidade". "Gostei de sua cara e de seu aspecto", respondeu o bispo, "e quando tiver ocasião o farei chamar". O duque entendeu estas palavras como presságio de um perigo iminente, e considerou que era hora de que Fox abandonasse a cidade, e inclusive o país. Assim, fez preparar tudo o necessário para sua fuga em secreto, enviando um de seus servos a Ipswich para alugar uma nave e fazer

todos os preparativos para a partida. Também arranjou a casa de um de seus servos, um granjeiro, para alojamento até que o vento fosse favorável. Tudo disposto, Fox despediu-se de seu nobre protetor, e com sua mulher, que então estava grávida, partiu em segredo rumo à nave.

Apenas se tinham alçado a vela quando sobreveio uma violenta tempestade, que durou todo o dia e toda a noite, e que no dia seguinte os empurrou de volta para o mesmo porto de onde tinham partido. Durante o tempo em que a nave esteve no mar, um oficial, enviado pelo bispo de Winchester, tinha irrompido na casa do camponês com uma ordem de arresto contra Fox ali onde estivesse, para devolvê-lo à cidade. Ao saber das notícias, o granjeiro alugou um cavalo, sob a aparência de partir de imediato da cidade; porém voltou secretamente aquela mesma noite, e fez acordo com o capitão da nave que zarpasse rumo a qualquer lugar assim que o vento mudasse, somente desejando que saíssem, sem duvidar que Deus prosperaria sua empresa. O marinheiro aceitou, e depois de dois dias seus passageiros desciam em terra, sãos e salvos, em Nieuport.

Depois de passar uns poucos dias naquele lugar, Fox empreendeu viagem rumo a Basiléia, onde encontrou um grupo de refugiados ingleses que tinham abandonado seu país para evitar a crueldade dos perseguidores, e se associou a eles e começou a escrever sua "História dos Atos e Monumentos da Igreja", que foi publicada primeiro em latim em Basiléia, em 1554, e em inglês em 1563.

Durante aquele intervalo, a religião reformada voltou a florescer na Inglaterra, e a decair muito a facção papista após a morte da Rainha Maria. Isto induziu a maioria dos exilados protestantes a voltar ao seu país natal.

Entre outros, ao aceder Elisabete no trono, também voltou Fox. Ao chegar, achou em seu anterior pupilo, o Duque de Norfolk, um fiel e ativo amigo, até que a morte o privou de seu benfeitor. Depois deste acontecimento, Fox herdou uma pensão que o duque havia-lhe legado, e que foi ratificada por seu filho, o Conde de Suffolk.

E não se deteve aqui o bom sucesso de Fox. Ao ser recomendado à rainha pelo seu secretário de estado, o grande Cecil, sua majestade o nomeou assessor de Shipton, na catedral de Sallsbury, o qual foi de certo modo obrigado a aceitar, porque foi muito difícil de ser convencido a isso.

A voltar a instalar-se na Inglaterra, dedicou-se a revisar e ampliar seu admirável Martirológio. Com um cuidado prodigioso e um estudo constante terminou a sua célebre obra em onze anos. tratando de alcançar uma maior correção, escreveu cada linha deste extenso livro por si mesmo, e transcreveu sozinho todos os registros e documentos. Porém, como conseqüência de um trabalho tão fervoroso, ao não

deixar parte de seu tempo livre de estudo e não se permitir nem o mínimo recreio que a natureza reclama, sua saúde ficou tão reduzida, e tão consumido e alterado, que aqueles amigos e parentes seus que só o viam de tanto em tanto mal podiam reconhecê-lo. mas, embora cada dia se esgotava mais, prosseguiu com seus estudos com tanta diligência como costumava, e ninguém pôde persuadi-lo a reduzir o ritmo de seus trabalhos. Os papistas, prevendo o prejudicial que seria para a causa deles aquela história de seus erros e crueldades, recorreram a todas as artimanhas para rebaixar a reputação de sua obra; porém sua malícia acabou sendo favorável tanto para o próprio Fox como para a Igreja de Deus em geral, porquanto fez com que o livro fosse intrinsecamente mais valioso, ao induzir a sopesar, com a mais escrupulosa atenção, a certeza dos fatos que registrava, e a validade das autoridades das que obtinha sua informação.

Mas em quanto se achava assim infatigavelmente dedicado a impulsionar a causa da verdade, não descuidou por isso os outros deveres de sua posição; era caridoso, compassivo e solícito ante as necessidades tanto espirituais como temporais de seus próximos. Visando ser útil de modo mais extensivo, embora não tinha desejos de cultivar a amizade dos ricos e dos poderosos a seu próprio favor, não declinou a amizade daqueles que a ofereciam desde as mais elevadas posições e nunca deixou de empregar sua influência entre eles em favor dos pobres necessitados. Como conseqüência de sua probidade e caridade bem conhecidas, foram freqüentemente entregues somas de dinheiro por parte de pessoas ricas, dinheiro que aceitava e distribuía entre os que padeciam necessidades. Também acudia ocasionalmente à mesa de seus amigos, não tanto em busca de prazer como por cortesia, e para convencê-los de que sua ausência não era ocasionada por temor a expor-se às tentações do desejo. Em resumo: seu caráter como homem e como cristão era irrepreensível.

Embora as recentes lembranças das perseguições sob Maria a Sanguinária agregaram amargor a sua pluma, é de destacar que ele era pessoalmente o mais conciliador dos homens, e embora rejeitasse de coração a Igreja de Roma na qual tinha nascido, foi um dos primeiros em tentar a concórdia dos irmãos protestantes. De fato, foi um verdadeiro apóstolo da tolerância.

Quando a peste açoitou a Inglaterra em 1563, e muitos abandonaram seus deveres, Fox permaneceu em seu posto, ajudando os desvalidos e agindo como "portador- de esmolas" dos ricos. Se disse dele que jamais pôde refutar ajuda a ninguém que o pedir em nome de Cristo. Tolerante e com um grande coração, exerceu sua influência perto da Rainha Elisabete para confirmá-la em sua intenção de manter a cruel prática de dar morte aos que mantiverem suas convicções

religiosas contrárias. A rainha tinha-lhe em grande respeito, e se referia a ele como "Nosso Pai Fox".

Fox teve gozo nos frutos de sua obra enquanto ainda vivia. Seu livro viu quatro grandes edições antes de sua morte, e os bispos deram ordem de que fosse colocado em cada igreja catedral da Inglaterra, onde amiúde estava acorrentado, como a mesma Bíblia naqueles tempos, num tripé, ao qual tinha acesso o povo.

No final, tendo brindado longo serviço tanto à Igreja como ao mundo mediante seu ministério por meio de sua pluma, e pelo brilho impecável de uma vida benevolente, útil e santa, entregou humildemente sua alma a Cristo, em 18 de abril de 1587, aos setenta anos de idade. Foi sepultado no presbitério de St. Giles, em Cripplegate, paróquia na qual tinha sido vicário durante certo tempo, no começo do reinado da rainha Elisabete.

CAPÍTULO 1: História dos mártires cristãos até a primeira perseguição geral sob Nero

Cristo, nosso Salvador, no Evangelho de são Mateus, ouvindo a confissão de Simão Pedro, o qual, antes que todos os outros, reconheceu abertamente que Ele era o Filho de Deus, e percebendo a mão providencial de seu Pai nisso, o chamou (aludindo a seu nome) de "rocha", rocha sobre a qual edificaria Sua Igreja com tal força que as portas do inferno não prevaleceriam contra ela. E com estas palavras se devem observar três coisas: primeiro, que Cristo teria uma igreja neste mundo. segundo, que a mesma Igreja sofreria uma intensa oposição, não só por parte do mundo, senão também com todas as forças e poder do inferno inteiro. E em terceiro lugar que esta mesma Igreja, apesar de todo o poder e maldade do diabo, se manteria.

Vemos esta profecia de Cristo verificada de modo maravilhoso, por quanto todo o curso da Igreja até o dia de hoje não parece mais que um cumprimento desta profecia. primeiro, o fato de que Cristo tenha estabelecido uma Igreja, não necessita demonstração. Segundo, com que força se opuseram contra a Igreja príncipes, reis, monarcas, governadores e autoridades deste mundo! E, em terceiro lugar, como a Igreja, apesar de tudo, tem suportado e retido o que lhe pertencia! É maravilhoso observar que tormentas e tempestades ela tem vencido. E para uma mais evidente exposição disto tenho preparado esta história, com o fim, primeiro de que as maravilhosas obras de Deus em sua Igreja redundem para Sua Glória; e também para que ao expor-se a continuação e história da Igreja, possa redundar em maior conhecimento e experiência para proveito do leitor e para a edificação da fé cristã.

Como não é nosso propósito entrar na história de nosso Salvador, nem antes nem depois de Sua crucifixão, só será necessário lembrar aos nossos leitores o desconcerto dos judeus pela Sua posterior ressurreição. Ainda que um apóstolo o havia traído; embora outro o tinha negado, sob a solene sanção de um juramento, e ainda que o resto tinha-o abandonado, a exceção daquele "discípulo que era conhecido do sumo sacerdote", a história de sua ressurreição deu uma nova direção a todos seus corações e, depois da missão do Espírito Santo, transmitiu uma nova confiança em suas mentes. Os poderes de que foram investidos lhes deram confiança para proclamar Seu nome, para confusão dos governantes judeus, e por assombro dos prosélitos gentios.

1. ESTEVÃO

Santo Estevão foi o seguinte a padecer. Sua morte foi ocasionada pela fidelidade com a que predicou o Evangelho aos entregadores e matadores de Cristo. Foram excitados eles a tal grau de fúria, que o expulsaram fora da cidade, apedrejando-o até matá-lo. a época em que sofreu supõe-se geralmente como a Páscoa posterior à da crucifixão de nosso Senhor, e na época de Sua ascensão, na seguinte primavera.

A continuação suscitou-se uma grande perseguição contra todos os que professavam a crença em Cristo como Messias, ou como profeta. São Lucas nos diz de imediato que *"fez-se naquele dia uma grande perseguição contra a igreja que estava em Jerusalém"*, e que *"todos foram dispersos pelas terras da Judéia e de Samaria, exceto os apóstolos"* (Atos 8:1, ACF).

Em volta de dois mil cristãos, incluindo Nicanor, um dos sete diáconos, padeceram o martírio durante a *"tribulação suscitada por causa de Estevão"* (Atos 11:9, PJFA).

2. TIAGO O MAIOR

O seguinte mártir que encontramos no relato segundo Lucas, na História dos Atos dos Apóstolos, é Tiago, filho de Zebedeu, irmão mais velho de João e parente de nosso Senhor, porque sua mãe Salome era prima irmã da Virgem Maria. Não foi até dez anos depois da morte de Estevão que teve lugar este segundo martírio. Aconteceu que tão pronto como Herodes Agripa foi designado governador da Judéia que, com o propósito de congraçar-se com os judeus, suscitou uma intensa perseguição contra os cristãos, decidindo dar um golpe eficaz, e lançando-se contra seus dirigentes. Não se deveria passar por alto o relato que dá um eminente escritor primitivo, Clemente de Alexandria. Nos diz que quando Tiago estava sendo conduzido ao lugar de seu martírio, seu acusador foi levado ao arrependimento, caindo a seus pés para pedi-lhe perdão, professando-se cristão e decidindo que Tiago não receberia sozinho a coroa do martírio. Por isso, ambos foram decapitados juntos. Assim recebeu, resoluto e bem disposto, o primeiro mártir apostólico aquele cálice que ele tinha dito ao Salvador que estava disposto a beber. Timão e Parmenas sofreram o martírio por volta daquela época; o primeiro em Filipos, e o segundo na Macedônia. Estes acontecimentos tiveram lugar no 44 d.C.

3. FELIPE

Nasceu em Betsaida da Galiléia, e foi chamado primeiro pelo nome de "discípulo". Trabalhou diligentemente na Ásia Superior, e sofreu o martírio em Heliópolis, na Frigia. Foi acoitado, encarcerado e depois crucificado, no 54 d.C.

4. MATEUS

Sua profissão era arrecadador de impostos, e tinha nascido em Nazaré. Escreveu seu evangelho em hebraico, que foi depois traduzido ao grego por Tiago o Menor. Os cenários de seus trabalhos foram Partia e a Etiópia, país no que sofreu o martírio, sendo morto com uma lança na cidade de Nadaba no ano 60 d.C.

5. TIAGO O MENOR

Alguns supõem que se tratava do irmão de nosso Senhor por parte de uma anterior mulher de José. Isto resulta muito duvidoso, e concorda demasiado com a superstição católica de que Maria jamais teve outros filhos além de nosso Salvador. Foi escolhido para supervisar as igrejas de Jerusalém, e foi o autor da Epístola ligada a Tiago. A idade de noventa e nove anos foi espancado e apedrejado pelos judeus, e finalmente abriram-lhe o crânio com um cacetete.

6. MATIAS

Dele se sabe menos que da maioria dos discípulos; foi escolhido para encher a vaga deixada por Judas. Foi apedrejado em Jerusalém e depois decapitado.

7. ANDRÉ

Irmão de Pedro, predicou o evangelho a muitas nações da Ásia; mas ao chegar a Edessa foi apreendido e crucificado numa cruz cujos extremos foram fixados transversalmente no chão [1] Daí a origem do termo de Cruz de Santo André.

8. MARCOS

Nasceu de pais judeus da tribo de Levi. Supõe-se que foi convertido ao cristianismo por Pedro, a quem serviu como amanuense, e sob cujo cuidado escreveu seu Evangelho em grego. Marcos foi arrastado e despedaçado pelo populacho de Alexandria, em grande solenidade de seu ídolo Serapis, acabando sua vida em suas implacáveis mãos.

9. PEDRO

Entre muitos outros santos, o bem-aventurado apóstolo Pedro foi condenado a morte e crucificado, como alguns escrevem, em Roma; embora outros, e não sem boas razões, tenham dúvidas a esse respeito. Hegéssipo diz que Nero buscou razões contra Pedro para dá-lhe morte; e que quando o povo percebeu, rogaram-lhe insistentemente que fugisse da cidade. Pedro, ante a insistência deles,

---

[1] Cruz em forma de X. (N. da T.).

foi finalmente persuadido e se dispus a fugir. Porém, chegando até a porta viu o Senhor Cristo acudindo a ele e, adorando-o, lhe disse: "Senhor, aonde vãs?" ao que ele respondeu: "A ser de novo crucificado". Com isto, Pedro, percebendo que se referia a seu próprio sofrimento, voltou à cidade. Jerônimo diz que foi crucificado cabeça para abaixo, com os pés para cima, a petição dele, porque era, disse, indigno de ser crucificado da mesma forma que seu Senhor.

10. PAULO

Também o apóstolo Paulo, que antes se chamava Saulo, após seu enorme trabalho e obra indescritível para promover o Evangelho de Cristo, sofreu também sob esta primeira perseguição sob Nero. Diz Obadias que quando se dispus sua execução, Nero enviou dois de seus cavaleiros, Ferega e Partémio, para que lhe dessem a notícia de que ia ser morto. Ao chegarem a Paulo, que estava instruindo o povo, pediram-lhe que orasse por eles, para que eles acreditassem. Ele disse-lhe que em breve acreditariam e seriam batizados diante de seu sepulcro. Feito isso, os soldados chegaram e o tiraram da cidade para o lugar das execuções, onde, depois de ter orado, deu seu pescoço à espada.

11. JUDAS

Irmão de Tiago, era comumente chamado Tadeu. Foi crucificado em Edessa o 72 d.C.

12. BARTOLOMEU

Predicou em vários países, e tendo traduzido o Evangelho de Mateus na linguajem da Índia, o propalou naquele país. Finalmente foi cruelmente açoitado e logo crucificado pelos agitados idólatras.

13. TOMÉ

Chamado Dídimo, predicou o Evangelho em Partia e na Índia, onde por ter provocado a fúria dos sacerdotes pagãos, foi martirizado, sendo atravessado com uma lança.

14. LUCAS

O evangelista foi autor do Evangelho que leva seu nome. Viajou com Paulo por vários países, e se supõe que foi pendurado de uma oliveira pelos idólatras sacerdotes da Grécia.

15. SIMÃO

Apelidado de zelote, predicou o Evangelho na Mauritânia, África, inclusive na Grã Bretanha, país no qual foi crucificado em 74 d.C.

16. JOÃO

O "discípulo amado" era irmão de Tiago o Maior. As igrejas de Esmirna, Sardes, Pérgamo, Filadélfia, Laodicéia e Tiatira foram fundadas por ele. Foi enviado de Éfeso a Roma, onde se afirma que foi lançado num caldeiro de óleo fervendo. Escapou milagrosamente, sem dano algum. Domiciano desterrou posteriormente na ilha de Patmos, onde escreveu o livro do Apocalipse. Nerva, o sucessor de Domiciano, o libertou. Foi o único apóstolo que escapou de uma morte violenta.

17. BARNABÉ

Era de Chipre, porém de ascendência judia. Supõe-se que sua morte teve lugar por volta do 73 d.C.

E apesar de todas estas contínuas perseguições e terríveis castigos, a Igreja crescia diariamente, profundamente arraigada na doutrina dos apóstolos e dos varões apostólicos, e regada abundantemente com o sangue dos santos.

CAPÍTULO 2: As dez primeiras perseguições

A primeira perseguição

A primeira perseguição da Igreja teve lugar no ano 67, sob Nero, o sexto imperador de Roma. Este monarca reinou pelo espaço de cinco anos de uma maneira tolerável, mas depois deu liberdade ao maior desenfreio e as mais atrozes barbaridades. Entre outros caprichos diabólicos, ordenou que a cidade de Roma fosse incendiada, ordem que foi cumprida pelos seus oficiais, guardas e servos. Enquanto a cidade imperial estava em chamas, subiu na torre de Mecenas, tocando a lira e cantando o cântico do incêndio de Tróia, declarando abertamente que "desejava a ruína de todas as coisas antes de sua morte". Além do grande edifício do Circo Romano, muitos outros palácios e casas ficaram derruídos; vários milhares de pessoas pereceram nas chamas, ou se afogaram com a fumaça, ou foram sepultados sob as ruínas.

Este terrível incêndio durou nove anos. quando Nero descobriu que sua conduta era intensamente censurada, e que era objeto de um profundo ódio, decidiu inculpar os cristãos, aproveitando a oportunidade para escusar-se ao mesmo tempo que enchia seu olhar com novas crueldades. Esta foi a causa da primeira perseguição; e as brutalidades cometidas contra os cristãos foram tais que inclusive moveram os próprios romanos à compaixão. Nero inclusive refinou suas crueldades e inventou todo tipo de castigos contra os cristãos que puder ter sido inventado pela mais infernal imaginação. Particularmente, fez que alguns deles fossem costurados em peles de animais silvestres, lançando-os aos cães até morrerem; a outros os vestiu de camisas untadas com cera, amarrando-os a postes, e os incendiou nos seus jardins, para iluminá-los. Esta perseguição foi geral por todo o Império Romano; porém mais bem aumentou que diminuiu o espírito do cristianismo. Foi durante esta perseguição que foram martirizados são Paulo e são Pedro.

A seus nomes podem-se agregar Erasto, tesoureiro de Corinto; Aristarco, o macedônio, e Trófimo de Éfeso, convertido por são Paulo e seu colaborador, assim como José, comumente chamado Barsabé e Ananias, bispo de Damasco; cada um dos Setenta.

A segunda perseguição, sob Domiciano, em 81 d.C.

O imperador Domiciano, de natural inclinado à crueldade, deu morte primeiro a seu irmão, e logo suscitou a segunda perseguição contra os cristãos. Em seu furor deu morte a alguns senadores romanos, a

alguns por malícia, e a outros para confiscar seus bens. Depois mandou que todos os pertencentes à linhagem de Davi fossem executados.

Entre os numerosos mártires que sofreram durante esta perseguição estavam Simeão, bispo de Jerusalém, que foi crucificado, e são João, que foi fervido em óleo e depois desterrado a Patmos. Flavia, filha de um senador romano, foi do mesmo modo desterrada ao Ponto; e se ditou uma lei dizendo: "Que nenhum cristão, uma vez trazido ante um tribunal, fique isento do castigo sem que renuncie a sua religião".

Durante este reinado se redargüiram várias histórias inventadas, com o fim de danificar os cristãos. Tal era a paixão dos pagãos que toda fome, epidemia ou terremoto que assolasse qualquer das províncias romanas, era atribuída aos cristãos. Estas perseguições contra os cristãos aumentaram o número de informantes, e muitos, movidos pela cobiça, testemunharam em falso contra as vidas de inocentes.

Outra dificuldade foi que quando qualquer cristão era levado ante os tribunais, era submetido a um juramento de prova, e se recusavam tomá-lo, eram sentenciados a morte; também, se confessavam serem cristãos, a sentença era a mesma.

Os seguintes foram os mais destacados entre os numerosos mártires que sofreram durante esta perseguição.

Dionísio, o areopagita, era ateniense de nascimento, e foi instruído em toda a literatura útil e estética da Grécia. Viajou depois a Egito para estudar astronomia, e realizou observações muito precisas do grande eclipse sobrenatural que teve lugar no tempo da crucifixão de nosso Senhor.

A santidade de sua forma de viver e a pureza de suas maneiras o recomendaram de tal modo entre os cristãos em geral que foi designado bispo de Atenas.

Nicodemo, um benevolente cristão de alguma distinção, sofreu na Roma durante o furor da perseguição de Domiciano.

Protásio e Gervásio foram martirizados em Milan.

Timóteo, o célebre discípulo de são Paulo, foi bispo de Éfeso, onde governou zelosamente a Igreja até o 97 d.C. neste tempo, quando os pagãos estavam para celebrar uma festa chamada Catagogião, Timóteo, enfrentando-se à procissão, os repreendeu severamente por sua ridícula idolatria, o que exasperou de tal modo a plebe que caíram sobre ele com paus, e o espancaram de maneira tão terrível que expirou dois dias depois pelo efeito dos golpes.

A segunda perseguição, sob Trajano, 108 d.C.

Na terceira perseguição, Plínio o Jovem, homem erudito e famoso, vendo a lamentável matança de cristãos, e movido por ela à compaixão, escreveu a Trajano, comunicando-lhe que havia muitos

milhares deles que eram mortos a diário, que não tinham feito nada contrário à lei de Roma, motivo pelo qual não mereciam perseguição. "Tudo o que eles contavam acerca de seu crime ou erro (como deva chamar-se) só consistia nisto: que costumavam reunir-se em determinado dia antes do amanhecer, e repetirem juntos uma oração composta de honra de Cristo como Deus, e em comprometer-se por obrigação não certamente a cometer maldade alguma, senão ao contrário, a nunca cometer furtos, roubos ou adultério, a nunca falsear a palavra, a nunca defraudar ninguém; depois do qual era costume separar-se, e voltar a reunir-se depois para participar em comum de uma comida inocente".

Nesta perseguição sofreram o bem-aventurado mártir Inácio, quem é tido em grande reverência entre muitos. Este Inácio tinha sido designado para o bispado de Antioquia, seguindo a Pedro na sucessão. Alguns dizem que ao ser enviado da Síria para a Roma, porque professava a Cristo, foi entregue às feras para ser devorado. Também se diz dele que quando passou pela Ásia (a atual Turquia), estando sob o mais estrito cuidado de seus guardiões, fortaleceu e confirmou as igrejas por todas as cidades por onde passava, tanto com suas exortações como predicando a Palavra de Deus. Assim, tendo negado a Esmirna, escreveu à Igreja de Roma, exortando-os para que não empregassem médio algum para libertá-lo de seu martírio, não fosse que o privassem daquilo que mais anelava e esperava. "Agora começo a ser um discípulo. nada me importa das coisas visíveis ou invisíveis, para poder somente ganhar a Cristo. Que o fogo e a cruz, que manadas de bestas selvagens, que a ruptura dos ossos e a dilaceração de todo o corpo, e que toda a malícia do diabo venham sobre mim; assim seja, se só puder ganhar a Cristo Jesus!". E inclusive quando foi sentenciado a ser lançado às feras, tal era o ardente desejo que tinha de padecer, que dizia, cada vez que ouvia rugir os leões: "Sou o trigo de Cristo; vou ser moído com os dentes de feras selvagens para que possa ser achado pão puro".

Adriano, o sucessor de Trajano, prosseguiu esta terceira perseguição com tanta severidade como se antecessor. Por volta desta época foram martirizados Alexandre, bispo de Roma, e seus dois diáconos; também Quirino e Hermes, com suas famílias; Zeno, um nobre romano, e por volta de outros dez mil cristãos.

Muitos foram crucificados no Monte Ararate, coroados de espinhos, sendo traspassados com lanças, em imitação da paixão de Cristo. Eustáquio, um valoroso comandante romano, com muitos êxitos militares, recebeu a ordem de parte do imperador de unir-se a um sacrifício idólatra para celebrar algumas de suas próprias vitórias. Porém sua fé (pois era cristão de coração) era tanto maior que sua vaidade, que recusou nobremente. Enfurecido por esta negativa, o

ingrato imperador esqueceu os serviços deste destro comandante, e ordenou seu martírio e o de toda sua família.

No martírio de Faustines e Jovitas, que eram irmãos e cidadãos de Bréscia, tantos foram seus padecimentos e tão grande sua paciência, que Calocério, um pagão, contemplando-os, ficou absorto de admiração e exclamou, num arrebato: "Grande é o Deus dos cristãos!", pel qual foi preso e foi-lhe feito sofrer parelha sorte.

Muitas outras crueldades e rigores tiveram de padecer os cristãos, até que Quadratus, bispo de Atenas, fez uma erudita apologia em seu favor perante o imperador, que estava então presente, e Aristides, um filósofo da mesma cidade, escreveu uma elegante epístola, o que levou Adriano a diminuir sua severidade e a ceder em favor deles.

Adriano, ao morrer no 138 d.C., foi sucedido por Antonino Pio, um dos mais gentis monarcas que jamais reinou, e que deteve as perseguições contra os cristãos.

A quarta perseguição, sob Marco Aurélio Antonino, 162 d.C.

Marco Aurélio sucedeu no trono no ano 161 de nosso Senhor, era um homem de natureza mais rígida e severa, e embora elogiável no estudo da filosofia e em sua atividade de governo, foi duro e feroz contra os cristãos, e desencadeou a quarta perseguição.

As crueldades executadas nesta perseguição foram de tal calibre que muitos dos espectadores se estremeciam de horror ao vê-las, e ficavam atônitos ante o valor dos sofredores. Alguns dos mártires eram obrigados a passar, com os pés já feridos, sobre espinhas, pregos, aguçadas conchas, etc., colocados em ponta; outros eram açoitados até que ficavam à vista seus tendões e veias e, depois de ter sofrido os mais atrozes sofrimentos que puderam inventar-se, eram destruídos pelas mortes mais temíveis.

Germânico, um homem jovem, porém verdadeiro cristão, sendo entregue às feras a causa de sua fé, se conduziu com um valor tão assombroso que vários pagãos se converteram naquela fé que inspirava tal arrojo.

Policarpo, o venerável bispo de Esmirna, ocultou-se ao ouvir que estavam procurando-o, mas foi descoberto por uma criança. Depois de dar uma comida aos guardas que o haviam prendido, pediu-lhes uma hora de oração, o que lhe foi permitido, e orou com tal fervor que os guardas que o haviam prendido lamentaram tê-lo feito. Contudo, levaram-no ante o pró-cônsul, e foi condenado e queimado na praça do mercado.

O pró-cônsul o pressionou, dizendo: "Jura, e dar-te-ei a liberdade: blasfema contra Cristo".

Policarpo respondeu-lhe: "Durante oitenta e seis anos tenho servido Ele, e nunca me fez mal algum: Como iria eu a blasfemar contra meu

Rei, que me salvou?" Na estaca foi somente amarrado, e não pregado segundo o costume, porque assegurou-lhes que ia a ficar imóvel; ao acender-se a fogueira, as chamas rodearam seu corpo, como um arco, sem tocá-lo; então deram ordem ao carrasco para traspassá-lo com sua espada, com o qual manou tal quantidade de sangue que apagou o fogo. Não obstante se deu ordem, por instigação dos inimigos do Evangelho, especialmente os judeus, que seu corpo fosse consumido na fogueira, e a petição de seus amigos, que desejavam dar-lhe cristã sepultura, foi rejeitada. Contudo, recolheram seus ossos e tanto de seus membros como puderam, e os enterraram decentemente.

Metrodoro, um ministro que predicava denodadamente, e Pionio, quem fez várias excelentes apologias da fé cristã, foram também queimados. Carpo e Papilo, dois dignos cristãos, e Agatônica, uma piedosa mulher, sofreram o martírio em Pergamopolis, na Ásia.

Felicitate, uma ilustre dama romana, de uma família de boa posição, e muito virtuosa, era uma devota cristã. Tinha sete filhos, aos que tinha educado na mais exemplar piedade.

Enero, o mais velho, foi flagelado e prensado até morrer com pesas; Felix e Felipe, que o seguiam em idade, foram descerebrados com paus; Silvano, o quarto, foi assassinado sendo lançado de um precipício; e os três filhos menores, Alexandre, Vital e Marcial, foram decapitados. A mãe foi depois decapitada com a mesma espada que os outros três.

Justino, o célebre filósofo, morreu mártir nesta perseguição. Era natural de Napolis, em Sarnária, e tinha nascido o 103 d.C. foi um grande amante da verdade e erudito universal; investigou as filosofias estóica e peripatética, e provou a pitagórica, porém, desgostando-lhe a conduta de um de seus professores, investigou a platônica, na qual achou grande deleite. Por volta do ano 133, aos trinta anos de idade, se converteu ao cristianismo, e então, por vez primeira, percebeu a verdadeira natureza da verdade.

Escreveu uma elegante epístola aos gentios, e empregou seus talentos para convencer os judeus da verdade dos ritos cristãos. Dedicou grande tempo a viajar, até que estabeleceu residência em Roma, no monte Viminal.

Abriu uma escola pública, ensinou a muitos que posteriormente foram personagens proeminentes, e escreveu um tratado para confrontar as heresias de todo tipo. Quando os pagãos começaram a tratar os cristãos com grande severidade, Justino escreveu sua primeira apologia em favor deles. Este escrito exibe uma grande erudição e gênio, e fez com que o imperador publicasse um édito em favor dos cristãos.

Pouco depois entrou em freqüentes discussões com Crescente, pessoa de vida viciosa, mas que era célebre filósofo cínico; os

argumentos de Justino foram tão poderosos, porém odiosos para o cínico, que decidiu, e conseguiu, sua destruição.

A segunda apologia de Justino, devido a determinadas coisas que continha, deu ao cínico Crescente uma oportunidade para predispor o imperador em contra de seu autor, e por isto Justino foi preso, junto com seis companheiros dele. Ao ser-lhe ordenado que sacrificasse aos ídolos pagãos, recusaram, e foram condenados a serem açoitados e depois decapitados; esta sentença se cumpriu com toda a severidade imaginável.

Vários foram decapitados por recusar sacrificar à imagem de Júpiter, em particular Concordo, diácono a cidade de Espólito.

Ao levantar-se em armas contra Roma algumas das agitadas cidades do norte, o imperador empreendeu a marcha para enfrentar-se com elas. Contudo, viu-se preso numa emboscada e temeu perder todo seu exército. Encerrado entre montanhas, rodeado de inimigos e morrendo de sede, em vão invocaram as deidades pagãs, e então ordenou aos homens que pertencia à militine (legião do trovão) que orassem a seu Deus pedindo socorro. De imediato teve lugar uma miraculosa liberação; caiu uma quantidade prodigiosa de chuva, que foi recolhida pelos homens, construindo represas, e deu um alívio repentino e assombroso. Parece que a tormenta, que se abateu intensamente sobre os rostos dos inimigos, os intimidou de tal modo que uma parte desertou para o exército romano; o resto foi derrotado, e as províncias rebeldes totalmente recuperadas.

Este assunto fez que a perseguição amainasse por algum tempo, pelo menos naquelas zonas imediatamente sob a inspeção do imperador, porém nos encontramos com que pronto se desencadeou na França, particularmente em Lyon, onde as torturas que foram impostas a muitos dos cristãos quase excedem a capacidade de descrição.

Os principais destes mártires foram um jovem chamado Vetio Agato; Blandina, uma dama cristã de débil constituição; Sancto, que era diácono em Vienna, ao qual aplicaram pratos de bronze incandescentes sobre as partes mais sensíveis de seu corpo; Bíblias, uma débil mulher que tinha sido apóstata anteriormente. Attalo, de Pérgamo, e Potino, o venerabel bispo de Lyon, que tinha noventa anos. o dia em que Blandina e outros três campeões da fé foram levados no anfiteatro, a ela a penduraram num madero fixado no solo, e a expuseram às feras como alimento, enquanto ela, com suas fervorosas orações, alentava os outros. Mas nenhuma das feras a tocou, pelo que foi conduzida de volta às masmorras. Quando foi tirada para fora por terceira e última vez, saiu acompanhada de Pontico, um jovem de quinze anos, e a constância da fé deles enfureceu de tal modo a multidão que não foram respeitados nem o sexo dela nem a juventude dele, e foram feitos

objeto de todo tipo de castigos e torturas. Fortalecido por Blandina, o rapaz perseverou até a morte; ela, depois de suportar os tormentos mencionados, foi finalmente morta com espada.

Nestas ocasiões, quando os cristãos recebiam o martírio, eram ornados e coroados com guirlandas de flores; por elas, no céu, recebiam eternas coroas de glória.

Foi dito que as vidas dos cristãos primitivos consistiam em "perseguição acima do chão e oração embaixo do solo". Suas vidas estão expressadas pelo Coliseo e as catacumbas, que eram ao mesmo tempo templos e túmulos. A primitiva Igreja em Roma poderia ser chamada com razão de Igreja das Catacumbas. Existem umas sessenta catacumbas em Roma, nas que foram seguidas uns mil quilômetros de galerias, e isto não é sua totalidade. Estas galerias têm uma altura de uns 2,4 metros, e uma largura de entre 1 metro e 1,5 metros, e contêm a cada lado várias fileiras de recessos longos, baixos, horizontais, um acima de outro a modo de beliches de barco. Nestes nichos eram colocados os cadáveres, e eram fechados bem com uma simples lápide de mármore, ou com várias grandes lajes de terra cozida. Nestas lápides ou lajes há gravados ou pintados epitáfios e símbolos. Tanto os pagãos como os cristãos sepultavam seus mortos nestas catacumbas. Quando se abriram os sepulcros cristãos, os esqueletos contaram sua temível história. Encontram-se cabeças separadas do corpo; costelas e clavículas quebradas, ossos freqüentemente calcinados pelo fogo. Mas apesar da terrível história de perseguição que podemos ler ali, as inscrições respiram paz, gozo e triunfo. Aqui temos umas quantas:

"Aqui jaz Maria, colocada para repousar num sonho de paz".

"Lourenço a seu mais doce filho, levado pelos anjos".

"Vitorioso em paz e em Cristo".

"Ao ser chamado, partiu em paz".

Lembremos, ao lermos estas inscrições, a história que os esqueletos contam perseguição, tortura e fog.

Mas a plena força destes epitáfios se aprecia quando os contrastamos com os epitáfios pagãos, como:

"Vive para esta hora presente, porque de ns mais estamos seguros".

"Levanto minha mão contra os deuses que me arrebataram aos vinte anos, embora nada de mau tivesse feito".

"Uma vez não era. Agora não sou. Nada sei disso, e não é minha preocupação".

"Peregrino, não me amaldiçoes quando passes por aqui, porque estou em trevas e não posso responder".

Os mais freqüentes símbolos cristãos nas paredes das catacumbas são o bem-estar pastor com o cordeiro em seus ombros, uma nave

com todas suas velas, harpas, âncoras, coroas, videiras e, por acima de tudo, o peixe.

A quinta perseguição, começando com Severo em 192 d.C.

Severo, recuperado de uma grave doença pelos cuidados de um cristão, chegou a ser um grande favorecedor dos cristãos em geral; porém ao prevalecerem os prejuízos e a fúria da multidão ignorante, se puseram em ação umas leis obsoletas contra os cristãos. O avanço do cristianismo alarmava os pagãos, e reavivaram a mofada calúnia de imputar aos cristãos as desgraças acidentais que sobrevinham. Esta perseguição desencadeou-se em 192 d.C.

Mas embora rugia a malícia persecutória, contudo o Evangelho resplandecia brilhantemente; e firme como inexpugnável rocha resistia com êxito os ataques de seus gritantes inimigos. tertuliano, quem viveu nesta época, nos informa que se os cristãos tivessem saído em multidão dos territórios romanos, o imperador teria ficado despovoado em grande modo.

Vitor, bispo de Roma, sofreu o martírio no primeiro ano do século terceiro, o 201 d.C. Leônidas, pai do célebre Orígenes, foi decapitado por cristão. Muitos dos ouvintes de Orígenes também sofreram o martírio; em particular dois irmãos, chamados Plutarco e Sereno; outro Sereno, Herón e Heráclides foram decapitados. A Rhais lhe derramaram breu fervendo sobre a cabeça, e depois o queimaram, como também a sua mãe Marcela. Potainiena, irmã de Rhais, foi executada da mesma forma que ele; porém Basflides, oficial do exército, a quem foi ordenado que assistisse à execução, se converteu.

Ao pedir a Bassílides, que era oficial, que realizasse certo juramento, recusou, dizendo que não podia jurar pelos ídolos romanos, já que era cristão. Cheios de estupor, os da plebe não podiam ao princípio acreditar no que ouviam; porém, tão pronto como ele confirmou o que dissera, foi arrastado até o juiz, lançado em cárcere, e pouco depois, decapitado.

Irineu, bispo de Lyon, tinha nascido na Grécia, e recebeu uma educação esmerada e cristã. Supõe-se geralmente que o relato das perseguições em Lyon foi escrito por ele mesmo. sucedeu ao mártir Potino como bispo de Lyon, e governou sua diocese com grande discrição; era um zeloso oponente das heresias em geral, e por volta de 187 d.C. escreveu um célebre tratado contra as heresias. Vitor, bispo de Roma, querendo impor nessa cidade a observância da Páscoa, dando-lhe preferência sobre outros lugares, ocasionou alguns desordens entre os cristãos. De modo particular, Irineu escreveu-lhe uma epístola sinódica, em nome das igrejas galicianas. Este zelo em favor do cristianismo o indicou como objeto de ressentimento ante o imperador, e foi decapitado em 202 d.C.

Estendendo-se as perseguições para a África, muitos foram martirizados naquele lugar do globo; mencionaremos os mais destacados dentre eles.

Perpétua, de uns vinte e dois anos, casada. Os que sofreram com ela foram Felicitas, uma mulher casada e já em muito avançado estado de gestação quando foi apreendida, Revocato, catecúmeno de Cartago, e um escravo. Os nomes dos outros presos destinados a sofrer nesta ocasião eram Saturnino, Secúndulo e Satur. No dia indicado para sua execução foram conduzidos para o anfiteatro. A Satur, Secúndulo e Revocato foi-lhe ordenado que corressem entre duas fileiras de feras, as quais os flagelavam severamente enquanto corriam. Felicitas e perpétua foram despidas para lançá-las a um touro bravio, que se lançou primeiro contra Perpétua, deixando-a inconsciente; depois se abalançou contra Felicitas, e a escorneou terrivelmente; porém não estavam ainda mortas, pelo que o carrasco as liquidou com uma espada. Revocato e Satur foram devorados pelas feras; Saturnino foi decapitado e Secúndulo morreu no cárcere. Estas execuções tiveram lugar no 8 de março do ano 205 d.C.

Esperato e outros doze foram decapitados, o mesmo que Andrócles na França. Asclepiades, bispo da Antioquia, sofreu muitas torturas, porém não foi morto.

Cecília, uma jovem dama de uma nobre família de Roma, foi casada com um cavaleiro chamado Valeriano, e converteu a seu marido e irmão, que foram decapitados; o oficial que os levou à execução foi convertido por eles, e sofreu a mesma sorte. A dama foi lançada nua num banho fervente, e permanecendo ali um tempo considerável, a decapitaram com uma espada. Isto aconteceu em 222 d.C.

Calixto, bispo de Roma, sofreu martírio o 224 d.C., porém não se registra a forma de sua morte; Urbano, bispo de Roma, sofreu a mesma sorte o 232 d.C.

A sexta perseguição, sob Maximino, o 235 d.C.

O 235 d.C. começou, sob Maximino, uma nova perseguição. O governador da Capadócia, Sereiano, fez tudo o possível por exterminar os cristãos daquela província.

As pessoas principais que morreram sob este reinado foram Pontiano, bispo de Roma; Anteros, um grego, seu sucessor, que ofendeu o governo ao recolher as atas dos mártires. pamáquio e Quirito, senadores romanos, junto com suas famílias inteiras, e muitos outros cristãos: Simplício, também senador; Calepódi, um ministro cristão, que foi lançado no Tíber. Martina, uma nobre e formosa donzela; e Hipólito, um prelado cristão, que foi amarrado a um cavalo indômito, e arrastado até morrer.

Durante esta perseguição, suscitada por Maximino, muitíssimos cristãos foram executados sem juízo, e enterrados indiscriminadamente em montões, às vezes cinqüenta ou sessenta lançados juntos numa fossa comum, sem a mais mínima decência.

Ao morrer o tirano Maximino em 238 d.C., o sucedeu Gordiano, e durante seu reinado, assim como o de seu sucessor Felipe, a Igreja esteve livre de perseguições durante mais de dez anos; porém em 249 d.C. desatou-se uma violenta perseguição na Alexandria, por instigação de um sacerdote pagão, sem conhecimento do imperador.

A sétima perseguição, sob Décio, o 249 d.C.

Esta foi ocasionada em parte pelo aborrecimento que tinha contra seu predecessor Felipe, que era considerado cristão, e teve lugar em parte pelos ciúmes ante o assombroso avanço do cristianismo; porque os templos pagãos começavam a serem abandonados, e as igrejas cristãs estavam cheias.

Estas razões estimularam a Décio a tentar a extirpação do nome mesmo de cristão, e foi coisa desafortunada para o Evangelho que vários erros tinham-se deslizado para esta época dentro da Igreja; os cristãos estavam divididos entre si; os interesses próprios dividiam àqueles aos que o amor social devia ter mantido unidos; e a virulência do orgulho deu lugar a uma variedade de facões.

Os pagãos, em geral, tinham a ambição de pôr em ação os decretos imperiais nesta ocasião, e consideravam o assassinato dos cristãos como um mérito para si mesmos. Nesta ocasião os mártires foram inúmeros; mas faremos relação dos principais.

Fabiano, bispo de Roma, foi a primeira pessoa em posição eminente que sentiu a severidade desta perseguição. O defunto imperador tinha colocado seu tesouro sob os cuidados deste bom homem, devido a sua integridade. Porém Décio, ao não achar tanto quanto sua avareza havia-lhe feito esperar, decidiu vingar-se do bom prelado. Foi então arrestado, e decapitado o 20 de janeiro de 250 d.C.

Juliano, nativo da Cilícia, como nos informa são Crisóstomo, foi arrestado por ser cristão. Foi metido num saco de couro, junto com várias serpentes e escorpiões, e assim lançado no mar.

Pedro, um jovem muito atraente tanto de físico como pelas suas qualidades intelectuais, foi decapitado por recusar sacrificar a Vênus. No juízo declarou: "Estou atônito de que sacrifiqueis a uma mulher tão infame, cujas abominações são registradas por vossos mesmos historiadores, e cuja vida consistiu de umas ações que vossas próprias leis castigariam. Não, ao verdadeiro Deus oferecerei eu o sacrifício aceitável de louvores e orações". Ao ouvir isto Ótimo, pró-cônsul da Ásia, ordenou que o prisioneiro fosse estirado na roda de tormento,

quebrando-lhe todos os ossos, e depois foi enviado para ser decapitado.

A Nicômaco, chamado a comparecer diante do pró-cônsul como cristão, ordenaram-lhe que sacrificasse aos ídolos pagãos. "Nicômano replicou: "Não posso dar a demônios a reverência devida só ao Todo Poderoso". Esta maneira de falar enfureceu de tal modo o pró-cônsul que Nicômaco foi colocado no potro. Depois de suportar os tormento durante algum tempo, se desdisse, porém apenas tinha dado tal prova de fraqueza, caiu nas maiores agonias, caindo no chão e expirando imediatamente.

Denisa, uma jovem de só dezesseis anos, que contemplou este terrível juízo, exclamou de repente: "Oh, infeliz, para que comprar um momento de alívio a custa de uma eternidade de miséria!". Ótimo, ao ouvir isto, chamou-a, e ao reconhecer-se Denisa como cristã, fou logo decapitada por ordem sua.

André e Paulo, dois companheiros de Nicômaco o mártir, sofreram o martírio o 251 d.C. por lapidação, e morreram clamando a seu bendito Redentor.

Alexandre e Epímaco, de Alexandria, foram arrastados por serem cristãos; ao confessar que efetivamente o eram, foram espancados com paus, desgarrados com ganchos, e no final, queimados com fogo; também se nos informa, um fragmento preservado por Eusébio, que quatro mulheres mártires sofreram naquele mesmo dia, e no mesmo lugar, porém não da ma forma, por quanto foram decapitadas.

Luciano e Marciano, dois malvados pagãos, embora hábeis mágicos, se converteram ao cristianismo, e para expiarem seus antigos erros viveram como eremitas, sustentando-se só de pão e água. Depois de um tempo nesta condição, converteram-se em zelosos predicadores, e fizeram muitos conversos. Não obstante, rugindo nesta época a perseguição, foram apreendidos e levados ante Sabínio, o governador de Bitínia. Ao perguntar-lhes com base em que autoridade dedicavam-se a predicar, Luciano respondeu: "Que as leis da caridade e da honestidade obrigavam a todo homem a buscar a conversão de seus semelhantes, e a fazer tudo o que estiver em seu poder para libertá-los das garras do diabo".

Tendo assim respondido Luciano, Marciano agregou que a conversão deles "teve lugar pela mesma graça que tinha sido dada a são Paulo, quem, de zeloso perseguidor da Igreja, se converteu em predicador do Evangelho".

Vendo o pró-cônsul que não podia prevalecer sobre eles para que renunciassem a sua fé, os condenou a serem queimados vivos, sentença que foi logo executada.

Trifão e Respício, dois homens eminentes, foram apreendidos como cristãos, e encarcerados em Niza. Seus pés foram traspassados com

pregos; foram arrastados pelas ruas, açoitados, desgarrados com ganchos de ferro, queimados com tochas e finalmente decapitados, o 1º de fevereiro de 251 d.C.

Ágata, uma dama siciliana, não era tão notável pelos seus dotes pessoais e adquiridas como pela sua piedade; tal era sua formosura que Quintiano, governador da Sicilia, apaixonou-se por ela, e fez muitas tentativas para vencer sua castidade, porém sem êxito. A fim de gratificar suas paixões com a maior facilidade, colocou a virtuosa dama nas mãos de Afrodica, uma mulher infame e licenciosa. Esta miserável tratou, com seus artifícios, de ganhá-la para a desejada prostituição, mas viu falidos todos seus esforços, porque a castidade de Ágata era inexpugnável, e ela sabia muito bem que só a virtude poderia procurar uma verdadeira felicidade. Afrodica fez saber a Quintiano a inutilidade de seus esforço e este, enfurecido ao ver seus desígnios perdidos, mudou sua concupiscência pelo ressentimento. Ao confessar ela que era cristã, decidiu satisfazer-se com a vingança, ao não poder fazê-lo com a paixão. Seguindo ordens suas, foi flagelada, queimada com ferros candentes, e desgarrada com aguçados ganchos. Tendo suportado estas torturas com admirável fortaleza, foi logo colocada nua sobre brasas misturadas com vidro, e depois devolvida ao cárcere, onde expirou o 5 de fevereiro de 251.

Cirilo, bispo de Gortyna, foi preso por ordens de Lúcio, governador daquele lugar, que contudo o exortou a obedecer a ordem imperial de realizar sacrifícios, e salvar sua venerável pessoa da destruição; pois tinha oitenta e quatro anos. o bom prelado respondeu-lhe que como havia ensinado a outros durante muito tempo para que salvassem suas almas, agora só podia pensar em sua própria salvação. O digno prelado escutou sua sentença, dada com fúria, sem a menor emoção, andou animadamente até o lugar da execução, e sofreu seu martírio com grande inteireza.

Em nenhum lugar se manifestou esta perseguição com tanta sanha como na ilha de Creta, porque o governador, sumamente ativo na execução dos éditos imperiais, fez correr rios de sangue dos piedosos.

Babylas, um cristão com educação acadêmica, chegou a ser bispo de Antioquia o 237 d.C., depois de Zebino. Agiu com um zelo sem igual, e governou a Igreja com uma prudência admirável durante os tempos mais tormentosos.

A primeira desgraça que teve lugar na Antioquia durante sua missão foi seu assédio por Sapor, rei da Pérsia, que tendo invadido toda a Síria, tomou e saqueou esta cidade entre outras, e tratou os moradores cristãos dela com maior dureza que aos outros; porém foi pronto derrotado totalmente por Gordiano.

Depois da morte de Gordiano, no reinado de Décio, este imperador veio para a Antioquia, expressando seu desejo de visitar uma

assembléia de cristãos; mas Babylas se opus, e negou-se absolutamente a que entrasse. O imperador dissimulou sua ira naquele tempo, porém pronto mandou buscar o biscpo, repreendendo-o duramente por sua insolência, e depois lhe ordenou que sacrificasse às deidades pagãs como expiação pela sua ofensa. Ao recusar, foi lançado no cárcere, carregado de correntes, tratado com a maior severidade, e depois decapitado, junto com três jovens que tinham sido seus alunos. Isto aconteceu em 251 d.C.

Alexandre, bispo de Jerusalém, foi encarcerado pela sua religião nesta mesma época, e ali morreu devido à dureza de seu encerro.

Juliano, um ancião e coxo devido à gota, e Cronião, um outro cristão, foram amarrados às gibas de uns camelos, cruelmente flagelados, e depois lançados no fogo e consumidos. Também quarenta donzelas foram queimadas na Antioquia, depois de terem sido encarceradas e flageladas.

No ano 251 de nosso Senhor, o imperador Décio, depois de ter erigido um templo pagão em Éfeso, ordenou que todos os habitantes da cidade sacrificassem aos ídolos. Esta ordem foi nobremente rechaçada por sete de seus próprios soldados, isto é, Maximiano, Marciano, Joanes, Malco, Dionísio, Seraiáon e Constantino. O imperador, querendo lograr que a estes soldados renunciassem a sua fé mediante suas exortações e brandura, deu-lhes um tempo considerável de respiro até voltarem de uma expedição. Durante a ausência do imperador, estes fugiram e se ocultaram numa caverna; ao saber disto o imperador a sua volta, a boca da cova foi selada, e todos morreram de fome.

Teodora, uma formosa e jovem dama de Antioquia, recusou sacrificar aos ídolos de Roma, e foi condenada ao bordel, para que sua virtude fosse sacrificada à brutalidade da concupiscência. Dídimo, um cristão, disfarçou-se com um uniforme de soldado romano, foi ao prostíbulo, informou a Teodora de quem era, e a aconselhou a fugir disfarçada com suas roupas. feito isto, e ao encontrarem um homem no bordel em lugar da formosa dama, Dídimo foi levado ante o governador, a quem confessou a verdade; ao reconhecer-se cristão, de imediato foi pronunciada contra ele a sentença de morte. Teodora, ou ouvir que seu libertador iria sofrer, acudiu ante o juiz, e rogou-lhe que a sentença recaísse sobre ela como pessoa culpável; porém, surdo aos clamores dos inocentes, e insensível às demandas da justiça, o implacável juiz condenou ambos, e foram executados; primeiro decapitados, e depois seus corpos queimados.

Secundiano, acusado de ser cristão, estava sendo conduzido a prisão por vários soldados. No caminho, Veriano e Marcelino disseram-lhes: "Aonde levais um inocente?". Esta pergunta levou ao arresto

deles e os três, depois de terem sido torturados, foram enforcados e decapitados.

Orígenes, o célebre presbítero e catequista de Alexandria, foi arrestado quando tinha sessenta e quatro anos, e foi lançado numa imunda masmorra, carregado de correntes, com os pés no cepo, e suas pernas estendidas ao máximo vários dias seguidos. Foi ameaçado com fogo, e torturado com todos os médios caprichados que podiam inventar as mentes mais infernais. Durante este cruel e prolongado tormento morreu o imperador Décio, e Gálio, quem o sucedeu, se envolveu numa guerra contra os godos, com o qual os cristãos tiveram um respiro. Durante este intervalo, Orígenes obteve a liberdade, e, retirando-se a Tiro, ficou ali até sua morte, que lhe sobreveio aos sessenta e nove anos de idade.

Tendo gálio concluído suas guerras, desatou-se uma praga no império; o imperador ordenou então sacrifícios às deidades pagãs, e se desencadearam perseguições desde o coração do império, estendendo-se até as províncias mais afastadas, e muitos caíram mártires da impetuosidade do populacho, assim como do prejuízo dos magistrados. Entre estes mártires estiveram Cornélio, bispo cristão de Roma, e seu sucessor Lúcio, em 253.

A maioria dos erros que se introduziram na Igreja nesta época surgiram por colocar a razão humana em competição com a revelação; mas ao demonstrar os teólogos mais capazes a falácia de tais argumentos, as opiniões que as haviam suscitado se desvaneceram como as estrelas diante do sol.

A oitava perseguição, sob Valeriano, 257 d.C.

Esta começou sob Valeriano, no mês de abril de 257 d.C., e continuou durante três anos e seis meses. Os mártires que caíram nesta penosa perseguição foram inúmeros, e suas torturas e mortes igual de variadas e penosas. Os mais eminentes entre os mártires foram os seguintes, embora não se respeitassem categoria, sexo nem idade.

Rufina e Secunda eram duas formosas e cumpridas damas, filhas de Astério, um cavaleiro eminente em Roma. Rufina, a mais velha, estava prometida em matrimônio a Armentário, um jovem nobre; Secunda, a menor, a Verino, pessoa de alcurnia e opulência. Os pretendentes, ao começar a perseguição, eram ambos cristãos; porém quando surgiu o perigo, renunciaram a sua fé para salvar suas fortunas. Se esforçaram então muito em persuadir às damas a fazer o mesmo mas, frustrados em seus propósitos, foram tão abjetos como para informar em contra delas que, arrestadas como cristãs, foram feitas comparecer ante Júnio Donato, governador de Roma, onde, em 257 d.C., selaram seu martírio com sangue.

Estevão, bispo de Roma, foi decapitado, aquele mesmo ano, e por aquele tempo Saturnino, o piedoso bispo ortodoxo de Toulouse, que recusou sacrificar aos ídolos, foi tratado com as mais bárbaras indignidades imagináveis, e amarrado pelos pés à cauda de um touro. Ao dar um sinal, o enfurecido animal foi conduzido escadas abaixo pelas escadarias do templo, com o qual foi destrocado o crânio do digno mártir até saírem os miolos.

Sixto sucedeu a Estevão como bispo de Roma. Supõe-se que era grego de nascimento ou origem, e tinha servido durante um tempo como diácono sob Estevão. Sua grande fidelidade, singular sabedoria e valor não comum o distinguiram em muitas ocasiões; e a feliz conclusão de uma controvérsia com alguns hereges é geral imputada à sua piedade e prudência. No ano 258, Marciano, que dirigia os assuntos do governo de Roma, conseguiu uma ordem do imperador Valeriano para dar morte a todo o clero cristão de Roma, e por isso o bispo, com seis de seus diáconos, sofreu o martírio em 258.

Aproximemo-nos ao fogo do martirizado Lourenço, para que nossos frios corações sejam por ele feitos arder. O implacável tirano, sabendo que não só era ministro dos sacramentos, senão também distribuidor das riquezas da Igreja, se prometia uma dupla presa com o arresto de uma só pessoa. primeiro, com o rastelo da avareza, conseguir para si mesmo o tesouro de cristãos pobres; depois, com o feroz ancinho da tirania, para agitá-los e perturbá-los, exauri-los em sua profissão, com um rosto feroz e cruel semblante, o cobiçoso lobo exigiu saber onde Lourenço tinha repartido as riquezas da Igreja; este, pedindo três dias de tempo, prometeu declarar onde poderia conseguir o tesouro. Enquanto isso, fez congregar uma grande quantidade de cristãos pobres. Assim, quando chegou o dia em que devia dar sua ro, o perseguidor ordenou-lhe que se mantivesse fiel à promessa. Então, o valoroso Lourenço, estendendo seus braços para os pobres, disse: "Estes são os preciosos tesouros da Igreja; estes são verdadeiramente o tesouro, aqueles nos que reina a fé de Cristo, nos que Jesus Cristo tem sua morada. Que jóias mais preciosas pode ter Cristo, senão aqueles nos que tem prometido morar? Porque assim está escrito: *"Tive fome, e destes-me de comer; tive sede, e destes-me de beber; era estrangeiro, e hospedastes-me"* [2]. E também *"quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes"* [3]. Que maiores riquezas pode possuir Cristo, nosso Mestre, que o povo pobre no qual quer ser visto?"

Ah! Que língua pode expressar o furor e a raiva do coração do tirano? Agora chutava, lançava furiosos olhares, gesticulava ameaçador, se comportava como alienado: seus olhos lançavam fogo,

---

[2] Mateus 25:25, ACF.

[3] Mateus 25:40, ACF.

a boca espumava como a de um javali, e mostrava os dentes como um infernal mastim. Não podia ser agora chamado de homem racional, senão melhor de leão rugidor e bramador.

"Acendam o fogo!", uivou ele, "E não poupem lenha! Tem enganado este vilão o imperador? Fora com ele, fora com ele: acoitem-no com chicotes, sacudam-no com varas, espanquem ele com socos, tirem seus miolos com paus. Zomba este traidor do imperador? Belisquem-no com pinças ardentes, apliquem nele placas incandescentes, tirem as correntes mais fortes, e os tridentes, e a grelha de ferro; ao fogo com ele; atem o rebelde de mãos e pés; e quando a grelhe esteja incandescente, lançai-o nela; assem-no, mexam ele, agitem-no: sob pena de nosso maior desagrado, que cada um de vós, carrascos, cumpra sua missão!"

Tão pronto foram emitidas estas palavras, foram cumpridas. Depois de cruéis tormentos, este manso cordeiro foi colocado, não direi que sobre sua cama candente de ferro, senão seu suave colchão de penas. De tal maneira Deus operou neste mártir Lourenço, de modo tão miraculoso moderou seu elemento fogo, que se converteu não numa cama de dor consumidor, senão num leito de repouso reparador.

Na África, a perseguição rugiu com uma violência peculiar; muitos milhares receberam a coroa do martírio, entre os quais podem mencionar-se as personalidades mas distinguidas:

Cipriano, bispo de Cartago, um eminente prelado e adorno da Igreja. O resplendor de seu gênio ia temperado pela solidez de seu juízo; e com todas as virtudes do cavaleiro combinava as virtudes de um cristão. Suas doutrinas eram ortodoxas e puras; sua linguagem, fácil e elegante; e suas maneiras gentis e atraentes; em resumo, era ao mesmo tempo um predicador piedoso e cortes. Em sua juventude tinha sido educado nos princípios dos gentios, e possuindo uma fortuna considerável, viveu em toda a extravagância do esplendor e em toda a dignidade do boato.

Por volta do ano 246, Cecílio, ministro cristão de Cartago, deveio um feliz instrumento de sua conversão, pelo qual, e pelo grande afeto que sempre sentiu para com o autor de sua conversão, foi chamado Cecílio Cipriano. Antes de seu batismo estudou cuidadosamente as Escrituras, e impressionado pelas belezas das verdades que continham, decidiu praticar as virtudes que nelas se recomendavam. Depois de seu batismo, vendeu suas possessões, distribuiu seu dinheiro entre os pobres, se vestiu de modo simples e começou uma vida de austeridade. Pronto foi nomeado presbítero, e sumamente admirado por suas virtudes e obras foi, após a morte de Donato em 248 d.C., escolhido quase unanimemente bispo de Cartago.

Os cuidados de Cipriano não se estendiam somente a Cartago, senão à Numídia e a Mauritânia. Em todas as transações teve sempre

grande atenção em pedir o conselho de seu clero, sabendo que só a unanimidade poderia ser de serviço para a Igreja, sendo esta sua máxima: "Que o bispo estava na igreja, e a igreja no bispo, de modo que a unidade só pode ser preservada mediante um estreito vínculo entre o pastor e sua grei".

No 250 d.C., Cipriano foi publicamente proscrito pelo imperador Décio, sob o nome de Cecílio Cipriano, bispo dos cristãos; e o clamor universal dos pagãos foi: "Cipriano aos leões, Cipriano às feras". Não obstante, o bispo se afastou do furor do populacho, e suas possessões foram de imediato confiscadas. Durante seu retiro, escrevei trinta piedosas e elegantes epístolas a seu rebanho; porém vários cismas que tiveram então lugar na Igreja, provocaram-lhe grande ansiedade. A diminuir o rigor da perseguição, voltou a Cartago, e fez tudo o que estava a seu alcance para desfazer as opiniões errôneas. Ao desatar-se sobre Cartago uma terrível peste foi, como era costume, indiciada aos cristãos; os magistrados começaram então uma perseguição, o que ocasionou uma epístola deles a Cipriano, em resposta à qual ele vindicou a causa do cristianismo. Em 257 d.C., Cipriano foi obrigado a comparecer ante o pró-cônsul Aspásio Patumo, quem o desterrou a uma pequena cidade no mar da Líbia. Ao morrer o pró-cônsul, voltou a Cartago, mas foi prestamente arrestado e, levado diante do novo governador, foi condenado a ser decapitado, sentença que foi executada o catorze de 258 d.C.

Os discípulos de Cipriano, martirizado nesta perseguição, foram Lúcio, Flaviano, Vitórico, Remo, Montano, Juliano, Primelo e Doniciano.

Em Utica teve lugar uma terrível tragédia: trezentos cristãos foram trazidos, por ordem do governador, e colocados em volta de um forno de cozimento de cerâmica. Tendo preparado as brasas e incenso, foi-lhes ordenado que, ou sacrificavam a Júpiter, ou seriam lançados no forno. Recusando todos unânimes, pularam valorosamente na fossa, e foram de imediato asfixiados.

Fructuoso, bispo de Tarragona, na Espanha, e seus dois diáconos, Augúrio e Eulógio, foram queimados por serem cristãos.

Alexandre, Malco e Prisco, três cristãos da Palestina, e uma mulher do mesmo lugar, se acusaram voluntariamente de serem cristãos, pelo que foram sentenciados a serem devorados por tigres, sentença que foi executada.

Máxima, Donatila e Secunda, três moças de Tuburga, receberam como bebida fel e vinagre, foram duramente flageladas, atormentadas sobre um patíbulo, esfregadas com cal, assadas sobre umas grelhas, maltratadas por feras, e finalmente decapitadas.

É aqui oportuno observar a singular mas mísera sorte do imperador Valeriano, que durante tanto tempo e tão duramente perseguiu os cristãos. Este tirano foi feito prisioneiro, mediante um estratagema, por

Sapor, imperador da Pérsia, quem o levou a seu próprio país, tratando-o ali com a mais inusitada indignidade, fazendo-o ajoelhar como o mais humilde escravo e colocando seus pés sobre ele a modo de banquinho quando montava em seu cavalo. Depois de havê-lo tido durante sete anos neste abjeto estado de escravidão, fez que lhe tirassem os olhos, embora tinha então oitenta e três anos. Não satisfeito ainda, pronto ordenou que o esfolassem vivo e que lhe esfregassem sal na carne viva, morrendo sob tais torturas. Assim caiu um dos mais tirânicos imperadores de Roma, e um dos maiores perseguidores dos cristãos.

No 260 d.C., sucedeu Gallieno, filho de Valeriano, e durante seu reinado (aparte de uns poucos mártires), a Igreja gozou de paz durante alguns anos.

A nona perseguição sob Aureliano, 274 d.C.

Os principais que padeceram nesta foram: Felix, bispo de Roma. Este prelado acedeu à sede de Roma em 274 . foi o primeiro mártir da petulância de Aureliano, sendo decapitado no 22 de dezembro aquele mesmo ano.

Agapito, um jovem cavaleiro, que tinha vendido suas possessões e entregado o dinheiro aos pobres, foi arrestado como cristão, torturado e depois decapitado em Praeneste, uma cidade a um dia de viagem de Roma.

Estes são os únicos mártires registrados durante este reinado, que pronto viu seu fim, ao ser o imperador assassinado em Bizâncio por seus próprios criados.

Aureliano foi sucedido por Tácito, que foi seguido por Probo, e este por Caro; ao ser morto este imperador por um raio, seus filhos Camio e Numeriano o sucederam, e durante todos estes reinados a igreja teve paz.

Diocleciano acedeu ao trono imperial em 284 d.C. ao princípio mostrou grande favor aos cristãos. No ano 286 associou consigo no império a Maximiano. Alguns cristãos foram mortos antes que de desatasse nenhuma perseguição geral. Entre estes estavam Feliciano e Primo, que eram irmãos.

Marco e Marceliano eram gêmeos, naturais de Roma, e de linhagem nobre. Seus pais eram pagãos, mas os tutores, aos quais tinha sido encomendada a educação dos filhos, os criaram como cristãos. Sua constância aplacou finalmente os que desejavam que se convertessem em pagãos, e seus pais e toda a família se converteram a uma fé que antes reprovavam. Foram martirizados sendo amarrados a estacas, com os pés traspassados por pregos. Depois de permanecer nesta situação um dia e uma noite, seus sofrimentos foram terminados com umas lanças que traspassaram seus corpos.

Zoe, a mulher do carcereiro, que teve a seu cuidado os mártires acabados de mencionar, foi também convertida por eles, e foi pendurada numa árvore, com um fogo de palha aceso embaixo dela. Quando seu corpo foi descido, foi lançado num rio, com uma grande pedra amarrada a ele, a fim de afundar.

No ano 286 de Cristo teve lugar um fato além de notável. Uma legião de soldados, que consistia seis mil setecentos e seis homens, estava totalmente constituída por cristãos. Esta legião era chamada a Legião Tebana, porque os homens tinham sido recrutados de Tebas; estiveram aquartelados no oriente até que o imperador Maximiano ordenou que se dirigissem às Gálias, para que ajudassem contra os rebeldes de Borgofia. Passaram os Alpes, entrando nas Gálias, sob as ordens de Mauricio, Cândido e Exupernio, seus dignos comandantes, e no fim se reuniram com o imperador. Maximiano, para este tempo, ordenou um sacrifício geral, ao que devia assistir todo o exército; também ordenou que se devia tomar juramento de lealdade e ao mesmo tempo que se devia jurar ajudar à extirpação do cristianismo nas Gálias. Alarmados ante as ordens, cada um dos componentes da Legião Tebana recusou de maneira absoluta a tomar os juramentos prescritos. Isto enfureceu de tal modo a Maximiano que ordenou que toda a legião fosse dizimada, isto é, que se selecionasse um de cada dez homens, e matá-lo a espada. Tendo executado esta sanguinária ordem, o resto permaneceu inflexível, tendo lugar uma segunda dizimação, e um de cada dez homens dos que sobravam foi também morto a espada. Este segundo castigo não teve mais efeito que o primeiro; os soldados se mantiveram firmes em sua decisão e em seus princípios, mas por conselho de seus oficiais fizeram um protesto de fidelidade a seu imperador. Poderia pensar-se que isso suavizaria o imperador, mas teve o efeito contrário, porque, encolerizado ante a perseverança e unanimidade que demonstravam, ordenou que toda a legião fosse morta, o que foi efetivamente executado pelas outras tropas, que os despedaçaram com suas espadas, o 22 de setembro de 286.

Alban, de quem recebeu seu nome St. Alban's, em Henfordshire, foi o primeiro mártir britânico. Grã Bretanha tinha recebido o Evangelho de Cristo mediante Lúcio, o primeiro rei cristão, mas não sofreu a ira da perseguição até muitos anos depois. Alban era originalmente pagão, porém convertido por um clérigo cristão, chamado Anfíbalo, a quem deu hospitalidade a causa de sua religião. Os inimigos de Anfíbalo, sabendo do lugar onde estava escondido, chegaram à casa de Alban, o qual, a fim de facilitar sua fuga, apresentou-se como a pessoa a qual procuravam. Ao descobrir-se o engano, o governador ordenou que o açoitaram, e depois foi sentenciado a ser decapitado, o 22 de junho de 287.

Nos assegura o venerável Beda que, nesta ocasião, o carrasco se converteu subitamente ao cristianismo e pediu permissão para morrer por Alban, ou com ele. Obtendo sua segunda petição, foram ambos decapitados por um soldado, que assumiu voluntariamente o papel de carrasco. Isto aconteceu no 22 de junho de 287 em Verulam, agora St. Alban's, em Henfordshire, onde se levantou uma magnífica igreja em sua memória para o tempo de Constantino o Grande. O edifício, destruído nas guerras saxonas, foi reconstruído por Offa, rei de Mercia, e junto dele se levantou um mosteiro, sendo ainda visíveis algumas de suas ruínas; a igreja é um nobre edifício gótico.

Fé, uma mulher cristã da Aquitânia, França, foi assada sobre a grelha, e logo decapitada, em 287 d.C.

Quintino era um cristão natural de Roma, mas decidiu empreender a propagação do Evangelho nas Gálias, com um tal Luciano, e predicaram juntos em Amiens; depois disso, Luciano foi para Beaumaris, ode foi martirizado. Quintino permaneceu na Picardia, e mostrou grande zelo em seu ministério. Arrestado como cristão, foi estirado com polias até que se deslocaram seus membros; seu corpo foi desgarrado com chicotes de arames, e derramaram óleo e breu fervendo sobre sua carne nua; foram aplicadas tochas acesas a seus lados e axilas; depois de ter sido torturado deste modo, foi enviado de volta para a masmorra, onde morreu no 31 de outubro de 287 pelas atrocidades que tinham-lhe infligido. Seu corpo foi lançado ao Somme.

A décima perseguição, sob Diocleciano, 303 d.C.

Sob os imperadores romanos, a comumente chamada Era dos Mártires, foi ocasionada em parte pelo aumento no número dos cristãos e por suas crescentes riquezas, e pelo ódio de Galério, o filho adotivo de Diocleciano, quem, estimulado por sua mãe, uma fanática pagã, nunca deixou de empurrar o imperador para que iniciasse esta perseguição até lograr seu propósito.

O dia fatal fixado para o começo da sangrenta obra era o 23 de fevereiro de 303, o dia em que se celebrava a Terminalia, e no qual, como se jactavam os cruéis pagãos, esperavam acabar com o cristianismo. No dia indicado começou a perseguição em Nicomédia, na manhã da qual o prefeito da cidade acudiu, com grande número de oficiais e xerifes, até a igreja dos cristãos onde, forçando as portas, tomaram todos os livros sagrados e os lançaram às chamas.

Toda esta ação teve lugar em presença de Diocleciano e Galério, os quais, não satisfeitos com queimar os livros, fizeram derruir a igreja sem deixar rasto. Isto foi seguido por um severo édito, ordenando a destruição de todas as outras igrejas e livros dos cristãos; pronto seguiu uma ordem, para proscrever os cristãos de todas as denominações.

A publicação deste édito ocasionou um martírio imediato, porque um atrevido cristão não só o arrancou do lugar onde estava colocado, senão que execrou o nome do imperador por esta injustiça. Uma provocação assim foi suficiente para atrair sobre si a vingança pagã; foi então arrestado, severamente torturado, e finalmente queimado vivo.

Todos os cristãos foram presos e encarcerados; Galério ordenou em privado que o palácio imperial fosse incendiado, para que os cristãos fossem acusados de incendiários, dando assim uma plausível razão para levar a cabo a perseguição com a maior das severidades. Começou um sacrifício geral, o que ocasionou vários martírios. Não se fazia distinção de idade nem de sexo; o nome de cristão era tão odioso para os pagãos que todos imediatamente caíram vítimas de suas opiniões. Muitas casas foram incendiadas, e famílias cristãs inteiras pereceram nas chamas; a outros foram amarradas pedras no pescoço, e amarrados juntos foram lançados no mar. A perseguição se fez geral em todas as províncias romanas, mas principalmente no leste. Por quanto durou dez anos, é impossível determinar o número de mártires, nem enumerar as várias formas de martírio.

Potros, chicotes, espadas, adagas, cruzes, veneno e fome se empregaram nos diversos lugares para dar morte aos cristãos; e se esgotou a imaginação no esforço de inventar torturas contra pessoas que não tinham cometido crime algum, senão que pensavam de modo distinto dos seguidores da superstição.

Uma cidade de Frigia, totalmente povoada por cristãos, foi queimada, e todos os moradores pereceram nas chamas.

Cansados da matança, finalmente, vários governadores apresentaram ante a corte imperial o inapropriado de tal conduta. Por isso muitos dos cristãos foram eximidos de serem executados mas, embora não eram mortos, se fazia de tudo para fazê-lhes a vida miserável; a muitos cortaram as orelhas, os narizes, tiravam o olho direito, inutilizavam seus membros mediante terríveis deslocações, e queimavam suas carnes em lugares visíveis com ferros candentes.

É necessário agora indicar de maneira particular as pessoas mais destacadas que deram sua vida em mártir nesta sangrenta perseguição.

Sebastião, um célebre mártir, tinha nascido em Narbona, nas Gálias, e depois chegou a ser oficial da guarda do imperador em Roma. Permaneceu um verdadeiro cristão em meio da idolatria. Sem deixar-se seduzir pelos esplendores da corte, sem manchar-se pelos maus exemplos, e incontaminado por esperanças de ascensão. Recusando cair no paganismo, o imperador o fez levar a um campo perto da cidade, chamado Campo de Marte, e que ali o matassem com flechas; executada a sentença, alguns piedosos cristãos acudiram ao lugar da execução, para dar sepultura ao corpo, e perceberam então que havia

ainda sinais de vida em seu corpo; levaram-no de imediato para um lugar seguro, e em pouco tempo recuperou-se, preparando-se para um segundo martírio, pois tão pronto com pôde sair se colocou intencionalmente no caminho do imperador quando este subia rumo ao templo, e o repreendeu pelas muitas crueldades e irrazoáveis prejuízos contra o cristianismo. Diocleciano, quando pôde recuperar-se de seu assombro, ordenou que Sebastião fosse apreendido e levado a um lugar perto do palácio, e ali espancado até morrer; e para que os cristãos não conseguissem nem recuperar nem sepultar seu corpo, ordenou que fosse lançado no esgoto. Não obstante, uma dama cristã chamada Lucina achou o modo de tirá-lo dali e de sepultá-lo nas catacumbas, ou nichos dos mortos.

Para este tempo os cristãos, depois de uma séria consideração, pensaram que era ilegítimo portar armas sob as ordens de um imperador pagão. Maximiliano, o filho de Fábio Vitor, foi o primeiro decapitado sob esta norma.

Vito, siciliano de uma família de alta linhagem, foi educado como contudo; ao aumentar suas virtudes com o passar dos anos, sua constância através de todas as aflições e sua fé foi superior aos maiores perigos. Seu pai Hylas, que era pagão, ao descobrir que seu filho tinha sido instruído nos princípios do cristianismo pela ama-de-leite que o havia criado, empregou todos seus esforços para voltá-lo ao paganismo, e no final sacrificou seu filho aos ídolos, o 14 de junho de 303 d.C.

Vitor era um cristão de boa família em Marselha, na França; passava grande parte da noite visitando os aflitos e confirmando os fracos; esta piedosa obra não podia ser levada a cabo durante o dia de maneira consoante com sua própria segurança; gastou uma fortuna em aliviar as angústias dos cristãos pobres. Finalmente, porém, foi arrestado por édito do imperador Maximiano, que ordenou que fosse amarrado e arrastado pelas ruas. Durante o cumprimento desta ordem foi tratado com todo tipo de crueldades, e indignidades pelo enfurecido populacho. Continuando inflexível, seu valor foi considerado como obstinação. Se ordenou que fosse colcado no potro, e ele voltou seus olhos para o céu, orando a Deus que lhe desse paciência, trás o qual sofreu as torturas com a mas admirável inteireza. Cansados os carrascos de atormentá-lo, foi levado a uma masmorra. Neste encerro converteu seus carcereiros, chamados Alexandre, Feliciano e Longino. Sabendo o imperador disto, ordenou que fossem executados de imediato, e os carcereiros foram por isso decapitados. Vitor foi novamente colocado no potro, espancado com varas sem misericórdia, e de novo lançado na prisão. Ao ser interrogado pela terceira vez acerca de sua religião, perseverou em seus princípios; trouxeram então um pequeno altar e lhe ordenaram de imediato oferecer incenso sobre ele. Inflamado de

indignação ante tal petição, adiantou-se valorosamente, e com um chute derrubou o altar e o ídolo. Isto enfureceu de tal modo a Maximiano, que estava presente, que ordenou que o pé que tinha batido o altar fosse de imediato amputado; depois Vitor foi lançado num moinho, e destrocado pelas pás no 303 d.C.

Estando Máximo, governador da Cilícia, em Tarso, fizeram comparecer perante ele três cristãos; seus nomes eram Taraco, um ancião, Probo e Andrônico. Depois de repetidas tortutas e exortações para que se retratassem, foram finalmente levados à sua execução.

Conduzidos ao anfiteatro, soltaram várias feras, mas nenhum dos animais, embora faminto, quis tocá-los. Inteira o imperador tirou um grande urso, que naquele mesmo dia tinha destruído três homens; porém tanto este voraz animal como uma selvagem leoa recusaram tocar nos prisioneiros. Ao ver impossibilitado seu desígnio por meio das feras, Máximo ordenou sua morte por espada, o 11 de outubro de 303 d.C.

Romano, natural da Palestina, era diácono da igreja de Cesaréia na época do começo da perseguição de Diocleciano. Condenado por sua fé em Antioquia, foi flagelado, colocado no potro, seu corpo foi desgarrado com ganchos, sua carne cortada com facas, seu rosto marcado; tiraram-lhe os dentes a golpes, e arrancaram-lhe o cabelo desde as raízes. Pouco depois ordenaram que fosse estrangulado. Era o 17 de novembro de 303.

Susana, sobrinha de Caio, bispo de Roma, foi pressionada pelo imperador Diocleciano para casar com um nobre pagão, que era um parente próximo do imperador. Recusando a honra que lhe era proposta, foi decapitada por ordem do imperador.

Dorotéu, o grande mordomo da casa de Diocleciano, era cristão, e se esforçou muito por ganhar convertidos. Em seu trabalho religioso foi ajudado por Gorgônio, outro cristão, que pertencia ao palácio. Foram primeiro torturados e logo estrangulados.

Pedro, um eunuco que pertencia ao imperador, era um cristão de uma singular modéstia e humildade. Foi colocado numa grelha e assado a fogo lento até expirar.

Cipriano, conhecido como O Mágico, para distingui-lo do Cipriano bispo de Cartago, era natural de Antioquia. Recebeu uma educação acadêmica em sua juventude, e se aplicou de maneira particular à astrologia; depois disso, viajou para ampliar conhecimentos, indo pela Grécia, o Egito, a índia, etc. com o passar do tempo conheceu a Justina, uma jovem dama de Antioquia, cujo nascimento, beleza e qualidades suscitavam a admiração de todos os que a conheciam. Um cavaleiro pagão pediu a Cipriano que o ajudasse a conseguir o amor da bela Justina; empreendendo ele esta tarefa, pronto foi, apesar de tudo, convertido, queimou seus livros de astrologia e mágica, recebeu o

batismo e sentiu-se animado pelo poderoso espírito da graça. A conversão de Cipriano exerceu um grande efeito sobre o cavaleiro pagão que lhe pagava suas gestões com Justina, e pronto ele mesmo abraçou o cristianismo. Durante as perseguições de Diocleciano, Cipriano e Justina foram apressados como cristãos; o primeiro foi desgarrado com pinças e a segunda, açoitada; depois de sofrer outros tormentos, ambos foram decapitados.

Eulália, uma dama espanhola de família cristã, era notável em sua juventude por eu gentil temperamento, e por sua solidez de entendimento, poucas vezes achado nos caprichos dos anos juvenis. Apressada como cristã, o magistrado tentou das maneiras mais suaves ganhá-la para o paganismo, mas ela ridicularizou as deidades pagãs com tanta aspereza que o juiz, enfurecido por sua conduta, ordenou que fosse torturada. Assim, seus costados foram desgarrados com ganchos, e seus peitos queimados do modo mais espantoso, até que expirou devido à violência das chamas; isto aconteceu em dezembro de 303.

No ano 304, quando a perseguição alcançou a Espanha, Daciano, governador de Tarragona, ordenou que Valério, o bispo, e Vicente, o diácono, foram apressados, acorrentados e encarcerados. Ao manter-se firmes os presos em sua resolução, Valério foi desterrado, e Vicente colocado no potro, deslocando seus membros, desgarrando a carne com ganchos, e sendo colocado sobre uma grelha, não só colocando fogo embaixo dele, senão também ferroes acima, que atravessavam a carne. Ao não destruí-lo estes tormentos, nem fazê-lo mudar de atitude,foi devolvido à prisão, confinado numa pequena e imunda masmorra, semeada de pedras de sílex aguçadas e de cacos de vidro, onde morreu o 22 de janeiro de 304. seu corpo foi lançado no rio.

A perseguição de Diocleciano, começou a endurecer-se de modo particular no ano 304, quando muitos cristãos foram torturados de maneira cruel e mortos com as mortes mais penosas e ignominiosas. Deles enumeraremos os mais eminentes e destacados.

Saturnino, um sacerdote de Albitina, cidade da África, foi, depois de sua tortura, enviado de novo na prisão, onde foi deixado para morrer de fome. seus quatro filhos, depois de terem sido atormentados de várias formas, partilharam a mesma sorte com seu pai.

Dativas, um nobre senador romano; Telico, um piedoso cristão; Vitória, uma jovem dama de uma família de alta estirpe e fortuna, com alguns outros de classes sociais mais humildes, todos eles discípulos de Saturnino, foram torturados de forma similar, e pereceram do mesmo modo.

Ágape, Quiônia e Irene, três irmãs, foram encarceradas em Tessalônica, quando a perseguição de Diocleciano chegou à Grécia. Foram queimadas, e receberam nas chamas a coroa do martírio o 25

de março de 304. o governador, ao ver que não podia causar impressão alguma sobre Irene, ordenou que fosse exposta nua pelas ruas, e quando esta vergonhosa ordem foi executada, se acendeu um fogo perto da muralha da cidade, entre cujas chamas subiu seu espírito, indo além da crueldade humana.

Agato, homem de piedosa mente, e Cassice, Felipa e Eutíquia, foram todos martirizados na mesma época; mas os detalhes não nos foram transmitidos.

Marcelino, bispo de Roma, que sucedeu a Caio naquela sede, tendo-se oposto intensamente a que se dessem honras divinas a Diocleciano, sofreu o martírio, mediante uma variedade de torturas, no ano 304, consolando sua alma até expirar com a perspectiva daqueles gloriosos galardões que receberia pelas torturas experimentadas no corpo.

Vitório, Caorpoforo, Severo e Seveano eram irmãos, e os quatro estavam empregados em cargos de grande confiança e honra na cidade de Roma. Tendo-se manifestado contra o culto dos ídolos, foram arrestados e açoitados com a plumetx, ou açoite que em seu extremo levavam bolas de chumbo. Este castigo foi aplicado com tão excesso de crueldade que os piedosos irmãos caíram mártires sob sua dureza.

Timóteo, diácono de Mauritânia, e sua mulher Maura, não tinham estado unidos mais de três semanas pelo vínculo do matrimônio, quando se viram separados um do outro pela perseguição. Timóteo, apressado por cristão, foi levado ante Arriano, governador de Tebas, que sabendo que guardava as Sagradas Escrituras, mandou que as entregasse para queimá-las. A isto ele respondeu: "Se eu tiver filhos, antes tos daria para que fossem sacrificados, que separar-me da Palavra de Deus". o governador, irado em grande maneira antes esta contestação, ordenou que lhe foram arrancados os olhos com ferros candentes, dizendo: "Pelo menos os livros não te serão de utilidade, porque não voltarás a lê-los". Sua paciência ante esta ação foi tão grade que o governador se exasperou mais e mais; por isso, a fim de quebrantar sua fortaleza, ordenou que o pendurassem dos pés, com um peso amarrado no pescoço, e uma mordaça na boca. Neste estado, Maura o urgiu docemente para que se retratasse, por causa dela; porém ele, quando tiraram a mordaça de sua boca, em vez de aceder aos rogos de sua mulher, a censurou intensamente por seu desviado amor, e declarou sua resolução de morrer pela sua fé. A conseqüência disso foi que Maura decidiu imitar seu valor e fidelidade, e ou bem acompanhá-lo, ou então segui-lo na glória. O governador, trás tentar em vão que mudasse de atitude, ordenou que fosse torturada, o que foi executado com grande severidade. Depois disso, Timóteo e Maura foram crucificados perto um do outro, o 304 d.C.

A Sabino, bispo de Assis, foi-lhe cortada a mão por ordem do governador de Toscana, por recusar sacrificar a Júpiter, e por empurrar

o ídolo diante dele. Estando no cárcere, converteu o governador e sua família, os quais sofreram o martírio pela fé. Pouco depois da execução deles, o próprio Sabino foi flagelado até morrer, em dezembro de 304.

Cansado da farsa Deus estado e dos negócios públicos, o imperador Diocleciano abdicou à coroa imperial e foi sucedido por Constâncio e Galério; o primeiro era um príncipe de uma disposição sumamente gentil e humana, e o segundo igualmente destacável pela sua crueldade e tirania. Estes se dividiram o império em dois governos iguais, reinando Galério no oriente e Constâncio no ocidente; e os povos sob ambos governos sentiram os efeitos das disposições dos dois imperadores, porque os de ocidente eram governados da maneira mais gentil, enquanto que os que residiam em oriente sentiam todas as misérias da opressão e de torturas dilatadas.

Entre os muitos martirizados por ordem de Galério, mencionaremos os mais eminentes.

Anfiano era um cavaleiro proeminente em Lúcia, e estudante de Eusébio; Julita, uma mulher licaônia de régia linhagem, porém mais célebre por suas virtudes que por sua sangue nobre. Enquanto estava no potro, deram morte a seu filho diante dela. Julita, de Capadócia, era uma dama de distinguida capacidade, grande virtude e insólito valor. Para completar sua execução, derramaram breu fervente sobre seus pés, desgarraram seus lados com ganchos e recebeu a culminação de seu martírio sendo decapitada o 16 de abril de 305.

Hermolaos, um cristão piedoso e venerável, muito ancião, e grande amigo de Pantaleão, sofreu o martírio pela fé no mesmo dia e da mesma forma que aquele.

Eustrátio, secretário do governador de Armina, foi lançado num forno de fogo por exortar alguns cristãos que tinham sido apresados a perseverarem na fé.

Nicander e Marciano, dois destacados oficiais militares romanos, foram encarcerados por sua fé. Como eram ambos homens de grande valia em sua profissão, se empregaram todos os médios imagináveis para persuadi-los a renunciar ao cristianismo; porém, ao encontrar-se ineficazes estes médios, foram decapitados.

No reino de Nápoles tiveram lugar vários martírios, em particular Januaries, bispo de Beneventum; Sósio, diácono de Misene; Próculo que também era diácono; Eutico e Acutio, homens de Pueblo; Festo, diácono, e Desidério, leitor, todos eles foram, por serem cristãos, condenados pelo governador de Campânia a serem devorados pelas feras. Mas os selvagens animais não queriam tocá-los, pelo que foram decapitados.

Quirínio, bispo de Siscia, levado perante o governador Matênio, recebeu a ordem de sacrificar às deidades pagãs, em conformidade com as ordens de vários imperadores romanos. O governador, ao ver

sua decisão contrária, o enviou a prisão, acorrentado, dizendo-se que as durezas de uma masmorra, alguns tormentos ocasionais e o peso das correntes poderiam quebrantar sua resolução. Mas decidido em seus princípios, foi enviado a Amâncio, o principal governador de Panonia, hoje na Hungria, que o carregou de correntes e o arrastou pelas principais cidades do Danúbio, expondo-o à zombaria popular por onde quer que passava. Chegando finalmente a Sabária, e vendo que Quirino não renunciaria a sua fé, ordenou lançá-lo no rio, com uma pedra amarrada no pescoço. Ao executar-se esta sentença, Quirino flutuou durante certo tempo, exortando o povo nos termos mais piedosos, e concluindo suas admoestações com esta oração: "Não é nada novo para ti, oh, Todo Poderoso Jesus, deter os cursos dos rios, nem fazer que alguém caminhe sobre as águas, como fizeste com teu servo Pedro; o povo já tem visto uma prova de teu poder em mim; concede-me agora que dê minha vida por tua causa, oh, meu Deus". ao pronunciar estas últimas palavras afundou de imediato, e morreu, no 4 de junho de 308. seu corpo foi depois resgatado e sepultado por alguns piedosos cristãos.

Pânfilo, natural de Fenícia, de uma família de estirpe, foi um homem de tão grande erudição que foi chamado um segundo Orígenes. Foi recebido no corpo do clero em Cesaréia, onde estabeleceu uma biblioteca pública e dedicou seu tempo à prática de toda virtude cristã. Copiou a maior parte das obras de Orígenes de seu próprio punho e letra, e ajudado por Eusébio, deu uma cópia correta do Antigo Testamento, que tinha sofrido muito pela ignorância ou negligência dos anteriores transcriptores. No ano 307 foi apreendido e sofreu tortura e martírio.

Marcelo, bispo e Roma, ao ser desterrado por sua fé, caiu mártir das desgraças que sofreu no exílio, o 16 de janeiro de 310.

Pedro, o décimo sexto bispo de Alexandria, foi martirizado o 25 de novembro de 311, por ordem de Máximo César, que reinava no leste.

Inês, uma donzela de só treze anos, foi decapitada por ser cristã; também o foi Serena, a esposa imperatriz de Diocleciano. Valentino, seu sacerdote, sofreu a mandamentos sorte em Roma; e Erasmo, bispo, foi martirizado na Campânia.

Pouco depois disto, a perseguição diminuiu nas zonas centrais do império, assim como no ocidente; e a Providência começou finalmente a manifestar vingança contra os perseguidores. Maximiano tentou corromper sua filha Fausta para dar morte a seu marido Constantino; ela o revelou a este, e Constantino obrigou-o a escolher sua própria morte, com o que Maximiano decidiu-se pela ignomínia de ser pendurado depois de ter sido imperador quase vinte anos.

Constantino era o bom e virtuoso filho de um pai também bom e virtuoso, e nasceu na Grã Bretanha. Sua mãe se chamava Helena, filha

do rei Coilo. Era um príncipe muito generoso e gentil, tendo o desejo de cuidar da educação e das belas artes, e freqüentemente ele mesmo lia, escrevia e estudava. Teve um maravilhoso êxito e prosperidade em tudo quanto empreendeu, o que supus que provinha disto (o que assim era com certeza): que era um grande favorecedor da fé cristã. Fé que, quando abraçou, o fez com a mais devota e religiosa reverência.

Assim Constantino, suficientemente dotado de forças humanas, mas especialmente dotado por Deus, empreendeu caminho a Itália durante o último ano da perseguição, o 313 d.C. Majêncio, ao saber da chegada de Constantino, e confiando mais em sua diabólica arte mágica que na boa vontade de seus súbditos —vontade que bem pouco merecia—, não ousou mostrar-se fora da cidade nem se enfrentar com ele em campo aberto, senão que emboscou varias guarnições ocultas em diversos lugares estreitos por onde aquele deveria passar, com as quais Constantino se bateu em diversas escaramuças, vencendo-as pelo poder de Deus.

Não obstante, Constantino não estava ainda em paz, senão com grandes ansiedades e temor em sua mente (aproximando-se agora de Roma), devido aos encantamentos e feitiçarias de Majêncio, com as que havia vencido contra Severo, a quem Galério tinha enviado contra ele. Por isso, estando em grande dúvidas e perplexidade em si mesmo, e dando voltas a muitas coisas em sua mente, acerca de que ajuda poderia ter contra as operações de sua mágica, Constantino, aproximando-se em sua viagem à cidade, e elevando muitas vezes os olhos para o céu, viu no sul, quando o sol estava se pondo, um grande resplendor no céu, que parecia uma cruz, dando esta inscrição: "In hoc vince", ou seja: "Vence por meio disto".

Eusébio Pânfilo dá testemunho de que ele ouvu o próprio Constantino repetir várias vezes, e também jurar que era coisa verdadeira e certa o que tinha visto com seus próprios olhos no céu, e também os soldados com ele. Ao ver aquilo ficou grandemente atônito, e consultando com seus homens acerca do significado disso, então se apareceu a ele Cristo, convidando-o a tomá-la como sinal, e a levá-la em suas guerras diante dele, e que assim obteria a vitória.

Constantino estabeleceu de tal modo a paz da Igreja que pelo espaço de mil anos não lemos de nenhuma perseguição contra os cristãos, até o tempo de John Wickliffe.

Tão feliz, tão gloriosa foi a vitória de Constantino, de sobrenome o Grande! Pelo gozo e a alegria da qual os cidadãos que antes tinham mandado prendê-lo, o buscaram para levá-lo em grande triunfo na cidade de Roma, onde foi recebido com grandes honras e celebrado por sete dias seguidos; além disso, fez levantar no mercado sua imagem, sustentando na destra o sinal da cruz, com esta inscrição: "Com este

sinal de saúde, o verdadeiro signo de fortaleza, resgatei e libertei vossa cidade do jugo do tirano".

Terminaremos nosso relato da décima e última perseguição geral com a morte de são Jorge, o santo titular e patrono da Inglaterra. São Jorge nasceu em Capadócia, de pais cristãos, e, dando prova de seu valor, foi ascendido no exército do imperador Diocleciano. Durante a perseguição, são Jorge abandonou sua comissão, foi valentemente até o senado e manifestou abertamente sua condição de cristão, aproveitando a ocasião para protestar contra o paganismo, e para indicar o absoluto de dar culto a ídolos. Esta liberdade provocou de tal modo o senado que deram ordem de torturar a Jorge, o qual foi, por ordem do imperador, arrastado pelas ruas e decapitado no dia seguinte.

A lenda do dragar, associada com este martírio, é usualmente ilustrada representando a são Jorge sentado sobre um cavalo lançado ao ataque, traspassando o mostro com sua lança. Este dragão ardente simboliza o diabo, que foi vencido pela firme fé de são Jorge em Cristo, que permaneceu imutável a pesar do tormento e da morte.

CAPÍTULO 3: Perseguições contra os cristãos na Pérsia

Tendo-se espalhado o Evangelho pela Pérsia, os sacerdotes pagãos, que adoravam o sol, se alarmaram sobremodo e temeram a perda daquela influência que até então tinham mantido sobre as mentes e possessões das pessoas. Por isso, consideraram conveniente queixar-se ante o imperador de que os cristãos eram inimigos do estado, e que mantinham uma correspondência traiçoeira com os romanos, os grandes inimigos da Pérsia.

O imperador Sapores, de natural adverso ao cristianismo, acreditou com facilidade o que se dizia contra os cristãos, e deu ordem de que fossem perseguidos por todas partes de seu império. Devido a este édito, muitas pessoas de eminência na igreja e no estado caíram mártires ante a ignorância e ferocidade dos pagãos.

Constantino o Grande, informado das perseguições na Pérsia, escreveu uma longa carta ao monarca persa, na que narrava a vingança que tinha caído sobre os perseguidores, e o grande êxito que gozaram os que tinham parado de perseguir os cristãos.

Referindo-se a suas vitórias sobre imperadores rivais de sua própria época, disse: "Submeti a este só graças a minha fé em Cristo; por isso Deus foi meu ajudador, dando-me a vitória na batalha, e fazendo-me triunfar sobre meus inimigos. Do mesmo modo se alargaram os limites do Império Romano, de modo que se estende desde o Oceano Ocidental até quase os confins do Oriente; e por estes domínios nem tenho oferecido sacrifícios às antigas deidades, nem empreguei encantamentos, nem adivinhações; somente ofereci orações ao Deus Onipotente, e segui a cruz de contudo. E me regozijaria se o trono da Pérsia achar também a glória abraçando os cristãos; de modo que tu comigo, e eles contigo, possamos gozar de toda fortuna".

Como conseqüência desta apelação, a perseguição acabou por então; porém renovou-se em anos posteriores quando outro rei acedeu ao trono da Pérsia.

Perseguições sob os hereges arrianos

O autor da heresia arriana foi Árrio, natural da Líbia e sacerdote de Alexandria, que em 318 d.C. começou a fazer públicos seus erros. Foi condenado por um concílio de bispos líbios e egípcios, e aquela sentença foi confirmada pelo Concílio de Nicéia em 325. depois a morte de Constantino o Grande, os arrianos acharam médios para fazer-se com o favor do imperador Constantino, seu filho e sucessor no oriente;

e assim se suscitou uma perseguição contra os bispos e o clero ortodoxos. O célebre Atanásio e outros bispos foram desterrados, e suas sedes preenchidas com arrianos.

No Egito e na Líbia, trinta bispos foram martirizados, e muitos outros cristãos foram cruelmente atormentados e no ano 386 Jorge, bispo arriano de Alexandria, com a autoridade do imperador, começou uma perseguição naquela cidade e suas redondezas, empregando-se uma dureza mais que infernal. Foi ajudado em sua diabólica malícia por Catofônio, governador de Egito; Sebastião, general das forças egípcias; Faustino, o tesoureiro, e Heráclio, um oficial romano.

As perseguições se endureceram de modo tal que o clero foi empurrado fora de Alexandria, suas igrejas foram fechadas, e as crueldades praticadas pelos hereges arrianos foram tão grandes como as que haviam sido praticadas pelos idólatras pagãos. Se alguém acusado de ser cristão se dava à fuga, toda sua família era morta, e seus bens confiscados.

Perseguição sob Juliano o Apóstata

Este imperador era filho de Julio Constâncio, e sobrinho de Constantino o Grande. Estudou as bases da gramática sob a inspeção de Mardônio, um eunuco pagão de Constantinopla. Seu pai o enviou algum tempo depois à Nicomedia, para que fosse instruído na religião cristã pelo bispo Eusébio, seu parente, mas seus princípios estavam corrompidos pelos perniciosos ensinamentos de Ecebolio, o retórico, e do mago Máximo.

Ao morrer Constantino no ano 361, Juliano o sucedeu, e tão pronto chegou à dignidade imperial renunciou ao cristianismo e abraçou o paganismo, que durante alguns anos tinha caído em geral desfavor. Embora restaurou o culto idólatra, não emitiu nenhum édito público contra o cristianismo. Chamou de novo os pagãos desterrados, permitiu o livre exercício da religião a todas as seitas, mas privou a todos os cristãos de cargos na corte, na magistratura ou no exército. Era casto, temperante, vigilante, laborioso e piedoso; porém, proibiu a todos os cristãos manter escolas ou seminários públicos de ensino, privando a todo o clero cristão dos privilégios que tinha-lhes concedido Constantino o Grande.

O bispo Basílio se fez famoso ao princípio pela sua oposição ao arrianismo, o que atraiu sobre ele a vingança do bispo arriano de Constantinopla. Da mesma maneira se opus ao paganismo. Em vão os agentes do imperador trataram de influenciar sobre Basílio mediante promessas, ameaças e potros; se manteve firme na fé, e foi deixado no cárcere para padecer outros sofrimentos quando o imperador chegou acidentalmente a Ancyra. Juliano decidiu interrogá-lo ele mesmo, e quando aquele santo varão compareceu diante dele, fez tudo o possível

para dissuadi-lo de perseverar na fé. Basílio, contudo, não só se manteve tão firme como sempre, senão que com espírito profético predisse a morte do imperador, e que seria atormentado na outra vida. Irado pelo que havia ouvido, Juliano ordenou que o corpo de Basílio fosse desgarrado a cada dia em sete partes diferentes, até que sua pele e carne ficassem totalmente destrocados. Esta inumana sentença foi executada com rigor, e o mártir expirou sob sua dureza o 28 de junho de 362.

Donato, bispo de Arezzo, e Hilarino, um eremita, sofreram por volta da mesma época; assim também Gordiano, um magistrado romano. Artêmio, comandante em chefe das forças romanas no Egito, foi privado de seu mando por ser cristão, depois foram confiscados seus bens, e finalmente foi decapitado.

Esta perseguição persistiu de maneira terrível durante o final do ano 363/ não obstante, devido a que muitos detalhes não nos foram transmitidos, será necessário indicar em geral que na Palestina muitos foram queimados vivos, outros foram arrastados pelos pés pelas ruas, nus, até expirar; alguns foram fervidos até morrer; muitos, apedrejados, e grandes números deles espancados na cabeça com paus, até derramarem seus miolos. Na Alexandria foram inúmeros os mártires que sofreram pela espada, o fogo, a crucifixão e a lapidação. Em Arethusa vários foram destripados e, colocando milho em seus ventres, foram entregues aos porcos, os quais, ao devorar o grão, também devoravam as entranhas dos mártires; na Trácia, Emiliano foi queimado na fogueira, e Domício foi assassinado numa cova, na que havia fugido para ocultar-se.

O imperador, Juliano o Apóstata, morreu de uma ferida recebida em sua expedição contra a Pérsia, em 363, e enquanto expirava lançou as mais horríveis blasfêmias. Foi sucedido por Joviano, que restaurou a paz com a Igreja.

Depois da morte de Joviano, Valentiniano sucedeu no império, associando-se a Valente, que tinha o mando do oriente, e que era arriano, e com uma disposição implacável e perseguidora.

A perseguição dos cristãos pelos godos e os vândalos

Havendo muitos godos escitas abraçando o cristianismo na época de Constantino o Grande, a luz do Evangelho se expandiu de maneira considerável em Escitia, embora os dois reis que governavam aquele país, assim como a maioria do povo, continuavam sendo pagãos. Fritegem, rei dos visigodos, era aliado dos romanos, mas Atanarico, rei dos ostrogodos, estava em guerra contra eles. Os cristãos viviam sem moléstias no reino do primeiro, porém no segundo, que tinha sido vencido pelos romanos, lançou sua vingança contra seus súbditos cristãos, começando suas demandas pagãs no ano 370.

Os godos eram de religião arriana, e se chamavam cristãos; por isso, destruíram todas as estatuas e templos dos deuses pagãos, mas não fizeram dano às igrejas cristãs ortodoxas. Alarico tinha todas as qualidades de um grande general. À desenfreada temeridade dos bárbaros godos agregava o valor e a destreza do soldado romano. Conduziu suas forças a Itália atravessando os Alpes, e embora foi rejeitado durante um tempo, voltou depois com uma força irresistível.

O último "Triunfo" romano

Depois desta afortunada vitória sobre os godos se celebrou um "triunfo", como se chamava, em Roma. Durante centenas de anos tinha-se concedido esta grande honra aos generais ao voltar de uma campanha vitoriosa. Em tais ocasiões, a cidade era entregue durante dias para a marcha de tropas carregadas de botim, e que arrastavam trás de si prisioneiros de guerra, entre os que amiúde havia reis cativos e generais vencidos. Este seria o último triunfo romano, porque celebrava a última vitória romana. Embora tinha sido ganha por Stilicho, o general, foi o imperador menino Honório quem se arrogou o triunfo, entrando em Roma no carro da vitória, e conduzindo até o Capitólio entre o clamor do populacho. Depois, como se costumava em tais ocasiões, houve combates sangrentos no Coliseo, onde gladiadores, armados com espadas e lanças, lutavam tão furiosamente como se estivessem no campo de batalha.

A primeira parte do sangrento espetáculo havia terminado; os corpos dos mortos tinham sido arrastados fora com ganchos, e a arena avermelhada tinha sido coberta com uma nova camada, limpa. Depois disto, se abriram os portões na parede da arena, e saíram um número de homens altos, galhardos, na flor da juventude e força. Alguns levavam espadas, outros tridentes e redes. deram um volta em volta da parede e, detendo-se diante do imperador, levantaram suas armas estendendo o braço, e com uma só voz lançaram sua saudação: "Ave, Caesar! Morituri te salutant!" ("Ave, César! Os que vão morrer te saúdam!").

Recomeçaram os combates; os gladiadores com redes tentavam capturar os que tinham espadas, e quando isso acontecia davam morte, implacáveis, a seus antagonistas com o tridente. Quando um gladiador tinha ferido seu adversário e este jazia impotente a seus pés, olhava para os anelantes rostos dos espectadores e gritava: "Hoc habet!" ("O tem!"), e esperava o capricho dos espectadores para matar ou deixar com vida.

Se os espectadores estendiam suas mãos com o polegar para acima, o vencido era tirado dali para se recuperar, se possível, de suas feridas. Mas se mostravam o fatal sinal de "polegar para abaixo", o vencido devia ser morto; e se este demonstrava má disposição para

apresentar o pescoço para o golpe de graça, se gritava o escárnio desde as galerias: "Recipe ferrum!" ("Recebe o ferro!"). Pessoas privilegiadas dentre a audiência incluso desciam até a arena, para poder contemplar melhor os estertores de alguma vítima incomumente valorosa, antes que seu corpo fosse arrastado para a porta dos mortos.

O espetáculo prosseguia. Muitos tinham sido mortos, e a plebe, excitada até o máximo pelo valor desesperado dos que continuavam lutando, gritava suas aclamações. Porém, de repente houve uma interrupção. Uma figura vestida rusticamente apareceu por um momento entre a audiência, e depois pulou atrevidamente na arena. Viu-se que era um homem de aspecto rude, porém impressionante, com a cabeça descoberta e o rosto queimado pelo sol. Sem duvidar um instante, dirigiu-se a um dos gladiadores travados numa luta de vida ou morte, e colocando as mãos acima de um deles o repreendeu duramente por derramar sangue inocente; e depois, voltando-se para os milhares de rostos irados que o olhavam, dirigiu-se a eles com uma voz solene e grave que ressoou através do profundo recinto. Estas foram suas palavras: "Não correspondais a misericórdia de Deus afastando de vós as espadas de vossos inimigos, fazendo-os assassinar-se uns a outros!"

Uns enfurecidos clamores e gritos pronto apagaram sua voz: "Este não é um lugar para predicar! As antigas costumes de Roma devem ser observadas! Avante, gladiadores!" empurrando a um lado o estranho, os gladiadores haviam-se atacado de novo, mas o homem se manteve no meio, afastando-os. E tratando em vão de fazer-se ouvir. Então o clamor se transformou em "Sedição! Sedição! Fora com ele!"; e os gladiadores, enfurecido ante a interferência de um estranho, o traspassaram, matando-o no ato. Também caíram acima dele pedras o um monte de objetos que lhe foram lançados pelos furioso público, e assim morreu em meio da arena.

Seu hábito mostrava que se tratava de um dos eremitas que se entregavam a uma vida santa de oração e abnegação, e que eram reverenciados incluso pelos irreflexivos romanos tão amantes dos combates. Os poucos que o conheciam disseram como tinha vindo dos desertos da Ásia em peregrinação, para visitar as igrejas e guardar o Natal em Roma; sabiam que era um homem santo, e que seu nome era Telêmaco —nada mais. Seu espírito tinha-se sacudido ante o espetáculo dos milhares que se congregavam para ver como uns homens se matavam entre si, e em seu zelo simples tinha tentado convencê-los da crueldade e maldade de sua conduta. Morreu, porém não em vão. Sua obra fica cumprida no momento em que foi abatido, porque o choque de tal morte diante de seus olhos mexeu nos corações da gente: viram o aspecto repulsivo do vício favorito ao que tinham-se

entregado; e desde o dia em que Telêmaco caiu morto no Coliseo, jamais voltou a celebrar-se ali nenhum combate de gladiadores.

Perseguições desde aproximadamente mediados do século quinto até o final do século sétimo

Protério foi instituído sacerdote por Cirilo, bispo da Alexandria, que estava bem, familiarizado com suas virtudes antes de designá-lo para predicar. à morte de Cirilo, a sede de Alexandria estava ocupada por Díscoro, um inveterado inimigo da memória e família de seu predecessor. Eutico foi deposto, e Protério foi escolhido para preencher a sede vacante, com a aprovação do imperador. Isto ocasionou uma perigosa insurreição, porque a cidade de Alexandria estava dividida em duas facções: uma que defendia a causa do anterior prelado, e a outra, do novo. Em um dos motins, os eutiquianos decidiram lançar sua vingança contra Protério, que fugiu à igreja buscando refúgio; mas na Sexta-Feira Santa do 457, uma grande multidão deles se precipitou dentro da igreja e assassinaram barbaramente o prelado, arrastando depois o corpo pelas ruas, xingando-o, queimando-o, e espargindo as cinzas nos ares.

Hermenegildo, um príncipe godo, foi o homem mais velho de Leovigildo, rei dos godos na Espanha. Este príncipe, que era originalmente arriano, foi convertido à fé ortodoxa por médio de sua esposa Ingonda. Quando o rei soube que seu filho tinha mudado sua posição religiosa, o privou de seu posto em Sevilha, onde era governador, e ameaçou com matá-lo se não renunciava à fé que tinha abraçado. O príncipe, para impedir que seu pai cumprisse suas ameaças, começou a adotar uma posição defensiva, e muitos dos de persuasão ortodoxa na Espanha se declararam em seu favor. O rei, exasperado ante este ato de rebeldia, começou a castigar a todos os cristãos ortodoxos que suas tropas podiam apressar, e assim se desencadeou uma perseguição muito severa. Ele mesmo empreendeu a marcha contra seu filho, à cabeça de um exército muito poderoso. O príncipe se refugiou na Sevilha, da que fugiu logo, e foi finalmente assediado e aprisionado em Asieta. Acorrentado, foi enviado a Sevilha, e ao recusar na festa da Páscoa receber a Eucaristia de mãos de um bispo arriano, o encolerizado rei ordenou a seus guardas que despedaçassem ao príncipe, o que cumpriram a ordem rigorosamente, o 13 de abril de 586.

Martinho, bispo de Roma, nasceu em Todi, Itália. Tinha uma natural inclinação para a virtude, e seus pais lhe procuraram uma educação admirável. Opôs-se aos hereges chamados monotelitas, que eram protegidos pelo imperador Heraclio. Martinho foi condenado em Constantinopla, onde se viu exposto em todos os lugares públicos à zombaria do povo, sendo-lhe arrancadas todas as marcas de distinção

episcopal, e tratado com o maior escárnio e severidade. Depois de jazer alguns meses no cárcere, Martinho foi enviado a uma ilha a certa distância, e ali foi despedaçado, em 655.

João, bispo de Bérgamo, na Lombardia, era um homem erudito, e um bom cristão. Exerceu todos os esforços possíveis por limpar a Igreja dos erros do arrianismo, e unindo-se nesta santa obra com João, bispo de Milan, teve grande êxito contra os hereges,, por causa do qual foi assassinado o 11 de julho de 683.

Killien nasceu na Irlanda, e recebeu de seus pais uma educação piedosa e cristã. Obteve a licencia do romano pontífice para predicar aos pagãos em Franconia, na Alemanha. Em Wurtburg converteu o governador, Gozberto, cujo exemplo seguiram a maior parte do povo durante os dois anos seguintes. Tendo sido Gozberto persuadido de que seu matrimônio com a viúva de seu irmão era pecaminoso, esta fez com que o decapitaram, no ano 689.

Perseguições desde a primeira parte do século oitavo até perto do final do século décimo

Bonifácio, arcebispo de Mentz e pai da igreja da Alemanha, era inglês, e na história eclesiástica é considerado como um dos mais formosos ornamentos desta nação. Originariamente seu nome era Winfred, ou Winfrith, e nasceu em Kirton, no Devonshire, que então formava parte do reino Saxão Ocidental. Quando tinha só seis anos começou a exibir uma propensão à reflexão, e parecia solícito por conseguir informação acerca de questões religiosas. O abade Wolfrad, descobrindo que possuía uma aguda inteligência, assim como uma intensa inclinação ao estudo, o fez ir a Nutscelle, um seminário de estudos na diocese de Winchester, onde teria muita maior oportunidade de avançar que em Exeter.

Depois de uma devida observação, o abade o viu qualificado para o sacerdócio, e o obrigou a receber esta ordem sagrada quando tinha uns trinta anos. desde aquele momento começou a predicar e a trabalhar para a salvação de seus semelhantes; foi liberado para assistir a um sínodo de bispos no reino Saxão Ocidental. Posteriormente, no ano 719, foi a Roma, onde Gregório II, que então ocupava a cátedra de Pedro, o recebeu com grandes mostras de amizade, e achando-o cheio de todas as virtudes que compõem o caráter de um missionário apostólico, o despediu sem nenhuma comissão concreta, com liberdade de predicar o Evangelho aos pagãos ali onde os encontrasse. Passando através da Lombardia e da Baviera, chegou na Turingia, país que já havia recebido a luz do Evangelho, e depois visitou Utrech, dirigindo-se então para a Saxônia, onde converteu a vários milhares ao cristianismo.

Durante o ministério deste manso prelado, Pipino foi proclamado rei da França. Era ambição deste príncipe ser coroado pelo mais santo prelado que houvesse, que Bonifácio foi chamado para executar esta cerimônia, o que fez em Soissons no ano 752. no ano seguinte, sua avançada idade e suas muitas doenças gravitaram sobre ele com tanto peso que, com o consentimento do novo rei e dos bispos de sua diocese, consagrou a Lullus, seu compatriota e fiel discípulo, e o colocou na sede de Mentz. Quando se houve liberado deste modo de sua carga, recomendou a igreja de Mentz ao cuidado do novo bispo em termos muito enérgicos, expressando seu desejo de que a igreja em Fuld fosse terminada, e que se ocupassem de sepultá-lo ali, porque seu fim se aproximava. Tendo deixado estas ordens, empreendeu viagem em barca pelo Rhin, e se dirigiu à Frísia, onde converteu e batizou vários milhares de nativos bárbaros, demoliu os templos e levantou igrejas sobre as ruínas daquelas supersticiosas estruturas. Tendo-se designado um dia para a confirmação de um grande número de convertidos, ordenou que se reunissem numa planície recém aberta, perto do rio Bourde. Ali se dirigiu no dia anterior, levantando uma tenda para passar a noite, a fim de estar pronto cedo na manhã seguinte. Alguns pagãos, inveterados inimigos seus, ao saber disto se lançaram contra ele e seus companheiros de missão durante a noite, dando morte a ele e a cinqüenta e dois de seus companheiros e ajudantes o 5 de junho de 755. assim caiu o grande pai da Igreja Alemã, a honra da Inglaterra, e a glória da idade em que viveu.

No ano 845, quarenta e duas pessoas de Armoria, na Alta Frigia, foram martirizadas pelos sarracenos, e as circunstâncias deste sucesso foram as seguintes:

No reinado de Teófilo, os sarracenos devastaram muitas zonas do império oriental, logrando consideráveis vitórias sobre os cristãos, tomando a cidade de Armoria, e um número de pessoas sofreram martírio.

Flora e Maria, duas distinguidas damas, sofreram martírio ao mesmo tempo.

Perfecto era natural de Córdoba, na Espanha, e foi criado na fé cristã. Tendo um gênio vivo, se fez mestre de toda a literatura útil e amena daquela época; e ao mesmo tempo não era tão célebre pelas suas capacidades como admirado pela sua piedade. No final tomou os votos sacerdotais, e executou os deveres de seu ofício com grande assiduidade e exatidão. Ao declarar em público que Maomé era um impostor, foi sentenciado a ser decapitado, e foi executado em 805; depois disso seu corpo foi honrosamente sepultado pelos cristãos.

Adalberto, bispo de Praga, natural da Boêmia, depois de ter-se visto envolvido em muitas penalidades, começou a dirigir seus pensamentos à conversão dos infiéis, para cujo fim se dirigiu a Dantzig, onde

converteu a batizou a muitos; isto enfureceu tanto aos sacerdotes pagão, que se lançaram contra ele e lhe deram morte com dardos; isto aconteceu o 23 de abril de 997.

Perseguições no século undécimo

Alfago, bispo de Canterbury, descendia de uma ilustre família em Gloucestershire, e recebeu uma educação correspondente a seu nobre nascimento. seus pais eram dignos cristãos, e Alfago pareceu herdar suas virtudes.

Ao ficar vaga a sede de Winchester pela morte de Ethelworth, Dunstan, o arcebispo de Cabterbury e primado de toda a Inglaterra, consagrou a Alfago para o bispado vacante, para geral satisfação de todos os pertencentes à diócese.

Dunstan tinha uma veneração extraordinária por Alfago, e quando estava a ponto de morrer, fez uma fervorosa oração a Deus para que ele pudesse sucedê-lo na sede de Canterbury; o que assim aconteceu, embora não até dezoito anos depois da morte de Dunstan, em 1006.

Depois que Alfago tivesse regido a sede de Canterbury durante uns quatro anos, com grande crédito para si e benefício para o povo, os dinamarqueses lançaram uma incursão na Inglaterra, e sitiaram Canterbury. Ao saber-se os propósitos do ataque contra esta cidade, muitas das pessoas principais fugiram dela, e tentaram persuadir a Alfago para fazer o mesmo. Mas ele, como bom pastor, não quis dar ouvidos a tal proposta. Enquanto se dedicava a ajudar e alentar o povo, Canterbury foi tomada ao assalto; o inimigo se precipitou dentro da cidade, destruindo a todos os que ali se encontravam, pelo fogo e pela espada. Então teve a coragem de dirigir-se ao inimigo, e oferecer-se a eles como mais digno de sua ira que o povo: rogou-lhes que perdoassem a plebe, e que descarregassem toda sua fúria sobre ele. Então o tomaram, amarraram suas mãos, o xingaram e escarneceram brutal e barbaramente, e o obrigaram a permanecer presenciando enquanto queimavam sua igreja e davam morte a seus monges. Logo dizimaram a todos os habitantes, tanto clérigos como laicos, deixando só uma décima parte das pessoas com vida; deram morte assim a 7236 pessoas, deixando só quatro monges e 800 laicos vivos, após o qual encerraram o arcebispo numa masmorra, onde o mantiveram sob estreita vigilância durante vários meses.

Durante este encarceramento propuseram-lhe ganhar sua liberdade mediante um resgate de 3000 libras, e que persuadisse o rei de comprar a saída deles do reino por uma suma adicional de 10.000 libras. Como as circunstâncias de Alfago não lhe permitiam satisfazer uma exigência tão desorbitada, o amarraram e aplicaram atrozes tormentos, para obrigá-lo a revelar o tesouro da igreja; lhe asseguraram que se o fazia lhe dariam sua vida e liberdade. Mas o

prelado persistiu piedosamente em recusar dar aos pagãos nenhuma informação acerca disso. Voltaram a levá-lo à masmorra, o confinaram outros seis dias, e depois, levando-o preso com eles a Greenwich, o submeteram ali a juízo. Continuou ele inflexível a respeito do tesouro da igreja, exortando-os em vez disso a que abandonassem sua idolatria e abraçassem o cristianismo. Isto enfureceu de tão modo os dinamarqueses que os soldados o tiraram fora do acampamento, espancando-o implacavelmente. Um dos soldados, que tinha sido convertido por ele, sabendo que suas dores se prolongariam muito tempo, já que sua morte estava já decidida, agiu com uma espécie de bárbara compaixão, cortando-lhe a cabeça, e dando assim ponto final a seu martírio, o 19 de abril do 1012. Isto aconteceu no mesmo lugar onde se levanta agora a igreja de Greenwich, dedicada a ele. Dpo de sua morte, seu corpo foi lançado ao Tâmese mas, achado no dia seguinte, foi sepultado na catedral de são Paulo pelos bispos de Londres e Lincoln; dali Ethelmoth, bispo desta província, o levou, no ano 1023, a Canterbury.

Gerardo, veneziano, dedicou-se ao serviço de Deus desde sua mais tenra infância; entrou numa casa religiosa por um certo tempo, e depois decidiu peregrinar à Terra Santa. Passando à Hungria, conheceu a Estevão, o rei daquele país, que o fez bispo de Chonad.

Ao derem depostos Ouvo e Pedro, sucessores de Estevão, André, filho de Ladislao, primo irmão de Estevão, recebeu a promessa de que lhe seria dada a coroa, sob a condição de que empregaria sua autoridade para extirpar da Hungria a religião cristã. O ambicioso príncipe aceitou a proposta, mas ao ser Gerardo informado deste ímpio cambalacho, considerou seu dever protestar contra a enormidade do crime de André, e persuadi-lo a retirar a promessa. Com este fim, empreendeu viagem para visitar o rei, acompanhado por três prelados, cheio de zelo pela religião. O novo rei estava em Alba Regalis, mas quando um dos quatro bispos ia cruzar o Danúbio, foram detidos por uma partida de soldados ali destacada. Suportaram pacientemente um ataque com pedras, e depois os soldados os espancaram sem misericórdia, e no final deram-lhes morte com lanças. Seus martírios aconteceram no ano 1045.

Estanislau, bispo de Cracóvia, descendia de uma ilustre família polaca. A piedade de seus pais é igual à sua opulência, e esta era submetida a todos os propósitos de caridade e benevolência. Estanislau esteve um certo tempo indeciso acerca de se devia abraçar a vida monástica, ou se devia dedicar-se ao clero secular. Finalmente ficou persuadido disto último por Lamberto Zula, bispo da Cracóvia, quem lhe deu as ordens sagradas, e o fez canônigo de sua catedral. Lamberto morreu o 25 de novembro de 1071, quando todos os

interessados na eleição de um sucessor se declararam por Estanislau, e este o sucedeu na no cargo de prelado.

Bolislau, o segundo rei de Polorúa, tinha de natural muitas boas qualidades, porém, dando rédea solta a suas paixões, cometeu muitas atrocidades e no final mereceu o apelativo de "o Cruel". Somente Estanislau teve a oportunidade de confrontá-lo pelas suas faltas quando, aproveitando uma oportunidade em privado, expressou-lhe abertamente a enormidade de seus crimes. O rei, sumamente exasperado ante as repetidas liberdades, decidiu no final terminar com um prelado tão fiel. Sabendo um dia que o bispo estava sozinho, na capela de são Miguel, a pouca distância da cidade, enviou alguns soldados para assassiná-lo. os soldados empreenderam de boa vontade a sanguinária tarefa; porém, ao chegarem a presença de Estanislau, o venerável aspecto do prelado os amedrontou de tal modo que não conseguiram executar o prometido. Ao voltarem eles e saber o rei que não tinham obedecido suas ordens, lançou-se violentamente sobre eles, arrebatando uma adaga de um deles, e dirigiu-se furioso até a capela onde, achando a Estanislau diante do altar, cravou-lhe a faca no coração. O prelado morreu instantaneamente; isto aconteceu o 8 de maio de 1079.

CAPÍTULO 4: Perseguições Papais

Até agora nossa história das perseguições limitou-se principalmente ao mundo pagão. Chegamos agora a um período no qual a perseguição, sob as roupas do cristianismo, cometeu mais enormidades que as que jamais infamaram os anais do paganismo. Deixando de lado as máximas e o espírito do Evangelho, a Igreja papal, armada com o poder da espada, vexou a Igreja de Deus e a devastou durante vários séculos, o período muito apropriadamente conhecido como as "Idades Obscuras". Os reis da terra deram seu poder à "Besta" e se submeteram a serem pisoteados pelas miseráveis animálias que freqüentemente ocuparam a cadeira papal, como no caso de Henrique, imperador da Alemanha. A tempestade da perseguição papal se abateu primeiro sobre os valdenses na França.

A perseguição contra os valdenses na França

Tendo o papado introduzido várias inovações na Igreja, e havendo coberto ao mundo cristão com trevas e superstição, uns poucos, percebendo claramente a tendência perniciosa de tais erros, decidiram exibir a luz do Evangelho em sua verdadeira pureza, e dispersar aquela nuvens que uns astutos sacerdotes haviam estendido sobre ele, a fim de cegar o povo e obscurecer seu verdadeiro resplendor.

O principal entre estes foi Berengário, quem, por volta do ano 1000, predicou denodadamente as verdades do Evangelho, segundo sua primitiva pureza. Muitos, convencidos, assentiram à sua doutrina e foram, por isso, chamados de berenganos. Berengário foi sucedido por Pedro Bruis, que predicou em Toulouse, sob a proteção de um conde chamado Ildefonso; todos os pontos dos reformadores, com suas razões para separar-se da Igreja de Roma, foram publicados num livro escrito por Bruis, sob o título de ANTICRISTO.

Para o ano 1140 de Cristo, o número de reformados era muito grande, e a probabilidade de seu crescimento alarmou o Papa, que escreveu a vários príncipes para que os desterrassem de seus domínios, e que empregassem a muitos eruditos para que escrevessem contra suas doutrinas.

No 1147 eram chamados de henericianos, devido a Henrique de Toulouse, considerado como seu mais eminente predicador, e devido a que não admitiam nenhuma prova de religião além do que pudessem deduzir das próprias Escrituras, o partido papista lhes deu o nome de apostólicos. No final, Pedro Waldo ou Valdo, natural de Lyon, eminente por sua piedade e erudição, deveio um enérgico oponente do papado; e

desde aquele então, os reformados receberam a apelação de valdenses.

O Papa Alexandre III, informado destes sucessos pelo bispo de Lyon, excomungou a Waldo e seus seguidores, e ordenou ao bispo que os exterminasse, se possível, de sobre a faz da terra; assim começaram as perseguições papais contra os valdenses.

As atividades de Waldo e dos reformados suscitaram a primeira aparição dos inquisidores, porque o Papa Inocente III autorizou a certos monges como inquisidores, para que fizessem inquisição e entregassem os reformados ao braço secular. O processo era breve, por quanto uma acusação era considerada como prova de culpa, e nunca se concedeu um juízo aos acusados.

O Papa, percebendo que estes cruéis médios não surtiam o efeito desejado, enviou vários eruditos monges a predicar entre os valdenses, e a tratar de convencê-los do errôneo de suas opiniões. entre estes monges havia um chamado Domingo, que se mostrou muito zeloso pela causa do papado. Este Domingo instituiu uma ordem, que foi chamada pelo seu nome, a ordem dos frades dominicanos, e os membros desta ordem foram desde então os principais inquisidores nas várias inquisições do mundo. O poder dos inquisidores era ilimitado. Procediam em contra de quem queriam, sem consideração de idade, sexo ou categoria. Por infames que fossem os acusadores, a acusação era considerada válida, incluso quando se recebiam informações anônimas, enviadas por carta, eram consideradas evidência suficiente. Ser rico era um crime igual à heresia; por isso, muitos que tinham dinheiro eram acusados de hereges, ou de protetores de hereges, para poder obrigá-los a pagar por suas opiniões. o mais queridos amigos, os parentes mais próximos, não podiam servir sem perigo a ninguém que estiver encarcerado devido a questões religiosas. Levar algo de palha aos prisioneiros, ou dar-lhes um copo de água, caia sob a consideração de favorecer os hereges, e eram por isso mesmo perseguidos. Nenhum advogado ousava defender a seu próprio irmão, e a malícia perseguidores chegava inclusive além do túmulo; se exumavam os restos dos já mortos, e eram queimados, como exemplo para os vivos. Se alguém era acusado em seu leito de morte de ser seguidor de Waldo, suas possessões eram confiscadas, e o herdeiro ficava privado de sua herança; e alguns foram enviados à Terra Santa, enquanto os dominicanos se apoderavam de suas casas e propriedades, e quando os donos voltavam, amiúde pretendiam não reconhecê-los. Estas perseguições persistiram durante vários séculos sob diferentes Papas e outros grandes dignitários da Igreja Católica.

Perseguições contra os albigenses

Os albigenses eram pessoas de religião reformada que viviam no país de Albi. Foram condenados por sua religião no Concílio de Laterano, por ordem do Papa Alexandre III. Não obstante, aumentaram tão prodigiosamente que muitas cidades estavam habitadas por pessoas só de sua persuasão, e vários eminentes nobres abraçaram suas doutrinas. Entre estes se encontrava Ramon, conde de Toulouse; Ramon, conde de Foix; o conde de Beziers, etc.

O assassinato de um frade chamado Pedro, nos domínios do conde de Toulouse, serviu de pretexto ao Papa para perseguir o nobre e seus vassalos. Para empreender esta ação, enviou mensageiros por toda a Europa, para levantar forças para agir militarmente contra os albigenses, prometendo o paraíso a todos os que acudissem a esta guerra, que designou como Guerra Santa, e que portaram armas durante quarenta dias. Também se ofereceram as mesmas indulgências que se ofereciam a todos os que acudiam às cruzadas na Terra Santa. O valoroso conde defendeu Toulouse e outros lugares com o valor mais arrojado e com variada fortuna, contra os legados do Papa e contra Simeão, conde de Moriffort, um fanático nobre católico. Incapaz de submeter abertamente o conde de Toulouse, o rei da França, a rainha mãe e três arcebispos levantaram outro formidável exército, e conseguiram ardilosamente que o conde acudisse a uma conferencia, na que foi traiçoeiramente apreendido, sendo obrigado a aparecer descalço e despido diante de seus inimigos, e obrigado a firmar uma abjeta retratação. Isto foi seguido de uma dura perseguição contra os albigenses, e de uma ordem expressa de que não lhes era permitido aos laicos a leitura das Sagradas Escrituras. também no ano 1620 foi muito severa a perseguição contra os albigenses. Em 1648 se desatou uma dura perseguição na Lituânia e na Polônia. A crueldade dos cossacos foi tal que até os mesmos tártaros se envergonharas de suas barbaridades. Entre outros que sofreram estava o reverendo Adrian Chalinski, que foi assado a fogo lento, e cujos sofrimentos e forma de morrer exibem os horrores que os aderentes ao cristianismo tem suportado dos inimigos do Redentor.

A reforma do erro papista foi muito cedo projetada na França; porque no século décimo terceiro um erudito chamado Almerico e seis de seus discípulos, foram queimados em Paris por afirmarem que Deus não estava mas presente no pão sacramental que em qualquer outro pão; que era idolatria construir altares ou santuários aos santos, e que era ridículo oferecê-lhes incenso.

Não obstante, o martírio de Almerico e de seus discípulos não impediu que muitos percebessem da justiça de seus conceitos, e vissem a pureza da religião reformada, de modo que a fé em Cristo aumentava de contínuo, e não só se estendeu por partes da França, senão que a Liz do Evangelho se difundiu por vários outros países.

No ano 1524, numa cidade da França chamada Melden, um homem chamado João Clark colocou uma nota na porta da igreja, onde chamava o Papa de Anticristo. por esta ofensa foi açoitado uma e outra vez, e depois marcado na fronte com um ferro candente. Indo depois a Mentz, na Lorena, destruiu algumas imagens, pelo que lhe cortaram a mão direita e o nariz, e lhe desgarraram os braços e o peito com pinças. Suportou estas crueldades com assombrosa fortaleza, e inclusive se manteve suficientemente sereno como para cantar o Salmo 115, que proíbe a idolatria de maneira expressa; depois disto foi lançado no fogo e queimado até deixar somente cinzas.

Em várias partes da França, para este tempo, muitas pessoas de convicções reformadas foram flageladas, colocadas no potro, açoitadas e queimadas na fogueira, especialmente em Paris, Malda e Limosim.

Um natural de Malda foi queimado a fogo lento, por dizer que a Missa era uma clara negação da morte e paixão de Cristo. Em Limosim, um clérigo reformado chamado João de Cadurco foi apresado e queimado na fogueira.

A Francisco Bribard, secretário do cardeal de Pellay, cortaram-lhe a língua, e depois foi queimado, por falar em favor dos reformados. Isto foi em 1545. Jaime Cobard, um diretor de escola na cidade de St. Michael, foi queimado naquele mesmo ano por dizer: "A Missa é inútil e absurda"; nesta mesma época catorze homens foram queimados em Malda, e suas mulheres obrigadas a permanecer por perto e contemplar a execução.

No ano 1546, Pedro Chapot trouxe uma quantidade de Bíblias em francês à França, e as vendeu publicamente. Por isso foi levado a juízo, sentenciado e executado poucos diz depois. Pouco tempo depois, um paralítico de Meaux, um diretor de uma escola em Fera, chamado Estevão Poliot, e um homem chamado John English, foram queimados pela fé.

O senhor Blondel, um rico joalheiro, foi apreendido no ano 1548 em Lyon, e enviado a Paris; ali foi queimado por sua fé por ordem do tribunal em 1549. Herbert, um jovem de dezenove anos, foi lançado nas chamas em Dijon; também sofreu isto Florent Venote no mesmo ano.

No ano 1554, dois homens de religião reformada, junto com o filho e a filha de um deles. Foram apreendidos e encarcerados no castelo de Niveme. Ao serem interrogados, confessaram sua fé, e se ordenou sua execução; ao serem esfregados com graxa, enxofre e pólvora, eles exclamaram: "Salgai-a, salgai esta carne pecaminosa e corrompida". Cortaram-lhes então as línguas, e foram depois lançados nas chamas, que pronto os consumiram, devido às substâncias combustíveis com que tinham sido cobertos.

A matança de são Bartolomeu em Paris, e outras

No dia 22 de agosto de 1572 começou este ato diabólico de sanguinária brutalidade. A intenção era destruir de um só golpe a raiz da árvore protestante, que até então só tinha sofrido parcialmente em seus galhos. O rei da França tinha abertamente proposto um matrimônio entre sua irmã e o príncipe de Navarra, capitão e príncipe dos protestantes. Este imprudente matrimônio foi celebrado em Paris o 18 de agosto pelo cardeal de Bourbon, sobre um elevado catafalco construído com este propósito. Comeram com grande pompa com o bispo, e jantaram com o rei em Paris. Quatro dias depois, o príncipe (Coligny), ao sair do Conselho, foi ferido por disparos em ambos braços; disse então a Maure, ministro de sua defunta mãe: "Oh, meu irmão, agora vejo que certamente Deus me ama, pois tenho sido ferido por sua mais santa causa!". Embora Vidam o aconselhou a fugir, permaneceu em Paris, onde foi morto pouco depois por Bemjus, quem depois disse que jamais tinha visto ninguém afrontar a morte com maior valentia que o almirante.

Os soldados foram dispostos para que, ao dar-se determinado sinal, se lançassem de imediato a efetuar a matança por diversas partes da cidade. Depois de dar morte ao almirante, o lançaram por uma janela à rua, onde lhe cortaram a cabeça, que foi enviada ao Papa. Os sacrilégios papistas, ainda enfurecidos contra ele, cortaram-lhe os braços e os membros privados, e depois de tê-lo arrastado por três dias pelas ruas, o penduraram pelos pés fora da cidade. depois dele mataram muitas outras pessoas grandes e honoráveis que eram pptes, como o Conde de La Rochfoucault, Telinius, genro do almirante, Antônio, Clarimontus, o marquês de Ravely, Lewes Bussius, Bandineus, Pluvialius, Burneius, etc., e lançando-se contra o comum do povo, continuaram durante muitos dias a matança; durante os primeiros dias mataram dez mil de toda categoria e condição. Os corpos foram lançados nos rios, e o sangue escorria como arroios pelas ruas, e o rio parecia ser de sangue, tão furiosa era aquela ira infernal que deram morte a todos os papistas que estavam considerados como não muito firmes a sua diabólica religião. Desde Paris, a destruição se estendeu a todos os cantos do reino.

Em Orleans foram mortos mil homens, mulheres e crianças; e seis mil em Rouen.

Em Meldith duzentos foram encarcerados, e mais tarde tirados um a um e cruelmente assassinados.

Em Lyon deu-se morte a oitocentos. Aqui, crianças penduradas do pescoço de seus pais, e pais abraçando afetuosos a seus filhos, foram alimento das espadas e das sanguinárias mentes daqueles que se chamavam a si mandamentos a Igreja Católica. Aqui, trezentos foram

assassinados na casa do bispo, e os ímpios monges não queriam consentir que fossem enterrados.

Em Augustobona, ao saber a gente da matança do Papa, fecharam as portas para que nenhum protestante pudesse fugir, e procurando diligentemente a cada membro da Igreja reformada, os encarceraram e deram morte da mais bárbara maneira. Estas mesmas crueldades tiveram lugar em Avaricum, Troys, Toulouse, Rouen e em muitos outros lugares, indo de cidade em cidade, vilarejos e povoados, por todo o reino.

Como corroboração desta horrorosa carnificina, citamos a seguinte apropriada e interessante narração, escrita por um católico-romano sensível e erudito:

"As núpcias do jovem rei de Navarra (nos diz o autor) com a irmã do rei da França foram solenizadas com grande pompa; e todas as expressões de afeto, todos os protestos de amizade e todos os juramentos sagrados entre os homens foram profusamente prodigalizados por Catarina, a rainha mãe, e pelo rei; durante tudo isto, o resto da corte não pensou em nada além de festejos, teatro e bailes de máscaras. No final, às doze da noite, na véspera de são Bartolomeu, se deu o sinal. De imediato, as casas dos protestantes foram forcadas uma a uma. O almirante Coligny, alarmado com a comoção, pulou do leito, quando um grupo de assassinos se precipitou em seu dormitório. Iam encabeçados por um tal de Besme, que fora criado no seio da família dos Guisas. Este miserável traspassou com sua espada o peito do almirante, e também deu-lhe um corte no rosto. Besme era alemão, e sendo depois tomado por protestante, os de La Rochela trataram de metê-lo na cidade para pendurá-lo e despedaça-lo; porém, foi morto por um tal de Bretanville. Henrique, o Jesus duque de Guisa, quem depois constituiu a liga católica, e que foi assassinado em Blois, esteve em pé na porta até acabar a horrorosa carnificina, e gritou: "Besme! Acabou?". Depois disso, aqueles canalhas lançaram o corpo pela janela, e Coligny expirou aos pés do de Guisa".

"O conde de Teligny também caiu vítima. Tinha-se casado, uns dez meses atrás, com a filha de Coligny. Seu rosto era tão formoso que os canalhas, quando se adiantaram para matá-lo, se sentiram cheios de compaixão; porém outros, mais bárbaros, se precipitaram sobre ele e o assassinaram".

"Enquanto isso, todos os amigos de Coligny foram assassinados por todo Paris; homens, mulheres e crianças eram assassinados de maneira indistinta e todas as ruas estavam lotadas de corpos agonizantes. Alguns sacerdotes, aferrando o crucifixo numa mão e uma adaga na outra, corriam para os líderes dos assassinos, exortando-os energicamente a não perdoar nem os parentes ou amigos".

"Tavannes, marechal da França, um soldado ignorante e supersticioso, que unia a fúria da religião com a ira do partido, se lançou a cavalo pelas ruas de Paris gritando a seus homens: "Que corra o sangue! Que corra o sangue! Sangrar é tão sadio em agosto como em maio!". Nas memórias da vida deste entusiasta, escritas por seu filho, se nos diz que quando seu pai, no leito de morte, fazendo confissão geral de suas ações, o sacerdote, surpreendido, exclamou: "Como! E nenhuma menção à matança de são Bartolomeu?", ao qual Tavannes respondeu: "Isto o considero uma ação meritória, que lavará todos meus pecados". Que horrendos sentimentos pode inspirar um falso espírito de religião!"

"O palácio do rei foi um dos principais cenários da matança. O rei de Navarra tinha seu alojamento no Louvre, e todos seus criados eram protestantes. Muitos deles foram mortos na cama junto com suas mulheres; outros, fugindo nus, foram perseguidos pelos soldados pelas várias estâncias do palácio, incluso até a antecâmara do rei. A jovem esposa de Henrique de Navarra, acordada pela terrível comoção, temendo por seu marido e pela sua própria vida, arrebatada de horror e meio morta, pulou de seu leito para lançar-se aos pés de seu irmão, o rei. Mas apenas se tinha aberto a porta de sua câmara quando alguns de seus criados protestantes se precipitaram dentro, procurado refúgio. Os soldados seguiram de imediato, perseguindo-os diante da princesa e matando a um que se lançou embaixo de sua cama. Outros dois, feridos com albardas, caíram aos pés da rainha, quem ficou coberta de sangue".

"O conde de La Rochefoucault, um jovem nobre, em grande favor do rei por seu ar atraente, sua cortesia e uma certa fortuna peculiar no giro de sua conversação, tinha passado a velada até as onze com o monarca, numa agradável familiaridade, dando rédea solta, com o maio bom-humor, às saídas de sua imaginação. O monarca sentiu um certo remorso e, tocado por uma espécie de compaixão, o convidou, duas ou três vezes, a não voltar para sua casa, mas a que ficasse no Louvre. O conde disse que devia voltar com sua mulher, e então o rei já não o pressionou mais, senão que disse: "Que vá! Vejo que Deus decretou sua morte!". Duas horas depois era assassinado".

"Mui poucos dos Pastores escaparam da fúria de seus fanáticos perseguidores. Entre eles estava o jovem La Force (depois o famoso marechal de La Force), um menino de dez anos de idade cuja liberação foi sumamente notável. Seu pai, seu irmão mais velho e ele mesmo foram apresados pelos soldados do Duque de Anjou. Estes assassinos se lançaram sobre os três, espancando-os a capricho, com o qual caíram um sobre o outro. O menor não recebeu um único golpe, senão que, aparentando estar morto, escapou no dia seguinte; sua vida, preservada desta maneira maravilhosa, durou oitenta e cinco anos".

"Muitas das pobres vítimas fugiram para a ribeira, e alguns nadaram para passar o Sena e dirigir-se aos subúrbios de St. Germaine. O rei os viu desde sua janela, que dominava o rio, e se dedicou a disparar contra eles com uma carabina que carregava a este fim um de seus assistentes. Enquanto isto, a rainha mãe, imperturbável e serena em meio da matança, olhando desde uma sacada animava os assassinos e ria diante dos gemidos dos agonizantes. Esta bárbara rainha [4] estava animada de uma agitada ambição, e perpetuamente mudava de partido a fim de saciá-la".

"Pouco tempo depois destes horrorosos acontecimentos, a corte francesa tratou de paliá-los mediante formas legais. Pretenderam justificar a matança mediante uma calúnia, acusando almirante de conspiração, o que ninguém acreditou. O Parlamento recebeu ordens de agir contra a memória de Coligny, e seu cadáver foi pendurado com correntes numas forcas de Montfaucon. O próprio rei foi a contemplar aquele insólito espetáculo. Então um de seus cortesãos foi a aconselhá-lo para retirar-se, fazendo notar o fedor do cadáver, ao qual o rei replicou: "Um inimigo morto cheira bem". Os massacres do dia de são Bartolomeu estão pintados no salão real do Vaticano em Roma, com a seguinte inscipcao: "Potifex, Coligny necem probat", ou seja: "O Papa aprova a morte de Coligny".

"O jovem rei de Navarra foi eximido por questão política e não por piedade da rainha mãe, mantendo-o prisioneiro até a morte do rei, a fim de que fosse segurança e prenda da submissão daqueles protestantes que pudessem fugir".

"Esta horrenda carnificina não se limitou meramente à cidade de Paris. Ordens semelhantes foram enviadas desde a corte aos governadores de todas as províncias na França, de maneira que ao cabo de uma semana uns cem mil protestantes foram despedaçados em diferentes partes do reino! Somente dois ou três governadores recusaram-se a obedecer as ordens do rei. Um destes, chamado Montmorrin, governador de Auvernia, escreveu ao rei a seguinte carta, que merece ser transmitida à mais distante posteridade:

"Senhor: Tenho recebido uma ordem, com o selo de vossa majestade, de dar morte a todos os protestantes em minha província. Tenho demasiado respeito para vossa majestade como para não acreditar que a carta seja uma fraude; porém se a ordem (Deus não queira!) for genuína, tenho demasiado respeito por vossa majestade para obedecê-la".

Em Roma houve um horrendo gozo, tão grande que marcaram um dia de festejos, e um jubileu, com uma grande indulgência a todos os

---

[4] N. da T.: Trata-se de Caterina de Médicis, notória pela sua crueldade, e suspeita de muitissimos assassinatos, geralmente por meio de veneno.

que o guardassem e demonstrassem toda expressão de júbilo que pudessem imaginar! E o homem que deu a primeira notícia recebeu 1000 coroas do cardeal de Lorena por sua ímpia mensagem. O rei também ordenou que o dia fosse comemorado com toda demonstração de gozo, tendo chegado à conclusão de que toda a raça dos huguenotes estava extinta.

Muitos dos que deram grande quantidades de dinheiro como resgate foram de imediato mortos; e várias cidades que receberam a promessa do rei de proteção e seguridade, foram objeto de matança geral assim como se entregaram, com base nesta promessa, a seus generais e capitães.

Em Burdeos, por instigação de um malvado monge, que costumava pressionar os papistas à matança em seus sermões, duzentas sessenta e quatro pessoas foram cruelmente mortas; alguns deles eram senadores. Outro da mesma piedosa fraternidade causou uma matança similar em Agendicum, em Maine, onde o populacho, pela satânica sugestão dos "santos inquisidores", se lançaram contra os protestantes, matando-os, saqueando suas casas e derrubando sua igreja.

O duque de Guisa, entrando em Blois, permitiu que seus soldados se lançassem à pilhagem, e que mataram ou afogaram a todos os protestantes que pudessem achar. Nisto não perdoaram nem idade nem sexo; estuprando às mulheres, depois sã assassinavam; daí se dirigiu à Mère, e cometeu as mesmas atrocidades durante muito dias. Aqui encontraram um ministro chamado Cassebônio, e o lançaram no rio.

Em Anjou mataram a um ministro chamado Albiacus; muitas mulheres foram também estupradas e assassinadas ali; entre elas havia duas irmãs que foram violentadas diante de seu pai, ao qual os assassinos amarraram a uma parede para que as visse, e depois deram morte a elas e a ele.

O governador de Turin, depois de ter entregue uma enorme quantia de dinheiro pela sua vida, foi cruelmente espancado com paus, despido de suas roupas e pendurado dos pés, com sua cabeça e torso no rio; antes de morrer abriram-lhe o ventre, arrancaram suas entranhas e as lançaram no rio; depois levaram seu coração pela cidade, encravado numa lança.

Em Barre se comportaram com grande crueldade, inclusive com os meninos pequenos, aos que abriam em canal, arrancado suas entranhas, as que, pelo furor que tinham, mordiam com seus dentes. Os que tinham fugido ao castelo foram quase enforcados quando se renderam. Assim o fizeram na cidade de Matiscon, considerando uma brincadeira cortá-lhes os braços e as pernas e depois matá-los; como entretenimento para seus visitantes, amiúde lançavam os protestantes

desde um despenhadeiro elevado no rio, dizendo: "Você já viu alguém pular tão bem?"

Em Penna, trezentos foram degolados desumanamente, trás te-les prometido segurança; e quarenta e cinco na Albia, um domingo. Em Nome, embora se rendeu com a condição de que lhes fosse oferecida segurança, viram-se os mais horrendos espetáculos. Pessoas de ambos sexos e de toda condição foram assassinadas indiscriminadamente; as ruas ressoavam com clamores de dor, e o sangue escorria, as casas incendiadas pelo fogo que os soldados tinham lançado dentro delas. Uma mulher, arrastada de seu esconderijo junto com seu marido, foi primeiro estuprada pelos brutais soldados, e depois, com uma espada que a obrigaram a aferrar, a forçaram com suas próprias mãos nas entranhas de seu marido.

Em Samarobridge, mais de cem protestantes, depois de tê-lhes sido prometido paz; em Antisidor deram morte a cem, e lançaram muitos no rio. Cem que tinham sido encarcerados em Orleans foram mortos pela enfurecida multidão.

Os protestantes de La Rochela, aqueles que tinham conseguido escapar miraculosamente à fúria do inferno e tinham-se refugiado lá, vendo o mal que se dava àqueles que tinham-se submetido àqueles demônios que se pretendiam santos, se mantiveram firmes por suas vidas; e algumas outras cidades, alentadas por este gesto, os imitaram. O rei enviou contra La Rochela quase tudo o poder da França, que a assediou durante sete meses; e embora por seus assaltos fizeram bem pouco contra seus habitantes, pela fome destruíram dezoito mil de vinte e dois mil. Os mortos, demasiado numerosos para que os vivos os sepultassem, foram alimento das animálias e das aves predadoras. Muitos levavam seus próprios ataúdes até o pátio da igreja, jaziam neles e expiravam. Sua dieta tinha sido durante muito tempo aquilo que faz tremer as mentes dos que têm abundância: até carne humana, entranhas, esterco, e as coisas mais imundas, chegaram a ser finalmente o único alimento daqueles campeões daquela verdade e liberdade da qual o mundo não era digno. Diante de cada ataque os assaltantes se encontravam com uma reação tão denodada que deixaram a cento e trinta e dois capitães, com um número proporcional de tropas, tendidos no campo. Finalmente, o cerco foi levantado a petição do duque de Anjou, irmão do rei, que foi proclamado rei da Polônia, e o rei, cansado, acedeu facilmente, com o qual lhes foram concedidas condições honrosas.

Foi uma notável interferência da Providência que, em toda esta terrível matança, somente dois ministros do Evangelho caíssem.

Os trágicos sofrimentos dos protestantes são demasiado numerosos para detalhá-los; porém o tratamento dado a Felipe de Deux dará uma idéia do resto. Depois que os desalmados tivessem dado morte ao

mártir em sua cama, foram a sua mulher, que estava sendo assistida por uma parteira, esperando dar a luz a qualquer momento. A parteira rogou-lhes que detivessem suas intenções assassinas, pelo menos até que o menino, seu vigésimo, nascer. Apesar disto, cravaram uma adaga até o cabo no corpo da pobre mulher. Ansiosa por dar a luz, correu até um campo de trigo; porém até lá a perseguiram, a apunhalaram no ventre, e depois a lançaram na rua. Em sua queda, o menino saiu de sua mãe moribunda, e foi pego por um dos rufiões católicos, quem apunhalou o recém-nascido, lançando-o depois no rio.

Desde a revogação do Édito de Nantes até a Revolução Francesa, em 1789

As perseguições ocasionadas pela revogação do édito de Nantes tiveram lugar sob Luis XIV. Este édito tinha sido promulgado por Henrique o Grande de França em 1598, e assegurou aos protestantes a igualdade de direitos em todos os aspectos, fossem civis ou religiosos, com o resto dos súbditos do reino. Todos estes privilégios foram confirmados por Luis XIII em outro estatuto, chamado o édito de Nismes, e o manteve inviolado até o fim de seu reinado.

Ao aceder Luis XIV ao trono, o reino estava quase devastado pelas guerras civis. Neste ponto, os protestantes, sem atender a admoestação de nosso Senhor de que *"todos os que lançarem mão da espada, à espada morrerão"* [5], tomaram parte tão ativa em favor do rei, que se viu forcado a reconhecer-se em dívida com suas armas por ter sido estabelecido no trono. Porém, em lugar de proteger e recompensar àquele partido que o havia estabelecido no trono, pensou que aquele mesmo poder que o havia protegido poderia derrocá-lo e, dando ouvidos às maquinações papistas, começou a emitir proscrições e restrições que indicavam sua decisão final. La Rochela foi presa de uma quantidade incrível de denúncias. Montauban y Millau foram saqueadas pelos soldados. Foram designados comissionados papistas para presidir sobre os assuntos dos protestantes, e não havia mais apelação contra suas decisões que ante o conselho real. Isto foi um golpe `mesma raiz de seus direitos civis e religiosos, e os impediu, como protestantes, de levar qualquer católico a juízo. Isto foi seguido por outro decreto, que devia realizar-se uma indagação em todas as paróquias de todo o que os protestantes tinham dito e feito nos passados vinte anos. Isto encheu os cárceres de vítimas inocentes, e condenou a outros às galeras ou ao desterro.

Os protestantes foram expulsos de todos os ofícios, profissões, privilégios e empregos; isto os privou de qualquer meio de ganhar o sustento; e isto foi efetuado com tal brutalidade, que nem permitiam

---

[5] Mateus 26:52, ACF.

as parteiras de exercerem seu ofício, senão que obrigavam às mulheres a submeter-se a esta crise natural em mãos de seus inimigos, os brutais católicos. Seus filhos eram arrebatados para serem educados como católicos, e aos sete anos os faziam abraçar o papismo. Se proibiu aos reformados que prestassem ajuda a seus próprios enfermos ou pobres, todo culto privado, e o serviço divino devia efetuar-se em presença de um sacerdote papista. Para impedir que as infortunadas vítimas abandonassem o reino, se pôs estrita vigilância a todos os passos fronteiriços do reino; não obstante, pela mão misericordiosa de Deus, uns cento e cinqüenta mil escaparam a sua vigilância, e emigraram a diferentes países para contar a terrível história.

Todo o que foi contado até aqui foram somente infrações à sua carta de direitos, o édito de Nantes. No final, teve lugar a diabólica revogação deste édito, o 18 de outubro de 1685, e foi registrada o 22, em contra de todas as formas da lei. De imediato, as tropas do corpo de dragões foram aquarteladas com os protestantes em todo o reino, e encheram o reino com a mesma notícia:que o rei não admitiria já mais nenhum huguenote em seu reino, e que por isso deviam decidir mudar de religião. Com isto, os intendentes de cada paróquia (que eram governadores e espias católicos colocados sobre os protestantes) reuniram à população reformada, dizendo-lhes que deviam tornar-se católicos de imediato, bem de boa vontade, bem pela força. Os protestantes responderam que "estavam dispostos a sacrificarem suas vidas e possessões ao rei, mas que sendo suas consciências de Deus, não podiam dispor delas da mesma maneira".

Imediatamente, as tropas se apoderaram das portas e avenidas das cidades e, colocando guardas em todas as passagens, entraram espada em mão, clamando: "Morrei, ou virai católicos!". Para resumir, praticaram todas as maldades e todos os horrores que conseguiram inventar para obrigá-los a mudar de religião.

Penduravam a homens e mulheres pelos cabelos ou pelos pés, e os fumigavam com palha ardendo até que ficavam quase mortos; e se continuavam sem querer assinar sua retratação, os penduravam uma e outra vez, repetindo suas barbaridades, até que, cansados de tormentos sem mortes, obrigavam a muitos a ceder.

A outros lhes arrancavam os cabelos da cabeça e da barba com pinças. Outros eram lançados em grandes fogueiras, tirando-os outra vez delas, repetindo a ação até que forçavam a promessa de desdizer-se.

Outros eram despidos, e depois de xingá-los da forma mais infame, cravavam-lhes agulhas candentes da cabeça até os pés, e as tiravam com canivetes; às vezes os arrastavam com pinças ardentes pelo nariz, até que se submetiam à retratação. Ou amarravam a pais e maridos, enquanto estupravam suas mulheres e filhas diante de seus olhos.

Multidões foram encarceradas em masmorras imundas, onde praticavam todo tipo de suplícios em segredo. As mulheres e crianças eram encerradas em mosteiros.

Os que conseguiram fugir foram perseguidos pelos bosques, e caçados nos campos, disparando-lhes como a feras selvagens; e nenhuma condição nem qualidade pessoal serviu de defesa ante a ferocidade daqueles dragões infernais; inclusive os membros do Parlamento e os oficiais militares, embora estivessem servindo naquele momento, foram ordenados de abandonar seus postos e dirigir-se a suas casas, para sofrer igual sorte. Os que se queixaram ao rei foram mandados à Bastilha, onde beberam da mesma taça. Os bispos e intendentes marcharam à cabeça dos dragões, com uma tropa de missionários, monges e outros clérigos, para animar os soldados a executar uma ação tão grata para a Santa Igreja deles, e tão gloriosa para o demônio deus deles, e seu tirano rei.

Ao redigir o édito para revogar o édito de Nantes, o conselho estava dividido. Alguns teriam querido deter todos os ministros e obrigá-los a abraçar o papado, igual que aos laicos; outros preferiam expulsá-los, porque sua presença fortaleceria um grupo de inimigos segredos e poderosos no seio da Igreja, por seu grande conhecimento e experiência em questões de controvérsia. Ao prevalecer esta razão, foram sentenciados a desterro, e só lhes foram dados quinze dias para parti do reino.

O mesmo dia da publicação do édito revogando a carta das liberdades dos protestantes, demoliram suas igrejas e desterraram seus ministros,aos que somente deram vinte e quatro horas para sair de Paris. Os papistas não estavam dispostos a permitir que vendessem suas possessões, e puseram todos os obstáculos para retrasar sua saída até que acabasse seu limitado tempo, o que os submetia à condena nas galeras de por vida. Os guardas foram dobrados nos portos de mar, e os cárceres foram cheios de vítimas, que suportaram tormentos e carências ante os que a natureza humana deve estremecer-se.

Os sofrimentos dos ministros e de outros, que foram enviados a galeras, pareceram exceder a todos. Acorrentados a um remo, estavam expostos dia e noite, em todas as estações, em todos os climas; e quando desmaiavam pela debilidade do corpo, e desmoronavam sobre o remo, em lugar de um licor para reanimá-los, ou alimentos para fortalecê-los, recebiam só os açoites de um chicote, ou os golpes de uma vara o de uma corda. Pela carência de suficiente vestido e da necessária limpeza, eram duramente atormentados por todo tipo de parasitas, e açoitados pelo frio, que afastava de noite os executores que os atormentavam e batiam durante o dia. Em lugar de uma cama, somente lhes permitiam uma madeira dura de uns 50 como

de largo sobra a qual dormir, tanto se estavam sãos como doentes, e sem coberta além de seus míseros farrapos, que consistiam numa camisa do tecido mais rústico, um pequeno saco de tecido vermelho, com cortes a ambos lados dos braços e com umas mangas que não chegavam ao cotovelo, e uma vez a cada três anos recebiam um rústico capote e um gorro pequeno para cobrir a cabeça, que levavam sempre raspada como sinal de infâmia. Sua provisão de comida era tão mesquinha como os sentimentos dos que os haviam condenado a tais misérias, e o tratamento ao qual eram submetidos se caiam doentes é demasiado chocante para falar dele; estavam condenados a morrer sobre os madeiros do escuro chão, cobertos de parasitas, e sem a menor provisão para suas necessidades fisiológicas. E não era menor o horror que deviam padecer ao ficarem acorrentados com os mais endurecidos delinqüentes e dos mais execráveis vilões, cujas blasfemas línguas nunca paravam. Se recusarem ouvir Missa, eram sentenciados ao bastinado, um terrível castigo que descrevemos a continuação. Na preparação do mesmo, tiravam-lhes as correntes, e as vítimas eram entregues em mãos dos turcos que presidiam os remos, os quais os despiam por completo, tendendo-os sobre um grande canhão, de modo de não poder mexer-se. Durante isto reina um silêncio sepulcral por toda a galera. O turco designado como carrasco, e que considera este sacrifício aceitável para seu profeta Maomé, açoita a mísera vítima com um enorme pau, ou com um cabo de corda cheio de nós, até que a carne fica aberta até os ossos, e está preste a expirar; depois lhe aplicam uma mistura atormentadora de vinagre e sal, e o deixam naquele intolerável hospital onde milhares já expiraram sob suas crueldades.

O martírio de João Calas

Passamos agora por acima de outros muitos martírios individuais para inserir o de João calas, que teve lugar em época tão recente como 1761, e que é uma indubitável prova do fanatismo do papado, mostrando que nem a experiência nem a melhoria pode desarraigar os inveterados prejuízos dos católico-romanos, nem fazê-los menos cruéis ou inexoráveis contra os protestantes.

João Calas era um mercador da cidade de Toulouse, onde tinha-se estabelecido e vivia com boa reputação, tendo-se casado com uma mulher inglesa de origem francês. Calas e sua esposa eram protestantes, e tinham cinco filhos, aos que instruíram na mesma religião; mas Luis, um deles, se converteu ao catolicismo romano, tendo sido convertido por uma criada que havia vivido com a família durante trinta anos. não obstante, o pai não expressou ressentimento algum nem má vontade por isso, senão que manteve a criada na família e assinou uma anuidade para seu filho. Em outubro de 1761 a

família consistia em João Calas e sua mulher, uma criada, Marco Antônio Calas, que era o filho mais velho, e Pedro Calas, o menor. Marco Antônio tinha sido educado em lei, mas não podia ser admitido na prática por ser protestante. Por isso sofreu uma depressão, leu todos os livros que pôde conseguir acerca do suicídio, e parecia decidido a acabar com sua vida. A isto deve agregar-se que levava uma conduta dissipada, muito édito ao jogo, e que fazia tudo o que podia constituir o caráter de um libertino. Por esta razão seu pai o repreendia com freqüência, às vezes com severidade, o que acrescentou de maneira considerável a depressão que parecia oprimi-lo.

O 13 de outubro de 1761, o senhor Gober La Vaisse, um jovem cavalheiro de uns 19 anos, filho de La Vaisse, um célebre advogado de Toulouse, se reuniu por volta das cinco da tarde com João Calas, pai, e com o filho Marco Antônio, que era amigo seu. O pai Calas o convidou a jantar, e a família e seu convidado se sentaram numa estância alta; todo o grupo consistia no pai Calas e sua mulher, os dois filhos, Antônio e Pedro Calas, e o convidado La Vaisse, não havendo mais ninguém na casa exceto a criada, já mencionada.

Era então por volta das sete. O jantar não foi longo, mas antes de acabar, Antônio deixou a mesa e foi à cozinha, que estava no mesmo andar, coisa que costumava fazer. A criada lhe perguntou se tinha frio. Ele respondeu: "Bem ao contrário, estou ardendo"; depois, a deixou. Enquanto isso, seu amigo e sua família deixaram a estância na que haviam jantado e foram até uma sala de estar; o pai e La Vaisse sentaram juntos num sofá; o filho mais jovem, Pedro, numa poltrona, e a mãe em outra, e sem preocupar-se de Antônio, prosseguiram a conversação até entre as nove e as dez, quando La Vaisse se despediu, e Pedro, que tinha ficado dormido, foi acordado para acompanhá-lo com uma luz.

No andar térreo da casa dos Calas havia uma loja e um armazém, estando este separado da loja por um par de portas. Cada Pedro Calas e La Vaisse chegaram embaixo na loja, ficaram horrorizados ao ver a Antônio, vestido somente com uma camisa, enforcado numa barra que ele mesmo tinha colocado através da parte superior das duas portas, que estavam meio abertas com este propósito. Ao descobrir tão horrenda cena gritaram, o que fez descer o pai Calas, ficando a mãe tão surpreendida e presa de terror que ficou tremendo no corredor do andar superior. Quando a criada descobriu o acontecido, permaneceu lá embaixo, bem porque temesse levar a má notícia a sua ama, bem porque desejasse dedicar sua atenção a seu amo, que estava abraçando o corpo de seu filho, banhando-o com suas lágrimas. Por isso, a mãe, que tinha permanecido sozinha, desceu e achou a cena que já descrevemos, com as emoções que devia naturalmente produzi-

lhe. Enquanto isso, Pedro tinha sido enviado a buscar a La Moiré, um cirurgião da vizinhança. La Moiré não estava em casa, mas seu aprendiz, o senhor Grosle acudiu de imediato. Ao examiná-lo achou o corpo já cadáver. Para este tempo tinha-se congregado uma multidão de gente papista em volta da casa e, havendo ouvido que Antônio Calas tinha morrido repentinamente, e que o médico que havia examinado seu corpo havia afirmado e tinha sido estrangulado, deram por certo que tinha sido assassinado; e como a família era protestante, chegaram a supor que o jovem estava a ponto de mudar de religião, e que tinha sido morto por esta razão.

O pobre pai, abrumado de dor pela perda do filho, foi aconselhado por seus amigos que mandar chamar os funcionários da justiça para impedir que fosse despedaçado pela multidão católica, que achava que ele tinha dado morte a seu filho. Assim fizeram, e Davi, o principal magistrado, tomou o pai, seu filho Pedro, a La Vaisse e a criada sob sua custódia, e colocou uma guarda para protegê-los. Enviou buscar o senhor de La Tour, médico, e os senhores La Marque e Peronet, cirurgiões, que examinaram o corpo buscando sinais de violência, sem achar nenhum, exceto a marca da corda no pescoço; também observaram que o cabelo de defunto estava penteado de maneira normal, perfeitamente liso e sem desordem algum; suas roupas estavam também bem dispostas, colocadas sobre o balcão, e sua camisa não estava nem desgarrada nem desabotoada.

Apesar destas evidências de inocência, o magistrado considerou apropriado concordar com a opinião da turba, e emitiu a hipótese de que o ancião Calas tinha mandado buscar a La Vaisse, dizendo que tinha um filho ao qual era preciso enforcar, que La Vaisse tinha ido para executar a função de carrasco, e que havia recebido a ajuda do pai e do irmão.

Como não podia dar-se prova alguma do suposto fato, o magistrado recorreu a uma admoestação, ou informação geral, pela que o crime era considerado verdadeiro, e se pedia publicamente que se desse testemunho em contra dele, cada um como puder fazê-lo. esta admoestação recita que La Vaisse estava encarregado pelos protestantes para ser seu carrasco ordinário, quando algum de seus filhos devesse ser enforcado por mudar de religião; afirma do mesmo modo que quando os protestantes enforcam seus filhos assim, os forçam a ajoelhar, e uma das admoestações era se alguma pessoa tinha visto a Antônio Calas ajoelhar-se diante de seu pai quando foi estrangulado; também se afirma que Antônio morreu como católico-romano, e se demanda evidência de seu catolicismo.

Porém, antes que se publicassem estas admoestações, da turba tinha saído o pensamento de que Antônio Calas iria, no dia seguinte, a ser incorporado na fraternidade dos Penitentes Brancos. Por Isaias, o

magistrado ordenou que seu corpo fosse sepultado em meio da Igreja de são Estevão. Poucos dias depois do enterro do morto, os Penitentes Brancos oficiaram um solene serviço por ele em sua capela. A igreja foi cheia de pendões brancos, e em meio se levantou uma tumba, sobre a qual se colocou um esqueleto humano, aferrando numa mão um papel que dizia: "Abjuração da heresia", e na outra mão, uma palma, emblema do martírio. No dia seguinte, sem franciscanos oficiaram um serviço do mesmo tipo por ele.

O magistrado seguiu a perseguição com uma dureza implacável, e sem a menor prova, considerou oportuno sentenciar a tortura os infelizes pai, mãe, amigo e criada, e os pôs sob correntes o 18 de novembro.

Contra estes terríveis procedimentos, a sofrida família apelou ao parlamento, o qual examinou o assunto e anulou a sentença do magistrado como irregular, mas prosseguiram com a perseguição judicial, e, ao declarar o carrasco da cidade que era impossível que Antônio tivesse enforcado a si mesmo da maneira em que se pretendia, a maioria do parlamento foi da opinião de que os presos eram culpados, ordenando por isso que fossem julgados pelo tribunal criminal de Toulouse. Um os votou inocentes, porém após longos debates, a maioria estava a favor da tortura e da roda; o pai foi condenado provavelmente por via de experimento, tanto se era culpável como inocente, esperando que, em sua agonia, confessasse o crime, e acusasse os outros presos, cuja sorte ficou por isso suspensa.

Assim o coitado Calas, um ancião de sessenta e oito anos, foi condenado sozinho a este terrível castigo. Sofreu a tortura com grande valor, e foi levado a execução com uma atitude que suscitou a admiração de todos os que o viram, e em particular dos dois dominicanos (o Pai Bourges e o Pai Coldagues), que o assistiram em seus último momentos, e declararam que não só o consideravam inocente da acusação de que era objeto, senão que também era um caso exemplar de verdadeira paciência, fortaleza e caridade cristãs.

Quando viu o carrasco prestes a dar-lhe o último golpe, fez uma nova declaração ao Pai Bourges, mas ainda com as palavras na boca, o magistrado, autor desta tragédia, que tinha subido no patíbulo meramente para satisfazer seu desejo de ser testemunha de seu castigo e morte, se lançou correndo sobre ele, gritando: "Miserável! Aí estão as brasas que vão reduzir teu corpo às cinzas! Fala a verdade!". Calas não lhe respondeu, mas voltou a cabeça algo de lado. Naquele momento o carrasco executou sua função.

O clamor popular contra esta família se fez tão violento no Languedoc, que todos esperavam ver os filhos de Calas destrocados sobre a roda, e a mãe queimada viva.

O jovem Donat Calas recebeu o conselho de fugir a Suíça. Foi lá, e encontrou um cavalheiro que no princípio somente pôde compadecer-se dele e aliviá-lo, sem atrever-se a julgar o rigor exercido contra o pai, a mãe e os irmãos. Pouco depois, outro dos irmãos, que tinha sido desterrado, se acolheu à proteção da mesma pessoa, que durante mais de um mês adotou todas as precauções possíveis para assegurar-se da inocência da família. Uma vez convencido, se considerou obrigado, em consciência, a empregar seus amigos, sua própria bolsa, sua pluma, e sua reputação pessoal, para reparar o fatal erro dos sete juízes de Toulouse, e lograr que o processo fosse revisado pelo conselho do rei. Esta revisão durou três anos, e é coisa bem conhecida a honra que os senhores de Grosne e Bacquancourt alcançaram ao investigar esta memorável causa. Cinqüenta magistrados da Corte de Apelações declararam unânimes a inocência de toda a família Calas, e os recomendaram à benevolente justiça de seu rei. O duque de Choiseul, que jamais deixou passar uma oportunidade para mostrar a grandeza de seu caráter, não só ajudou à desafortunada família com dinheiro, senão que obteve do rei uma doação para eles de 36.000 libras.

O 9 de março de 1765 se firmou a sentença que justificava a família Calas e que mudava sua sorte. O 9 de março de 1762, justamente três anos atrás, tinha sido o dia da execução do inocente e virtuoso pai daquela família. Todos os parisienses se amontoaram para vê-los sair da prisão, e aplaudiram gozosos, enquanto as lágrimas brotavam de seus olhos.

Este terrível exemplo de fanatismo fez mover a pluma de Voltaire, atacando os horrores da superstição; e embora ele mesmo era incrédulo, seu ensaio sobre a tolerância honra sua pluma, e tem sido um meio de bênção para abater os rigores da perseguição na maioria dos estados europeus. A pureza do Evangelho fugirá ao igual da superstição que da crueldade, por quanto a mansidão dos ensinos de Cristo só instrui a consolar neste mundo, e a buscar a salvação no vindouro. Perseguir por diferenças de opinião é coisa absurda como perseguir por ter um rosto diferente. Se honrarmos a Deus, mantemos sagradas as puras doutrinas de contudo, colocamos plena confiança nas promessas contidas nas Sagradas Escrituras, e obedecemos às leis políticas do estado no que residimos, temos um direito inegável de proteção em vez de perseguição, e a servir o ciclo tal como nossas consciências, dirigidas pelas normas do Evangelho, nos guiem.

CAPÍTULO 5: Uma história da Inquisição

Quando a religião reformada começou a difundir a luz do Evangelho por toda a Europa, o Papa Inocente III temeu em grande modo pela Igreja de Roma. Por isso, designou um número de inquisidores, ou pessoas que deviam inquirir, prender e castigar os hereges, tal como os papistas chamavam aos reformados.

Encabeçando estes inquisidores estava um certo Domingo, que tinha sido canonizado pelo Papa a fim de fazer sua autoridade tanto mais respeitável. Domingo e os vários inquisidores se estenderam pelos vários países católico-romanos tratando os protestantes com a maior dureza. Finalmente, o Papa, não encontrando a estes inquisidores itinerantes tão úteis como havia imaginado, resolveu estabelecer uns tribunais fixos e regulares da Inquisição. O primeiro destes tribunais regulares se estabeleceu na cidade de Toulouse, e Domingo foi nomeado primeiro inquisidor regular, assim como tinha sido primeiro inquisidor itinerante.

Depois se estabeleceram tribunais da Inquisição por vários países, mas foi a Inquisição Espanhola a que adquiriu maior poder, e foi a mais temida. Até os mesmos reis da Espanha, embora arbitrários em todos os outros aspectos, aprenderam a temer o poder dos senhores da Inquisição; e as horrendas crueldades que estes exerciam obrigaram a multidões, que diferiam em suas opiniões dos católico-romanos, a dissimular seus sentimentos.

Em 1244, se poder aumentou mais graças ao imperador Frederico II, que se declarou amigo e protetor de todos os inquisidores, e que publicou estes cruéis editos: 1) que todos os hereges que persistissem em sua obstinação fossem queimados; 2) que todos os hereges que se arrependessem fossem encarcerados de por vida.

Este zelo do imperador em favor dos inquisidores católico remissão surgiu por causa de uma história que se havia propagado por toda a Europa, de que tinha a intenção de renunciar ao cristianismo e fazer-se maometano; por isso, o imperador tentou, por meio de um fanatismo extremado, contradizer a patranha e mostrar mediante sua crueldade seus adesão ao papado.

Os oficiais da Inquisição são três inquisidores, ou juízes, um fiscal, dois secretários, um magistrado, um mensageiro, um receptor, um carcereiro, um agente de possessões confiscadas, vários assessores, conselheiros, carrascos, médicos, cirurgiões, porteiros, familiares e visitantes, que estão juramentados para guardar o segredo.

A principal acusação em contra dos que estão sujeitos a este tribunal é a heresia, que se compõe de tudo o que se fala, ou escreve,

em contra dos artigos do credo ou das tradições da Igreja de Roma. A Inquisição, também, investiga a todos os acusados de serem mágicos, e dos que lêem a Bíblia na língua comum, o Talmude dos judeus ou o Corão dos maometanos.

Em todas as ocasiões os inquisidores levam a cabo seus processos com a mais cruel severidade, castigando os que o ofendem com uma crueldade sem comparação. Poucas vezes se mostrará misericórdia para um protestante, e um judeu que se converter ao cristianismo está longe de estar seguro.

Na Inquisição uma defesa vele bem pouco para um preso, porque uma mera suspeita é considerada como suficiente causa de condena, e quanto maior seja sua riqueza, tanto maior seu perigo. A parte mais importante das crueldades dos inquisidores se deve à sua rapacidade; destroem as vidas para possuírem as riquezas, e sob pretensão de zelo pela religião saqueiam as pessoas que odeiam.

A um preso da Inquisição nunca lhe é permitido ver o rosto de seu acusador, nem os das testemunhas em sua contra, senão que se tomam todos os métodos de ameaças e torturas para obrigá-lo a acusar-se a si mesmo, e por este meio, corroborar suas evidências. Se não assentir plenamente à jurisdição da Inquisição, se proclama vingança contra todos aqueles que a coloquem em dúvida, caso resistirem a alguém de seus oficiais; todos os que se opõem a eles sofrearão com uma certeza quase total por tal temeridade; a máxima da Inquisição é infundir terror e pavor aos que tem sob seu poder, para levá-los a obedecer. O berço nobre, a estirpe ou os empregos eminentes não constituem proteção frente a seus rigores; e os mais humildes oficiais da Inquisição podem fazer tremer os mais altos dignitários.

Quando a pessoa acusada é condenada, é ou duramente açoitada, violentamente torturada, enviada às galeras, ou condenada a morte; em todo caso lhe são confiscados os bens. Depois do juízo, se leva a cabo uma procissão que se dirige ao lugar da execução, cerimônia que se chama auto de fé.

O que se segue é um relato de um auto de fé executado em Madri no ano 1682.

Teve lugar o 30 de maio. Os oficiais da Inquisição, precedidos por trombetas, timbales e sua bandeira, desfilaram a cavalo até o lugar da praça maior, onde fizeram a proclamação de que o 30 de junho se executaria sentença contra os presos.

Destes prisioneiros, seriam queimados vinte homens e mulheres, e um maometano renegado; cinqüenta judeus, homens e mulheres, que nunca antes tinham sido encarcerados, e arrependidos de seus crimes, foram sentenciados a um longo confinamento, e a portar uma coroa amarela. Toda a corte da Espanha estava presente nesta ocasião. O

grande trono do inquisidor foi situado numa espécie de estrado muito por acima do rei.

Entre os que seriam queimados encontrava-se uma jovem judia de deliciosa formosura, de somente dezessete anos. Encontrando-se ao mesmo lado do patíbulo em que estava a rainha, dirigiu-se a ela com a esperança de conseguir o perdão, com as seguintes patéticas palavras: "Grande rainha: não me será vossa régia presença de algum serviço em minha desgraçada condição? Tende compaixão de minha juventude, e, ah, considerai que estou a ponto de morrer por uma religião na que fui ensinada desde a minha mais tenra infância!". Sua majestade parecia compadecer-se muito de sua angústia, porém desviou seu olhar, porque não se atrevia a dizer uma palavra em favor de uma pessoa que tinha sido declarada herege.

Agora começou a Missa, em meio da qual o sacerdote acudiu desde o altar, ficou perto do patíbulo, e sentou numa cadeira disposta para ele.

Então o grande inquisidor desceu desde o anfiteatro, vestido com sua capa, e com uma mitra na cabeça. Depois de inclinar-se diante do altar, se dirigiu até o palco do rei, e subiu a ele, assistido por alguns dos oficiais, levando uma cruz e os Evangelhos, com um livro contendo o juramento mediante o qual os reis da Espanha se obrigavam a proteger a fé católica, a extirpar os hereges, e a sustentar com todo seu poder as atuações e os decretos da Inquisição; um juramento semelhante foi tomado dos conselheiros e de toda a assembléia. A Missa começou às doze do meio-dia, e não acabou até as nove da noite, alargada por uma proclamação das sentenças de vários criminosos, que tinham sido já pronunciadas por separado em alta voz, uma após outra.

Depois disto seguiu-se a queima dos vinte e um homens e mulheres, cujo valor nesta horrenda morte foi verdadeiramente assombroso. O rei, por sua situação perto dos condenados, pode ouvir muito bem seus estertores enquanto morriam; não obstante não pôde ausentar-se desta terrível cena, por quanto era considerado um dever religioso, e por quanto seu juramento de coroação o obrigava a dar sanção, com sua presença, a todos os atos do tribunal.

O que já dissemos pode ser aplicado às inquisições em geral, assim como à da Espanha em particular. A Inquisição de Portugal agia exatamente sob o mesmo plano daquela da Espanha, tendo sido instruída numa época mui semelhante, e colocada sob as mesmas normas. Os inquisidores permitem que se empregue tortura somente três vezes, mas nestas ocasiões é infligida de maneira tão severa, que o preso ou morre nela, ou fica impedido para sempre, e sofre as mais severas dores a cada mudança de tempo. Daremos uma ampla descrição dos terríveis tormentos ocasionados pela tortura, em base do

relato de um que a sofreu as três vezes, mas que felizmente sobreviveu às crueldades sofridas.

Na primeira tortura, entraram seis carrascos, o despiram deixando-o em cueca, e o colocaram sobre sua espalda numa espécie de plataforma elevada uns poucos pés sobre o chão. A operação começou colocando em volta de seu pescoço um anel de ferro, e outros anéis em cada pé, o que o fixou na plataforma. Estando assim estirados seus membros, amarraram duas cordas em volta de cada coxa, que passando sob a plataforma por meio de buracos para este propósito, foram esticadas ao mesmo tempo, por quatro dos homens, ao dar-se o sinal.

É fácil conceber que as dores que lhe sobrevieram de imediato eram intoleráveis; as cordas, de pequena grossura, cortaram através da carne do preso até o osso, fazendo que brotasse o sangue em oito lugares distintos assim ligado ao mesmo tempo. Ao persistir o preso em não confessar o que demandavam os inquisidores, as cordas foram esticadas desta forma quatro vezes sucessivas.

A maneira de infligir a segunda tortura foi como segue: forçaram-lhe os braços para trás de modo que as palmas das mãos ficassem giradas para fora detrás dele; então, por meio de uma corda que as amarrava pelas munhecas, e que era puxada por um torno, as aproximavam gradualmente entre si de modo que se tocassem os dorsos das mãos e ficassem paralelas. Como conseqüência desta violenta contorção, seus dois ombros ficaram deslocados, e lançou uma considerável quantidade de sangue pela boca. Esta tortura se repetiu três vezes, depois do qual foi novamente levado à masmorra, onde o cirurgião lhe re-colocou os ossos.

Dois meses depois da segunda tortura, o preso, já algo recuperado, foi de novo conduzido à câmara de torturas, e ali, por última vez, teve de sofrer outro tipo de tormento, que lhe foi aplicado duas vezes sem interrupção alguma. Os verdugos colocaram uma grossa corrente de ferro em volta de seu corpo que, cruzando pelo peito, terminava nas munhecas. Depois o colocaram com as costas contra uma tábua grossa, em cada um de cujos extremos havia uma polia, através da qual corria uma corda que estava amarrada ao final da corrente em suas munhecas. Então o carrasco, estendendo a corda por meio de um torno que estava a certa distância detrás dele, pressionava ou achatava seu estômago em proporção à tensão que dava aos extremos das correntes. O torturaram de tal modo que lhe deslocaram por completo as munhecas e os ombros. Logo foram colocados novamente em seu lugar pelo cirurgião. Mas aqueles desalmados, não satisfeitos ainda com esta crueldade, fizeram-lhe de imediato sofrer este tormento por segunda vez, o que suportou (embora foi, se isso for possível, mais doloroso ainda), com a mesma integridade e resolução. Depois foi de

novo enviado à masmorra, assistido por um cirurgião para que curasse suas feridas e ajustasse seus ossos deslocados, e ali ficou até seu auto de fé ou a sua liberação do cárcere, quando foi liberado, impedido e doente de por vida.

Narração do cruel trato e da queima de Nicholas Burton, um mercador inglês, na Espanha

O 5 de novembro do ano 1560, aproximadamente, o senhor Nicholas Burton, cidadão de Londres e mercador, que vivia na paróquia de são Bartolomeu de maneira pacífica e amena, executando sua atividade comercial, e achando-se na cidade de Cádiz, em Andaluzia, Espanha, acudiu a sua casa um Judas, ou, como eles o chamam, um familiar dos pais da Inquisição; este, perguntando pelo mencionado Nicholas Burton, fingiu ter uma carta para entregar-lhe em mão, e por este médio pôde falar com ele pessoalmente. Não tendo carta alguma que dar-lhe, tentou, com a arte que lhe outorgava seu amo, o diabo, averiguar aonde carregava suas mercancias, e principalmente atrasá-lo até que chegasse o sargento da Inquisição para prendê-lo, o que finalmente foi feito.

Ele, sabendo que não podiam acusá-lo por ter escrito, falado ou feito coisa alguma naquele país contra as leis eclesiásticas ou temporárias do reino, perguntou-lhes abertamente de que o acusavam para assim arrestá-lo, e disse-lhes para não fazê-lo, pois ele responderia à acusação. Mas eles nada responderam, senão que lhe ordenaram, com ameaças, que calasse a boca e não emitisse uma só palavra.

Assim o levaram à imundo cárcere comunitário de Cadiz, onde ficou acorrentado durante catorze dias entre ladrões.

Durante todo este tempo instruiu de tal modo aos pobres presos na Palavra de Deus, em conformidade ao bom talento que Deus tinha-lhe outorgado a este respeito, e também no conhecimento da língua espanhola, que naquele breve tempo conseguiu que vários daqueles supersticiosos e ignorantes espanhóis abraçassem a Palavra de Deus e rejeitassem suas tradições papistas.

Quando os oficiais da Inquisição souberam isto, o levaram, carregado de corrente, dali até a cidade de Sevilha, a uma prisão mais cruel e lotada chamada Triana, na que os mencionados pais da Inquisição procederam contra ele em segredo com base em sua usual cruel tirania, de modo que nunca lhe foi permitido nem escrever nem falar com mais ninguém de sua nação; desconhecemos até o dia de hoje quem foi seu acusador.

Depois, no dia 20 de dezembro, levaram-no, juntamente com um grande número de presos, por professarem a verdadeira religião cristã, até a cidade de Sevilha, a um lugar onde os inquisidores sentaram-se num tribunal que eles chamavam de auto. O haviam vestido com uma

espécie de túnica rústica na que se fala em diversos lugares pintada a imagem de um grande demônio atormentando uma alma numa labareda de fogo, e em sua cabeça um boné com o mesmo motivo.

Lhe colocaram na boca um aparelho que forçava sua língua para fora, aprisionando-a, para que não pudesse dirigir a palavra a negligentemente para expressar sua fé nem sua consciência, e foi colocado junto de um inglês de Southampton e vários outros condenados por causa religiosas, tanto franceses como espanhóis, num patíbulo diante daquela Inquisição, onde se leram e pronunciaram contra eles seus juízos e sentenças.

Imediatamente depois de ter pronunciado estas sentenças, foram levados dali ao lugar da execução, fora da cidade, onde os queimaram cruelmente. Deus seja louvado pela constante fé deles.

Este Nicholas Burton mostrou um rosto tão radiante em meio das chamas, aceitando a morte com tal paciência e gozo, que seus atormentadores e inimigos que estavam perto dele, disseram-se que o diabo tinha tomado já sua alma antes de chegar ao fogo; e por isso falaram que tinha perdido a sensibilidade ao sofrimento.

O que aconteceu após o arresto de Nicholas Burton foi que todos os bens e mercancias que tinha trazido consigo à Espanha para o comércio lhe foram confiscados, segundo o que eles costumavam fazer; entre aquilo que tomaram havia muitas coisas que pertenciam a um outro mercador inglês, quem as tinha entregado a ele como comissionado. Assim, quando o outro mercador soube que seu comissionado estava arrestado, e que seus bens estavam confiscados, enviou seu advogado à Espanha, com poderes seus para reclamar e demandar seus bens. O nome deste advogado era John Fronton, cidadão de Bristol.

Quando o advogado houve desembarcado em Sevilha e mostrado todas suas cartas e credenciais na casa santa, pedindo-lhes que aquelas mercadorias lhe fossem entregadas, lhe responderam que devia realizar uma demanda por escrito, e pedir um advogado (tudo isso, sem dúvida, para retrasá-lo), e imediatamente lhe assinaram um para que redigisse a súplica, e outros documentos de petição que devia exibir diante do santo tribunal, cobrando oito reais por cada documento. Não obstante, não fizeram o menor caso de seus papeis, como se não tivesse entregado nada. Durante três ou quatro meses, este homem não deixou de acudir a cada manhã e tarde no palácio do inquisidor, pedindo-lhes de joelhos que lhe concedessem sua solicitude, e de maneira espécie ao bispo de Tarragona, que era naqueles tempos o chefe da Inquisição em Sevilha, para que ele, por meio de sua autoridade absoluta, ordenasse plena restituição dos bens. Mas o botim era tão suculento e enorme, que era muito difícil desprender-se dele.

Finalmente, trás haver-se passado quatro meses inteiros em pleitos e rogos, e também sem esperança alguma, recebeu deles a resposta de que devia apresentar melhores evidências e trazer certificados mais completos da Inglaterra como prova de sua demanda os que tinha apresentado até então diante do tribunal. Assim, o demandante partiu para Londres, e rapidamente voltou a Sevilha com mais amplas e completas cartas de testemunho, e certificados, segundo tinham-lhe pedido, e apresentou todos estes documentos ante o tribunal.

Não obstante, os inquisidores seguiam tirando-o de seu pé, escusando-se por falta de tempo, e por quanto estavam ocupados com assuntos mais graves, e com respostas desta espécie o foram esquivando, até mais quatro meses.

No final, quando o demandante tinha já gasto quase todo seu dinheiro, e por isso argüia mais intensamente por ser atendido, passaram toda a questão ao bispo, quem, quando o demandante acudiu a ele, respondeu assim: "Que no que a ele dizia respeito, sabia o que devia fazer-se; mas ele era só um homem, e a decisão pertencia aos outros comissionados, e não somente a ele"; assim, passando-se o assunto uns a outros, o demandante não conseguiu obter sua demanda. Contudo, por causa de sua importunidade, disseram-lhe que haviam decidido atendê-lo. e a coisa foi assim: um dos inquisidores, chamado Gasco, homem muito bem experimentado nestas práticas, pediu ao demandante que se reunisse com ele depois da comida.

Aquele homem se sentiu feliz de ouvir as notícias, achando que iam entregá-lhe suas mercancias, e que o haviam citado com o propósito de falar com o que estava encarcerado para conferenciar acerca de suas contas, mas isto devido a um mal entendido, ouvindo que os inquisidores diziam que seria necessário que falasse com o preso, e com isso ficando mais convencido ainda de que agiriam de boa fé. Assim, acudiu ali ao cair da tarde. No instante em que chegou, o apreenderam e o encerraram na masmorra que lhe havia preparado.

O demandante, achando no princípio que tinha sido chamado para alguma outra coisa e ao ver-se, contra o que pensava, encerrado numa escura prisão, percebeu finalmente que as coisas não sairiam como ele tinha esperado.

Mas, al cabo de dois ou três dias, foi levado até o tribunal, onde começou a demandar seus bens; eles lhe pediram, sem aparentar nada de grave, que recitasse a oração Ave Maria: *Ave Maria, gratia plena, Dominas tecum, benedicta tu in mulieribus, et benedictus fructus ventris tui Jesús Amen*.

Esta oração foi escrita palavra por palavra conforme ele a pronunciava, e sem falar nada mais acerca de reclamar seus bens, porque já era coisa desnecessária, o mandaram de novo à prisão, e iniciaram processo contra ele como herege, porque não tinha falado

seu "Ave Maria" à maneira romanista, senão que tinha terminado de modo muito suspeito, porque devia ter agregado no final: *Sancta Maria mater Dei, ora pro nobis peccatoribus*. Ao omitir isto, havia evidência suficiente (eles diseram) de que não admitia a mediação dos santos.

Assim suscitaram um processo para detê-lo no cárcere por mais tempo, e depois levaram seu caso diante de seu tribunal disfarçado desse modo, e ali se pronunciou sentença de que deveria perder todos os bens que reclamava, embora não fossem seus, e além disso sofrer um ano de cativeiro.

Mark Broughes, inglês e dono de uma nave inglesa chamada de Minion, foi queimado numa cidade em Portugal.

William Hoker, um jovem de dezesseis anos, inglês, filho apedrejado até morrer por certos jovens da cidade de Sevilha, pela mesma justa causa.

Algumas atrocidades privadas da Inquisição, reveladas por um acontecimento singular

Quando a coroa da Espanha foi disputada por dois príncipes ao começo de nosso presente século, que pretendiam igualmente a soberania, França se pôs do lado de um dos reclamantes, e a Inglaterra do lado do outro.

O duque de Berwick, filho natural de Jacob II, que tinha abdicado da coroa da Inglaterra, mandava as forças espanholas e francesas, e derrotou os ingleses na celebre batalha de Almansa. O exército foi então dividido em duas partes: uma consistente de espanhóis e franceses, que comandava o duque de Berwick se dirigiu à Catalunha, e o segundo corpo, só de tropas francesas, comandado pelo duque de Orleans, se dirigiu à conquista de Aragão.

Ao aproximar-se as tropas da cidade de Zaragoza, os magistrados saíram a oferecer as chaves ao duque de Orleans; mas este disse-lhes altivamente que eles eram uns rebeldes, e que não aceitaria as chaves, porque tinha ordem de entrar na cidade por uma brecha.

Assim, fez a brecha na muralha com seu canhão, entrando por ela com todo seu exército. Quando estabeleceu sua ordem na cidade, foi embora para submeter outras cidades, deixando ali uma forte guarnição tanto para atemorizá-la como para defendê-la, sob o mando de seu tenente geral M. de Legal. Este cavalheiro, embora criado como católico-romano, estava totalmente livre de superstições; unia uns grandes talentos a seu grande valor, e era um oficial muito capaz, além de um cumprido gentleman.

Este duque, antes de partir, tinha ordenado que se impusessem pesadas contribuições à cidade, da seguinte maneira:

1. Que os magistrados e principais habitantes pagassem mil coroas por mês para a mesa do duque.

2. Que cada casa pagara uma pistola, o que daria uma suma de 18.000 pistolas mensais.

3. Que cada convento e mosteiro pagasse uma contribuição proporcional a suas riquezas e rendas.

4. Estas últimas duas contribuições seriam apropriadas para o mantimento do exército.

O dinheiro imposto aos magistrados e principais habitantes, e a cada casa, foi pago de imediato; mas quando os arrecadadores acudiram aos diretores dos conventos e dos mosteiros, acharam que os clérigos não estavam dispostos como os outros a dar seu dinheiro.

Estas eram as contribuições que devia aportar o clero:

O Colégio de Jesuítas devia pagar 2000 pistolas

Os Carmelitas: 1000

Os Agostinianos: 1000

Os Dominicanos: 1000

M. de Legal enviou aos Jesuítas uma ordem peremptória para que pagassem o dinheiro imediatamente. O superior dos Jesuítas deu por resposta que a petição de que o clero pagasse ao exército ia contra todas as imunidades eclesiásticas, e que não conhecia nenhum argumento que pudesse autorizar semelhante coisa. M. de Legal enviou então uma companhia de dragões que se aquartelaram no colégio, com esta sarcástica mensagem: "Para convencê-lo da necessidade de pagar o dinheiro, envio quatro argumentos poderosos a seu colégio, tirados do sistema da lógica militar; assim, espero que não me será preciso nenhuma admoestação adicional para dirigir sua conduta".

Estes procedimentos deixaram muito perplexos aos Jesuítas, os quais enviaram um correio à corte, ao confessor do rei, que era de sua ordem; mas os dragões se deram muita mais pressa em saquear e destruir que o correio em sua viagem, de modo que os Jesuítas, vendo que todo estava sendo destruído e arruinado, consideraram melhor ajeitar a questão de forma amistosa, e pagar o dinheiro antes do regresso do mensageiro. Os Agostinianos e Carmelitas, advertidos pelo sucedido aos Jesuítas, foram prudentes e pagaram, e deste modo escaparam à necessidade de realizar um estudo dos argumentos militares, e de receber um ensino de lógica por parte dos dragões.

Porém os Dominicanos, que eram todos familiares ou agentes dependentes da Inquisição, imaginaram que aquelas mesmas circunstâncias serviriam para protegê-los. Mas estavam errados, porque M. de Legal nem temia nem respeitava a Inquisição. O diretor dos Dominicanos lhe enviou uma mensagem dizendo-lhe que sua ordem era pobre, e que não tinham dinheiro algum com o qual pagar as contribuições. Dizia assim: "Toda a riqueza dos Dominicanos consiste só nas imagens de prata dos apóstolos e santos, de tamanho natural, que estão na igreja, e que seria sacrilégio retirar".

Esta insinuação tinha por objeto aterrar o comandante francês que, pensavam os inquisidores, não ousariam ser tão profanos como para desejar a possessão dos ricos ídolos.

Contudo, ele enviou aviso de que as imagens de prata seriam um admirável substituto do dinheiro, e que seriam mais úteis em sua possessão que em possessão dos Dominicanos. "Por' (dizia ele), enquanto os tendes da forma em que os tendes agora, estão em nichos, inúteis e imóveis, sem ser de proveito algum para a humanidade em geral, ou seque para vós outros; porém, quando estiverem em minhas mãos, serão úteis; os porei em movimento, porque tenho a intenção de acunhá-los, para que viagem como os apóstolos, sejam de benefício em lugares variados, e circulem para serviço universal da humanidade".

Os inquisidores ficaram atônitos ante este tratamento, que nunca esperavam receber, nem sequer de cabeças coroadas; por isso, decidiram entregar suas preciosas imagens em solene procissão, para levantar o povo numa insurreição. Assim, os frades receberam ordem de dirigir-se à casa de Legal com os apóstolos e santos de prata com vozes de lamentações, com círios acesos em suas mãos, e clamando amargamente por todo o caminho, dizendo: "Heresia, heresia!".

M. de Legal, ao saber de este modo de agir, ordenou que quatro companhias de granadeiros se alinhassem pela rua que conduzia a sua casa; ordenou a cada granadeiro que tivesse seu mosquete carregado numa mão e um círio aceso na outra, de modo que as tropas pudessem tanto repelir a força com a força, ou render as honras à farsa.

Os frades fizeram tudo o possível para suscitar um tumulto, mas o comum do povo tinha demasiado medo às tropas armadas para obedecê-lhes. Por isso, as imagens de prata foram entregues a M. de Legal, quem as enviou à Casa da Moeda, para serem acunhadas de imediato.

Tendo fracassado a tentativa de levantar uma insurreição, os inquisidores decidiram excomungar a M. de Legal, a não ser que liberasse de seu encarceramento na casa da moeda os preciosos santos de prata antes que fossem fundidos ou mutilados de qualquer outra forma. O comandante francês recusou de vez a liberar as imagens, dizendo que iriam logo viajar e realizar o bem; ante isto, os inquisidores redigiram um documento de excomunhão, ordenando ao secretário que fosse a lê-lo a M. de Legal.

O secretário executou fielmente seu encargo, e leu a excomunhão de maneira clara e compreensível. O comandante francês a escutou com grande paciência, e cortesmente disse ao secretário que daria sua resposta no dia seguinte.

Quando o secretário da Inquisição houve ido embora, M. de Legal ordenou a seu secretário que preparasse um documento de

excomunhão exatamente igual ao enviado pela Inquisição, mas fazendo esta alteração: em lugar de seu nome, que colocasse os dos inquisidores.

Na manhã seguinte ordenou a quatro regimentos que se armassem, e ordenou que acompanhassem a seu secretário, e que agissem como ele ordenasse.

O secretário foi até a Inquisição, e insistiu em ser admitido, o qual, depois de muitas discussões, foi-lhe concedido. Tão pronto como entrou, leu, em voz audível, a excomunhão enviada por M. de Legal contra os inquisidores. Os inquisidores estavam todos presentes, e a ouviram atônitos; nunca antes tinham achado um indivíduo que ousara agir de forma tão atrevida. Clamaram a gritos contra M. de Legal como herege, e disseram: "Este é um insulto demasiado ousado contra a fé católica". Mas, para maior surpresa, o secretário francês respondeu que deveriam saírem de sua atual morada;pois o comandante francês queria aquartelar suas tropas na Inquisição, sendo que era o lugar mais cômodo de toda a cidade.

Os inquisidores clamaram a gritos por isto, e o secretário os colocou então sob uma forte custodia, e os enviou ao lugar que M. de Legar havia preparado para eles. Os inquisidores, ao verem como marchavam as coisas, rogaram que lhes fosse permitido tomar suas possessões pessoais, o que lhes foi concedido; se dirigiram então a Madri, onde se queixaram amargamente ante o rei. Mas o monarca lhes disse que ele não podia dar-lhes satisfação alguma, porque as injúrias que tinham recebido eram das tropas de seu avô, o rei da França. E era somente pela ajuda delas que ele podia ficar firmemente estabelecido em seu reino. "Si tiverem sido minhas próprias tropa, as teria castigado, porém, sendo as coisas como são, não posso pretender exercer autoridade alguma".

Enquanto isso, o secretário de M. de Legal tinha aberto todas as portas da Inquisição, e liberado os presos, que eram por volta de quatrocentos, e entre este havia setenta formosas jovens, que resultaram ser um harém dos três principais inquisidores.

Este descobrimento, que deixou exposta tão abertamente a perversidade dos inquisidores, alarmou muito o arcebispo, que pediu a M. de Legal que enviasse as mulheres a seu palácio, onde ele cuidaria apropriadamente delas; ao mesmo tempo publicou uma censura eclesiástica em contra de todos os que ridicularizaram ou censuraram o santo ofício da Inquisição.

O comandante francês enviou recado ao arcebispo dizendo-lhe que os presos tinham fugido, ou que estavam tão firmemente escondidos por seus amigos ou inclusive por seus próprios oficiais, que lhe era impossível recuperá-los; e que tendo a Inquisição cometido tais atrocidades, agora deveria suportar sua exibição pública.

Alguns podem sugerir que é coisa estranha que as cabeças coroadas e que os eminentes nobres não tentassem esmagar o poder da Inquisição, e reduzir a autoridade daqueles tiranos eclesiásticos, de cujas fauces implacáveis não estavam seguros nem suas famílias nem eles mesmos.

Mas, por assombroso que seja, a superstição tinha sempre prevalecido neste caso contra o sentido comum, e o costume tinha operado contra a razão. Naturalmente, houve um príncipe que tratou de reduzir a autoridade da Inquisição, mas perdeu sua vida antes de ser rei, e portanto antes de ter poder para fazê-lo, porque a simples sugestão de sua intenção serviu para sua destruição.

Este era o muito gentil príncipe don Carlos, filho de Felipe II, rei da Espanha, e neto do célebre imperador Carlos V. don Carlos possuía todas as boas qualidades de seu avô, sem nenhuma das más de seu pai, e era um príncipe de grande vivacidade, grande erudição e do caráter mais gentil. Tinha o suficiente sentido comum para poder ver os erros do papado, e aborrecia o nome mesmo da Inquisição. Se manifestou em público em contra desta instituição, ridicularizava a afetada piedade dos inquisidores, fez o que pôde por denunciar suas atrozes ações, e inclusive declarou que se alguma vez acedia à coroa, aboliria a Inquisição e exterminaria seus agentes.

Isto foi suficiente para irritar os inquisidores contra o príncipe; dedicaram suas mentes a idear uma vingança, e decidiram destruí-lo.

Os inquisidores empregaram agora todos seus agentes e emissários para espargir as mais arteiras insinuações contra o príncipe, e no final suscitaram tal espírito de descontento entre o povo que o rei se viu obrigado a enviar a Don Carlos fora da corte. Não contentes com isto, perseguiram inclusive os amigos, e obrigaram também ao rei a desterrar a Don Juan, duque da Áustria, seu próprio irmão, e portanto tio do príncipe; junto com o príncipe de Parma, sobrinho do rei e primo do príncipe, porque sabiam bem que tanto o duque de Áustria como o príncipe de Parma sentiam uma adesão sincera e inviolável para Don Carlos.

Poucos anos depois, ao ter mostrado o príncipe uma grande suavidade e favor para com os protestantes nos Países Baixos, a Inquisição protestou estrondosamente contra ele, declarando que, já que aquelas pessoas eram hereges, o príncipe necessariamente devia de ser um deles, porque os favorecia. Em resumo, alcançaram tanta influência sobre a mente do rei, tão totalmente escravizado sob a superstição que, por assombroso que pareça sacrificou os sentimentos da natureza ao fanatismo e, por medo de incorrer na ira da Inquisição, entregou seu único filho, assinando ele mesmo sua sentença de morte.

O príncipe, naturalmente, teve o que se chamava de uma indulgência; isto é, foi-lhe permitido escolher ele mesmo que morte

desejava padecer. Ao modo romano, o desafortunado jovem herói escolheu o sangramento e banho quente. Quando lhe foram abertas as veias dos braços e das pernas, expirou gradativamente, caindo mártir da malícia dos inquisidores, e do estúpido fanatismo de seu pai.

A perseguição do doutor Egídio

O doutor Egídio tinha sido educado na universidade de Alcalá, onde recebeu vários títulos, e se aplicou de forma particular ao estudo das Sagradas Escrituras, e da teologia escolástica. Quando morreu o professor de teologia, ele foi escolhido para assumir seu lugar, e agiu para tal satisfação de todos que sua reputação de erudição e piedade se estendeu por toda Europa.

Egídio, contudo, tinha seus inimigos, e estes se queixaram dele ante a Inquisição, e assim lê enviaram uma citação e, quando compareceu, o lançaram no calabouço.

Como a maioria dos que pertenciam à igreja catedral de Sevilha, e muitas pessoas que pertenciam ao bispado de Dortois, aprovavam totalmente as doutrinas de Egídio, que consideravam perfeitamente coerentes com a verdadeira religião, fizeram uma petição ao imperador em seu favor. Embora o monarca tinha sido educado como católico-romano, tinha demasiado sentido comum para ser um fanático, e por isso enviou de imediato uma ordem para que fosse liberado.

Pouco depois visitou a igreja de Valladolid, e fez tudo a seu alcance para promover a causa da religião. Voltando a sua casa, pouco depois adoeceu e morreu na mais extrema velhice.

Tendo-se visto frustrados os inquisidores em satisfazer sua malícia contra ele enquanto vivia, decidiram (enquanto todos os pensamentos do imperador estavam dirigidos a uma campanha militar) lançar sua vingança contra ele já morto. Assim, pouco tempo depois de sua morte ordenaram que seus restos fossem exumados, e se empreendeu um processo legal, no qual foram condenados a serem queimados, o qual foi executado.

A perseguição do doutor Constantino

O doutor Constantino era um amigo íntimo do já mencionado doutor Egídio, e era um homem de capacidades naturais fora do comum e de profunda erudição. Além de conhecer várias línguas modernas, estava familiarizado com as línguas latina, grega e hebraica, e não só conhecia bem as ciências chamadas abstratas, senão também as artes que se denominam como literatura amena.

Sua eloqüência o fazia prazeroso, e a retidão de sua doutrina o fazia um predicador proveitoso; e era tão popular que nunca predicava sem multidões a ouvi-lo. Teve muitas oportunidades para escalar na Igreja, mas nunca quis aproveitá-las. Se lhe eram oferecidas rendas maiores

da que tinha, recusava, dizendo: "Estou satisfeito com o que tenho", e com freqüência predicava tão duramente contra a simonia [6] que muitos de seus superiores, que não eram tão estritos acerca desta questão, estavam em contra de suas doutrinas por esta questão.

Tendo ficado plenamente confirmado no protestantismo pelo doutor Egídio, predicava abertamente só aquelas doutrinas que se conformavam à pureza do Evangelho, sem as contaminações dos erros que em várias eras se infiltraram na Igreja Romana. Por esta razão tinha muitos inimigos entre os católico-romanos, e alguns deles estavam totalmente dedicados a destruí-lo.

Um digno cavalheiro chamado Scobaria, que tinha fundado uma escola para aulas de teologia, designou ao doutor Constantino para que fosse professor nela. De imediato empreendeu a tarefa, e leu conferencias, por seções, acerca de Provérbios, Eclesiastes e do Cântico dos Cânticos; começava a expor o livro de Jó quando foi apreendido pelos inquisidores.

O doutor Constantino tinha depositado vários livros com uma mulher chamada Isabel Martin, livros muito valiosos para ele, mas que sabia que para a Inquisição eram perniciosos.

Esta mulher, denunciada como protestante, foi apreendida e, depois de um breve processo, se ordenou a confiscação de seus bens. Mas antes que os oficiais chegassem em sua casa, o filho da mulher tinha feito tirar vários baús cheios dos artigos mais valiosos, e entre eles estavam os livros do doutor Constantino.

Um criado traidor deu a conhecer isto aos inquisidores, e enviaram um oficial para exigir os baús. O filho, achando que o oficial somente queria os livros de Constantino, disse: "Sei o que procura, e vou entregá-lo de imediato". Então lhe deu os livros e papeis do doutor Constantino, ficando o oficial muito surpreendido ao encontrar algo que não se esperava. Contudo, disse ao jovem que estava feliz de que lhe entregasse esses livros e papeis, mas que tinha, não obstante, que cumprir a missão que tinham-lhe encomendado, que era levá-lo a ele e os bens que tinha roubado dos inquisidores, o que fez de imediato; o jovem bem sabia que seria em vão protestar ou resistir-se, e por isso se submeteu a sua sorte.

Os inquisidores, em possessão dos livros e escritos de Constantino, tinham agora material suficiente para apresentar cargos em sua contra. Quando foi chamado a um interrogatório, lhe apresentaram um de seus papeis, perguntando-lhe se conhecia de quem era a escritura. percebendo que era tudo seu, supus o acontecido, confessou o escrito, e justificou a doutrina nele contida, dizendo: nisto ou em nenhum outro

---

[6] **Simonia** (de Simão o Mágico, personagem do Novo Testamento): compra ou venda de coisas espirituais, ou de coisas temporais, inseparavelmente unidas às espirituais (Enciclopédia Encarta de Microsoft) (N. da T.).

de meus escritos tenho-me afastado jamais da verdade do Evangelho, senão que sempre levei em conta os puros preceitos de Cristo, tal como Ele os entregou à humanidade.

Depois de uma estância de mais de dois anos no cárcere, o doutor Constantino foi vítima de uma doença que lhe provocou uma hemorragia, pondo fim a suas misérias neste mundo. Mas o processo foi concluído contra seu corpo, que foi queimado publicamente no seguinte auto de fé.

A vida de William Gardiner

Qilliam Gardiner nasceu em Bristol, recebeu uma educação tolerável, e foi, numa idade apropriada, colocado sob os cuidados de um mercador chamado Paget.

Na idade de vinte e seis anos foi enviado, por seu amo, a Lisboa, para operar como feitor. Aqui se aplicou ao estudo do português, exerceu sua atividade com eficácia e diligência, e se comportou com a mais atraente amabilidade com todas as pessoas, por pouco que as conhecesse. Mantinha maio relação com uns poucos que conhecia como zelosos protestantes, evitando ao mesmo tempo com grande cuidado dar a mais mínima ofensa aos católico-romanos. Contudo, nunca havia assistido a nenhuma das igrejas papistas.

Tendo-se concertado o matrimônio entre o filho do rei de Portugal e a Infanta de Espanha, no dia do casamento o noivo, a noiva e toda a corte assistiram à igreja catedral, concorrida por multidões de todo nível, e entre o resto William Gardiner, que esteve presente durante a cerimônia, e ficou profundamente abalado pelas superstições que contemplou.

O errôneo culto que tinha assistido se mantinha constante em sua mente; se sentia infeliz ao ver todo um país afundado em tal idolatria, quando se poderia ter facilmente a verdade do Evangelho. Por isso, tomou a decisão, louvável, porém desconsiderada, de executar uma reforma no Portugal, ou morrer na tentativa, e decidiu sacrificar sua prudência a seu zelo, ainda que chegasse a ser mártir por isso.

Para este fim concluiu todos seus assuntos mundanos, pagou todas suas dívidas, fechou seus livros e consignou sua mercadoria. No domingo seguinte se dirigiu de novo à igreja catedral, com um Novo Testamento em sua mão, e se dispus perto do altar.

Pronto apareceram o rei e a corte, e um cardeal começou a dizer Missa; naquela parte da cerimônia na que o povo adora a hóstia, Gardiner não pôde conter-se, mas pulando sobre o cardeal, pegou a hóstia de suas mãos e a pisoteou.

Esta ação deixou atônita a toda a congregação, e uma pessoa, empunhando uma adaga, feriu a Gardiner no ombro e o teria matado, assestando-lhe outra punhalada, se o rei não o tivesse feito desistir.

Levado Gardiner perante o rei, este lhe perguntou quem era, ao qual respondeu: "Sou inglês de nascimento, protestante de religião, e mercador de profissão. O que fiz não é por menosprezo a vossa régia pessoa; Deus não queira, senão por uma honrada indignação ao ver as ridículas superstições e torpes idolatrias que aqui se praticam".

O rei, achando que teria sido induzido a este ato por alguma outra pessoa, lhe perguntou quem o havia levado a fazer aquilo, ao que ele replicou: "Só a minha consciência. Não teria arriscado a minha vida deste modo por nenhum homem vivo, senão que devo este e todos meus outros serviços a Deus".

Gardiner foi mandado à prisão, e se emitiu uma ordem para apreender todos os ingleses em Lisboa. Esta ordem foi cumprida em grande medida (uns poucos escaparam), e muitas pessoas inocentes foram torturadas para fazê-las confessar se sabiam algo acerca do assunto. De forma particular, um homem que vivia na mesma casa que Gardiner foi tratado com uma brutalidade sem paralelo para fazê-lo confessar algo que lançasse algo de luz sobre esta questão.

O próprio Gardiner foi depois torturado da forma mais terrível, mas em meio de seus tormentos se gloriava em sua ação. Sentenciado a morte, se acendeu uma grande fogueira perto de um patíbulo. Gardiner foi subido ao patíbulo mediante polias, e logo descido perto do fogo, mas sem chegar a tocá-lo; deste modo o queimara ou, melhor falando, o assaram a fogo lento. Mas suportou seus sofrimentos pacientemente, e entregou animadamente sua alma ao Senhor.

Devemos observar aqui que algumas das faíscam que foram arrastadas do fogo que consumiu a Gardiner por meio do vento, queimaram um dos barcos de guerra do rei, e causaram consideráveis danos. Os ingleses que foram detidos nesta ocasião foram todos libertados pouco depois da morte de Gardiner, exceto o homem que morava na mesma casa que ele, quem ficou detido por dois anos antes de lograr sua liberdade.

Relato da vida e sofrimentos do senhor William Lithgow, natural da Escócia

Este cavalheiro descia de boa família e, tendo inclinação para as viagens, visitou, muito jovem, as ilhas do norte e do ocidente. Depois disto visitou a França, Alemanha, Suíça e a Espanha. Empreendeu suas viagens no mês de março de 1609, e o primeiro lugar aonde se dirigiu foi Paris, onde permaneceu por certo tempo. Depois prosseguiu suas viagens por Alemanha e outros lugares, até chegar finalmente a Málaga, na Espanha, o lugar de todas suas desgraças.

Durante sua estância ali, contratou com o dono de um barco uma passagem para Alexandria, porém se viu impedido de partir pelas seguintes circunstâncias: ao final da tarde do dezessete de outubro de

1620, a frota inglesa, que naqueles tempos estava em luta contra os piratas argelinos, foi ancorar frente à Málaga. Isto provocou a consternação da gente da cidade, que imaginaram serem os turcos. Mas pela manhã se descobriu o erro, e o governador de Málaga, percebendo a cruz da Inglaterra em suas bandeiras, foi a bordo da nave de Sir Robert Mansel, o comandante daquela expedição, e depois de permanecer certo tempo a bordo voltou a terra, e acalmou os temores das pessoas.

No dia seguinte, muitas pessoas da frota desceram a terra. Entre eles havia vários bons conhecidos do senhor Lithgow, que, depois de recíprocas saudações, passaram alguns dias em festejos e diversões na cidade. Depois convidaram o senhor Lithgow a subir a bordo e apresentar seus respeitos ao almirante. Aceitou ele o convite, foi amavelmente recebido por ele, e ficou até o dia seguinte, quando a frota partia. O almirante teria levado consigo de boa vontade o senhor Lithgow até o Argel, mas ao saber que ele tinha já contratado sua passagem para Alexandria, e tendo sua equipagem na cidade, não pôde aceitar o oferecimento.

Assim que o senhor Lithgow desceu a terra, dirigiu-se a seu alojamento por um caminho privado (naquela mesma noite iria embarcar rumo a Alexandria) quando, ao passar por uma estreita rua desabitada, encontrou-se de repente rodeado por nove oficiais, que lhe lançaram acima um manto preto, e o conduziram pela força à casa do governador. Depois de pouco tempo apareceu o governador, e o senhor Lithgow lhe rogou intensamente que o informasse da causa de um tratamento tão violento. O governador só respondeu com uma sacudida de cabeça, e deu ordem de vigiar estreitamente o prisioneiro até que ele voltasse de suas devoções. Ao mesmo tempo, deu ordem de que o capitão da cidade, o alcaide maior e o notário da cidade comparecessem ao interrogatório, e que tudo isto tiver lugar no maior dos segredos, para impedir que tivessem conhecimento disso os mercadores ingleses que então residiam na cidade.

Estas ordens foram estritamente cumpridas, e ao voltar o governador, sentou-se com os funcionários e o senhor Lithgow foi trazido para o interrogatório. O governador começou fazendo várias perguntas, como de que país procedia, aonde se dirigia e quanto tempo tinha estado na Espanha. O preso, depois de responder a estas e outras perguntas, foi levado a um quarto onde, depois de pouco tempo, foi visitado pelo capitão da cidade, quem lhe perguntou se tinha estado alguma vez em Sevilha, ou se havia chegado de lá fazia pouco tempo; e dando-lhe uma palmada na face com ar de amizade, o conjurou a dizer a verdade, "porque (disse) tua mesma cara revela que há algo escondido em tua mente, e a prudência deveria levar-te a revelá-lo". Não obstante, vendo que não conseguir obter nada do

preso, o deixou, e informou disso ao governador e os outros funcionários. A isto o senhor Lithgow foi trazido diante deles, e apresentaram uma acusação geral contra eles, e foi obrigado a jurar que daria respostas verazes às perguntas que lhe fizeram.

O governador passou a indagar acerca do comandante inglês, e a opinião do preso acerca de quais eram os motivos que o impediram de aceitar um convite seu de acudir a terra. Pediu, também, os nomes dos capitães ingleses na frota, e que conhecimento tinha ele do embarque ou preparação para o mesmo, antes de sua partida da Inglaterra. As respostas dadas às várias perguntas foram registradas por escrito diante do notário; mas aqueles conspiradores pareciam surpreendidos ante a negativa de saber nada acerca da preparação da frota, em particular o governador, quem disse que mentia; que era um traidor e espião, e tinha vindo diretamente da Inglaterra para favorecer e ajudar os desígnios projetados contra a Espanha, e que para isso tinha passado nove meses em Sevilha, a fim de conseguir informação acerca do tempo da chegada da frota espanhola procedente das Índias. Protestaram acerca de sua familiaridade com os oficiais da frota, e com muitos dos outros cavalheiros ingleses, sendo que tinham existido entre eles muitas cortesias fora do usual, mas que tudo isto tinha sido cuidadosamente vigiado.

Além de sumariá-lo tudo, e para deixar as coisas além da dúvida, disseram que vinha de um conselho de guerra, celebrado naquela manhã a bordo do navio almirante, a fim de executar as ordens que lhe haviam encomendado. O inculparam de ser cúmplice na queima da ilha de santo Tomás, nas Antilhas. "Por isto (disseram), a estes luteranos e filhos do diabo não se devia dar crédito algum do que dizem ou juram".

Em vão tentou o senhor Lithgow defender-se das acusações que lhe faziam, e fazer com que os juízes acreditassem nele, tão cheio de prejuízos estavam. Pediu permissão para que lhe enviassem sua bolsa, que continha seus papeis, e que poderia demonstrar sua inocência. A esta petição acederam, achando que poderiam descobrir algumas coisas que desconheciam. Trouxeram, pois, a bolsa e, abrindo-a, acharam uma licencia do rei Tiago I, com sua assinatura, estabelecendo a intenção do portador de viajar ao Egito; isto o trataram os altaneiros espanhóis com grande menosprezo. Os outros papéis consistiam em passaportes, testemunhos, etc., de pessoas de categoria. Mas todas estas credenciais só pareceram confirmar, em lugar de diminuir, as suspeitas destes juízes cheios de prejuízos, que, depois de fazer-se com todos os papéis do prisioneiro, lhe ordenaram que se retirasse novamente.

Nesse entretempo mantiveram consultas para decidir onde devia ser encerrado o preso. O alcaide, o juiz principal, estava a favor de encerrá-lo no cárcere da cidade; mas a isto objetaram, em especial o

corregedor, que disse, em espanhol: "A fim de impedir que seus compatriotas saibam de seu encerro, tomarei isto em minhas mãos, e ficarei responsável pelas conseqüências"; a isto se acordou que fosse encarcerado na casa do governador com o maior sigilo.

Decidido isto, um dos oficiais foi ao senhor Lithgow, pedindo-lhe que lhe entregasse seu dinheiro, e que se deixasse registrar. Como era inútil resistir, o preso deveu aceder; depois o oficial (após tirar de seus bolsos onze ducados) o deixou em camisa; e procurando em suas calcas, achou, dentro do cinto, duas sacolas de tecido, que continham cinto e trinta e sete peças de ouro. O oficial levou de imediato este dinheiro ao corregedor quem, depois de tê-lo contado, ordenou que o prisioneiro fosse vestido e encerrado até depois do jantar.

Por volta da meia-noite, o oficial e dois escravos turcos tiraram o senhor Lithgow de seu encerro, mas só para introduzi-lo em outro muito mais temível. O levaram através de vários corredores até uma estância na parte mais remota do palácio, até o jardim, onde o acorrentaram, e estenderam suas pernas por meio de uma barra de ferro de aproximadamente uns noventa centímetros de comprimento, cujo peso era tal que não podia ficar em pé nem sentar-se, senão que estava obrigado a ficar continuamente de costas. O deixaram nesta condição durante um certo tempo, voltando depois com um refrigério que consistia em aproximadamente meio quilograma de cordeiro fervido e pão, junto com uma pequena quantidade de vinho, o qual não só foi o primeiro, senão o melhor e último deste tipo durante sua prisão neste lugar. Depois de dar-lhe estes alimentos, o oficial fechou a porta, e deixou o senhor Lithgow sumido em suas próprias meditações.

No dia seguinte recebeu uma visita do governador, quem lhe prometeu sua liberdade, com muitas outras vantagens, se confessar-se espia; mas ao protestar ele de sua total inocência, o governador saiu enfurecido, dizendo que "Não o veria mais até que adicionais tormentos o levassem a confessar", e ordenando o guarda para não permitir que ninguém tivesse acesso a ele nem comunicação alguma; que seu sustento não excedesse as oitenta gramas de pão bolorento e meio litro de água a cada dois dias; que não lhe for permitida nem cama, nem travesseiro, nem cobertor. "Fechai esta fenda em sua estância com cal e pedra, obturai as brechas da porta com duplos tapetes; que não tenha nada que lhe dê a mais mínima comodidade". Estas e outras ordens de parecida dureza foram dadas para fazer que fosse impossível que ninguém da nação inglesa soubesse de sua condição.

Neste miserável e deprimente estado permaneceu vários dias o coitado Lithgow, sem ver ninguém, até que o governador recebeu resposta de Madri a uma carta que tinha escrito acerca do preso; e, seguindo as instruções recebidas, pus em prática as crueldades tramadas, que foram aceleradas, porque se aproximavam os dias

santos do Natal, sendo já o dia quadragésimo sétimo desde seu encarceramento.

Por volta das duas da madrugada, ouviu barulho de uma carruagem na rua, e alguém que abria as portas de sua prisão, onde não tinha podido dormir durante duas noites; a fome, a dor e os deprimentes pensamentos tinham-lhe impedido repouso algum.

Pouco depois de abertas as portas da prisão, os nove oficiais que o haviam detido a primeira vez entraram no lugar onde jazia e, sem dizer palavra, o levaram com suas correntes através da casa e da rua, onde o esperava uma carruagem, no qual o depositaram tendido de costas, por não poder sentar-se. Dois dos oficiais foram com ele, e o resto foi andando junto da carruagem, mas todos observaram o mais profundo silêncio. Foram até o edifício com um lagar, a um quilômetro e meio da cidade, aproximadamente, onde o tinham levado em segredo, antes, a um potro de tortura; ali o encerraram aquela noite.

No dia seguinte, ao amanhecer, chegaram o governador e o alcaide, em cuja presença o senhor Lithgow teve de sofrer um outro interrogatório. O preso pediu um intérprete, o que lhe era permitido aos estrangeiros, segundo a lei do país, mas foi-lhe recusado, e não lhe permitiram apelar a Madri, à corte suprema de justiça. Depois de um longo interrogatório, que durou desde a manhã até a noite, apareceu em todas as respostas uma conformidade tão estreita com o que já tinha falado antes, que disseram que havia aprendido as respostas de cor, não cometendo a mais mínima contradição. Não obstante, o pressionaram mais uma vez a fazer uma longa confissão; isto é, a se acusar a si mesmo de crimes que jamais tinha cometido, e o governador agregou: "Continua você estando em meu poder; posso dá-lhe a liberdade se colaborar; caso contrário, deverei entregá-lo ao alcaide". Ao persistir o senhor Lithgow em sua inocência, o governador ordenou ao notário que redigisse uma ordem para entregá-lo ao alcaide a fim de ser torturado.

Como conseqüência disto, foi levado pelos oficiais até o final de uma galeria de pedra, onde estava o potro de tortura. O algoz tirou-lhe de imediato os ferros, o que provocou profundas dores, tendo sido colocados os pregos tão perto da carne que o martelo desgarrou uns dez centímetros de seu talão ao romper o prego; esta dor, junto com sua debilidade (não tinha comido nada em três dias) o fez gemer amargamente, ao que o implacável alcaide disse: "Vilão, traidor, isto é só uma amostra do que vás sofrer!".

Quando tiraram os ferros, caiu sobre seus joelhos, pronunciando uma curta oração, pedindo a Deus que o ajudasse a ficar firme, e a sofrer com valor a terrível prova com que iria encontrar-se. Sentados o alcaide e o notário em cadeiras, ele foi completamente despido e colocado no potro do tormento, sendo o ofício destes cavalheiros serem

testemunhas das torturas sofridas pelo delinqüente, e pôr por escrito suas confissões.

É impossível descrever as várias torturas que lhe aplicaram. Será suficiente com dizer que esteve tendido no potro durante cinco horas, durante as quais recebeu por volta de sessenta torturas da mais infernal natureza; e que se tiverem continuado por mais alguns minutos, teria morrido inevitavelmente.

Satisfeitos por enquanto estes cruéis perseguidores, o preso foi tirado do potro e, depois de colocá-lhe novamente os ferros, o conduziram a sua anterior masmorra, sem receber outro alimento que um pouco de vinho quente, que foi-lhe dado antes para impedir que morresse, e para preservá-lo para futuros tormentos, que por nenhum princípio de caridade ou de compaixão.

Como confirmação disto, se deram ordens para que uma carruagem passasse a cada manhã, antes de sair o dia, junto da prisão, para que o barulho suscitasse renovados temores e alarmes ao infeliz cativo, e que o privaram de toda possibilidade de obter o mais mínimo repouso.

Seguiu nesta horrenda situação, quase morrendo por falta dos necessários alimentos para conservar sua mísera existência, até o dia de Natal, em que recebeu um pouco de alívio da mão de Mariana, a dama de companhia da esposa do governador, quem lhe levou um refrigério consistente em mel, açúcar, passas de uvas e outros artigos; e tão afetada ficou ante sua situação que chorou amargamente, e ao sair expressou a maior preocupação ao não poder resultar de maior ajuda.

Nesta abominável prisão ficou o coitado senhor Lithgow até ser quase devorado pelos insetos. Passavam sobre sua barba, seus lábios, suas sobrancelhas, etc., de modo que apenas podia abrir os olhos; e este tormento era aumentado ao não poder usar suas mãos e pés para defender-se deles, ao estar tão horrivelmente aleijado pelas torturas sofridas. Tal era a crueldade do governador que inclusive ordenou que lançassem mais desses animais sobre ele duas vezes a cada semana. Contudo, obteve alguma mitigação desta parte do castigo graças à humanidade de um escravo turco que o assistia e que, quando podia fazê-lo sem perigo, destruía os bichos e ajudava em tudo que podia para oferecer algum refrigério àqueles que estava em seu poder.

Por este escravo recebeu o senhor Lithgow informação que lhe deu bem pouca esperança de ser alguma vez liberado, senão que, ao contrário, iria acabar sua vida sob novas torturas. A essência desta informação era que um sacerdote de um seminário inglês e um fabricante de tonéis escocês tinham sido empregados por algum tempo pelo governador para traduzir todos seus livros e observações do inglês à língua espanhola; e que se dizia abertamente dele na casa do governador que era um super-herege.

Esta informação o alarmou sumamente, e começou, não sem razão, a temer que pronto acabariam com ele, e tanto mais quanto que não haviam conseguido, nem com a tortura nem com outros médios, fazer com que ele variasse nem um pouco em tudo quanto tinha falado durante seus diversos interrogatórios.

Dois dias depois de ter recebido esta informação, o governador, um inquisidor e um sacerdote canônico, acompanhados por dois jesuítas, entraram em sua masmorra e, uma vez sentados, e depois de várias perguntas sem substância, o inquisidor perguntou ao senhor Lithgow se era católico-romano, e se reconhecia a supremacia do Papa. Ele respondeu que nem era o primeiro nem admitia o segundo, agregando que o surpreendiam semelhantes perguntas, por quanto estava estipulado de maneira expressa nos artigos de paz entre a Inglaterra e a Espanha que nenhum dos súbditos ingleses estava sujeito à Inquisição, e que não poderiam ser de modo algum incomodados devido a diferenças de religião, etc. na amargura de sua alma fez uso de algumas expressões ardorosas não apropriadas para suas circunstâncias: "Da mesma maneira que quase me tendes assassinado por pretendida traição, assim agora quereis fazer-me mártir por minha religião". Também acusou o governador de agir de ma fé contra o rei da Inglaterra (cujo súbdito era ele), esquecendo a régia humanidade exercida para com os espanhóis em 1588, quando sua armada tinha naufragado frente à costa escocesa, e milhares de espanhóis acharam socorro, quando de outro modo teriam perecido miseravelmente.

O governador admitiu a verdade do falado pelo senhor Lithgow, mas respondeu altivamente que o rei, que então só reinava sobre a Escócia, foi motivado mais por temor que por amor, e que por isso não merecia gratidão alguma. Um dos jesuítas disse que não se devia guardar fé alguma aos hereges. Depois o inquisidor, levantando-se, se dirigiu ao senhor Lithgow com estas palavras: "Você foi apreendido como espia, acusado de traição, e torturado, como reconhecemos, sendo inocente (isto, ao que parece, referindo-se à informação posterior recebida em Madri acerca das intenções dos ingleses), mas tem sido o poder divino quem trouxe estes juízos sobre você, por agir presunçosamente contra o bendito milagre de Loreto, ridicularizando-o, e expressar-se em seus escritos de forma irreverente acerca de Sua Santidade, o grande agente e vicário de Cristo sobre a terra; e seus livros e papéis foram miraculosamente traduzidos pela ajuda da Providência que influencia teus próprios compatriotas".

Ao finalizar esta comedia legal, deram ao prisioneiro oito dias para considerar e resolver se iria converter-se à religião deles, tempo durante o qual, disse-lhe o inquisidor, ele mesmo, com outras ordens religiosas, o assistiria, para ajudá-lo nisso conforme ele desejar. Um dos jesuítas disse (fazendo primeiro o sinal da cruz sobre seu peito):

"Filho meu, mereces ser queimado vivo; mas pela graça de nossa Senhora de Loreto, da qual tu blasfemaste, salvaremos tanto tua alma como teu corpo".

Pela manhã voltou o inquisidor, com outros três clérigos, e o primeiro perguntou quais eram as dificuldades em sua consciência que retardavam sua conversão. A isto respondeu ele que "não tinha dúvidas em sua mente, estando confiado nas promessas de Cristo, e acreditando com total certeza em sua vontade revelada dada nos Evangelhos, como o professa a Igreja Católica reformada, estando confirmado na graça, e tendo disso a certeza infalível da fé cristã". A isto o inquisidor respondeu: "Tu não és cristão, mas um absurdo herege, e sem conversão, um filho da perdição". O preso contestou que não pertencia à natureza e essência da religião e da caridade convencer por meio de palavras insultantes, de potros e de tormentos, senão por argumentos tomados das Escrituras; e que todos os outros métodos seriam totalmente ineficazes.

O inquisidor se enfureceu de tal modo ante as respostas do preso que o esbofeteou no rosto, empregando muitas palavras insultantes, e tentou apunhalá-lo, o que certamente teria feito se não o tiverem impedido os jesuítas; e desde este momento já ninguém visitou o preso.

No dia seguinte voltaram os dois jesuítas, com ar muito grave e solene, e o superior lhe perguntou que resolução tinha adotado. A isto o senhor Lithgow contestou que ele já havia tomado sua resolução, a não ser que pudessem dar-lhe razões de peso para fazê-lo mudar de posição. O superior, depois de uma pedante exposição de seus sete sacramentos, da intercessão dos santos, da transubstanciação, etc., se vangloriou enormemente de sua Igreja, de sua antigüidade, universalidade e uniformidade, coisas todas que o senhor Lithgow negou: "Porque a profissão de fé que eu sustento tem existido desde os dias dos apóstolos, e Cristo sempre teve sua própria Igreja (por muito obscuramente que fosse) no tempo de vossas trevas mais espessas".

Os jesuítas, vendo que seus argumentos não faziam o efeito desejado, que os tormentos não podia sacudir sua constância, e nem sequer o temor da cruel sentença que tinha todas as razões para esperar seria pronunciada e executada contra ele, o deixaram, depois de fazê-lhe graves ameaças. No oitavo dia, o último de sua Inquisição, quando se pronuncia a sentença, voltaram, mas muito mudados em suas palavras e conduta depois de repetir muito os mesmos argumentos mencionados anteriormente; pretenderam, com aparentes lágrimas nos olhos, que sentiam de coração que se visse obrigado a sofrer uma morte terrível, mas sobre tudo, pela perda de sua preciosissima alma; e, caindo de joelhos, clamaram: "Converte-te,

converte-te, querido irmão, por amor de nossa bendita Senhora, converte-te".

A isto ele respondeu: "Não temo nem a morte nem a fogueira; estou pronto para as duas coisas".

Os primeiros efeitos que sofreu o senhor Lithgow da decisão deste sanguinário tribunal foi uma sentença para sofrer naquela noite onze torturas, e que se não morrer no curso de sua aplicação (o que era de se esperar razoavelmente, pelo mutilado e torturado que estava), seria, depois das festas da Páscoa, levado a Granada, para ser ali queimado até reduzir a cinzas. A primeira parte desta sentença foi executada naquela noite de forma bárbara; porém quis Deus dar-lhe força tanto de corpo como de mente, e manter-se firme na verdade, e sobreviver aos horrendos castigos que lhe foram infligidos.

Depois que os bárbaros aqueles se tiverem dado por satisfeitos por enquanto aplicando ao infeliz preso as mais refinadas crueldades, voltaram a colocá-lhe os ferros, e o devolveram a sua anterior masmorra. Na manhã seguinte recebeu um pouco de socorro do escravo turco já mencionado, quem lhe trouxe secretamente, em suas mangas, algumas passas e figos, que lambeu com toda a força que restava em sua língua. É a este escravo a quem atribuiu o senhor Lithgow o fato de sobreviver tanto tempo numa situação tão desumana, pois encontrou os meios para levá-lhe alguns destes frutos duas vezes por semana. É muito extraordinário, e digno de menção, que este pobre escravo, criado desde sua infância em base das máximas de seu profeta e de seus pais, e detestando ao máximo os cristãos, se sentiu tão afetado pelas terríveis circunstâncias do senhor Lithgow, que caiu doente, e assim permaneceu por espaço de quarenta dias. Durante este período, o senhor Lithgow foi atendido por uma mulher preta, escrava, que encontrou formas para dar-lhe ainda maior auxílio que o turco, ao conhecer a casa e a família. Ela trazia-lhe víveres a cada dia, e algo de vinho numa garrafa.

O tempo tinha já transcorrido de modo tal, e a situação era tão verdadeiramente horrenda, que o senhor Lithgow esperava ansioso o dia em que, vendo o fim de sua vida, veria também o fim de seus tormentos. Mas suas deprimentes expectativas foram interrompidas pela feliz interposição da Providência, e conseguiu sua liberdade graças às seguintes circunstâncias:

Aconteceu que um cavalheiro espanhol de alta estirpe chegou de Granada a Málaga, e convidado pelo governador, este o informou do que tinha acontecido com o senhor Lithgow desde o momento em que foi apreendido como espião, e lhe descreveu os diversos sofrimentos que havia padecido. Assim também lhe disse que, depois de saber que o prisioneiro era inocente, isso tinha-lhe provocado preocupação. Que por esta razão o teria libertado e feito alguma compensação pelos

males que havia sofrido, mas que, ao inspecionar seus escritos, se acharam vários que eram de natureza blasfema, muito ridicularizadores de sua religião, e que, ao recusar abjurar destas opiniões heréticas, foi entregue à Inquisição, por quem tinha sido finalmente condenado.

Enquanto o governador estava relatando esta trágica história, um jovem flamengo (criado do cavalheiro espanhol) que servia à mesa ficou cheio de assombro e pena pelos sofrimentos do estranho assim descritos. Ao voltar ao alojamento de seu amor começou a girar em sua mente o que tinha ouvido, e que causou tal impressão sobre ele que não podia repousar em sua cama. Nos curtos sonhos que cochilou, sua imaginação o levava à pessoa descrita, sobre o potro, e ardendo no fogo. E passou a noite nesta ansiedade. Ao chegar a manhã, foi até a cidade, sem revelar suas intenções a ninguém, e perguntou pelo feitor inglês. Foi dirigido à casa de um tal senhor Wild, a quem contou tudo o que tinha ouvido na noite anterior, entre seu amo e o governador, mas não sabia o nome do senhor Lithgow. Contudo, o senhor Wild conjeturou que se tratasse dele, ao lembrar ao criado a circunstância de tratar-se de um viajante, e de tê-lo conhecido um pouco.

Ao ir embora o criado flamengo, o senhor Wild enviou imediatamente a buscar por outros feitores ingleses, aos que falou dos detalhes acerca de seu infortunado compatriota. Depois de uma breve consulta, acordaram enviar um informe de tudo o acontecido a Sir Walter Aston, o embaixador inglês ante o rei da Espanha, então em Madri. Isto foi assim feito, e o embaixador, tendo apresentado um memorando ao rei e conselho da Espanha, obteve a ordem para a liberação do senhor Lithgow, e sua entrega ao feitor inglês. Esta ordem ia dirigida ao governador de Málaga, e foi recebida com grande desgosto e surpresa por toda a assembléia da sanguinária Inquisição.

O senhor Lithgow foi liberado de seu encerro na véspera do Domingo de Páscoa, sendo conduzido desde seu calabouço em ombros do escravo que o tinha assistido, até a casa de um tal senhor Bobisch, onde foi feito objeto de todos os cuidados. Também providencialmente estava então ancorada no porto uma frota de naves inglesas, mandada por Sir Richard Hawkins, quem, ao ser informado dos sofrimentos e da atual situação do senhor Lithgow, acudiu em terra no dia seguinte, com uma guarda apropriada, e o recebeu de mãos dos mercadores. Foi de imediato levado, envolvido em mantas, a bordo da nave Vanguard, e três dias depois foi levado a outra nave, por ordem de Sir Robert Mansel, que ordenou que ele cuidasse pessoalmente do paciente. O feitor lhe deu roupas e todas as provisões necessárias, e além disso lhe deram duzentos reais de prata; e Sir Richard Hawkins lhe enviou duas pistolas duplas.

Antes de zarpar da costa espanhola, sir Richard Hawkins demandou a entrega de seus papeis, dinheiro, livros, etc., mas não pôde obter uma resposta satisfatória quanto a isso.

Não podemos deixar de fazer uma pausa para refletir quão manifestamente se interpus a Providência em favor deste pobre homem, quando estava já a borda de sua destruição; porque por sua sentença, diante da qual não poderia haver recurso algum, teria sido levado, poucos dias depois, a Granada, e queimado até ser reduzido a cinzas. E como aquele pobre criado ordinário, que não o conhecia em absoluto, nem podia ter interesse pessoal algum em sua preservação, arriscou o desagrado de seu amo, colocando em perigo sua própria vida, para revelar algo tão importante e perigoso a um cavalheiro desconhecido, de cuja discrição dependia sua própria existência. Mas por meio destes médios secundários é que interfere geralmente a Providência em favor dos virtuosos e oprimidos; e disto temos aqui um exemplo dos mais notáveis.

Depois de estar doze dias atracado na enseada, a nave zarpou, e depois de dois meses arribou a Deptford sã e salva. A manhã seguinte o senhor Lithgow foi levado numa liteira de penas a Theobalds, em Hertfordshire, aonde naquele então se encontravam o rei e a família real. Sua majestade estava naquele momento de caçaria, mas ao voltar pela tarde lhe apresentaram o senhor Lithgow, quem relatou os detalhes de seus sofrimentos e sua feliz liberação. O rei se sentiu tão afetado pela narração que expressou seu sentimento mais profundo, e deu ordem de que fosse enviado a Bath, e que suas necessidades fossem supridas apropriadamente de sua régia munificência. Por meio disto, na graça de Deus, após certo tempo o senhor Lithgow foi restaurado desde o antigo e mísero espetáculo a um excelente estado de saúde e fortaleza; porém, perdeu o uso de seu braço esquerdo, e vários dos ossinhos estavam tão esmagados e quebrados que ficaram inutilizados para sempre.

Apesar de todos os esforços, o senhor Lithgow jamais pôde obter a devolução de seus efeitos nem de seu dinheiro, embora sua majestade e os ministros do estado se interessaram em seu favor. Certo é que Gondamore, o embaixador espanhol, prometeu que lhe seria devolvidos todos seus bens, com o agregado de 1000 libras em dinheiro inglês, como uma espécie de compensação pela torturas que tinha sofrido, soma esta que deveria ser pagada pelo governador de Málaga. Mas estas promessas ficaram em meras palavras; e ainda o rei ser uma certa garantia de cumprimento, o astuto espanhol achou médios para evitar suas obrigações. A verdade é que tinha demasiada influência no conselho inglês na época daquele pacífico reinado, quando a Inglaterra permitiu ser intimidada sob uma escravizada complacência por parte da maioria dos estados e reis da Europa.

Recapitulação da Inquisição

Não se pode conhecer uma cifra exata das multidões sob a ação da Inquisição por todo o mundo. Mas onde quer que o papado tiver poder, ali havia um tribunal. Foi constituído incluso em Oriente, e a Inquisição portuguesa de Goa foi, até faz bem poucos anos, um exemplo de crueldade. América do Sul foi dividida em províncias da Inquisição e, com espantosa emulação dos crimes da mãe pátria, as chegadas dos vice-reis e outros festejos populares eram considerados incompletos sem um auto de fé. Os Países Baixos foram uma cena de matanças desde o momento do decreto que instaurou a Inquisição entre eles. Na Espanha é mais possível fazer cálculos. Cada um dos dezessete tribunais queimaram anualmente, durante um longo período, a dez pobres seres humanos. Devemos lembrar que isto teve lugar num país onde a perseguição tinha abolido durante séculos toda diferença religiosa, e onde a dificuldade não residia em achar uma estaca, senão a oferta. Contudo, inclusive na Espanha, onde a "heresia" tinha sido tão erradicada, a Inquisição pôde engrossar sua lista de assassinatos a trinta e dois mil. O número de queimados em efígie, ou de condenados a penitencias, castigos geralmente equivalentes ao desterro, confiscação e opróbrio para a descendência, ascendeu a trezentos e nove mil. Mas as multidões que pereceram nas câmaras de tortura, nos calabouços, e por corações partidos, os milhões de vidas dependentes que ficaram sem proteção alguma, ou que foram aceleradas em seu caminho ao túmulo pela morte das vítimas, estão além de todo registro: ou registradas somente por Aquele que jurou que *"Se alguém leva em cativeiro, em cativeiro irá; se alguém matar à espada, necessário é que à espada seja morto"* (Apocalipse 13:10, ACF).

Assim era a Inquisição, declarada pelo Espírito de Deus como sendo ao mesmo tempo a descendência e imagem do papado. Mas ao ver a realidade da paternidade, temos que contemplar os tempos. No século treze o papado estava na cima de seu domínio secular; era independente de todos os reinos; governava com uma influência jamais vista nem desde então possuída por cetro humano algum; era o soberano reconhecido de corpos e almas; para todos os propósitos humanos tinha um poder incomensurável, para bem e para mal. Poderia ter espalhado literatura, paz, liberdade e cristianismo até os confins da Europa, ou do mundo. Mas sua natureza era adversária; seu triunfo mais pleno somente exibiu seu mais completo mal; e, para vergonha da razão humana, e para terror e sofrimento da virtude humana, Roma, na hora de sua grandeza consumada, deu a luz, gerando o monstruoso e horrendo nascimento da INQUISIÇÃO!

CAPÍTULO 6: História das perseguições na Itália sob o papado

Passaremos agora a dar uma relação das perseguições na Itália, país que foi, e continua sendo:

1. O centro do papado.
2. A sede do Pontífice.
3. A fonte de vários erros que se estenderam por outros países, enganando as mentes de milhares, e difundido as nuvens da superstição e do fanatismo sobre as mentes do entendimento humano.

Ao prosseguir com nossa narração, incluiremos as mais destacadas perseguições que tiveram lugar, e as crueldades praticadas:

1. Pelo poder direto do Papa.
2. Pelo poder da Inquisição.
3. Por instigação de ordens eclesiásticas particulares.
4. Pelo fanatismo dos príncipes italianos.

Adriano pôs então a toda a cidade sob interdição, o que fez que todo o corpo do clero interviesse, e no final convenceu os senadores e o povo para que cedessem e permitissem que Arnaldo fosse desterrado. Acordado isto, ele recebeu a sentença do desterro, partindo para a Alemanha, onde continuou predicando contra o Papa e denunciando os graves erros da Igreja de Roma.

Por esta causa, Adriano sentiu-se sedento de vingança, e fez várias tentativas para apoderar-se dele; mas Arnoldo evitou durante longo tempo todas as armadilhas que lhe foram tendidas. Finalmente, ao aceder Frederico da Alemanha a dignidade imperial, pediu que o Papa o coroasse com suas próprias mãos. Adriano aquiesceu a isso, pedindo ao mesmo tempo ao imperador o favor de pôr em suas mãos a Arnaldo. O imperador entregou de imediato o infortunado predicador, que pronto caiu vítima da vingança de Adriano, sendo enforcado, e seu corpo reduzido às cinzas, na Apúlia. A mesma sorte sofreram vários de seus velhos amigos e companheiros.

Um espanhol chamado Encinas foi enviado a Roma, para ser criado na fé católico romana, porém, depois de ter conversado com alguns dos reformados, e tendo lido vários tratados que lhe puseram nas mãos, se converteu em protestante. Ao ser isto conhecido, após certo tempo, por ter em suas mãos um Novo Testamento em língua espanhola; mas achou um meio para fugir do cárcere antes do dia marcado para sua execução, e escapou à Alemanha.

Fanino, um erudito laico, se converteu à religião reformada mediante a leitura de livros de controvérsia. Ao informar-se disso o Papa, foi apreendido e lançado no cárcere. Sua mulher, filhos, parentes

e amigos o visitaram em seu encerro, e trabalharam tanto sua mente que renunciou a sua fé e foi liberado. Mas assim como se viu livre do cárcere, sua mente sentiu a mais pesada das correntes: o peso de uma consciência culpada. Seus horrores foram tão grandes que os achou insuportáveis até voltar atrás de sua apostasia, e declarar-se totalmente convencido dos erros da Igreja de Roma. Para emendar sua queda, fez agora tudo o possível, da forma mais enérgica, para lograr conversões ao protestantismo, e conseguiu muitos êxitos em sua empresa. Estas atividades conduziram a seu segundo encarceramento, mas lhe ofereceram perdoar-lhe a vida sob tais condições. Rejeitou esta proposta com desdém, dizendo que aborrecia a vida sob tais condições. Ao perguntar eles por que iria ele a obstinar-se em suas opiniões, deixando a sua mulher e filhos na miséria, respondeu: "Não vou deixá-los na miséria; os tenho encomendado ao cuidado de um excelente administrador". "Que administrador?", perguntou o interrogador, com certa surpresa; Fanino contestou: "Jesus Cristo é o administrador, e não creio que poderia encomendá-los ao cuidado de ninguém melhor". O dia da execução apareceu sumamente alegre, o que fez dizer a um que o observava: "Estranha coisa é que apareçais feliz em tais circunstâncias, quando o mesmo Jesus Cristo, antes de sua morte, sentiu tal aflição que suou sangue e água". Ao que Fanino replicou: "Cristo agüentou todo tipo de angústias e conflitos, com o inferno e a morte, por nossa causa; e por isso, por Seus padecimentos, liberou os que verdadeiramente crêem nEle do temor deles". Foi estrangulado, e seu corpo reduzido às cinzas, que foram depois esparzidas no vento.

Dominico, um erudito militar, tendo lido vários escritos de controvérsia, deveio um zeloso protestante e, retirando-se a Placência, predicou o Evangelho em sua plena pureza ante uma considerável congregação. Um dia, ao terminar seu sermão, disse: "Se a congregação assistir amanhã, vou dar-lhes uma descrição do Anticristo, pintando-o com as cores exatas".

Uma grande multidão acudiu no dia seguinte, mas quando Dominico estava começando a falar, um magistrado civil subiu ao púlpito e o tomou sob custódia. Ele se submeteu de imediato mas, andando junto ao magistrado, disse estas palavras: "Já estava me estranhando que o diabo me deixasse tranqüilo tanto tempo!". Quando foi levado ao interrogatório, lhe fizeram esta pergunta: "Renunciarás às tuas doutrinas?", ao qual replicou: "Minhas doutrinas! Não sustento doutrinas próprias; o que predico são as doutrinas de Cristo, e por estas darei meu sangue, me considerarei feliz de poder padecer por causa de meu Redentor". Tentaram todos os métodos para fazê-lhe retratar-se na fé e que abraçasse os erros da Igreja de Roma; mas

quando se acharam ineficazes as persuasões e as ameaças, foi sentenciado a morte, e enforcado na praza do mercado.

Galácio, um cavalheiro protestante, que vivia perto do castelo de Sant'Angelo, foi apreendido devido a sua fé. Seus amigos se esforçaram tanto que se desdisse, e aceitou várias das supersticiosas doutrinas propagadas pela Igreja de Roma. Contudo, percebendo seu erro, renunciou publicamente a sua negação. Apreendido por isso, foi sentenciado a ser queimado, e em conformidade com esta ordem foi acorrentado na estaca, onde foi deixado para várias horas antes de pôr fogo na lenha, para deixar tempo a sua mulher, parentes e amigos, que o rodeavam, a induzi-lo a mudar de opinião. Mas Galeácio reteve sua decisão, e rogou ao carrasco que acendesse o fogo que devia consumi-lo. No final o fez, e Galeácio foi prontamente consumido pelas chamas, que queimaram com assombrosa rapidez, e o privaram do conhecimento em poucos minutos.

Pouco depois da morte deste cavalheiro, muitos protestantes foram mortos em vários lugares da Itália por sua fé, dando uma prova segura de sua sinceridade em seus martírios.

Uma relação das perseguições na Calábria

No século quatorze, muitos dos valdenses de Pragela e do Delfinado emigraram à Calábria, e se estabeleceram numas paragens áridas, com a permissão dos nobres daquele país, e pronto, com um laborioso cultivo, levaram a vários lugares agrestes e estéreis o verdor e a fertilidade.

Os senhores calabreses sentiram-se extremamente comprazidos com seus novos súbditos e arrendatários, já que eram calmos, plácidos e laboriosos; mas os sacerdotes daquele lugar apresentaram várias queixas contra eles em sentido negativo, porque, não podendo acusá-los de nada mau que fizessem, basearam suas acusações no que não faziam, e os acusaram de:

- Não serem católico-romanos.
- Não fazerem sacerdotes nenhuma de suas crianças.
- Não fazer freiras nenhuma de suas filhas.
- Não acudir à Missa.
- Não dar círios de cera a seus sacerdotes como ofertas.
- Não ir em peregrinação.
- Não inclinar-se ante as imagens.

Contudo, os senhores calabreses aquietaram os sacerdotes, dizendo-lhes que estas pessoas eram extremamente pacificas, que não ofendiam os católico-romanos, e que pagavam bem dispostos os dízimos aos sacerdotes, cujos ingressos tinham aumentado consideravelmente ao chegar eles no país e que, portanto, deveriam ser os últimos em queixar-se deles.

As coisas foram toleravelmente bem depois disto por alguns anos, durante os que os valdenses se constituíram em duas cidades corporativas, anexando vários povos a sua jurisdição. No final enviaram a Genebra uma petição de dois clérigos, um para predicar em cada cidade, porque decidiram fazer uma pública confissão de fé. Ao saber disto o Papa Pio IV, decidiu exterminar os da Calábria.

A este fim enviou o cardeal Alexandrino, homem do mais violento temperamento e fanático furioso, junto com dois monges, à Calábria, onde deviam agir como inquisidores. Estas pessoas, com suas autorizações, acudiram a St. Xist, uma das cidades edificadas pelos valdenses e, tendo convocado o povo, disseram-lhes que não receberiam dano algum se aceitavam os predicadores designados pelo Papa; e para que suas intenções pudessem ser conhecidas de todos, se diria uma missa pública naquela tarde, a qual lhes ordenavam assistir.

O povo de St. Xist, em lugar de assistir à missa, fugiu aos bosques com suas famílias, frustrando assim o cardeal e seus coadjutores. O cardeal se dirigiu então a La Garde, a outra cidade pertencente aos valdenses, onde, para que não lhe acontecesse como em St. Xist, ordenou o fechamento de todas as portas, e que fossem guardadas todas as avenidas. Se fizeram depois as mesmas propostas que antes haviam realizado aos habitantes de St. Xist aos habitantes de La Garde, porém com este adicional: o cardeal assegurou-lhes que os habitantes de St. Xist tinham acedido de imediato, e aceitado que o Papa lhes designasse predicadores. Esta falsidade teve êxito, porque o povo de La Garde, pensando que o cardeal dizia a verdade, disse que seguiriam de idêntica forma o exemplo de seus irmãos.

O cardeal, tendo logrado ganhar esta vitória enganando a gente da cidade, enviou tropas para dar morte aos da outra. Assim, enviou soldados aos bosques, para que perseguissem como feras os habitantes de St. Xist, e lhes deu ordens estritas de não perdoar nem idade nem sexo, senão matar a todos os que vissem. As tropas entraram no bosque, e muitos caíram vítimas de sua ferocidade antes que os valdenses chegassem a saber de seus desígnios. Finalmente, decidiram vender suas vidas tão caras como possível, e tiveram lugar vários combates, nos quais os valdenses, mal armados, realizaram várias façanhas valorosas, e muitos morreram por ambas as partes. Tendo sido mortos a maior parte dos soldados em diferentes encontros, o resto se viu obrigado a retirar-se, o que enfureceu tanto o cardeal que escreveu ao vice-rei de Nápoles pedindo reforços.

O vice-rei ordenou imediatamente uma proclamação por todos os territórios de Nápoles, que todos os bandidos, desertores e outros proscritos seriam perdoados de seus delitos sob a condição de que se unissem à campanha contra os habitantes de St. Xist, e de que

permanecessem em serviço de armas até que aquelas pessoas foram exterminadas.

Muitos desesperados acudiram a esta proclama e, constituídos em companhias ligeiras, foram enviados a explorar o bosque e dar morte a todos os que achassem da religião reformada. O vice-rei próprio se uniu ao cardeal, à cabeça de um corpo das forças regulares, e juntos fizeram tudo que puderam para fustigar a pobre gente escondida no bosque. Alguns foram capturados e enforcados nas árvores; cortaram galhos e os queimaram, ou os abriram em canal, deixando seus corpos para que fossem devorados pelas feras ou aves de rapina. Muitos foram mortos a disparos, mas a maioria foi caçada a modo de esporte. Uns poucos se ocultaram em cavernas, mas a fome os destruiu em sua retirada; assim morreram estas coitadas pessoas, por vários médios, para dar satisfação à fanática malícia de seus impiedosos perseguidores.

Apenas se tinham sido exterminados os habitantes de St. Xist, os de La Garde atraíram a atenção do cardeal e do vice-rei.

Foi-lhes oferecido que, se abraçassem a fé católico romana, não lhes fariam dano a eles nem a suas famílias, senão que lhes devolveriam suas casas e propriedades, e que a ninguém lhe seria permitido incomodá-los; porém, se recusassem, esta misericórdia (como a chamavam), se utilizariam os meios mais extremos e a conseqüência de sua não colaboração seriam as mortes mais cruéis.

Apesar das promessas por uma parte, e das ameaças pela outra, estas dignas pessoas se negaram unanimemente e renunciar a sua religião, ou a abraçar os erros do papado. Isto exasperou o cardeal e o vice-rei a ponto de que trinta deles foram colocados de imediato no potro do tormento, para aterrorizar o resto.

Os que foram colocados no potro foram tratados com tal dureza que vários deles morreram sob as torturas; um tal Charlin, em concreto, foi tratado tão cruelmente que seu ventre arrebentou, suas entranhas se espalharam, e expirou na mais atroz agonia. Porém estas atrocidades não serviram para o propósito para o que tinham sido dispostas, porque os que restaram com vida depois do potro, tanto como os que não o haviam experimentado, se mantiveram constantes em sua fé, e declararam abertamente que nenhuma tortura do corpo nem terrores da mente os levariam jamais a renunciar a seu Deus, ou a adorar imagens.

Vários destes foram então, por ordem do cardeal, despidos e açoitados com varas de ferro; e alguns deles foram despedaçados com grande facas; outros foram lançados desde a parte superior de uma alta torre, e muitos foram cobertos com breu, e queimados vivos.

Um dos monges que assistiam o cardeal, de um talante natural selvagem e cruel, pediu permissão para derramar algo Deus sangue

daquela pobre gente com suas próprias mãos e, sendo-lhe concedido, aquele bárbaro tomou um grande cutelo e degolou oitenta homens, mulheres e crianças, com tão pouco remorso como um açougueiro que der morte a outras tantas ovelhas. Depois deu ordem de que cada um desses corpos fossem esquartejados, os quartos colocados em estacas, e estas encravadas em distintas partes da região, dentro de um rádio de cinqüenta quilômetros.

Os quatro principais homens de La Garde foram enforcados, e o ministro foi lançado desde a parte superior da torre de sua igreja. Ficou horrivelmente mutilado, porém não morreu na queda; ao passar o vice-rei perto dele, disse: "Ainda está vivo este cão? Levai-o e lançai-o aos porcos", e por brutal que possa parecer esta sentença, foi executada de maneira exata.

Sessenta mulheres sofreram tão violentamente no potro que as cordas traspassaram seus braços e pernas até perto do osso; ao serem enviadas de volta para a prisão, suas feridas gangrenaram, e morreram do modo mais doloroso. Muitos outros foram mortos mediante os tormentos mais cruéis, e se algum católico-romano mais compassivo que os outros intercedia pelos reformados, era preso de imediato, e partilhava a mesma sorte como favorecedor de hereges.

Vendo-se o vice-rei obrigado a voltar a Nápoles, por alguns assuntos importantes que demandavam sua presença, e sendo o cardeal chamado de volta a Roma, o marquês de Butane recebeu a ordem de dão o golpe final ao que eles haviam começado; o que executou, agindo com um rigor tão bárbaro que não restou uma só pessoa da religião reformada viva em toda a Calábria.

Assim, uma grande quantidade de pessoas inofensivas e pacificas foram privadas de suas possessões, roubadas de suas propriedades, expulsadas de seus lares, e ao final assassinadas de várias formas, somente por não querer sacrificar suas consciências às superstições de outrem, nem abraçar doutrinas idólatras que aborreciam, nem aceitar mestres nos que não podiam acreditar.

A tirania se manifesta de três formas: a que escraviza a pessoa, a que se apodera das propriedades, e a que prescreve e determina a mente. As duas primeiras classes podem ser chamadas de tiranias civis, e foram praticadas por soberanos arbitrários em todas as épocas, que se deleitaram em atormentar as pessoas e em roubar as propriedades de seus infelizes súbditos. Mas a terceira classe, isto é, a que prescreve e determina a mente, pode receber o nome de tirania eclesiástica; esta é a pior classe de tirania, por incluir as outras duas classes; pois o clero romanista não só tortura o corpo e rouba as propriedades daqueles aos quais persegue, senão que arrebata as vidas, atormenta as mentes e, se possível, imporia sua tirania sobre as almas de suas infelizes vítimas.

Relação de perseguições nos vales do Piemonte

Muitos dos valdenses, para evitarem as perseguições as que estavam continuamente submetidos na França, foram e se assentaram nos vales do Piemonte, onde cresceram muito, e floresceram em grande medida por um espécie considerável de tempo.

Embora fossem de conduta irrepreensível, inofensivos em sua conduta, e pagavam seus dízimos ao clero romanista, contudo estes não estavam satisfeitos, senão que queriam perturbá-los; assim, se queixaram ao arcebispo de Torino de que os valdenses dos vales do Piemonte eram hereges, por estas razões:

1) Não acreditavam nas doutrinas da Igreja de Roma.
2) Não faziam oferendas nem orações pelos mortos.
3) Não iam à missa.
4) Não se confessavam nem recebiam absolvição.
5) Não acreditavam no Purgatório, nem pagavam dinheiro para tiram as almas de seus amigos dali.

Por estas acusações, o arcebispo ordenou uma perseguição contra eles, e muitos caíram vítimas da supersticiosa fúria dos sacerdotes e monges.

Em Torino, destriparam um dos reformados, e colocaram suas entranhas numa bacia diante de seu rosto, onde ficou vendo-as até expirar. Em Revel, estando Catelin Girard amarrado na estaca, pediu ao algoz que lhe desse uma pedra, ao que este recusou, achando que queria lançá-la a alguém. Mas Girard lhe assegurou que não tinha tal intenção, e o carrasco aceitou. Então Girard, olhando intensamente a pedra, lhe disse: "Quando o homem seja capaz de comer e digerir esta sólida pedra, se esvaecerá a religião pela qual vou sofrer, e não antes". Depois lançou a pedra no chão, e se submeteu com inteireza às labaredas. Muitos outros dos reformados foram oprimidos, ou mortos, por vários médios, até que, esgotada a paciência dos valdenses, recorreram às armas em defesa própria, e se constituíram em milícias regulares.

Exasperado por esta ação, o bispo de Torino conseguiu um número de tropas e as enviou contra eles, mas na maior parte dos encontros e lutas os valdenses se saíram vitoriosos, o que se devia em parte a que estavam mais familiarizados com as passagens dos vales do Piemonte que seus adversários, e em parte pelo desespero com que lutavam. Porque sabiam bem que se fossem capturados, não seriam considerados prisioneiros de guerra, mas seriam torturados até a morte como hereges.

No final, Felipe VII, duque de Sabóia, e senhor supremo do Piemonte, decidiu impor sua autoridade e deter estas sangrentas guerras que tanto perturbavam seus domínios. Não estava disposto a

ficar mal com o Papa nem a enfrentar-se com o arcebispo de Torino; contudo, enviou-lhes mensagens, dizendo-lhes que não podia já silenciar mais vendo como seus domínios eram ocupados por tropas dirigidas por sacerdotes em lugar de oficiais, e mandadas por prelados em lugar de generais; e que também não permitiria que seu país ficasse despovoado, porquanto nem sequer tinha sido consultado a este respeito.

Os sacerdotes, ao verem a resolução do duque, fizeram tudo quanto podiam por voltar sua mente em contra dos valdenses; porém o duque lhes disse que embora ainda não estava familiarizado com a religião daquelas pessoas, sempre os tinha considerado como calmos, fiéis e obedientes, e por isso havia decidido que não fossem já mais perseguidos.

Os sacerdotes recorreram então às falsidades mais claras e absurda; lhe asseguraram que estava errado a respeito dos valdenses, porque se tratava de umas pessoas mais que malvadas, e entregues à intemperança, à imundícia, à blasfêmia, ao adúltero, incesto e muitos outros crimes abomináveis; e que inclusive eram monstros da natureza, porquanto seus filhos nasciam com as gargantas pretas, com quatro fileiras de dentes e corpos peludos.

O duque não estava tão privado se sentido comum como para acreditar no que diziam os sacerdotes, embora afirmassem da forma mais solene a veracidade de seus assertos. Contudo, enviou doze homens eruditos e razoáveis aos vales do Piemonte para examinar o verdadeiro caráter de seus moradores.

Este cavalheiros, depois de viajar por todas suas cidades e povoados, e de conversar com pessoas de todas as classes entre os valdenses, voltaram ao duque, e lhe deram um informe do mais favorável acerca deles, afirmando, diante mesmo dos sacerdotes que os haviam vilipendiado, que eram inocentes, inofensivos, leais, amistosos, laboriosos e piedosos; que aborreciam os crimes dos que eram acusados, e que sem algum deles, por sua própria depravação, caia em algum daqueles crimes, seria castigado peãs suas próprias leis de maneira mais exemplar. "E a respeito das crianças", disseram os cavalheiros, "os sacerdotes disseram as falsidades mais torpes e ridículas, pois nem nascem com as gargantas pretas, nem com dentes, nem peludos, senão que são meninos formosos como o que mais. E para convencer a sua alteza do que dissemos (continuou um dos cavalheiros), trouxemos conosco a doze dos varões principais, que acudiram a pedir perdão em nome do resto por terem tomado as armas sem vossa permissão, embora em defesa própria, para proteger suas vidas frente a estes implacáveis inimigos. E do mesmo modo trouxemos a várias mulheres com crianças de variadas idades, para

que vossa alteza tenha a oportunidade de examiná-los tanto como quiser".

O duque, após aceitar as escusas dos doze delegados, de conversar com as mulheres e de examinar as crianças, os despediu gentilmente. Depois ordenou aos sacerdotes, que haviam tentado enganá-lo, que abandonassem sua corte nesse instante, e deu ordens estritas de que a perseguição cessasse em seus domínios.

Os valdenses gozaram de paz por muitos anos, até a morte de Felipe, duque de Sabóia; porém seu sucessor resultou ser um fanático papista. Para a mesma época, alguns dos principais valdenses propuseram que seu clero predicasse em público, para que todos pudessem conhecer a pureza de suas doutrinas. Até então somente tinham predicado em privado e a congregações que sabiam com certeza serem constituídas somente por pessoas de religião reformada.

Ao ouvir estas sugestões, o novo duque se irritou sobremodo, e enviou um grande corpo de exército aos vales, jurando que se aquelas pessoas não mudavam de religião, os faria esfolar vivos. O comandante das tropas pronto viu o impraticável que era vencê-los com o número de soldados que trazia consigo, e por isso enviou uma mensagem ao duque dizendo-lhe que a idéia de subjugar os valdenses com uma força tão pequena era ridícula; que aquela gente conhecia melhor o país que qualquer dos que estavam com ele; que haviam-se apoderado de todas as passagens, que estavam bem armados. E totalmente decididos a defender-se; e que, a respeito de esfolá-los, disse que a pele pertencente a estas pessoas custaria a vida de uma dúzia dos seus.

Aterrado ante esta informação, o duque retirou as tropas, decidindo não agir pela força, mas por estratagemas. Por isso, ordenou recompensas pela apreensão Deus qualquer dos valdenses que pudessem ser achados perdidos fora de seus lugares fortes; e que estes, se eram tomados, fossem ou bem esfolados vivos, ou queimados.

Os valdenses tinham até então só o Novo Testamento e uns poucos livros do Antigo Testamento na língua valdenses, mas agora decidiram completar os escritos sagrados em sua própria língua. Empregaram então um impressor suíço que lhes provesse uma edição completa do Antigo e Novo Testamento em língua valdense, o que fez por causa das quinze mil coroas de ouro que estas piedosas pessoas lhe pagaram.

Ao aceder a cadeira pontifícia o Papa Paulo III, um fanático papista, de imediato solicitou ao parlamento de Torino que os valdenses fossem perseguidos como os hereges mais perniciosos.

O parlamento acedeu logo, e vários foram rapidamente apresados e queimados por ordem sua. Entre estes estava Bartolomeu Heitor, livreiro e papeleiro de Torino, quem tinha sido criado como católico-romano, mas que, tendo lido alguns tratados escritos pelo clero

reformado, tinha ficado inteiramente convencido dos erros da Igreja de Roma; mas sua mente tinha permanecido vacilando durante certo tempo, e lhe custava decidir que religião abraçar.

No final, não obstante, abraçou plenamente a religião reformada, e foi apreendido, como já dissemos, e queimado por ordem do parlamento de Torino.

Agora o parlamento de Torino celebrou uma consulta, na qual concordou enviar certos delegados aos vales do Piemonte, com as seguintes proposições:

1) Que se os valdenses entravam no seio da Igreja de Roma e abraçavam a religião católica-romana, desfrutariam de suas casas, propriedades e terras, e viveriam com suas famílias, sem a mais mínima moléstia.

2) Que para demonstrar sua obediência, deveriam enviar doze de suas pessoas principais, com todos seus ministros e mestres, a Torino, para que fossem tratados circunstancialmente.

3) Que o Papa, o rei da França e o duque de Sabóia aprovavam e autorizavam os procedimentos do parlamento de Torino nesta ocasião.

4) Que se os valdenses dos vales do Piemonte recusavam aceder a estas proposições, lhes sobreviria uma perseguição, e que sua sorte seria uma morte certa.

A cada uma destas proposições responderam os valdenses da seguinte maneira:

1) Que nenhuma consideração de nenhum tipo os induziria a renunciar a sua religião.

2) Que jamais consentiriam em entregar seus melhores e mais respeitáveis amigos à custódia e discrição de seus piores e mais inveterados inimigos.

3) Que valorizavam mais a aprovação do Rei de reis que reina no céu antes que qualquer autoridade temporária.

4) Que suas almas lhes eram de maior preço que seus corpos.

Estas réplicas tão aguçadas e valorosas irritaram muito o parlamento de Torino; prosseguiram seqüestrando, com maior avidez que nunca, os valdenses que não agiam com a adequada precaução, os quais sofriam as mais cruéis das mortes. Entre estes, desafortunadamente, caiu em suas mãos Jeffrey Vamagle, ministro de Angrogne, a quem queimaram vivo por herege.

Depois pediram um considerável corpo de exército ao rei da França para exterminar totalmente os reformados dos vales do Piemonte; mas quando as tropas iam a empreender a marcha, os príncipes protestantes da Alemanha se interpuseram, e ameaçaram com enviar tropas para ajudar os valdenses, se atacados. O rei da França, não desejando entrar numa guerra, enviou uma mensagem ao parlamento de Torino comunicando-lhes que não podia por enquanto enviá-lhes

tropas para atuar no Piemonte. Os membros do parlamento ficaram sumamente transtornados ante este contratempo, e a perseguição foi cessando gradativamente, porque só podiam dar morte aos reformados que podiam capturar por casualidade, e como os valdenses ficaram cada vez mais cautos, sua crueldade teve de cessar por falta de objetos sobre os quais ser exercida.

Os valdenses gozaram assim de vários anos de tranqüilidade; porém depois foram perturbados da seguinte maneira: o núncio papal chegou a Torino para falar ao duque de Sabóia, e lhe disse que estava surpreendido de que ainda não tivesse desarraigado de vez os valdenses dos vales do Piemonte, ou obrigado-os a entrar no seio da Igreja de Roma. Que não podia deixar de considerar como suspeita aquela conduta, e que realmente pensava que era um favorecedor de hereges, e que informaria disso em conseqüência a sua santidade, o Papa.

Ferido por esta recriminação, e não disposto a que dessem uma falsa imagem dele ao Papa, o duque decidiu agir com a maior dureza, para mostrar seu zelo, e para compensar sua anterior negligência com futuras crueldades. Assim, emitiu ordens expressas para que todos os valdenses assistissem regularmente à missa, sob pena de morte. A isto eles se recusaram de forma absoluta, e então ele entrou nos vales do Piemonte com um exército imponente, e deu início a uma feroz perseguição, na qual grandes quantidades de valdenses foram enforcados, afogados, destripados, amarrados a árvores e traspassados com lanças, despenhados, queimados, apunhalados, torturados no potro do tormento até morrer, crucificados cabeça abaixo, devorados por cães, etc.

Os que fugiram foram privados de todos seus bens, e suas casas, queimadas; se comportavam de maneira especialmente cruel quando capturavam m ministro ou um mestre, aos que faziam sofrer as mais refinadas e inconcebíveis torturas.

Se algum deles parecia vacilar em sua fé, não o matavam, senão que o enviavam às galeras, para que se convertesse pela força do infortúnio.

Os mais cruéis perseguidores que assistiam o duque nesta ocasião eram três: 1) Tomás Incomel, um apostata, porque tinha sido criado na religião reformada, mas renunciou a sua fé, abraçou os erros do papado, e virou monge. Era um grande libertino, entregue a crimes contra natura, e sordidamente desejoso do botim dos valdenses; 2) Corbis, homem de natureza cruel e feroz, cuja atividade era interrogar os presos; e 3) O preboste de justiça, que estava desejoso da execução dos valdenses, porque cada execução significava dinheiro para seu bolso.

Estas três pessoas eram totalmente carentes de misericórdia em sumo grau; e aonde quer que fossem havia a certeza de que correria sangue inocente. Aparte das crueldades exercidas pelo duque, por estas três pessoas e pelo exército, em suas diferentes marchas, se cometeram muitas barbaridades a nível local. Em Pignerol, cidade dos vales, havia um convento, cujos monges, vendo que podiam danificar os reformados com impunidade, começaram a saquear as casas e derrubar as igrejas dos valdenses. Ao não acharem nenhuma oposição, se apoderaram daqueles infelizes, assassinando os homens, encerrando as mulheres, e entregando as crianças a aias católico romanas.

Os habitantes católico-romanos do vale de são Martinho fizeram também tudo o que puderam para atormentar seus vizinhos valdenses. Destruíram suas igrejas, queimaram suas casas, se apoderaram de suas propriedades, roubaram seu gado, dedicaram suas terras a seus próprios usos, lançaram seus ministros na fogueira, e aos valdenses nos bosques, onde não tinham para subsistir mais que frutos silvestres, raízes, a casca das árvores, etc.

Alguns rufiões católico-romanos, tendo aprisionado um ministro que ia predicar, decidiram levá-lo a um lugar conveniente e queimá-lo. Ao saber disso seus fiéis, os homens se armaram, se lançaram em perseguição dos assassinos, e apareceram, decididos a resgatar seu ministro. Ao perceber isto os malvados, apunhalaram o coitado e, deixando-o tendido numa poça de sangue, se retiraram precipitadamente. Os atônitos fiéis fizeram o que puderam para salvá-lo, mas em vão; a arma tinha afetado órgãos vitais, e expirou enquanto o conduziam de volta a sua casa.

Tendo os monges de Pignerol um grande desejo de pôr as mãos sobre um ministro de uma cidade dos vales, chamada St. Germain, contrataram um bando de rufiões para seqüestrá-lo. estes caras foram conduzidos por um traidor, quem tinha sido antes criado do ministro, e que sabia perfeitamente um caminho secreto para a casa, pelo que podia levá-los sem alarmar a vizinhança. O guia chamou à porta e, a pergunta de quem ia, respondeu com seu próprio nome. O ministro, não esperando dano algum de uma pessoa a que havia coberto de favores, abriu de imediato a porta. Porém, ao ver o bando de facínoras retrocedeu, e fugiu por uma porta traseira. Mas todos se lançaram dentro, e o apresaram. Trás ter assassinado toda sua família, o levaram para o Pignerol, espetando-o o tempo todo com lanças, picas e espadas. Foi guardado durante muito tempo no cárcere, e depois acorrentado na estaca para ser queimado; então se ordenou a duas mulheres dos valdenses, que haviam renunciado a sua religião para salvarem suas vidas, que levassem lenha à fogueira para queimá-lo; e enquanto a preparavam, que dissessem: "Toma isto, malvado herege,

em pagamento das perniciosas doutrinas que nos ensinaste". Estas palavras foram assim repetidas por elas a ele, ao qual ele replicou com calma: "Eu vos ensinei bem, porém desde então tendes aprendido o mal".

Então aplicaram fogo à lenha, e foi rapidamente consumido, invocando o nome do Senhor enquanto a voz lhe permitiu fazê-lo.

Enquanto as tropas de desalmados que pertenciam aos monges cometiam estes grandes desmandos pela cidade de St. Germain, assassinando e saqueando a muitos de seus habitantes, os reformados de Lucerna e de Angrogne enviaram alguns corpos de homens armados para ajudar a seus irmãos de St. Germain. Estes corpos atacavam com freqüência os facínoras, e amiúde os afugentavam, o qual aterrou tanto os monges que deixaram o mosteiro de Pignerol por certo tempo, até que conseguiram um corpo de tropas regulares para protegê-los.

O duque, vendo que não tinha conseguido o êxito desejado, aumentou muito suas tropas; ordenou que os bandos de bandidos que pertenciam aos monges se unissem a ele, e dispus um esvaziamento geral dos cárceres, com a condição de que as pessoas libertas portassem armas, e fossem constituídas em companhias ligeiras, para ajudarem no extermínio dos valdenses.

Os valdenses, informados destas ações, reuniram tudo o que puderam de suas propriedades, e abandonaram os vales, retirando-se às rochas e cavernas entre os Alpes; deve ser dito que os vales do Piemonte estão situados no pé daquelas prodigiosas montanhas dos Alpes, ou montes Alpinos.

O exército começou então a saquear e incendiar as cidades e povoados aonde chegavam; mas as tropas não podiam forçar as passagens dos Alpes, que eram defendidas valorosamente pelos valdenses, e que sempre resistiram a seus inimigos; porém se algum deles caía em mãos das tropas, podiam ter a certeza de que seriam tratados com paz dureza mais selvagem.

Um soldado que capturou um dos valdenses lhe arrancou a orelha direita, dizendo-lhe: "Levarei a meu país este membro deste malvado herege, para guardá-lo como uma raridade". Depois apunhalou o homem e o lançou numa vala.

Uma partida de tropas achou um venerável homem, de perto de uns cem anos, junto com sua neta, uma moça de uns dezoito anos, ocultos numa caverna. Assassinaram o pobre ancião da forma mais cruel, e depois trataram de violentar a moça; porém ela, fugindo à carreira, ao ver-se perseguida se lançou num precipício e morreu.

Os valdenses, a fim de poder repelir a força com a força de maneira mais eficaz, concertaram uma aliança com os poderes protestantes da Alemanha e com os reformados do Delfinado e de Pragela. Estes iam respectivamente a suprir forças armadas, e os valdenses decidiram,

reforçados deste modo, abandonar os Alpes (onde pronto teriam perecido, porque se aproximava o inverno), e forçar os exércitos do duque a evacuar seus vales natais.

O duque de Sabóia estava já cansado da guerra; tinha-lhe custado grandes fadigas e ansiedades, muitos homens, e grandes quantidades de dinheiro. Tinha sido muito mais longa e sangrenta do que havia esperado, assim também como mais cara do que teria podido imaginar no princípio, pois pensou que o saqueio pagaria os custos da expedição; porém nisto errou, porque foram o núncio papal, os bispos, monges e outros clérigos, que assistiam ao exército e alentaram a guerra, os que ficaram com a maior parte das riquezas que haviam sido tomadas, sob diversas pretensões. Por esta razão, e pela morte da duquesa, da qual acabava de saber, e temendo que os valdenses, pelos tratados que haviam concertado, se tornassem mais poderosos que nunca, decidiu voltar a Torino com seu exército, e fazer a paz com os valdenses.

Cumpriu com esta resolução, embora muito em contra da vontade dos clérigos, que eram os maiores lucradores e os mais comprazidos com a vingança. Antes de poderem ser ratificados os artigos de paz, o próprio duque morreu, pouco depois de voltar a Torino; porém, em seu leito de morte deu estritas instruções a seu filho para acabar o que ele tinha já começado, e para ser o mais favorável possível aos valdenses.

O filho do duque, Carlos Manuel, sucedeu seu pai nos domínios de Sabóia, e ratificou plenamente a paz com os valdenses, seguindo as últimas instruções de seu pai, embora os clérigos fizeram tudo que puderam para persuadi-lo do contrário.

Uma relação das perseguições na Veneza

Enquanto que o estado da Veneza esteve livre de inquisidores, um grande número de protestantes fixaram ali sua residência, e houve muitos convertidos por causa da pureza das doutrinas que professavam, e da afabilidade da conduta que observavam

Ao ser o Papa informado do grande auge do protestantismo, enviou inquisidores a Veneza no ano 1542, para indagar nesta questão e apreender os que pudesse considerar como pessoas perniciosas. Com isto começou uma severa perseguição, e muitas pessoas dignas foram martirizadas por servirem a Deus com pureza, escarnecendo dos enfeites da idolatria.

Foram muitas as formas nas que foi-lhes tirada a vida aos protestantes; porém, descreveremos um método particular, que foi inventado por vez primeira para esta ocasião; tão logo como a sentença era pronunciada, se colocava ao preso uma corrente de ferro que atravessava uma grande pedra amarrada a seu corpo. Depois era colocado plano sobre uma prancha de madeira, boca para acima, e o

remavam entre duas barcas até uma certa distância mar adentro, quando as duas barcas se separavam, e era afundado pelo peso da pedra.

Se alguém rejeitava a jurisdição dos inquisidores em Veneza, era enviado a Roma, onde era lançado a propósito numas masmorras cheias de umidade, nunca chamados a juízo, com o qual morriam miseravelmente de inanição no cárcere.

Um cidadão de Veneza, Antônio Ricetti, apreendido como protestante, foi sentenciado a ser afogado da forma já descrita. Poucos dias antes da data indicada para sua execução, seu filho foi a vê-lo, suplicando-lhe que se desdissesse, para salvar sua vida e ele mesmo não ficar órfão. A isto o pai respondeu: "Um bom cristão tem o dever de entregar não só seus bens e seus filhos, senão a vida mesma, pela glória de seu Redentor; por isso, estou resolvido a sacrificá-lo tudo neste mundo passageiro, por amor à salvação num mundo que permanecerá eternamente".

Os senhores da Veneza também lhe fizeram saber que se abraçava a religião católica-romana, não somente lhe dariam sua vida, senão que remiriam uma considerável finca que ele havia hipotecado, e a dariam a ele como presente. Não obstante, recusou absolutamente aceitar tal coisa, enviando recado aos nobres de que valorizava mais sua alma que todas as outras considerações; ao dizer-lhe que um companheiro de prisão chamado Francisco Segura tinha-se arrependido, respondeu: "Se tiver abandonado a Deus, compadeço-me dele; porém eu permanecerei firme em meu dever". Vendo inúteis todos os esforços por persuadi-lo a renunciar a sua fé, foi executado em conformidade à sentença, morrendo com grande presença de ânimo, e encomendando fervorosamente sua alma ao Todo Poderoso.

O que tinham falado a Ricetti acerca da apostasia de Francisco Segura era absolutamente falso, e jamais tinha oferecido desdizer-se, antes se manteve firme em sua fé, sendo executado poucos dias após Ricetti, e da mesma forma.

Francisco Spinola, um cavalheiro protestante de grande erudição, apreendido por ordem dos inquisidores, foi levado perante seu tribunal. Lhe apresentaram então um tratado acerca da Ceia do Senhor, perguntando-lhe se conhecia seu autor. A isto ele responder: "Me confesso seu autor, e ao mesmo tempo afirmo solenemente que não há uma única linha nele que não esteja autorizada por e seja consoante com as Sagradas Escrituras". Por esta confissão foi enviado isolado a uma masmorra durante vários dias.

Comparecendo para um segundo interrogatório, acusou o legado do Papa e os inquisidores de serem uns bárbaros sem misericórdia, e depois expus as superstições e idolatrias praticadas pela Igreja de Roma sob uma luz tão fulgurante que ninguém pôde refutar seus

argumentos; logo o mandaram a sua masmorra, para fazê-lo arrepender-se do que tinha falado.

Em seu terceiro interrogatório lhe perguntaram se iria desdizer-se de seus erros. Respondeu então que as doutrinas que mantinha não era errôneas, sendo puramente as mesmas que haviam ensinado Cristo e seus apóstolos, e que nos tinham sido transmitidas nas Sagradas Escrituras. os inquisidores o sentenciaram então a morrer afogado, o que se executou da forma já descrita. Foi à morte com a maior serenidade, parecendo anelar a dissolução, e declarando que a prolongação de sua vida somente servia para demorar aquela verdadeira felicidade que somente podia esperar-se no mundo vindouro.

Uma relação de várias pessoas notáveis que foram martirizadas em distintas partes da Itália, por causa de sua religião

João Mollius tinha nascido em Roma, de pais de boa posição social. Aos doze anos o ingressaram no convento dos Frades Cinza, onde fez um progresso tão rápido nas artes, as ciências e as línguas que aos dezoito anos lhe permitiram tomar a ordem sacerdotal.

Foi enviado a Ferrara, onde, depois de estudar durante mais seis anos, foi designado leitor teológico da universidade daquela cidade. Porém agora, desafortunadamente, empregava seus talentos para disfarçar as verdades do evangelho e para recobrir os erros da Igreja de Roma. Após passar alguns anos de residência em Ferrara, passou à universidade de Bolonha, na qual veio ser professor. Ao ler alguns tratados escritos por ministros da religião reformada, ficou plenamente consciente dos erros do papado, e pronto virou um zeloso protestante em seu coração.

Decidiu então expor, seguindo a pureza do Evangelho, a Epístola de são Paulo aos Romanos num curso regular de sermões. A aglomeração de pessoas que seguia de contínuo suas predicações era surpreendente, porém quando os sacerdotes souberam o teor de suas doutrinas, enviaram uma relação do assunto a Roma, com o que o Papa enviou um monge, chamado Cornélio, a Bolonha, para expor a mesma epístola segundo os artigos da Igreja de Roma. Contudo, a gente achou tal disparidade entre os dois predicadores que a audiência de Mollius aumentou, e Cornélio se viu obrigado a predicar a bancos vazios.

Cornélio escreveu um comunicado de seu nulo êxito ao Papa, que imediatamente enviou uma ordem para apreender a Mollius, quem foi aprisionado, e guardado isolado. O bispo de Bolonha mandou-lhe dizer que deveria desdizer-se ou ser queimado; porém ele apelou à Roma, e foi enviado lá.

Em Roma rogou lhe fosse concedido ter um juízo público, mas o Papa se negou categoricamente a isto, e lhe ordenou que rendesse conta de suas opiniões por escrito, o qual ele fez sob os seguintes encabeçamentos:

Pecado original. Livre arbítrio. A infalibilidade da Igreja de Roma. A infalibilidade do Papa. A justificação pela fé. O Purgatório. A transubstanciação. A missa. A confissão auricular. As orações pelos mortos. A hóstia. As orações aos santos. As peregrinações. A extrema-unção. Os serviços numa língua desconhecida, etc., etc.

Tudo isso o confirmou em base da autoridade das Escrituras. o Papa, nesta ocasião e por razões políticas, o pus em liberdade, mas pouco depois o fez apreender e executar, sendo primeiro enforcado, e seu corpo depois queimado até reduzi-lo a cinzas, em 1553.

No ano seguinte, foi apreendido Francisco Gambá, um Lombardo, de religião protestante, e condenado a morte pelo senado de Milan. No lugar da execução um monge lhe apresentou uma cruz, e ele disse: "Minha mente está tão cheia dos verdadeiros méritos e da bondade de Cristo que não quero utilizar um pedaço de pau inservível para trazer Ele a minha mente". Por dizer isto lhe furaram a língua, e depois o queimaram.

Em 1555 Algério, estudante na universidade de Pádua, e homem de grande erudição, fez tudo o que estava em seu poder para convertes a outros. Por estas ações foi acusado de heresia diante do Papa, e apreendido, foi lançado no cárcere de Veneza.

O Papa, informado da grande erudição de Algério, e de suas surpreendentes capacidades inatas, achou que seria de infinito serviço à Igreja de Roma e tentou, mediante as promessas mais profanas, ganhá-lo para seus propósitos. Mas ao ver inúteis seus esforços, ordenou que fosse queimado, sentença que foi oportunamente cumprida.

Em 1559 João Alloysius, enviado de Genebra para predicar na Calábria, foi ali apreendido como protestante, levado a Roma e queimado por ordem do Papa. Da mesma forma e pelas mesmas razões foi queimado em Messina Tiago Bovellus.

No ano 1560, o Papa Pio IV ordenou que todos os protestantes fossem severamente perseguidos nos estados italianos, e grandes números de toda idade, sexo e condição sofreram o martírio. A respeito das crueldades praticadas nesta ocasião, um erudito e humano católico-romano se referiu assim a eles, numa carta a um nobre senhor: "Não posso, meu senhor, deixar de revelar-vos meus sentimentos, a respeito das perseguições que estão dando-se agora. Creio que é algo cruel e desnecessário. Tremo ante a forma de dar morte, se parece mais a uma carnificina de bezerros e ovelhas que à execução de seres humanos. Relatarei a sua senhoria uma terrível

cena, da qual eu mesmo fui testemunha presencial. Setenta protestantes estavam jogados juntos numa imunda masmorra; o carrasco entrou entre eles, tomou a um dentre o resto, o tirou a um lugar aberto fora da prisão, e lhe cortou a garganta com a maior calma. Depois entrou calmamente na prisão, ensangüentado como estava, e com o cutelo na mão selecionou um outro, e o matou da mesma forma. E isto, senhoria, o repetiu até ter dado morte a todos. Deixo aos sentimentos de sua senhoria julgar acerca de minhas sensações nesta ocasião; minhas lágrimas caem agora sobre o papel no que estou escrevendo. Outra coisa que devo mencionar: a paciência com a que afrontaram a morte. Pareciam ser todo resignação e piedade, orando fervorosos a Deus, e enfrentando-se animosos a sua sorte. Não posso pensar sem tremer em como o verdugo aferrada a faça entre os dentes; que terrível figura constituía, coberto de sangue, e com quanta despreocupação executava seu bárbaro ofício".

Um jovem inglês que estava em Roma, passava um dia junto a uma igreja justo quando saiu a procissão da hóstia. Um bispo levava a hóstia, e vendo-a o jovem, arrebatou-a, a lançou no chão e a calcou a seus pés, gritando: "Miseráveis idólatras, que deixais o verdadeiro Deus, para adorar um pedaço de comida!". Esta ação provocou de tal modo o povo que teria despedaçado o jovem naquele mesmo momento, mas os sacerdotes persuadiram a multidão que o deixassem para que fosse sentenciado pelo Papa.

Quando contaram o assunto ao Papa, este sentiu-se sumamente exasperado, e ordenou que o preso fosse queimado de imediato; porém um cardeal o dissuadiu desta apressada sentença, dizendo-lhe que seria melhor castigá-lo gradualmente e torturá-lo, para poder descobrir se tinha sido instigado por alguma pessoa determinada a cometer uma ação tão atroz.

Aprovado isto, foi torturado com a maior severidade, porém só conseguiram tirá-lhe estas palavras: "Era a vontade de Deus que eu fizesse o que fiz". Então o Papa pronunciou sentença contra ele:

1) Que o carrasco o levasse com o torso nu pelas ruas de Roma.
2) Que levasse a imagem do diabo sobre sua cabeça.
3) Que lhe pintassem nas calcas uma representação das labaredas.
4) Que lhe cortassem a mão direita.
5) Que depois de ter sido assim levado em procissão, fosse queimado.

Quando ouviu esta sentença, implorou a Deus que lhe der força e integridade para manter-se firme. Ao passar pelas ruas, foi enormemente escarnecido pelo povão, aos quais falou algumas coisas severas acerca da superstição romanista. Mas um cardeal que o ouviu, ordenou que o amordaçassem.

Quando chegou à porta da igreja onde havia pisoteado a hóstia, o carrasco lhe cortou a mão direita, e a encravou num pau. Depois dois torturadores, com tochas acesas, abrasaram e queimaram seus carne todo o resto do caminho. Ao chegar no lugar da execução beijou as correntes que haviam amarrado a estaca. Ao apresentá-lhe um monge a figura de um santo, bateu nela lançando-a no chão; depois, acorrentando-o na estaca, acenderam a lenha, e pronto ficou reduzido a cinzas.

Pouco depois da execução acabada de mencionar, um venerável ancião, que tinha permanecido muito tempo preso da Inquisição, foi condenado à fogueira, e tirado para ser executado. Quando estava já acorrentado à estaca, um sacerdote susteve um crucifixo diante dele, e lhe disse: "Se você não tirar este ídolo de minha vista, serei obrigado a cuspir nele". O sacerdote o repreendeu por falar tão duramente, porém ele lhe disse que lembrasse do primeiro e do segundo mandamento, e que se afastasse da idolatria, como Deus mesmo tinha ordenado. Foi então amordaçado, para que já não falasse, e pondo fogo na lenha, sofreu o martírio no fogo.

Uma relação das perseguições no Marquesado de Saluzes

O Marquesado de Saluzes, no limite meridional dos vales do Piemonte, estava, no ano 1561, principalmente habitado por protestantes; então o marquês, proprietário daquelas terras, começou uma perseguição contra eles, por instigação do Papa. Começou desenterrando aos ministros, e se alguém deles recusasse abandonar sua grei, podiam ter a certeza de serem encarcerados e torturados com severidade. Contudo, não chegou tão longe como para dar morte a ninguém.

Pouco depois o marquesado caiu em possessão do duque de Sabóia, que enviou cartas circulares a todas as cidades e povoados, dizendo que esperava que todo o povo se conformasse com assistir à missa.

Os habitantes de Saluzes, ao receberem esta carta, lhe enviaram como resposta uma epístola geral.

O duque, após ler a carta dele, não interrompeu os protestantes por algum tempo; porém afinal enviou-lhes uma comunicação dizendo-lhes que ou assistiam à missa, ou então deveriam deixar seus domínios em quinze dias. Os protestantes, ante este inesperado édito, enviaram um representante ante o duque para lograr sua revogação, ou pelo menos que fosse moderado. Mas foram vãos seus protestos, e foi-lhes dito que o édito era absoluto.

Alguns foram o suficientemente fracos como para aceitar ir à missa a fim de evitar o desterro e preservar suas propriedades; outros foram embora, com todas suas possessões, a outros países; e muitos deixaram passar o tempo de modo tal que se viram obrigados a

abandonar tudo quanto possuíam de valor, e deixar o marquesado às pressas. Os infelizes que ficaram para trás foram apressados, saqueados e mortos.

Uma relação das perseguições nos vales do Piemonte no século dezessete

O Papa Clemente VIII enviou missionários aos vales do Piemonte para induzir os protestantes a renunciarem a sua religião. Estes missionários erigiram mosteiros em várias partes dos vales, e provocaram muitos problemas no dos reformados, onde os conventos apareceram não só como fortalezas para dominar, senão também como refúgios para todos os que lhes fizessem qualquer dano.

Os protestantes fizeram uma petição ao duque de Sabóia contra estes missionários, cuja insolência e maus-tratos tinham-se tornado intoleráveis; mas em vez de fazê-lhes justiça, prevaleceu o interesse dos missionários até o ponto em que o duque publicou um decreto, no qual declarou que uma única testemunha que puder aportar a certeza de um protestante ter cometido qualquer crime, teria direito a cem coroas.

Pode-se imaginar facilmente que ao publicar-se um decreto desta natureza muitos protestantes caíram mártires ante o perjúrio e a avareza; porque vários papistas vilões estavam dispostos a jurar qualquer coisa contra um protestante por amor à recompensa, e depois correrem velozes a seus sacerdotes para obter a absolvição por seus falsos juramentos. Se algum católico-romano com mais consciência que o resto censurava estes sujeitos por seus atrozes crimes, via-se em perigo de ser ele mesmo denunciado e exposto como favorecedor de hereges.

Os missionários fizeram tudo o possível por conseguir os livros dos protestantes, para queimá-los. Fazendo estes tudo o possível por escondê-los, os missionários escreveram ao duque de Sabóia, o qual, para castigar os protestantes pelo horrendo crime de não entregarem suas bíblicas, livros de oração e tratados religiosos, enviou umas companhias de soldados para que se aquartelassem em suas casas. Estes militares causaram graves destroços nas casas dos protestantes, e destruíram tanta quantidade de alimentos e bens que muitas famílias ficaram totalmente arruinadas.

Para alentar tanto como for possível a apostasia dos protestantes, o duque de Sabóia fez uma proclama na qual dizia: "Para alentar os hereges a tornar-se católicos, é nossa vontade e beneplácito, e assim o ordenamos expressamente, que todos os que abracem a santa fé católica-romana gozarão de uma isenção de todos e cada um dos impostos por espaço de cinco anos, a partir do dia de sua conversão". O duque de Sabóia estabeleceu também um tribunal, chamado

"Conselho para a extirpação dos hereges". Este tribunal devia realizar indagações acerca dos antigos privilégios das igrejas protestantes, e dos decretos que se haviam promulgado, de tanto em tanto, em favor deles. Mas a investigação destas coisas se fez com a mais descarada parcialidade; manipulou-se o sentido das antigas cartas de direitos, e se utilizaram sofismas para perverter o sentido de tudo aquilo que tendia a favorecer os reformados.

Como se todas estas duras ações não fossem suficientes, o duque publicou pouco depois outro édito no qual se mandava de forma estrita que nenhum protestante podia ser professor, ou tutor, nem em público nem em privado, e que não podia ousar ensinar arte, nem ciência, nem língua nenhuma, nem direta nem indiretamente, a ninguém, fosse qual for sua religião.

Este édito foi seguido de imediato por outro que decretava que nenhum protestante poderia ocupar cargo algum de benefício, confiança ou honra. Para deixá-lo tudo amarrado, e como prenda certa de uma próxima perseguição, se promulgou um édito final no que se ordenava positivamente que todos os protestantes deviam assistir à missa.

A publicação de um édito com esta ordem pode comparar-se com o levantamento de uma bandeira vermelha; porque a conseqüência certa do mesmo devia ser o assassinato e o saqueio. Um dos primeiros em atrair a atenção dos papistas foi Sebastião Basan, um zeloso protestante, que foi apreendido pelos missionários, encerrado, atormentado por espaço de quinze meses, e depois queimado.

Antes desta perseguição, os missionários tinham empregado seqüestradores para roubar os filhos dos protestantes, para poder criá-los secretamente como católico-romanos; porém agora arrebatavam os filhos pela força, e se encontravam alguma resistência, assassinavam os pais.

Para dar maior força à perseguição, o duque de Sabóia convocou uma assembléia geral de nobres e gentis-homens católico-romanos, na que se promulgou um solene édito contra os reformados, contendo muitos artigos, e incluindo várias razões para extirpar os protestantes, entre as quais se davam as seguintes:

1) Para a preservação da autoridade real.

2) Para que todas as rendas eclesiásticas estivessem sob uma forma de governo.

3) Para unir todos os partidos.

4) Em honra de todos os santos e das cerimônias da Igreja de Roma.

Este severo édito foi seguido por uma cruel ordem, publicada o 25 de janeiro de 1655, sob a sanção do duque, por Andrés Gastaldo, doutor em leis civis. Esta ordem estabelecia "que todos os cabeça de

família, com os componentes daquelas famílias, da religião reformada, fosse qual for sua categoria, fortuna ou condição, sem exceção alguma, dos habitantes e possuidores de terras em Lucerna, St. Giovanni, Bibiana, Campiglione, St. Secondo, La Torre, Fenile e Bricherassio, devia, no termo de três dias da publicação do decreto, retirar-se e partir, e ser expulsos dos mencionados lugares, e conduzidos aos lugares e limites tolerados por sua alteza durante seu beneplácito; em particular Bobbio, Angrogne, Vilário, Rorata e o condado de Boneti.

Tudo isto devia executar-se sob pena de morte e confiscação de casa e bens, a não ser que dentro do prazo se convertessem em católico-romanos.

Já se pode conceber que uma fuga com tal breve prazo, na metade do inverno, não era tarefa grata, especialmente num país quase rodeado de montanhas. A repentina ordem afetava a todos, e coisas que apenas se teriam sido observadas em outras ocasiões agora apareciam de forma evidente. Mulheres grávidas, ou mulheres que acabavam de dar a luz, não constituíam exceções para esta súbita ordem de desterro, porque todos estavam incluídos nela; e, desafortunadamente, aquele inverno era inusitadamente severo e rigoroso.

Mas os papistas expulsaram a gente de suas moradas no dia indicado, sem nem sequer permiti-lhes suficientes roupas para abrigar-se; muitos morreram nos montes devido à dureza do clima, ou por falta de alimentos. Alguns que ficaram para trás depois da execução do édito acharam um tratamento mais duro, assassinados pelos habitantes papistas, ou mortos a tiros pelas tropas aquarteladas nos vales. Uma descrição particular destas crueldades aparece numa carta, escrita por um protestante que estava no lugar, mas que felizmente escapou da matança. "Tendo-se instalado o exército (diz ele) no lugar, aumentou em número pela adição de uma multidão de habitantes papistas de lugares vizinhos, que ao verem que éramos presa para o botim, se lançaram sobre nós com furioso ímpeto. Aparte das tropas do duque de Sabóia e dos habitantes papistas havia alguns regimentos de auxiliares franceses, algumas companhias das brigadas irlandesas, e vários bandos de fora-da-lei, contrabandistas e presos, aos que tinham-lhes prometido o perdão e a liberdade neste mundo, e absolvição no vindouro, por ajudar no extermínio dos protestantes do Piemonte".

"Esta multidão armada, alentada pelos bispos e monges católico-romanos, caiu sobre os protestantes da forma mais furiosa. Nada se podia ver agora senão rostos horrorizados e desesperados; o sangue tingia o solo das casas, as ruas estavam cheias de cadáveres; ouviam-se gemidos e clamores por todas partes. Alguns se armaram e se enfrentaram às tropas; e muitos, com suas famílias, fugiram aos

montes. Num povo atormentaram cruelmente às mulheres e crianças depois que os homens tivessem fugido, cortando as cabeças das mulheres e descerebrando as crianças. Nos povos de Vilário e Bobbio tomaram a maioria dos que haviam-se recusado assistir à missa, de quinze anos para acima, e os crucificaram cabeça abaixo; e a maioria dos que estavam embaixo daquela idade foram estrangulados".

Sara Rastignole des Vignes, uma mulher de sessenta anos, apresada por alguns soldados, recebeu a ordem de rezar a alguns santos; ao recusar, cravaram-lhe uma foice no ventre, a destriparam, e depois lhe cortaram a cabeça.

Martha Constantine, uma formosa jovem, foi tratada com grande indecência e crueldade por vários dos soldados, que primeiro a violentaram, e depois a mataram cortando-lhe os seios. Depois os fritaram, e os deram a comer a alguns de seus camaradas, que os comeram sem saber de que se tratava. Quando os acabaram de comer, os outros disseram-lhes de que era aquele prato, e surgiu uma briga, saíram a reluzir as espadas, e se deu uma batalha. Vários foram mortos na peleja, a maioria deles aqueles que haviam tomado parte nesta horrenda morte, e que haviam cometido um engano tão desumano contra seus próprios companheiros.

Alguns dos soldados apreenderam um homem de Thrassinière, e lhe traspassaram os ouvidos e os pés com suas espadas. Depois lhe arrancaram as unhas dos dedos das mãos e dos pés com pinças candentes, o amarraram à cauda de um asno, e o arrastaram pelas ruas; finalmente lhe amarraram uma corda em volta da cabeça, e o sacudiram com um pau com tal força que a arrancaram do corpo.

Pedro Symons, um protestante de uns oitenta anos, foi amarrado pelo pescoço e os calcanhares, e depois lançado num precipício. Em sua queda, o galho de uma árvore prendeu as cordas que o amarravam, e ficou pendurado entre o céu e a terra, de modo que enlanguesceu durante vários dias, e finalmente morreu de fome.

Por recusar renunciar a sua religião, Esay Garcino foi cortado em pedaços. Os soldados diziam, zoando, que "fizeram picadinho" dele. Uma mulher, chamada Armanda, foi esquartejada, e depois seus membros foram pendurados sobre uma cerca. Duas anciãs foram destripadas e depois deixadas no campo sobre a neve, onde morreram; e a uma mulher muito anciã, que era deforme, lhe cortaram o nariz e as mãos, e a deixaram sangrar até morrer.

Muitos homens, mulheres e crianças foram lançados desde as rochas e esmagados. Madalena Bertino, uma mulher protestante de La Torre, foi completamente despida, lhe amarraram a cabeça entre as pernas, e foi lançada num precipício. A Maria Raymondet, da mesma cidade, foram-lhe cortando as carnes dos ossos até que expirou.

Madalena Pilot, de Vilário, foi esquartejada na caverna de Castolus; a Ana Chaibonière lhe traspassaram o corpo com o extremo de uma estaca e, fixando o outro extremo no chão, a deixaram morrer assim. Jacobo Perrin, um ancião da igreja de Vilário, e seu irmão David, foram esfolados vivos.

Um habitante de La Torre, chamado Giovanni Andréa Michialm, foi apreendido, com quatro de seus filhos, e três deles foram esquartejados diante dele; os soldados lhe perguntavam, após a morte de cada criança, se estava disposto a mudar de religião; a isto negou-se constantemente. Um dos soldados tomou então o último e mais pequeno pelos pés e, fazendo-lhe a mesma pergunta ao pai, quando ele replicou da mesma forma, aquela besta desumana o esmagou rompendo a cabeça do menino. Naquele mesmo momento, o pai se separou bruscamente deles e empreendeu a fuga; os soldados dispararam, mas falharam; ele, correndo a toda velocidade, escapou, e se ocultou nos Alpes.

Mais perseguições nos vales do Piemonte, no século dezessete

Giovanni Pelanchion, por recusar fazer-se papista, foi amarrado de uma perna ao rabo de uma mula, e arrastado pelas ruas de Lucerna, em meio das aclamações de uma desumana multidão, que não parava de apedrejá-lo e de gritar: "Está possuído pelo demônio, e nem o apedrejamento nem o arrastá-lo pelas ruas vai matá-lo, porque o demônio o mantém vivo!". Depois o levaram junto do rio, lhe cortaram a cabeça, e a deixaram, junto de seu corpo, sem sepultamento, sobre a ribeira.

Madalena, filha de Pedro Fontaine, uma bonita menina de dez anos, foi estuprada e assassinada pelos soldados. Outra menina de mais ou menos a mesma idade foi assada vida em Villa Nova; e uma pobre mulher, ao ouvir que os soldados iam para sua casa, tomou o berço em que seu bebê estava dormindo e se lançou correndo no bosque. Porém os soldados a viram e começaram a perseguí-la; para aliviar-se deixou o berço e o bebê e os soldados, em quando chegaram, assassinaram o pequeno, e recomeçaram a perseguição, acharam a mãe uma toca, a estupraram primeiro, e depois a esquartejaram.

Jacobo Michelino, principal ancião da igreja de Bobbio, e vários outros protestantes, foram pendurados por meio de ganchos fixados em seus ventres, e deixados assim para expirar em meio das mais horrendas dores.

A Giovanni Rostagnal, um venerável protestante de mais de oitenta anos, lhe cortaram o nariz e as orelhas, e lhe cortaram as partes carnosas do corpo, fazendo-o sangrar até morrer.

A sete pessoas —Daniel Seleagio, sua mulher, Giovanni Durant, Lodwich Durant, Bartolomeu Durant, Daniel Revel e Paulo Reynaud—, encheram suas bocas com pólvora, que uma vez inflamada voou suas cabeças.

Jacobo Birone, professor de Rorata, recusou mudar de religião, e foi então despido por completo; depois de exibi-lo tão indecentemente, lhe arrancaram as unhas dos pés e das mãos com pinças candentes, e lhe furaram as mãos com a ponta de uma adaga. Depois lhe amarraram umas cordas pelos furos, e foi levado pelas ruas com um soldado a cada lado. Ao chegar a cada esquina, o soldado da direita lhe infligia um corte em sua carne, e o soldado da esquerda lhe dava uma pancada, e ambos lhe diziam, ao mesmo tempo: "Irás à missa? Irás à missa?" Ele persistiu respondendo que não, pelo que finalmente o levaram até uma ponte, onde lhe cortaram a cabeça sobre a varanda, e a lançaram, junto com o corpo, no rio.

A Paulo Garnier, um protestante muito piedoso, tiraram-lhe os olhos, depois o esfolaram vivo e, esquartejando-o, seus membros foram expostos em quatro das casas principais de Lucerna. Suportou estes sofrimentos com a paciência mais exemplar, deu louvor a Deus enquanto pôde falar, e deu clara evidência de que confiança e resignação podem ser inspiradas por uma boa consciência.

No século doze começaram na Itália as primeiras perseguições sob o papado, em época de Adriano, um inglês que então era Papa. Estas foram as causas que levaram a perseguição:

Um erudito e excelente orador de Bréscia, chamado Arnoldo, chegou a Roma e predicou abertamente contra as corrupções e inovações que se haviam infiltrado na Igreja. Seus discursos eram tão simples e consistentes, e exalavam um espírito tão puro de piedade, que os senadores e muitos do povo aprovavam em grande modo e admiravam suas doutrinas.

Isto enfureceu de tal modo a Adriano que ordenou a Arnaldo que saísse da cidade no instante, como herege. Porém Arnaldo não obedeceu, porque os senadores a alguns dos principais do povo se colocaram de sua parte, e se resistiram à autoridade do Papa.

A Daniel Cardon, de Rocapiatta, apreendido por uns soldados, lhe cortaram a cabeça e, fritando-lhe os miolos, os comeram. A duas coitadas anciãs cegas de St. Giovanni as queimaram vivas; e a uma viúva de La Torre e sua filha foram levadas até o rio, e ali apedrejadas até morrer.

A Paulo Giles, que tratava de fugir de uns soldados, lhe dispararam, ferindo-o no pescoço; depois lhe cortaram o nariz, o queixo, o apunhalaram e deram seu cadáver aos cães.

Algumas das tropas irlandesas, tendo apreendido onze homens de Garcigliana, esquentaram um forno até ficar incandescente, e os

obrigaram a empurrar-se uns a outros adentro, até que chegaram ao último, ao qual empurraram eles mesmos.

Michael Gonet, um homem de noventa anos, foi queimado até morrer; Baptista Oudri, outro ancião, foi apunhaldao; e a Bartolomeu Frasche furaram-lhe os calcanhares, através de onde passaram cordas; depois foi arrastado assim até o cárcere, onde suas feridas gangrenaram e assim morreu.

Madalena de la Pière, perseguida por alguns dos soldados, foi finalmente apresada e despenhada. Margarita Revelia e Maria Pravillerin, duas mulheres muito anciãs, foram queimadas vivas, e Michael Bellino e Ana Bochardno foram decapitados.

O filho e a filha de um vereador de Giovanni foram lançados desde uma forte pendente, e deixados morrer de inanição num profundo fosso no fundo. A família de um comerciante, ele mesmo, sua mulher e um bebê de braços, foram lançados por um precipício e assim destrocados; e José Chairet e Paulo Camicro foram esfolados vivos.

Ao ser perguntado Cipriano Bustia se renunciaria a sua religião e se converteria em católico-romano, este respondeu: "Prefiro antes renunciar à vida, ou virar cão"; a isto respondeu um sacerdote: "Por assim falar, renunciarás a vida, e serás lançado aos cães". Assim, o arrastaram ao cárcere, onde permaneceu por muito tempo sem alimento, até morrer de inanição; depois, lançaram seu cadáver diante da prisão, sendo devorado pelos cães da forma mais horrorosa.

Marguerita Saretta foi apedrejada até morrer, e depois lançada no rio; a Antônio Bartina lhe abriram a cabeça, e a José Pont lhe abriram o corpo de abaixo acima.

Estando Daniel Maria e toda sua família doente de febre, vários desalmados papistas entraram na casa, dizendo serem médicos práticos, e que tirariam a doença deles, o que fizeram esmagando as cabeças a todos os membros da família.

A três crianças de um protestante chamado Pedro Fine as cobriram de neve e as asfixiaram; a uma viúva anciã chamada Judite a decapitaram, e a uma bela jovem a despiram e empalaram, matando-a.

Lúcio, mulher de Pedro Besson, e que estava em avançado estado de gestação, que vivia num povoado perto dos vales do Piemonte, decidiu, se lhe for possível, fugir das terríveis cenas que por todas partes contemplava; tomou então seus dois pequenos, um de cada mão, e se dirigiu aos Alpes. Porém, no terceiro dia da viagem lhe sobrevieram as dores de parto, e deu a luz um menino que morreu devido a extrema inclemência do tempo, como assim também seus outros dois filhinhos; porque os três foram achados mortos a seu lado, e ela agonizante, pela pessoa a qual relatou os detalhes anteriores.

A Francisco Gros, filho de um clérigo, cortaram lentamente a carne de seu corpo em pedaços pequenos, e a colocaram num prato diante dele; dois de seus filhos foram feitos pedacinhos diante dele; e sua mulher foi amarrada a um poste, para que pudesse ver como faziam estas crueldades sobre seu marido e seus filhos. Os atormentadores se cansaram finalmente destas crueldades, cortaram as cabeças dos esposos e deram depois a carne de toda a família aos cães.

O senhor Tomás Margher fugiu a uma caverna, cuja boca cegaram os soldados, e morreu de fome. Judite Revelin e sete crianças foram barbaramente assassinados em seu leitos; e uma viúva de uns oitenta anos foi esquartejada pelos soldados.

A Tiago Roseno lhe ordenaram que orasse pelos santos, o que recusou absolutamente a fazer; alguns dos soldados o bateram violentamente com cacetes para obrigá-lo a obedecer, porém continuou recusando, e eles lhe dispararam, alojando muitas balas em seu corpo. Enquanto estava agonizando, lhe berravam: "Vai orar aos santos? Vai orar aos santos?", e ele respondia: "Não! Não! Não!" Então um dos soldados, com uma espada de folha larga, fendeu-lhe a cabeça pela metade, pondo fim a seus sofrimentos neste mundo, pelo que sem dúvida será gloriosamente recompensado no vindouro.

Susana Gaequin, uma moça à qual um soldado tentava estuprar, opus uma denodada resistência, e na luta o empurrou um precipício, onde foi destroçado pela queda. Seus camaradas, em lugar de admirar a virtude desta jovem e de aplaudi-la por defender tão nobremente sua castidade, se lançaram sobre ela com suas espadas, e a despedaçaram.

Giovanni Pulhus, um pobre camponês de La Torre, foi apreendido pelos soldados por protestante, e o marquês de la Pianesta ordenou que fosse executado num lugar perto do convento. Ao chegar na forca, se aproximaram vários monges, e fizeram tudo o possível por persuadi-lo a renunciar a sua religião. Porém lhes disse que jamais abraçaria a idolatria, e que sentia-se feliz de ser considerado digno de sofrer pelo nome de Cristo. Então lhe fizeram lembrar quanto sofreriam sua mulher e filhos, que dependiam de seu trabalho, se ele morria. A isto respondeu: "Gostaria que minha mulher e filhos, igual que eu, considerassem mais suas almas antes que seus corpos, e o mundo vindouro antes que este; e a respeito da angústia em que os deixo, Deus é misericordioso, e proverá para eles enquanto sejam dignos de Sua proteção". Ao ver a inflexibilidade deste pobre homem, os monges gritaram: "Acaba com ele, acaba com ele!", o que o carrasco fez de imediato; o corpo foi depois despedaçado e lançado no rio.

Paulo Clemente, ancião da igreja de Rossana, apreendido pelos monges de um monteiro vizinho, foi conduzido à praça do mercado, onde alguns protestantes acabavam de ser executados pelos soldados.

Mostraram-lhe os cadáveres, a fim de intimidá-lo com a visão. Ao ver o constrangedor espetáculo disse, com calma: "Podeis matar o corpo, mas não podeis prejudicar a alma de um verdadeiro crente; e acerca do terrível espetáculo que me tendes mostrado, podeis ter a certeza de que a vingança de Deus alcançará os assassinos destas coitadas pessoas, e os castigará pelo inocente sangue derramado". Os monges sentiram-se tão cheios de fúria por esta resposta que ordenaram o enforcassem de imediato; e enquanto ele pendia, os soldados se divertiram colocando-se a certa distância e empregando seu corpo como alvo de seus disparos.

Dn Rambaut, de Vilário, pai de uma numerosa família, foi apreendido e levado a prisão junto com vários outros, no cárcere de Paysana. Aqui foi visitado por vários sacerdotes, que com uma insistente importunidade fizeram tudo o possível por persuadi-lo a renunciar à religião protestante e tornar-se papista. Mas recusou rotundamente e os sacerdotes, ao verem sua decisão, pretenderam sentir piedade por sua numerosa família, e lhe disseram que poderia, com tudo, salvar sua vida se afirmava sua crença nos seguintes artigos:

1) A presença real na hóstia.
2) A Transubstanciação.
3) O Purgatório.
4) A infalibilidade do Papa.
5) Que as missas realizaras pelos defuntos livravam almas do purgatório.
6) Que rezar aos santos dá remissão dos pecados.

O senhor Rambaut disse aos sacerdotes que nem sua religião nem seu entendimento nem sua consciência lhe permitiriam subscrever nenhum destes artigos, pelas seguintes razões:

1) Que acreditar na presença real na hóstia é uma chocante união de blasfêmia e idolatria.

2) Que imaginar que as palavras de consagração executam o que os papistas chamam de transubstanciação, convertendo o pão e o vinho no verdadeiro e idêntico corpo e sangue de Cristo, que foi crucificado, e que depois ascendeu ao céu, é uma coisa demasiado torpe e absurda para que acredite nela sequer uma criança que tiver a mínima capacidade de raciocínio; e que ns senão a mais cega superstição poderia fazer que os católico-romanos depositassem sua confiança em algo tão ridículo.

3) Que a doutrina do purgatório é mais inconseqüente e absurda que um conto de fadas.

4) Que era uma impossibilidade que o Papa fosse infalível, e que o Papa se arrogava de forma soberba algo que somente podia pertencer a Deus como ser perfeito.

5) Que dizer missas pelos mortos era ridículo, e somente tinha a intenção de manter a crença na fábula do purgatório, por quanto a sorte de todos estava definitivamente decidida ao partir a alma do corpo.

6) Que a oração aos santos para remissão dos pecados é uma adoração fora de lugar, por quanto os mesmos santos têm necessidade da intercessão de Cristo. Assim, já que somente Deus pode perdoar nossos erros, deveríamos ir somente a Ele em busca do perdão.

Os sacerdotes sentiram-se tão enormemente ofendidos ante as respostas do senhor Rambaut aos artigos que eles queriam se subscrevesse, que decidiram abalar sua resolução mediante o mais cruel método imaginável. Ordenaram que lhe cortassem a circulação dos dedos das mãos até o dia que ficasse sem eles; depois passaram aos dedos dos pés; depois, alternadamente, foram cortando-lhe um dia uma mão, outro dia um pé; porém ao ver que suportava seus sofrimentos com a mais admirável paciência, fortalecido e resignado, e mantendo sua fé com uma resolução irrevogável e uma constância inamovível, o apunhalaram no coração, e deram seu corpo como comida para os cães.

Pedro Gabriola, um cavalheiro protestante de considerável linhagem, foi apresado por um grupo de soldados; ao negar-se a renunciar a sua religião, penduraram nele uma grande quantidade de pequenas sacolas de pólvora por todo seu corpo, e acendendo-as, o voaram em pedaços.

A Antônio, filho de Samuel Catieris, um coitado rapaz mudo totalmente inerme, o despedaçaram um grupo de soldados. Pouco depois os mesmos desalmados entraram na casa de Pedro Moniriat e cortaram as pernas de toda a família, deixando-os sangrar até morrer, incapacitados para atender-se a si mesmos ou uns a outros.

Daniel Benech foi apreendido, talharam seu nariz, cortaram suas orelhas, e depois o esquartejaram, pendurando cada um dos quartos de uma árvore. A Maria Monino lhe romperam as mandíbulas, e depois a deixaram sofrer até morrer de inanição.

Maria Pelanchion, uma bela viúva, vizinha da cidade de Vilário, foi apresada por um pelotão das brigadas irlandesas que, após espancá-la cruelmente, a estupraram, a arrastaram até uma alta ponte que cruzava um rio, a despiram da forma mais indecente, a penduraram pelas pernas da ponte, cabeça abaixo, e depois, entrando em barcas, dispararam contra ela como alvo até que morreu.

Maria Nigrino e sua filha, que era retrasada mental, foram esquartejadas nos bosques, e seus corpos deixados como pasto para as feras; Susana Bales, uma viúva de Vilário, foi emparedada, morrendo de fome. Susana Calvio tentou fugir de alguns soldados e se ocultou num celeiro. Eles então prenderam fogo na palha e a queimaram.

Paulo Armand foi cortado em pedaços; um menino chamado Daniel Bextino foi queimado; a Daniel Michialino lhe arrancaram a língua, e o deixaram morrer nesta condição; e André Bertino, um ancião de idade muito avançada, que era coxo, foi mutilado da forma mais horrenda, e afinal destripado, e suas entranhas levadas na ponta de uma lança.

A Constância Bellione, uma dama protestante apresada devido a sua fé, um sacerdote lhe perguntou se renunciaria ao diabo e iria à missa; a isto ela respondeu: "Eu fui criada numa religião pela qual foi-me ensinado sempre a renunciar ao diabo; porém, se eu aceder aos vossos desejos e assistisse à missa, certamente o acharia ali sob diversas aparências". O sacerdote se enfureceu por estas palavras e lhe disse para desdizer-se ou sofreria cruelmente. A dama, contudo, disse valorosamente que apesar de todos os sofrimentos que pudesse infligi-lhe ou de tosos os tormentos que inventasse, ela manteria sua consciência pura e sua fé inviolada. O sacerdote ordenou então que cortassem fatias de sua carne de várias partes de seu corpo, crueldade que ela suportou com a paciência mais inusitada, somente dizendo ao sacerdote: "Que horrorosos e duradouros tormentos tu sofrerás no inferno pelas coitadas e passageiras dores que eu agora sinto!" Exasperado por suas palavras, e querendo fechá-lhe a boca, o sacerdote ordenou a um pelotão de mosqueteiros que se aproximassem e disparassem sobre ela, com o qual morreu logo, selando seu martírio com seu sangue.

Por recusar mudar de religião e abraçar o papismo, uma jovem chamada Judite Mandon foi acorrentada a uma estaca, e se dedicaram a lança-lhe paus desde uma distância, da mesma forma que o bárbaro costume que se praticava antigamente nas terças-feiras de Carnaval, do chamado lançamento contra rochas. Com este desumano proceder, os membros da infeliz moça foram espancados e mutilados de forma terrível, e finalmente uma das varas partiu-lhe o crânio.

Davi Paglia e Paulo Genre, que tentavam fugir aos Alpes, cada um deles com seu filho, foram perseguidos e alcançados pelos soldados numa grande planície. Ali, para divertir-se, os caçaram, espetando-os com suas espadas e perseguindo-os até que caíram rendidos pela fadiga. Quando viram que estavam esgotados e que já não poderiam diverti-los mais, os soldados os despedaçaram e deixaram seus corpos mutilados no lugar.

Um moço de Bobbio, chamado Miguel Greve, foi apreendido na cidade de La Torre, levado a uma ponte, e lançado no rio. Como podia nadar muito bem, se dirigiu rio abaixo, achando que poderia fugir; porém os soldados e a plebe o seguiram por ambas margens do rio, apedrejando-o de contínuo, até que, tendo recebido uma pedrada na fonte da cabeça, perdeu o conhecimento e afundou, afogando-se.

A David Armand lhe ordenaram que colocasse sua cabeça sobre um pedaço de mármore, e um soldado, com um martelo, lhe esmagou o crânio. David Baridona, apreendido em Vilário, foi levado à La Torre, onde, ao negar-se a renunciar a sua religião, o atormentaram acendendo-lhe pauzinhos de enxofre amarrados entre os dedos de suas mãos e de seus pés. Depois lhe arrancaram as carnes com pinças candentes, até que expirou. Giovanni Barolina e sua mulher foram lançados numa estanque de água e obrigados a manter as cabeças embaixo da água, por médio de forcas e pedras, até afogarem.

Vários soldados foram até a casa de José Garniero, e antes de entrar dispararam contra a janela, para avisar de sua chegada. Uma bala de mosquete deu num dos peitos da senhora de Garniero enquanto estava dando de mamar a um bebê com o outro. Ao descobrir suas intenções, rogou-lhes desesperadamente que perdoassem a vida do bebê, o que fizeram, enviando-o de imediato a uma aia católico-romana. Depois pegaram o marido e o penduraram em sua própria horta, e deram um tiro na cabeça à mulher, deixando-a banhada em sangue, e a seu marido enforcado.

Um ancião chamado Isaias Mondon, piedoso protestante, fugiu dos desapiedados perseguidores refugiando-se numa fenda de um penhasco, onde sofreu as mais terríveis privações; em médio do inverno viu-se obrigado a jazer sobre a pedra nua, sem nada para cobrir-se; se alimentava das raízes que podia arrancar perto de seu miserável esconderijo, e a única forma em que podia procurar-se bebida era colocar neve em sua boca até derretê-la. Contudo, até ali o acharam alguns dos desumanos soldados que, após espancá-lo implacavelmente, o levaram a Lucerna, espetando-o com a ponta de suas espadas. Sumamente debilitado por suas passadas circunstâncias, e esgotado pelas pancadas recebidas, caiu no caminho. Eles começaram de novo a bater nele para obrigá-lo a seguir, mas ele, de joelhos, lhe implorou que acabassem com seus sofrimentos, dando-lhe morte. Afinal acederam, e um deles, adiantando-se, disparou um tiro na cabeça com sua pistola, dizendo: "Toma, herege, aqui tens o que pediste!".

Maria Revol, uma digna protestante, recebeu um disparo nas costas enquanto caminhava por uma rua. Caiu ferida no chão mas, recuperando suficientes forças, ficou de joelhos e, levantando suas mãos ao céu, orou da forma mais fervorosa ao Todo Poderoso; então vários soldados, perto dela, dispararam a discrição, alcançando-a muitas balas, pondo fim no instante a seus sofrimentos.

Vários homens, mulher e crianças se ocultaram numa grande caverna, onde permaneceram a salvo durante várias semanas. Era costume que dois dos homens saíssem quando necessário, para procurar provisões a escondidas. Mas um dia foram vistos, e a caverna

descoberta, e pouco depois apareceu diante da boca da gruta uma tropa católica. Os papistas que se congregaram ali naquela ocasião eram vizinhos e conhecidos íntimos dos protestantes da caverna; e alguns eram inclusive parentes. Por isso, os protestantes saíram e lhes imploraram, pelos laços da hospitalidade, pelos vínculos do sangue, e como velhos conhecidos e vizinhos, que não os assassinassem. Mas a superstição vence todos os sentimentos naturais e humanos, e os papistas, cegados pelo fanatismo, disseram-lhes que não podia mostrar graça alguma a hereges, e por isso, que deviam preparar-se para morrer. Ao ouvir isto, e conhecendo a assassina obstinação dos católico-romanos, os protestantes se prostraram, levantando as mãos e os corações ao céu, orando com grande sinceridade e fervor, e depois se lançaram no solo, esperando pacientemente sua sorte, que pronto foi selada, porque os papistas se lançaram sobre eles com fúria selvagem e, cortando-os em pedaços, deixaram seus corpos mutilados na caverna.

Giovanni Salvagiot passava diante de uma igreja católico romana e não tirou o chapéu; foi seguido por alguns da congregação que, lançando-se sobre ele, o assassinaram; e Tiago Barrel e sua mulher, aprisionados pelo conde de St. Secondo, um dos oficiais do duque de Sabóia, foram entregues aos soldados, que cortaram os peitos da mulher, o nariz do homem, e depois os remataram com um disparo na cabeça.

Um protestante chamado Antônio Guigo, que estava vacilando, foi a Periero, com a intenção de renunciar a sua religião e abraçar o papismo. Comunicando seu designo a alguns sacerdotes, estes o elogiaram muito, e fixaram um dia para sua recessão pública. Nesse ínterim, Antônio ficou contanto de sua perfídia, e sua criação o atormentou de tal modo, dia e noite, que decidiu não desdizer-se, mas fugir. Tendo empreendido a fuga, pronto deram falta dele, e foi perseguido e apreendido. As tropas, pelo caminho, fizeram tudo o possível por levá-lo de novo a sua anterior decisão de arrepender-se, mas ao ver que seus esforços eram inúteis, o espancaram violentamente no caminho, e, chegando perto de um precipício, ele aproveitou a oportunidade, pulando e despenhando-se.

Um cavalheiro protestante sumamente rico, de Bobbio, provocado uma noite pela insolência de um sacerdote, respondeu com grande dureza; entre outras coisas disse que o Papa era o Anticristo, a missa uma idolatria, o Purgatório uma farsa e a absolvição uma armadilha. Para vingar-se o sacerdote contratou cinco bandidos que aquela mesma noite irromperam na casa do cavalheiro e se apoderaram dele com violência. Este cavalheiro se assustou terrivelmente, e implorou graça de joelhos, porém os bandidos o mataram sem vacilação.

Uma relação da guerra piemontesa

As matanças e assassinatos já mencionados que tiveram lugar nos vales do Piemonte quase despovoaram a maioria das cidades e dos vilarejos. Somente um lugar não tinha sido assaltado, e isso devia-se a sua inacessibilidade; tratava-se da pequena comunidade de Roras, que estava situada sobre uma penha.

Diminuindo o massacre em outras partes, o conde de Cristoplee, um dos oficiais do duque de Sabóia, decidiu que se era possível se apoderaria do lugar; com este propósito preparou trezentos homens e se colocaram emboscadas para tomar o lugar por surpresa.

Mas os habitantes de Rora foram informados da chegada destas tropas, e o capitão Josué Giavanel, um valoroso protestante, se colocou à cabeça de um pequeno grupo de cidadãos, e se puseram emboscadas para atacar o inimigo num pequeno desfiladeiro.

Quando apareceram as tropas e entraram no desfiladeiro, que era o único lugar pelo qual se podia aceder à cidade, os protestantes dirigiram um fogo certeiro e rápido contra eles, mantendo-se a coberto do inimigo atrás de arbustos. Muitos dos soldados foram mortos, e o resto, sob um fogo continuado, não vendo ninguém para poder rebater, acharam que o melhor era a retirada.

Os membros da pequena comunidade enviaram então um memorando ao marquês de Pianessa, um dos oficiais generais do duque, dizendo-lhe: "Que sentiam ter visto a necessidade, naquela ocasião, de recorrer às armas, mas a chegada secreta de um corpo de tropas, sem nenhuma razão nem notificação enviada por adiantado acerca do propósito de sua chegada os havia alarmado muito; que por quanto era seu costume não admitir a nenhum militar em sua pequena comunidade, haviam repelido a força com a força, e que o voltariam a fazer; porém, que em todos os outros aspectos se mantinham como dóceis, obedientes e leais súbditos de seu soberano, o duque de Sabóia".

O marquês de Pianessa, para reservar-se outra oportunidade de enganar e surpreender os protestantes de Roras, enviou-lhes uma resposta dizendo: "Que estava totalmente satisfeito com sua conduta, porque tinham feito o correto e inclusive rendido um serviço a seu país, por quanto os homens que tinham tentado passar o desfiladeiro não eram suas tropas, nem por ele enviadas, senão um bando de bandidos desesperados que tinham infestado o lugar durante algum tempo, e aterrorizado as regiões limítrofes". Para dar maior verossimilhança a sua perfídia, publicou depois uma proclama ambígua aparentemente favorável aos habitantes de Roras.

Não obstante, o dia depois desta proclama tão plausível e desta conduta tão enganosa, o marquês enviou quinhentos homens para

tomar pose de Roras, enquanto a gente estava, pensava ele, tranqüilizada por sua pérfida conduta.

Mas o capitão Gianavel não era fácil de enganar. Pus então uma emboscada para este corpo de tropas, como tinha feito com a anterior, e obrigou-os a retirar-se com consideráveis perdas.

Embora tendo falhado nestas duas tentativas, o marquês de Pianessa decidiu um terceiro assalto, que seria ainda mais potente; porém primeiro publicou outra desavergonhada proclamação, negando todo conhecimento do segundo assalto.

Pouco depois, setecentos homens escolhidos foram enviados numa expedição que, apesar do fogo dos protestantes, forçaram o desfiladeiro, entraram em Roras e começaram a assassinar a todos os que encontravam, sem distinção de idade nem de sexo. O capitão protestante Gianavel, à cabeça de um pequeno grupo, apesar de ter perdido o desfiladeiro, decidiu disputar seu passo através de uma passagem fortificada que conduzia à parte mais rica e melhor da cidade. Aqui teve êxito, mantendo um fogo contínuo, e graças a que seus homens eram todos excelentes tiradores. O comandante católico-romano se viu grandemente abrumado ante esta oposição, porque pensava que havia vencido todas as dificuldades. Contudo, se esforçou por abrir-se passo, mas ao poder somente passar doze homens por vez, e estando os protestantes protegidos por um parapeito, viu que seria derrotado por um punhado de homens que se enfrentavam a ele.

Enfurecido ante a perda de tantas de suas tropas, e temendo a destruição se tentava o que via ser impraticável, considerou que o mais prudente era retirar-se. Sem embargo, não disposto a retirar seus homens pelo mesmo desfiladeiro pelo que havia entrado, devido à dificuldade e o perigo da empresa, decidiu retroceder a Vilano por outra passagem chamada Piampra que, embora difícil de acesso, era de fácil descida. Porém aqui se desenganou, porque o capitão Gianavel tinha emprazado ali seu pequeno grupo, fustigando intensamente suas tropas enquanto passavam, e inclusive perseguindo sua retaguarda até chegarem a campo aberto.

Vendo o marquês de Pianessa que todas suas tentativas tinham sido frustradas, e que todos os artifícios que havia utilizado somente constituíam um sinal de alarme para os habitantes de Roras, decidiu agir abertamente, e portanto proclamou que se dariam ricas recompensas a qualquer que aceitasse portar armas contra os obstinados hereges de Roras, como os chamava; e que todo oficial que os exterminasse seria recompensado de uma forma principesca.

Isto atraiu o capitão Mario, um fanático católico-romano e rufião, para empreender a ação. Assim, recebeu para recrutar um regimento nas seguintes seis cidades: Lucerna, Borges, Famolas, Bobbio, Begnal e Cavos.

Tendo completado o regimento, que consistia em dois mil homens, preparou seus planos para não ir pelos desfiladeiros ou passos, senão tratar de alcançar o topo da penha, desde onde pensava que poderia lançar seus homens contra a cidade sem demasiada dificuldade ou oposição.

Os protestantes deixaram que as tropas católico romanas alcançassem quase o cume da penha sem apresentar oposição alguma, e sem sequer deixar-se ver. Mas quando estavam já quase chegando ao cume, lançaram uma intensa ofensiva contra eles: uma partida manteve um fogo constante e bem dirigido, e outra partida lançava enormes pedras.

Isto deteve o avanço das tropas papistas; muitos foram mortos pelos mosquetes, e mais ainda pelas pedras, que os lançavam precipício abaixo. Vários morreram pela presa em retroceder, caindo e destrocando-se; o próprio capitão Mario apenas se conseguiu salvar a vida, porque caiu desde uma lugar muito quebrado no qual estava num rio que lambia o pé da rocha. Foi recolhido sem conhecimento, porém depois se recuperou, embora esteve impedido durante muito tempo devido às feridas sofridas; no final caiu em Lucerna, onde morreu.

Outro corpo de tropas foi enviado desde o acampamento em Vilário para tentar o assalto de Roras; mas também esses foram derrotados pelos protestantes emboscados, e se viram obrigados a retirar-se de novo.

Depois de cada uma destas vitórias, o capitão Gianavel falava de forma prudente a suas tropas, fazendo-os ajoelhar-se e agradecer o Todo Poderoso por Sua proteção providencial; e geralmente concluía com o Salmo onze, cujo tema é depositar a confiança em Deus.

O marquês de Pianessa se enfureceu em sumo grau por ver-se frustrado pelos poucos habitantes de Roras; por isso, decidiu tentar sua expulsão de uma forma que não poderia deixar de ter êxito.

Com isto em vista, ordenou que fosse mobilizadas todas as milícias católico romanas do Piemonte. Quando estas tropas estiveram já dispostas, agregou-lhes oito mil soldados das tropas regulares, e dividindo o todo em três corpos distintos, ordenou que se lançassem três formidáveis ataques simultaneamente, a não ser que a gente de Roras, aos que enviou uma advertência de seus grandes preparativos, acedesse às seguintes condições:

1) Que pedissem perdão por terem tomado as armas.

2) Que pagassem os custos de todas as expedições enviadas contra eles.

3) Que reconhecessem a infalibilidade do Papa.

4) Que fossem à missa.

5) Que orassem pelos santos.

6) Que levassem barba.

7) Que entregassem seus ministros.
8) Que entregassem seus professores.
9) Que fossem à confissão.
10) Que pagassem dinheiro pela liberação de almas do purgatório.
11) Que entregassem o capitão Gianavel de maneira incondicional.
12) Que entregassem os anciãos de sua igreja incondicionalmente.

Os habitantes de Roras, ao conhecerem as condições, se encheram de profunda indignação e, como resposta, enviaram ao marquês a contestação de que antes de aceder a elas sofreriam as três coisas mais terríveis para a humanidade:

1) Que lhes arrebatassem seus bens.
2) Que suas casas fossem queimadas.
3) Que eles fossem mortos.

Aos obstinados hereges que moram em Roras:

Obtereis vossa petição, porque as tropas enviadas contra vós outros têm estritas ordens de saquear, queimar e matar.

Pianessa.

Então os três exércitos receberam ordem de avançar, e os ataques foram dispostos desta forma: o primeiro pelas rochas de Vilário; o segundo pelo passo de Bagnol; e o terceiro pelo desfiladeiro de Lucerna.

As tropas se abriram caminho pela superioridade de seu número, e tendo ganhado as rochas e o desfiladeiro, começaram a cometer as mais terríveis barbaridades e as maiores crueldades. Aos homens os enforcaram, queimaram, puseram no potro do tormento até morrer e os despedaçaram; às mulheres as destriparam, crucificaram, afogaram ou lançaram desde os precipícios; e a seus filhos os lançaram sobre lanças, os trucidaram, degolaram ou esmagaram contra as pedras. Cento e vinte e seis habitantes sofreram desta forma no primeiro dia em que ocuparam a cidade.

Em conformidade com as ordens do marquês de Pianessa, também saquearam as possessões e queimaram as casas dos habitantes. Porém, vários protestantes conseguiram fugir, conduzidos pelo capitão Gianavel, cuja mulher e filhos, desgraçadamente, caíram prisioneiros, e foram levados sob forte custodia a Torino.

O marquês de Pianessa escreveu uma carta ao capitão Gianavel, liberando um prisioneiro protestante para que a levasse. O conteúdo era que se o capitão abraçava a religião católica-romana, seria indenizado por todas suas perdas desde o começo da guerra; que sua mulher e filhos seriam de imediato liberados, e que ele mesmo seria honrosamente ascendido no exército do duque de Sabóia. Mas que se recusasse aceder às proposições que se faziam, sua mulher e filhos

seriam mortos, e que se ofereceria uma recompensa tão enorme por sua entrega, vivo ou morto, que inclusive alguns de seus mais íntimos amigos se sentiriam tentados a traí-lo, pela enormidade da suma.

A esta epístola o valente Gianavel enviou a seguinte resposta:

Meu senhor marquês:

Não há tormento tão grande nem morte tão cruel que me fizessem preferir abjurar de minha religião; de maneira que as promessas perdem sua efetividade, e as ameaças tão só me fortalecem em minha fé.

A respeito de minha mulher e filhos, mas senhor, nada pode afligir-me tanto como o pensamento de seu encerro, nem nada pode ser terrível para minha imaginação que pensar em que sofrerão uma morte violenta e cruel. Sinto agudamente todas as horríveis sensações de um marido e um pai; meu coração está cheio de todos os sentimentos humanos; sofreria qualquer tormento para resgatá-los do perigo; morreria para preservá-los.

Mas tendo dito tudo isto, meu senhor, os asseguro que a compra de suas vidas não pode ser o preço de minha salvação. Certo é que os tendes em vosso poder; porém meu console é que vosso poder é somente uma autoridade temporária sobre seus corpos; podeis destruir a parte mortal, mas suas almas imortais estão além de vosso alcance, e viverão no além para darem testemunho contra vós por vossas crueldades. O isso, encomendo-os, assim como a mim mesmo, a Deus, e oro para que vosso coração seja transformado.

Josué Gianavel

Trás escrever esta carta, este corajoso oficial protestante se retirou aos Alpes com seus seguidores, e depois de unir-se-lhe um grande número de outros protestantes fugitivos, fustigou o inimigo com contínuas escaramuças.

Encontrando-se um dia com um corpo de tropas papistas perto de Bibiana, ainda que inferior em número de soldados, os atacou com grande ímpeto, e os pus em fuga sem perder um único homem, embora ele mesmo foi alcançado numa perna na batalha, por um soldado que se escondera trás uma árvore. Gianavel, contudo, percebendo de onde tinha partido o disparo, apontou lá e deu morte ao que o havia ferido.

Ouvindo o capitão Gianavel que um tal de capital Jahiei tinha recolhido um considerável número de protestantes, escreveu-lhe, propondo-lhe unirem forças. O capitão Jahier acedeu de imediato ante a proposta, e se dirigiu diretamente ao encontro de Gianavel.]

Realizada a união, propuseram atacar uma cidade (ocupada por católico-romanos) chamada Garcigliana. O assalto foi empreendido com

grande esforço, porém por terem chegado recentemente à cidade uns reforços de cavalaria e infantaria, do qual os protestantes nada sabiam, foram rejeitados; contudo, fizeram uma retirada perfeita, perdendo um único homem na ação.

A seguinte tentativa das forças protestantes foi contra St. Secondo, que atacaram com grande vigor, mas encontrando uma forte resistência das tropas católico romanas que haviam fortificado as ruas e que se tinham feito fortes nas casas, desde as que disparavam nutrido fogo de mosquetes. Não obstante, os protestantes avançaram, sob o coberto de um grande número de tábuas de madeira que uns sustinham sobre suas cabeças para protegê-los do fogo inimigo procedente das casas, enquanto outros mantinham um fogo bem dirigido. Assim, as casas e os pontos fortes foram logo abatidos, e a cidade, tomada.

Na cidade encontraram uma quantidade enorme de botim arrebatado aos protestantes em diferentes ocasiões e lugares, que estava guardado em armazéns, igrejas, casas, etc. tudo isto levaram a lugar seguro, para distribuí-lo, com a maior eqüidade, entre os sofredores.

Este ataque, com tanto êxito, foi efetuado com tanta destreza e ânimo, que custou mui poucas perdas à tropa atacante. Os protestantes somente perderam dezessete homens, e tiveram vinte e seis feridos, enquanto que os papistas sofreram uma perda de pelo menos quatrocentos e cinqüenta mortos e quinhentos e onze feridos.

Cinco oficiais protestantes —Gianavel, Jahier, Laurentio, Genolet e Benet—, fizeram um plano para surpreender Biqueras. Para este fim marcharam em cinco grupos, com o acordo de atacarem simultaneamente. Os capitães Jahier e Laurentio passaram através de duas fileiras nos bosques, e chegaram ao lugar, sãos e salvos, a coberto; porém os outros três corpos fizeram sua entrada por campo aberto, e por isso ficaram mais vulneráveis ao ataque.

Dado o alarme no campo católico-romano, se enviaram muitas tropas desde Cavors, Bibiana, Feline, Campiglione e outros lugares vizinhos, para reforçar Biqueras. Quando estas tropas se uniram, decidiam atacar as três partidas protestantes, que estavam marchando por terreno aberto.

Os oficiais protestantes, percebendo as intenções do inimigo, e não encontrando-se a grande distância entre si, uniram suas forças a toda pressa, e se formaram em ordem de batalha.

Enquanto isso, os capitães Jahier e Laurentio tinham assaltado a cidade de Biqueras, e queimado todas as casas de fora, para realizar sua aproximação com maior facilidade. Mas ao não ver-se apoiados como esperavam pelos outros três capitães protestantes, enviaram um mensageiro num veloz cavalo, a terreno aberto, para saber da razão.

O mensageiro voltou pronto, e disse que os outros três capitães protestantes não poderiam ajudá-los em sua missão, porquanto estavam sendo atacados por uma força muito superior na planície, e apenas se podiam manter-se naquele desigual combate.

Ao saber disto os capitães Jahier e Laurentio, decidiram deixar o assalto de Biqueras a toda pressa, para prestar ajuda a seus amigos na planície. Esta decisão resultou ser mais que oportuna, porque justo ao chegarem ao lugar onde os dois exércitos estavam livrando a batalha, as tropas papistas estavam começando a prevalecer, e estavam a ponto de exceder o flanco da ala esquerda, comandada pelo capitão Gianavel. A chegada destas tropas voltou o ponteiro da balança em favor dos protestantes, e as forças papistas, embora lutando com firme intrepidez, foram totalmente derrotadas. Um grande número foram mortos e feridos de ambos bandos, e os fornecimentos e apetrechos militares que os protestantes tomaram foi enorme.

Ao saber o capitão Gianavel que trezentos inimigos iriam transportar uma grande quantidade de víveres, provisões, etc., desde La Torre ao castelo de Mirabac, decidiram atacá-los no caminho. Lançou o ataque, então, desde Malbee, embora com uma força muito pequena. A luta foi longa e sangrenta, mas os protestantes se viram finalmente obrigados a desistir, ante a superioridade numérica do adversário, e a retirar-se, o que fizeram com suma ordem e mui poucas perdas.

O capitão Gianavel, então, dirigiu-se a um posto avançado, situado perto da cidade de Vilário, e enviou a seguinte informação e ordens a seus habitantes:

1) Que atacaria a cidade no prazo de vinte e quatro horas.

2) Que no que dizia respeito aos católico-romanos que portassem ou tiverem portado armas, tanto se pertenciam ao exército como se não, agiriam pela lei do talião, dando-lhes morte, pelas numerosas depredações e muitos cruéis assassinatos que haviam cometido.

3) Que seriam respeitadas todas as mulheres e crianças, da religião que fossem.

4) Que mandava todos os protestantes varões a saírem da cidade e se unirem às suas forças.

5) Que todos os apóstatas que, por temor, tiverem abjurado Deus sua religião, seriam considerados inimigos, a não ser que renunciassem a sua abjuração.

6) Que todos os que voltassem a seu dever para com Deus e para si mesmos seriam recebidos como amigos.

Os protestantes, de maneira geral, saíram da cidade de imediato, e se uniram de muito boa vontade ao capitão Gianavel, e os poucos que por fraqueza ou temor tinham abjurado de sua fé foram recebidos no seio da Igreja. Devido a que o marquês de Pianessa tinha retirado seu exército e acampado numa parte distante da região, os católico-

romanos de Vilário pensaram que seria uma insensatez tentar defender o lugar com a pequena força que tinha. Por isso, saíram com a maior precipitação, deixando a cidade e a maior parte de suas possessões em mãos dos protestantes.

Os comandantes protestantes, tendo convocado um conselho de guerra, resolveram lançar um ataque contra a cidade de La Torre.

Os papistas prosseguiram com sua marcha, e as tropas de La Torre, ao vê-los chegar, fizeram uma enérgica saída, mas foram repelidos com grandes perdas, vendo-se obrigados a refugiar-se na cidade. Os governadores pensaram agora somente em defender a praza, que os protestantes começaram a atacar formalmente. Porém, depois de muitas corajosas tentativas e furiosos ataques, os comandantes decidiram abandonar a empresa por várias razões; entre elas, que a cidade mesma estava muito fortificada, que seu próprio número era insuficiente, e que seu canhão não era adequado para a tarefa de abrir brechas nas muralhas.

Tendo tomado esta decisão, os comandantes protestantes começaram uma retirada perfeita, executando-a com tal ordem que o inimigo não se atreveu a persegui-los nem a fustigar sua retaguarda ao passar pelos desfiladeiros, ação que poderia ter empreendido.

No dia seguinte convocaram o exército, passaram revista e viram que o total de seus homens ascendia a quatrocentos e noventa. Então celebraram um conselho de guerra e decidiram uma empresa mais fácil: atacar à comunidade de Crusol, um lugar habitado por vários dos mais fanáticos católico-romanos, e que durante as perseguições tinham cometido as crueldades mais inauditas contra os protestantes.

A gente de Crusol, ao conhecer as intenções em contra deles, fugiram a uma fortaleza próxima, emprazada numa penha, onde os protestantes não podiam atacá-los, porque com muito poucos homens podia fechar-se o passo a um exército numeroso. Assim, salvaram suas vidas, porém se deram demasiada pressa em salvar seus bens, cuja parte principalmente por outra parte, era botim tomado aos protestantes e que agora, afortunadamente, voltou à possessão de seus legítimos donos. Consistia em muitos e valiosos artigos, e o que era muito mais importante naqueles momentos, numa grande quantidade de petrechos militares.

O dia depois que os protestantes partiram com seu botim, chegou uma tropa de oitocentos soldados para ajudar o povo de Crusol, que tinham sido enviado desde Lucerna, Biqueras, Cavors, etc. Mas ao ver que tinham chegado demasiado tarde, e que a perseguição seria inútil, a fim de não voltar com as mãos vazias começaram a saquear os povos vizinhos, embora estivessem roubando de seus amigos. Depois de ter recolhido um considerável botim, começaram a reparti-lo entre eles, porém, não ficando de acordo com as partes que tinham distribuído,

passaram das palavras às pancadas, cometendo muitas mais barbaridades que antes, e se saquearam mutuamente.

O mesmo dia em que os protestantes conseguiam seu êxito em Crusol, alguns papistas se puseram em marcha com o desígnio de saquear e queimar o pequeno povoado protestante de Rocappiatta, mas no caminho se encontraram com as forças protestantes dos capitães Jahier e Laurentio, que estavam apostadas sobre o monte de Angrogne. Começou uma pequena escaramuça, porque os católico-romanos, no primeiro ataque, foram presa da maior confusão, e foram perseguidos com grande mortandade. Depois de acabar a perseguição, algumas tropas papistas retrasadas se encontraram com um coitado camponês protestante e o apreenderam, lhe amarraram uma corda em volta da cabeça e a esticaram até arrebentá-la.

O capitão Gianavel e o capitão Jahier consertaram juntos um plano para atacar Lucerna; no entanto, ao não chegar o capitão Jahier com suas forças no momento marcado, o capitão Gianavel decidiu acometer a empresa sozinho.

Por isso, se dirigiu a marcha forçada até aquele lugar durante toda a noite, e se apostou perto dela ao raiar o dia. Sua primeira ação foi cortar as tubulações que levavam a água à cidade, e depois demolir a ponte, sendo que somente por ela podiam introduzir-se provisões desde o campo.

Depois assaltou o lugar, e se apoderou rapidamente de duas posições avançadas; mas ao ver que não podia apoderar-se da cidade, se retirou prudentemente sofrendo muito poucas perdas, porém jogando a culpa sobre o capitão Jahier pelo fracasso da empresa.

Sendo informados os papistas de que o capitão Gianavel estava em Angrogne somente com a sua companhia, decidiram surpreendê-lo, se for possível. Visando a isto, reuniram um grande número de tropas procedentes de La Torre e de outros lugares. Uma parte destas tomaram o cume de uma montanha, sob a qual estava ele aquartelado, e a outra parte tentou tomar a porta de são Bartolomeu.

Os papistas acreditavam que iriam certamente apoderar-se do capitão Gianavel e de todos seus homens, por quanto eram só trezentos, e sua força ascendia a dois mil homens. Porém seu desígnio foi providencialmente frustrado, porque um dos soldados papistas foi tão imprudente como para dar um toque de corneta antes que fosse dado o sinal de ataque. O capitão Gianavel deu então o alarme, e dispus seu pequeno grupo numa posição tão vantajosa junto da porta de são Bartolomeu e do desfiladeiro pelo qual o inimigo devia descer das montanhas, que as tropas católico-romanas fracassaram em ambos os ataques, e foram superadas com grandes perdas.

Pouco depois, o capitão Jahier acudiu a Angrogne e uniu suas forças às do capitão Gianavel, dando razões suficientes para escusar sua já

mencionada falta de assistência. O capitão Jahier empreendeu agora algumas saídas secretas com grande êxito, selecionando sempre as tropas mais ativas, tanto de Gianavel como das suas próprias. Um diz se colocou à cabeça de quarenta e quatro homens, para empreender uma expedição, quando, ao entrar numa planície perto de Osaae, viu-se de repente rodeado por um grande esquadrão de cavalaria. O capitão Jahier e seus homens lutaram desesperadamente, embora abrumados pelo número, e deram morte ao comandante em chefe, a três capitães e a cinqüenta e sete soldados do inimigo. Porém, morto o próprio capitão Jahier, com trinta e cinco de seus homens, o resto se rendeu. Um dos soldados cortou a cabeça do capitão Jahier e, levando-a a Torino, a apresentou ao duque, quem o recompensou com seiscentos ducados.

A morte deste cavalheiro foi uma perda marcada para os protestantes, porque era um verdadeiro amigo e companheiro da Igreja reformada. Possuía um espírito dos mais corajosos, de maneira que nenhuma dificuldade podia acobardá-lo para executar uma empresa, nem algum perigo atemorizá-lo em sua execução. Era piedoso sem afetação, e humano sem debilidade; aguerrido no campo de batalha, manso na vida domestica, de um gênio penetrante, ativo de espírito e resolvido em tudo quanto empreendia.

Para acrescentar às aflições dos protestantes, o capitão Gianavel foi ferido pouco depois de modo tão grave que se viu obrigado a guardar cama. Mas eles tiraram forças da fraqueza, e decidindo não permitir que seus espíritos ficassem abatidos, atacaram um corpo de tropas papistas com grande intrepidez; os protestantes eram muito inferiores em número, mas lutaram com maior resolução que os papistas, e ao final os puseram em fuga com uma considerável perda. Durante esta ação, um sargento chamado Miguel Bertino foi morto; então seu filho, que estava perto, detrás dele, pulou em seu lugar e gritou: "Eu perdi meu pai, mas tende valor, companheiros de milícia: Deus é por de todos nós!"

Também tiveram lugar várias escaramuças entre as tropas de La Torre e Tagliaretto de uma parte, e as protestantes de outra, que em geral viram a vitória das armas protestantes.

Um cavalheiro protestante chamado Andrion levantou um regimento de cavalaria, e se colocou ele mesmo no comando. O senhor João Leger persuadiu um grande número de protestantes para que se constituíssem em companhias voluntárias, e um excelente oficial formou vários grupos de tropas ligeiras. Estes, unindo-se aos restos das tropas protestantes veteranas (porque muitos tinham morrido nas várias batalhas, escaramuças, assédios, etc.), se converteram num exército tão considerável, que os oficiais acharam oportuno acampar perto de St. Giovanni.

Os comandantes católico-romanos, alarmados ante a formidável presença e crescente aumento das forças protestantes, decidiram desalojá-los, se possível, de seu acampamento. Com este propósito, mobilizaram uma grande força, consistente na parte principal das guarnições das cidades católico-romanas, das brigadas irlandesas, uma grande quantidade de regulares enviados pelo marquês de Pianessa, as tropas auxiliares e companhias independentes.

Estas tropas, já combinadas, acamparam perto dos protestantes, e passaram vários dias celebrando conselhos de guerra, e discutindo acerca da melhor forma de agir. Alguns estavam a favor de devastar a região, para expulsar os protestantes de seu acampamento; outros, por esperar pacientemente a serem atacados; uns terceiros, por assaltar o acampamento protestante, e tentar apoderar-se de tudo quanto houvesse nele.

A opinião destes últimos prevaleceu, e na manhã seguinte de ter sido tomada esta resolução, foi executada. As tropas católico-romanas foram portanto separadas em quatro divisões, três das quais deviam lançar um ataque em diferentes lugares, e a quatro ficar como corpo de reserva segundo o ditassem as necessidades.

Um dos oficiais católico-romanos fez esta arenga a seus homens antes de lançar seu ataque:

"Soldados e companheiros, vais agora a entrar numa grande ação que vos dará fama e riquezas. Os motivos para agirdes com ânimo são também de enorme importância: por uma parte, a honra de mostrar vossa lealdade a vosso soberano; por outra, o prazer de derramar sangue herege, e finalmente a perspectiva de saquear o acampamento protestante. Sendo assim, meus valentes soldados, lançai-vos sem quartel, matai a todos os que encontreis, e pegai tudo quanto achardes".

Depois deste desumano discurso começou a batalha, e o acampamento protestante foi atacado desde três lados com uma fúria inconcebível. A luta se manteve com grande obstinação e perseverança por ambas partes, continuando sem interrupções por espaço de quatro horas, porque as várias companhias de ambos os lados se relevavam de maneira alternada, e por este meio mantiveram a luta sem cessar durante toda a batalha.

Durante o enfrentamento dos exércitos principais, se enviou um destacamento do corpo de reserva para atacar o posto de Castelas que, se os papistas tivessem triunfado, teria-lhes dado o controle dos vales de Perosa, St. Martino e Lucerna; apesar disso, foram repelidos com graves perdas e obrigados a voltar ao corpo de reserva, desde o qual tinham sido enviadas.

Pouco depois do regresso deste destacamento, as tropas católico-romanas, vindo-se abrumadas na batalha principal, enviaram pelo

corpo de reserva, para que viesse em seu auxílio. Estes marcharam de imediato em sua ajuda, e por algum tempo depois a situação ficou duvidosa. Mas no final prevaleceu o valor dos protestantes, e os papistas foram totalmente repelidos, com a perda de mais de trezentos homens mortos, e muitos mais feridos.

Quando o síndico de Lucerna, que era certamente papista, porém não fanático, viu o grande número de feridos trazidos à cidade, exclamou: "Ah! Eu cria que os lobos costumavam comer os hereges, mas agora vejo que são os hereges quem comem os lobos!". Ao saber o comandante em chefe católico, M. Marolles, destas palavras, enviou-lhe uma carta tão dura e ameaçadora, que o síndico sentiu-se aterrado a ponto tal que caiu preso de umas febres, e morreu após alguns dias.

Esta grande batalha foi livrada justo antes de ceifar a colheita, e então os papistas, exasperados por sua derrota decidiram, a modo de vingança, espargir-se uma noite em bandos separados pelos melhores campos de trigo dos protestantes, e pegá-lhes fogo desde múltiplos pontos. Porém alguns dos foragidos sofreram pela sua conduta: os protestantes, avisados durante a noite pelo resplendor do fogo entre o trigo, perseguiram os fugitivos ao raiar o dia, alcançando muitos e dando-lhes morte. Como represália, o capitão protestante Bellin foi com um corpo de tropas ligeiras, e queimou os subúrbios de La Torre, retirando-se depois com muito poucas perdas.

Poucos dias depois, o capitão Bellin, com um grupo muito maior de tropas, atacou a mesma cidade de La Torre, e provocando uma brecha na parede do convento, introduziu seus homens, conduzindo-os à cidadela e queimando tanto a cidade como o convento. Depois de ter feito isto, efetuaram uma ordenada retirada, porque não conseguiram reduzir a cidadela por falta de um canhão.

Uma relação das perseguições contra o espanhol Miguel de Molinos

Miguel de Molinos, espanhol pertencente a uma rica e honorável família, entrou, sendo jovem, na ordem sacerdotal, porém não quis aceitar nenhuma renda da Igreja. Possuía grandes capacidades naturais, que dedicou ao serviço de seus semelhantes, sem esperar nenhum pagamento para si mesmo. Sua forma de viver era piedosa e uniforme; e desde logo não praticava aquelas austeridades que eram comuns entre as ordens religiosas da Igreja de Roma.

Sendo de natureza contemplativa, seguiu as pegadas dos teólogos místicos, e tendo adquirido grande reputação na Espanha, e desejoso de propagar sua sublime forma de devoção, deixou seu país e se instalou em Roma. Aqui logo se conectou com alguns dos mais distinguidos entre os literatos, que tanto enalteceram suas máximas religiosas, que se uniram a ele para propagá-las; em pouco tempo

obteve um grande número de seguidores que, pela forma sublime de sua religião, foram distinguidos com o nome de Quietistas.

Em 1675, Molinos publicou um livro intitulado "*II Guida Spirituale*" ("II Guia Espiritual"), no qual apareciam umas cartas de recomendação de várias personalidades. Uma delas era o arcebispo de Reggio; outra, do general dos franciscanos; e uma terceira, do Padre Martin de Esparsa, um jesuíta que tinha sido professor de teologia em Salamanca e em Roma.

Tão pronto como o livro foi publicado, foi amplamente lido e elogiado, tanto na Itália como na Espanha; isto fez crescer tanto a reputação do autor que sua amizade era cobiçada pelas mais respeitáveis personalidades. Muita gente lhe escrevia cartas, pelo que estabeleceu uma correspondência com os que aceitavam seu método em diversas partes da Europa. Alguns sacerdotes seculares, tanto em Roma como em Nápoles, se declararam abertamente em seu favor, e o consultaram em numerosas ocasiões, como a um oráculo. Mas os que aderiram a ele com a maior sinceridade eram vários padres do Oratório; de forma particular três dos mais eminentes: Caloredi, Cíceri e Petrucci. Muitos dos cardeais cortejavam também sua companhia, e se consideravam felizes por contar-se entre seus amigos. O mais distinguido entre eles era o cardeal d'Estrecs, homem de grande erudição, que aprovava tanto as máximas de Molinos que estabeleceu uma estreita relação com ele. Conversavam a diário, e a pesar da desconfiança que os espanhóis sentem naturalmente para com os franceses, Molinos, que era sincero em seus princípios, abriu sua mente sem reservas ao cardeal; por este médio, Molinos estabeleceu uma correspondência com alguns distinguidos personagens na França.

Enquanto Molinos estava assim trabalhando para propagar sua forma religiosa, o padre Petrucci escreveu vários tratados acerca da vida contemplativa; porém misturou neles tantas regras para as devoções da Igreja de Roma que mitigaram a censura na qual teria incorrido de outro jeito. Foram escritas principalmente para uso dos monges, e por isso o sentido se expressava num estilo muito fácil e familiar.

Molinos alcançou finalmente tal reputação que os jesuítas e dominicanos começaram a alarmar-se muito, e decidiram parar o progresso deste método. Para isso, era necessário denunciar seu autor, e como a heresia é o que causa a mais forte impressão em Roma, Molinos e seus seguidores foram acusados de hereges. Também alguns dos jesuítas escreveram livros contra Molinos e seu método; mas todos eles foram contestados com veemência por Molinos.

Estas disputas causaram tal perturbação em Roma que todo o assunto caiu sob a atenção da Inquisição. Molinos e seu livro, e o padre Petrucci com seus tratados e cartas, foram colocados embaixo de

severo exame; e os jesuítas foram considerados como os acusadores. Um dos membros da sociedade, desde logo, tinha aprovado o livro de Molinos, porém o resto se cuidou que não voltasse aparecer em Roma. No curso do exame, tanto Molinos como Petrucci se defenderam tão bem que seus livros foram de novo aprovados, e as respostas que os jesuítas tinham escrito foram censuradas como escandalosas.

A conduta de Petrucci nesta ocasião foi tão aprovada que não só fez crescer o crédito de sua causa, senão seus próprios honorários; porque pouco depois foi nomeado bispo de Jesis, o que foi uma declaração do Papa em seu favor. Seus livros foram agora mais estimados que nunca, seu método foi tanto mais seguido, e a novidade do mesmo, com a nova aprovação dada após uma acusação tão vigorosa por parte dos jesuítas, contribuiu tanto mais a aumentar seu crédito e o número de seus partidários.

A conduta do padre Petrucci em sua nova dignidade contribuiu em grande medida a aumentar sua reputação, de modo que seus inimigos não estavam dispostos a continuar incomodando-o; além do mais, havia menos razões de censura em seus livros que nos de Molinos. Algumas passagens nos que este último não se expressava com tanta precaução, porém dava lugar a que se pudessem expressar objeções, Petrucci as expressava de maneira tão plena que eliminava facilmente as objeções feitas a algumas partes de sua obra.

A grande reputação adquirida por Molinos e Petrucci foi a causa do aumento diário dos quietistas. Todos os que eram considerados como sinceramente devotos, ou pelo menos afetavam sê-lo, eram contados entre eles. Se observar que estas pessoas voltavam-se mais estritas em quanto a sua vida e a suas devoções mentais, pareciam não obstante ter menor zelo em toda sua conduta nas questões das cerimônias litúrgicas. Não eram tão assíduos à missa, nem tão prestes a realizar missas por seus amigos; tampouco freqüentavam tanto a confissão nem as procissões.

Embora a nova aprovação dada ao livro de Molinos pela Inquisição tinha detido as ações de seus inimigos, continuavam eles, contudo, mantendo um mortal ódio contra ele em seus corações, e estavam decididos a destruí-lo se possível. Insinuaram que tinha más intenções, e que era de coração um inimigo da religião cristã; que sob a pretensão de levar os homens a sublimes alturas de devoção, queria tirar de suas mentes o sentido dos mistérios do cristianismo. E no que diz respeito ao espanhol, sugeriram que descendia de uma raça judia ou maometana, e que podia levar em seu sangue, ou em sua primeira educação, algumas sementes daquelas religiões que tinha desde então cultivado com não menos arte que zelo. Esta última calúnia afetou pouco em Roma, ainda que se diga que foi enviada uma ordem para examinar os registros do lugar onde Molinos tinha sido batizado.

Molinos, vendo-se atacado tão vigorosamente, e com a mais implacável malícia, adotou todas as precauções necessárias para impedir que se acreditasse a estas imputações. Escreveu um tratado titulado "Comunhão freqüente e diária", que recebeu do mesmo modo a aprovação dos clérigos romanistas mais distinguidos. Isto foi impresso com sua "Guia Espiritual", no ano 1675; e no prefacio ele mesmo declarava que não o havia escrito com desígnio algum de iniciar controvérsia, senão que o tinha feito pelas intensas demandas de muitas pessoas piedosas.

Os jesuítas, fracassados em suas tentativas de esmagar o poder de Molinos em Roma, apelaram à corte de França, onde, em pouco tempo, lograram tal êxito que o cardeal d'Estrees recebeu a ordem de perseguir a Molinos com todo o rigor possível. O cardeal, embora estreitamente ligado a Molinos, decidiu sacrificar todo o sagrado da amizade ante a vontade de seu amo. Contudo, ao ver que não havia razões suficientes para uma acusação contra ele, resolveu suprir ele mesmo aquela carência. Assim, se dirigiu aos inquisidores, e deu-lhes informes acerca de vários particulares, não somente acerca de Molinos, senão também de Petrucci, sendo os dois, junto com vários de seus amigos, entregues à Inquisição.

Quando foram feitos comparecer diante dos inquisidores (o que teve lugar a começos do ano 1684), Petrucci respondeu às perguntas que lhe formularam com tanta prudência e temperança que pronto o deixaram solto; e embora o interrogatório de Molinos foi muito mais longo, se esperava de maneira generalizada que seria também solto; sem embargo, não foi assim. Ainda que os inquisidores não dispunham de nenhuma acusação justa contra lê, contudo extremaram todos os cuidados por encontrá-lo culpável de heresia. Primeiro objetaram que mantivesse correspondência com diferentes partes da Europa; mas foi absolvido disso, porquanto não puderam converter em criminoso o conteúdo daquela correspondência. Depois dirigiram sua atenção a alguns papéis suspeitos achados em sua câmara; porém Molinos explicou de maneira tão clara o significado dos mesmos, que não puderam ser empregados em sua contra. Por último, o cardeal d'Estrees, depois de mostrar a ordem que tinha-lhe enviado o rei da França para perseguir a Molinos, disse que podia demonstrar mais do necessário contra ele para convencê-los de que era culpado de heresia. Para isso, perverteu o significado de algumas passagens nos livros e papéis de Molinos, e relatou muitas circunstâncias falsas e agravantes relativas ao preso. Reconheceu que tinha vivido com ele sob a aparência de uma amizade, porém disse que isso somente tinha sido feito com o objeto de descobrir seus princípios e intenções; que os havia achados maus em sua natureza, e que deles deviam derivar-se conseqüências perigosas; mas, a fim de deixá-lo totalmente a

descoberto, tinha consentido em diversas coisas que em realidade detestava em seu coração; que por estes médios entrou no segredo de Molinos, mas decidiu não tomar ação alguma até que surgisse uma oportunidade apropriada para esmagá-lo a ele e a seus seguidores.

Como conseqüência da evidência de d'Estrees, Molinos foi estreitamente confinado pela Inquisição, onde prosseguiu durante algum tempo, no qual tudo se manteve em paz, e seus seguidores prosseguiram com seu método sem interrupção. Mas repentinamente os jesuítas decidiram extirpá-los, e se desatou uma tormenta extremamente violenta.

O conde Vespianini e sua esposa, don Paulo Rochi, professor da família Borghese, e alguns de sua família, foram junto com alguns outros (em total setenta pessoas) apreendidos pela Inquisição; entre eles havia alguns altamente estimados por sua erudição e piedade. A acusação apresentada contra o clero era o de seu descuido em dizer o breviário; o resto era acusado de ir à comunhão sem assistir primeiro a confissão. Em uma palavra, se argumentava que negligenciavam todas as partes externas da religião, dando-se por inteiro à solidão e à oração interior.

A condessa Vespianini se comportou de uma maneira muito desacostumada em seu interrogatório ante os inquisidores. Disse-lhes que ela jamais tinha revelado seu método de devoção a nenhum mortal mais que a seu confessor, e que era impossível que eles o soubessem sem que ele tivesse revelado o segredo; que por isso mesmo já era hora de deixar de assistir à confissão, se os sacerdotes a empregavam para isto, para descobrir a outrem os mais secretos pensamentos que lhes eram revelados; e que ela, de agora em diante, somente se confessaria a Deus.

Por causa deste animoso discurso, e pelo grande tumulto ocasionado por causa da situação da condessa, os inquisidores julgaram mais prudente liberá-la a ela e a seu marido, para que o povo não se amotinasse, e para que o que ela dizia não diminuísse o crédito da confissão. Ambos, pois, foram libertados, mas ficando obrigados a comparecer sempre que chamados.

Além dos já mencionados, tal era o aborrecimento dos jesuítas contra os quietistas, que no período de um mês mais de duzentas pessoas foram apressadas pela Inquisição; e este método de devoção que tinha sido considerado na Itália como o mais elevado ao qual os mortais pudessem aspirar, foi considerado herético, e seus principais promotores encerrados em miseráveis masmorras.

A fim de extirpar o quietismo, de ser possível, os inquisidores enviaram uma carta circular ao cardeal Cibo, como ministro principal, para que dispersasse por toda a Itália. Estava dirigida a todos os prelados, e os informava de que, já que havia muitas escolas e

fraternidades estabelecidas em muitos lugares da Itália nas quais algumas pessoas, sob a pretensão de conduzir a gente nos caminhos do Espírito, e à oração aprazível, instilavam neles muitas abomináveis heresias, se dava portanto ordem estrita de dissolver tais sociedades, e para obrigar o guia espiritual a andar pelos caminhos conhecidos; e em particular, a que tivessem cuidado de não permitir a ninguém desta classe que dirigisse convento algum de freiras. Também se deram ordens semelhantes de proceder por via judicial contra aqueles que fossem achados culpados destes abomináveis erros.

Depois disto se executou uma estrita indagação em todos os conventos de freiras de Roma, onde se descobriu que a maior parte de seus diretores e confessores estavam entregues a este novo método. Se descobriu que os carmelitas, as freiras da Concepção e as de vários conventos, estavam totalmente entregues à oração e à contemplação, e que em lugar de utilizar o rosário e as outras devoções aos santos ou às imagens, estavam em muita solidão, e freqüentemente no exercício da oração mental; e ao perguntar-lhes por que tinham deixado de lado o uso de seus rosários e de suas antigas formas de devoção, a resposta que deram foi que assim os tinham aconselhado seus diretores. A Inquisição, com esta informação, ordenou que todos os livros escritos na mesma tendência que os de Molinos e Petrucci foram confiscados, e que se obrigasse a voltar às formas anteriores de devoção.

A carta circular enviada ao cardeal Cibo não produziu grandes efeitos, porque a maioria dos bispos italianos estavam inclinados em favor do método de Molinos. O propósito era que esta ordem, assim como as outras da Inquisição, fosse mantida em segredo; porém, a pesar de todos seus cuidados, se imprimiram cópias da mesma, e foram dispersas pela maior parte das principais cidades da Itália. Isto causou muita irritação aos inquisidores, que empregavam todos os métodos que podiam para ocultar seus procedimentos aos olhos do mundo. Eles acusaram o cardeal, culpando-o de ser a causa daquilo; mas ele devolveu-lhes a acusação, e seu secretário culpou ambas as partes.

Durante estes acontecimentos, Molinos sofreu grandes indignidades de parte dos oficiais da Inquisição, e o único consolo que recebeu foi receber em ocasiões as visitas do padre Petrucci.

Embora tivera a maior reputação em Roma durante alguns anos, agora era tão menosprezado como antes tinha sido admirado, e era em geral considerado como um dos piores hereges.

Tendo abjurado a maior parte dos seguidores de Molinos que tinham sido apresados pela Inquisição, foram libertados. Mas uma sorte mais dura aguardava a Molinos, o líder deles.

Depois de ter passado um tempo considerável no cárcere, foi finalmente feito comparecer ante os inquisidores, para dar conta de

várias questões que se aduziam contra ele com base em seus escritos. Tão pronto como apareceu no tribunal, lhe colocaram uma corrente em volta de seu corpo, e um círio numa mão, e depois dois frades leram em voz alta os artigos da acusação. Molinos respondeu a cada um deles com grande firmeza e resolução; e apesar de que seus argumentos desfaziam totalmente o sentido das acusações, foi achado culpável de heresia, e condenado a cadeia perpétua.

Quando deixou o tribunal ia acompanhado por um sacerdote que havia-lhe dado as maiores mostras de respeito. Ao chegar na prisão entrou serenamente na cela que havia-lhe sido assinada; ao despedir-se do sacerdote, se dirigiu assim a ele: "Adeus, padre; já voltaremos a ver-nos no Dia do Juízo, e então se verá de que lado está a verdade, se do meu, ou do vosso".

Durante seu encerro foi várias vezes torturado da forma mais cruel, até que, finalmente, a dureza dos castigos venceu sua fortaleza, acabando com sua existência.

A morte de Molinos causou tal impressão sobre seus seguidores que a maioria deles abjuraram de seu método; e, ante a persistência dos jesuítas, o quietismo foi totalmente extirpado do país.

CAPÍTULO 7 - História da vida e perseguições contra John Wycliffe

Não será inapropriado dedicar umas poucas páginas desta obra a dar um breve detalhe das vidas de alguns dos homens que primeiro deram passos, com indiferença ao poder fanático que se opunha a toda reforma, para deter a maré da corrupção papal, e selando as puras doutrinas do Evangelho com seu sangue. Entre eles, Grã Bretanha teve a honra de tomar a dianteira e de manter em primeiro lugar aquela liberdade na controvérsia religiosa que deixou atônita a toda Europa, e que demonstrou que a liberdade religiosa e política são as causas da prosperidade desta favorecida ilha. Entre as primeiras destas eminentes pessoas temos a:

John Wycliffe

Este célebre reformador, chamado "A Estrela Matutina da Reforma", nasceu por volta do ano 1324, durante o reinado de Eduardo II. De sua família não temos informação certa. Seus pais o designaram para a igreja, e o enviaram ao Queen's College, em Oxford, que tinha sido então fundado por Robert Eaglesfield, confessor da Rainha Felipa. Mas ao no apreciar as vantagens para o estúdio que esperava naquele estabelecimento novo, passou ao Merton College, que era então considerado como uma das instituições mais eruditas da Europa.

O primeiro que o fez destacar em público foi sua defesa da universidade contra os frades mendicantes, que para esse tempo, desde seu estabelecimento em Oxford em 1230, tinham sido uns vizinhos incômodos para a universidade. Se fomentavam de contínuo as pendências; os frades apelavam ao Papa, e os acadêmicos à autoridade civil; às vezes prevalecia um partido, às vezes o outro. Os frades chegaram a afeiçoar-se muito com o conceito de que Cristo era um mendigo comum; que seus discípulos também o foram, e que a mendicidade era uma instituição evangélica. Esta doutrina a predicavam desde os púlpitos e nos lugares aonde tiveram acesso.

Wycliffe tinha menosprezado durante muito tempo a estes frades pela preguiça com que se desenvolviam, e agora tinha uma boa oportunidade para denunciá-los. Publicou um tratado em contra da mendicidade de pessoas capazes, e demonstrou que não somente eram um insulto à religião, senão também à sociedade humana. A universidade começou a considerá-lo como um de seus principais campeões, e logo foi ascendido a mestre do Baliol College.

Nessa época, o arcebispo Islip fundou Canterbury Hall, em Oxford, onde estabeleceu um reitor e onze acadêmicos. E foi Wycliffe o

escolhido pelo arcebispo para o reitorado; porém ao morrer este, seu sucessor Stephen Lahgham, bispo de Ely, o depus. Como nisto houve uma flagrante injustiça, Wycliffe apelou ao Papa, que posteriormente deu sentença em sua contra pela seguinte causa: Eduardo III, que era naquele tempo rei da Inglaterra, tinha retirado o tributo que desde a época do rei João tinha pagado ao Papa. O Papa ameaçou; Eduardo então convocou um Parlamento. O Parlamento resolveu que o rei João tinha cometido um ato ilegal, e entregue os direitos da nação, e aconselhou ao rei a não se submeter, fossem quais fossem as conseqüências.

O clero começou agora a escrever em favor do Papa, e um erudito monge publicou um animoso e plausível tratado, que tinha muitos defensores. Wycliffe, irritado ao ver uma causa tão má sendo tão bem defendida, se opus ao monge, e isso de forma tão magistral, que já não se consideraram seus argumentos como irrefutáveis. De imediato perdeu sua causa em Roma, e ninguém abrigava nenhuma dúvida de que era sua oposição ao Papa num momento tão crítico a verdadeira causa de que não lhe fizeram justiça em Roma.

Wycliffe foi depois escolhido para a cátedra de teologia, e então ficou plenamente convencido dos erros da Igreja de Roma e da vileza de seus agentes monásticos, e decidiu denunciá-los. Em conferencias públicas fustigava seus vícios e se opunha a suas insensatezes. Expus uma variedade de abusos encobertos pelas trevas da superstição. Ao princípio começou a desfazer os prejuízos do vulgo, e continuou com lentos avanços; junto com as disquisições metafísicas da época misturou opiniões teológicas aparentemente recentes. As usurpações da corte de Roma eram um tema favorito dele. Acerca destas se estendia com toda a agudeza de seu argumento, unidas com seu razoamento lógico. Isto pronto fez clamar o clero quem, por médio do arcebispo de Canterbury, o privaram de seu cargo.

Para esta época, a administração do interior estava a cargo do duque de Lancaster, bem conhecido pelo nome de John de Gaunt. Este príncipe tinha uns conceitos religiosos muito liberais, e estava inimizado com o clero. Tendo chegado a ser muito gravosas as reclamações da corte de Roma, decidiu enviar o bispo de Bangor e a Wycliffe para que protestassem contra tais abusos, e se acordou que o Papa já não poderia dispor de nenhum dos benefícios pertencentes à Igreja de Inglaterra. Nesta embaixada, a observadora mente de Wycliffe penetrou nas contrariedades da constituição e política de Roma, e voltou mais decidido que nunca a denunciar sua avareza e ambição.

Tendo recuperado sua anterior situação, começou a denunciar, em suas conferencias, as usurpações do Papa, sua pretendida infalibilidade, sua soberba, sua avareza e sua tirania. Foi o primeiro em

chamar Anticristo o Papa. Do Papa passava à pompa, o luxo e as tramas dos bispos, e os contrastava com a simplicidade dos primeiros bispos. Suas superstições e enganos eram temas que apresentava com energia de mente e com precisão lógica.

Graças ao patrocínio do duque de Lancaster, Wycliffe recebeu um bom cargo, porém assim que esteve instalado em sua paróquia, seus inimigos e oração bispos começaram a fustigá-lo com renovado vigor. O duque de Lancaster foi seu amigo durante esta perseguição, e por meio de sua presença e a de Lorde Percy, conde marechal da Inglaterra, predominou de tal modo no juízo que tudo acabou de forma desordenada.

Depois da morte de Eduardo III lhe sucedeu seu neto, Ricardo II, com somente onze anos de idade. Ao não conseguir o duque de Lancaster ser o único regente, como esperava, começou a declinar seu poder, e os inimigos de Wycliffe, aproveitando esta circunstância, renovaram seus artigos de acusação em sua contra. Portanto, o Papa expediu cinco bulas ao rei e a certos bispos, mas a regência e o povo manifestaram um espírito de menosprezo ante a altaneira forma de proceder do pontífice, e necessitando este dinheiro para então opor-se a uma iminente invasão dos franceses, propuseram aplicar uma grande suma de dinheiro, recolhida para o Papa, para este propósito. Não obstante, esta questão foi submetida à decisão de Wycliffe. Contudo, os bispos que apoiavam a autoridade do Papa, insistiam em submeter Wycliffe a juízo, e estava já sofrendo interrogatórios em Lambeth quando, por causa da conduta amotinada do povo lá fora, e atemorizados pela ordem de Sir Lewis Clifford, um cavalheiro da corte, no sentido de que não deviam decidir-se por nenhuma sentença definitiva, terminaram tudo o assunto com uma proibição a Wycliffe de predicar aquelas doutrinas que fossem repulsivas para o Papa; porém o reformador a ignorou, pois indo descalço de lugar em lugar, e com uma longa túnica de tecido rústico, predicava mais veementemente que nunca.

No ano 1378 surgiu uma contenda entre dois Papa, Urbano VI e Clemente VII, acerca de qual era o Papa legítimo, o verdadeiro vicário de Cristo. Este foi um período favorável para o exercício dos talentos de Wycliffe; pronto produziu um tratado contra o papado, que foi lido de boa vontade por todo tipo de pessoas.

Para o final daquele ano, Wycliffe caiu enfermo de uma forte doença, que se temia pudesse resultar fatal. Os frades mendicantes, acompanhados por quatro dos mais eminentes cidadãos de Oxford, conseguiram serem admitidos em seu dormitório, e lhe rogaram que se desdissesse, por amor de sua alma, das injustiças que tinha falado acerca da ordem deles. Wycliffe, surpreendido ante esta solene

mensagem, se recostou em sua cama, e com rosto severo disse: "Não morrerei, senão que viverei para denunciar as maldades dos frades".

Quando Wycliffe se recuperou dedicou-se a uma tarefa sumamente importante: a tradução da Bíblia ao inglês. Antes da aparição desta obra, publicou um tratado, no qual expunha a necessidade da mesma. O zelo dos bispos por suprimir as Escrituras impulsionou enormemente sua venda, e os que não podiam procurar-se uma cópia se faziam transcrições de Evangelhos ou de Epístolas determinadas. Posterior, quando os lolardos foram aumentando em número, e se acenderam as fogueiras, se fez costume amarrar ao pescoço do herege condenado aqueles fragmentos das Escrituras que se encontraram em sua possessão, e que geralmente seguiam sua sorte.

Imediatamente depois disto, Wycliffe se aventurou um passo além, e atacou a doutrina da transubstanciação. Esta estranha opinião foi inventada por Paschade Radbert, e enunciada com um assombroso atrevimento. Wycliffe, em sua leitura ante a Universidade de Oxford em 1381, atacou esta doutrina, e publicou um tratado acerca dela. O doutor Barton, que era naquela época vice-chanceler de Oxford, convocou as cabeças da universidade, condenou as doutrinas de Wycliffe como heréticas, e ameaçou seu autor com a excomunhão. Wycliffe, ao não conseguir nenhum apoio do duque de Lancaster, e chamado a comparecer ante seu anterior adversário, William Courteney, agora arcebispo de Canterbury, se refugiou sob a alegação de que ele, como membro da universidade, estava fora da jurisdição episcopal. Esta argumentação lhe foi admitida, porquanto a universidade estava decidida a defender seu membro.

O tribunal se reuniu no dia marcado, pelo menos para julgar suas opiniões, e algumas foram condenadas como errôneas, e outras como heréticas. A publicação acerca desta questão foi imediatamente contestada por Wycliffe, que veio a ser o branco da decidida inquina do arcebispo. O rei, a petição do bispo, concedeu uma licencia para encarcerar o mestre da heresia, porém os comuns fizeram que o rei revogasse esta ação como ilegal. Contudo, o primado obteve cartas do rei ordenando à Universidade de Oxford que pesquisasse todas as heresias e os livros que Wycliffe tinha publicado; como conseqüência desta ordem houve um tumulto na universidade. Supõe-se que Wycliffe se retirou da tormenta a um lugar escuro do reino. Porém as sementes tinham sido plantadas, e as opiniões de Wycliffe estavam tão difundidas que se diz que alguém via duas pessoas num caminho, podia estar certo de que uma era um lolardo. Durante este período prosseguiram as disputas entre os dois papas. Urbano publicou uma bula na qual chamava a todos os que tivessem consideração alguma pela religião a que se esforçassem por sua causa, e a que tomassem as armas contra Clemente e seus partidários em defesa da Santa Sê.

Uma guerra na que se prostituía de maneira tão vil o nome da religião despertou o interesse de Wycliffe, inclusive em sua velhice. Tomou outra vez a pluma, e escreveu em contra dela com a maior aspereza. Repreendeu o Papa com a maior liberdade, e perguntou-lhe: "Como ousais fazer do emblema de Cristo na cruz (que é a prenda da paz, da misericórdia e da caridade), uma bandeira que nos leve a matar homens cristãos por amor a dois falsos sacerdotes, e a oprimir a cristandade de maneira pior que Cristo e seus apóstolos foram oprimidos pelos judeus? Quando o soberbo sacerdote de Roma concederá indulgências à humanidade para viver em paz e caridade, como o faz agora para que lutem e se matem entre si?"

Este severo escrito lhe trouxe o ressentimento de Urbano, e teria podido envolvê-lo em maiores inquietações que as que havia experimentado até então. Porém foi providencialmente livrado de suas mãos. Caiu vítima de uma paralisia, e embora viveu um certo tempo, estava doente a ponto tal que seus inimigos o consideraram como o resultado de seu ressentimento.

Wycliffe voltou após um breve espaço de tempo, bem de seu desterro, bem de algum lugar no qual tivesse permanecido guardado em segredo, e se reintegrou à sua paróquia de Lutterworth, onde era pároco; ali, abandonando calmamente esta vida mortal, dormiu em paz no Senhor, no final do ano 1384, no dia de Silvestre. Parece que estava muito envelhecido quando morreu, "e que o mesmo o comprazia de ancião que aquilo que o havia comprazido de jovem".

Wycliffe tinha motivos para agradecer que pelo menos lhe deram repouso enquanto viveu, e que lhe deram tanto tempo depois de sua morte, quarenta e um anos de repouso em seu sepulcro, antes de exumarem seu cadáver e o convertessem de pó em cinzas; cinzas que foram depois lançadas no rio. E assim foi transformado em três elementos: terra, fogo e água, achando que deste modo extinguiam e aboliam o nome e a doutrina de Wycliffe para sempre. não muito diferente do exemplo dos antigos fariseus e vigilantes do sepulcro, que após terem levado o Senhor a seu túmulo, acharam que conseguiriam evitar que ressuscitasse. Porém estes e todos os outros deverão saber que assim como não há conselho contra o Senhor, tampouco pode suprimir-se a verdade, antes rebrotará e renascerá do pó e das cinzas, tal como aconteceu em verdade com este homem; porque ainda que exumaram seu corpo, queimaram seus ossos e afogaram suas cinzas, não puderam contudo queimar a palavra de Deus e a verdade de sua doutrina, nem o fruto e triunfo da mesma.

CAPÍTULO 8 - História da perseguição na Boêmia

Os pontífices romanos, que tinham usurpado o poder sobre várias igrejas, foram particularmente severos com os boêmios, até o ponto de enviá-lhes dois ministros e quatro laicos a Roma, no ano 997, para obterem reparações do Papa. Depois de alguma tardança, foi-lhes concedida sua petição, e reparados os danos. Permitiram-lhes duas coisas em particular: ter o serviço divino em sua própria língua, e que o povo pudesse participar do vinho no sacramento.

Apesar disso, as disputas voltaram a renascer, tentando os seguintes Papas por todos seus médios impor-se sobre as mentes dos boêmios, e estes, animadamente, tratando de preservar suas liberdades religiosas.

No ano 1375, alguns zelosos amigos do Evangelho apelaram a Carlos, rei da Boêmia, para que convocasse um Concílio Ecumênico para fazer uma indagação dos abusos que tinham-se introduzido na Igreja, e para efetivar uma reforma plena e exaustiva. O rei, que não sabia como proceder, enviou ao Papa uma comunicação pedindo-lhe conselho acerca de como agir; mas o pontífice sentiu-se tão indignado ante este assunto que sua única resposta foi: "Castigai severamente a estes desconsiderados e profanos hereges". O monarca, portanto, desterrou a todos os que estavam implicados nesta solicitude, e, para agradar o Papa, impus um grande número de restrições adicionais sobre as liberdades religiosas do povo.

As vítimas da perseguição, não obstante, não foram tão numerosas na Boêmia senão até depois da queima de John Huss e de Jerônimo de Praga. Estes dois eminentes reformadores foram condenados e executados a instigação do Papa e de seus emissários, como o leitor verá pela leitura dos seguintes breves bosquejos de suas vidas.

A perseguição de John Huss

John huss nasceu em Hussenitz, um povoado de Boêmia, por volta do ano 1380. seus pais lhe deram a melhor educação que lhes permitiam as circunstâncias; e tendo adquirido um bom conhecimento dos clássicos numa escola privada, passou à universidade de Praga, onde logo deu provas de sua capacidade intelectual, e onde se destacou por sua diligencia e aplicação ao estudo.

Em 1398, Huss alcançou o nível de bacharel em divindade, e depois foi sucessivamente escolhido pastor da Igreja de Belém, em Praga, e decano e reitor da universidade. Nestas posições cumpriu seus deveres com grande fidelidade, e ao final se destacou de tal modo por sua predicação, que se conformava com as doutrinas de Wycliffe, que não

era possível que pudesse fugir à atenção do Papa e de seus partidários, contra os que predicava com não pouca aspereza.

O reformista inglês Wycliffe havia acendido de tal modo a luz da reforma, que começou a iluminar os cantos mais tenebrosos do papado e da ignorância. Suas doutrinas se espalharam pela Boêmia, e foram bem recebidas por muitas pessoas, porém por ninguém tão particular como por John Huss e seu zeloso amigo e companheiro de martírio, Jerônimo de Praga.

O arcebispo de Praga, ao ver que os reformistas aumentavam a diário, emitiu um decreto para suprimir a dispersão contínua dos escritos de Wycliffe; no entanto, isto teve um efeito totalmente contrário ao esperado, porque serviu de estímulo para o zelo dos amigos destas doutrina, e quase toda a universidade se uniu para propagá-las.

Estreito aderente das doutrinas de Wycliffe, Huss se opus ao decreto do arcebispo, que contudo conseguiu uma bula do Papa, que lhe encarregava impedir a dispersão das doutrinas de Wycliffe em sua província. Em virtude desta bula, o arcebispo condenou os escritos de Wycliffe; também procedeu contra quatro doutores que não tinham entregado as cópias daquela teologia, e lhes proibiram, apesar de seus privilégios, predicar a consagração alguma. O doutor Huss, junto com alguns outros membros da universidade, protestaram contra estes procedimentos, e apelaram contra a sentença do arcebispo.

Ao saber o Papa da situação, concedeu uma comissão do cardeal Colonna, para que citasse a John Huss a comparecer pessoalmente na corte de Roma, a fim de responder a acusação que tinha sido apresentada em sua contra de predicar erros e heresias. O doutor Huss pediu ser escusado de comparecer pessoalmente, e era tão favorecido na Boêmia que o rei Wenceslau, a rainha, a nobreza e a universidade pediram ao Papa que dispensara seu comparecimento; também que não deixasse que o reino de Boêmia estiver sob acusação de heresia, senão que lhes for permitido predicar o Evangelho com liberdade em seus lugares de culto.

Três procuradores compareceram ante o cardeal Colonna em representação do doutor Huss. Trataram de escusar sua ausência, e disseram que estavam dispostos a responder em seu lugar. Mas o cardeal declarou contumaz a Huss, e por isso o excomungou. Os procuradores apelaram ao Papa, e designaram a quatro cardeais para que examinassem o processo. Estes comissionados confirmaram a sentença, e estenderam a excomunhão não só a Huss senão também a seus amigos e seguidores.

Huss apelou contra esta sentença a um futuro Concílio, porém sem êxito; e apesar da severidade do decreto e da conseguinte expulsão de sua igreja em Praga, se retirou a Hussenitz, sua cidade natal, onde

continuou propagando sua nova doutrina, tanto desde o púlpito como com sua pluma.

As cartas que escreveu nesta época foram muito numerosas; e recopilou um tratado no qual mantinha que não se podia proibir de forma absoluta a leitura dos livros dos reformistas. Escreveu em defesa do livro de Wycliffe acerca da Trindade, e se manifestou abertamente em contra dos vícios do Papa, dos cardeais e do clero daqueles tempos corruptos. Escreveu também muitos outros livros, todos os quais redigiu com uma força argumentativa que facilitava enormemente a difusão de suas doutrinas.

No mês de novembro de 1414 se convocou um Concílio geral em Constança, Alemanha, com o único propósito, como se pretendia, de decidir entre uma disputa que estava então pendente entre três pessoas que contendiam pelo papado; porém seu verdadeiro motivo era esmagar o avanço da Reforma.

John Huss foi chamado a comparecer diante deste Concílio; para alentá-lo, o imperador lhe enviou um salvo-conduto. As cortesias e inclusive a reverência com que Huss se encontrou pelo caminho eram inimagináveis. Pelas ruas que passava, e inclusive pelas estradas, se aglomerava a gente as quais o respeito, mais que a curiosidade, levava até lá.

Foi levado à cidade em meio de grandes aclamações, e se pode dizer que passou pela Alemanha em triunfo. Não podia deixar de expressar sua surpresa ante o tratamento que lhe dispensavam. "Pensava eu (disse) que era um proscrito. Agora vejo que meus piores inimigos estão na Boêmia".

Tão logo como Huss chegou a Constança, tomou um alojamento numa parte afastada da cidade. Pouco depois de sua chegada, veio um tal Stephen Paletz, quem tinha sido contratado pelo clero de Praga para apresentar as acusações em sua contra. A Paletz se uniu posteriormente Miguel de Cassis, de parte da corte de Roma. Estes dois se declararam seus acusadores, e redigiram um conjunto de artigos em contra dele, que apresentaram ao Papa e aos prelados do Concílio.

Quando se soube que estava na cidade, foi arrestado imediatamente, e constituído prisioneiro numa câmara do palácio. Esta violação da lei comum e da justiça foi observada em particular por um dos amigos de Huss, quem aduziu o salvo-conduto imperial; porém o Papa replicou que ele nunca tinha concedido nenhum salvo-conduto, e que não estava sujeito pelo do imperador.

Enquanto Huss esteve encerrado, o Concílio agiu como Inquisição. Condenaram as doutrinas de Wycliffe, e inclusive ordenaram que seus restos fossem exumados e queimados, ordens que foram estritamente cumpridas. Nesse ínterim, a nobreza da Boêmia e da Polônia intercedeu intensamente por Huss, e prevaleceram até o ponto de impedir que for

julgado sem ser ouvido, coisa que tinha sido a intenção dos comissionados designados para julgá-lo.

Quando o fizeram comparecer diante do Concílio, leram-lhe os artigos redigidos contra ele; eram por volta de uns quarenta, maiormente extraídos de seus escritos.

A resposta de John Huss foi: "Apelei ao Papa e, morto ele, e não tendo sido decidida minha causa, apelei do mesmo modo a seu sucessor João XXIII, e não podendo lograr meus advogados que me admitisse em sua presença para defender minha causa, apelei ao sumo juiz, Cristo".

Tendo dito Huss estas coisas, foi-lhe perguntado se havia recebido a absolvição do Papa ou não. Ele respondeu: "Não". Depois, quando lhe perguntou se era legítimo que apelasse a Cristo, John Huss respondeu: "Em verdade afirmo aqui diante de todos vós outros que não há apelação mais justa nem mais eficaz que a que se faz a Cristo, porquanto a lei determina que apelar não é outra cousa que, quando for cometido um mal por parte de um juiz inferior, se implora e pede ajuda de mãos de um juiz superior. E quem é maior Juiz que Cristo? Quem, digo eu. Pode conhecer ou julgar a questão com maior justiça ou eqüidade? Pois dEle não há engano, nem Ele pode ser enganado por ninguém; e acaso pode alguém dar melhor ajuda que Ele aos pobres e aos oprimidos?" Enquanto John Huss, com rosto devoto e sóbrio, falava e pronunciava estas palavras, estava sendo ridicularizado e escarnecido por todo o Concílio.

Estas excelentes expressões foram consideradas como manifestações de traição, e tenderam a inflamar seus adversários. Por isso, os bispos designados pelo Concílio o privaram de seus hábitos sacerdotais, o degradaram, lhe colocaram uma mitra de papel na cabeça com demônios pintados nela, com esta expressão: "Líder de hereges". Ao ver isto, ele disse: "Meu Senhor Jesus Cristo, por minha causa, levou uma coroa de espinhos. Por que não iria eu, então, levar esta ligeira coroa, por ignominiosa que seja? Em verdade vou levá-la, e de boa vontade". Quando a colocaram em sua cabeça, o bispo disse: "Agora encomendamos tua alma ao demônio". "Porém eu", disse John Huss, levantando os olhos ao céu, "encomendo em tuas mãos, oh Senhor Jesus Cristo, meu espírito que Tu remiste".

Quando o amarraram à estaca com a corrente, disse, com rosto sorridente: "Meu Senhor Jesus foi amarrado com uma corrente mais dura que esta por minha causa; por que deveria eu envergonhar-me desta, tão enferrujada?".

Quando empilharam a lenha até o pescoço, o duque de Baviera esteve muito solícito com ele, desejando-lhe que se desdissesse. "Não", disse-lhe Huss, "nunca prediquei doutrina alguma com más tendências, e o que ensinaram meus lábios o selarei agora com meu

sangue". Depois disse ao algoz: "Vai assar um ganso (sendo que Huss significa ganso em língua boêmia), porém dentro de um século te encontrarás com um cisne que não poderás nem assar nem cozer". Se ele disse uma profecia, devia referir-se a Martinho Lutero, que apareceu após uns cem anos, e em cujo escudo de armas figurava um cisne.

Finalmente aplicaram o fogo à lenha, e então nosso mártir cantou um hino com voz tão forte e alegre que foi ouvido através do crepitar da lenha e do fragor da multidão. Finalmente, sua voz foi silenciada pela força das labaredas, que logo puseram fim a sua existência.

Então, com grande diligência, reunindo as cinzas, as lançaram no rio Rhin, para que não sobrasse o menos resto daquele homem sobre a terra, cuja memória,contudo, não poderá ser abolida das mentes dos piedosos nem pelo fogo, nem por água, nem por tormento algum.

A perseguição de Jerônimo de Praga

Este reformador, companheiro do doutor Huss, e poderia dizer-se que co-mártir com ele, tinha nascido em Praga, e se educou naquela universidade, onde se distinguiu por suas enormes capacidades e erudição. Visitou também vários outros eruditos seminários na Europa, particularmente as universidades de Paris, Heidelberg, Colônia e Oxford. Neste último lugar se familiarizou com as obras de Wycliffe, e, sendo pessoa de uma grande capacidade de trabalho, traduziu muitas delas a sua língua nativa, tendo chegado a ser um grande conhecedor da língua inglesa, após árduos estudos.

Ao voltar a Praga, se manifestou abertamente como favorecedor de Wycliffe, e ao ver que suas doutrinas tinham feito grande progresso na Boêmia, e que Huss era seu principal patrocinador, veio em sua ajuda na grande obra da reforma.

O quatro de abril de 1415 chegou Jerônimo a Constança, uns três meses antes da morte de Huss. Entrou em privado na cidade, e consultando com alguns dos líderes de seu partido, aos que encontrou ali, ficou facilmente convencido de que não poderia ser de ajuda alguma para seus amigos.

Ao saber que sua chegada a Constança tinha sido conhecida publicamente, e que o Concílio tinha a intenção de apresá-lo, considerou que o mais prudente era retirar-se. Assim sendo, no dia seguinte foi para Iberling, uma cidade imperial a uma milha de Constança. Desde este lugar escreveu ao imperador, manifestando-lhe sua boa disposição a comparecer diante do Concílio se lhe era concedido um salvo-conduto; porém lhe foi recusado. Então enviou uma solicitude ao Concílio, e recebeu uma resposta não menos desfavorável que a do imperador.

Depois disto, empreendeu o retorno à Boêmia. Teve a precaução de levar consigo um certificado, assinado por vários dos nobres boêmios, que então estavam em Constança, que dava testemunho de que tinha utilizado todos os médios prudentes em sua mão para conseguir uma audiência.

Jerônimo, contudo, não escaparia. Foi apressado em Hirsaw por um oficial do duque de Sultbach, que, embora carecendo de autorização para agir neste sentido, não tinha dúvida alguma de que o Concílio iria agradecê-lhe um serviço tão aceitável.

O duque de Sultbach, com Jerônimo em seu poder, escreveu ao Concílio pedindo instruções acerca de como proceder. O Concílio, trás expressar seu agradecimento ao duque, pediu-lhe que enviasse o prisioneiro de imediato a Constança. O eleitor palatino se encontrou com ele no caminho, e o levou de volta à cidade, cavalgando com ele num corcel, com um numeroso cortejo, que levava a Jerônimo acorrentado com uma longa corrente; assim que chegaram, Jerônimo foi lançado numa imunda masmorra.

Jerônimo foi logo tratado de uma forma muito semelhante a como tinha sido tratado Huss, só que sofreu um confinamento muito mais prolongado, e passou de uma a outra prisão. No final, feito comparecer perante o Concílio, desejou defender sua causa e exculpar-se; sendo-lhe isto negado, prorrompeu nas seguintes palavras:

"Que barbaridade é esta! Durante trezentos quarenta dias estive encerrado em várias prisões. Não há miséria nem carência que não tenha experimentado. A meus inimigos lhes tendes permitido toda a facilidade para acusar. A mi me negais a mais mínima oportunidade de defender-me. Nem uma hora me permitireis preparar-me para meu juízo. Tendes engolido as mais negras calúnias em minha contra. Tendes-me apresentado como herege, sem conhecer minha doutrina; como inimigo da fé, antes que saber que fé professo; como perseguidor de sacerdotes, antes de ter uma oportunidade de saber quais são meus pensamentos acerca disto. Sois um Concílio Geral; em vós se centra tudo o que este mundo pode comunicar de seriedade, sabedoria e santidade; porém, contudo sois somente homens, e os homens poder ser atraídos pelas aparências. Quanto mais elevado seja vosso caráter para sabedoria, tanto mais cuidado deveríeis tomar de não desviar-vos para a insensatez. A causa que agora alego não é minha própria causa: é a causa de todos os homens, é a causa dos cristãos; é uma causa que afetará os direitos da posteridade, segundo o que fizerdes com minha pessoa".

Este discurso não exerceu o mais mínimo efeito; Jerônimo foi obrigado a ouvir a leitura da acusação, que se reduzia aos seguintes encabeçados:

1) Que era um ridicularizador da dignidade papal.

2) Um opositor do Pai.
3) Um inimigo dos cardeais.
4) Um perseguidor dos prelados.
5) Um aborrecedor da religião cristã.

O juízo de Jerônimo teve lugar no terceiro dia de sua acusação, e se interrogou a testemunhas em apoio da acusação. O prisioneiro estava disposto para sua defesa, o que parece quase incrível, quando consideramos que tinha estado trezentos e quarenta dias aprisionado numa imunda cela, privado da luz do dia, e quase morto de fome por carência das coisas mais necessárias. Mas seu espírito se elevou por acima destas desvantagens sob as que homens com menor coragem teriam afundado; e não se privou de citar os pais e os autores antigos, como se tivesse estado dotado da melhor biblioteca.

Os mais fanáticos da assembléia não desejavam que fosse ouvido, porque sabiam o efeito que pode ter a eloqüência nas mentes das pessoas mais cheias de prejuízos. No final, a maioria prevaleceu em que se devia dar-lhe liberdade para falar em sua própria defesa. Esta defesa a iniciou com uma eloqüência tão comovente e sublime que se viu como se fundiam os corações mais cheios de zelo e endurecidos e como as mentes supersticiosas pareciam admitir um raio de convicção. Estabeleceu uma admirável distinção entre a evidência que repousava sobre os fatos, e a sustentada pela malícia e a calúnia. Expus ante a assembléia todo o teor de sua vida e conduta. Observou que os maiores e santos dos homens tinham sido observados diferindo em questões pontuais e especulativas, com vistas a distinguir a verdade, não a mantê-la oculta. Expressou um nobre menosprezo de todos seus inimigos, que o haviam induzido a desdizer-se da causa da virtude e da verdade. Entrou num alto encômio de Huss, e se manifestou disposto a segui-lo no glorioso caminho do martírio. Depois tocou as doutrinas mais defendíveis de Wycliffe, e concluiu observando que estava longe de sua intenção avançar nada em contra do estado da Igreja de Deus; que somente se queixava dos abusos do clero; que não podia deixar de dizer que era certamente coisa ímpia que o patrimônio da Igreja, que originalmente tinha sido designado para a caridade e a benevolência universal, se prostituísse pela concupiscência dos olhos, em festas, vestes extravagantes e outros vitupérios para o nome a profissão do cristianismo. Terminado o juízo, Jerônimo recebeu a mesma sentença que tinha sido executada contra seu compatriota mártir. Como conseqüência disto foi, segundo o estilo do engano papista, entregue ao braço secular; mas como era laico, não podia passar pela cerimônia da degradação. Tinham-lhe preparado uma coroa de papel pintada com demônios vermelhos. Quando a teve colocada sobre sua cabeça, exclamou: "Nosso Senhor Jesus Cristo, quando sofreu a morte por

mim, um pecador mais que miserável, levou sobre Sua cabeça uma coroa de espinhos; por amor dEle levarei eu esta coroa".

Foram-lhe permitidos dois dias, com a esperança que se retratasse; durante este tempo o cardeal de Florência empregou todos seus esforços para tratar de ganhá-lo. porém tudo isso resultou ineficaz. Jerônimo estava resolvido a selar a doutrina com seu sangue, e sofreu a morte com a mais distinguida magnanimidade.

Ao ir para o local da execução cantou vários hinos, e ao chegar no lugar, que era o mesmo no qual Huss tinha sido queimado, se ajoelhou e orou fervorosamente. Abraçou a estaca com grande ânimo, e quando foram por trás dele a acender a lenha, disse-lhes: "Vinde aqui, acendei o fogo diante de minha cara; se eu tiver tido medo das chamas, não teria vindo a este lugar". Ao acender-se o fogo, cantou um hino, porém logo viu-se interrompido pelas labaredas, e as últimas palavras que se ouviram foram estas: "A ti, oh Cristo, te ofereço esta alma em chamas".

O elegante Pogge, um erudito cavalheiro de Florência, secretário de dois Papas, e católico zeloso, porém liberal, deu numa carta a Leonard Arotin um amplo testemunho das extraordinárias qualidades e virtudes de Jerônimo, a quem descreve de maneira enfática como um homem prodigioso!

A perseguição de Zisca

O verdadeiro nome deste zeloso servo de Cristo era João de Troczonow; o nome de Zisca é uma palavra boêmia, que significa caolho, já que tinha perdido um olho. Era íntima de Boêmia, de uma boa família, e deixou a corte de Wenceslau para entrar no serviço do rei da Polônia contra os cavalheiros germanos. Tendo obtido um título honorifico e uma bolsa de ducados por seu valor, ao terminar a guerra voltou à corte de Wenceslau, ante quem reconheceu abertamente o profundo interesse que se tomava na sanguinária afronta que se tinha feito aos súbditos de sua majestade em Constança, no assunto de Huss. Wenceslau lamentava não ter o poder de vingá-lo, e desde este momento se diz que Zisca assumiu a idéia de afirmar as liberdades religiosas de seu país. No ano 1418 se dissolveu o Concílio, tendo feito mais mal que bem, e no verão daquele ano se celebrou uma reunião geral dos amigos da reforma religiosa no castelo de Wisgrade que, dirigida por Zisca, se dirigiram ao imperador com armas na mão, e ofereceram defendê-lo contra seus inimigos. O rei limitou-se a empregar suas armas da maneira devida, e este êxito político assegurou pela primeira vez a Zisca a confiança de seu partido.

Wenceslau foi sucedido por seu irmão Segismundo, quem se fez odioso para os reformadores, e eliminou a todos os que estavam em contra de seu governo. Ante isto, Zisca e seus amigos de imediato

recorreram às armas, declararam a guerra ao imperador e ao Papa, e puseram sitio a Pilsen com 40.000 homens. Logo se apropriaram da fortaleza, e em breve tempo se submeteu roda a parte sudoeste da Boêmia, o que acrescentou grandemente o exército dos reformadores. Tendo tomado estes o passo de Muldaw, depois de um severo conflito de cinco dias e cinco noites, o imperador se alarmou, e retirou suas tropas da fronteira turca, para dirigi-las à Boêmia. Se deteve em Bmo de Moravia, e enviou despachos para um tratado de paz, em preparação do qual Zisca entregou Pilsen e todas as fortalezas que tinha tomado. Segismundo agiu de forma que mostrava que verdadeiramente agia com base na doutrina romanista de que não devia guardar a palavra dada aos hereges, e ao tratar com severidade a alguns dos autores das últimas perturbações soou o alarme de um confim até o outro da Boêmia. Zisca tomou o castelo de Praga com o poder do dinheiro, e o 19 de agosto de 1420 derrotou o pequeno exército que o imperador tinha mobilizado rapidamente para opor-se a ele. A continuação tomou Ausea por assalto, destruindo a cidade com uma brutalidade que desonrou a causa pela qual lutava.

Ao aproximar-se o inverno, Zisca fortificou seu acampamento num monte forte a umas quarenta milhas de Praga, que chamou Monte Tabor, desde onde surpreendeu a meia-noite um corpo de cavalaria, fazendo mil prisioneiros. Pouco depois, o imperador se fez com a fortaleza de Praga pelos mesmos métodos de Zisca antes; logo foi assediado por este último, e a fome começou ameaçar o imperador, que viu a necessidade de uma retirada. Decidido a fazer um esforço desesperado, Segismundo atacou o campo fortificado de Zisca em Monte Tabor, e fez uma grande carnificina. Caíram também muitas outras fortalezas, e Zisca se retirou a um monte agreste, que fortificou muito, e desde onde fustigou tanto o imperador em seus ataques contra a cidade de Praga que viu que ou bem devia abandonar o assedio, ou bem derrotar seu inimigo. O marquês de Misnia foi enviado para executar isto último com um grande corpo de tropas, porém este acontecimento foi fatal para os imperialistas; foram derrotados, e o imperador, quem tinha perdido quase um terço de seu exército, levantou o assedio de Praga, fustigado em sua retaguarda pelo inimigo.

Na primavera de 1421 Zisca começou sua campanha, como antes, destruindo todos os mosteiros a seu passo. Assediou o castelo de Wisgrade e, acudindo em auxílio o imperador, caiu numa armadilha, foi derrotado com uma grande matança, e assim foi tomada esta importante fortaleza. Nosso general tinha agora tempo para empreender a obra da reforma, porém sentiu-se muito desgostado pela rústica ignorância e superstição do clero boêmio, que se fizeram desprezíveis aos olhos de todo o povo. Quando via sintomas de mal-estar em seu exército, fazia soar o alarme para ocupá-los, e levá-los à

ação. Numa dessas expedições acampou frente da cidade de Rubi, e enquanto inspecionava o lugar para o assalto, uma seta disparada desde a muralha lhe deu no olho. Em Praga foi extraída, mas ao ter barbas desgarrou-lhe o olho. Seguiu uma febre, e a duras penas salvou a vida. Ficou totalmente cego, porém desejoso ainda de ajudar o exército. O imperador, quem tinha chamado os estados do império em sua ajuda, resolveu, com eles, atacar a Zisca no inverno, porém muitas de suas tropas foram embora até a primavera.

Os príncipes confederados empreenderam o sítio de Soisin, mas com a simples aproximação do general boêmio se retiraram. Contudo, Segismundo avançou com seu formidável exército, consistente em 15.000 efetivos da cavalaria húngara e 25.000 infantes, bem equipados para uma campanha de inverno. Este exército semeou o terror por todo o leste da Boêmia. Aí por onde avançava Segismundo, os magistrados das cidades colocavam as chaves a seus pés, e eram tratados com dureza ou com favor segundo seus méritos em sua causa. Não obstante, Zisca, com marchas forçadas, se aproximou dele, e o imperador resolveu tentar fortuna mais uma vez contra aquele invencível general. O 13 de janeiro de 1422, os dois exércitos se encontraram na espaçosa planície perto de Kremnitz. Zisca apareceu no centro de sua linha frontal, guardado, ou mais bem conduzido, por um cavalheiro a cada lado, armado com um machado. Suas tropas, tendo cantado um hino, tiraram suas espadas com decidida frieza, e esperaram um sinal. Quando seus oficiais lhe informaram que as filas estavam todas bem fechadas, brandiu seu sabre sobre sua cabeça, o que foi o sinal do início da batalha.

Esta batalha tem sido descrita como um terrível espetáculo. Toda aquela planície constituiu uma contínua cena de desordem. O exército imperial se lançou à fuga para os confins da Moravia, sendo fustigados pelos taboritas na retaguarda sem descanso algum. O rio Igla, que estava gelado, se opus a sua passagem. Pressionados furiosamente pelo inimigo, muitos da infantaria, e todo o corpo da cavalaria, tentaram passar o rio. O gelo cedeu, e não menos de dois mil encontraram seu fim naquelas águas. Zisca voltou agora a Tabor, carregado com todos os despojos e troféus que poderia dar a mais completa vitória.

Zisca começou a dar sua atenção agora a Reforma. Proibiu todas as orações pelos mortos, as imagens, as vestes sacerdotais, os jejuns e as festas religiosas. Os sacerdotes deviam ser escolhidos por seus méritos, e ninguém devia ser perseguido por suas opiniões religiosas. Em tudo, Zisca consultou as mentes liberais, e não fez nada sem um consenso geral. Teve lugar em Praga um alarmante desacordo entre os magistrados calixtanos, ou receptores do sacramento em ambas espécies, e os taboritas, nove de cujos chefes foram arrestados em

privado e executados. A plebe, enfurecida, deu morte aos magistrados, e a questão terminou sem mais conseqüências. Tendo ficado os calixtanos afundados no desprezo, se pediu a Zisca que aceitasse a coroa da Boêmia, ao qual ele recusou nobremente, e se dedicou a preparar-se para sua nova campanha. Segismundo resolveu empreender seu último esforço. Enquanto o marquês de Misnia penetrava na Alta Saxônia, o imperador se propôs entrar na Moravia pela fronteira da Hungria. Antes que o marquês tomasse o campo, Zisca se assentou diante da cidade forte de Aussig, situada sobre o rio Elba. O marquês se lançou veloz em auxílio com um exército superior em número, mas, depois de uma obstinada luta, foi totalmente derrotado, e Aussig capitulou. Zisca se dirigiu em auxílio de Procop, um jovem general a quem tinha designado para manter em xeque a Segismundo, ao que obrigou a abandonar seu assedio de Pernitz após ter permanecido durante oito semanas sitiando-a.

Zisca, desejando dar a suas tropas algum descanso, entrou agora em Praga, esperando que sua presença acalmaria toda intranqüilidade que pudesse ficar após a anterior perturbação. Todavia, foi repentinamente atacado pelo povo; trás desprender-se ele e suas tropas dos cidadãos, se retiraram a seu exército, ao qual fizeram saber da traiçoeira conduta dos calixtanos. Foram feitos todos os esforços de comunicação necessários para apaziguar sua vingativa animosidade e, pela noite, numa entrevista privada entre Roquesan, um clérigo de grande eminência em Praga, e Zisca, este se reconciliou com eles, e as hostilidades que se maquinavam foram anuladas.

Mutuamente cansados da guerra, Segismundo enviou uma mensagem a Zisca, pedindo-lhe que embainhasse sua espada, e que propusesse suas condições. Estabelecendo-se um lugar para as conferencias, Zisca, com seus principais oficiais, foi encontrar-se com o imperador. Obrigado a passar por uma zona do país onde a peste estava causando estragos caiu atacado por ela no castelo de Briscaw, e partiu desta vida o 6 de outubro de 1424. o mesmo que Moisés, morreu à vista da consumação de sua obra, e foi sepultado na grande Igreja de Czaslow, na Boêmia, onde há um grande monumento levantado em sua memória, com esta inscrição: "Aqui jaz João Zisca, que, tendo defendido este país contra as usurpações da tirania papal, descansa neste santo lugar, apesar do papa".

Depois da morte de Zisca, Procop foi derrotado, e caiu junto com as liberdades de seu país.

Depois da morte de Huss e de Jerônimo, o Papa, junto com o Concílio de Constança, ordenou ao clero romanista em todas partes que excomungassem os que adotassem as opiniões ou que lamentassem sua sorte.

Estas ordens causaram grandes lutas entre os boêmios papistas e os reformados, conduzindo a uma violenta perseguição contra estes últimos. Em Praga, a perseguição foi extremamente severa até que, no final, os reformados, reduzidos à desesperação, se armaram, atacaram a casa do senado, e lançaram doze senadores e o presidente pelas janelas, caindo seus corpos sobre lanças, colocadas por outros reformados na rua, para recebê-los.

Informados destes procedimentos, o Papa chegou a Florência e excomungou publicamente os boêmios reformados, incitando o imperador da Alemanha e a todos os reis, príncipes, duques, etc., a tomar as armas para extirpar toda a raça, prometendo-lhes, como incentivo, a plena remissão de todo tipo de pecados até para a pessoa mais malvada, se tão somente davam morte a um reformado boêmio.

Este foi o início de uma sangrenta guerra, porque vários príncipes papistas empreenderam a extirpação, ou pelo menos a expulsão, daquele povo proscrito; e os boêmios, acudindo às armas, se dispuseram a repelir a força com a força da maneira mais vigorosa e firmeza. O exército papista venceu as forças reformadas na batalha de Cuttenburgh, e os prisioneiros reformados foram levados a três profundas minas perto da cidade, e várias centenas deles foram lançados cruelmente dentro de cada uma, onde morreram miseravelmente.

Um mercador de Praga que ia para Breslau, na Silésia, se alojou na mesma pousada que vários sacerdotes. Iniciando uma conversação sobre a questão da controvérsia religiosa, fez muitos elogios do martirizado John Huss e de suas doutrinas. Os sacerdotes, irados por isto, apresentaram denúncia contra ele na manhã seguinte, e foi lançado no cárcere como herege. Foram realizados muitos esforços por persuadi-lo a aceitar a fé católico-romana, porém se manteve firme nas puras doutrinas da Igreja reformada. Pouco depois de seu encarceramento, colocaram um estudante da universidade na mesma masmorra. Sendo-lhes permitido conversar, se alentaram mutuamente. No dia marcado para a execução, quando o carcereiro começou a amarrá-lhes cordas aos pés, com as quais iam ser arrastados pelas ruas, o estudante deu mostras de estar aterrorizado, e ofereceu abjurar de sua fé e fazer-se católico-romano se podia ser perdoado. Sua oferta foi aceita, sua abjuração foi tomada por um sacerdote, e foi libertado. Ao pedi-lhe um sacerdote para seguir o exemplo do estudante, o mercador repus com nobreza: "Não percais o tempo esperando que me retrate; esperareis em vão. De verdade tenho pena daquele pobre desgraçado, que tem sacrificado miseravelmente sua alma por uns poucos e incertos anos a mais desta vida gravosa; bem longe de pensar em seguir seu exemplo, me glorio nos pensamentos mesmos de morrer pela causa de Cristo". Ao ouvir

estas palavras, o sacerdote ordenou o carrasco que prosseguisse, e o preso foi arrastado pelas ruas da cidade, levado ao lugar da execução, e ali queimado.

Pichel, um fanático papista, apreendeu vinte e quatro protestantes, entre os que se encontrava o marido de sua filha. Tendo reconhecido todos eles que eram da religião reformada, os condenou indiscriminadamente a morrerem afogados no rio Abbis. No dia marcado para a execução, acudiu uma grande multidão, entre a que se encontrava a filha de Pichel. Esta digna esposa se lançou aos pés de seu pai, regando-os com seu choro, e lhe implorou da forma mais patética que se compadecesse de sua dor, e que perdoasse seu marido. O endurecido magistrado disse-lhe friamente: "Não intercedas por ele, filha minha; é um herege, um vil herege". A isto ela replicou nobremente: "Sejam quais forem suas faltas, continua sendo meu marido, um homem que, num momento como este, é o único que deveria receber toda minha consideração". Pichel se enfureceu e disse: "Estás louca! Acaso não podes, após sua morte, encontrar um marido muito mais digno?". "Não, senhor (disse ela); meus afetos estão nele, e a mesma morte não dissolverá meus votos matrimoniais". Mas Pichel se manteve inflexível, e ordenou que se amarrassem as mãos e os pés dos presos, e que deste jeito fossem lançados no rio. Tão logo como isto foi executado, a jovem esperou sua oportunidade, pulou na água e, abraçando-se ao corpo de seu marido, se afundou nele num túmulo de água. Um exemplo insólito de amor conjugal numa esposa, e de uma adesão inviolável e um profundo apego a seu marido.

O imperador Fernando, cujo ódio contra os reformados boêmios não conhecia limites, pensando que não os havia oprimido o bastante, instituiu um tribunal supremo de corretores, sobre o plano da Inquisição, com a diferença de que os corretores deviam ser itinerantes, e ir sempre acompanhados de uma companhia de soldados.

Estes corretores consistiam principalmente em jesuítas, e não havia apelação possível a suas sentenças, pelo que pode conjeturar-se facilmente que se tratava de um tribunal verdadeiramente terrível.

Este sanguinário tribunal, assistido por tropas, fez o circuito de Boêmia, no qual apenas se interrogaram ou viram algum prisioneiro, deixando que os soldados assassinassem os reformados como gostassem, e que depois lhes dessem um informe do acontecido.

A primeira vítima de sua crueldade foi um ancião ministro, ao qual deram morte enquanto jazia doente em seu leito; no dia seguinte roubaram e assassinaram a outro, e pouco depois a um terceiro, enquanto predicava no púlpito.

Um nobre e um clérigo que residiam num povoado reformado, ao ouvirem da proximidade do alto tribunal corretor e das tropas, fugiram

do lugar e se ocultaram. Porém os soldados, ao chegar, apresaram o professor da escola, lhe perguntaram onde tinham-se ocultado o senhor do lugar e o ministro, e onde tinham escondido as riquezas. O professor respondeu que não podia responder a essas perguntas. Então o despiram, o amarraram com cordas, e o açoitaram da forma mais atroz com cassetetes. Ao não lograr extraí-lhe nenhuma confissão, o queimaram em várias partes do corpo; então, para lograr algum descanso de seus tormentos, lhe prometeu mostrar-lhes onde estavam os tesouros. Os soldados o ouviram contentes, e o professor os conduziu a uma fossa cheia de pedras, dizendo: "Embaixo destas pedras estão os tesouros que buscais". Ansiosos por encontrar dinheiro, se lançaram ao trabalho, e pronto tiraram as pedras. Porém, não achando o que desejavam, bateram no professor até matá-lo, o lançaram no fosso e o cobriram com as pedras que tinha-lhes feito remover.

Alguns dos soldados estupraram a filha de um digno reformado diante de seus olhos, e depois o torturaram até morrer. A um ministro e a sua mulher os amarraram de costas, e os queimaram. A outro ministro o penduraram de uma viga, e acendendo um fogo embaixo dele, o assaram até morrer. A um cavalheiro o trucidaram, e encheram a boca de um jovem com pólvora, e depois a acenderam, voando-lhe a cabeça.

Como a maior fúria da perseguição se dirigia contra o clero, tomaram um piedoso ministro reformado, e atormentando-o a diário durante um mês seguido, da forma como se descreve mais na frente, fizeram de sua crueldade uma atividade sistemática, regular e progressiva.

O colocaram entre eles, e o fizeram objeto de zombaria e escárnio, durante todo um dia de entretenimento, tentando exaurir sua paciência, porém em vão, pois agüentou tudo aquilo com verdadeira paciência cristã. Cuspiram em seu rosto, lhe puxaram o nariz, o beliscaram por todas as partes do corpo. Foi caçado como uma fera, até que esteve quase morto de fadiga. o fizeram correr num túnel entre duas fileiras deles, batendo-o cada um com uma vara. Deram socos nele. O acoitaram com cordas e arames. O surraram com cassetetes. O amarraram pelos calcanhares colocando-o cabeça para abaixo, até que começou a sai-lhe sangue pelo nariz, a boca, etc. o penduraram pelo braço direito até deslocá-lo, e depois voltaram colocá-lo bem. O mesmo fizeram com seu braço esquerdo. Puseram-lhe papéis ardendo, empapados em óleo, entre os dedos das mãos e dos pés. Arrancaram a carne com pinças candentes. O colocaram no potro. Lhe arrancaram as unhas da mão direita. O mesmo fizeram com as da mão esquerda. Deram-lhe pauladas nos pés. Lê racharam a orelha direita; depois a esquerda; depois o nariz. O levaram por toda a cidade

montado sobre um asno, dando-lhe chicotadas durante o caminho. Fizeram-lhe várias incisões na carne. Arrancaram-lhe as unhas dos dedos do pé direito; depois fizeram o mesmo com as do seu pé esquerdo. Foi amarrado pelas costas e suspendido durante muito tempo. Lhe arrancaram os dentes do maxilar superior. Depois fizeram o mesmo com os do inferior. Verteram chumbo fervendo sobre os dedos das mãos. Depois fizeram o mesmo com os dos pés. Lhe apertaram uma corda sobre a testa de tal modo que forçaram seus lhos fora das órbitas.

Durante todas estas horrendas crueldades se tomaram um cuidado particular em que suas feridas não gangrenassem, e em não feri-lo mortalmente até o último dia, no que o forçamento de seus olhos fora de suas órbitas resultou em sua morte.

Foram inúmeros os outros assassinatos e depredações cometidos por aqueles implacáveis e insensíveis brutamontes, e turbadoras para a humanidade foram as crueldades infligidas sobre os coitados reformados boêmios. Todavia, por estar demasiado avançado o inverno, o alto tribunal dos corretores, junto com seu infernal bando de rufiões militares, acharam apropriado voltar a Praga; porém de caminho, encontrando um pastor reformado, não puderam resistir a tentação de festejar seus bíblicos olhos com um novo tipo de crueldade, que acabava de surgir da diabólica imaginação de um dos soldados. Tratava-se de desvestir o ministro, e cobri-lo de forma alternada com gelo e brasas acesas. Esta nova forma de atormentar um semelhante foi posta em prática de imediato, e a infeliz vítima expirou sob os tormentos, que pareciam deleitar seus desumanos perseguidores.

O imperador logo deu uma ordem secreta para apressar a todos os nobres e gentis-homens que tinham estado principalmente implicados em sustentar a causa reformada, e em designar a Frederico eleitor palatino do Rhin para ser rei da Boêmia. Estes, que eram cinqüenta, foram apreendidos numa mesma noite, e na mesma hora, e trazidos desde os lugares onde tinham sido apresados ao castelo de Praga; as possessões dos ausentes do reino foram confiscadas, e eles declarados proscritos, e seus nomes colocados em patíbulos, como marcas de pública ignomínia.

O alto tribunal dos corretores procedeu então a julgar os cinqüenta que tinham sido apreendidos, e dois reformados apóstatas foram designados para interrogá-los. Estes interrogadores fizeram um grande número de perguntas desnecessárias e impertinentes, o que exasperou de forma tal a um dos nobres, que de natural era de caráter impetuoso, que exclamou, enquanto cobria seu peito: "Corta aqui, busca em meu coração; não achará coisa alguma mais que o amor à

religião e à liberdade; estes foram os motivos pelos que desembainhei a espada, e por estes estou disposto a sofrer a morte".

Como nenhum dos presos queria mudar de religião nem reconhecer que tinha estado num erro, todos foram declarados culpados. Porém a sentença foi remitida ao imperador. Quando o monarca houve lido os nomes e a relação das respectivas acusações, pronunciou sentença sobre todos, ainda que de formas distintas, porque suas sentenças foram de quatro classes: a morte, o desterro, a cadeia perpétua e o encarceramento a discrição.

Vinte deles foram ordenados para a execução, e foi-lhes informado que podiam pedir assistência de jesuítas, monges ou frades, para preparar-se para o terrível trânsito que deviam sofrer. Porém não lhes seria permitida a presença de nenhum reformado. Eles rejeitaram esta proposta, e tentaram tudo o que puderam a fim de consolar-se e alentar-se uns a outros nessa solene ocasião.

Na manhã do dia indicado para a execução, se disparou um canhão como sinal para que os presos fossem trazidos desde o castelo até a principal praça do mercado, onde tinham levantado cadafalsos, e um corpo de tropas para assistir à trágica cena.

Os prisioneiros saíram do castelo com tanto ânimo como se estivessem dirigindo-se a um agradável entretenimento, em lugar de ir afrontar uma morte violenta.

Aparte dos soldados, jesuítas, sacerdotes, carrascos, assistentes, etc., assistiu uma prodigiosa concorrência de plebe, para ver o triunfo destes devotos mártires, que foram executados na seguinte ordem:

O senhor de Schilik tinha uns cinqüenta anos de idade, e umas grande qualidades naturais e adquiridas. Quando lhe disseram que seria esquartejado, e que seus membros seriam dispersados por diferentes lugares, sorriu com grande serenidade, dizendo: "A perda da sepultura é uma consideração mais que nímia". Ao gritar-lhe um cavalheiro que estava perto, dizendo: "Valor, meu senhor!", ele respondeu: "Tenho o favor de Deus, que é suficiente para inspirar valor a qualquer; não me turba o temor à morte; antes a tenho enfrentado em campos de batalha ao opor-me ao Anticristo; e agora me enfrentarei a ela no cadafalso, por causa de Cristo". Tendo feito uma curta oração, disse ao carrasco que estava pronto. Este lhe cortou a mão direita e a cabeça, e depois o esquartejou. Sua mão e sua cabeça foram colocadas na alta torre de Praga, e seus quartos distribuídos por diferentes partes da cidade.

O senhor visconde Wenceslau, que havia chegado até a idade de setenta anos, era igualmente respeitável por sua erudição, piedade e hospitalidade. Seu caráter era tão paciente que quando sua casa foi violentada, e sua propriedade tomada e suas fincas confiscadas, somente disse, com grande compostura: "O Senhor o deu, o Senhor o

tirou". Ao perguntar-lhe por que dedicava-se a uma causa tão perigosa como a de tratar de sustentar o eleitor palatino Frederico contra o poder do imperador, respondeu: "Tenho agido estritamente segundo os ditados de minha consciência, e, até o dia de hoje, o considero meu rei. Agora estou cheio de anos, e desejo dar minha vida para não ser testemunha dos adicionais males que sobrevirão ao meu país. Faz muito tempo que estais sedentos de meu sangue. Tomai-o, porque Deus será meu vingador". Depois, aproximando-se ao talho, afagou sua longa barba cinza, e disse: "Cabelos veneráveis, quanta maior honra vos espera, uma coroa de martírio é a vossa parte". Depois, colocando a cabeça, foi-lhe separada do corpo de um só golpe, e cravada numa estaca numa parte visível da cidade.

O senhor de Harant era homem de bom sentido, grande piedade e muita experiência ganha em suas viagens, porquanto tinha visitado os principais lugares da Europa, Ásia e África. Por isso estava livre de prejuízos nacionais, e tinha adquirido muito conhecimento.

A acusação em contra deste nobre era que era protestante, e que tinha feito juramente de adesão a Frederico, eleitor palatino do Rhin, como rei da Boêmia. Quando chegou ao cadafalso, disse: "Tenho viajado por muitos países, e atravessado várias nações bíblicas, porém nunca achei tanta crueldade como em minha pátria. Tenho escapado de numerosos perigos por mar e terra, e me sobrepôs a dificuldades inconcebíveis, para sofrer inocentemente no lugar que me viu nascer. Meu sangue é do mesmo modo procurado por aqueles por quem eu, e meus antepassados, temos arriscado nossas possessões; porém, oh, Deus onipotente, perdoa-os, porque não sabem o que fazem!". Depois foi até o talho, se ajoelhou, e exclamou com grande energia: "Em tuas mãos, oh, Senhor, encomendo meu espírito! Em Ti tenho sempre confiado. Recebe-me, pois, meu bendito Redentor". Caiu então o golpe fatal, e recebeu o ponto final para as dores temporárias desta vida.

O senhor Frederico de Bile sofreu como protestante, e como promotor da última guerra; afrontou sua sorte com serenidade, e somente disse que desejava o bem aos amigos que deixava para trás, que perdoava os inimigos causantes de sua morte, que rejeitava a autoridade do imperador naquele país, reconhecendo a Frederico como único rei legítimo da Boêmia, e que confiava para sua salvação nos méritos de seu bendito Redentor.

O senhor Henrique Otto, quando chegou ao patíbulo, parecia muito confundido, e disse, com uma certa aspereza, como se dirigindo-se ao imperador: "Tu, oh tirano Fernando, teu trono está estabelecido em sangue, porém se das morte a meu corpo, e dispersas meus membros, contudo se levantarão para sentar-se em juízo contra ti". Depois calou-se, e tendo caminhado durante um certo tempo em volta do cadafalso, pareceu recobrar suas energias e acalmar-se, e disse então a um

cavalheiro que estava perto: "Faz poucos minutos estava muito enfermo, porém agora sinto avivar meu espírito; Deus seja louvado por conceder-me tal consolo; a morte já não aparece como rei do espanto, senão que parece convidar-me a participar de alguns gozos desconhecidos". Ajoelhando-se ante o talho, disse: "Deus onipotente! A Ti encomendo minha alma. Recebe-a por causa de Cristo, e admite-a na glória de tua presença". O verdugo causou muito sofrimento a este nobre, ao dá-lhe vários golpes antes de separá-lhe a cabeça do corpo.

O conde de Rugênia destacava por suas grandes qualidades e piedade não fingida. No cadafalso disse: "Os que tiramos nossas espadas lutamos só para preservar as liberdades do povo e para guardar invioladas nossas consciências. Como vencemos, me comprazo mais na sentença de morte que se o imperador me tiver concedido a vida; porque vejo que a Deus lhe apraz que Sua verdade seja defendida não pelas nossas espadas, mas pelo nosso sangue". Depois avançou com resolução para o talho, dizendo: "Agora logo estarei com Cristo", e recebeu com grande valor a coroa do martírio.

O senhor Gaspar de Kaplitz tinha oitenta e seis anos de idade. Quando chegou no lugar da execução, se dirigiu assim ao principal oficial: "Aqui tens um pobre ancião que amiúde lhe pediu a Deus que o tirasse deste mundo malvado, mas que não pôde até agora obter seu desejo, porque Deus me reservou até estes anos para ser um espetáculo para o mundo e um sacrifício para si mesmo. Por isso, seja feita a vontade de Deus". Um dos oficiais lhe disse que em consideração a sua avançada idade, se tão somente pedia perdão, lhe seria concedido de imediato. "Pedir perdão!", exclamou ele. "Somente pedirei perdão a Deus, a quem freqüentemente tenho ofendido, mas não ao imperador, a quem jamais dei motivo algum de agravo; se agora pedisse perdão, poder-se-ia suspeitar com justiça que tenha cometido algum crime que merecesse esta condena. Não, não, já que morro como inocente, e com uma limpa consciência, não gostaria de separar-me desta nobre companhia de mártires". Dito isto, colocou animadamente seu pescoço sobre o talho.

Procopius Dorzecki disse, no patíbulo: "Estamos agora sob condenação do imperador, mas a seu tempo ele será julgado, e nós compareceremos como testemunhas contra ele". Depois, tomando uma medalha de ouro de seu pescoço, que tinha sido cunhada quando Frederico fora coroado rei da Boêmia, a apresentou a um dos oficiais, dizendo-lhe ao mesmo tempo estas palavras: "Como homem a ponto de morrer, peço que se jamais o rei Frederico é restaurado no trono da Boêmia, lhe entregueis esta medalha. Dizei-lhe que por sua causa a levei até a morte, e que agora entrego bem disposto minha vida por Deus e por meu rei". Depois disso, bravamente colocou a cabeça e se submeteu ao golpe fatal.

Dionísio Sérvio tinha sido criado como católico-romano, mas fazia vários anos que tinha abraçado a religião reformada. Quando se encontrou sobre o cadafalso, os jesuítas exerceram todos seus esforços por lograr sua retratação e que voltasse a sua anterior fé, mas não prestou a menor atenção a suas exortações. Ajoelhando-se, disse: "Podeis destruir meu corpo, mas não podeis danificar minha alma, que encomendo a meu Redentor"; depois se submeteu paciente a seu martírio, tendo então cinqüenta e seis anos.

Valentim Cockam era pessoa de considerável fortuna e eminência, perfeitamente piedoso e honrado, mas de poucas dotes. Sem embargo, sua imaginação pareceu fazer-se mais brilhante, e suas faculdades melhorarem ao aproximar-se a morte, como se o iminente perigo refinasse seu entendimento. Justo antes de ser decapitado se expressou com tal eloqüência, energia e precisão que deixou atônitos a todos os que conheciam sua anterior deficiência em quanto a suas dotes pessoais.

Tobias Stelfick foi notável por sua afabilidade e serenidade. Estava totalmente resignado a sua sorte, e poucos minutos antes de sua morte falou desta forma singular: "Durante o curso de minha vida tenho recebido muitos favores de Deus; não deveria então, alegre, aceitar um cálice amargo, quando Ele considera apropriado apresentá-lo? Ou antes bem, não deveria eu regozijar-me que seja Sua vontade que dê uma vida corrompida em troca da imortalidade?"

O doutor Jessenius, um capaz estudante de medicina, foi acusado de falar palavras desrespeitosas contra o imperador, de traição por ter jurado adesão ao eleitor Frederico, e de heresia por ser protestante. Pela primeira acusação lhe cortaram a língua; pela segunda, foi decapitado; e pela terceira foi esquartejado, e as partes respectivas exibidas sobre estacas.

Cristóvão Chover, em quanto se viu sobre o patíbulo, disse: "Venho em nome de Deus, para morrer por Sua glória; lutei o bom combate, acabei minha carreira; assim sendo, carrasco, executa teu ofício". O algoz obedeceu, e no instante recebeu a coroa do martírio.

Ninguém viveu mais respeitado nem morreu mais lamentado que John Shultis. As únicas palavras que disse antes de receber o golpe fatal foram: "Aos olhos dos néscios parece que os justos morrem, mas somente vão ao seu repouso. Senhor Jesus! Tu prometeste que os que a Ti vêm não serão lançado fora. Eis aqui, eu vim; olha para mim, tem piedade de mim, perdoa meus pecados, e recebe minha alma".

Maximiliano Hostialick era famoso por sua erudição, piedade e humanidade. Quando chegou ao começo do cadafalso parecia totalmente aterrado ante a iminência da morte. Ao perceber o oficial sua agitação, lhe disse Hostialick: "Ah, senhor, agora se amontoam em minha mente os pecados de minha juventude, mas espero que Deus

me iluminará, não seja que durma o sono da morte e digam meus inimigos que prevaleceram sobre mim". pouco depois disse: "Espero que meu arrependimento seja sincero, e que seja aceito, em cujo caso o sangue de Cristo me lavará de meus crimes". Depois disse ao verdugo que ia repetir o Cântico de Simeão, após o qual poderia exercer seu ofício. Assim, ele disse: "Agora despedes, Senhor, a teu servo, conforme a tua palavra, em paz; porque meus olhos viram tua salvação". Ao acabar estas palavras, o carrasco cortou a cabeça de um único golpe.

Quando John Kutnaur chegou ao lugar da execução, um jesuíta lhe disse: "Abraça a fé católico-romana, a única que pode salvar-te e armar-te contra os terrores da morte". A isto ele replicou: "Vossa supersticiosa fé eu aborreço; conduz à perdição, e não desejo outras armas contra os terrores da morte que uma boa consciência". O jesuíta se afastou, dizendo sarcasticamente: "Os protestantes são rochas impenetráveis". "Você está errado", disse-lhe Kurnaur. "É Cristo a Rocha, e nós estamos firmes nEle". Este homem, ao não ter nascido na nobreza, porém tinha feito sua fortuna num trabalho manual, foi sentenciado a ser enforcado. Antes de ser suspenso, disse: "Morro, não por ter cometido crime algum, senão por seguir os ditados de minha consciência, e por defender meu país e minha religião".

Simeão Sussickey era sogro de Kutnaur, e igual que ele, foi sentenciado à forca. Foi animoso à morte, e parecia impaciente por ser executado, dizendo: "Cada momento me retarda de entrar no Reino de Cristo".

Natanael Wodianskey foi enforcado por ter apoiado a causa protestante e a eleição de Frederico à coroa da Boêmia. Ante a forca, os jesuítas fizeram tudo o possível por levá-lo a renunciar a sua fé. Ao verem ineficazes seus esforços, um deles disse: "Se não queres abjurar de tua heresia, te arrependerás pelo menos de tua rebelião?" Ao qual Wodnianskey replicou: "Nos tirais a vida sob a pretendida acusação de rebelião, e não contentes com isso quereis destruir nossas almas; fartai-vos de nosso sangue, e ficai satisfeitos, mas não manipuleis nossas consciências".

O próprio filho de Wodnianskey se aproximou então à forca, e disse a seu pai: "Senhor, se fossem oferecer-vos vossa vida com a condição da apostasia, vos rogo que vos lembreis de Cristo, e que rejeiteis uns oferecimentos tão perniciosos". Ao que o pai respondeu: "È muito aceitável, meu filho, ser exortado por você à constância; porém, não abrigues suspeitas acerca de mim; antes bem trata de confirmar na fé a teus irmãos, irmãs e filhos, e ensina-lhes a imitar a constância da que lhes darei exemplo". Apenas se tinha acabado estas palavras quando foi enforcado, recebendo a coroa do martírio com grande fortaleza.

Durante seu encerro, Wenceslao Gisbitzkey abrigou grandes esperanças de que lhe seria concedida a graça da vida, o que fez temer a seus amigos pela sorte de sua alma. Contudo, se manteve firme em sua fé, orou fervorosamente ante a forca, e afrontou a morte com peculiar resignação.

Martin Foster era um ancião aleijado; a acusação contra ele era mostrar caridade aos hereges, e emprestar dinheiro ao eleitor Frederico. Mas parece que seu principal delito tinha sido sua grande riqueza; e foi para ser saqueado de seus tesouros que foi unido a esta ilustre lista de mártires.

CAPÍTULO 9 - História da vida e perseguições de Martinho Lutero

Este ilustre alemão, teólogo e reformador da Igreja, foi filho de João Lutero e de Marguerite Ziegler, e nascer em Eisleben, uma cidade da Saxônia, no condado de Mansfield, o 10 de novembro de 1483. a posição e condição de seu pai eram originalmente humildes, e seu ofício era o de mineiro; mas é provável que por seu esforço e trabalho melhorasse a fortuna de sua família, porquanto posteriormente chegou a ser um magistrado de categoria e dignidade. Lutero foi cedo iniciado nas letras, e aos treze anos de idade foi enviado a uma escola em Magdewburgo, e dali a Eisenach, na Turíngia, onde permaneceu por quatro anos, exibindo os primeiros indícios de sua futura eminência.

Em 1501 foi enviado à Universidade de Erfurt, onde passou pelos costumeiros cursos de lógica e filosofia. Aos vinte anos de idade recebeu o título de licenciado, e depois passou a ensinar a física de Aristóteles, ética, e outros departamentos de filosofia. Depois, por indicação de seus pais, se dedicou à lei civil, com vistas a dedicar-se à advocacia, porém foi afastado desta atividade pelo seguinte incidente. Andando um dia pelos campos, foi tocado por um raio, sendo precipitado no chão, enquanto seu companheiro foi morto justo a seu lado; isto o afetou de tal modo que, sem comunicar seu propósito a nenhum de seus amigos, se retirou do mundo, e se acolheu à ordem dos eremitas de santo Agostinho.

Aqui se dedicou a ler a santo Agostinho e os escolásticos; porém, rebuscando na biblioteca, achou acidentalmente uma cópia da bíblica latina, que nunca tinha visto antes. Isto atraiu poderosamente sua curiosidade; a leu ansiosamente, e sentiu-se atônito ao ver que escassa porção das Escrituras era ensinada ao povo.

Fez sua profissão no convento de Erfurt, depois de ter sido novicio durante um ano; e tomou ordens sacerdotais e celebrou sua primeira missa em 1507. um ano depois foi trasladado do mosteiro de Erfurt à Universidade de Wittenberg, porque tendo acabado de fundar-se a universidade, se pensava que nada seria melhor para dá-lhe reputação e fama imediatas que a autoridade da presença de um homem tão célebre por sua grande coragem e erudição, como Lutero.

Nesta universidade de Erfurt havia um certo ancião no convento dos agostinianos com quem Lutero, que era então da mesma ordem, conversou acerca de diversas coisas, especialmente acerca da remissão dos pecados. Acerca deste artigo, este sábio padre se franqueou com Lutero, dizendo-lhe que o expresso mandamento de Deus é que cada homem creia particularmente que seus pecados lhe são perdoados em

Cristo; disse-lhe além disso que esta particular interpretação estava confirmada por são Bernardo: "Este é o testemunho que te dá o Espírito Santo em teu coração, dizendo: Teus pecados te são perdoados. Porque este é o ensino do apóstolo, que o homem é livremente justificado pela fé".

Estas palavras não só serviram para fortalecer a Lutero, senão também para ensiná-lhe o pleno sentido de são Paulo, que insiste tantas vezes nesta frase: "Somos justificados pela fé"> E tendo lido as exposições de muitos acerca desta passagem, logo percebeu, tanto pelo discurso do ancião como pelo consolo que recebeu em seu espírito, a vaidade das interpretações que antes tinha acreditado dos escolásticos. E assim, aos poucos, lendo e comparando os ditados e exemplos dos profetas e dos apóstolos, com uma contínua invocação a Deus, e a excitação da fé pelo poder da oração, percebeu esta doutrina com a maior evidência. Assim prosseguiu seu estudo em Erfurt por espaço de quatro anos no convento dos agostinianos.

Em 1512, ao ter uma pendência sete conventos de sua ordem com seu vicário geral, Lutero foi escolhido para ir a Roma para manter sua causa. Em Roma viu o Papa e sua corte, e teve também a oportunidade de observar os costumes do clero, cuja maneira apressada, superficial e ímpia de celebrar a missa observou com severidade. Tão pronto como teve ajustado a disputa que tinha sido motivo de sua viagem, voltou a Wittenberg, e foi constituído doutor em teologia, a custa de Frederico, eleitor da Saxônia, quem o havia ouvido predicar com freqüência, estava perfeitamente familiarizado com seu mérito, e o reverenciava sumamente.

Continuou na Universidade de Wittenberg, onde, como professor de teologia, se dedicou à atividade de sua vocação. Aqui começou da forma mais intensa a ler conferencias sobre os livros sagrados. Explicou a Epístola aos Romanos e os Salmos, que aclarou e explicou de uma maneira totalmente nova e diferente do que tinha sido o estilo dos anteriores comentaristas, que "parecia, após uma longa e escura noite, que amanhecia um novo dia, a juízo de todos os homens piedosos e prudentes".

Lutero dirigia diligentemente as mentes dos homens ao Filho de Deus, como João Batista anunciava o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo; do mesmo modo Lutero, resplandecendo na Igreja como uma luz brilhante após uma longa e tenebrosa noite, mostrou de forma clara que os pecados são livremente remitidos pelo amor do Filho de Deus, e que deveríamos abraçar fielmente este generoso dom.

Sua vida se correspondia com sua profissão; e se evidenciou de maneira clara que suas palavras não era atividade meramente de seus lábios, senão que procediam de seu mesmo coração. Esta admiração de sua santa vida atraiu muito os corações de seus ouvintes.

Para preparar-se melhor para a tarefa que tinha empreendido, se aplicou atentamente ao estudo das línguas hebraica e grega; e a isto estava dedicado quando se publicaram as indulgências gerais em 1517.

Leão X, que sucedeu a Julio II em março de 1513, teve o desígnio de construir a magnífica Igreja de são Pedro em Roma, que desde logo tinha sido começada por Julio, mas que ainda precisava de muito dinheiro para poder ser acabada. Por isso, leão, em 1517, publicou indulgências gerais por toda a Europa, em favor de todos os que contribuíssem com qualquer suma para a edificação de são Pedro; e designou pessoas de diferentes países para proclamar estas indulgências e para receber o dinheiro das mesmas. Estes estranhos procedimentos provocaram muito escândalo em Wittenberg, e de maneira particular inflamaram o piedoso zelo de Lutero, o qual, sendo de natural ardoroso e ativo, e incapaz neste caso de conter-se, estava decidido a declarar-se em contra de tais indulgências em todas as circunstâncias.

Portanto, na véspera do dia de Todos os Santos, em 1517, fixou publicamente, na igreja adjacente ao castelo daquela cidade, uma tese sobre as indulgências; no começo das mesmas desafiava a qualquer que se opusesse a elas bem por escrito, bem por debate oral. Apenas se tinham-se publicado as proposições de Lutero acerca das indulgências que Tetzel, um frade dominicano e comissionado para sua venda, manteve e publicou uma tese em Frankfurt, na qual sustentava um conjunto de proposições diretamente contrárias a elas. Fez mais: agitou o clero de sua ordem contra Lutero; o anatematizou desde o púlpito como um herege condenável, e queimou sua tese de forma pública em Frankfurt. A tese de Tetzer foi também queimada, em reação, pelos luteranos em Wittenberg; mas o próprio Lutero negou ter tomado parte nesta ação.

Em 1518, Lutero, embora dissuadido disso por seus amigos, mas para mostrar obediência à autoridade, acudiu ao convento de santo Agostinho em Heidelberg, onde se celebrava capítulo; e ali manteve, o 26 de abril, uma disputa acerca da "justificação pela fé" que Bucero, que então estava presente, tomou por escrito, comunicando-a depois a Beatas Rhenanus, não sem os maiores elogios.

Enquanto isso, o zelo de seus adversários foi crescendo mais e mais contra ele; finalmente foi acusado diante de Leão X como herege. Então, tão logo como houve voltado de Heidelberg, escreveu uma carta àquele Papa nos termos mais submissos; lhe enviou, ao mesmo tempo, uma explicação de suas proposições acerca das indulgências. Esta carta está datada no Domingo da Trindade de 1518, e ia acompanhada de um protesto no qual se declara que "não pretendia ele propor nem defender nada contrário às Sagradas Escrituras nem à doutrina dos padres, recebida e observada pela Igreja de Roma, nem aos cânones

ou decretos dos Papas; contudo, achava que tinha a liberdade bem para aprovar ou para desaprovar aquelas opiniões de santo Tomás, Boaventura e outros escolásticos e canonistas que não se baseavam em texto algum".

O imperador Maximiliano estava igual de solícito que o Papa acerca de deter a propagação das opiniões de Lutero na Saxônia, que eram perturbadoras tanto para a Igreja como para o Império. Por isso, Maximiliano escreveu a Leão uma carta datada em 5 de agosto de 1518, pedindo-lhe que proibisse, por sua autoridade, estas inúteis, desconsideradas e perigosas disputas; também lhe assegurava que cumpriria estritamente em seu império tudo aquilo que Sua santidade ordenasse.

Enquanto isso, Lutero, assim que soube o que estava-se executando acerca dele em Roma, empregou todos os meios imagináveis para impedir ser levado lá, e para obter que sua causa fosse ouvida na Alemanha. O eleitor também se opunha a que Lutero fosse a Roma, e pediu ao cardeal Caetano que pudesse ser ouvido diante dele, como legado do Papa na Alemanha. Com isto, o Papa consentiu em que sua causa fosse julgada diante do cardeal Caetano, a quem dera poderes para decidi-la.

Portanto, Lutero se dirigiu de imediato a Augsburgo, levando consigo cartas do eleitos. Chegou lá em outubro de 1518, e, tendo-lhe dado seguridades, foi admitido em presença do cardeal. Porém Lutero logo viu que tinha mais a temer do cardeal que de disputas de qualquer tipo; por isso, temendo um arresto se não se submetia, se retirou de Augsburgo o dia vinte. Todavia, antes de partir, publicou uma apelação formal ao Papa, e vendo-se protegido pelo eleitor, prosseguiu predicando as mesmas doutrinas em Wittenberg, e enviou um desafio a todos os inquisidores a que acudissem e contendessem com ele.

A respeito de Lutero, Miltitius, o assistente do Papa, tinha ordem de demandar o eleitor que o obrigasse a desdizer-se, ou que lhe negasse sua proteção; porém as coisas não poderiam ser efetuadas com tanta soberba, sendo que o crédito de Lutero estava demasiado bem estabelecido. Além disso, aconteceu que o imperador Maximiliano morreu o 12 daquele mês, o que alterou muito o aspecto das coisas, e deixou o eleitor mais capaz de decidir a sorte de Lutero. Por isso, Miltitius pensou que o melhor seria ver que se poderia fazer com meios limpos e gentis, e para este fim começou a conversar com Lutero.

Durante todos estes acontecimentos a doutrina de Lutero foi-se espalhando e prevalecendo muito; e ele mesmo recebeu alentos de sua terra e desde fora. Por aquele tempo, os boêmios lhe enviaram um livro do célebre John Huss, quem tinha caído mártir na obra da reforma, e também cartas nas que o exortavam à constância e à perseverança, reconhecendo que a teologia que ele ensinava era a

pura teologia, sã e ortodoxa. Muitos homens eruditos e eminentes se puseram de sua parte.

Em 1519 teve uma célebre disputa em Leipzig com John Eccius. Mas esta disputa terminou no final como todas as outras, não tendo-se aproximado as posturas das partes em absoluto, senão que se sentiam mais inimigos pessoais que antes.

Por volta do final desse ano, Lutero publicou um livro no qual defendia que a Comunhão se celebrasse sob ambas espécies; isto foi condenado pelo bispo de Misnia o 24 de janeiro de 1520.

Enquanto Lutero trabalhava para defender-se ante o novo imperador e os bispos da Alemanha, Eccius tinha ido a Roma para pedir sua condena, o qual, como poderá conceber-se, agora não seria tão difícil de conseguir. O certo é que a contínua importunidade dos adversários de Lutero ante Leão o levaram afinal a publicar uma condena contra ele, e fez isto numa bula com data de 15 de junho de 1520. isto teve lugar na Alemanha, publicada ali por Eccius, quem a havia solicitado a Roma, e que estava encarregado, junto com Jerônimo Alessandro, pessoa eminente por sua erudição e eloqüência, da execução da mesma. Enquanto isso, Carlos I da Espanha e V da Alemanha, depois de ter resolvido suas dificuldades nos Países Baixos, passou para a Alemanha, e foi coroado imperador o 21 de outubro em Aquisgrão.

Martinho Lutero, depois de ter sido acusado por vez primeira em Roma em Quinta-Feira Santa pela censura papal, se dirigiu pouco depois da Páscoa para Worms, onde, comparecendo ante o imperador e todos os estados da Alemanha, se manteve constante na verdade, se defendeu a si mesmo, e deu respostas a seus adversários.

Lutero permaneceu alojado, bem obsequiado e visitado por muitos condes, barões, cavalheiros da ordem, gentis-homens, sacerdotes e dos comuns, que freqüentavam seu alojamento até a noite.

Veio, em contra das expectativas de muitos, tanto adversários como amigos. Seus amigos deliberaram juntos, e muitos trataram de persuadi-lo para não aventurar-se a tal perigo, considerando que tantas vezes não se tinha respeitado a promessa feita de segurança. Ele, após ter ouvido todas suas persuasões e conselhos, respondeu deste jeito: "No que a mim respeita, já que me chamaram, estou resolvido e certamente decidido a acudir a Worms, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo; sim, ainda que soubesse que há tantos demônios para resistir-me ali como telhas para cobrir as casas de Worms".

No dia seguinte, o arauto o levou de seu alojamento até a corte do imperador, onde ficou até as seis da tarde, porque os príncipes estavam ocupados em graves consultas; estando ali, e rodeado de um grande número de pessoas, e quase amassado por tanta multidão. Depois, quando os príncipes sentaram, entrou Lutero e Eccius, o oficial, falou da seguinte forma:

"Responde agora à demanda do Imperador. Manterás tu todos os livros que reconheceste como teus, ou revogarás algumas partes dos mesmos e te submeterás?"

Martinho Lutero respondeu modesta e humildemente, todavia não sem uma certa firmeza e constância cristãs: "Considerando que vossa soberana majestade e vossas honras demandam uma resposta direta, isto digo e professo tão resolutamente como posso, sem dúvidas nem sofisticações, que se não me convencerdes pelo testemunho das Escrituras (porque não acredito nem no Papa nem em seus Concílios gerais, que têm errado tantas vezes, e que têm sido contraditórios entre si), minha consciência está tão ligada e cativa por estas Escrituras e a Palavra de Deus, que não me desdigo nem me posso desdizer de nada em absoluto, considerando que não é nem piedoso nem legítimo fazer nada em contra de minha consciência. Aqui estou e nisto descanso: nada mais tenho a dizer. Que Deus tenha misericórdia de mim!"

Os príncipes consultaram entre si acerca desta resposta dada por Lutero, e após terem interrogado diligentemente o mesmo, o pró-locutor começou e interpelá-lo assim: "A Majestade Imperial demanda de ti uma simples resposta, seja negativa, seja afirmativa, se pretendes defender todos teus livros como cristãos ou não".

Então Lutero, dirigindo-se ao imperador e aos nobres, rogou-lhes que não o forçassem a ceder contra sua consciência, confirmada pelas Sagradas Escrituras, sem argumentos manifestos que alegassem seus adversários. "Estou amarrado pelas Escrituras".

Antes de se dissolver a Dieta de Worms, Carlos V fez redigir um édito, datado o 8 de maio, decretando que Martinho Lutero fosse, em conformidade com a sentença do Papa, considerado desde então membro separado da Igreja, cismático, e herege obstinado e notório. Enquanto a bula de Leão X, executada por Carlos V trovejava por todo o Império, Lutero foi encerrado a salvo no castelo de Wittenberg; mas cansado afinal de seu retiro, voltou aparecer em público em Wittenberg o 6 de março de 1522. depois de uma ausência de uns dez meses.

Lutero fez agora abertamente a guerra ao Papa e aos bispos; e a fim de lograr que o povo menosprezasse a autoridade dos mesmos tanto como for possível, escreveu um livro contra a bula do Papa, que outro contra a Ordem, falsamente chamado "A Ordem Episcopal". Publicou também uma tradução do Novo Testamento na língua alemã, que foi posteriormente corrigida por ele mesmo e Melanchton.

Agora reinava a confissão na Alemanha, e não menos na Itália, porque surgiu uma contenda entre o Papa e o Imperador, durante a qual Roma foi tomada duas vezes, e o Papa feito prisioneiro. Enquanto os príncipes estavam assim ocupados em suas mútuas pendências, Lutero prosseguiu efetuando a obra da Reforma, opondo-se também

aos papistas e combatendo os anabatistas e outras seitas fanáticas que, aproveitando seu enfrentamento com a Igreja de Roma, tinham surgido e estabelecido em diversos lugares.

Em 1527, Lutero sofreu um ataque de coagulação do sangue em volta do coração, que quase deu fim a sua vida. Parecendo que as perturbações na Alemanha não tinham fim, o Imperador viu-se obrigado a convocar uma dieta em Spira, em 1529, para pedir a ajuda dos príncipes do império contra os turcos. Quatorze cidades — Estrasburgo, Nuremberg, Ulm, Constanza, Retlingen, Windsheim, Merumingen, Lindow, Kempten, Hailbron, Isny, Weissemburg, Norlingen, St. Gal— se uniram contra o decreto da dieta, emitindo um protesto que foi escrito e publicado em abril de 1529. Este foi o célebre protesto que deu o nome de "Protestantes" aos reformadores na Alemanha.

Depois disto, os príncipes protestantes empreenderam a formação de uma aliança firme, e instruíram o eleitor da Saxônia e seus aliados para aprovarem o que a Dieta tinha feito; porém os deputados redigiram uma apelação, e os protestantes apresentaram depois uma apologia por sua "Confissão", a famosa confissão que tinha sido redigida pelo moderado Melanchton, como também a apologia. Tudo isto foi assinado por vários dos príncipes, e a Lutero não restou nada mais por fazer senão sentar-se e contemplar a magna obra que se executara; porque que um único monge puder dar à Igreja de Roma um golpe tão rude que se necessitasse somente de mais um parecido para derrubá-la de vez, bem pode considerar-se uma magna obra.

Em 1533 Lutero escreveu uma epístola consoladora aos cidadãos de Oschatz, que tinham sofrido algumas penalidades por terem aderido à confissão de fé de Augsburgo; e em 1534 se imprimiu a Bíblia que ele havia traduzido ao alemão, como o mostra o antigo privilégio datado em Bibliópole, de mão do próprio eleitor, e foi publicada no ano seguinte. Também naquele ano publicou um livro: "Contra as Missas e a Consagração dos Sacerdotes".

Em fevereiro de 1537 se celebrou uma assembléia em Smalkalda acerca de questões religiosas, à qual foram chamados Lutero e Melanchton. Nesta reunião Lutero caiu tão doente que não havia esperanças de sua recuperação. Enquanto o levavam de volta escreveu seu testamento, no qual legada seu desdém pelo papado a seus amigos e irmãos. E assim esteve ativo até sua morte, em 1546.

Naquele ano, acompanhado por Melanchton, tinha visitado seu próprio país, que não tinha vito por muitos anos, e voltara são e salvo. Porém, pouco depois foi chamado de novo pelos condes de Masfelt, para que arbitrasse umas diferenças que tinham surgido acerca de seus limites, e ao chegar foi recebido por mais de uma centena de cavalheiros, e conduzido de forma sumamente honrosa. Mas naquele

tempo adoeceu tão violentamente que se temeu pudesse morrer. Disse então que estes ataques de doença sempre lhe sobrevinham quando tinha uma grande obra para empreender. Todavia, nesta ocasião não se recuperou, e morreu o 18 de fevereiro, à idade de setenta e três anos. Pouco antes de expirar, admoestou àqueles que estavam a sua volta para que orassem pela propagação do Evangelho, "porque o Concílio de Trento", disse-lhes, "que teve uma ou duas sessões, e o Papa, inventarão estranhas coisas contra ele". Sentindo que se aproximava o fatal desenlace, antes das nove da manhã se encomendou a Deus com esta devota oração: "Meu Pai celestial, Deus eterno e misericordioso! Tu me manifestaste teu amado Filho, nosso Senhor Jesus Cristo. O tenho ensinado, o tenho conhecido; o amo como a minha vida, minha saúde e minha redenção, Àquele a quem os malvados perseguiram, caluniaram e afligiram com vitupérios. Leva minha alma a Ti".

Por disto disse o que se segue, repetindo-o três vezes: "Em tuas mãos encomendo meu espírito, Tu me remiste, oh Deus da verdade! Porque de tal forma amou Deus ao mundo, que deu seu Filho unigênito, para que todo aquele que nEle crê não pereça, mas tenha vida eterna". Tendo repetido suas orações várias vezes, foi chamado a Deus. assim, orando, sua limpa alma foi separada pacificamente do corpo terreno.

CAPÍTULO 10 - Perseguições gerais na Alemanha

As perseguições gerais na Alemanha foram principalmente causadas pelas doutrinas e o ministério de Martinho Lutero. O certo é que o Papa ficou tão alarmado pelo êxito do corajoso reformador que decidiu utilizar o Imperador Carlos V, a qualquer preço, no plano para tentar sua extirpação.

Para este fim:

1) Deu ao imperador duzentas mil coroas em efetivo.

2) Prometeu manter doze mil infantes e cinco mil tropas de cavalaria, pelo espaço de seis meses, ou durante uma campanha.

3) Permitiu ao imperador receber a metade dos ingressos do clero do imperador durante a guerra.

4) Permitiu ao imperador hipotecar as fincas das abadias por quinhentas mil coroas, para ajudar na empresa das hostilidades contra os protestantes.

Assim incitado e apoiado, o imperador empreendeu a extirpação dos protestantes, contra os que, de todas formas, tinha um ódio pessoal; e para este propósito se levantou um poderoso exército na Alemanha, Espanha e Itália.

Enquanto isso, os príncipes protestantes constituíram uma poderosa confederação, para repelir o iminente ataque. Se levantou um grande exército, e se deu seu mando ao eleitor da Saxônia e ao landgrave [7] de Hesse. As forças imperiais eram comandadas pessoalmente pelo imperador da Alemanha, e os olhos de toda a Europa se dirigiram ao foco da guerra.

Finalmente os exércitos chocaram, e se livrou uma furiosa batalha, na qual os protestantes foram derrotados, e o eleitor da Saxônia e o landgrave de Hesse feitos prisioneiros. Este golpe fatal foi sucedido por uma horrorosa perseguição, cuja dureza foi tal que o exílio podia considerar-se uma sorte suave, e o ocultar-se num tenebroso bosque como uma felicidade. Em tais tempos, uma cova é um palácio, uma rocha um leito de penas, e as raízes, manjares.

Os que foram capturados sofreram as mais cruéis torturas que podiam inventar as imaginações infernais; e por sua constância deram prova de que um verdadeiro cristão pode vencer todas as dificuldades, e apesar de todos os perigos ganhar a coroa do martírio.

Henrique Voes e João Esch, apreendidos como protestantes, foram levados ao interrogatório. Voes, respondendo por si mesmo e pelo

---

[7] Título de honra e dignidade de alguns grandes senhores da Alemanha (N. da T.).

outro, deu as seguintes respostas a algumas das perguntas que lhes fez o sacerdote, que os examinou por ordem da magistratura.

Sacerdote: Não éreis vós dois, alguns anos atrás, frades agostinianos?

Voes: Sim.

Sacerdote: Como é que tendes abandonado o seio da Igreja de Roma?

Voes: Por causa de suas abominações.

Sacerdote: Em que credes?

Voes: No Antigo e Novo Testamento.

Sacerdote: Não credes nos escritos dos pais e nos decretos dos Concílios?

Voes: Sim, se concordam com a Escritura.

Sacerdote: Não fostes seduzidos por Lutero?

Voes: Ele nos seduziu da mesma forma em que Cristo seduziu os apóstolos; isto é, não fez conscientes da fragilidade de nossos corpos e do valor de nossas almas.

Este interrogatório foi suficiente. Ambos foram condenados às chamas, e pouco depois padeceram com aquela varonil fortaleza que corresponde aos cristãos quando recebem a coroa do martírio.

Henrique Sutphen, um predicador eloqüente e piedoso, foi tirado de sua cama em meio da noite, e obrigado a caminhar descalço um longo trecho, de modo que seus pés ficaram terrivelmente cortados. Pediu um cavalo, mas os que o conduziam disseram com escárnio: "Um cavalo para um herege! Não, não, os hereges podem andar descalços". Quando chegou no lugar de seu destino, foi condenado a morrer queimado; porém durante a execução se cometeram muitas indignidades contra ele, porque os que estavam junto dele, não contentes com o que sofria com as chamas, o cortaram e rasgaram da forma mais terrível.

Muitos foram assassinados em Halle; Middleburg foi tomado ao assalto, e todos os protestantes foram passados a faca, e muitos foram queimados em Viena.

Enviado um oficial a dar morte a um ministro, pretendeu, ao chegar, que somente queria visitá-lo. o ministro, que não suspeitava suas cruéis intenções, homenageou seu suposto convidado de modo muito cordial. Tão logo como a comida acabou, o oficial disse a uns de seus acompanhantes: "Pegai este clérigo, e enforcai-o". os mesmos acompanhantes ficaram tão atônitos após as cortesias que tinham visto, que vacilaram ante as ordens de seu chefe. O ministro disse: "Pensai no aguilhão que ficará em vossa consciência por violar desta maneira as leis da hospitalidade". Porém o oficial insistiu em ser obedecido, e os companheiros, com repugnância, cumpriram o execrável ofício de verdugos.

Pedro Spengler, um piedoso teólogo, da cidade de Schalet, foi lançado no rio e afogado. Antes de ser conduzido à beira do rio que seria seu túmulo, o expuseram na praça do mercado, para proclamar seus crimes, que eram não ir a missa, não confessar-se, e não crer na transubstanciação. Terminada esta cerimônia, ele fez um discurso excelente ao povo, e terminou com uma espécie de hino de natureza muito edificante.

Um cavalheiro protestante foi sentenciado à decapitação por não renunciar a sua religião, e foi animoso ao lugar de sua execução. Acudiu um frade a seu lado, e lhe disse estas palavras em voz muito baixa: "Já que tendes grande repugnância em abjurar em público de vossa fé, sussurrai vossa confissão em meu ouvido, e eu vos absolverei de vossos pecados". A isto o cavalheiro replicou em voz alta: "Não me incomodes, frade, tenho confessado meus pecados a sem, e tenho obtido a absolvição pelos méritos de Jesus Cristo". Depois, dirigindo-se ao carrasco, disse: "Que não me incomodem estes homens; cumpre teu ofício". E sua cabeça caiu de um só golpe.

Wolfgang Scuch e João Ruglin, dois dignos ministros, foram queimados, como também Leonard Keyser, um estudante da Universidade de Wertembergli; e Jorge Carpenter, bávaro, foi enforcado por recusar detratar-se do protestantismo.

Tendo-se acalmado as perseguições na Alemanha durante muitos anos, voltaram a desencadear-se em 1630, devido à guerra do imperador contra o rei da Suécia, porque este era um príncipe protestante, e portanto os protestantes alemães defenderam sua causa, o que exasperou enormemente o imperador contra eles.

As tropas imperiais puseram sítio à cidade de Passewalk (que estava defendida pelos suecos) e, tomando-a por assalto, cometeram as mais horríveis crueldades. Destruíram as igrejas, queimaram as casas, saquearam os bens, mataram os ministros, passaram a guarnição à espada, enforcaram os cidadãos, estupraram as mulheres, afogaram as crianças, etc., etc.

Em Magdeburgo teve lugar uma tragédia mais que sanguinária, no ano 1631, tendo os generais Tilly e Pappenheim tomado aquela cidade protestante ao assalto, houve uma matança de mais de vinte mil pessoas, sem distinção de nível, sexo ou idade, e seis mil mais foram afogadas em sua tentativa de fugir pelo rio Elba. Depois de apaziguar-se esta fúria, os habitantes restantes foram despidos, açoitados severamente, cortadas suas orelhas e, amarrados em jugos como bois, foram soltos.

A cidade de Roxter foi tomada pelo exército papista, e todos seus habitantes, assim como a guarnição, foram passados à faca; até as casas foram incendiadas, e os corpos consumidos pelas chamas.

Em Griphenberg, quando prevaleceram as tropas imperiais, encerraram os senadores na câmara do senado, e os asfixiaram rodeando-a com palha acesa.

Franhendal se rendeu sob uns artigos de capitulação, mas seus habitantes foram tratados tão cruelmente como em outros lugares; e em Heidelberg muitos foram lançados no cárcere e deixados ali para morrer de fome.

Assim se enumeras as crueldades cometidas pelas tropas imperiais, sob o conde Tilly, na Saxônia:

Estrangulação pela metade, recuperação das pessoas, e volta a começar. Aplicação de afiladas rodas sobre os dedos das mãos e dos pés. Aprisionamento dos polegares em tornos de banco. O forçamento das coisas mais imundas pela garganta, pelas quais muitos eram afogados. O prensado com cordas em volta da cabeça de forma tal que o sangue brotava dos olhos, o nariz, os ouvidos e a boca. Fósforos acesos ardendo nos dedos das mãos e dos pés, nos braços e pernas, e até na língua. Colocar pólvora na boca, a acendê-la, com o qual a cabeça voava em pedaços. Amarrar sacolas de pólvora por todo o corpo, com o que a pessoa era destrocada pela explosão. Amarrar e puxar cordas que atravessavam as carnes. Incisões na pele com instrumentos cortantes. Inserção de arames através do nariz, dos ouvidos, lábios, etc. pendurar os protestantes pelas pernas, com suas cabeças sobre um fogo, com o qual ficavam secados pelo fogo. Pendurá-los de um braço até que ficasse deslocado. Pendurá-los de ganchos através das costelas. Obrigá-los a beber até a pessoa arrebentar. Cozer a muitos em fornos ardentes. Fixação de pesos nos pés, subindo a muitos juntos numa polia. A forca, asfixia, assar, apunhalar, fritar, o potro, o estupro, destripar, o quebrantamento dos ossos, o esfolamento, o esquartejamento entre cavalos indômitos, afogamento, estrangulação, cocção, crucifixão, envenenamento, cortes de línguas, narizes, orelhas, etc., emparedar, serrar os membros, trucidamento a machadadas e arrastar dos pés pelas ruas.

Estas enormes crueldades serão uma ultrajem perpétua sobre a memória do conde Tilly, que não somente cometeu senão que mandou as tropas a pô-las em prática. Ali onde chegava seguiam as mais horrendas barbaridades e cruéis depredações; a fome e o fogo marcavam seus avanços, porque destruía todos os alimentos que não podia levar consigo, e queimava todas as cidades antes de deixá-las, de modo que o resultado pleno de suas conquistas eram o assassinato, a pobreza e a desolação.

A um ancião e piedoso teólogo o desnudaram, o amarraram de boca para acima sobre uma mesa, e amarraram um gato grande e feroz sobre seu ventre. Depois beliscaram e atormentaram o gato de tal modo que em sua fúria abriu o ventre e remordeu as entranhas.

Outro ministro e sua família foram aprisionados por estes monstros desumanos; estupraram a mulher e a filha diante dele, encravaram seu filho recém nascido na ponta de uma lança, e depois, rodeando-o de todos seus livros, acenderam o fogo, e foi consumido em meio das chamas.

Em Hesse-Cassel, algumas das tropas entraram num hospital, onde havia principalmente mulheres loucas, e despindo aquelas pobres desgraçadas, as fizeram correr pela rua a modo de diversão, dando depois morte a todas.

Na Pomerânia, algumas das tropas imperiais que entraram numa cidade pequena tomaram a todas as mulheres jovens, e a todas as moças de mais de dez anos, e colocando seus pais num círculo, lhes ordenaram cantar Salmos enquanto eles estupravam suas meninas, dizendo-lhes que se assim não o faziam, as despedaçariam depois. Depois tomaram a todas as mulheres casadas que tinham crianças pequenas, e as ameaçaram que, se não consentiam a gratificar seus desejos, queimariam seus filhos diante delas num grande fogo, que haviam acendido por isso.

Um bando de soldados do conde Tilly se encontrou com um grupo de mercadores de Basiléia, que voltava do grande mercado de Estrasburgo, e tentaram rodeá-los. Contudo, todos fugiram, exceto dez, deixando seus bens abandonados. Os dez que foram tomados rogaram muito por suas vidas, mas os soldados os assassinaram dizendo: "Deveis morrer, pois sois hereges e não tendes dinheiro".

Os mesmos soldados encontraram duas condessas que, junto com algumas jovens damas, as filhas de uma delas, estavam dando um passeio num landó [8]. Os soldados lhes perdoaram a vida, porém as trataram com a maior indecência, e, deixando-as completamente nuas, mandaram o cocheiro prosseguir a viagem.

Por mediação da Grã Bretanha, se restaurou finalmente a paz na Alemanha, e os protestantes permaneceram sem ser incomodados durante vários anos, até que se deram novas perturbações no Palatinado, que tiveras estas causas:

A grande Igreja do Espírito Santo, em Heidelberg, tinha sido compartida durante muitos anos pelos protestantes e católico-romanos desta maneira: os protestantes celebravam o serviço divino na nave ou corpo da igreja; os católico-romanos celebravam a missa no coro. Embora este tinha sido o costume desde tempos imemoriais, o eleitor do Palatinado, finalmente, decidiu não permiti-lo mais, declarando que como Heidelberg era sua capital, e a Igreja do Espírito Santo a catedral de sua capital, o serviço divino devia ser executado somente segundo

---

[8] Carro de quatro rodas, con capota dianteira e traseira (N. da T.)

os ritos da Igreja da qual ele era membro. Então proibiu aos protestantes entrarem na igreja, e deu aos papistas sua inteira posse.

O povo, ultrajado, apelou aos poderes protestantes para que lês fosse feita justiça, o que exasperou de modo tal o eleitor que suprimiu o catecismo de Heidelberg. Contudo, os poderes protestantes acordaram unânimes exigir satisfações, porquanto o eleitos, com sua conduta, tinha quebrantado um artigo do tratado de Westfalia; também as cortes da Grã Bretanha, Prússia, Holanda, etc., enviaram embaixadores ao eleitor, para expor-lhe a injustiça de seu proceder, e para ameaçá-lo que, caso não mudasse sua conduta para com os protestantes do Palatinado, eles tratariam também seus súbditos católico-romanos com a maior severidade. Tiveram lugar muitas e violentas disputas entre os poderes protestantes e os do eleitor, e estes se viram muito incrementados pelo seguinte incidente: estando a carruagem de um ministro holandês diante da porta do embaixador residente enviado pelo príncipe de Hesse, uma companhia apareceu levando a hóstia à casa de um doente; o cocheiro não prestou a menor atenção, coisa que foi observada pelos portadores da hóstia, e o fizeram descer de seu assento, obrigando-o a pôr joelho no chão. Esta violência contra a pessoa de um criado de um ministro público foi mal vista por todos os representantes protestantes; e para aguçar ainda mais as diferenças, os protestantes apresentaram aos representantes três artigos de queixa:

1) Que se ordenavam execuções militares contra todos os sapateiros protestantes que recusavam contribuir com as missas de são Crispino.

2) Que aos protestantes se proibia trabalhar nos dias santos dos papistas, inclusive na época da colheita, sob penas muito severas, o que ocasionava graves inconvenientes e causava graves prejuízos às atividades públicas.

3) Que vários ministros protestantes tinham sido desapossados de suas igrejas, sob a pretensão de terem sido fundadas e edificadas originalmente por católico-romanos.

Finalmente, os representantes protestantes ficaram tão taxativos como para insinuar ao eleitor que a força das armas ia obrigá-lo a fazer a justiça que tinha negado a sua embaixada. Esta ameaça o voltou à razão, pois bem conhecia a impossibilidade de empreender uma guerra contra os poderosos estados que o ameaçavam. Portanto, acedei a que a nave da Igreja do Espírito Santo fosse devolvida aos protestantes. Restaurou o catecismo de Heidelberg, tornou a dar aos ministros protestantes a possessão das igrejas das que tinham sido desapossados, permitiu aos protestantes trabalhar nos dias santos dos papistas, e ordenou que ninguém fosse incomodado por não ajoelhar-se quando passar a hóstia a seu lado.

Estas coisas as fez por temor, mas para mostrar seu ressentimento contra seus súbditos protestantes, em outras circunstâncias nas que os poderes protestantes não tinham direito de interferir, abandoou totalmente Heidelberg, traspassando todas as cortes de justiça a Mannheim, que estava totalmente habitada por católico-romanos. Do mesmo modo edificou ali um novo palácio, fazendo dele seu lugar de residência; e, seguido pelos católicos de Heidelberg, Mannheim se converteu num local florescente.

Enquanto isso, os protestantes de Heidelberg ficaram sumidos na pobreza, e muitos ficaram tão angustiados que abandonaram seu país nativo, buscando asilo nos estados protestantes. Um grande número destes foram para a Inglaterra, em tempos da Rainha Ana, onde foram cordialmente recebidos, e encontraram a mais humanitária ajuda, tanto de doações públicas como privadas.

Em 1732, mais de trinta mil protestantes foram expulsos do arcebispado de Salzburgo, em violação do tratado de Westfalia. Saíram no mais duro do inverno, com apenas as roupas suficientes para cobri-los, e sem provisões, sem permissão para levar nada com eles. Ao não ser acolhida a causa destes coitados por aqueles estados que teriam podido obter reparações, emigraram a vários países protestantes, e se assentaram em lugares onde puderam gozar do livre exercício de sua religião, sem dano para suas consciências, e vivendo livres das redes da superstição papal, e das correntes da tirania católica.

CAPÍTULO 11 - História das perseguições nos Países Baixos

Tendo-se estendido com êxito a luz do Evangelho pelos Países Baixos, o Papa instigou o imperador a iniciar uma perseguição contra os protestantes; muitos caíram então mártires sob a malícia supersticiosa e o bíblico fanatismo, entre os que os mais notáveis foram os seguintes:

Wendelinuta, uma piedosa viúva protestante, foi apreendida por causa de sua religião, e vários monges tentaram, sem êxito, que se desdissesse. Como não podiam prevalecer, uma dama católico-romana conhecida dela desejou ser admitida na masmorra onde estava prisioneira, prometendo esforçar-se por induzi-la a abjurar da religião reformada. Quando foi admitida na cela, fez o possível para executar a tarefa que havia empreendido;mas ao ver inúteis seus esforços, disse: "Querida Wendelinuta, se não abraças nossa fé, mantém pelo menos em segredo as coisas que tu professas, e trata de prolongar tua vida". Ao qual a viva respondeu: "Senhora, você não sabe o que diz; porque com o coração cremos para justiça, mas com a boca se faz confissão para a salvação". Como recusara rotundamente desdizer-se, seus bens foram confiscados, e ela foi condenada à fogueira. No lugar da execução, um monge lhe apresentou uma cruz, e a convidou a beijá-la e a adorar a Deus. a isto ela respondeu: "Não adoro eu nenhum Deus de madeira, senão o Deus eterno que está no céu". Então foi executada, mas por mediação da dama católico-romana, foi-lhe concedido o favor de ser estrangulada antes de pôr-se fog na lenha.

Dois clérigos protestantes foram queimados em Colen; um comerciante de Amberes, chamado Nicolas, foi amarrado num saco, lançado num rio e afogado. E Pistorius, um erudito estudante, foi levado ao mercado de um povo holandês numa camisa de força, e ali lançado numa fogueira.

Dezesseis protestantes foram sentenciados à decapitação e sem ordenou que um ministro protestante assistisse à execução. Este homem executou a função de seu ofício com grande propriedade, exortando-os ao arrependimento, e lhes deu consolação nas misericórdias de seu Redentor. Tão logo como os dezesseis foram decapitados, o magistrado gritou ao carrasco: "Falta ainda que assestes um golpe, verdugo; deves decapitar o ministro; nunca poderá morrer em melhor momento que este, com tão bons preceitos em sua boca, e uns exemplos tão louváveis diante dele". Foi então decapitado, ainda que muitos dos próprios católico-romanos reprovaram então este gesto de crueldade pérfida e desnecessária.

Jorge Scherter, ministro de Salzburgo, foi apreendido e encerrado em prisão por instruir sua greoi no conhecimento do Evangelho. Enquanto estava em seu encerro, escreveu uma confissão de sua fé. Pouco depois disso foi condenado, primeiro a ser decapitado, e depois a ser queimado. De caminho ao lugar da execução disse aos espectadores: "Para que saibais que morro como cristão, dar-vos-ei um sinal". E isto se verificou de uma forma mais que singular, porque depois que lhe for cortada a cabeça, o corpo jazeu durante um certo tempo com o ventre para abaixo, porém girou-se repentinamente sobre as costas, com o pé direito cruzado sobre o esquerdo, e também o braço direito sobre o esquerdo; e assim permaneceu até ser lançado no fogo.

Em Louviana, um erudito homem chamado Percinal foi assassinado em prisão; Justus Insparg foi decapitado por ter em seu poder os sermões de Lutero.

Giles Tilleman, um faqueiro de Bruxelas, era um homem de grande humanidade e piedade. Foi apreendido entre outras coisas por ser protestante, e os monges se esforçaram muito por persuadi-lo a desdizer-se. Teve uma vez, acidentalmente, uma boa oportunidade para fugir, e ao perguntar-se-lhe por que não a havia aproveitado, disse: "Não queria fazer tanto dano a meus carcereiros como lhes teria acontecido, caso tiverem de responder acerca de minha ausência, se eu escapasse". Quando foi sentenciado à fogueira, deu fervorosamente graças a Deus por dar-lhe a oportunidade, por meio do martírio, de glorificar Seu nome. Vendo no lugar da execução uma grande quantidade de lenha, pediu que a maior parte da mesma fosse entregue aos pobres, dizendo: "Para queimar-me a mim será suficiente com um pouco". O carrasco se ofereceu para estrangulá-lo antes de acender o fogo, mas ele não quis consentir, dizendo-lhe que desafiaria as chamas, e desde logo expirou com tal compostura em meio delas que apenas se parecia sensível a seus efeitos.

Nos anos de 1543 e 1544, a perseguição se abateu sobre Flandes da forma mais violenta e cruel. Alguns foram condenados à prisão perpétua, outros desterro perpétuo; porém a maioria eram mortos, bem enforcados, bem afogados, emparedados, queimados, mediante o potro, ou enterrados vivos.

João de Boscane, um zeloso portanto, foi apreendido por sua fé na cidade de Amberes. Em seu juízo professou firmemente ser da religião reformada, o qual o levou a sua imediata condena. Mas o magistrado temia executá-lo publicamente, porque era popular devido a sua grande generosidade e quase universalmente querido por sua vida pacífica e piedade exemplar. Decidindo-se uma execução privada, se deu ordem de executá-lo na prisão. Por isso, o verdugo o colocou numa grande banheira; porém debatendo-se Boscane, e tirando a cabeça

fora da água, o carrasco o apunhalou várias vezes com uma adaga, até expirar.

João de Buisons, outro protestante, foi apreendido secretamente, na mesma época, em Amberes, e executado privadamente. Sendo grande o número de protestantes naquela cidade, e muito respeitado o preso, os magistrados temiam uma insurreição, e por esta razão ordenaram sua decapitação na prisão.

No ano do Senhor de 1568, três pessoas foram apreendidas em Amberes, chamadas Scoblant, Hues y Coomans. Durante seu encerro se comportaram com grande fortaleza e ânimo, confessando que a mão de Deus se manifestava no que lhes havia acontecido, e inclinando-se ante o trono de Sua Providência. Numa epístola a alguns dignitários protestantes, se expressaram com as seguintes palavras: "Por quanto é a vontade do Onipotente que soframos por Seu nome e que sejamos perseguidos por causa de Seu Evangelho, nos submetemos pacientemente, e estamos gozosos por esta oportunidade; embora a carne se rebele contra o espírito, e ouça o conselho da velha serpente, contudo as verdades do Evangelho impedirão que seja aceito seu conselho, e Cristo esmagará a cabeça da serpente. Não estamos sem consolo no encerro, porque temos fé; não tememos a aflição, porque temos esperança; e perdoamos a nossos inimigos, porque temos caridade. Não tenhais temor por nós, estamos felizes no encerro graças às promessas de Deus, nos gloriamos em nossas correntes, e exultamos por sermos considerados dignos de sofrer por causa de Cristo. Não desejamos ser libertados, senão abençoados com fortaleza; não pedimos liberdade, senão o poder da perseverança; e não desejamos mudança alguma em nossa condição, senão aquela que coloque uma coroa de martírio sobre nossas cabeças".

Scoblant foi julgado primeiro. Ao persistir na profissão de sua fé, recebeu a sentença de morte. Ao vltar à prisão, pediu seriamente a seu carcereiro que não permitisse que o visitasse nenhum frade. Disse assim: "Nenhum bem podem fazer-me, porém podem perturbar-me muito. Espero que minha salvação já esteja selada no céu, e que o sangue de Cristo, no qual deposito minha firme confiança, tenha-me lavado de minhas iniqüidades. Vou agora lançar de mim estas roupas de barro para ser revestido de uma veste de glória eterna, por cujo celeste resplendor serei liberado de todos os erros. Espero ser o último mártir da tirania papal; que a Igreja de Cristo tenha repouso aqui, como seus servos o terão no além". No dia de sua execução se despediu pateticamente ed seus companheiros de prisão. Amarrado na estaca orou fervorosamente a oração do Senhor, e cantou o Salmo 40; depois encomendou sua alma a Deus, e foi queimado vivo.

Pouco depois Hues morreu em prisão, e por esta circunstância Coomans escreveu a seus amigos: "Estou agora privado de meus

amigos e companheiros; Scoblant sofreu o martírio, e Hues morreu pela visitação do Senhor; todavia, não estou sozinho: tenho comigo o Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó; Ele é o meu consolo, e será meu galardão. Orai a Deus que me fortaleça até o fim, porquanto espero a cada momento ser liberado desta tenda de barro".

Em seu juízo confessou árvore do conhecimento do bem e do mal ser da religião reformada, respondeu com fortaleza varonil a cada uma das acusações que lhe formulavam, e demonstrou com o Evangelho o Escriturário de suas respostas. O juiz disse que as únicas alternativas eram a retratação ou a morte, e terminou dizendo: "Morrerás pela fé que professas?" A isto Coomans replicou: "Não só estou disposto a morrer, senão também a sofrer as torturas mais cruéis por ela; depois, minha alma receberá sua confirmação de parte do próprio Deus, em meio da glória eterna". Condenado, se dirigiu cheio de ânimo ao lugar da execução, e morreu com a mais corajosa fortaleza e resignação cristã.

Guilherme de Nassau caiu vítima da perfídia, assassinado aos cinqüenta e um anos de idade por Baltasar Gerard, natural do Franco Condado, na província da Borgonha. Este assassino, com a esperança de uma recompensa aqui e no além por matar um inimigo do rei da Espanha e da religião católica, empreendeu a ação de matar o Príncipe de Orange. Procurando-se armas de fogo, o vigiou enquanto passavas através do grande vestíbulo de seu palácio para a comida, e lhe pediu um passaporte. A princesa de Orange, vendo que o assassino falava com voz oca e confusa, perguntou quem era, dizendo que não gostava de seu rosto. O príncipe respondeu que se tratava de alguém que pedia um passaporte, que lhe seria prontamente dado.

Nada mais aconteceu antes da comida, porém ao voltar o príncipe e a princesa pelo mesmo vestíbulo, acabada a comida, o assassino, oculto tudo quanto podia atrás de um dos pilares, disparou contra o príncipe, entrando as balas pelo lado esquerdo e penetrando no direito, ferindo em sua trajetória o estômago e órgãos vitais. Ao receber as feridas, o príncipe somente disse: "Senhor, tem misericórdia de minha alma, e desta pobre gente", e depois expirou imediatamente.

As lamentações pela morte do Príncipe de Orange foram gerais por todas as Províncias Unidas, e o assassino, que foi apreendido de imediato, recebeu a sentença de ser morto da forma mais exemplar, mas tal era seu entusiasmo, ou contra-senso, que quando lhe desgarravam as carnes com pinças candentes, dizia friamente: "Se estiver livre, o faria de novo".

O funeral do Príncipe de Orange foi o maior jamais visto nos Países Baixos, e talvez a dor pela sua morte a mais sincera, porque deixou trás e sim o caráter que honradamente merecia, o de pai de seu povo.

Para concluir, multidões foram assassinadas em diferentes partes de Flandes; na cidade de Valence, em particular, cinqüenta e sete dos principais habitantes foram brutalmente mortos num mesmo dia por recusarem abraçar a superstição romanista; e grandes números foram deixados enlanguescer na prisão até morrer pelo insano das masmorras.

CAPÍTULO 12 - A vida e história do verdadeiro servo e mártir de Deus, William Tyndale

Devemos agora passar à história do bom mártir de Deus William Tyndale, que foi um instrumento espécie designado pelo Senhor, e como vara de Deus para sacudir as raízes interiores e os fundamentos dos soberbos prelados papais, de maneira que o grande príncipe das trevas, com seus ímpios esbirros, tendo uma especial inquina contra ele, não deixou nada sem remover para poder capturá-lo a traição e com falsidade, e derramar sua vida maliciosamente, como se verá pela história que aqui damos do sucedido.

William Tyndale, um fiel ministro de Cristo, nasceu perto da fronteira com Cales, e foi criado desde menino na universidade de Oxford, onde, por sua longa estância, cresceu tanto no conhecimento das línguas e de outras artes liberais, como especialmente no conhecimento das Escrituras, as que sua mente estava especialmente adicta; e isto a ponto tal que ele, encontrando-se então no Magdalen Hall, lia em privado a certos estudantes e membros Deus Magdalen College algumas partes de sua teologia, instruindo-os no conhecimento e na verdade das Escrituras. Correspondendo-se sua forma de viver e conversação com as mesmas até ponto tal, que todos os que o conheciam o consideravam como um homem das mais virtuosas inclinações e de uma vida irrepreensível.

Assim que foi crescendo mais e mais em seu conhecimento na Universidade de Oxford, e acumulando graus acadêmicos, vendo sua oportunidade, passou dali à Universidade de Cambridge, onde também permaneceu um certo tempo. Tendo agora amadurecido adicionalmente no conhecimento da Palavra de Deus, deixando aquela universidade foi a um tal Mestre Welch, um cavalheiro de Gloucestershire, e ali trabalhou como tutor de seus filhos, estando no favor de seu senhor. Como este cavalheiro mantinha em sua mesa um bom cardápio para o público, ali acudia, muitas vezes abades, prelados, eclesiásticos, com outros doutores e homens de rendas; eles, sentados à mesma mesa que o Mestre Tyndale, costumavam muitas vezes conversar e falar acerca de homens eruditos, como Lutero e Erasmo, e também de diversas controvérsias e questões acerca das Escrituras.

Então o Mestre Tyndale, que era erudito e bom conhecedor dos assuntos de Deus, não poupava esforços por mostrá-lhes de forma simples e lisa seu juízo, e quando eles em algum ponto não concordavam com Tyndale, ele demonstrava claramente no Livro, e expunha de maneira direita diante deles as passagens abertas e

manifestas das Escrituras, para confrontar os erros de seus ouvintes e estabelecer o que dizia. Assim continuaram durante um certo tempo, arrazoando e discutindo juntos em várias ocasiões, até que no final cansaram, e começaram a sentir um segredo ressentimento contra ele em seus corações.

Ao ir isto crescendo, os sacerdotes da região, unindo-se, começaram a murmurar e a semear sentimentos em contra de Tyndale, caluniando-o nas tabernas e outros lugares, dizendo que suas palavras eram heresia, e o acusaram secretamente ante o chanceler e ante outros oficiais do bispo.

Aconteceu não muito depois que se concertou uma sessão do chanceler do bispo, e se deu aviso aos sacerdotes para que comparecessem; entre eles foi também chamado o Mestre Tyndale. E não há certeza de se ele tinha temores devido as ameaças deles, ou se alguém o havia avisado de que iriam fazê-lo objeto de suas acusações, mas o certo é que (como ele mesmo declarou) duvidava do resultado de suas acusações; pelo que durante o caminho clamou intensamente a Deus em sua mente, para que lhe desse forças para manter-se firme na verdade de Sua Palavra.

Quando chegou o momento para comparecer diante do chanceler, este o ameaçou gravemente, xingando-o e tratando-o como se fosse um cão, acusando-o de muitas coisas para as que não se podia encontrar testemunha alguma, apesar de que os sacerdotes da região estavam presentes. Assim, o Mestre Tyndale, escapando de suas mãos, partiu para casa, e voltou a seu patrão.

Não longe dali vivia um certo doutor que tinha sido chanceler de um bispo, e que fazia tempo era conhecido familiar do Mestre Tyndale e o favorecia; o Mestre Tyndale foi então visitá-lo, e lhe abriu seu coração acerca de diversas questões da Escritura; porque com ele se atrevia a falar abertamente. E o doutor lhe disse: "Não sabeis que o Pai é o próprio Anticristo de quem fala a Escritura? mas tende cuidado com o que dizeis; porque se chegasse a saber-se que mantendes esta postura, custar-vos-á a vida".

Não muito tempo depois disto aconteceu que o Mestre Tyndale estava em companhia de um certo teólogo, considerado como erudito, e ao conversar e discutir com ele, o induziu nesta questão, até que o dito grande doutor prorrompeu nestas palavras blasfemas: "Melhor estaríamos sem as leis de Deus que sem as do Papa". O Mestre Tyndale, ao ouvir isto, cheio de zelo piedoso e não suportando estas palavras blasfemas, replicou: "Eu desafio o Papa e todas suas leis". E agregou que se Deus lhe conceder vida, antes de muitos anos faria que uma criança que trabalhasse detrás do arado conhecesse mais das Escrituras que ele.

O ressentimento dos sacerdotes foi crescendo mais e mais contra Tyndale, não diminuindo nunca em seus latidos e acosso, acusando-o azedamente de muitas coisas, dizendo que era um herege. Ao ver-se tão incomodado e fustigado, viu-se obrigado a deixar o país, e buscar outro lugar; e acudindo ao Mestre Welch, pediu-lhe que lhe permitisse ir embora de boa vontade, dizendo-lhe estas palavras: "Senhor, percebo que não se me permitirá ficar muito nesta região, e tampouco podereis vós, ainda que quiserdes, proteger-me das mãos dos clérigos, cujo desagrado poderia estender-se a vós se continuardes albergando-me. Isto o sabe Deus; e isto o sentiria eu profundamente".

De modo que o Mestre Tyndale partiu, com o beneplácito de seu patrão, e se dirigiu imediatamente a Londres, onde predicou por algum tempo, como tinha feito no campo.

Lembrando-se de Cutberto Tonstal, então bispo de Londres, e especialmente dos grandes elogios que Erasmo fazia da erudição dele em suas notas, Tyndale pensou para si que se pudesse colocar-se a seu serviço, seria feliz. Acudindo a Sir Henrique Guilford, controlador do rei, e levando consigo uma oração de Isócrates [9], que tinha traduzido do grego para o inglês, lhe pediu que falasse por ele ao mencionado bispo, o que este assim fez; também lhe pediu que escrevesse uma carta ao bispo e que fosse com ele a vê-lo. Assim fizeram, e entregaram a carta a um servo do bispo, chamado William Hebilthwait, um velho conhecido. Mas Deus, que dispõe secretamente o curso das coisas, viu que não era o melhor para o propósito de Tyndale, nem para proveito de Sua Igreja, e portanto lhe dei que achasse pouco favor aos olhos do bispo, o qual respondeu assim: Que a sua casa estava lotada, que tinha mais do que podia usar, e que lhe aconselhava buscar por outras partes de Londres onde, disse, não careceria de ocupação.

Rejeitado pelo bispo, acudiu a Humphrey Mummuth, magistrado de Londres, e lhe pediu ajuda; este lhe deu hospitalidade em sua casa, onde viveu Tyndale (como disse Mummuth) como um bom sacerdote, estudando dia e noite. Só comia carne assada por seu beneplácito, e tão somente bebia uma pequena cerveja. Nunca foi visto vestido de linho na casa em todo o tempo em que morou nela.

E assim permaneceu Mestre Tyndale em Londres quase por um ano, observando o curso do mundo, e especialmente a conduta dos predicadores, como se vangloriavam e estabeleciam sua autoridade; contemplando também a pompa dos prelados, com outras mais coisas, o que desgostava-lhe muitos; até o ponto de que viu que não só não

---

[9] Isócrates (436-338 a.C.), orador e professor ateniense cujos escritos sobre politica e educação na Grécia do século IV a.C. possuem uma grande importância e um enorme valor histórico (N. da T., Enciclopédia Encarta de Microsoft).

havia espaço na casa do bispo para que ele pudesse traduzir o Novo Testamento, senão também que não havia lugar onde fazê-lo em toda a Inglaterra.

Portanto, e tendo recebido pela providência de Deus alguma ajuda de parte de Humphrey Mummuth e de certos bons homens, saiu do reino, dirigindo-se à Alemanha, onde o bom homem, inflamado por solicitude e zelo por seu país, não recusou trabalhos nem diligencia alguma para levar a seus irmãos e compatriotas ingleses ao mesmo gosto e compreensão da Santa Palavra e verdade de Deus que o Senhor tinha-lhe concedido a ele. Assim, meditando e também conferenciando com John Frith, Tyndale pensou que a melhor forma de alcançar este fim seria que se a Escritura podia ser trasladada à fala do vulgo, e então a gente pobre poderia ler e ver a lisa e simples Palavra de Deus. percebeu que não seria possível estabelecer aos laicos em nenhuma verdade exceto se as Escrituras eras expostas de forma tão direta ante seus olhos em sua língua materna que pudessem captar o sentido do texto; por caso contrário, qualquer verdade que lhe for ensinada seria apagada pelos inimigos da verdade, bem com sofismas ou tradições inventadas, carentes de toda base na Escritura, bem manipulando o texto, expondo-o num sentido absurdo, alheio ao texto, velando o verdadeiro sentido do mesmo.

O Mestre Tyndale considerava que esta era a única causa, ou pelo menos a principal, de todos os males da Igreja: que as Escrituras estavam escondidas dos olhos das pessoas; porque por isso não se podia advertir o abominável das ações e idolatrias praticadas por o farisaico clero; portanto estes dedicavam todos seus esforços e poder para suprimir este conhecimento, de modo que ou bem não fossem lida em absoluto, ou, se lidas, seu reto sentido pudesse ficar escurecido por meio de seus sofismas, e assim pôr laço aos que repreendiam ou menosprezavam suas abominações; torcendo as Escrituras com seus próprios propósitos, em contra do sentido do texto, enganavam assim os laicos sem conhecimentos de maneira que, embora alguém sentisse em seu coração e estiver seguro que tudo quanto diziam era falso, contudo não pudesse responder a seus subtis argumentos.

Por estas e outras semelhantes considerações, este bom homem foi levado por Deus a traduzir as Escrituras a sua língua materna, para o proveito da gente simples de seu país; primeiro fez o Novo Testamento, que foi impresso em 1525. Cutberto Tonstal, bispo de Londres, junto com Sir Tomás More, muito ofendidos, tramaram como destruir esta tradução "falsa e errônea", como eles a chamavam.

Aconteceu que um tal Agostinho Packington, que era vendedor de sedas, estava então em Amberes, onde se encontrava o bispo. Este homem favorecia a Tyndale, porém simulou o contrário ante o bispo, desejoso de executar seu propósito, e disse que de boa vontade

compraria os Novos Testamentos. Ao ouvir isto, Packington disse: "Senhor! Eu posso fazer mais nisto que a maioria dos mercadores que há aqui, se voz compraz; pois conheço os holandeses e estrangeiros que os compraram de Tyndale; se aprouver a vossa senhoria, terei a bem desembolsar o dinheiro para pagá-los, e isto assegurará ter todos os livros impressos e não vendidos". O bispo, que pensava ter pegado a Deus, disse: "De pressa, bom mestre Packington; consegue-os para mim, e te pagarei o que custem; porque é minha intenção queimá-los e destruí-los em Paul's Cross". Este Agostinho Packington foi a William Tyndale e explicou-lhe o sucedido e assim, pelo arranjo realizado entre eles, o bispo de Londres obteve os livros, Packington seu agradecimento, e Tyndale o dinheiro.

Depois disto, Tyndale corrigiu de novo aquele mesmo Novo Testamento, e voltou imprimi-lo, com o qual chegaram a ser muito mais numerosos na Inglaterra. Quando o bispo se apercebeu disso, mandou buscar a Packington, e lhe disse: "O que aconteceu que há tantos Novos Testamentos espalhados? Me prometeste que ias comprá-los a todos". Então Packington repus: "Sim, eu comprei todos os que havia, porém vejo que desde então imprimiram mais. Vejo que isto nunca vai melhorar em tanto tenham letras e imprensas; portanto, o melhor será comprar as imprensas, e assim ficareis seguro". O bispo sorriu ante esta resposta, e assim ficou a coisa.

Pouco tempo depois aconteceu que Jorge Constantino foi apreendido como suspeito de certas heresias por Sir Tomás More, que era então chanceler da Inglaterra. E More lhe perguntou: "Constantino! Gostaria fosses claro numa coisa que te perguntarei; e te prometo que te mostrarei favor em todas as outras coisas de que te acusam. Além do mar estão Tyndale, Joye, e muitos de vós outros. Sei que não podem viver sem ajuda. Há os que os socorrem com dinheiro, e tu, estando com eles, tiveste tua parte, e, portanto, sabes de onde provém. Rogo-te me digas: de onde vem tudo isto?" "Meu senhor", respondeu Constantino, "direi-vos a verdade; é o bispo de Londres quem nos tem ajudado, porquanto nos deu muito dinheiro por Novos Testamentos para queimá-los; e isto é o que foi, e continua sendo, nosso único auxílio e provisão". "A fé", disse More, "que eu penso como vós; porque disto adverti o bispo antes que empreendesse esta ação".

Depois disto, Tyndale começou a tradução do Antigo Testamento, acabando os cinco livros de Moisés, com vários dos mais eruditos e piedosos prólogos mais dignos de leitura uma e outra vez por parte de todos os bons cristãos. Enviados estes livros por toda a Inglaterra, não se pode dizer quão grande foi a luz que se abriu aos olhos de toda a nação inglesa, que antes estavam fechados nas trevas.

A primeira vez que se foi do reino, se dirigiu à Alemanha, onde conferenciou com Lutero e outros eruditos; depois de ter passado lá

um certo tempo, se dirigiu aos Países Baixos, e viveu principalmente na cidade de Amberes.

Os piedosos livros de Tyndale, e especialmente o Novo Testamento que traduziu, após começar a chegar a mãos do povo e a espalhar-se, deram um grande e singular proveito aos piedosos; porém os ímpios (invejando e desprezando que o povo pudesse ser mais sábio que eles, e temendo que os resplandecentes reflexos da verdade descobrissem suas obras de maldade) começaram a agitar-se com não pouco barulho.

Depois que Tyndale houve traduzido o Deuteronômio, querendo-o imprimir em Hamburgo, zarpou para lá; mas naufragou diante da costa da Holanda, perdendo todos seus livros, escritos, cópias, dinheiro e tempo, e viu-se obrigado a começar tudo de novo, chegou a Hamburgo em outra nave onde, citado, o esperava Coverdale, quem o ajudou na tradução de todos os cinco livros de Moisés, desde a Páscoa até dezembro, na casa de uma piedosa viúva, a senhora Marguerite Van Emmerson, o ano 1529 de nosso Senhor; naquele tempo se deu uma grande epidemia de umas febres sudoríferas naquela cidade. Assim, acabada sua atividade em Hamburgo, voltou para Amberes.

Quando na vontade de Deus foi publicado o Novo Testamento na língua comum, Tyndale, seu tradutor, agregou ao final do mesmo uma epístola, na qual pedia que os eruditos corrigissem sua tradução, se encontrassem algum erro. Portanto, caso ter havido qualquer falta que merecesse ser corrigida, teria sido uma missão de cortesia e bondade que homens conhecedores e com critério mostrassem nisso sua erudição, corrigindo os erros que existissem. Porém o clero, que não queria que o livro prosperasse, clamou contra ele que havia mil heresias entre suas capas, e que não devia ser corrigido senão totalmente suprimido. Alguns diziam que não era possível traduzir as Escrituras ao inglês; outros, que não era legítimo que os laicos as tivessem; alguns que faria hereges de todos eles. E com o fim de induzir os governantes temporais a executarem os desígnios deles, disseram que conduziria o povo a rebelar-se contra o rei.

Tudo isto o narra o próprio Tyndale, em seu prólogo antes do primeiro livro de Moisés, mostrando além disso com quanto cuidado foi examinada sua tradução, e comparando-a com suas próprias imaginações, e supõe que com muito menos trabalho teriam podido traduzir uma grande parte de Bíblia, mostrando além disso que repassaram e examinaram cada til e cada jota de tal modo, e com tal cuidado, que não havia uma só que, se carecer do ponto, não o observassem, e o mostrassem às pessoas ignorantes como prova de heresia.

Tantas e tão descaradas foram as tretas do clero inglês (que deveriam ter sido os condutores à luz para o povo), para impedir o

conhecimento das Escrituras às pessoas, que nem queriam traduzir eles mesmos, nem permitir que outros traduzissem; isto com o fim (como diz Tyndale) de que, mantendo ainda o mundo nas trevas, pudessem dominar as consciências das pessoas por meio de vãs superstições e de falsas doutrinas, para satisfazer suas ambições e exaltar sua própria honra por acima do rei e do imperador.

Os bispos e prelados jamais descansaram até lograrem que o rei consentisse em seus desejos; razão pela qual se redigiu uma proclamação a toda pressa, e estabelecida sob a autoridade pública, no sentido de que a tradução do Novo Testamento de Tyndale ficava proibida. Isto teve lugar por volta de 1537. e não contentes com isso, fizeram mais ainda, tratando capturar Tyndale em suas redes para tirá-lhe a vida; agora falta relatar como lograram executar seus planos.

Nos registros de Londres aparece de forma manifesta como os bispos e Sir Tomás More, sabendo o que tinha acontecido em Amberes, decidiram investigar e examinar todas as coisas acerca de Tyndale, onde e com quem se alojava, onde ficava a casa, qual era sua estatura, como vestia, de que refúgios dispunha. E quando chegaram a saber todas estas coisas começaram a tramar seus planos.

Estando William Tyndale na cidade de Amberes, se alojou durante mais ou menos um ano na casa de Tomás Pointz, um inglês que mantinha uma casa de mercadores ingleses. Ali foi um inglês que se chamava Henry Philips, sendo seu pai cliente de Poole, um homem galhardo, como se fosse um cavalheiro, com um servo consigo. Mas ninguém sabia a razão de sua chegada ou o propósito com o qual tinha sido enviado.

Tyndale era freqüentemente convidado a comer e jantar com os mercadores; por este médio este Henry Philips se familiarizou com ele, de modo que após um breve espaço de tempo Tyndale depositou grande confiança nele, e o conduziu a seu alojamento, à casa de Tomás Pointz; também o levou consigo uma ou duas vezes para comer ou jantar, e travou tal amizade com ele que por sua petição ficou na mesma casa do mencionado Pointz, a quem além disso mostrou seus livros e outros segredos de seu estudo. Tão pouco desconfiava Tyndale deste traidor.

Porém Pointz, quem não tinha demasiada confiança naquele sujeito, perguntou a Tyndale como havia chegado a conhecê-lo. Tyndale respondeu que era um homem honrado, bem instruído e muito agradável. Pointz, ao ver que o tinha em tanta estima, não disse mais nada, pensado que tinha sido apresentado por algum amigo. O tal Philips, tendo permanecido na cidade três ou quatro dias, pediu a Pointz que viesse com ele fora da cidade para mostrá-lhe umas mercadorias, e andando juntos fora da cidade, conversaram acerca de diversas coisas, incluindo alguns assuntos do rei. Com estas

conversações, Pointz nada suspeitou. Porém depois, tendo transcorrido algum tempo, Pointz percebeu que era o que pensava Philips: saber se ele, por amor ao dinheiro, quereria ajudá-lo em seus propósitos, porque tinha percebido já que Philips era rico, e queria que Pointz o soubesse. Porque já tinha pedido antes a Ponitz que o ajudasse em diversas questões, e o que havia pedido tinha sempre desejado fosse da melhor qualidade, porque, em suas palavras, "tenho o suficiente dinheiro".

Philips foi depois de Amberes para a corte de Bruxelas, que está a uma distância dali como de quarenta quilômetros, desde onde se levou consigo para Amberes o procurador geral, que é o fiscal do rei, com certos outros oficiais.

Após três ou quatro dias, Pointz foi à cidade de Borrois, a uma trinta quilômetros de Amberes, onde lhe esperavam uns negócios que iriam ocupá-lo por espaço de um mês ou seis semanas; e durante sua ausência, Henry Philips voltou a Amberes, à casa de Pointz, e entrando nela falou com a esposa deste, perguntando se estava dentro o senhor Tyndale. Depois saiu, e dispus na rua e perto da porta os oficiais que tinha trazido de Bruxelas. Por volta do meio-dia voltou entrar e se dirigiu a Tyndale, pedindo-lhe quarenta xelins, dizendo-lhe: "Perdi minha bolsa esta manhã, ao fazer a travessia entre aqui e Mechlin". Assim que Tyndale lhe deu os quarenta xelins, o que não lhe custava dar se o tinha, porque era simples e inexperiente nas sutilezas malvadas deste mundo. Em seguida Philips lhe disse: Senhor Tyndale, você será meu convidado hoje". "Não", respondeu Tyndale, "hoje saio a comer, e você me acompanhará, e será meu convidado num lugar onde será bem acolhido".

Assim que, quando foi a hora de comer, o senhor Tyndale saiu com Philips, e ao sair da casa de Pointz havia um longo e estreito corredor, pelo que ambos não podiam ir juntos. O senhor Tyndale teria desejado que Philips passasse diante dele, mas este pretendeu mostrar grande cortesia. Assim que o senhor Tyndale, que não tinha muita estatura, passou 1i, e Philips, homem alto e garboso, seguiu-o detrás; este havia disposto oficiais a cada lado da porta, sentados, que podiam ver os que passavam por ela. Philips indicou com o dedo a cabeça de Tyndale, para que os oficiais vissem quem era o que deviam apreender. Os oficiais disseram depois a Pointz, quando já o tiveram encarcerado, como os havia apenado ver sua simplicidade. O levaram ao fiscal do imperador, onde comeu. Depois o procurador geral foi à casa de Pointz, e tomou tudo o que pertencia ao senhor Tyndale, tanto seus livros como os outros pertences; dali, Tyndale foi enviado ao castelo de Vilvorde, a 30 quilômetros de Amberes.

Estando já o senhor Tyndale no cárcere, lhe ofereceram um advogado e um procurador, o qual recusou, dizendo que ele faria sua

própria defesa. Predicou de tal modo aos que estavam encarregados de sua custódia, e aos que estavam familiarizados com ele no castelo, que disseram dele que se não era um bom cristão, então não sabiam quem poderia sê-lo.

No final, após muitos arrazoamentos, quando nenhuma razão podia servir, embora não merecesse a morte, foi condenado em virtude do decreto do imperador, dado na assembléia de Augsburgo . levado ao lugar da execução, foi amarrado à estaca, estrangulado pelo verdugo, e depois consumido pelo fogo, na cidade de Vilvorde, em 1536. na estaca, clamou com um fervoroso zelo e grande protesto: "Senhor, abre os olhos do rei da Inglaterra!".

Tal foi o poder de sua doutrina e a sinceridade de sua vida, que durante o tempo de seu encarceramento (que durou um ano e meio) converteu, segundo se diz, a seu guarda, a filha deste, e outros membros de sua família.

A respeito de sua tradução do Novo Testamento, porquanto seus inimigos clamavam tanto contra ela, pretendendo que estava cheia de heresias, escreveu a John Frith da forma seguinte: "Invoco a Deus como testemunha, para o dia em que deva comparecer ante nosso Senhor Jesus, que nunca alterei nem sequer uma sílaba da Palavra de Deus contra minha consciência, nem o faria hoje, ainda me entregassem tudo quanto nesta terra há, seja honra, prazeres ou riquezas".

CAPÍTULO 13 - História da vida de João Calvino

Este reformador nasceu em Noyon, na Picardia, o 10 de julho de 1509. Foi instruído em gramática, aprendendo em Paris com Maturino Corderius, e estudou filosofia no College de Montaign com um professor espanhol.

Seu pai, que descobriu muitos sinais de sua precoce piedade, particularmente nas repreensões que fazia dos vícios de seus companheiros, o designou primeiro para a Igreja, e o apresentou o 21 de maio de 1521 à capela de Notre Dame de Gesine, na Igreja de Noyon. Em 1527 lhe foi assinado o reitorado de Marseville, que trocou em 1529 pelo de Pont l'Eveque, perto de Noyon. Seu pai mudou depois de pensamento, e quis que estudasse leis, ao qual Calvino consentiu bem disposto, porquanto, por sua leitura das Escrituras, tinha adquirido uma repugnância pelas superstições do papado, e se demitiu da capela de Gesine e do reitorado de Pont l'Eveque em 1534. fez grandes progressos nesta rama do conhecimento, e melhorou não menos em seu conhecimento da teologia com seus estudos privados. Em Bourges se aplicou ao estudo do grego, sob a direção do professor Wolmar.

Reclamado de volta para Noyon pela morte de seu pai, permaneceu ali por um breve tempo, e depois passou a Paris, onde ainda tendo causado grande desagrado na Sorbona e no Parlamento um discurso de Nicolas Cop, reitor da Universidade de Paris, para o qual Calvino preparou os materiais, se suscitou uma perseguição contra os protestantes e Calvino, que apenas pôde escapar de ser arrestado no College de Forteret, se viu obrigado a fugir a Xaintogne, depois de ter tido a honra de ser apresentado à rainha de Navarra, quem suscitara esta primeira tormenta contra os protestantes.

Calvino voltou a Paris em 1534. Neste ano os reformados sofreram maus-tratos, o que o decidiu a abandonar França, depois de publicar um tratado contra os que acreditavam que as almas dos defuntos estão num estado de sonho. Se retirou à Basiléia, onde estudou hebraico; neste tempo publicou sua Instituição da Religião Cristã, obra que serviu para espalhar sua fama, embora ele mesmo desejasse viver na escuridão. Está dedicada ao rei da França, Francisco I. A continuação, Calvino escreveu uma apologia pelos protestantes que estavam sendo queimados por sua religião na França. Depois da publicação desta obra, Calvino foi à Itália a visitar a duquesa de Ferrara, uma dama de grande piedade, pela que foi muito gentilmente recebido.

Da Itália se dirigiu à França, e tendo arranjado seus assuntos privados, se propus dirigir-se a Estrasburgo ou à Basiléia, acompanhado por seu único irmão sobrevivente, Antônio Calvino;

porém como os caminhos não eram seguros devido à guerra, exceto através dos territórios do duque de Sabóia, escolheu aquela estrada. "Este foi um direcionamento particular da providência", diz Bayle: "Era seu destino que se instalasse em Genebra, e quando se mostrou disposto a ir além, viu-se detido como por uma ordem do céu, por assim dizê-lo".

Em Genebra, Calvino se viu por isso obrigado a aceder à eleição que o consistório e os magistrados fizeram recair sobre sua pessoa, com o consentimento do povo, para que fosse um dos ministros e professor de teologia. Queria somente assumir este último ofício, e não o primeiro, mas no final se viu forçado a tomar ambos, em agosto de 1536. No ano seguinte, fez declaram a todo o povo, sob juramento, o assentimento deles a uma confissão de fé que continha uma renuncia ao papismo. Depois indicou que não poderia submeter-se a uma normativa que tinham estabelecido recentemente no cantão de Berna; portanto, os síndicos da Genebra convocaram uma assembléia do povo, e se ordenou que Calvino, Farel e outro ministro abandoassem a cidade em poucos dias, por recusar administrar os sacramentos.

Calvino se retirou a Estrasburgo, e estabeleceu ali uma igreja francesa, da qual foi seu primeiro ministro; também foi designado para ser professor de teologia. Enquanto isso, o povo da Genebra lhe rogou tão intensamente que voltasse com eles, que consentiu, e chegou o 13 de setembro de 1541, com grande satisfação tanto do povo como dos magistrados. O primeiro que fez, após sua chegada, foi estabelecer uma forma de disciplina eclesiástica e uma jurisdição administrativa com o poder de infligir censuras e castigos canônicos, até incluir a excomunhão.

Tem sido o regozijo tanto dos incrédulos como de alguns professos cristãos, quando querem lançar lodo sobre as opiniões de Calvino, referir-se a seu papel na morte de Miguel Servet. Esta tem sido a atitude que sempre adotam os que foram incapazes de refutar suas opiniões, como se fosse um argumento concluinte contra todo seu sistema. "Calvino queimou a Servet! Calvino queimou a Servet!", é uma boa prova, para certa classe de arrazoadores, de que a doutrina da Trindade não é verdadeira, que a soberania divina é anti-escriturária, e que o cristianismo é uma falsidade.

Não temos desejo algum de paliar nenhuma ação de Calvino que seja manifestamente errônea. Cremos que não se podem defender todas suas ações em relação com o desgraçado assunto de Servet. Porém deveríamos compreender que os verdadeiros princípios da tolerância religiosa eram muito pouco compreendidos em tempos de Calvino. Todos os outros reformadores que então viviam aprovaram a conduta de Calvino. Inclusive o gentil e amigável Melanchton se expressou em relação a este tema da forma seguinte: diz ele, numa

carta dirigida a Bullinger: "Tenho lido tua declaração acerca da blasfêmia de Servet, e elogio tua piedade e Jz; e estou convencido de que o Conselho de Genebra tem agido retamente ao dar morte a este homem obstinado, que nunca teria parado em suas blasfêmias. Estou atônito de que se encontre ninguém que desaprove tal ação". Farel diz de maneira expressa que "Servet merecia a pena capital". Bucero não duvida em declarar que "Servet merecia algo pior que a morte".

A verdade é que embora Calvino teve certa parte no arresto e encarceramento de Servet, não desejava em absoluto que fosse queimado. "Quero", disse ele, "que se diminua a severidade do castigo". "Tentamos mitigar a severidade do castigo, porém em vão". "Ao querer mitigar a severidade do castigo", diz Farel a Calvino, "fazer o ofício de amigo para com teu mais acérrimo inimigo". Diz Turritine: "Os historiadores não afirmam em lugar algum, nem se desprende de nenhuma consideração, o fato de que Calvino instigasse os magistrados a queimarem Servet. Não, senão que o certo é também que ele, junto com o colégio de pastores, atacou esta classe de castigo".

Freqüentemente se disse que Calvino tinha tal influência sobre os magistrados de Genebra que teria podido lograr a liberação de Servet, se não tivesse desejado sua destruição. Porém isto é falso. Bem longe disso, Calvino mesmo foi uma vez desterrado da Genebra por estes mesmos magistrados, e amiúde se opus em vão a suas arbitrárias medidas. Tão pouco desejoso estava Calvino e querer a morte de Servet que o advertiu do perigo, e o deixou estar várias semanas em Genebra, antes de ser arrestado. Mas sua linguagem, que era então considerada blasfema, foi a causa de seu encarceramento. Enquanto estava no cárcere, Calvino o visitou e empregou todos os argumentos possíveis para que se desdissesse de suas horríveis blasfêmias, sem referência alguma a suas peculiares crenças. Esta foi toda a participação de Calvino neste infeliz acontecimento.

Contudo, não se pode negar que neste caso Calvino agiu de forma contrária ao espírito benigno do Evangelho. É melhor derramar uma lágrima pela inconsistência da natureza humana, e lamentar estas fraquezas que não se podem justificar. Ele declarou que tinha atuado em consciência, e em público justificou a ação.

A opinião era que os princípios religiosos errôneos são puníveis pelo magistrado civil, e isto causou tantos males, fora da Genebra, na Transilvânia ou na Grã Bretanha; e isto deve imputar-se, e não ao Trinitarianismo, ou ao Unitarismo.

Depois da morte de Lutero, Calvino exerceu uma grande influência sobre os homens daquele notável período. Irradiou grande influência sobre a França, a Itália, a Alemanha, Holanda, Inglaterra e Escócia.

Foram organizadas dois mil cinqüenta congregações reformadas que recebiam suas predicações de parte dele.

Calvino, triunfante sobre seus inimigos, sentiu que a morte se aproximava. Porém seguir esforçando-se de todas as formas possíveis com energia juvenil. Quando se viu a ponto de ir ao repouso, redigiu seu testamento, dizendo:" Dou testemunho de que vivo e me proponho morrer nesta fé que Deus me deu por meio de Seu Evangelho, e que não dependo de nada mais para a salvação que a livre eleição que Ele tem feito de mim. de todo coração abraço Sua misericórdia, por meio da qual todos meus pecados foram encobertos, por causa de Cristo, e por causa de Sua morte e padecimentos. Segundo a medida da graça que me foi dada, tenho ensinado esta Palavra pura e simples mediante sermões, ações e exposições desta Escritura. em todas minhas batalhas com os inimigos da verdade não utilizei sofismas, senão que lutei o bom combate de maneira frontal e direta".

O 27 de maio de 1564 foi o dia de sua liberação e de sua bendita viagem ao lar. Tinha então cinqüenta e cinco anos.

Que um homem que tinha adquirido tal reputação e autoridade tivesse somente um salário de cem coras e que recusasse aceitar mais, e que depois de viver cinqüenta e cinco anos com a maior frugalidade deixasse somente trezentas coroas a seus herdeiros, incluindo o valor de sua biblioteca, que se vendeu a grande preço, é algo tão heróico que alguém deve ter perdido todos os sentimentos para não sentir admiração. Quando Calvino abandonou Estrasburgo para voltar a Genebra, eles quiseram dá-lhe privilégios de cidadão livre de sua cidade e o salário de um prebendado [10], que tinha-lhe sido assinado; ele aceitou o primeiro, porém recusou rotundamente o segundo. Levou a um de seus irmãos a Genebra consigo, mas jamais se esforçou para que se desse a ele qualquer posto honorifico, como qualquer que possuísse sua posição teria feito. Desde logo, cuidou da honra da família de seu irmão, conseguindo a liberdade de uma mulher adúltera, e conseguindo licencia para que pudesse voltar a casar-se; mas inclusive seus inimigos contam que lhe fez aprender o ofício de encadernador de livros, no qual seu irmão trabalhou toda sua vida.

Calvino como amigo da liberdade civil

O reverendo doutor Wisner disse, em seu recente discurso em Plymuth, no aniversário da chegada dos Padres Peregrinos: "Por muito que o nome de Calvino tenha sido escarnecido e carregado de vitupério por muitos dos filhos da liberdade, não há proposição histórica mais susceptível e uma demonstração plena que esta: que não viveu

[10] Benefício eclesiástico superior das igrejas, catedrais e colegiatas (N. da T., Enciclopédia Encarta de Microsoft).

ninguém a quem o mundo deva mais pela liberdade de que goza, que João Calvino".

CAPÍTULO 14 - História das perseguições na Grã Bretanha e Irlanda,

antes do reinado da rainha Maria I

Gildas, o mais antigo escritor britânico conhecido, que viveu por volta do tempo em que os saxões chegaram à ilha da Grã Bretanha, tem deixado uma narração terrível da barbárie daquelas pessoas.

Os saxões, ao chegarem, sendo pagãos como os escoceses e os pictos, destruíram as igrejas, assassinando o clero lá por onde passavam; mas não puderam destruir o cristianismo, porque os que não quiseram submeter-se ao jugo saxão, fugiram e se estabeleceram além do Sevem. Os nomes dos cristãos que padeceram naqueles tempos, especialmente os do clero, não nos foram transmitidos.

O exemplo mais terrível desta barbárie sob o governo saxão foi o massacre dos monges de Bangor em 586. Estes monges eram em todos os aspectos distintos dos que levam este mesmo nome em nossos dias.

No século oitavo, os dinamarqueses, que eram uns bandos errantes de piratas e bárbaros, chegaram a diversas partes da Grã Bretanha, tanto da Inglaterra como da Escócia.

No princípio foram rejeitados, porém no ano 857 um grupo deles chegou a algum lugar perto de Southampton, e não somente saquearam o povoado, senão que queimaram as igrejas e assassinaram o clero.

Em 868 estes bárbaros penetraram o centro da Inglaterra e se assentaram em Nottingham; mas os ingleses, sob o rei Ethelred, os expulsaram de seus posições, e os obrigaram a retirar-se a Northumberland.

Em 870, outro grupo destes bárbaros desembarcou em Norfolk, e livrou batalha contra os ingleses em Hertfortd. A vitória foi dos pagãos, que tomaram prisioneiro a Edmundo, rei dos ingleses orientais, e depois de ter-lhe infligido mil indignidades, traspassaram seu corpo com setas, e depois o decapitaram.

Em Fifeshire, na Escócia, queimaram muitas das igrejas, entre estas a pertencente aos culdeus, em St. Andrews. A piedade destes homens os fazia objeto do aborrecimento dos dinamarqueses, que ali aonde iam indicavam os sacerdotes cristãos para a destruição, e não menos de duzentos foram mortos na Escócia.

Aconteceu algo muito semelhante na zona da Irlanda chamada Leinster, onde os dinamarqueses assassinaram e queimaram vivos os sacerdotes em suas próprias igrejas; levavam a destruição por onde iam, sem perdoar sexo nem idade, mas o clero era para eles o mais

odioso, porque ridicularizavam suas idolatrias, persuadindo seu povo para que não tivessem nada a ver com eles.

No reinado de Eduardo III, a Igreja de Inglaterra estava sumamente corrompida com erros e superstição, e a luz do Evangelho de Cristo tinha sido muito eclipsada e abaçanada pelas invenções humanas, cerimônias recarregadas e uma torpe idolatria.

Os seguidores de Wycliffe, então chamados lolardos, tinham-se feitos muito numerosos, e o clero estava muito ultrajado ante seu crescimento. Mas for qual fosse o poder que tiverem para molestá-los e fustigá-los, não tinham autoridade legal para dar-lhes morte. Contudo, o clero aproveitou uma oportunidade favorável, e prevaleceram sobre o rei para introduzir uma lei ante o parlamento pela qual todos os lolardos que permanecessem obstinados pudessem ser entregues ao braço secular, e queimados como hereges. Esta lei foi a primeira introduzida na Grã Bretanha para queimar pessoas por suas crenças religiosas; foi introduzida no ano 1401, e pouco depois se fizeram sentir seus efeitos.

A primeira pessoa em sofrer a conseqüência desta cruel lei foi William Santree, ou Sawtree, um sacerdote que foi queimado vivo em Smithfield.

Pouco depois disto, Sir John Oldcastle, lorde Cobham, foi acusado de heresia, por sua adesão às doutrinas de Wycliffe, e foi condenado a ser enforcado e queimado, o qual foi executado em Lincoln's Inn Fields, em 1419. Em sua defesa escrita, lorde Cobham disse:

"Em quanto as imagens, entendo u que não são um objeto de fé, senão que foram ordenadas desde que a fé de Cristo foi dada, por permissão da Igreja, para representar e trazer à mente a paixão de nosso Senhor Jesus Cristo, e o martírio e a vida piedosa de outros santos: e que todo aquele que der culto as imagens mortas, culto que se deve a Deus, ou não deposite sua esperança ou confie em sua ajuda como deveria fazer em Deus, ou que tenha afeição a umas mais que as outras, nisto comete o grande pecado do culto idolátrico".

"Também acredito plenamente nisto, que cada homem nesta terra é um peregrino rumo a glória ou ao sofrimento; e que aquele que não conhece e não cumpre os santos mandamentos de Deus em sua vida aqui (embora vá de peregrinação por todo o mundo, e assim morra), será condenado; o que conhece os santos mandamentos de Deus e os guarda até o fim, este será salvo, ainda que jamais em sua vida tenha saído em peregrinação, como costumam fazê-lo agora os homens, a Canterbury, a Roma, ou a qualquer outro lugar".

No dia marcado, lorde Cobham foi tirado da Torre com suas armas amarradas atrás dele, mostrando um rosto radiante. Logo foi feito jazer sobre um entabuado com patins, como se tivesse sido o pior traidor à coroa, e arrastado deste jeito até o campo de St. Giles. Ao chegar ao

lugar da execução, e ser tirado daquela espécie de trenó, se ajoelhou com devoção, pedindo ao Deus Onipotente que perdoasse seus inimigos. Depois se levantou e contemplo a multidão, e os exortou da forma mais piedosa a seguir nas leis de Deus, escritas nas Escrituras, e a afastar-se daqueles mestres que vissem serem contrários a Cristo em sua maneira de falar e agir. Depois foi pendurado dos lombos com uma corrente de ferro, e queimado vivo no fogo, louvando o nome de Deus enquanto teve hálito de vida. A multidão presente deu grandes mostrar de dor. Isto teve lugar em 1418.

Seria escrupuloso explicar como se comportaram os sacerdotes naquela ocasião, ordenando ao povo que não orasse por ele, senão que o considerassem condenado ao inferno, porque tinha sido morto em desobediência a seu Papa.

Assim repousa este corajoso cavalheiro cristão, Sir John Oldcastle, sob o altar de Deus, que é Jesus Cristo, entre aquela piedosa companhia que no reino da paciência sofreram grande tribulação com a morte de seus corpos, por Sua fiel palavra e testemunho.

Em agosto de 1473 foi apreendido um chamado Tomás Granter, na cidade de Londres; foi acusado de professar as doutrinas de Wycliffe, pelas que foi condenado como herege obstinado. Este piedoso homem, levado à casa do xerife pela manhã do dia designado para sua execução, pediu algo de comer, e tendo comido um pouco, disse às pessoas presentes: "Como bem agora, pois tenho que livrar uma estranha batalha antes de jantar". Tendo acabado a comida, deu graças a Deus pela abundância de Sua providência cheia de graça, pedindo que o levasse já ao lugar de sua execução, para poder dar testemunho da verdade daqueles princípios que havia professado. Portanto, foi acorrentado a uma estaca em Tower-Hill, onde foi queimado vivo, professando a verdade com seu último alento.

No ano 1499, um homem chamado Badram, muito piedoso, foi trazido ante o bispo de Norwich, acusado por alguns dos sacerdotes de sustentar as doutrinas de Wycliffe. Confessou então que acreditava em todas aquelas coisas das quais era acusado. Portanto foi condenado como herege obstinado, e se lavrou uma ordem para sua execução; foi conduzido logo à estaca em Norwich mesmo, onde sofreu com grande constância.

Em 1506 um homem piedoso chamado William Tilfrey foi queimado vivo em Amersham, num lugar chamado Stoneyprat, e sua filha, Joan Clark, mulher casada, foi obrigada a acender a lenha com a qual ia-se queimar seu pai.

Esse ano também um sacerdote, o padre Roberts, foi declarado diante do bispo de Lincoln convicto de ser um lolardo, e foi queimado vivo em Buckingham.

Em 1507, um homem chamado Tomás Norris foi queimado vivo pelo testemunho da verdade do Evangelho, em Norwich. Este era um homem piedoso, inofensivo e pacífico, porém seu pároco, falando com ele um dia, conjeturou que fosse um lolardo. Como conseqüência desta suposição o denunciou ao bispo, e Norris foi apreendido.

Em 1508, Lawrence Guale, que tinha permanecido encarcerado durante dois anos, foi queimado vivo em Salisbury, por negar a presença real no Sacramento. Parece que este homem tinha tenda aberta em Salisbury, e deu hospitalidade em sua casa a alguns lolardos, pelo que foi denunciado ante o bispo; porém ele se manteve firme, e foi condenado a sofrer como herege.

Uma piedosa mulher foi queimada em Chippem Subdume por ordem do chanceler doutor Wittenham. Depois de ter sido consumida pelas chamas, e quando as pessoas voltavam já para suas casas, um touro escapou de um açougue, e dirigindo-se de maneira particular contra o chanceler dentre o resto da multidão, o traspassou com seus chifres, e lhe arrancou com eles as entranhas, levando-as depois neles. Isto foi visto por todos os assistentes, e deve destacar-se que a besta não vez mais tentativas contra ninguém em absoluto.

O 18 de outubro de 1511, William Sucling e John Bannister, que se haviam desdito, tendo voltado à profissão de fé, foram queimados vivos em Smithfield.

No ano 1517, um homem chamado John Broqn (que antes tinha-se retratado no reinado de Henrique VII, e levado um tronco de lenha em volta da igreja de são Paulo), foi condenado pelo doutor Wonhaman, arcebispo de Canterbury, e queimado vivo em Ashford. Antes de ser acorrentado na estaca, o arcebispo Wonhaman, e Yester, arcebispo de Rochester, fizeram queimar seus pés no fogo até que se desprendeu toda a carne dos ossos. Isto o fizeram para forçá-lo a retratar-se, mas el persistiu em sua adesão à verdade até o fim.

Por este tempo foi apreendido Richard Hunn, um alfaiate da cidade de Londres, por recusar pagar ao sacerdote seus honorários pelo funeral de um menino; foi levado então à Torre dos Lolardos, no palácio de Lambeth, onde foi assassinado em privado por alguns dos criados do arcebispo.

O 24 de setembro de 1518, John Stilincen, que antes se havia retratado, foi apreendido, feito comparecer ante Richard Fitz-James, bispo de Londres, e condenado o 25 de outubro como herege. Foi acorrentado à estaca em Smithfield entre uma imensa multidão de espectadores, e selou com seu sangue seu testemunho da verdade. Declarou que era um lolardo, e que sempre havia acreditado nas doutrinas de Wycliffe; e que ainda que antes tinha sido tão fraco como para desdizer-se de suas crenças, que agora estava disposto a

convencer o mundo todo de que estava pronto para morrer pela verdade.

No ano 1519, Tomás Mann foi queimado em Londres, como também Robert Celin, um homem simples e honesto, por terem falado contra o culto às imagens e contra as peregrinações.

Por volta desta época James Brewster, de Colehester, foi executado em Smithfield, Londres. Suas crenças eram as mesmas que as do resto dos lolardos, ou daqueles que seguiam soldado doutrinas de Wycliffe; porém apesar da inocência de sua vida e de sua boa reputação, se viu obrigado a suportar a ira papal.

Durante este mesmo ano, um sapateiro chamado Cristopher foi queimado vivo em Newbury, em Berlishire, por negar os artigos papistas que já mencionamos. Este homem possuía alguns livros em inglês que já eram suficientes para fazê-lo odioso ante o clero romanista.

Robert Sillcs, quem tinha sido condenado ante o tribunal do bispo como herege e que logrou fugir do cárcere, foi não obstante apresado dois anos mais tarde, e devolvido a Coventry, onde foi queimado vivo. Os xerifes sempre confiscavam os bens dos mártires para seu próprio benefício, de modo que suas mulheres e filhos eram deixados morrer de fome.

Em 1532, trabalho Harding, acusado de heresia junto com sua mulher, foi trazido ante o bispo de Lincoln e condenado por negar a presença real no Sacramento. Depois foi amarrado a uma estaca, levantada para este fim em Chesham, Pell, perto de Botely e, quando houveram acendido o fogo da pira, um dos espectadores lhe rompeu o crânio com um cacetete. Os sacerdotes tinham falado para o povo que todo aquele que trouxer lenha para queimar hereges teria uma indulgência para cometer pecados durante quarenta dias.

A finais daquele ano, Worham, arcebispo de Canterbury, prendeu um tal Hillen, sacerdote de Maidstone, e depois de ter sido torturado durante longo tempo no cárcere e de ter sido várias vezes interrogado pelo arcebispo e por Fischer, bispo de Rochester, foi condenado como herege e queimado vivo diante da porta de sua própria igreja paroquial.

Trabalho Bilney, professor de lei civil em Cambridge, foi feito comparecer ante o bispo de Londres, e vários outros bispos, na Casa do Capítulo em Westminster, e sendo ameaçado várias vezes com a estaca e as chamas, foi o suficientemente fraco como para retratar-se, porém depois se arrependeu seriamente.

Por isto foi obrigado a comparecer ante o bispo por segunda vez, e condenado a morte. Antes de ir à fogueira confessou sua adesão às doutrinas que Lutero mantinha, e quando se viu na fogueira, disse: "Tenho sofrido muitas tempestades neste mundo, mas agora minha

nave chegará segura a porto". Se manteve imóvel nas labaredas, clamando: "Jesus, creio!". Estas foram as últimas palavras que o ouviram dizer.

Poucas semanas depois do martírio de Bilney, Richard Byfield foi lançado no cárcere, e suportou açoites por sua adesão às doutrinas de Lutero; byfield tinha sido monge durante um tempo em Bames, Surrey, porém se converteu lendo a tradução de Tyndale do Novo Testamento. Os sofrimentos que este homem suportou pela verdade foram tão grandes que se precisaria um volume para narrá-los. Algumas vezes foi encerrado numa masmorra, na que ficou quase asfixiado pelo horrendo fedor da imundícia e da água estagnada. Em outras ocasiões lhe amarravam os bracos, ate que quase todas suas articulacoes ficavam deslocadas. O açoitaram amarrado a um poste em várias ocasiões, com tal brutalidade que quase não lhe sobrou carne nas costas; e tudo isto o fizeram para levá-lo a desdizer-se. Foi finalmente levado à Torre deserto Lolardos no palácio de Lambeth, onde foi acorrentado do pescoço à parede, e chicotado outra vez da forma mais cruel pelos criados do arcebispo. Finalmente foi condenado, degradado e queimado em Smithfield.

O seguinte em sofrer o martírio foi John Tewkesbury. Era um homem simples que não se tinha feito culpado de nada em contra da chamada Santa Mãe Igreja, além de ler a tradução de Tyndale do Novo Testamento. No princípio teve a debilidade de abjurar, porém depois se arrependeu e reconheceu a verdade. Por isto foi levado ante o bispo de Londres, que o condenou como herege obstinado. Sofreu muito durante o tempo de seu encarceramento, de maneira que quando o levaram à execução estava já quase morto. O conduziram até a fogueira em Smithfield, onde foi queimado, declarando ele seu total aborrecimento do papado, e professando uma firme fé em que sua causa era justa perante Deus.

O seguinte em sofrer neste reinado foi James Baynham, um respeitado cidadão de Londres, que se havia casado com uma viúva de um cavalheiro do Temple. Quando foi acorrentado à estaca abraçou as brasas e disse: "Olhai, papistas! Buscais milagres; aqui vereis vós um milagre; porque neste fogo não sinto eu mais dor que numa cama; me é tão doce como um leito de rosas!". E assim entregou sua alma em mãos de seu Redentor.

Pouco depois da morte deste mártir, um tal Traxnal, um camponês inofensivo, foi queimado vivo em Bradford, Wiltshire, porque não queria reconhecer a presença real no Sacramento, nem admitir a supremacia papal sobre as consciências dos homens.

No ano 1533 morreu pela verdade John Frith, um destacado mártir. Quando foi levado à fogueira em Smithfield abraçou a lenha, e exortou a um jovem chamado Andrew Hewit, que sofreu com ele, a confiar sua

alma ao Deus que a tinha remido. Estes dois sofredores padeceram grande tormento, porque o vento afastava as chamas deles, de modo que sofreram uma agonia de duas horas antes de expirar.

No ano 1538, um demente chamado Collins sofreu a morte junto com seu cachorro em Smithfield. O que aconteceu foi o seguinte: Collins estava um dia na igreja quando o sacerdote fez a elevação da hóstia; e Collins, ridicularizando o sacrifício da missa, levantou seu cachorro por acima de sua cabeça. Por este crime Collins, que devia ter sido enviado num manicômio, ou acoitado atrás de uma carreta, foi feito comparecer ante o bispo de Londres; e ainda que realmente estivesse louco, tal era o poder do papado, e tal a corrupção da Igreja e do estado, que o pobre maluco e seu cachorro foram levados à fogueira em Smithfield, onde foram queimados vivos, ante uma grande multidão de espectadores.

Também outras pessoas sofreram naquele mesmo ano, e se mencionam a continuação: um tal de Cowbridge sofre em Oxford, e ainda fosse considerado demente, deu grandes mostras de piedade quando o amarravam à estaca, e depois que acenderam o fogo a seu redor.

Por aquela mesma época um chamado Purdervue foi morto por ter falado em privado a um sacerdote, depois que este tinha bebido o vinho: "Abençoou o povo faminto com o cálice vazio".

Ao mesmo tempo foi condenado William Letton, um monge muito ancião, no condado de Suffolk, queimado em Norwich por falar em contra de um ídolo que era levado em procissão, e por dizer que o Sacramento devia ser ministrado sob as duas espécies.

Algum tempo antes de serem queimados os dois anteriores, Nicolas Peke foi executado em Norwich, e quando acenderam o fogo, foi tão abrasado que ficou preto como betume. O doutor Reading estava diante dele, com o doutor Heame e o doutor Spragwell, com uma longa vara branca na mão. com ela bateu no ombro direito do réu, e lhe disse: "Peke, retrata-te, e crê no Sacramento". A isto respondeu ele: "Te desprezo, e também ao sacramento", e cuspiu sangue com grande violência, devido à atroz dor de seus sofrimentos. O doutor Reading concedeu quarenta dias de indulgência ao sofredor, para que pudesse desdizer-se de suas opiniões; porém ele persistiu em sua adesão à verdade, sem prestar atenção alguma à malícia de seus inimigos; finalmente foi queimado vivo, gozando-se de que Cristo o tivesse considerado desígnio de sofrer por causa ed Seu nome.

O 28 de julho de 1540 ou 1541 (há diferenças acerca da datação), Tomás Cromwell, conde de Essex, foi levado ao cadafalso na Torre, onde foi executado com alguns gestos destacáveis de crueldade. Fez um breve discurso ao público, e depois se resignou mansamente ao machado.

Acreditamos que é muito próprio que este nobre seja contado entre os mártires, porque ainda que as acusações proferidas contra ele nada tinham a ver com a religião, se não tivesse sido pelo seu zelo por abater o papismo, poderia pelo menos ter obtido o favor do rei. A isto se deve agregar que os papistas tramaram sua destruição porque ele fez mais por impulsionar a Reforma que ninguém em sua época, com exceção do doutor Cranmer.

Pouco depois da execução de Cromwell, o doutor Cuthbert Barnes, Tomás Gamet e William Jerome foram feitos comparecer ante a corte eclesiástica do bispo de Londres, e acusados de heresia.

Presente ante o bispo de Londres, lhe perguntou ao doutor Barnes se os santos oravam por nós. A isto respondeu que "o deixava a Deus; mas (agregou), eu orarei por vós".

O 13 de julho de 1541 estes homens foram tirados da Torre e levados a Smithfield, onde foram acorrentados a uma estaca, e sofreram ali com uma constância que nada senão uma firme fé em Jesus poderia inspirá-lhes.

Tomás Sommers, um honrado mercador, foi lançado em prisão, em companhia de outros três, por lerem alguns livros de Lutero, e foram condenados a levar aqueles livros a um fogo em Cheapside; ali deviam lançá-los às chamas; porém Sommers lançou os seus por acima delas, e foi por isso devolvido à Torre, e ali apedrejado até morrer.

Neste tempo estavam executando-se umas terríveis perseguições em Lincoln, sob o doutor Longland, bispo daquela diocese. Em Buckingham, Tomás Bairnard e James Moreton foram condenados a serem queimados vivos, o primeiro por ler a Oração do Senhor em inglês, e o outro por ler a Epístola de Tiago em inglês.

O sacerdote Anthony Parsons foi enviado, e com ele outros dois, a Windsor, para ser ali interrogado acerca de uma acusação de heresia, e lhes deram ali vários artigos para que os subscrevessem, os quais recusaram. Logo sua causa foi seguido pelo bispo de Salisburym que foi o mais violento perseguidor naquele tempo, com exceção de Bonner. Quando foram trazidos à estaca, Parsons pediu de beber, e ao dar-lhe, brindou a seus companheiros de martírio, dizendo: "Gozai-vos, irmãos, e alçai vossos olhares a Deus; porque depois deste duro desjejum espero uma boa comida que vamos ter no Reino de Cristo, nosso Senhor e Redentor". Depois destas palavras, Eastwood, um dos sofredores, levantou seus olhos e as mãos ao céu, pedindo ao Senhor em voz alta que recebesse seu espírito. Parsons aproximou mais a palha de si mesmo, e depois disse aos espectadores: "Esta é a armadura de Deus, e agora sou um soldado cristão pronto para a batalha! Não espero misericórdia senão pelos méritos de Cristo; Ele é meu único Salvador. NEle confio eu para minha salvação". Pouco depois disto se acenderam as fogueiras, que queimaram seus corpos,

mas que não puderam danificar suas almas preciosas e imortais. Sua constância triunfou sobre a crueldade, e seus sofrimentos serão tidos em eterna lembrança.

Assim era entregue, uma e outra vez, o povo de Cristo, e suas vida compradas e vendidas. Porque, no parlamento, o rei estabeleceu esta lei cruel e blasfema como lei perpétua: que todo que lesse as Escrituras em sua língua vernácula (o que naquele então era chamado de "ciência de Wycliffe") devia perder sua terra, seu gado, seu corpo, sua vida e seus bens, por si e por seus herdeiros para sempre, e serem condenados como hereges contra Deus, inimigos da coroa e culpados de alta traição contra a terra.

CAPÍTULO 15 - História das perseguições na Escócia durante o reinado de Henrique VIII

Assim como não houve nenhum lugar seguro, nem na Alemanha, nem na Itália nem na França, onde não saíssem alguns ramos daquela frutífera raiz de Lutero, do mesmo modo não restou esta ilha de Grã Bretanha sem seu fruto e sem seus galhos. Entre eles estava Patrick Hamilton, um escocês de nobre e elevado berço, e de sangue real, de excelente temperamento, de vinte e três anos de idade, chamado abade de Feme. Saindo de seu país com três companheiros para fazer-se uma piedosa educação, se achegou à Universidade de Marburgo, na Alemanha, universidade que para aquela época tinha sua nova fundação por Felipe, landgrave de Hesse.

Durante sua residência lá se familiarizou intimamente com aqueles eminentes fanais do Evangelho que eram Martinho Lutero e Felipe Melanchton, e mediante cujos escritos e doutrinas se aderiu tenazmente à religião protestante.

Sabendo o arcebispo de St. Andrews (que era um rígido papista) das atuações do senhor Hamilton, o fez apresar, e, fazendo-o comparecer diante dele para interrogá-lo brevemente acerca de seus princípios religiosos, o fez encerrar no castelo, com ordens de que fosse lançado na masmorra mais imunda da prisão.

Na manhã seguinte, o senhor Hamilton foi feito comparecer diante do bispo, junto com outros, para ser interrogado, sendo as principais acusações contra ele que desaprovada em público as peregrinações, o purgatório, as orações aos santos, pelos mortos, etc.

Estes artigos foram reconhecidos como verdadeiros pelo senhor Hamilton, em conseqüência do qual foi de imediato condenado à fogueira; e para que sua condena tivesse tanta maior autoridade, se fez assinar a todas as pessoas destacadas ali presentes, e para fazer o número tão grande como for possível inclusive se admitiu a assinatura dos meninos que fossem filhos da nobreza.

Tão desejoso estava este fanático e perseguidor prelado por destruir o senhor Hamilton, que ordenou a execução da sentença na mesma tarde do dia em que se pronunciou. Por isso, foi levado ao lugar designado para a terrível tragédia, onde se amontoou um grande número de espectadores. A maior parte da multidão não acreditava que realmente fossem dar-lhe morte, senão que somente se fazia para espantá-lo, e assim levá-lo a abraçar os princípios da religião romanista. Porém logo deveriam sair de seu erro.

Quando chegou até a estaca, se ajoelhou e orou durante um tempo com grande fervor. Depois foi acorrentado à estaca, e colocaram a

lenha em sua volta. Colocando-lhe uma quantidade de pólvora embaixo dos braços, a acenderam primeiro, com o qual sua mão esquerda e um lado de sua cara ficaram abrasados, porém sem causá-lhe danos mortais, nem acendendo o fogo na lenha. Então trouxeram mais pólvora e combustível, e desta vez acendeu a lenha. Com o fogo aceso, ele clamou com voz audível: "Senhor Jesus, recebe meu espírito! Até quando reinarão as trevas sobre este reino? E até quando sofrerás Tu a tirania destes homens?"

Ardendo o fogo lentamente ao princípio, sofreu cruéis tormentos; porém os sofreu com magnanimidade cristã. O que mais dor lhe provocou foi o clamor de alguns malvados incitados pelos frades, que gritavam com freqüência: "Converte-te, herege; clama a nossa Senhora; dize o Salve Regina, etc". e a estes ele replicava: "Deixai-me e parai de incomodar-me, mensageiros de Satanás". Um frade chamado Campbell, o líder, continuou molestando-o com uma linguagem insultante, e ele replicou:" Malvado, que Deus te perdoe!". Depois disso, impedido já de falar a causa da violência da fumaça e a voracidade das labaredas, entregou sua alma nas mãos dAquele que a tinha dado.

Este firme crente em Cristo sofre o martírio no ano 1527.

Um jovem e inofensivo beneditino chamado Henry Forest, acusado de falar respeitosamente do anterior Patrick Hamilton, foi lançado no cárcere; ao confessar-se a um frade, reconheceu que considerava a Hamilton como um homem bom, e que os artigos pelos que tinha sido sentenciado a morrer podiam ser defendidos. Ao ser isto revelado pelo frade, foi admitido como prova, e o coitado beneditino foi sentenciado a ser queimado.

Enquanto consultavam entre si acerca de como executá-lo, John Lindsay, um dos cavalheiros do arcebispo, deu seu conselho de como queimar o frade Forest em alguma adega subterrânea, porque, disse, "a fumaça de Patrick Hamilton tem infestado a todos aqueles sobre os quais tem caído". Este conselho foi aceito, e a pobre vítima morreu mas por asfixia que queimado.

Os seguintes em caírem vítimas por professar a verdade do Evangelho foram David Stratton e Normam Gourlay.

Quando chegaram ao lugar fatal, ambos se ajoelharam, e oraram durante algum tempo com grande fervor. Depois se levantaram e Stratton, dirigindo-se aos espectadores, os exortou a deixar de lado seus conceitos supersticiosos e idolátricos e a empregar seu tempo em buscar a verdadeira luz do Evangelho. Teria falado mais, porém se viu impedido pelos oficiais presentes.

Sua sentença foi executada, e ambos devolveram animadamente suas almas ao Deus que as havia entregado a eles, esperando, pelos

méritos do grande Redentor, uma gloriosa ressurreição para a vida imortal. Sofreram no ano 1534.

Os martírios das duas pessoas mencionadas foram logo seguidos pelo do senhor Tomás Forret, que durante um tempo considerável tinha sido o decano da Igreja de Roma; dois ferreiros chamados Killor e Beverage; um sacerdote chamado Duncan Smith, e um gentil-homem chamado Robert Forrester. Todos eles foram queimados juntos, no monte do Castelo, em Edinburgo, o último dia de fevereiro de 1538.

No ano seguinte do martírio dos já mencionados, isto é, em 1539, outros dois foram apreendidos por suspeita de heresia: Jerome Russell e Alexander Kennedy, um jovem de uns dezoito anos de idade.

Estas duas pessoas, depois de terem sido interrogadas em prisão durante um tempo, foram feitas comparecer ante o arcebispo para seu interrogatório. No curso do mesmo, Russell, que era um homem muito inteligente, arrazoou com erudição contra seus acusadores, enquanto estes empregavam contra ele uma linguajem muito insultante.

Terminado o interrogatório, e considerados ambos como hereges, o arcebispo pronunciou a terrível sentença de morte, e foram de imediato entregues ao braço secular para sua execução.

No dia seguinte foram conduzidos ao lugar designado para seu suplicio; de caminho para lá, Russell, ao ver que seu companheiro de sofrimentos parecia mostrar temor no rosto, se dirigiu assim a ele: "Irmão, não tema; maior é Aquele que está em nós que o que está no mundo. A dor que deveremos sofrer é breve, e será suave; porém nosso gozo e consolação nunca terão fim. Portanto, lutemos para entrar no gozo de nosso Amo e Salvador, pelo mesmo caminho reto que Ele tomou antes de nós. A morte não nos pode fazer dano, porque foi destruído por Ele, por Aquele por cuja causa vamos agora sofrer".

Quando chegaram no lugar fatal, se ajoelharam ambos e oraram por um tempo; depois disso foram acorrentados à estaca e se acendeu o fogo da lenha, encomendando eles com resignação suas almas Àquele que as tinha dado a eles, na plena esperança de uma recompensa eterna nas mansões celestiais.

Uma relação da vida, sofrimentos e morte de Sir George Wishart, que foi estrangulado e depois queimado, na Escócia, por professar a verdade do Evangelho

Por volta do ano de nosso Senhor de 1543 havia, na Universidade de Cambridge, um mestre George Wishart, comumente chamado Mestre George do Benet's College, homem de elevada estatura, careca, e com a cabeça coberta por um boné francês da melhor qualidade; se julgava que era de caráter melancólico por sua fisionomia; tinha o cabelo preto de longa barba, galhardo, de boa reputação em seu país, a Escócia; cortes, humilde, amável e gentil; amante de sua profissão de mestre,

desejoso de aprender, e tendo viajado muito; se vestia com umas roupas até os pés, uma capa preta e meias pretas, tecido rústico branco para a camisa, e bandas brancas e abotoaduras nos punhos.

Era homem modesto, temperado, temeroso de Deus, aborrecedor da cobiça; sua caridade nunca acabava, nem de noite nem de dia; pulava uma de cada três comidas, um dia de cada quatro em geral, exceto por algo para fortalecer o corpo. Dormia num saco de palha e com rústicos lençóis novos que, quando trocava, dava a outrem. Ao lado de sua cama tinha uma banheira, na qual (quando os estudantes estavam já dormidos, e as luzes apagadas e tudo em silêncio), costumava tomar banho. Ele tinha-me grande afeição, e eu por ele. Ensinava com grande modéstia e gravidade, de mofo que alguns de seus estudantes o consideravam severo, e teriam desejado matá-lo; porém o Senhor era sua defesa. E ele, depois de uma devida correção pela malícia deles, os emendava com uma boa exortação, e ia embora. Ah, se o Senhor o tivesse deixado a mim, seu pobre menino, para terminar o que tinha começado! Porque foi a Escócia com vários da nobreza que vieram para formular um tratado com o rei Henrique.

Em 1543, o arcebispo de St. Andrews fez uma visita em várias partes da diocese, durante a qual se denunciaram a várias pessoas em Perth, por heresia. Entre estas, as seguintes foram condenadas a morte: William Anderson, Robert Lamb, James Finlayson, James Hunter, James Raveleson y Helen Stark.

As acusações contra estas pessoas foram, respectivamente: as primeiras quatro estavam acusadas de terem pendurado a imagem de são Francisco, cravando chifres de carneiro em sua cabeça, e de fixar uma cauda de vaca a seu traseiro; mas a razão principal de sua condena foi por ter-se permitido comer um ganso em dia de jejum.

James Ravelson foi acusado de ter enfeitado sua casa com a diadema triplamente coroada de são Pedro, talhada em madeira, o que o arcebispo considerou um escárnio de seu capelo cardinalício.

Helen Stark foi acusada de não ter tido o costume de orar à Virgem Maria, muito especialmente durante o tempo em que acabava de dar a luz.

Todos foram achados culpáveis destes delitos dos quais eram acusados, e de imediato foram sentenciados a morte; os quatro homens à forca, por comerem o ganso; James Raveleson a ser queimado; e a mulher, que acabava de dar a luz um bebê e o criava, a ser metida num saco e afogada.

Os quatro com a mulher e o bebê, foram mortos no mesmo dia, porém James Raveleson não foi executado senão alguns dias depois.

Os mártires foram conduzidos por um grande bando de homens armados (porque temiam uma rebelião na cidade, o que teria podido acontecer se os homens não tivessem estado na guerra) até o lugar da

execução, que era o comum para os ladrões, e isto para fazer parecer sua causa mais odiosa ante o povo. Todos se consolavam uns aos outros, e se asseguravam que jantariam juntos no Reino dos Céus naquela noite; se encomendaram a Deus, e morreram com constância no Senhor.

A mulher desejava ansiosamente morrer com seu marido, mas não lhe foi permitido; contudo, seguindo-o até o lugar da execução, lhe deu consolo, exortando-o à perseverança e paciência por causa de Cristo, e despedindo-se dele com um beijo, lhe disse: "Esposo, regozija-te, porque temos vivido juntos durante muitos dias gozosos; mas neste dia no qual devemos morrer deveria ser-nos ainda mais gozoso, pois teremos alegria para sempre; por isso, não te direi senão até logo, porque nos encontraremos de repente com gozo no Reino dos Céus". Depois disto, a mulher foi levada para ser afogada, e ainda que tinha um bebê mamando em seu peito, isto não moveu para nada a compaixão os implacáveis corações dos inimigos. Assim, depois de ter encomendado seus outros filhos aos vizinhos da cidade por causa de Deus, e que o pequeno bebê fosse entregue a uma aia, ela selou a verdade com sua morte.

Desejoso de propagar o verdadeiro Evangelho em seu próprio país, George Wishart deixou Cambridge em 1544 e ao chegar na Escócia predicou primeiro em Montrose, e depois em Dundee. Neste último lugar fez uma exposição pública da Epístola aos Romanos, que fez com tanta unção e liberdade que alarmou enormemente os papistas.

Como conseqüência disso (por instigação do cardeal Beaton, arcebispo de St. Andrews), um tal Robert Miln, homem principal em Dundee, foi até a igreja onde predicava Wishart, e em meio do discurso lhe disse para não perturbar mais a cidade, porque estava decidido a não admiti-lo.

Este repentino desaire surpreendeu enormemente a Wishart, quem, depois de uma breve pausa, olhando dolorido a quem lhe falava e a sua audiência, disse: "Deus me é testemunha de que jamais tenho tentado perturbar, senão confortar; sim, vossa turbação me dói mais a mim que a vós outros mesmos; mas estou certo de que o negação da Palavra de Deus e a expulsão de Seu mensageiro não vos preservará de turbação, senão que vo-la atrairá; porque Deus vos enviará ministros que não temerão nem o fogo nem o desterro. Eu vos ofereci a Palavra de salvação. Com perigo de minha vida tenho permanecido entre vós. Agora vós mesmos me rejeitais; mas devo declarar minha inocência diante de Deus: se tendes longa prosperidade, não sou guiado pelo Espírito da verdade;porém se caírem sobre vós perturbações não procuradas, reconhecei a causa e voltai-vos a Deus, que é clemente e misericordioso. Contudo, se não voltardes na

primeira advertência, Ele vos visitará com fogo e espada". Ao terminar este discurso, saiu do púlpito e se retirou.

Depois disto foi ao Oeste da Escócia, onde predicou a Palavra de Deus e foi bem acolhido por muitos.

Pouco tempo depois disto, o senhor Wishart recebeu notícias de que se havia desatado uma praga em Dundee. Começou quatro dias depois que lhe for proibido predicar lá, e foi tão violenta que era quase incrível quantos morreram no espaço de vinte e quatro horas. Ao ser-lhe isto relatado, apesar da insistência de seus amigos por detê-lo, decidiu voltar lá, dizendo: "Agora estão turbados e necessitam de consolo. Talvez a mão de Deus os faca agora exaltar e reverenciar a Palavra de Deus, que antes estimaram em pouco".

Em Dundee foi recebido gozosamente pelos piedosos. Escolheu a porta oriental como lugar de predicação, de maneira que os sãos estavam dentro, e os doentes fora da porta. Tomou este texto como o tema de seu sermão: "Enviou a sua palavra, e os sarou...", etc. [11] Em seu sermão se estendeu principalmente na vantagem e a consolação da Palavra de Deus, nos juízos que sobrevêm pelo menosprezo ou rechaço da mesma, a liberdade da graça de Deus para com todo seu povo, e a felicidade de seus escolhidos, aos quais Ele mesmo tira deste mundo miserável. Os corações dos ouvintes se elevaram tanto ante a força divina deste discurso que vieram a não considerar a morte com temor, senão a ter por ditosos os que seriam então chamados, não sabendo se voltaria ele a ter tal consolação para com eles.

Depois disto, a peste amainou, ainda que, no meio dela, Wishart visitava constantemente os que jaziam na hora fatal, e os consolava com exortações.

Quando se despediu da gente de Dundee, lhes disse que Deus quase tinha dado fim àquela peste, e que agora ele era chamado a outro lugar. Foi dali a Montrose, onde predicou algumas vezes, porém passou a maior parte de seu tempo em meditação privada e oração.

Se diz que antes de sair de Dundee, e enquanto estava dedicado à obra de amor para com os corpos e as almas daquelas coitadas pessoas aflitas, o cardeal Beaton induziu a um sacerdote papista fanático, chamado John Weighton, para que o matasse, e esta tentativa foi como se segue: um dia, depois que Wishart houve acabado um sermão e a gente tinha id embora, um sacerdote permaneceu em pé esperando ao pé das escadas, com uma adaga desembainhada em sua mão sob sua batina de padre. Mas o senhor Wishart, que tinha o olhar sagaz e penetrante, vendo o sacerdote enquanto descia do púlpito, lhe disse: "Meu amigo, o que você deseja?", e de imediato, aferrando-lhe a mão, lhe tirou a adaga. O

---

[11] Salmo 107.20.

sacerdote, aterrado, caiu de joelhos, confessou suas intenções, e lhe rogou perdão. A notícia correu e, chegando a ouvidos dos doentes, estes disseram: "Dai-nos o traidor, ou o tomaremos à força", e se lançaram sobre a porta. Porém Wishart, tomando o sacerdote em seus braços, lhes disse: "Quem lhe fizer dano, me fará dano a mim, porque não me tem feito mal algum, senão um grande bem, ensinando-me a ser mais prudente no futuro". Com esta conduta, apaziguou o povo, e salvou a vida do malvado sacerdote.

Pouco depois de voltar a Montrose, o cardeal de novo conspirou contra sua vida, fazendo-lhe enviar uma carta como procedente de um amigo íntimo, o senhor de Kennier, na que se pedia que acudisse a vê-lo com toda pressa, pois tinha caído numa repentina doença. Enquanto isso, o cardeal tinha apostado sessenta homens armados emboscados a uns dois quilômetros de Montrose, para assassiná-lo quando passasse por ali.

A carta foi entregue em mão de Wishart por um rapaz, que também lhe trouxe um cavalo para a viagem. Wishart, acompanhado por alguns homens honrados, amigos seus, empreendeu a viagem, mas vindo-lhe qualquer coisa à mente enquanto ia de caminho, voltou-se. Seus amigos se assombraram, e lhe perguntaram qual era a causa de seu proceder, ao qual ele respondeu: "Não irei; Deus mo proíbe; estou certo de que é uma traição. Que alguns passem a frente, e me digam o que encontram". Fazendo-o, descobriram a armadilha, e voltando a toda pressa, o disseram ao senhor Wishart; este disse, então: "Sei que acabarei minha vida nas mãos deste homem sanguinário, porém não assim".

Pouco tempo depois saiu de Montrose e passou a Edimburgo, para propagar o Evangelho naquela cidade. no caminho se alojou com um fiel irmão, chamado James Watson de Inner-Goury. Em meio da noite se levantou e saiu no pátio, e ouvindo-o dois homens, o seguiram com grande sigilo. No pátio ficou de joelhos, e orou com o maior fervor, depois do qual se levantou e voltou à cama. Seus acompanhantes, aparentando não saber nada, acudiram e lhe perguntaram onde tinha estado, mas não quis responde-lhes. No dia seguinte o importunaram para que contasse a eles, dizendo: "Seja franco conosco, porque ouvimos seus lamentos e vimos seus gestos".

A isto ele disse, com roto abatido: "Tomara que não tivésseis saído de vossas camas". Mas insistindo eles por saber algo, lhes disse: "Vou dizer-vos; estou certo de que minha batalha está perto de seu fim, e por isso oro a Deus para que fique comigo, e que eu não me acobarde quando a batalha ruja com maior força".

Pouco depois, ao saber o cardeal Beaton, arcebispo de St. Andrews, que o senhor Wishart estava na casa do senhor Cockburn, de Ormiston, em East Lothian, pediu ao regente que o fizesse apreender.

A isto acedeu o regente, após muita insistência e muito em contra de sua vontade.

Como conseqüência disto, o cardeal procedeu de imediato a julgar a Wishart, apresentando-se não menos de dezoito artigos de acusação em sua contra. O senhor Wishart respondeu aos respectivos artigos com tal coerência de mente e de uma forma tão erudita e clara que surpreendeu em grande medida aos presentes.

Acabado o interrogatório, o arcebispo tentou convencer o senhor Wishart para que se desdissesse; porém esse estava demasiado firme e arraigado em seus princípios religiosos e demasiado iluminado pela verdade do Evangelho para que não o pudessem mover no mais mínimo.

Na manhã da execução lhe vieram dois frades de parte do cardeal; um deles o vestiu de uma túnica de linho preto, e o outro trazia várias sacolinhas de pólvora, que lhe amarraram em diferentes partes do corpo.

Tão logo como chegaram á pira, o verdugo lhe colocou uma corda em volta do pescoço e uma corrente na cintura, com o qual ele se pôs de joelhos, exclamando: "Oh, Salvador do mundo, tem misericórdia de mim! Pai do céu, em tuas santas mãos encomendo meu espírito!"

Depois disto orou por seus acusadores, dizendo: "Rogo-te, Pai celestial, perdoa os que, por ignorância ou por mente perversa, têm forjado mentiras contra mim, os perdôo de todo coração. Rogo a Cristo que perdoe a todos os que ignorantemente me condenaram".

Foi então acorrentado à estaca, e ao acender-se a lenha, acendeu de imediato a pólvora que tinha amarrada por seu corpo, que explodiu numa conflagração de chamas e fumaça.

O governador do castelo, que estava tão perto que ficou chamuscado pela labareda, exortou ao mártir, em poucas palavras, a ter bom ânimo e pedir a Deus perdão por suas culpas. Ao qual ele respondeu: "Esta chama faz sofrer meu corpo, certamente, mão não tem quebrantado meu espírito. Mas o que agora me olhar de forma tão soberba desde seu exaltado trono (disse, indicando o cardeal) será, antes que transcorra muito tempo, lançado ignominiosamente, embora agora se folgue orgulhosamente de seu poder". Esta predição foi cumprida pouco depois.

O carrasco, que devia atormentá-lo, ficou de joelhos e lhe disse: "Senhor, rogo-vos que me perdoeis, porque não sou culpável de vossa morte". E ele lhe disse: "Vem aqui". Quando se aproximou dele, o beijou na face, e lhe disse: "Isto é uma mostra de que te perdôo. De coração, cumpre com teu ofício". E então foi colocado no patíbulo, pendurado e reduzido a cinzas. Quando a gente viu aquele grande suplício, não puderam reprimir algumas lastimosas lamentações e queixas pela matança daquele homem inocente.

Não se passou muito tempo após o martírio deste bem-aventurado homem de Deus, o Mestre George Wishart, que foi morto por David Beaton, o sanguinário arcebispo e cardeal da Escócia, o 1 de março de 1546, que o mencionado David Beaton, por justa retribuição divina, foi morto em seu próprio castelo de St. Andrews a mãos de um homem chamado Leslie e outros cavalheiros que, movidos por Deus, se lançaram de súbito sobre ele no último dia de maio daquele mesmo ano, enquanto ele estava na cama e berrava: "Aí, aí, não me mateis! Sou um sacerdote!". Assim como carniceiro viveu e como carniceiro morreu, e esteve sete meses e mais insepulto, e no final foi lançado como podridão num estercoleiro.

O último em sofrer martírio na Escócia por causa de Cristo foi um homem chamado Walter Mill, que foi queimado em Edinburgo, no ano 1558.

Este homem tinha viajado por Alemanha em seus anos moços, e ao voltar, designado sacerdote da igreja de Lunan em Angus mas, por uma denuncia de heresia, em tempos do cardeal Beaton, foi obrigado a abandonar seu posto e ocultar-se. Sem embargo, logo foi descoberto e apresado.

Interrogado por Sir Andrew Oliphant acerca de se iria reatratar-se de suas opiniões, respondeu em sentido negativo, dizendo que "antes perderia dez mil vidas que ceder uma partícula daqueles celestiais princípios que tinha recebido pela palavra de seu bendito Redentor".

Como conseqüência disto, se pronunciou de imediato sua sentença de morte, e foi levado ao cárcere para ser executado no dia seguinte.

Este corajoso crente em Cristo tinha oitenta e dois anos, e estava sumamente debilitado, pelo que se supunha que apenas seria ouvido. Contudo, quando foi conduzido ao lugar da execução, expressou suas crenças religiosas com tal valor e ao mesmo tempo com tal coerência lógica que deixou atônitos até a seus inimigos. Tão logo como se viu amarrado à estaca e a lenha foi acesa, se dirigiu assim aos espectadores: "A causa pela que sofro hoje não é nenhum crime (embora me reconheço um mísero pecador), senão somente sofro pela defesa da verdade segundo está em Jesus Cristo; e louvo ao Deus que tem me chamado, por Sua misericórdia, a selar a verdade com minha vida; a qual, assim como antes a recebi dEle, a entrego voluntária e gozosamente para Sua glória. Por isso, se quiserdes escapar à condição eterna, não vos deixeis seduzir mais pelas mentiras da sede do Anticristo: dependei somente de Jesus Cristo e de Sua misericórdia, e podereis ser liberados da condenação". Depois agregou que esperava ser o último em sofrer a morte na Escócia por causa da religião.

Assim entregou este piedoso cristão animadamente sua vida em defesa da verdade do Evangelho de Cristo, com a certeza de que seria feito participe de Seu reinado celestial.

CAPÍTULO 16 - Perseguições na Inglaterra durante o reinado da Rainha Maria

A prematura morte do célebre e jovem monarca Eduardo IV causou acontecimentos do mais extraordinários e terríveis que jamais tiveram lugar desde os tempos da encarnação de nosso bendito Senhor e Salvador em forma humana. Este triste acontecimento se converteu logo em tema de geral lamentação. A sucessão ao trono britânico chegou a ser objeto de disputa, e as cenas que se sucederam foram uma demonstração da séria aflição na que estava envolvido o reino. Conforme foram desenvolvendo-se mais e mais as conseqüências desta perda para a nação, a lembrança de seu governo veio a ser mais e mais um motivo de gratidão generalizada. A terrível expectativa que em seguida se apresentou aos amigos da administração de Eduardo, sob a direção de seus conselheiros e servos, veio a ser algo que as mentes reflexivas se viram obrigadas a contemplar com a mais alarmada apreensão. A rápida aproximação que se fez a uma total inversão das atuações do reinado do jovem rei mostrava os avanços que deste modo iam rumo a uma resolução total na direção das questões públicas tanto na Igreja como no estado.

Alarmados pela condição na que provavelmente ficaria implicado o reino pela morte do rei, a tentativa por impedir as conseqüências, que se viam sobrevir com muita claridade, produziu os mais sérios e fatais efeitos. O rei, em sua longa e prolongada doença, foi induzido a fazer testamento, no qual outorgava a coroa inglesa a Lady Jane, filha do duque de Suffolk, quem estava casada com LordeGuilford, filho do duque de Northumberland, e que era neta da segunda irmã do rei Henrique, casada com Carlos, duque de Suffolk. Por este testamento se passou por alto a sucessão de Maria e Elizabete, suas duas irmãs, pelo temor à volta ao sistema do papado; e o conselho do rei, com os chefes da nobreza, o alcaide maior da cidade de Londres, e quase todos os juízes e os principais legisladores do reino, assinaram seus nomes neste documento, como sanção a esta medida. O Lordeprincipal da Justiça, embora um verdadeiro protestante e reto juiz, foi o único em negar-se a colocar seu nome em favor de Lady Jane, porque já havia expressado sua opinião de que Maria tinha direito de tomar as rédeas do governo. Outros objetavam que Maria fosse colocada no trono, pelos temores que tinham de que pudesse casar com um estrangeiro, e com isso pôr a coroa em considerável perigo. Também a parcialidade que ela demonstrava em favor do papismo deixava bem poucas dúvidas nas mentes de muitos de que seria induzida a reavivar os interesses do Papa e a mudar a religião que tinha sido usada nos

dias de seu pai, o rei Henrique, como nos de seu irmão Eduardo; porque durante todo este tempo tinha ela manifestado uma grande teimosia e inflexibilidade, como será evidente em base à carta que enviou aos lorde s do conselho, pela qual apresentou seus direitos à coroa após a morte de seu irmão.

Quando esta teve lugar, os nobres, que se haviam associado para impedir a sucessão de Maria, e que tinham sido instrumentos em promover e talvez aconselhar as medidas de Eduardo, passaram rapidamente a proclamar a Lady Jane Gray como rainha da Inglaterra, na cidade de Londres e em várias outras cidades populosas do reino. Embora era jovem, possuía talentos de natureza superior, e seu aproveitamento sob um mui excelente tutor tinha-lhe dado grandes vantagens.

Seu reinado durou somente cinco dias, porque Maria, conseguindo a coroa por meio de falsas promessas, empreendeu rapidamente a execução de suas expressas intenções de extirpar e queimar a cada protestante. Foi coroada em Westminster da maneira usual, e sua ascensão foi o sinal para o início da sangrenta perseguição que teve lugar.

Tendo obtido a espada da autoridade, não foi remissa a empregá-la. Os partidários de lady Jane Gray estavam destinados a sentir sua força. O duque de Northumberland foi o primeiro em experimentar seu selvagem ressentimento. Depois de um mês de encerro na Torre foi condenado, e levado ao cadafalso para sofrer como traidor. Devido à variedade de seus crimes provocados por uma sórdida e desmesurada ambição, morreu sem que ninguém se compadecesse dele nem o lamentasse.

As mudanças que se sucederam com toda celeridade declararam de maneira inequívoca que a rainha era pouco afeiçoada ao atual estado da religião. O doutor Poynet foi afastado para dar lugar a Gardiner como bispo de Winchester, o qual recebeu também o importante posto de LordeChanceler. O doutor Ridley foi expulso da sede de Londres, e Bonne colocado em seu lugar. J. Story foi banido do bispado de Chichester, para pôr ali o doutor Day. J. Hooper foi enviado predo a Fleet, e o doutor Heath instalado na sede de Worcester. Miles Coverdale foi também efastado de Exeter, e o doutor Vesie tomou seu lugar naquela diocese. O doutor Tonstail foi também ascendido à sede de Durham. Ao observar-se e indicar-se estas modificações, foram oprimindo-se e turbando-se mais e mais os corações dos bons homens; mas os malvados se regozijavam. Aos mentirosos tanto dava como fosse a questão; mas àqueles cujas consciências estavam ligadas à verdade perceberam como se acendiam as fogueiras que depois deveriam servir para destruição de tantos verdadeiros cristãos.

As palavras e a conduta de lady Jane Gray no cadafalso

A seguinte vítima foi a gentil lady Jane Gray, que, por sua aceitação da coroa ante as insistentes petições de seus amigos, incorreu no implacável ressentimento de Maria. Ao subir no cadafalso, se dirigiu com estas palavras aos espectadores: "Boa gente, vim aqui para morrer, e por uma lei tenho sido condenada a isso. O fato contra a majestade da rainha era ilegítimo, e que eu acedesse a isso; porém acerca da tomada de decisão e o desejo do mesmo por minha parte ou em meu favor, me lavou neste dias as mãos em minha inocência diante de Deus e diante de vós, boa gente cristã". E fez então o movimento de esfregar-se as mãos, nas que tinha seu livro. Depois disse: "Peço-vos a todos, boa gente cristã, que me sejais testemunhas de que morro como boa cristã, e que espero ser salva somente pela misericórdia de Deus no sangue de seu único Filho Jesus Cristo, e não por nenhum outro médio; e confesso que quando conheci a Palavra de Deus a descuidei, amando-me a mim mesma e ao mundo, e por isso felizmente e com merecimento me sobreveio esta praga e castigo; porém dou graças a Deus que em sua bondade me deu desta maneira tempo e descanso para arrepender-me. E agora, boa gente, enquanto estou viva, rogo-vos que me auxilieis com vossas orações". Depois, ajoelhando-se, se dirigiu a Feckenham, dizendo-lhe: "Direi este Salmo?", e ele disse: "SIM". Então pronunciou o Salmo Miserere meu Deus em ingles, da forma mais devota até o final; depois se levantou, e deu a sua dama, a senhora Ellen, suas luvas e seu lenço, e seu livro ao senhor Bruges; depois desamarrou seu vestido, e o carrasco se aproximou para ajudá-la a tirá-lo; mas ela, pedindo-lhe que a deixasse sozinha, se voltou para suas duas damas, que a ajudaram a tirá-lo, e também lhe deram um bonito lenço com o qual vendar seus olhos.

Depois o carrasco se ajoelhou, e lhe pediu perdão, dando-o ela bem disposta. Depois pediu-lhe que ficasse de pé sobre a palha, e ao fazê-lo viu o talho. Então disse: "Rogo-te que acabes comigo rapidamente". Depois se ajoelhou, dizendo: "Me decapitarás antes que a estique?" E o verdugo disse: "Não, senhora". Então se vendou os olhos, e tateando para achar o talho, disse: "Que vou fazer? Onde está, onde está?". Um dos que ali estavam a conduziu, e ela pus a cabeça sobre o talho, e depois disse: "Senhor, em tuas mãos encomendo meu espírito". Assim acabou sua vida, no ano do Senhor de 1554, o 12 de fevereiro, tendo por volta de dezessete anos.

Assim morreu lady Jane; e naquele mesmo dia foi decapitado lorde Guilford, seu marido, um dos filhos do duque de Northumberland; eram dois inocentes em comparação com aqueles que estavam sobre eles. Porque eram muito jovens, e aceitaram ignorantemente aquilo que outros haviam tramado, consentindo que por proclamação pública fosse arrebatado para outros o que lhes fora dado a eles.

Acerca da condenação desta piedosa dama, deve lembrar-se que o juiz Morgan, que pronunciou sentença contra ela, caiu louco depois de tê-la condenado, e em seus delírios clamava continuamente que tiraram a lady Jane de diante dele, e assim acabou sua vida.

O 21 do mesmo mês, Henrique, duque de Suffolk, foi decapitado na Torre, o quarto dia depois de sua condena; naquele mesmo tempo muitos cavalheiros e fidalgos foram condenados, dos quais alguns foram executados em Londres, e outros em outros condados. Entre eles se encontrava lorde Tomás Gray, irmão do duque de Suffolk, que foi apresado não muito tempo depois no norte de Gales, e executado pela mesma causa. Sir Nicolas Throgmorton escapou muito apressadamente.

John Rogers, vicário do Santo Sepulcro, e leitor de são Paulo em Londres

John Rogers se educou em Cambridge, e foi depois muitos anos capelão dos mercadores empurrados a Amberes, em Brabante. Ali conheceu o célebre mártir William Tyndale, e a Miles Coverdale, ambos voluntariamente exilados de seu país por sua aversão à superstição e idolatria papal. Eles foram os instrumentos de sua conversão, e se uniu com eles na produção daquela tradução da Bíblia ao inglês conhecida como a "Tradução de Tomás Mathew". Pelas Escrituras soube que os votos ilegítimos podiam ser legitimamente quebrantados; por isso se casou e se dirigiu a Wittenberg, na Saxônia, para aumentar seus conhecimentos; ali aprendeu a língua alemã, e recebeu o encargo de uma congregação, cargo que desempenhou fielmente durante muitos anos. ao aceder o rei Eduardo ao trono, se foi a Saxônia para impulsionar a obra da Reforma na Inglaterra. Após um tempo, Nicolas Ridley, que era então o bispo de Londres, o fez canônigo da catedral de são Paulo, e o decano e o capítulo o designaram leitor da lição de teologia. Ali continuou até o Ascenso ao trono da rainha Maria, quando foram desterrados o Evangelho e a verdadeira religião, e introduzido o Anticristo de Roma, com sua superstição e idolatria.

A circunstância pela qual o senhor Rogers predicou em Paul's Cross depois que a rainha Maria chegasse à Torre, já foi relatada. Confirmou ele em seus sermões a doutrina ensinada na época do rei Eduardo, exortando o povo a guardar-se da abominação do papismo, da idolatria e da superstição. Por esta razão foi chamado a dar conta, mas se defendeu de maneira tão capaz que foi pelo momento libertado. Mas a proclamação da rainha proibindo a verdadeira predicação deu a seus inimigos um novo pretexto contra ele. Por isso, foi chamado de novo ante o conselho, e se ordenou seu arresto domiciliário. Ficou então em sua casa, embora houvesse podido escapar e foi quando viu que o estado da verdadeira religião era desesperado. Sabia que não lhe

faltaria um salário na Alemanha; e não podia esquecer sua mulher nem seus dez filhos, nem deixar de tentar obter os meios para suprir suas necessidades. Mas todas estas coisas foram insuficientes para induzi-lo a ir embora, e, quando foi chamado a responder a causa de Cristo, a defendeu firmemente, e pus sua vida em perigo por esta causa.

Depois de um longo encarceramento em sua própria casa, o agitado Bonner, bispo de Londres, o fez encerrar em Newgate, lançando-o em companhia de ladrões e assassinos.

Depois que o senhor Rogers tiver sofrido um estrito encarceramento durante um longo tempo, entre ladrões, e tendo sofrido muitos interrogatórios e um tratamento muito pouco caritativo, foi finalmente condenado da forma mais injusta e cruel por Stephen Gardiner, bispo de Winchester, o 4 de fevereiro de 1555. Uma segunda-feira pela manhã, foi repentinamente advertido pelo guarda de Newgate que se preparasse para a fogueira. Estava profundamente dormido, e lhes deu muito trabalho acordá-lo. ao final, desperto e levantado, ao ser apressado, disse: "Se é assim, não há necessidade de amarrar-me os sapatos". Assim o levaram, primeiro ao bispo Bonner, para que o degradasse. Feito isto, lhe fez um único pedido ao bispo Bonner, e este lhe perguntou de que se tratava. O senhor Rogers lhe pediu para falar um breve tempo com sua mulher antes de ser queimado; porém o bispo se negou.

Quando chegou o momento de ser levado de Newgate a Smithfield, onde seria executado, um xerife chamado Woodroofe se aproximou do senhor Rogers e lhe perguntou se queria desdizer-se de sua abominável doutrina e da má opinião acerca do Sacramento do altar. O senhor Rogers respondeu: "O que tenho predicado o selarei com meu sangue". Então Woodroofe lhe disse: "Tu és um herege". "Isto se saberá", replicou o senhor Rogers "no Dia do Juízo". "Bem", disse Woodroofe, "nunca orarei por ti". "Porém eu sim orarei por ti", disse-lhe o senhor Rogers; assim foi tirado naquele mesmo dia, o 4 de fevereiro, e levado pelos xerifes até Smithfield, dizendo pelo caminho o Salmo Miserere, e deixando o povo surpreendido com sua inteireza, dando louvores a Deus e gratidão por tudo. Ali, em presença do senhor Rochester, controlador da Casa da Rainha, de Sir Richard Sothwell, ambos xerifes e uma grande multidão, foi reduzido a cinzas, lavando-se as mãos na chama enquanto ardia. Pouco antes de ser queimado lhe trouxeram o indulto, caso se desdissesse; mas negou-se de forma total. Ele foi o primeiro mártir de toda a bendita companhia que sofreu em tempos da Rainha Maria. Sua mulher e filhos, onze em total, dez que podiam caminho e um bebê de peito, foram vê-lo no caminho, enquanto se dirigia a Smithfield. O triste espetáculo de ver sua própria carne e sangue não o moveu, contudo, a debilidade, senão que aceitou

sua morte com constância e ânimo, em defesa e na batalha do Evangelho de Cristo.

O reverendo Lawrence Saunders

O senhor Saunders, depois de passar algum tempo na escola de Eaton, foi escolhido para ir ao King's College, em Cambridge, onde permaneceu durante três anos, crescendo em conhecimentos e aprendendo muito por aquele breve espaço de tempo. Pouco depois saiu da universidade e voltou à casa de seus pais, mas logo voltou a Cambridge para seguir estudando, e começou a agregar ao conhecimento do latim o estudo das línguas gregas e hebraica, e se deu ao estudo das Sagradas Escrituras, para capacitar-se melhor para o ofício de predicador.

A começo do reinado de Eduardo, quando foi introduzida a verdadeira religião de Deus, depois de obter licença começou a predicar, e foi tão do agrado dos que então tinham autoridade, que o designaram para ler um conferencia de teologia no College de Fothringham. Ao dissolver-se o College de Fothringham, foi designado como leitor da catedral em Litchfield. Depois de um certo tempo, saiu daí com uma prebenda em Leicestershire chamada Church-Langton, onde teve residência, ensinou com diligência, e manteve casa aberta. Dali foi chamado a tomar uma prebenda na cidade de Londres chamada Todos Santos, em Bread Street. Depois disso predicou em Northhampton, nunca misturando-se com o estado, más pronunciando-se abertamente sua consciência contra os papistas que podiam logo voltar a levantar cabeça na Inglaterra, como uma justa peste pelo escasso amor que mostrava a nação inglesa então pela bendita Palavra de Deus, que tinha-lhes sido oferecida de forma tão abundante.

O partido da rainha se encontrava ali, e ao ouvi-lo se sentiram ofendidos por seu sermão por isso o levaram preso. Mas em parte por seu amor a seus irmão e amigos, que eram os principais agentes da rainha entre eles, e em parte porque não tinha quebrantado lei alguma com sua predicação, o deixaram ir.

Alguns de seus amigos, ao ver aquelas terríveis ameaças, lhe aconselharam que fugisse do reino, o que ele recusar a fazer. Mas ao ver que seria privado por meios violentos de fazer o bem naquele lugar, voltou a Londres a visitar sua grei.

Na tarde do domingo 15 de outubro de 1554, enquanto lia em sua igreja para exortar a seu povo, o bispo de Londres o interrompeu, enviando um xerife para levá-lo.

Disse o bispo que em sua caridade se comprazia em deixar passar sua traição e sedição por enquanto, mas que estava disposto a demonstrar que era herege ele e todos os que ensinavam que a

administração dos Sacramentos e todas as ordens da Igreja são mais puros quanto mais se aproximam à ordem da Igreja primitiva.

Depois de uma longa conversação acerca desta questão, o bispo lhe pediu que escrevesse o que acreditava acerca da transubstanciação. Lawrence Saunders o fez, dizendo: "Meu senhor, vós buscais meu sangue, e o tereis; rogo a Deus que sejais batizado nele de modo tal que desde então abomineis o derramamento de sangue e vireis um homem melhor". Acusado de contumácia, as severas réplicas do senhor Saunders ao bispo (que em épocas passadas, para obter o favor de Henrique VIII havia escrito e feito imprimir um livro de verdadeira obediência, no qual havia declarado abertamente que Maria era uma bastarda), o irritaram de tal modo que exclamou: "Levai este frenético insensato à prisão".

Depois deste bom e fiel mártir passou encarcerado um ano e três meses, os bispos finalmente o chamaram, a ele e a seus companheiros de prisão, para serem interrogados ante o conselho da rainha.

Acabado seu interrogatório, os oficiais o tiraram do lugar, e ficaram fora até que o resto de seus companheiros fossem igualmente interrogados, para levá-los a todos junto de novo ao cárcere.

Depois de sua excomunhão e entrega ao braço secular, foi levado pelo xerife de Londres ao Compter, um cárcere em sua própria paróquia de Bread Stree, com o qual se regozijou grandemente, porque ali encontrou um companheiro de cárcere, o senhor Cardmaker, com quem teve muitas consoladoras conversações cristãs; e porque quando saísse daquela prisão, como antes em seu púlpito, poderia ter a oportunidade de predicar a seus fiéis. O 4 de fevereiro, Bonner, bispo de Londres, acudiu à cela para degradá-lo; no dia seguinte, pela manhã, o xerife de Londres o entregou a certos membros da guarda da rainha, que tinham ordem de levá-lo à cidade de Coventry, para ali ser queimado.

Quando houveram chegado em Coventry, um coitado sapateiro que costumava servi-lo com sapatos, acudiu a ele e lhe disse: "Oh, meu bom senhor, que Deus lhe fortaleça e console". "bom sapateiro", lhe respondeu o senhor Saunders, "te peço que orem por mim, porque sou o homem mais inapropriado que jamais tenha sido designado para esta elevada missão; porém meu Deus e Pai amante e cheio de graça é suficiente para fazer-me forte como seja necessário". No dia seguinte, o 8 de fevereiro de 1555 foi levado ao lugar da execução, no parque fora da cidade. Foi numa túnica velha e camisa, descalço, e amiúde se prostrava em terra para orar. Quando chegaram perto do lugar, o oficial designado para cuidar da execução disse ao senhor Saunders que ele era um dos que faziam mal ao reino da rainha, porém que se retratasse haveria perdão para ele. "Não serei eu", respondeu o santo mártir, "senão vós outros os que fazeis dano ao reino. O que eu

sustento é o bendito Evangelho de Cristo; acredito nele, o ensinei, e jamais o revogarei". Depois o senhor Saunders se dirigiu lentamente para o fogo, se ajoelhou em terra e orou. Depois se levantou, abraçou a estaca e disse várias vezes: "Bem-vinda, cruz de Cristo! Bem-vinda, vida eterna!". Aplicaram então fogo á pira, e ele, abrumado pelas terríveis labaredas, caiu dormido em braços do Senhor Jesus.

A história, encarceramento e interrogatório do senhor John Hooper, bispo de Worcester e Gloucester

John Hooper, estudante e graduado da Universidade de Oxford, sentiu-se tão movido com tão fervoroso desejo de amar e conhecer as Escrituras que se viu obrigado a ir embora dali, e ficou em casa de Sir Tomás Arundel como mordomo, até que Sir Tomás soube de suas opiniões e religião, que ele não favorecia de modo algum, ainda que favorecesse cordialmente sua pessoa e condição e anelasse ser seu amigo. O senhor Hooper teve agora a prudência de abandonar a casa de Sir Tomás e foi a Paris, porém pouco tempo depois voltou para Inglaterra, e foi acolhido pelo senhor Sentlow, até o momento em que de novo foi fustigado e perseguido, com o que voltou a passar para a França, e às terras altas da Alemanha; ali, entrando em contato com homens eruditos, recebeu deles livre e afetuosa hospitalidade, tanto na Basiléia como especialmente em Zurique, pelo senhor Bullinger, que foi especialmente amigo dele; ali também casou com sua mulher, que era de Borgonha, e se aplicou diligentemente ao estudo da língua hebraica.

No final, quando Deus teve o beneplácito de dar fim ao sangrento tempo dos seis artigos e dar-nos o rei Eduardo para reinar sobre este reino, com alguma paz e repouso para a Igreja, entre os muitos outros exilados que voltaram à pátria se encontrava também o senhor Hooper, quem voltou conscientemente, não para ausentar-se de novo, senão buscando o momento e a oportunidade, oferecendo-se para impulsionar a obra do Senhor até os limites de sua capacidade.

Quando o senhor Hooper se despediu do senhor Billinger e de seus amigos em Zurique, se dirigiu de volta à Inglaterra no reinado do rei Eduardo VI, e chegando a Londres, começou a predicar, a maioria dos dias duas vezes, ou pelo menos uma vez por dia.

Em seus sermões, conforme seu costume, corrigia o pecado e falava severamente Cintra a iniqüidade do mundo e os abusos corrompidos da Igreja. O povo comparecia em grandes multidões e grupos a ouvir sua voz a diário, como se fosse o som mais melodioso e a música da harpa de Orfeu, de modo que às vezes, quando predicava, a igreja estava tão lotada que não cabia nem uma agulha. Era fervoroso em seu ensino, eloqüente em sua palavra, perfeito nas Escrituras, infatigável em sua tarefa, exemplar em sua vida.

Tendo predicado ante a majestade real, logo foi designado bispo de Gloucester. Prosseguiu dois anos naquele cargo, e se comportou tão bem que seus inimigos não puderam achar ocasião contra ele, e depois foi feito bispo de Worcester.

O doutor Hooper cumpriu a função do mais solícito e vigilante pastor por espaço de dois anos e algo a mais, enquanto o estado da religião, no reinado do rei Eduardo, foi sadio e florescente.

Depois de ser sido citado a comparecer ante Bonner e o doutor Heath, foi levado ao Conselho, acusado em falso de dever dinheiro à rainha, e no ano seguinte, 1554, escreveu relato dos duros tratos recebidos durante um confinamento de dezoito meses no Fleet, e depois de seu terceiro interrogatório, o 28 de janeiro de 1555, em St. Mary Overy's, ele e o reverendo Rogers foram levados ao Compter em Southwark, onde foram deixados até o dia seguinte às nove da manhã, para ver se voltavam para trás. "Venha, irmão Rogers", lhe disse o doutor Hooper, "devemos tomar esta questão por nós, e começar a sermos assados nestas fogueiras?" "Sim, doutor", disse o senhor Rogers, "pela graça de Deus". "Não tenha dúvida alguma", respondeu o doutor Hooper "de que Deus nos dará forças"; e o povo apludia tanto sua tenacidade que apenas se podiam passar.

O 29 de janeiro, o bispo Hooper foi degradado e condenado, e o reverendo senhor Rogers foi tratado de forma similar. Ao escurecer, o doutor Hooper foi levado a Newgate pelo meio da cidade; ao passar muitas pessoas saíram a suas portas com luzes, saudando-o e dando graças a Deus pela sua constância. Durante os poucos dias que esteve em Newgate foi freqüentemente visitado por Bonner e outros, mas sem êxito algum. Tal como Cristo foi tentado, assim o tentaram a ele, e depois informaram maliciosamente que se havia retratado. O lugar de seu martírio foi fixado em Gloucester, com o que se regozijou muito, levantando ao olhos ao céu, e louvando a Deus que o enviava entre aquela gente da qual era pastor, para confirmar ali com sua morte a verdade que antes tinha-lhes ensinado.

O 7 de fevereiro chegou a Gloucester, por volta das cinco da tarde, e se alojou na casa de um chamado Ingram. Depois de dormir um pouco, se manteve em oração até a manhã; e o resto do dia o dedicou do mesmo modo à oração, exceto um pouco de tempo nas comidas e quando conversava com aqueles que o guarda gentilmente lhe permitia.

Sir Anthony Kingston, que antes tinha sido um bom amigo do doutor Hooper, foi designado por uma carta da rainha para que presidisse a execução. Tão logo como viu o bispo prorrompeu em lágrimas. Com entranháveis rogos o exortou a viver. Certo é que a morte é amarga, e que a vida é doce", lhe disse o bispo, "porém, ay! Considera que a morte vindoura é mais amarga, e que a vida vindoura é mais doce".

Aquele mesmo dia um menino cego recebeu permissão para ser conduzido à presença do doutor Hooper. Aquele mesmo menino tinha sofrido prisão em Gloucester, não muito tempo antes, por confessar a verdade. "Ah, pobre menino!", disse o bispo, "embora Deus tenha tirado a visão externa, pela razão que Ele saberá melhor, contudo tem dotado tua alma com a visão do conhecimento e da fé. Que Deus te dê graça para que ores a Ele continuamente, para que não percas a visão, porque então estarias certamente cego de corpo e alma".

Enquanto o alcaide esperava que se preparasse para a execução, ele expressou sua total obediência, e somente pediu que fosse um fogo rápido que desse fim a seus tormentos. Depois de levantar-se pela manhã, pediu que não deixassem entrar ninguém em sua câmara, para poder ficas a sós até a hora da execução.

Por volta das 8 da manhã do dia 9 de fevereiro de 1555 foi tirado, e havia milhares de pessoas congregadas, porque era dia de mercado. A todo o longo do caminho, tendo ordens estritas de não falar, e vendo o povo, que se lamentava amargamente por ele, levantava seus olhos ao céu, e olhava alegremente aos que conhecia; nunca o viram, durante todo o tempo que estivera entre eles antes, com um semblante tão alegre e iluminado como naquela ocasião. Quando chegou no lugar designado para a execução, contemplou sorridente a estaca e os preparativos feitos para ele, perto do grande olmo diante do colégio de sacerdotes, onde costumava predicar antes.

Agora, depois de ter entrado em oração, trouxeram uma caixa e a colocaram sobre um banquinho. Na caixa estava o perdão da rainha se ele voltava atrás. Ao vê-lo, exclamou: "Se amais minha alma, tirai isso dali!" Ao ser tirada a caixa, disse lorde Chandois: Já vedes que não há remédio; acabai com ele rapidamente".

Agora deram ordem para que se acendesse o fogo. Porém devido a que não havia mais lenha verde que a que podiam trazer dois cavalos, não acendeu rapidamente, e também se passou bastante tempo antes que acendessem as canas sobre a lenha. No final acendeu o fogo em sua volta, mas havendo muito vento naquele lugar, e sendo uma manhã glacial, afastava a chama a seu redor, pelo que apenas foi tocado pelo fogo.

Após um tempo trouxeram lenha seca, e se acendeu um novo foco com brasas (porque não havia já mais canas), e somente queimou a parte de baixo, mas não tinha muita chama por acima, devido ao vento, embora lhe queimou o cabelo e lhe abrasou um pouco a pele. Durante o tempo deste fogo, já desde a primeira labareda, orou, dizendo mansamente, e não muito forte, como algum sem dor: "Oh, Jesus, Filho de Davi, tem misericórdia de mim e recebe minha alma!" Quando se houve apagado o segundo fogo, se esfregou ambos olhos com as mãos, e olhando as pessoas, disse-lhe com voz calma e forte:

"Pelo amor de Deus, boa gente, colocai mais fogo!". Enquanto isso seus membros inferiores ardiam, mais as brasas eram tão poucas que a chama somente chamuscava suas partes superiores.

Acenderam o terceiro fogo após um tempo, que era mais intenso que os outros dois. Neste fogo ele orou em alta voz: "Senhor Jesus, tem misericórdia de mim! Senhor Jesus, recebe meu espírito!" E estas foram as últimas vozes que se ouviram. Mas quando tinha a boca escurecida e sua língua estava tão inchada que não podia falar, catacumba se moveram seus lábios até ficarem encolhidos sobre as gengivas, e se batia no peito com suas mãos até que um de seus braços se desprendeu, e depois continuou batendo com a outra,mas enquanto saia gordura, sangue e água dos extremos dos dedos; finalmente, ao renovar-se o fogo, desapareceram suas energias, e sua mão ficou fixa após bater na corrente sobre seu peito. Depois, inclinando-se para a frente, entregou seu espírito.

Assim permaneceu três quartos de hora ou mais no fogo. Como um cordeiro, paciente, suportou esta atroz tortura, não mexendo-se nem para atrás nem para nenhum lado, senão que morreu tão aprazivelmente como um bebê em seu berço. E agora reina, não tenho dúvida, como bendito mártir nos gozos do céu, preparados para os fiéis em Cristo desde antes da fundação do mundo, e pela constância dos quais todos os cristãos devem louvar a Deus.

A vida e conduta do doutor Rowland Taylor de Hadley

O doutor Rowland Taylor, vigário de Hadley, em Suffolk, era homem de eminente erudição, e tinha sido admitido ao grau de doutor de lei civil e canônica.

Sua adesão aos princípios puros e incorruptos do cristianismo o recomendaram ao favor e à amizade do doutor Cranmer, arcebispo de Canterbury, com quem viveu muito tempo, até que por meio de seu interesse obteve o vicariato de Hadley.

Não só sua palavra lhes predicava, senão que toda sua vida e conversação era um exemplo de vida cristã não fingida e de verdadeira santidade. Estava isento ed soberba; era humilde e gentil como uma criança, de modo que ninguém era tão pobre que não pudesse recorrer a ele como a um pai, com toda liberdade; e sua humildade não era infantil ou cobarde, senão que, quando a ocasião o demandava e o lugar o requeria, era firme em repreender o pecado e os pecadores. Ninguém era demasiado rico para que ele não fosse a repreendê-lo claramente por suas faltas, com recriminações tão solenes e graves como convinham a um bom clérigo e pastor. Era um homem disposto a fazer o bem a todos; perdoava bem disposto a seus inimigos, e nunca tentou fazer dano algum e ninguém.

Era, para os pobres que eram cegos, coxos, que estavam doentes, deitados no leito da dor, ou que tinham muitos filhos, um verdadeiro padre, um protetor solícito, e um provedor diligente, de forma que fez que os fiéis fizessem um fundo geral para eles; e ele mesmo (além do alívio contínuo que sempre encontravam em sua casa) dava uma porção digna a cada ano às oferendas comuns. Sua mulher era também uma matrona honrada, discreta e sóbria, e seus filhos, e seus filhos estavam bem educados, criados no temor de Deus e numa boa instrução.

Era boa sal da terra, com um sadio mordente para as formas corrompidas dos malvados; luz na casa de Deus, colocada num candeeiro para que o imitassem e continuassem todos os homens bons.

Assim continuou este bom pastor entre sua grei, governando-os e conduzindo-os através do deserto deste malvado mundo, todos os dias daquele santo e inocente rei de abençoada memória, Eduardo VI. Porém a sua morte, e com a ascensão da Rainha Maria ao trono, não escapou à negra nuvem que se abateu também sobre os santos; porque dois membros de sua paróquia, um advogado chamado Foster e um comerciante chamado Clark, guiados pelo cego zelo, decidiram que se celebrasse a missa com todas suas formas de superstição, na igreja paroquial de Hadley, na segunda-feira antes da Páscoa. O doutor Taylor, entrando na igreja, o proibiu estritamente; porém Clarck expulsou o doutor fora da igreja, celebrou a missa e imediatamente informou ao lorde chanceler, bispo de Winchester, de sua conduta, o qual o chamou a comparecer e a dar resposta das acusações que se faziam contra ele.

O doutor, ao receber o chamamento, se preparou bem disposto para obedecê-lo, rejeitando o conselho de seus amigos para fugir ao outro lado do mar. Quando Gardiner viu o doutor Taylor, o injuriou, segundo era seu costume. O doutor Taylor escutou os insultos com paciência, e quando o bispo lhe disse: "Como te atreves a olhar-me na cara? Não sabes quem sou eu?", o doutor Taylor respondeu: "Vós sois Stephen Gardiner, bispo de Winchester e lorde chanceler, mas somente sois um homem mortal. Contudo, se eu devesse temer vossa senhoril aparência, por que não temeis vós a Deus, o Senhor de todos nós? Com que rosto aparecereis ante o tribunal de Cristo, e respondereis do juramento que fizestes primeiro ao rei Henrique VIII, e depois a seu filho o rei Eduardo VI?"

Continuou sua longa conversação, na que o doutor Taylor falou tão mesurada e severamente a seu antagonista que este exclamou: "Tu és um blasfemo herege! Em verdade blasfemas contra o bendito Sacramento (e aqui tirou o chapéu) e falas em contra da santa missa,

que é constituída sacrifício pelos vivos e os mortos!". Depois, o bispo o entregou ao tribunal real.

Quando o doutor Taylor chegou ali, encontrou o virtuoso e diligente predicador da Palavra de Deus que era o senhor Bradford, o qual igualmente deu graças a Deus por dar-lhe tão bom companheiro de prisão; e ambos juntos louvaram a Deus, e persistiram em oração, em leitura, e em exortar-se mutuamente.

Depois que o doutor Taylor esteve um tempo em cárcere, foi citado para comparecer sob as arcadas da igreja de Bow.

Condenado, o doutor Taylor foi enviado a Clink, e os guardas daquele cárcere receberam ordens de tratá-lo mal. Pela noite foi levado a Poultry Compter.

Quando o doutor Taylor houve permanecido em Compter por volta de uma semana, o 4 de fevereiro chegou Bonner para degradá-lo, levando consigo ornamentos pertencentes à comédia da missa; porém o doutor recusou aqueles disfarces, que finalmente lhe foram colocados pela força.

A noite depois de ser degradado, sua mulher o visitou com seu servo John Hull e com seu filho Tomás, e pela bondade dos carcereiros puderam jantar com ele.

Depois de jantar, andando adiante e atrás, deu graça a Deus por sua graça, que lhe tinha dado a fortaleza para manter-se em sua santa Palavra. Com lágrimas oraram juntos, e se beijaram. A seu filho Tomás lhe deu um livro latino que continha os ditados notáveis dos antigos mártires, e no final do mesmo escreveu seu testamento: "Digo a minha esposa e a meus filhos: o Senhor me deu a vós outros, e o Senhor me tira de vós e a vós de mim. Bendito seja o nome do Senhor! Acredito que são bem-aventurados os que morrem pelo Senhor. Deus se cuida dos passarinhos, e conta os cabelos de nossas cabeças. O encontrei a Ele mais fiel e favorável do que possa sê-lo nenhum pai ou marido. Portanto, confiai nEle por meio dos méritos de nosso amado Senhor Jesus Cristo; crede nEle, amai-o, temei-o e obedecei-o. orar a Ele, porque Ele tem prometido ajudar. Não me considereis morto, porque certamente viverei e nunca morrerei. Vou na frente, e vós me seguireis depois a nosso eterno lar".

Pela manhã, o xerife de Londres e seus oficiais foram a Compter às duas da madrugada, e levaram o doutor Taylor, e sem luz alguma o conduziram a Woolsalk, uma pousada fora das muralhas, perto de Aldgate. A mulher do doutor Taylor, que suspeitava que naquela noite levariam seu marido, tinha ficado vigiando na entrada da igreja de St. Botolph, junto de Aldgate, tendo suas duas filhas consigo, Elizabete, de treze anos (a qual, órfã de pai e mãe tinha sido adotada pelo doutor Taylor desde os três anos de idade) e outra, Maria, filha carnal do doutor Taylor.

Agora, quando o xerife e seu grupo chegaram frente à igreja de St. Botolph, Elizabete gritou: "Pai querido! Mãe, mãe, ali estão levando meu pai!" Então, a mulher gritou: "Rowland, Rowland, onde estás?", porque era uma manhã sumamente escura, e não podiam ver-se bem uns a outros. O doutor Taylor respondeu: "Querida esposa, estou aqui", e se deteve. Os homens do xerife o teriam empurrado para obrigá-lo a prosseguir o caminho, porém o xerife disse: "Detende-vos um pouco, senhores, rogo-vos, e deixai-o falar com sua mulher". Então se detiveram.

E ela se aproximou dele, e ele tomou sua filha Maria em seus braços; ele, sua mulher e Elizabete se ajoelharam e oraram a Oração do Senhor, ante o qual o xerife chorou abertamente, como também vários outros da companhia. Depois de ter orado, se levantou e beijou a sua mulher, e lhe deu a mão, dizendo-lhe: "Adeus, minha querida esposa; encoraja-te, porque tenho a consciência em paz. Deus suscitará um pai para minhas filhas".

A todo o longo do caminho, o doutor Taylor esteve gozoso e feliz, como dispondo-se para ir ao banquete ou festa de bodas mais esplendoroso. Disse muitas coisas notáveis ao xerife e aos cavalheiros da guarda que o levavam, e freqüentemente os moveu às lágrimas, com seus fervorosos chamamentos a arrepender-se e a emendar suas vidas malvadas e perversas. Outras várias vezes os assombrou e alegrou, ao vê-lo tão constante e firme, carente de temor, gozoso de coração, e feliz de morrer.

Quando chegou a Aldham Common, o lugar onde devia sofrer, ao ver tanta multidão reunida, perguntou: "Qual é este lugar, e para que se tem reunido tanta gente aqui?" Lhe responderam: "Este lugar se chama Aldham Common, o lugar de teu sofrimento; e esta gente tem vindo a contemplar-te". Então ele disse: "Graças a Deus, já quase estou em casa!", e desmontou de seu cavalo e com ambas as mãos se arrancou o capuz da cabeça.

Seu cabelo tinha sido raspado e cortado como se cortava cabelo aos loucos, e o custo disto o havia sufragado o bom bispo Bonner de seu próprio bolso. Mas quando o povo viu seu reverendo e ancião rosto, com uma longa barba branca, prorromperam todos em lágrimas, chorando e clamando: "Deus te salve, bem doutor Taylor! Que Jesus Cristo te fortaleça e te ajude! Que o Espírito Santo te conforte!" e outros bons desejos parecidos.

Depois de orar foi até a estaca e a beijou, e entrou num barril de breu que tinham colocado para que entrasse nele, e ficou de pé dando-lhe as costas à estaca, com as mãos pregadas juntas, e os olhos no céu, e orando de contínuo.

Depois o amarraram com correntes, e tendo colocado a lenha, um chamado Warwick lhe lançou cruelmente um feixe de lenha acima, que

o bateu na cabeça e lhe cortou o rosto, de modo que manou sangue. Então o doutor Taylor lhe disse: "Amigo, já tenho suficiente dano, para que isto?"

Sir John Shelton estava perto enquanto o doutor Taylor falava, e ao dizer o Salmo Miserere em inglês, lhe bateu nos lábios: "Velhaco", lhe disse, "fala em latim: te obrigarei". Afinal acenderam o fogo, e o doutor Taylor, alçando ambas mãos e clamando a Deus, disse: "Misericordioso Pai do céu! Por causa de Jesus Cristo, meu Salvador, recebe minha alma em tuas mãos!". Assim permaneceu então sem gritar nem mexer-se, com as mãos juntas, até que Soyce o feriu na cabeça com uma lança até derramar-se-lhe os miolos, e o cadáver caiu dentro do fogo.

Assim entregou este homem de Deus sua bendita alma em mãos de seu misericordioso Pai, e a seu armadíssimo Salvador Jesus Cristo, a quem amou tão completamente, e tinha predicado tão fiel e fervorosamente seguindo-o com obediência em sua vida, e glorificando-o constantemente em sua morte.

O martírio de William Hunter

William Hunter tinha sido instruído nas doutrinas da Reforma desde sua mais tenra infância, descendendo de pais religiosos que o instruíram com solicitude nos princípios da verdadeira religião.

Hunter, que tinha então dezenove anos, recusou receber a comunhão na missa, e foi ameaçado com ser levado diante do bispo, ante quem este valoroso jovem mártir foi conduzido por um policia.

Bonner fez levar a William a uma sala, e ali começou a arrazoar com ele, prometendo-lhe seguridade e perdão se se desdizia. Inclusive se teria contentando com que somente recebesse a comunhão e a confissão, porém William não estava disposto a isso nem por nada do mundo.

Portanto, o bispo ordenou a seus homens que colocassem a William no cepo em sua casa, na porta, onde ficou dois dias e duas noites, com somente a casca de um pão negro e um copo de água, que ele nem tocou.

Ao finalizar estes dois dias, o bispo foi até ele e, achando-o firme em sua fé, o enviou à prisão dos convictos, ordenando ao carcereiro que o carregasse com tantas correntes como pudesse levar. Ficou em prisão por nove meses, durante os quais compareceu cinco vezes ante o bispo, além de uma ocasião na que foi condenado no consistório de são Paulo, o 9 de fevereiro, ocasião na que esteve presente seu irmão Robert Hunter.

Então o bispo chamou a William, e lhe perguntou se estava disposto a retratar-se, e ao ver que permanecia inabalável, pronunciou sentença contra ele de que devia ir desde aquele lugar a Newgate por um tempo, e depois a Brentwood, para ser ali queimado.

Após um mês, William foi enviado a Brentwood, onde seria executado. Ao chegar à estaca, se ajoelhou e leu o Salmo 51, até que chegou a estas palavras: "Os sacrifícios de Deus são o espírito quebrantado: ao coração contrito e humilhado não desprezarás Tu, oh, Deus". Firme em recusar o perdão da rainha se apostatava, finalmente um xerife chamado Richard Ponde acudiu e o amarrou com uma corrente em sua volta.

William lançou agora seu saltério em mãos de seu irmão, quem lhe disse: "William medita na santa paixão de Cristo, e não temas a morte". "Eis aqui", respondeu William, "não tenho medo". Depois alçou suas mãos ao céu, e disse: "Senhor, Senhor, Senhor, recebe meu espírito!", e inclinando a cabeça para a asfixiante fumaça, entregou sua vida, selando-a com seu sangue para louvor de Deus.

O doutor Robert Farrar

Este digno e erudito prelado, bispo de St. David's em Gales, tinha-se mostrado muito zeloso no anterior reino, como também desde a ascensão de Maria, em impulsionas as doutrinas reformadas e em denunciar os erros da idolatria papista, e foi chamado, entre outros, para comparecer ante o perseguidor bispo de Winchester e outros comissionados designados para esta abominável obra de devastação e matança.

Seus principais acusadores e perseguidores, sobre uma acusação de traição à coroa durante o reinado de Eduardo VI, foram seu criado George Constantine Walter, Tomás Youg, dignitário da catedral e depois bispo de Bangor, etc. O doutor Farrar respondeu idoneamente às cópias da denuncia que lhe deram, consistente em cinqüenta e seis artigos. Todo o processo judicial foi longo e tedioso. Houve retraso após retraso, e depois que o doutor Farrar tivesse sido injustamente detido em custódia, sob o reinado do rei Eduardo, porque tinha sido ascendido pelo duque de Somerset, pelo que depois de sua queda encontrou menos amigos para apoiá-lo contra os que queriam seu bispado ao chegar a rainha Maria, foi acusado e interrogado não por questão alguma de traição, senão por sua fé e doutrina; por este motivo foi feito comparecer ante o bispo de Winchester com o bispo Hooper, e os senhores Rogers, Bradford, Saunders e outros, o 4 de fevereiro de 1555; aquele mesmo dia também fora condenado com eles, mas sua condena foi aprazada, e foi enviado de novo à prisão, onde continuou até o 14 de fevereiro, sendo depois enviado a Gales a receber a sentença. Foi seis vezes obrigado a comparecer diante de Henry Morgan, bispo de St. David's, quem lhe pediu que abjurasse; isto o rejeitou cheio de zelo, apelando ao cardeal Pole; apesar disto o bispo, cheio de ira, o declarou herege isolado, e o entregou ao braço secular.

O doutor Farrar, condenado e degradado, foi não muito tempo depois levado ao lugar de execução na cidade de Carmathen, em cujo mercado, ao sul da cruz do mercado, sofreu com grande inteireza os tormentos do fogo o 30 de março de 1555, que era o sábado antes do Domingo da Paixão.

Acerca de sua constância, se diz que um tal Richard Jones, filho de um cavalheiro do rei, se aproximou do doutor Farrar pouco antes de sua morte, parecendo lamentar a dor da morte que iria sofrer; o bispo lhe respondeu que se o visse uma vez agitar-se nas dores de seu suplicio, poderia então não dar crédito a sua doutrina; e o que disse o manteve, permanecendo imperturbável, até que um tal Richard Graveil o abateu com um cacetete.

O martírio de Rawlins White

Rawlins White era pescador de vocação e ocupação, e viveu e se manteve desta profissão por espaço de vinte anos pelo menos, na cidade de Cardiff, onde tinha boa reputação entre seus vizinhos.

Embora este bom homem carecia de instrução, e era além disso muito simples, aprouve a Deus tirá-lo do erro da idolatria e levá-lo ao conhecimento da verdade, por meio da bendita Reforma no reinado de Eduardo. Fez que ensinassem a seu filho a ler em inglês, e depois que o pequeno pôde ler bastante bem, seu pai o fazia ler a cada dia uma porção das Sagradas Escrituras, e de vez em quando alguma parte de um bom livro.

Após ter-se mantido nesta confissão por cinco anos, morreu o rei Eduardo, e a sua morte ascendeu a Rainha Maria, e com ela se introduziram toda classe de superstições. White foi apreendido pelos oficiais da cidade como suspeito de heresia, levado ante o bispo Llandaff e encarcerado em Chepstow, e no final levado ao castelo de Cardiff, onde esteve por espaço de um ano inteiro. Conduzido ante o bispo em sua capela, lhe aconselhou que abjurasse, combinando promessas e ameaças. Mas como Rawlins não estava disposto a retratar-se de suas crenças, o bispo lhe disse diretamente que deveria proceder contra ele pela lei, e condená-lo como herege.

Antes de passar a este extremo, o bispo propus que se realizasse uma oração por sua conversão. "Esta é", disse White, "uma atuação digna de um bispo digno, e se vossa petição é piedosa e reta, e orais como deveis, sem dúvida Deus vai ouvir você; orai, pois, ao vosso Deus, e eu orarei ao meu Deus". Quando o bispo e seu grupo terminaram suas orações, perguntou agora a Rawlins se estava disposto a abjurar. "Vereis", disse ele, "que vossa oração não tem sido concedida, porque eu permaneci igual que antes; e Deus me fortalecerá em apoio de sua verdade". Depois o bispo provou como iria dizendo missa, mas Rawlins chamou a todos como testemunhas de que

ele não se inclinava ante a hóstia. Terminada a missa, Rawlins foi chamado de novo, e o bispo utilizou muitas persuasões, mas o bem-aventurado homem se manteve tão firme em sua anterior confissão que de nada serviram os arrazoamentos do bispo. Então este fez que se lesse sua sentença definitiva, e ao acabar a leitura Rawlins foi levado de novo a Cardiff, a um abominável cárcere da cidade chamado Cockmarel, onde passou o tempo em oração e cantando salmos. Após umas três semanas chegou que ordem desde a cidade para que fosse executado.

Quando chegou ao lugar, onde sua coitada mulher e filhos estavam em pé chorando, a súbita contemplação deles traspassou de tal modo seu coração que as lágrimas banharam seu rosto. Chegando até o altar de seu sacrifício, indo até a estaca se ajoelhou, e beijou a terra; levantando-se de novo restou algo de terra grudada em sua face, e disse estas palavras: "Terra à terra, e pó ao pó; tu és minha mãe, e ti voltarei".

Quando todas as coisas estiveram dispostas levantaram uma plataforma frente a Rawlins White, diretamente diante da estaca, na qual subiu um sacerdote, que se dirigiu ao povo; porém, enquanto falava da doutrina romanista dos Sacramentos, Rawlins gritou: "Ah, hipócrita branqueado! Tu presumes de demonstrar tua falsa doutrina pela Escritura? olha o que diz o texto que segue: Acaso não disse Cristo 'Fazei isto em memória de mim'?"

Então alguns dos que estavam perto dele gritaram: "Acendei o fogo, acendei o fogo!". Feito isto, a palha e as canas deram uma grande e subida labareda. Nesta chama este bom homem banhou durante longo tempo sua mão, até que os tendões se encolheram e a gordura se desfez, exceto por um momento em que fez como se enxugasse o rosto com uma delas. Todo este tempo, que se prolongou bastante, clamou com forte voz: "Oh, Senhor, recebe meu espírito!", até que já não pôde mais abrir a boca. Finalmente, a violência do fogo foi tal contra suas pernas que ficaram consumidas quase antes que o resto do corpo fosse danificado, o que fez com que o corpo caísse sobre as correntes até o fogo antes do que teria sido normal. Assim morreu este bom homem por seu testemunho da vida de Deus, e agora está indubitavelmente recompensado com a coroa da vida eterna.

O reverendo George Marsh

George March nasceu na paróquia de Deane, no condado de Lancaster, recebendo uma boa educação e ofício de seus pais; aos vinte e cinco anos casou e viveu numa granja, com a bênção de vários filhos, até que sua mulher morreu. Depois foi a estudar a Cambridge, e veio ser capelão do reverendo Lawrence Saunders, e neste posto expus

de maneira constante e cheia de zelo a verdade da Palavra de Deus e as falsas doutrinas do moderno Anticristo.

Encerrado pelo doutor Coles, bispo de Chester, sob arresto domiciliário, ficou impedido da relação com seus amigos durante quatro meses. Seus amigos e sua mãe lhe rogavam insistentemente que fugisse "da ira vindoura"; porém o senhor March pensava que um passo assim não seria coerente com a profissão de fé que tinha mantido abertamente durante nove anos. Contudo, no final fugiu ocultando-se, mas teve muitas lutas, e em oração secreta rogou que Deus o conduzisse, por meio do conselho de seus melhores amigos, para Sua própria glória e para fazer o que melhor fosse. No final, decidido por uma carta que recebera a confessar abertamente a fé em Cristo, se despediu de sua sogra e outros amigos, encomendando seus filhos aos cuidados deles, e se dirigiu a Smethehills, desde onde foi levado, junto com outros, a Latburn, para sofrer um interrogatório ante o conde de Derby, Sir William Nores, o senhor Sherbum, o pároco de Grapnal e outros. Respondeu com boa consciência as várias perguntas que lhe fizeram, mas quando o se Shepburn o interrogou acerca de sua crença no Sacramento do altar, o senhor March respondeu como um verdadeiro protestante que a essência do pão e do vinho não mudava em absoluto; assim, depois de receber terríveis ameaças de parte de uns e boas palavras de parte de outros pelas suas opiniões, foi levado sob custódia, dormindo duas noites sem cama alguma.

O Domingo de Ramos sofreu um segundo interrogatório, e o senhor March lamentou muito que seu temor o tivesse induzido a prevaricar e a buscar sua segurança enquanto não negasse abertamente a Cristo; e outra vez clamou com mais fervor a Deus pedindo-lhe forças para não ser abrumado pelas sutilezas daqueles que tratavam de derrubar a pureza de sua fé. Sofreu três interrogatórios diante do doutor Coles, quem, achando-o firme na fé protestante, começou a ler sua sentença; porém foi interrompido pelo chanceler, quem rogou ao bispo que se detivesse antes que fosse demasiado tarde. O sacerdote orou então pelo senhor March, mas este, ao ser-lhe pedido outra vez que voltasse atrás, disse que não ousava negar a seu Salvador Cristo, para não perder Sua misericórdia eterna e sofrer assim a morte sempiterna. Então o bispo passou a ler a sentença. Foi enviado a uma tenebrosa masmorra, e se viu privado de toda consolação (porque todos temiam aliviá-lo ou comunicar-se com ele) até o dia marcado no qual devia sofrer. Os xerifes da cidade, Amry e Couper, com seus oficiais, acudiram à porta norte, e levaram o senhor George March, quem andou todo o caminho com o Livro em sua mão, olhando para o mesmo, pelo que a gente dizia: "Este homem não vai a sua morte como ladrão, nem como alguém que mereça morrer".

Quando chegou no lugar da execução, fora da cidade, perto de Spittal Boughton, o senhor Cawdry, assistente deputado de Chester, mostrou ao senhor March um escrito sob um grande selo, dizendo-lhe que era um indulto para ele se voltasse atrás. Ele respondeu que o aceitaria gostoso se não era sua intenção afastá-lo de Deus.

Depois disto começou a falar às pessoas, mostrando qual era a causa de sua morte, e teria desejado exortá-los a aderirem a Cristo, mas um dos xerifes o impediu. Ajoelhando-se então, disse suas orações, tirou as roupas até ficar em camisa, e foi acorrentado ao poste, tendo vários feixes de lenha embaixo dele, e algo feito a modo de pipa, com breu e alcatrão para lançar sobre sua cabeça. Ao ter sido mal preparada a fogueira, e assoprando o vento em círculos, sofreu atrozmente, mas o suportou com inteireza cristã.

Depois de ter permanecido longo tempo atormentado no fogo sem mexer-se, com sua carne tão assada e inchada que os que estavam perto dele não conseguir ver a corrente com que tinha sido amarrado, achando por isso que estava morto, de repente estendeu os braços, dizendo: "Pai celestial, tem misericórdia de mim!", e assim entregou seu espírito em mãos do Senhor. Com isto, muitos dentre o público diziam que era um mártir e que tinha morrido com uma gloriosa paciência. Isto levou pouco tempo depois ao bispo a dar um sermão na catedral, no qual afirmava que o tal "March era um herege, queimado como tal, e é uma brasa no inferno". O senhor March sofreu o 24 de abril de 1555.

William Flower

William Flower, também conhecido como Branco, nasceu em Show-hill, no condado de Cambridge, onde foi à escola durante alguns anos, e depois foi à abadia de Ely. Depois de ter permanecido ali durante um tempo, professou como monge, foi feito sacerdote na mesma casa, e ali celebrou e cantou a missa. Depois disso, por ação de uma visitação, e por certas ordens emanadas da autoridade de Henrique VIII, adotou o hábito de um sacerdote secular, e voltou a Snow-hill, onde tinha nascido, e ensinou a crianças durante meio ano.

Depois foi a Ludgate, em Suffolk, onde serviu como sacerdote secular durante uns três meses; dali se dirigiu a Stoniland, depois a Tewksbury, onde casou, continuando sempre de modo fiel e honesta com aquela mulher. Do de casar-se permaneceu em Tewksbury uns dois anos, e dali foi a Brosley, onde praticou a medicina e a cirurgia; mas afastando-se daqueles lugares foi a Londres, e finalmente se instalou em Lambeth, onde ele e sua mulher conviveram. Contudo, estava geralmente fora, exceto uma ou duas vezes por mês para visitar e ver a sua mulher. Estando em sua casa um domingo de Páscoa pela manhã, passou o rio desde Lambeth à Igreja de St. Margaret em

Westminster; ao ver ali um sacerdote chamado John Celtham que ministrava e dava o Sacramento do altar ao povo, e sentindo-se gravemente ofendido em sua consciência contra o sacerdote por aquilo, bateu nele e o feriu na cabeça, e também no braço e na mão, com uma faca para madeira, tendo naquele momento o sacerdote o cálice com a hóstia consagrada nele, que ficou borrifada de sangue.

Por seu abobalhado zelo, o senhor Flower foi pesadamente acorrentado e colocado na casa da porta de Westminster, e depois feito comparecer ante o bispo Bonner, e seu ordinário; o bispo, após fazê-lo jurar sobre um Livro, o submeteu a acusações e interrogatório.

Depois do interrogatório, o bispo começou a exortá-lo a voltar à unidade de sua mãe a Igreja católica, com muitas boas promessas. Mas ao rejeitá-las firmemente o senhor Flower, o bispo lhe ordenou que se apresentasse naquele mesmo lugar pela tarde, e que entretanto meditasse bem em sua anterior resposta; mas ao não escusar-se ele por ter batido no sacerdote nem vacilar em sua fé, o bispo o assinou o dia seguinte, 20 de abril, para receber a sentença se não se desdizia. Na manhã seguinte, o bispo passou então a lê-lhe a sentença, condenando-o e excomungando-o como herege, e depois de pronunciá-lo degradado, o entregou ao braço secular.

O 24 de abril, na véspera de são Marcos, foi levado ao lugar de seu martírio, no pátio da igreja de St. Margaret, em Westminster, onde tinha sido cometido o ato; chegando à estaca, orou ao Deus Onipotente, fez confissão de sua fé, e perdoou todo o mundo.

Feito isto, sujeitaram sua mão contra a estaca, e foi cortada de um golpe, e lhe amarraram a mão esquerda atrás. Depois lhe pegaram fogo, e queimando-se nele, clamou com voz forte: "Oh, Tu, Filho de Deus, recebe minha alma!", três vezes. Ficando sem voz, deixou de falar, mas levantou seu braço mutilado com o outro todo o tempo que pôde.

Assim suportou o tormento do fogo, sendo cruelmente torturado, porque tinham colocado poucos feixes, e sendo insuficientes para queimá-lo, precisaram abatê-lo tendendo-o no fogo, onde, deitado em terra, sua parte inferior foi consumida pelo fogo, enquanto sua parte superior ficava pouco danificada, e sua língua se mexeu em sua boca durante um tempo considerável.

O reverendo John Cardmaker e John Warne

O 30 de maio de 1555, o reverendo John Cardmaker, também chamado Taylor, prebendado da Igreja de Wells, e John Warne, tapeceiro, de St. John's, Walbrook, padeceram juntos em Smithfield. O senhor Cardmaker, que foi um frade observante antes da dissolução das abadias, foi depois um ministro casado, e no tempo do rei Eduardo foi designado leitor em são Paulo; apreendido a começos do reinado da

Rainha Maria, junto com o doutor Barlow, bispo de Bath, foi levado a Londres e lançado no cárcere de Fleet, estando ainda em vigor as leis do rei Eduardo. No reinado de Maria, quando foi feito comparecer ante o bispo de Winchester, este lhe ofereceu a misericórdia da rainha se se desdizia.

Tendo-se apresentado artigos de acusação contra o senhor John Warne, foi interrogado por Bonner, que o exortou ardentemente para que se retratasse de suas opiniões, porém este lhe respondeu: "Estou persuadido de que estou na reta opinião, e não vejo causa alguma para retratar-me; porque toda a imundícia e idolatria se encontram na Igreja de Roma".

Então, o bispo, ao ver que não podia prevalecer com todas suas boas promessas e suas terríveis ameaças, pronunciou a sentença definitiva de condenação, e ordenou o 30 de maio de 1555 para a execução de John Cardmaker e John Warne, que foram levados pelos xerifes a Smithfield. Chegados à estaca, os xerifes chamaram aparte o senhor Cardmaker, e falaram com ele em segredo, enquanto o senhor Warnes orou, foi acorrentado à estaca, e colocaram lenha e canas em sua volta.

Os espectadores estavam muito afligidos pensando que o senhor Cardmaker voltaria atrás ante a queima do senhor Warne. No final, o senhor Cardmaker se afastou dos xerifes, se dirigiu à estaca, ajoelhou-se e fez uma longa oração em silêncio. Depois se levantou, tirou as roupas até a camisa, e foi com valentia ao poste, beijando-o; e tomando da mão o senhor Warnes, o consolou cordialmente, e foi amarrado ao poste, regozijando-se. A gente, ao ver como isto acontecia tão rapidamente e em contra de suas anteriores expectativas, clamou: "Deus seja louvado! Deus te fortaleça, Cardmaker! Que o senhor Jesus receba teu espírito!". E isto prosseguiu enquanto o carrasco acendia o fogo e até que ambos passaram através dele a seu bendito repouso e paz entre os santos e mártires de Deus, para gozar da coroa do triunfo e da vitória preparada para os soldados e guerreiros escolhidos de Cristo Jesus em seu bendito Reino, a quem seja a glória e a majestade para sempre. Amém.

John Simpson e John Ardeley

Estes dois mártires foram condenados o mesmo dia que o senhor Cardmaker e John Warne, que era o 25 de maio. Foram pouco depois enviados desde Londres a Essex, onde foram queimados o mesmo dia, John Simpson em Rochford, e John Ardeley em Railey, glorificando a Deus em seu amado Filho, e regozijando-se de serem considerados dignos de padecer por Ele.

Tomás Haukes, Tomás Watts e Anne Askew

Tomás Haukes foi condenado, junto com outros seis, o 9 de fevereiro de 1555. Era erudito em sua educação, e galhardo de presença pessoal, e alto; em suas maneiras era um cavalheiro, e um cristão sincero. Pouco antes de sua morte, vários dos amigos do senhor Haukes, aterrorizados ante a dureza do castigo que devia sofrer, pediram-lhe em privado que em meio das chamas lhes mostrasse de alguma maneira se as dores do fogo eram demasiado grandes que não pudessem ser sofridas com compostura. Isto ele o prometeu, e se concordou que se a atrocidade da dor podia ser sofrida, que elevasse as mãos sobre sua cabeça até o céu, antes de expirar.

Não muito depois, o Senhor Haukes foi conduzido ao lugar indicado para sua morte pelo lorde Rich, e chegando à estaca, se preparou mansa e pacientemente para o fogo; lhe colocaram uma pesada corrente na cintura, rodeando-o uma multidão de espectadores, e depois de ter-lhes falado largamente, e derramado sua alma a Deus, se acendeu o fogo.

Quando houve permanecido muito tempo no fogo, e ficou sem já poder falar, com a pele encolhida e os dedos consumidos pelo fogo, de modo que se pensava e já havia morrido, subitamente e em contra de todas as expectativas, este bom homem, lembrando sua promessa, alçou suas mãos, que estavam queimadas nas chamas, e as levantou para o Deus vivo, e com grande regozijo, pelo que parece, as bateu ou palmeou três vezes seguidas. Seguiu um grande clamor ante esta maravilha circunstância, e depois este bendito mártir de Cristo, caindo sobre o fogo, entregou seu espírito, o 10 de junho de 1555.

Tomás Watts, de Billericay, Essex, da diocese de Londres, era um tecelão de linho. Esperava a diário ser tomado pelos adversários de Deus, e isto lhe aconteceu o 5 de abril de 1555, quando foi levado diante do lorde Rich e os outros comissionados de Chelmsford, acusado de não acudir à igreja.

Entregue ao sanguinário adversário, que o chamou para vários interrogatórios, e como era usual, muitos argumentos, com muitos rogos para que se tornasse discípulo do Anticristo, porém suas predicas de ns serviram, e recorreu então a sua última vingança, a da condenação.

Na estaca, após tê-la beijado, falou ao lorde Rich, exortando-o a arrepender-se, porque o Senhor vingaria sua morte. Assim ofereceu este bom mártir seu corpo ao fogo, em defesa do verdadeiro Evangelho do Salvador.

Tomás Osmond, William Bamford e Nicolas Chamberlain, todos da cidade de Coxhall, foram enviados a um interrogatório, e Bonner, após várias audiências, os declarou hereges obstinados, e os entregou aos xerifes, permanecendo em custódia deles até que fossem entregues ao xerife do condado de Essex, sendo executados por ele; Chamberlain

em Colchester, o 14 de junho; Tomás Osmond em Maningtree, e William Bamford, apelidado Buller, em Harwich, o 15 de junho de 1555; todos eles morreram plenos da esperança gloriosa da imortalidade.

Depois Wriotheseley, lorde chanceler, ofereceu a Anne Askew o perdão do rei se se desdizia; ela lhe deu esta resposta: que não tinha ido lá para negar a seu Senhor e Mestre. E assim a boa Anne Askew, rodeada de labaredas como bendito sacrifício para Deus, dormiu no Senhor em 1546, deixando trás de sim um singular exemplo de constância cristã para seguimento de todos os homens.

Reverendo John Bradford e John Leaf, um aprendiz

O reverendo John Bradford nasceu em Manchester, Lancashire; chegou a ser um grande erudito em latim, e depois veio a ser servo Deus Sir John Harrington, cavalheiro do rei.

Continuou por vários anos de uma maneira honrada e proveitosa, mas o Senhor o havia escolhido para melhores funções. Portanto, se afastou de seu patrão, abandonando o Templo, em Londres, dirigindo-se à Universidade de Cambridge, para aprender, mediante a Lei de Deus, como impulsionar a edificação do templo do Senhor. Poucos anos depois, a universidade lhe concedeu o grau de mestre em artes, e foi escolhido companheiro de Pembroke Hall.

Martinho Bucero o pressionou a que predicasse, e quando com modéstia pus em dúvida sua capacidade, Bucero replicou: "Se não tens um fino pão de farinha de trigo, dá então aos pobres pão de centeio, ou o que o Senhor te tenha encomendado". O doutor Ridley, aquele digno bispo de Londres e glorioso mártir de Cristo, o chamou primeiro para dá-lhe o grau de diácono e uma prebenda em sua igreja catedral de são Paulo.

Neste ofício de predicação, o senhor Bradford se dedicou a uma diligente atividade por espaço de três anos. Repreendeu severamente o pecado, predicou docemente a Cristo crucificado, refutou com grande capacidade os erros e as heresias, persuadindo fervorosamente a viver piedosamente. Depois da morte do bem-aventurado rei Eduardo VI, o senhor Bradford continuou predicando diligentemente, até que foi suprimido pela Rainha Maria.

Seguiu agora uma ação da mais negra ingratidão, ante a qual coraria até um pagão. Tem-se falado que o senhor Bourne (então bispo de Bath) suscitou um tumulto predicando em St. Paul's Cross; a indignação da gente pôs sua vida em iminente perigo; inclusive lhe lançaram uma adaga. Nesta situação, rogou ao senhor Bradford, que estava detrás dele, para que falasse em seu lugar e acalmasse os ânimos. A gente acolheu bem o senhor Bradford, e este se manteve

desde então perto de Bourne, para com sua presença impedir que a plebe renovasse seus ataques.

O mesmo domingo, pela tarde, o senhor Bradford predicava na igreja de Bow em Cheapside, e reprovou duramente o povo por sua conduta sediciosa. Apesar de sua ação, após três dias foi enviado à Torre de Londres, onde estava então a rainha, para comparecer ante o Conselho. Ali foi acusado por este ato de salvar o senhor Bourne, que foi considerado como sedicioso, e também objetaram contra ele por sua predicação. Foi então enviado primeiro à Torre, depois a outras prisões, e, depois de sua condena, a Poultry Compter, onde predicou duas vezes ao dia de maneira contínua, até que foi impedido por uma doença. Tal era seu crédito para com o guarda do cárcere real que lhe permitiu uma noite visitar a uma pessoa pobre e doente perto do deposito de aço, sob a promessa de voltar a tempo; e nisto não falhou.

A noite antes de ser enviado a Newgate, viu-se turbado em seu descanso por sonos pressagiadores, no sentido de que na seguinte segunda-feira seria queimado em Smithfield. Pela tarde, a mulher do guarda foi vê-lo, e lhe anunciou a terrível notícia, mas nele somente suscitou agradecimento a Deus. pela noite foram a visitá-lo meia dúzia de amigos, com os que passou toda a véspera em oração e piedosas atividades.

Quando foi levado a Newgate, o acompanhou uma multidão que chorava, e tendo-se estendido o rumor de que iria sofrer o suplício às quatro do dia seguinte, apareceu uma imensa multidão. Às 9 da manhã o senhor Bradford foi levado a Smithfield. A crueldade do xerife merece ser destacada; porque o cunhado do senhor Bradford, Roger Beswick, lhe deu a mão ao passar, e Woodroffe, o xerife, lhe abriu a cabeça com seu cacetete.

Tendo chegado o senhor Bradford ao lugar, caiu prostrado no chão. Depois, tirando-se a roupa até ficar em camisa, foi até a estaca, e ali padeceu junto a um jovem de vinte anos de idade, chamado John Leaf, um aprendiz do senhor Humphrey Gaudy, um fabricante de velas de Christ Church, em Londres. Tinha sido apresado na sexta-feira antes do Domingo de Ramos, e encerrado no Compter em Bread Street, e depois interrogado e condenado pelo sanguinário bispo.

Se informa acerca dele que quando se leu sua ata de confissão, em lugar de uma pluma, tomou uma agulha e, furando-se um dedo, borrifou com seu sangue sobre a mencionada ata, dizendo ao leitor da mesma que mostrasse ao bispo que já tinha selado o documento com seu sangue.

Ambos terminaram suas vidas mortais o 12 de julho de 1555 como dois cordeiros, sem alteração alguma em seus rostos, esperando obter aquele prêmio pelo que tinham corrido tanto. Queira conduzir-nos ao mesmo o Deus Onipotente, pelos méritos de Cristo nosso Senhor!

Concluiremos este artigo mencionando que o senhor xerife Woodroffe caiu seis meses depois paralítico do lado direito, e que por espaço de oito anos (até o dia de sua morte) não pôde voltar-se na cama por si mesmo; assim chegou a ser, afinal, um espetáculo terrível.

O dia depois que o senhor Bradford e John Leaf sofreram em Smithfield, William Minge, um sacerdote, morreu no cárcere de Maidstone. Com uma constância e valor iguais de grandes que se tivesse aprazido a Deus chamá-lo a sofrer no fogo (como muitos outros bons homens tinham sofrido antes na estaca, e como ele mesmo estava disposto a sofrer, se Deus tivesse querido chamá-lo a esta prova), entregou sua vida no cárcere.

O reverendo John Bland, o reverendo John Frankesh, Nicolas Shetterden Humphrey Middleton

Estes cristãos foram todos queimados em Canterbury pela mesma causa. Frankesh e Bland eram ministros e predicadores da Palavra de Deus, sendo um pároco de Adesham, e o outro vigário de Rolvenden. O senhor Bland foi citado a responder por sua oposição ao anti-cristianismo, e sofreu vários interrogatórios ente o doutor Harpsfield, prelado de Canterbury, e finalmente foi condenado o 25 de junho de 1555, por opor-se ao poder do Papa, e entregue ao braço secular. O mesmo dia foram condenados John Frankesh, Nicolas Shetterden, Humphrey Middleton, Thacker e Crocker, dos quais somente Thacker voltou atrás.

Entregue ao braço secular, o senhor Bland e os três anteriores foram queimados em Canterbury o 12 de julho de 1555, em duas distintas estacas mas num mesmo fogo, onde eles, à vista de Deus e de seus anjos, e diante dos homens, deram, como verdadeiro soldados de Jesus Cristo, um testemunho firme da verdade de seu santo Evangelho.

John Lomas, Agnes Snoth, Anne Wright, Joan Sole e Joan Catmer

Estes cinco mártires sofreram juntos o 31 de janeiro de 1556. John Limas era um jovem de Tenteren. Foi citado a comparecer em Canterbury, e interrogado o 17 de janeiro. Ao serem suas respostas adversas à idolatria papista, foi condenado no dia seguinte, e sofreu o 31 de janeiro.

Agnes Snoth, viúva, da paróquia de Smarden, foi feita comparecer várias vezes diante dos farisaicos católicos, e ao rejeitar a absolvição, as indulgências, a transubstanciação e a confissão auricular, foi considerada digna de morte, e suportou o martírio o 31 de janeiro, com Anne Wright e Joan Sole, que se encontravam nas mesmas circunstâncias e que morreram ao mesmo tempo e com idêntica

resignação. Joan Catmer, a última desta celestial companhia, da paróquia de Hithe, era esposa do mártir George Catmer.

Poucas vezes tem-se dado mas país algum que por controvérsias políticas quatro mulheres tenham sido levadas a execução, ainda quando suas vidas foram irrepreensíveis, vidas as quais a compaixão dos sacrilégios teria perdoado. Não podemos deixar de observar aqui que quando o poder protestante alcançou no princípio o domínio sobre a superstição católica, q foi necessário algum grau de força nas leis para impor uniformidade, pelas que algumas poucas pessoas tenazes sofreram privações de suas pessoas e bens, lemos de poucas fogueiras, crueldades selvagens ou de coitadas mulheres levadas à estaca; mas está na natureza do erro recorrer à força em lugar de a argumentação, e silenciar a verdade arrebatando a vida, e o caso do próprio Redentor é um exemplo disso.

As anteriores cinco pessoas foram queimadas em duas estacas numa mesma fogueira, cantando hosana ao glorificado Salvador, até que foi extinguido o alento de vida. Sir John Norton, que estava presente, chorou amargamente ante seus desmerecidos sofrimentos.

O arcebispo Cranmer

O doutor Tomás Cranmer descendia de uma antiga família, e nasceu no povo de Arselacton, no condado de Northampton. Depois da usual educação escolar, foi enviado a Cambridge, e escolhido companheiro do Jesus College. Ali casou com a filha de um cavalheiro, pelo que perdeu sua condição de companheiro, e passou a ser leitor em Buckingham College, instalando a sua mulher em Dolphin Inn, sendo a patroa uma parenta dela, de onde se suscitou o falso rumor de que ele era um moço de cavalariça. Ao morrer sua mulher pouco depois, de parto, foi escolhido, para seu crédito, de novo como companheiro do colégio antes mencionado. Poucos anos depois foi elevado a professor de Teologia, e designado como um dos examinadores daqueles que estavam já prontos para ser Bachareles ou Doutores em Divindade. Era princípio seu julgar as qualificações com base mais no conhecimento que possuíam das Escrituras, que no que conheciam dos antigos padres, e por isto muitos sacerdotes papistas foram rejeitados, e outros obtiveram grandes vantagens.

Foi intensamente solicitado pelo doutor Capon para que fosse um dos companheiros na fundação do colégio do cardeal Wolsey, em Oxford, cargo que aventurou recusar. Enquanto continuou em Cambridge, se suscitou a questão do divórcio de Henrique VIII com Catarina. Naquele tempo, por causa da peste, o doutor Cranmer foi morar à casa de um tal senhor Cressy, em Waltham Abbey, cujos dois filhos foram então educados sob sua supervisão. A questão do divórcio, em contra da aprovação do rei, tinha ficado indecisa por mais de dois

ou três anos, devido às intrigas dos canônigos e civis, e embora os cardeais Campeius e Wolsey foram comissionados por Roma para decidir acerca desta questão, retardaram a sentença a propósito.

Aconteceu que o doutor Gardiner (secretário) e o doutor Fox, defensores do rei neste pleito, foram à casa do senhor Cressy para alojar-se ali, enquanto o rei se alojava em Greenwich. Durante o jantar, se manteve uma conversação com o doutor Cranmer, que sugeriu que a questão de se um homem podia casar com a mulher de seu irmão ou não, podia resolver-se de forma rápida recorrendo à Palavra de Deus, e isto tanto nos tribunais ingleses como nos de qualquer nação estrangeira. O rei, inquieto ante esta demora, enviou a buscar o doutor Gardiner e o doutor Fox para consultá-los, lamentando ter que enviar outra comissão a Roma e que a questão continuasse assim dilatada sem fim. Ao contar ao rei da conversação mantida na noite anterior com o doutor Cranmer, sua majestade mandou buscá-lo, e lhe comunicou os escrúpulos de consciência acerca de seu próximo parentesco com a rainha. O doutor Cranmer aconselhou que a questão fosse remitida aos mais eruditos teólogos de Cambridge e Oxford, porquanto se sentia remisso a misturar-se com uma questão tão importante; porém o rei lhe ordenou que lhe desse seu parecer por escrito, e dirigir-se para isso ao conde de Wiltshire, que o proveria de livros e de tudo o necessário.

O senhor Cranmer obedeceu de imediato, e em sua declaração citou não só a autoridade das Escrituras, dos Concílios gerais, e dos antigos escritores, senão que manteve que o bispo de Roma não tinha autoridade alguma para deixar de lado a Palavra de Deus. O rei lhe perguntou se manter-se-ia nesta atrevida declaração, e ao responder ele em sentido afirmativo, foi enviado como embaixador a Roma, junto com o duque de Wiltshire, o doutor Stokesley, o doutor Bennet e outros, antes do qual se tratou acerca daquele matrimônio na maior parte das universidades da cristandade e dentro do reino.

Quando o Papa apresentou o polegar de seu pé para ser beijado, segundo era o costume, o conde de Wiltshire e sua companhia recusaram fazê-lo. inclusive se afirma que o cachorro spaniel do conde, atraído pelo brilho do polegar do Papa, o mordeu, com o qual sua Santidade retirou seu sagrado pé, dando um chute ao ofensor com o outro.

Ao demandar o Papa a causa desta embaixada, o conde apresentou o livro do doutor Cranmer, declarando que seus eruditos amigos tinham vindo a defendê-lo. o Papa tratou honrosamente a embaixada e marcou um dia para a discussão, que depois retrasou, como temendo o resultado da pesquisa. O conde voltou, e o doutor Cranmer, por desejo do rei, visitou o imperador, e logrou atraí-lo a sua opinião. Ao voltar o doutor a Inglaterra e morrer o doutor Warham, arcebispo de

Canterbury, o doutor Cranmer foi merecidamente elevado, por desejo do doutor Warham mesmo, àquela iminente posição.

Nesta função pode dizer-se que cumpriu diligentemente o encargo de são Paulo. Diligente no cumprimento de seus deveres, acordava às cinco da manhã e prosseguia no estudo e oração até as nove; entre então e a comida se dedicava às questões temporais. Depois da comida, se alguém solicitava uma audiência, decidia suas questões com tal afabilidade que inclusive os que recebiam decisões contrárias não se sentiam totalmente frustrados. Depois jogava xadrez por uma hora, ou contemplava como outros jogavam, a às cinco ouvia a Oração Comum, e desde então até o jantar se recreava passeando. Durante seu jantar sua conversação era vivaz e entretida; de novo passeava ou se entretinha até as nove, e depois se dirigia a seu escritório.

Teve a mais alta estima e favor do rei Henrique, e sempre teve dentro de seu coração a pureza e os interesses da Igreja de Inglaterra. Seu temperamento manso e perdoador se registra com o seguinte exemplo: um sacerdote ignorante, no campo, tinha chamado a Cranmer de moço de cavalariça, e se havia referido de forma muito depreciativa à sua cultura. Ao sabê-lo lorde Cromwell, aquele homem foi enviado ao cárcere do fleet, e seu caso foi apresentado diante do arcebispo por um tal senhor Chertsey, um mercador, parente do sacerdote. Sua graça, fazendo chamar o ofensor, arrazoou com ele e pediu ao sacerdote que lhe perguntasse sobre qualquer assunto de erudição. A isto se negou o homem, vencido pela cordialidade do arcebispo e sabendo de sua própria e patente incapacidade, e lhe pediu perdão, que lhe foi concedido de imediato, com a ordem de que empregasse melhor seu tempo quando voltasse a sua paróquia. Cromwell sentiu-se muito ofendido pela indulgência mostrada, mas o bispo estava mais disposto a receber insultos que a vingar-se de qualquer outra maneira que com bons conselhos e bons ofícios.

Para o tempo em que Cranmer foi ascendido a arcebispo, era capelão do rei e arquidiácono [12] de Taunton; foi também constituído pelo Papa penitenciário geral da Inglaterra. O rei considerou que Cranmer seria obsequioso, e por isso este casou o rei com Ana Bolena, celebrou a coroação dela, foi padrinho de Elizabete, o primeiro fruto do matrimônio, e divorciou o rei de Catarina. Embora Cranmer fosse confirmado em sua dignidade pelo Papa, sempre protestou contra reconhecer qualquer outra autoridade que a do rei, e persistiu nos mesmos sentimentos de independência quando foi feito comparecer ante os comissionados de Maria em 1555.

Um dos primeiros passos após o divórcio foi impedir a predicação em toda sua diocese, mas esta estreita medida tinha uma finalidade

---

[12] Principal dos diáconos numa igreja (N. da T.).

mais política que religiosa, porquanto havia muitos que denegriam a conduta do rei. Em sua nova dignidade, Cranmer suscitou a questão da supremacia, e com seus argumentos poderosos e justos induziu o parlamento a "dar ao César o que é do César". Durante a residência de Cranmer na Alemanha em 1531 conheceu a Osiandro em Nuremberg, e casou com sua sobrinha, mas a deixou com ele ao voltar a Inglaterra. Depois de um tempo a fez vir privadamente, e ficou com ele até o ano 1539, quando os Seis Artigos o obrigaram a devolvê-la a seus amigos por um tempo.

Deveríamos lembrar que Osiandro, tendo logrado a aprovação de seu amigo Cranmer, publicou a laboriosa obra da Harmonia dos Evangelhos em 1537. Em 1534, o arcebispo alcançou o mais querido objetivo de seu coração, a eliminação de todos os obstáculos para a consumação da Reforma, mediante a subscrição por parte dos nobres e dos bispos à única supremacia do rei. Somente se opuseram o bispo Fisher e Sir Tomás More. Cranmer estava disposto a considerar suficiente o acordo deles a não opor-se à sucessão, mas o monarca queria uma concessão total.

Não muito tempo depois, Gardiner, numa conversação privada com o rei, falou mal de Cranmer (a quem odiava malignamente), por ter aceitado o título de primado de toda a Inglaterra, como depreciativo da supremacia do rei. Isto suscitou fortes ciúmes contra Cranmer, e sua tradução da Bíblia foi fortemente oposta por Stokesley, bispo de Londres. Se diz que ao ser despedida a Rainha Catarina, sua sucessora Ana Bolena se gozou. Isto é uma lição de quão superficial é o juízo humano, porquanto a execução desta última teve lugar na primavera do ano seguinte, e o rei, no dia seguinte da decapitação desta dama sacrificada, casou com a bela Jane Seymour, dama de honra da defunta rainha. Cranmer foi sempre amigo de Ana Bolena, mas era perigoso opor-se à vontade daquele tirânico e carnal monarca.

Em 1538 se expuseram publicamente as Sagradas Escrituras para a venda, e os lugares de culto se enchiam de multidões para escutar a exposição de suas santas doutrinas. Ao passar o rei como lei os famosos Seis Artigos, que voltavam de novo quase a estabelecer os artigos essenciais do credo romanista, Cranmer resplandeceu com todo o brilho de um patriota cristão, resistindo as doutrinas contidas neles, no que foi apoiado pelos bispos de Sarum, Woreester, Ely e Rochester, demitindo os dois primeiros de seus bispados. O rei, embora agora oposto a Cranmer, continuava reverenciando a sinceridade que marcava sua conduta. A morte do bom amigo de Cranmer, lorde Cromwell, na Torre em 1540, foi um forte golpe para a vacilante causa protestante, porém inclusive agora, ainda vendo a maré contrária total à causa de verdade, Cranmer se apresentou pessoalmente ante o rei e conseguiu, com seus varonis e cordiais argumentos, que o Livro dos

Artigos fosse deixado de lado, para confusão de seus inimigos, que tinham considerado sua queda como inevitável.

Cranmer viveu agora de um modo tão escuro como lhe foi possível, até que o rancor de Winchester o levou à apresentação de umas denúncias contra ele,a respeito das perigosas opiniões ensinadas em sua família, junto com outras acusações de traição. Estas as apresentou o Pai rei a Cranmer, e acreditando firmemente na fidelidade e nos protestos de inocência do acusado prelado, fez investigar a fundo a questão, e se descobriu que Winchester o doutor Lenden, junto com Thompton e Barber, dois domésticos do bispo, resultaram, por papéis obtidos, ser os verdadeiros conspiradores. O gentil e perdoador Cranmer teria gostado de interceder por toda remissão de castigo se Henrique, comprazido com o subsídio votado pelo Parlamento, não os tivesse deixado livres. Mas estes nefastos homens voltaram iniciar suas tramas contra Cranmer, caindo vítimas do ressentimento do rei, e Gardiner perdeu para sempre sua confiança. Sir G. Gostwick apresentou pouco depois acusações contra o arcebispo, que Henrique esmagou, e que o primado esteve disposto a perdoar.

Em 1544 foi queimado o palácio arzobispal de Canterbury, e seu cunhado e outros morreram no incêndio. Estas várias aflições podem servir-nos para reconciliar-nos com um humilde estado, porque, de que felicidade podia vangloriar-se este homem, porquanto sua vida estava sendo constantemente carregada, bem com cruzes políticas, religiosas ou naturais? Outra vez o implacável Gardiner apresentou graves acusações contra o manso arcebispo, e teria desejado mandá-lo à Torre; porém o rei era seu amigo, lhe deu seu selo para defender-se, e no Conselho não somente declarou que o bispo era um dos homens de melhor caráter de seu reino, senão que repreendeu azedamente os acusadores por sua calúnia.

Tendo-se assinado a paz, Henrique e o rei francês Henrique o Grande mostraram unanimidade na abolição da missa em seus reinos, e Cranmer se lançou nesta grande tarefa; porém a morte do monarca inglês em 1546 levou à suspensão desta ação, e o rei Eduardo VI, seu sucessor, confirmou a Cranmer nas mesmas funções; em sua coroação lhe encomendou uma tarefa que sempre honrará sua memória, por sua pureza, liberdade e verdade. Durante este reinado continuou efetuando a gloriosa Reforma com um zelo incansável, até no ano 1552, quando se viu açoitado por umas severas febres, aflição da qual aprouve a Deus restaurá-lo, para que pudesse testemunhar com sua morte da verdade daquela semente que havia plantado tão diligentemente.

A morte de Eduardo, em 1553, expus a Cranmer a toda a fúria de seus inimigos. Embora o arcebispo estava entre os que haviam apoiado a ascensão de Maria, foi arrestado ao reunir-se o parlamento, e em novembro foi declarado culpável de alta traição em Guildhall, e

degradado de suas dignidades. Enviou uma humilde carta a Maria, explicando a causa de sua assinatura do testamento em favor de Eduardo, e em 1554 escreveu ao Conselho, a quem pressionou a pedir perdão à rainha, mediante uma carta entregada ao doutor Weston, mas este a abriu e, ao ler seu conteúdo, cometeu a baixeza de devolvê-la.

A traição era uma acusação totalmente inaplicável contra Cranmer, quem havia apoiado o direito da rainha, enquanto outros, que haviam favorecido a lady Jane foram liberados mediante o pagamento de uma pequena multa. Agora se espalhou contra Cranmer uma calúnia de que havia acedido a certas cerimônias papistas para congraçar-se com a rainha, o que ousou negar em público, justificando seus artigos de fé. A ativa parte que o prelado tivera no divórcio da mãe de Maria sempre tinha ficado profundamente encravada no coração da rainha, e a vingança foi um rasgo destacado na morte de Cranmer.

Nesta obra temos mencionado as disputas públicas em Oxford, nas que os talentos de Cranmer, Ridley e Latimer se mostraram de maneira tão patente, e que levaram à sua condena. A primeira sentença foi ilegal, porquanto o poder usurpado do Papa não tinha sido restabelecido de forma legal.

Deixados no cárcere até que isto esteve em último lugar, se enviou uma comissão desde Roma, designando o doutor Brooks como representante de Sua Santidade, e os doutores Story e Martin como os da rainha. Cranmer estava disposto a submeter-se à autoridade dos doutores Story e Martin, mas objetou a do doutor Brooks. Tais foram as observações e contestações de Cranmer, após um longo interrogatório, que o doutor Brooks comentou: "Viemos interrogar-vos a vós, e para que sois vós que nos interroga".

Enviado de novo a seu encerro, recebeu uma citação para comparecer em Roma após dezoito dias; mas isto lhe era impossível, porquanto estava encarcerado na Inglaterra, e como disse, ainda que tivesse estado livre, era demasiado pobre para pagar um advogado. Por absurdo que pareça, Cranmer foi condenado em Roma, e o 14 de fevereiro de 1556 se designou uma nova comissão pela qual foram estabelecidos Thirlby, bispo de Ely, e Bonner, de Londres, para agir em juízo em Christ Church, Oxford. Em virtude deste tribunal, Cranmer foi degradado gradualmente, colocando-lhe uns míseros farrapos para representar as vestes de um arcebispo. Tirando-lhe depois estas roupas, lhe arrancaram a própria toga, e lhe colocaram acima uma velha; isto o suportou imperturbável, e seus inimigos, ao ver que a severidade somente o deixava mais decidido, tentaram o caminho oposto, e o alojaram em casa do arquidiácono do Christ Church, onde foi tratado com todas as contemplações.

Isto constituiu tal contraste com os três anos de duro encerro que havia sofrido que lhe fez baixar a guarda. Seu natural aberto e generoso era mais susceptível a ser seduzido por uma conduta liberal que por ameaças e correntes. Quando Satanás vê a um cristão a prova contra todo ataque, tento outro. E que forma há mais sedutora que os sorrisos, as recompensas e o poder, depois de um encarceramento longo e penoso? Assim aconteceu com Cranmer; seus inimigos lhe prometeram sua anterior grandeza se se desdizia, e também o favor da rainha, e isto quando já sabiam que sua morte tinha sido decidida no Conselho. Para suavizar o caminho para a apostasia, o primeiro documento que lhe apresentaram para assinar estava redigido em termos gerais; uma vez assinado, outros cinco lhe foram sucessivamente apresentados como explicativos do primeiro, até que no final assinou este detestável documento: "Eu, Tomás Cranmer, anterior arcebispo de Canterbury, renuncio, aborreço e detesto toda forma de heresias e erros de Lutero e Zuínglio, e todos os outros ensinos contrários com a sã e verdadeira doutrinária. E creio com toda constância em meu coração, e confesso com minha boca, uma igreja santa e católica visível, fora da qual não há salvação; e por isso reconheço o bispo de Roma como o supremo cabeça na terra, a quem reconheço como o mais elevado bispo e Papa, e vicário de Cristo, a quem deveriam sujeitar-se todas as pessoas cristãs".

"No que respeita aos sacramentos, creio e adoro no sacramento do altar o corpo e o sangue de Cristo, contidos bem verdadeiramente sob as forma de pão e vinho; sendo o pão, pelo infinito poder de Deus, transformado no corpo de nosso Salvador Jesus Cristo, e o vinho em seu sangue".

"E nos outros seis sacramentos também (como neste) creio e mantenho como o mantém a Igreja universal, e como o julga e determina a Igreja de Roma".

"Creio também que há um lugar de purgação, onde as almas dos defuntos são desterradas por um tempo, pelas quais a Igreja ora piedosa e sadiamente, como também honra os santos e faz orações aos mesmos".

"Finalmente, em todas as coisas professo que não creio de outra forma que o que mantém e ensina a Igreja Católica e a Igreja de Roma. Sinto ter jamais mantido ou pensado coisa diferente. E rogo ao Deus Onipotente que em sua misericórdia me outorgue o perdão por tudo o que tenho ofendido contra Deus ou sua Igreja, e também desejo e rogo a todos os cristãos que orem por mim".

"E que todos os que têm sido enganados já por meu exemplo, já pela minha doutrina, lhes demando, pelo sangue de Jesus Cristo, que voltem à unidade da Igreja, para que todos sejamos de um pensar, sem cismas nem divisões".

"E para concluir, tal como me submeto à Católica Igreja de Cristo, e a sua suprema cabeça, do mesmo modo me submeto a suas mais excelentes majestades Felipe e Maria, rei e rainha deste reino de Inglaterra, etc., e a todas suas outras leis e decretos, estando sempre como fiel súbdito presto a obedecê-lhes. E Deus é testemunha que tenho feito isto não pelo favor ou temor de ninguém, senão voluntariamente, e por minha própria consciência, em quando a instruções de outros".

"O que pensa estar firme, olhe que não caia", disse o apóstolo, e esta foi certamente uma queda! Os papistas tinham agora triunfado de vez, obtendo dele tudo o que queriam aparte de sua vida. Sua retratação foi imediatamente impressa e dispersada, para que surtisse seu efeito sobre os atônitos protestantes. Mas Deus predominou sobre todos os desígnios dos católicos pela sanha com a que executaram implacáveis a perseguição de sua presa. É indubitável que o amor à vida foi o que induziu a Cranmer a assinar a anterior declaração; porém pode-se dizer que a morte teria sido preferível para ele que a vida, estando sob o aguilhão de uma consciência violada e do menosprezo de cada cristão evangélico; e esta ação a sentiu com toda sua força e angústia.

A vingança da rainha somente podia ser satisfeita com o sangue de Cranmer, e portanto ela escreveu uma ordem ao doutor Pole para que preparasse um sermão que devia ser predicado o 21 de março, diretamente antes do martírio, em St. Mary's, Oxford. O doutor Pole o visitou uns dias antes, e o induziu a acreditar que proclamaria publicamente suas crenças como confirmação dos artigos que tinha assinado. Por volta das 9 da manhã do dia da imolação, os comissionados da rainha, acompanhados pelos magistrados, levaram o gentil e infortunado homem à Igreja de St. Mary's. Seu hábito esfarrapado e sujo, o mesmo com o qual o vestiram quando o degradaram, excitou a compaixão da gente. Na igreja encontrou uma pobre e mísera plataforma, levantada justo diante do púlpito, onde o deixaram, e ali voltou o rosto e orou fervorosamente a Deus.

A igreja estava repleta de pessoas de ambas convicções, esperando ouvir uma justificação de sua recente apostasia; os católicos regozijando-se, e os protestantes profundamente feridos em seu espírito ante o engano do coração humano. O doutor Pole denunciou em seu sermão a Cranmer como culpável dos mais atrozes crimes; alentou o enganado sofredor a não temer a morte, nem a duvidar do apoio de Deus em seus tormentos, nem de que se diriam missas por ele em todas as igrejas de Oxford para o descanso de sua alma. Depois o doutor observou sua conversão, a qual atribuiu à evidente operação do poder do Onipotente, e a fim de que a gente se convencesse de sua realidade, pediu ao prisioneiro que lhes desse um sinal. E Cranmer o

fez, rogando a congregação que orassem por ele, porque tinha cometido muitos e graves pecados; porém de todos eles havia um que gravitava pesadamente sobre ele, do qual falaria em breve.

Durante o sermão, Cranmer chorou amargas lágrimas, levantando as mãos e o olhar ao céu e deixando-as cair, como se indigno de viver; sua dor encontrou agora seu alívio nas palavras; antes de sua confissão caiu de joelhos, e com as seguintes palavras desvelou a profunda convicção e agitação que moviam sua alma.

"Oh, Pai do céu! Oh, Filho de Deus, Redentor do mundo! Oh, Espírito Santo, três pessoas num Deus! tem misericórdia de mim, o mais miserável dos covardes e pecadores. Pequei tanto contra o céu como contra a terra, mais do que minha língua possa expressar. Aonde posso ir, ou aonde posso fugir? Ao céu posso estar envergonhado de levantar meus olhos, e na terra não acho lugar onde refugiar-me nem quem me socorra. A ti, pois, corro, Senhor; ante ti me humilho, dizendo: oh, Senhor, meu Deus, meus pecados são grandes, mas tem misericórdia Tu de mim por tua grande misericórdia. O grande mistério de que Deus se fizesse homem não teve lugar por pequenas ou poucas ofensas. Tu não nos deste a teu Filho, ó Pai celestial, à morte somente por pequenos pecados, senão pelos maiores pecados do mundo, para que o pecador possa voltar a ti de todo coração, como eu o faço agora. Por isso, tem misericórdia de mim, oh, Deus, cuja qualidade é sempre ter misericórdia, tem misericórdia de mim, oh, Senhor, por tua grande misericórdia. Nada anelo por meus próprios méritos, senão por causa de teu nome, para que seja por isso santificado, e por causa de teu amado Filho, Jesus Cristo. E agora, pois, Pai nosso que estás no céu, santificado seja teu nome..." etc.

Depois, levantando-se disse que desejava antes de sua morte fazer algumas piedosas observações pelas que Deus pudesse ser glorificado, e eles mesmos edificados. Depois falou acerca do perigo do amor pelo mundo, do dever da obediência a suas majestades, do amor de uns pelos outros, e da necessidade de que os ricos ministrassem para as necessidades dos pobres. Citou os três versículos do quinto capítulo de Tiago, e então prosseguiu: "Que os ricos ponderem bem estas três sentenças: porque se jamais tiveram ocasião de mostrar sua caridade, a têm agora neste tempo presente, havendo tantos pobres, e sendo tão caros os alimentos".

"E agora, porquanto tem chegado o fim de minha vida, no qual pende toda minha vida passada e a minha vida vindoura, bem para viver com meu Senhor Cristo para sempre com gozo, ou bem para estar em penas sempiternas com os malvados no inferno, e enxergo agora com meus olhos, neste momento, o céu pronto para receber-me, ou o inferno prestes a engolir-me; por isso vos exporei minha própria fé que acredito, sem cores nem engano algum, porque não é agora o

momento de enganar, seja o que for que tenha escrito em tempos passados".

"Primeiro, creio em Deus o Pai Onipotente, Criador dos céus e da terra, etc. e creio cada um dos artigos da fé católica, cada palavra e frase ensinada por nosso Salvador Jesus Cristo, seus apóstolos e profetas, no Novo e Antigo Testamento".

"E agora chego ao que tanto perturba minha consciência, mais que nada do que tenha feito ou falado em toda minha vida, e é a difusão de um escrito contrário à verdade que aqui agora renuncio e recuso como coisas escritas por minha mão em contra da verdade que pensava em meu coração, e escritas por temor à morte, e para salvar minha vida se isso for possível; e se trata de todos aqueles documentos e papéis escritos ou assinados por minha mão desde minha degradação nos que tenho escrito muitas coisas falsas. E porquanto minha mão tem ofendido, escrevendo em contra de meu coração, por isso minha mão será a primeira em ser castigada; porque quando chegue ao fogo será o primeiro em ser queimado".

"Em quanto ao Papa, o rejeito como inimigo de Cristo e Anticristo, com todas suas falsas doutrinas".

Ao concluir esta inesperada declaração, se respirava assombro e indignação em todos os cantos da igreja. Os católicos estavam totalmente confundidos, frustrados totalmente em seu intento, tendo Cranmer, a semelhança de Sansão, causado uma maior ruína sobre seus inimigos na hora da morte que em sua vida.

Cranmer teria desejado prosseguir em sua denuncia das doutrinas papistas, porém os murmúrios dos idólatras afogaram sua voz, e o predicador deu ordem de "Levai este herege!". A selvagem ordem foi obedecida diretamente, e o cordeiro a pastor de sofrer foi arrancado de sua plataforma para ser levado ao matadouro, xingado a todo o longo do caminho, injuriado e escarnecido por aquela praga de monges e frades.

Com os pensamentos centrados num objeto muito mais elevado que as vãs ameaças dos homens, chegou ao lugar maculado com o sangue de Ridley e Latimer. Ali se ajoelhou para um breve tempo de fervorosa devoção, e depois se levantou, para tirar a roupa e preparar-se para o fogo. Dois frades que tinham participado da operação de lograr sua abjuração trataram agora de voltar a afastá-lo da verdade, mas ele se mostrou firme e inamovível no que acabava de professar e de ensinar em público. Lhe colocaram uma corrente para amarrá-lo à estaca, e depois de tê-lo rodeado ferreamente com ela, acenderam a fogueira, e as labaredas começaram a subir.

Então se fizeram manifestos os gloriosos sentimentos do mártir, quem, estendendo sua mão direita, a manteve tenazmente sobre o

fogo até ficar reduzida a cinzas, incluso antes que seu corpo fosse danificado, exclamando com freqüência: "Esta indigna mão direita!"

Seu corpo suportou a queima com tal firmeza que pareceu não mexer-se mais que a estaca a qual estava sujeito. Seus olhos estavam fixos no céu, enquanto repetia: "Esta indigna mão direita" durante o tempo que sua voz lhe permitiu, e empregando muitas vezes as palavras de Estevão, "Senhor Jesus, recebe meu espírito", entregou o espírito em meio de uma grande flama.

A visão das três escadas de mão

Quando Robert Samuel foi conduzido para ser queimado, vários dos que estavam perto dele o ouviram contar estranhas coisas que lhe tinham acontecido durante o tempo de seu encarceramento; como que depois de ter estado quase morrendo ed fome por dois ou três dias, caiu logo num sono como médio adormecido, no qual lhe pareceu ver a um todo vestido de branco diante dele, que o confortou com estas palavras: "Samuel, Samuel, tem ânimo, e alenta teu coração; porque depois deste dia não estarás nem faminto nem sedento".

Não menos memoráveis nem menos dignas de menção são as três escadas que narrou a vários que viu em seu sono, que subiam ao céu; uma delas era um tanto mais compridas que as outras duas, porém no final se transformaram numa só, unindo-se as três numa única.

Enquanto este piedoso mártir ia para o fogo, se aproximou dele certa donzela, que o abraçou e o beijou; esta, observada pelos que estavam perto, foi buscada no dia seguinte para lançá-la no cárcere e queimá-la, como a mesma moça me informou; contudo, tal como Deus o ordenou em sua bondade, ela fugiu de suas mãos ferozes, e se manteve oculta na cidade durante bastante tempo depois.

Mas assim como esta moça, chamada Rose Nottingham, foi maravilhosamente preservada pela providência de Deus, houve não obstante duas honradas mulheres que caíram sob a fúria desatada daqueles tempos. A primeira era a mulher de um cervejeiro, e a outra a mulher de um sapateiro, porém ambas estavam agora desposadas a um novo marido, a Cristo.

Com estas duas tinha esta moça já mencionada uma grande amizade; ao aconselhar ela a uma das casadas, dizendo-lhe que devia ocultar-se enquanto tivesse tempo e oportunidade, recebeu esta resposta: "Sei muito bem que para ti é legítimo fugir; este é um remédio que podes utilizar se desejas. Meu caso é distinto. Estou ligada a meu marido, e além disso tenho crianças pequenas em casa; por isso, estou decidida, por amor a Cristo, a manter-me firme até o fim".

Assim, no dia seguinte que padecera Samuel, estas piedosas mulheres, uma chamada Anne Ponen e a outra Joan Trunchfield, esposa de Michael Trunchfield, sapateiro de Ipswich, foram

encarceradas e lançadas juntas na prisão. Como eram ambas, por seu sexo e constituição, mais bem fracas, foram portanto menos capazes no princípio de resistir a dureza da prisão; e de forma especial a mulher do cervejeiro se viu lançada numas agonias e angústias de mente por isso. Porém Cristo, contemplando a debilidade de sua serva, não deixou de ajudá-la nesta necessidade; e assim as duas sofreram depois de Samuel, o 19 de fevereiro de 1556. e elas eram indubitavelmente as duas escadas que, unidas à terceira, viu Samuel subindo para o céu. Este bem-aventurado Samuel, servo de Cristo, tinha sofrido o 31 de agosto de 1555.

Conta-se entre os que estiveram presentes e que o viram ser queimado, que ao queimar seu corpo resplandeceu nos olhos dos que estavam perto dele, tão brilhante e branco como a prata de lei.

Quando Agnes Bongeor se viu separada se seus companheiros de prisão se lamentou e se pus a gemer de tal modo, lhe sobrevieram tais estranhos pensamentos à cabeça, se viu tão falta de assistência e desolada e afundou em tal profundeza de desespero e de angústia, que foi um espetáculo lastimoso e penoso; tudo porque ela não pôde ir com eles a dar sua vida em defesa de seu Cristo; porque a vida era o que menos valorava de todas as coisas deste mundo.

Isso se devia a que aquela manhã na que não foi levada à fogueira tinha-se colocado um vestido que havia preparado só para aquele propósito. Tinha também um filho pequeno, de peito, a quem tinha guardado docemente todo o tempo que estava no cárcere, até aquele dia em que também o entregou a uma aia, preparando-se ela para entregar-se para o testemunho do glorioso Evangelho Deus Jesus Cristo. Tão pouco desejava a vida, e tão grandemente operavam nela os dons de Deus por sobre a natureza, que a morte lhe parecia muito mais bem-aventurada que a vida. Depois disto começou a estabilizar-se e a exercitar-se na leitura e na oração, o que lhe deu não pouco consolo.

Pouco tempo depois chegou a ordem de Londres para que fosse queimada, ordem que foi executada.

Hugh Laverick e John Aprice

Aqui vemos que nem a impotência da idade nem a aflição da cegueira podiam desviar as garras assassinas destes monstros babilônicos. O primeiro destes desafortunados era da paróquia de Barking, de sessenta e oito anos de idade, pintor e paralítico. O outro era cego, escurecido certamente em quanto a suas faculdades visuais, porém intelectualmente iluminado com a luz do Evangelho eterno da verdade. Pessoas inofensivas que eram, foram denunciadas por alguns filhos do fanatismo, e arrastados ente o sanguinário prelado de Londres, onde sofreram um interrogatório, e replicaram os artigos que

lhes propuseram, como já tinham feito outros mártires cristãos. O 9 de maio, no consistório de são Paulo, foram cominados a desdizer-se, e ao recusarem foram enviados a Fulham, onde Bonner, depois de ter comido, como sobremesa os condenou às agonias do fogo. Entregues ao braço secular o 15 de maio de 1556, foram levados em carreta desde Newgate a Stratford-le-Bow, onde foram amarrados à estaca. Quando Hugh Laverick ficou amarrado com a corrente, sem precisar já de sua muleta, a lançou longe, dizendo-lhe a seu companheiro de martírio, enquanto o consolava: "Alegra-te, meu irmão, porque o lorde de Londres é um bom médico; pronto nos curará, a ti de tua cegueira, e a mi de minha paralisia". E foram alimento das chamas, para levantar-se na imortalidade.

O dia depois dos anteriores martírios, Catherine Hut, de Bocking, uma viúva, Joan Homs, solteira, de Billericay, e Elizabeth Thackwel, solteira, de Great Burstead, sofreram a morte em Smithfield.

Tomás Dowry. Outra vez temos que registrar um ato de crueldade implacável, cometido contra este rapaz, a quem o bispo Hooper tinha confirmado no Senhor e no conhecimento da Palavra.

Não se sabe com certeza quanto tempo esteve este coitado sofrente no cárcere. Pelo testemunho de John Paylor, atuador de Gloucester, sabemos que quando Dowry foi feito comparecer ante o doutor Williams, então chanceler de Gloucester, lhe foram apresentados os artigos usuais para que os assinasse; ao dissentir dos mesmos, e ao exigi-lhe o doutor que lhe dissesse quem e onde tinha aprendido suas heresias, o jovem respondeu: "Senhor chanceler, as aprendi de vossa parte naquele mesmo púlpito. Em tal dia (citando uma data) vós dissestes, ao predicar sobre o Sacramento, que devia ser exercido espiritualmente pela fé, e não carnalmente, como o ensinam os papistas". Então o doutor Williams o convidou a que se desdissesse, como ele mesmo tinha feito; porém Dowry não tinha aprendido as coisas desta forma. "Embora vós podais zombar tão facilmente de Deus, do mundo e de vossa própria consciência, eu não agirei assim".

A preservação de George Crow e de seu Novo Testamento

Este coitado, de Malden, zarpou um 26 de maio de 1556 para carregar em Lent terra, porém o barco encalhou num banco de areia, se encheu de água, e perdeu toda a carga; contudo, Crow salvou seu Novo Testamento, e não cobiçava nada mais. Com Crow estavam um homem e um rapaz, e sua terrível situação se fez mais e mais alarmante com o passar dos minutos, e a embarcação era inútil. Estavam a dez milhas de terra, esperando que a maré começasse logo a subir sobre eles. Depois de orar a Deus, subiram ao mastro, e se aferraram a ele por espaço de dez horas, até que o coitado rapaz, vencido pelo frio e o esgotamento, caiu e se afogou. Ao descer a maré,

Crow propus baixar os mastros e flutuar sobre eles, e assim o fizeram; e às dez da noite se entregaram às ondas. Na quarta-feira pela noite, o companheiro de Crow morreu de fadiga e fome, e ele ficou sozinho, clamando a Deus que o socorresse. Afinal foi recolhido pelo capitão Morse, rumo de Amberes, que quase tinham passado por ele, tomando-o por uma bóia de pescador flutuando no mar. Tão logo como Crow esteve a bordo, pus a mão em seu bolso e tirou seu Novo Testamento, que estava desde logo molhado, porém sem maiores danos. Em Amberes foi bem recebido, e o dinheiro que tinha perdido lhe foi mais que compensado.

Execuções em Stratford-le-Bow

Neste sacrifício que vamos detalhar, não menos de treze foram condenados à fogueira.

Ao recusar cada um deles afirmar coisas contrárias a suas consciências, foram condenados, e o 27 de junho de 1556 foi marcado como o dia de sua execução em Stratford-le-Bow. Sua constância e fé glorificaram a seu Redentor, o mesmo em vida que na morte,

O reverendo Julius Palmer

A vida deste cavalheiro mostra um singular exemplo de erro e de conversão. Em tempos de Eduardo foi um rígido papista, tão adverso à piedosa e sincera predicação que incluso era menosprezado por seu próprio partido; que sua mentalidade mudasse, e sofresse perseguição em tempos da Rainha Maria, constitui um daqueles acontecimentos da onipotência ante os que nos maravilhamos e ficamos enchidos de admiração.

O senhor Palmer nasceu em Coventry, onde seu pai tinha sido alcaide. Ao trasladar-se posteriormente a Oxford, chegou a ser, sob o senhor Hartey, do Magdalen College, um elegante erudito de latim e grego. Adorava as conversações interessantes, possuis um grande engenho e uma poderosa memória. Infatigável no estudo privado, levantava-se às quatro da manhã, e com esta prática se qualificou para chegar a ser o leitor de lógica no Magdalen College. Mas ao favorecer a Reforma o reinado de Eduardo, viu-se freqüentemente castigado por seu menosprezo à oração e à conduta ordenada, e foi finalmente expulsado da instituição.

Depois abraçou as doutrinas da Reforma, o qual o levou a seu arresto e final condena.

Um certo nobre lhe ofereceu a vida se abjurava. "Se assim fizeres", lhe disse, "viverás comigo. E se pensas casar, te conseguirei uma esposa e uma granja, e vos ajudarei a equipá-la. Que dizes a isto?"

Palmer lhe agradeceu com muita cortesia, mas de forma muito modesta e respeitosa lhe observou que já havia renunciado a viver em

dois lugares por causa de Cristo, pelo que pela graça de Deus estaria disposto também a dar sua vida pela mesma causa, quando Deus o dispuser.

Quando Sir Richard viu que seu interlocutor não estava disposto a ceder em absoluto, lhe disse: "Bem, Palmer, vejo que um de nós dois vai condenar-se; porque somos de duas fés distintas, e estou bem certo de que existe uma única fé que leva à vida e à salvação".

Palmer: "Bem, senhor, eu espero que ambos nos salvemos".

Sir Richard: "E como poderá ser isto?"

Palmer: "De forma muito clara. Porque a nosso misericordioso Deus lhe aprouve chamar-me, em conformidade com a parábola do Evangelho, na terceira hora do dia, em meu florescimento, à idade de vinte e quatro anos, assim como espero que vos tenha chamado, e vos chamará, na hora undécima desta vossa velhice, para dar-vos vida eterna como vossa porção".

Sir Richard: "Isto dizes? Bem, Palmer, bem, gostaria ter você um só mês em minha casa; não duvido que eu te converteria, ou que tu me converterias".

Então disse o Master Winchcomb: "Apieda-te destes anos dourados, e das prazerosas flores da frondosa juventude, antes que seja demasiado tarde".

Palmer: "Senhor, anelo aquelas flores primaverais que jamais murcharão".

Foi julgado o 15 de julho de 1556, junto com um companheiro de prisão chamado Tomás Askin. Askin e um tal John Guin tinham sido sentenciados o dia anterior, e o senhor Palmer foi levado o 15 para ouvir sua sentença definida. Foi ordenado que a execução seguisse à sentença, e às 5 daquela mesma tarde estes mártires foram amarrados ao poste num lugar chamado Sand-pits. Depois de ter orado devotamente juntos, cantaram o Salmo 31.

Quando foi aceso o fogo e pegou seus corpos, continuaram clamando, sem dar aparência alguma de sofrer dor: "Senhor Jesus, fortalece-nos! Senhor Jesus, recebe nossas almas!", até que ficou suspendida sua vida e desapareceu o sofrimento humano. Deve destacar-se que quando suas cabeças tiveram caído juntas como numa massa pela força das chamas, e os espectadores achavam que Palmer estava já sem vida, de novo se mexeram sua língua e lábios, e o ouviram pronunciar o nome de Jesus, a quem seja a glória e a honra para sempre.

Joan Waste e outros

Esta pobre e honrada mulher, cega de nascimento e solteira, de vinte e dois anos de idade, pertencia à paróquia de Todos os Santos, Derby. Seu pai era barbeiro, e também fabricava cordas para melhor

ganhar-se o sustento. Nesta tarefa ela o ajudava, e também aprendeu a tecer vários artigos de vestir. Recusando comunicar-se com aqueles que mantinham doutrinas contrárias às que ela tinha aprendido nos dias do piedoso Eduardo, foi feita comparecer ante o doutor Draicot, o chanceler do bispo Blaine, e ante Peter Finch, oficial de Derby.

Tentaram confundir esta coitada moça com sofismas e ameaças, mas ela ofereceu ceder à doutrina do bispo se este estiver disposto a responder como no Dia do Juízo (como o havia feito o piedoso doutor Taylor em seus sermões) de que sua crença na presença real do Sacramento era verdadeira. A princípio, o bispo respondeu que o faria, mas ao lembrá-lo o doutor Draicot que não podia de jeito nenhum responder por um herege, retirou sua confirmação de suas próprias crenças; ela então lhes respondeu que se suas consciências não lhes permitiam responder ante o tribunal de Deus pela verdade que eles queriam que ela aceitasse, que ela não contestaria nenhuma outra de suas perguntas. Então se pronunciou sentença, e o doutor Draicot foi encomendado para predicar o sermão da condena da moça, o que teve lugar o 1 de agosto de 1556, o dia de seu martírio. Ao terminar seu fulminante discurso, a coitada cega foi logo conduzida a um lugar chamado Windmill Pit, perto da cidade, onde por um tempo susteve a mão de seu irmão, e depois se separou para o fogo, pedindo à compadecida multidão que orasse por ela, e a Cristo que tivesse misericórdia dela, até que a gloriosa luz do eterno Sol de justiça resplandeceu sobre seu espírito fora do corpo.

Em novembro, quinze mártires foram aprisionados no castelo de Canterbury, os quais foram todos ou queimados ou deixados morrer de fome. Entre estes últimos estavam J. Clark, D. Chittenden, W. Foster de Stonc, Mice Potkins, y J. Archer, de Cranbrooke, tecelão. Os dois primeiros não tinham sido condenados, mas os outros tinham sido sentenciados ao fogo. Foster, em seu interrogatório, comentou acerca da utilidade de levar círios acesos no dia da Candelária, que igual valeria levar uma forca, e que um patíbulo teria tanto efeito como uma cruz.

Temos agora levado a seu fim as sanguinárias atuações da impiedosa Maria, no ano 1556, cujo número se elevou acima de OITENTA E QUATRO.

O começo do ano 1557 foi notável pela visita do cardeal Pole à Universidade de Cambridge, que parecia ter grande necessidade de ser limpada de predicadores hereges e de doutrinas reformadas. Um objetivo era também executar a farsa papista de julgar a Martinho Bucero e a Paulus Phagius, que tinham estado enterrados já durante três ou quatro anos. Com este propósito, as igrejas de Santa Maria e de são Miguel foram colocadas sob interdito como lugares vis e ímpios, indignos do culto de Deus, até que fossem perfumadas e lavadas com

água benta papista, etc. o torpe ato de citar a comparecer a estes defuntos reformadores não teve o mais mínimo efeito sobre eles, e o 26 de janeiro se pronunciou sentença de condenação, parte da qual rezava assim, e pode servir como amostra dos processos desta natureza: "Por isso pronunciamos ao dito Martinho Bucero e a Paulus Phagius excomungados e anatematizados, tanto pelas leis comuns como por cartas processais; e para que sua memória seja condenada, condenamos também seus corpos e ossos (que no malvado tempo do cisma, e florescendo outras heresias neste reino, foram precipitadamente sepultados em terra sagrada) sejam exumados e lançados longe dos corpos e ossos dos fiei, segundo os cânones santos, e mandamos que eles e seus escritos, se encontram-se aqui quaisquer deles, sejam publicamente queimados; e proibimos a todas as pessoas desta universidade, cidade ou lugares limítrofes, que leiam ou escondam seus heréticos livros, tanto pela lei comum como por nossas cartas processais".

Depois que a sentença fosse lida, o bispo mandou que seus corpos foram exumados de seus sepulcros e, degradados de seus sagradas ordens, entregues em mãos do braço secular; porque não lhes era legítimo a pessoas tão inocentes, e odiando todo derramamento de sangue e detestando todo ânimo de homicídio, dar morte a ninguém.

O 6 de fevereiro, seus corpo, dentro de seus ataúdes, foram levados ao meio da praça do mercado em Cambridge, acompanhados por uma vasta multidão. Se afincou um posto no chão, ao qual se amarraram os ataúdes com grandes correntes, fixadas pelo centro, como se os conversão tivessem estado vivos. Quando o fogo começou ascender e pegou nos ataúdes, foram lançados às chamas também alguns livros dos condenados, para queimá-los. Contudo, no reinado de Elizabete se fez justiça à memória destes piedosos e eruditos homens, quando o senhor Ackworth, orador da universidade, e o senhor J. Pilkington pronunciaram discursos em honra de sua memória, reprovando seus perseguidores católicos.

O cardeal Pole infligiu também sua impotente fúria contra o cadáver da mulher de Peter Martyr que, por ordem sua, foi exumado da sepultura, e enterrado num distante estercoleiro, em parte porque seus ossos estavam muito perto das relíquias de são Fridewide, que tinha sido anteriormente muito estimado naquele colégio, e em parte porque queria purificar Oxford de restos heréticos, igual que Cambridge. Porém no reinado que se seguiu, seus restos foram restaurados a seu anterior cemitério, e inclusive misturados com os do santo católico, para assombro e mortificação absolutos dos discípulos de Sua Santidade o Papa.

O cardeal Pole publicou uma lista de cinqüenta e quatro artigos contendo instruções para o clero de sua diocese de Canterbury, alguns

dos quais são demasiado ridículos e pueris para excitar em nossos dias outra coisa senão o riso.

Perseguições na diocese de Canterbury

No mês de fevereiro foram encerradas em prisão as seguintes pessoas: R. Coleman, de Waldon, um operário; Joan Winseley, mulher solteira de Horsley Magna; S. Glover, de Rayley; R. Clerk, de Much Holland, marinheiro; W. Munt, de Much Bendey, serrador; Margaret Field, de Ramsey, mulher solteira; R. Bongeor, curtidor; R. Jolley, marinheiro; Allen Simpson, Helen Ewire, C. Pepper, viúva; Alice Walley (que se desdisse); W. Bongeor, vidraceiro, todos eles de Colchester; R. Atkin, de Halstead, tecelão; R. Barbock, de Wilton, marceneiro; R. George, de Westbarhonlt, operário; R. Debnam de Debenham, tecelão; C. Wanen, de Cocksall, solteira; Agnes Whitlock, de Dover-court, solteira; Rose Allen, solteira; y T. Feresannes, menor; ambos de Colchester.

Estas pessoas foram feitas comparecer ante Bonner, que as teria feito executar imediatamente, mas o cardeal Pole era partidário de medidas muito mais misericordiosas, e Bonner, numa de suas cartas ao cardeal, parece estar consciente de que o havia desagradado, porque utiliza esta expressão: "Pensei em mandá-los a todos a Fulham, e pronunciar ali sentença contra eles; contudo, percebendo que em minha última atuação vossa graça se ofendeu, achei meu dever, antes de prosseguir, informar a vossa graça". Esta circunstância confirma o relato de que o cardeal era uma pessoa com humanidade; e embora um católico zeloso, nós, como protestantes, estamos dispostos a rendê-lhe a honra que merece seu caráter misericordioso. Alguns dos acerbos perseguidores o denunciaram ante o Papa como favorecedor de hereges, e foi chamado a Roma, porém a Rainha Maria, por um rogo particular, logrou sua permanência na Inglaterra. Contudo, antes do final de sua vida, e pouco antes de sua última viagem de Roma a Inglaterra, esteve sob graves suspeitas de favorecer a doutrina de Lutero.

Assim como no último sacrifício quatro mulheres honraram a verdade, igualmente no seguinte auto de fé temos um número semelhante de mulheres e varões que sofreram, o 30 de junho de 1557, em Canterbury, e que se chamavam J. Fishcock, F. White, N. Pardue, Barbary Final, que era viúva, a viúva de Barbridge, a esposa de Wilson e a esposa de Benden.

Deste grupo observaremos mais particularmente a Alice Benden, mulher de Edward Benden, de Staplehurst, em Kent. Tinha sido arrestada em outubro de 1556 por não assistência, e liberada com estritas ordens de emendar sua conduta. Seu marido era um fanático católico, e ao falar em público da contumácia de sua mulher, foi

enviada ao castelo de Canterbury, onde sabendo quando fosse enviada ao cárcere do bispo seria matada de fome com uma misérrima quantidade de alimentos ao dia, começou a preparar-se para este sofrimento tomando uma mínima refeição diária.

O 22 de janeiro de 1557, se marido escreveu ao bispo que caso se impedisse que o irmão de sua mulher, Roger Hall, a continuasse confortando e ajudando, talvez ela voltaria atrás; por isso foi trasladada à prisão chamada Monday's Hole. Seu irmão a buscou com diligência, e depois de cinco semanas, de forma providencial, ouviu sua vos numa masmorra, mas não pôde dar-lhe outro alívio que pôr algo de dinheiro num pedaço de pão, e alcançá-lo com a ajuda de uma longa vara. Deve ter sido terrível a situação desta pobre vítima, jazendo na palha, entre paredes de pedra, sem trocar de vestido nem com os mais mínimos requisitos de limpeza durante nove semanas!

O 25 de março foi chamada diante do bispo, que lhe ofereceu a liberdade e recompensas se voltava a sua casa e se submetia. Mas a senhora Benden tinha-se acostumado ao sofrimento, e mostrando-lhe os braços contraídos e seu rosto famélico, recusou afastar-se da verdade. Sem embargo, foi tirada deste buraco escuro e levada a West Gate, de onde foi tirada no final de abril para ser condenada e depois lançada na prisão do castelo até o 19 de junho, dia em que deveria ser queimada. Na estaca deu seu lenço a um homem chamado John Banns como memória, e do cinto tirou uma renda branca, pedindo-lhe que a entregasse a sua irmã, dizendo-lhe que era a última atadura que tinha levado, a exceção da corrente; e a seu pai devolveu um xelim que tinha-lhe enviado.

Estes sete mártires tiraram as roupas com presteza, e já preparados se ajoelharam, e oraram com tal fervor e espírito cristão que até os inimigos da cruz se sentiram afetados. Depois de ter feito uma invocação conjunta, foram amarrados à estaca e, rodeados de implacáveis labaredas, entregaram suas almas em mãos do Senhor vivo.

Matthew Plaise, um tecelão e cristão sincero e agudo, foi levado diante de Tomás, bispo de Dover, e de outros inquisidores, aos que embromou engenhosamente com suas respostas indiretas, das que se segue uma amostra:

Doutor Harpsfield: Cristo chamou ao pão Seu corpo; que dizes tu que é?

Plaise: Creio que é o que lhes deu.

Dr. H.: E que era?

P: O que Ele partiu.

Dr. H.: E que partiu?

P: O que tomou.

Dr. H.: Que tomou?

P: Digo eu que o que lhes deu, o que certamente comeram.

Dr. H.: Bem, então tu dizes que era somente pão o que os discípulos comeram.

P: Eu digo que o que Ele lhes deu é o que eles verdadeiramente comeram.

Seguiu-se uma discussão muito prolongada, na qual pediram a Plaise que se humilhasse ante o bispo; mas a isto ele recusou. Não se sabe se este valoroso homem morreu no cárcere, se foi executado ou liberado.

O reverendo John Hullier

O reverendo John Hullier se educou no Eton College, e com o tempo veio ser vigário de Babram, a três milhas de Cambridge, e depois foi a Lynn, onde, ao opor-se à superstição dos papistas, foi levado ante o doutor Thirlby, bispo de Ely, e enviado ao castelo de Cambridge; aqui esteve um tempo, e depois foi enviado à prisão de Tolbooth onde, depois de três meses, foi conduzido à Igreja de Santa Maria, e ali condenado pelo doutor Fuller. Na Quinta-Feira Santa foi levado à fogueira; enquanto tirava as roupas, disse as pessoas que estava a ponto de sofrer por uma causa justa, e os exortou a acreditar que não havia outra rocha senão Jesus Cristo sobre a qual edificar. Um sacerdote chamado Boyes pediu então ao alcaide que o silenciasse. Depois de orar, foi mansamente à fogueira, e amarrado então com uma corrente e metido num barril de alcatrão, pegaram fogo às canas e à lenha. Mas o vento arrastou o fogo diretamente detrás dele, o que o fez orar tanto mais fervorosamente sob uma severa agonia. Seus amigos pediram ao verdugo que acendesse os feixes com o vento em sua cara, o que foi feito de imediato.

Lançaram agora uma quantidade de livros ao fogo, um dos quais (o Serviço de Comunhão) ele pegou, o abriu, e gozosamente ficou lendo-o, até que o fogo e a fumaça o privaram da visão; mas incluso então, em fervorosa oração, apertou o livro contra seu coração, dando graças a Deus por dar-lhe, em seus últimos momentos, este dom tão precioso.

Sendo cálido o dia, o fogo ardeu violentamente; num momento determinado, quando os espectadores pensavam que já tinha deixado de existir, exclamou repentinamente: "Senhor Jesus, recebe meu espírito!", e com mansidão entregou sua vida. Foi queimado em Jesus Greden, não longe do Jesus College. Tinham-lhe colocado pólvora, porém morreu antes que se acendesse. Este piedoso mártir constituiu um singular espetáculo, porque sua carne ficou tão queimada desde os ossos, que continuaram erguidos, que apresentou a idéia de uma figura esquelética acorrentada numa estaca. Seus restos foram ansiosamente tomados pela multidão, e venerados por todos os que admiraram sua piedade ou detestavam o desumano fanatismo.

Simão Miller e Elizabete Cooper

No seguinte mês de julho estes dois receberam a coroa do martírio. Miller vivia em Lynn, e acudiu a Norwich, onde, colocando-se à porta de uma das igrejas, enquanto a gente saia, pediu saber onde poderia ir para receber a Comunhão. Por esta causa, o sacerdote o fez levar diante do doutor Dunning, que o fez encerrar; porém depois o deixaram voltar a sua casa para arranjar seus assuntos; após isso voltou à casa do bispo, e a seu cárcere, onde permaneceu até o 13 de julho, dia em que foi queimado.

Elizabete Cooper, mulher de um artesão de metais de St. Andrews, Norwich, tinha-se retratado; porém, atormentada pelo que tinha feito pelo verme que nunca morre, pouco depois se dirigiu voluntariamente a sua igreja paroquial durante o momento do culto papista, e, em pé, proclamou de forma audível que revogava sua anterior retratação, e advertiu a gente que evitasse seu indigno exemplo. Foi tirada de sua casa pelo senhor Sunon, o xerife maior, que muito contra sua vontade cumpriu com a letra da lei, porquanto tinham sido servos e amigos no passado. Na estaca, a coitada mulher, sentindo o fogo, gritou, ao qual o senhor Miller, passando a mão por detrás dele para ela, a animou, "porque (disse), boa irmã, teremos um gozoso e feliz jantar". Alentada por este exemplo e exortação, se manteve inamovível na terrível prova e demonstrou, junto com ele, o poder da fé sobre a carne.

Execuções em Colchester

Já mencionamos antes que vinte e duas pessoas tinham sido enviadas desde Colchester, as quais, com uma ligeira submissão, foram depois liberadas. Delas, William Munt, de Much Bentley, granjeiro, com sua mulher Alice e Rose Allin, sua filha, após voltar a casa, se abstiveram de ir à igreja, o que induziu o fanático sacerdote a escrever secretamente a Bonner. Durante um certo tempo se ocultaram, mas ao voltar o 7 de março, um tal Edmund Tyrrel (parente do Tyrrel que deu morte ao rei Eduardo V e a seu irmão) entrou com oficiais na casa enquanto Munt e sua mulher estavam na cama, informando-lhes que deviam ir ao castelo de Colchester. A senhora Munt estava então muito doente, e pediu que sua filha lhe desse algo para beber. Rose recebeu permissão para isso, e pegou uma vela e uma jarra; ao voltar a casa se encontrou com Tyrrel, que lhe ordenou que aconselhasse seus pais que se tornassem bons católicos. Rose lhe informou em poucas palavras que tinham o Espírito Santo como conselheiro, e que ela estava disposta a dar sua vida pela mesma causa. Voltando-se para a companhia, lhes declarou que estava pronta para ser queimada; então um deles lhe disse que a provasse, para ver de que seria ela capaz no futuro. O insensível desalmado executou no

instante esta proposta; tomando a moça por uma munheca, manteve a vela acendido sob sua mãe, queimando-a transversal-mente no dorso, até que os tendões se separaram da carne, durante o qual a insultou com muitos qualificativos insultantes. Ela suportou imperturbável esta fúria, e depois, quando ele houve terminado a tortura, ela lhe disse que começasse por seus pés ou por sua cabeça, pois não tinha medo que seu cruel patrão fosse algum dia castigá-lo por isso. Depois levou a bebida a sua mãe.

Este cruel ato de tortura não está isolado. Bonner tinha tratado a um coitado harpista de uma maneira muito semelhante, por ter mantido firmemente a esperança de que ainda que lhe queimassem todas as articulações, não se afastaria de sua fé. Com isto, Bonner, fez um sinal em secreto aos homens para que trouxessem brasas acesas, que colocaram na mão daquele coitado, fechando-a pela força, até que queimou profundamente na carne.

George Eagles, um alfaiate, foi acusado de ter orado que "Deus mudará o coração da Rainha Maria, ou a arrebatará"; a causa ostensível de sua morte foi sua religião, porque dificilmente poderia ter sido acusado de traição por ter orado pela reforma de uma alma tão execrável como a de Maria. Condenado por este crime, foi arrastado sobre um trenó até o lugar da execução, junto com dois bandidos, que foram executados com ele. Depois que Eagles subisse a escadinha e tivesse permanecido pendurado durante um certo tempo, foi despedaçado antes de ter ficado por completo inconsciente; um xerife chamado William Swallow o arrastou então ao trenó, e com um machado velho cortou-lhe torpemente a cabeça, e com vários golpes; de uma forma igual de torpe e cruel abriu-lhe o corpo em canal e lhe desgarrou o coração.

Em meio de todos estes sofrimentos, o pobre mártir não se queixou, senão que clamou a seu Salvador. A fúria destes fanáticos não acabou aqui. Seus intestinos foram queimados e o corpo despedaçado, enviando-se os quatro quartos a Colchester, Harwich, Chelmsford e St. Rouse's. Chelmsford teve a honra de reter sua cabeça, que foi encravada numa estaca na praça do mercado. Após um tempo foi deitada pelo vento, e ficou vários dias na rua, até que foi sepultada uma noite no pátio da igreja. O juízo de Deus caiu pouco depois sobre Swallow, que em sua velhice ficou reduzido á mendicância, e foi flagelado por uma lepra que o tornou horroroso até para os animais; e tampouco escapou da mão vingadora de Deus Richard Potts, que angustiou Eagles em seus momentos finais.

A senhora Lewes

Esta senhora era a mulher do senhor T. Lewes, de Manchester. Tinha recebido como verdadeira a religião romanista, até a queima

daquele piedoso mártir que tinha sido o senhor Saunders de Coventry. Ao saber que sua morte surgia de uma rejeição de receber a missa, começou a inquirir pela base desta rejeição, e sua consciência, ao começar a ser iluminada, começou a agitar-se e alarmar-se. Nesta inquietude, recorreu ao senhor John Glover, quem vivia perto, e lhe pediu que lhe desvendasse aquelas ricas fontes que possuía de conhecimento dos Evangelhos, particularmente acerca da questão da transubstanciação. Conseguiu convencê-la facilmente de que a mascarada do papado e da missa estavam em contra da santíssima Palavra de Deus, e a repreendeu fielmente por seguir excessivamente as vaidades de um mundo malvado. Para ela foi em vida futura uma palavra oportuna, porque logo cansou de sua anterior vida de pecado, e resolveu abandonar a missa e o culto idolátrico. Embora obrigada à força pelo marido a ir à igreja, seu menosprezo pela água benta e por outras cerimônias era tão evidente que foi acusada ante o bispo por desprezo dos sacramentos.

De imediato seguiu-se uma citação, dirigida a ela, que foi dada ao senhor Lewes, que, num arrebato de paixão, pus uma adaga no pescoço do oficial e o fez comê-la, e depois o obrigou a beber água para fazê-la descer, e então o fez sair. Por esta ação o bispo citou o senhor Lewes ante ele, igual que sua mulher; este se submeteu com presteza, porém ela afirmou com resolução que ao recusar a água benta nem ofendia a Deus nem quebrantava nenhuma de Suas leis. Foi enviada a sua casa durante um mês, sendo seu marido fiador pecuniário pelo comparecimento dela; durante este tempo o senhor Glover a convenceu da necessidade de fazer o que fazia não por vaidade, senão pela honra e glória de Deus.

O senhor Glover e outros exortaram seriamente a Lewes a perder o dinheiro que tinha pagado de fiança antes de entregar a sua mulher a uma morte certa, mas ficou surdo à voz da humanidade, e a entregou ao bispo, que logo achou causa suficiente para enviá-la a uma imunda prisão, de onde foi algumas vezes tirada para ser submetida a interrogatórios. No final, o bispo arrazoou com ela acerca do justo que era para ela ir à missa e receber como sagrado o Sacramento e os outros sacramentos do Espírito Santo. "Se estas coisas estivessem na Palavra de Deus", disse-lhe a senhora Lewes, "as receberia de todo coração, acreditando nelas e apreciando-as". O bispo lhe respondeu com a mais ignorante e ímpia insolência: "Se não queres crer mais que o que está justificado pelas Escrituras, estás em estado de condenação!". Atônita ante esta declaração, esta digna sofredora replicou com razão que suas palavras eram tão impuras quanto blasfemas.

Depois de ser sentenciada, permaneceu doze meses encarcerada, não estando disposto o xerife maior a executá-la durante o exercício de

seu cargo, ainda que o acabavam de escolher para o mesmo. Quando chegou a ordem para sua execução desde Londres, ela enviou buscar uns amigos, aos que consultou acerca de em que forma poderia sua morte ser gloriosa para o nome de Deus, e prejudicial para a causa dos inimigos. Sorrindo, disse: "Em quanto a minha morte, me é pouca coisa. Quando sei que contemplarei a amante face de Cristo, meu amado salvador, o feio rosto da morte não me preocupa demasiado". A véspera antes de sofrer, dois sacerdotes desejavam vivamente visitá-la, mas ela recusou tanto confessar-se como receber a absolvição, porquanto podia manter melhor comunicação com o Sumo Sacerdote das almas. Por volta das três da madrugada, Satanás começou a lançar seus dardos acesos, colocando dúvidas em sua mente acerca de se teria sido escolhida para a vida eterna, e se Cristo teria morrido por ela. Seus amigos lhe indicaram com presteza aquelas passagens consoladoras da Escritura que confortam o coração fatigado, e que tratam do Redentor que tira os pecados do mundo.

Por volta das 8, o xerife maior lhe anunciou que tinha só uma hora de vida; no princípio sentiu-se abatida, porém logo se repus, e deu graças a Deus de que sua vida seria logo dedicada a Ser serviço. O xerife deu permissão a dois amigos para que a acompanhassem à estaca, indulgência esta pela qual foi depois severamente tratado; ao ir para o lugar quase desmaiou, devido à grande distância, sua grande debilidade e a multidão que se aglomerava. Três vezes orou fervorosamente a Deus para que livrasse a terra do papismo e da idolátrica missa; e a maioria da gente, assim como o xerife maior, disseram amém.

Quando houve orado, tomou aquele cálice (que tinha sido enchido de água para refrescá-la) e disse "Bebo para todos aqueles que sem fingimento amam o Evangelho de Cristo, e brindo pela abolição do papado". Seus amigos, e muitas mulheres do lugar, beberam com ela, pelo que à maioria delas foram depois impostas penitências.

Quando foi acorrentada à estacam seu rosto estava alegre, e o rubor de suas faces não esvaeceu. Suas mãos estiveram estendidas para o céu até que o fogo a deixou sem forças, quando sua alma foi recebida nos braços do Criador. A duração de sua agonia foi breve, porque o xerife, a petição de seus amigos, tinha preparado uma lenha tão boa que em poucos minutos ficou abrumada pela fumaça e as chamas. O caso desta mulher fez brotar lágrimas de compaixão em todos aqueles cujo coração não estava endurecido.

Execuções em Islington

Por volta do 17 de setembro sofreram em Islington os quatro seguintes confessores de Cristo: Ralph Allerton, James Austoo, Margery Austoo, e Richard Roth.

James Austoo e sua mulher, de A'lhallows, em Baiking, Londres, foram sentenciados por não crer na presença. Richard Roth rejeitou os sete sacramentos, e foi acusado de ajudar os hereges pela seguinte carta, escrita com seu próprio sangue, e que tinha tratado de enviar a seus amigos de Colchester:

Queridos irmãos e irmãs:

Quanto maior razão tendes para regozijar-vos em Deus por ter-vos dado tal fé para sobrepor-vos até agora a este sanguinário tirano! E é indubitável que Aquele que tem começado a boa obra em vós outros, a consumará até o fim. Oh, queridos corações em Cristo, que coroa de glória recebereis com Cristo no Reino de Deus! Queira Deus que tivesse estado pronto para ir convosco; porque estou de dia no incômodo, subministrada pelo xerife, e de noite jazo na carvoeira, afastado de Ralph Allerton ou de qualquer outro; e esperamos cada dia quando seremos condenados; porque ele disse que seria queimado no período de dez dias antes da Páscoa; continuo estando à borda do estanque, e cada um entra antes que eu; porém esperamos pacientemente a vontade do Senhor, com muitas correntes, com ferros e cepos, pelos que temos recebido grande gozo de Deus. e agora que vos vá bem, queridos irmãos e irmãs, neste mundo, pois espero vê-los no céu face a face".

Oh, irmão Munt, com tua mulher e tua irmã Rose, quão bem-aventurados sois no Senhor, que vos tem achado dignos de padecer por Sua causa!, e isso com todo o resto de meus queridos irmãos e irmãs, conhecidos ou desconhecidos. Gozai-vos até a morte. Não temais, disse Cristo, porque eu venci a morte. Oh, querido coração, vendo que Jesus Cristo será nossa ajuda, espera até que Ele o deseje. Sede fortes, que se alentem vossos corações, e esperai quietos no Senhor. Ele está perto. Sim, o anjo do Senhor coloca sua tenda em volta dos que o temem, e os livra da forma que melhor lhe parece. Porque nossas vidas estão em mãos do Senhor; e não nos podem fazer nada se o Senhor não lhes permitir. Por isso, dai todos graças a Deus.

Oh, queridos corações, serei revestidos de longas vestes brancas no monte Sião, com a multidão dos santos, e com Jesus Cristo nosso Salvador, que jamais nos desamparará. Oh, bem-aventuradas virgens, tendes jogado o papel de virgens prudentes ao ter tomado azeite em vossas lâmpadas, para poder entrar com o Esposo, quando venha, para o gozo eterno com Ele. Porém, quanto às insensatas, ser-lhes-á fechada a porta, pois não se dispuseram a sofrer com Cristo, nem a levar sua cruz. Oh, queridos corações, quão preciosa será vossa morte aos olhos do Senhor!, porque preciosa lhe é a morte de Seus santos. Que vos vá bem, e continuai orando. Seja convosco a graça de nosso Senhor Jesus Cristo. Amém, amém. Orai, orai, orai!"

Escrito por mim, com meu próprio sangue,
RICHARD ROTH"

Esta carta, na que se denomina com tanta justiça a Bonner como "sanguinário tirano" não era provável que excitasse sua compaixão. Roth o acusou de levá-lo a interrogar secretamente e de noite, porque tinha medo de dia à gente. Resistindo-se a todas as tentações de abjurar, foi condenado, e o 17 de setembro de 1557 estes quatro mártires morreram em Islington, pelo testemunho do Cordeiro, que foi imolado para que eles pudessem ser os remidos de Deus.

John Noyes, um sapateiro de Laxfield, Suffolk, foi levado a Eye, e na meia-noite do 21 de setembro de 1557 o levaram de novo de Eye para Laxfield, para ser queimado. Na manhã seguinte foi conduzido ao poste, preparado para o horrendo sacrifício. O senhor Noyes, ao chegar no lugar fatal, e ajoelhou, orou e recitou o Salmo 50. Quando a corrente o rodeou, disse: "Não temais os que matam o corpo, mas temei Àquele que pode matar corpo e alma, e lançá-los no fogo eterno!". Enquanto um tal Cadman lhe colocava um feixe de lenha sobre ele, bendisse a hora em que havia nascido para morrer pela verdade; e enquanto se confiava somente aos méritos todo-suficientes do Redentor, pegaram fogo à pira, e em pouco tempo o fogo devorador apagou suas últimas palavras: "Senhor, tem misericórdia de mim! Cristo, tem misericórdia de mim!". As cinzas de seu corpo foram sepultadas num fosso, e com elas um de seus pés, inteiro até o tornozelo, com a meia colocada.

A senhora Cicely Ormes

Esta jovem mártir, de vinte e dois anos de idade, estava casada com o senhor Edmund Ormes, tecelão de estame de St. Lawrence, Norwich. Ao morrer Miller e Elizabete Cooper, antes mencionados, ela disse que desejava partilhar do mesmo cálice que eles haviam bebido. Por estas palavras foi levada até o chanceler, que a teria liberado sob sua promessa de assistis à igreja e de guardar-se suas crenças para si mesma. Como ela não estava disposta a consentir nisto, o chanceler a pressionou dizendo que tinha-lhe mostrado mais indulgência a ela que a ninguém porque era uma mulher ignorante e insensata; a estas palavras respondeu ela (quiçá com maior agudeza da que ele esperava) que por grande que fosse o desejo dele de dar perdão a sua pecaminosa carne, não poderia igualar-se ao desejo dela de oferecê-la numa briga de tanta importância. O chanceler pronunciou então a sentença condenatória, e o 23 de setembro de 1557 foi levada à estaca, às 8 da manhã.

Depois de proclamar sua fé ante a gente, pus sua mão sobre a estaca, e disse: "Bem-vinda, cruz de Cristo". Sua mão ficou cheia de

fuligem ao fazer isto porque era a mesma estaca em que tinham sido queimados Miller e Cooper; no princípio ela a limpou, porém de imediato voltou sujá-la e se abraçou a ela como à "doce cruz de Cristo". Depois que os carrascos tivessem acendido o fogo, disse: "Engrandece minha alma o Senhor, e meu espírito se alegrou em Deus, meu Salvador". Depois, cruzando suas mãos sobre seu peito, e olhando para acima com a maior serenidade, suportou o ardente fogo. Suas mãos continuaram levantando-se gradualmente até que ficaram secos os tendões, e depois caíram. Não pronunciou exclamação alguma de dor, senão que entregou sua vida, um emblema daquele paraíso celestial no qual está a presença de Deus, bendito pelos séculos.

Poderia-se dizer que esta mártir buscou voluntariamente sua própria morte, porquanto o chanceler apenas se lhe exigiu outra penitencia que a de guardar para si mesma duas crenças; mas parece neste caso como se Deus a tiver escolhido como luz resplandecente, porque doze meses antes de ser apresada tinha-se retratado; porém se sentiu muito desgraçada até que o chanceler foi informado, por meio de uma carta, que se arrependia de sua retratação desde o mais fundo de seu coração. Como que para compensar por sua anterior apostasia e para convencer os católicos de que não tinha já mais intenções de entrar em acordos por sua seguridade pessoal, recusou abertamente seu amistoso oferecimento de permiti-lhe contemporizar. Seu valor em tal causa merece elogio; era a causa dAquele que disse: "Aquele que se envergonhar de mim na terra, dele me envergonharei eu no céu" [13].

O reverendo John Rough

Este piedoso mártir era escocês. Aos dezessete anos entrou a formar parte da ordem dos frade pretos em Stirling, na Escócia. Tinha sido excluído de uma herança por seus amigos, e deu este passo como vingança pela conduta deles. Depois de ter permanecido lá dezesseis anos, sentido simpatia por ele lorde Hamilton, conde de Arran, o arcebispo de St. Andrews induziu o provincial da casa a que dispensasse seu hábito e ordem; e assim veio ser chapelão do conde. Permaneceu neste emprego espiritual durante um ano, e naquele tempo Deus o levou ao conhecimento salvador da verdade; por esta razão o conde o enviou a predicar na liberdade de Ayr, onde permaneceu durante quatro anos; porém ao ver que se abatia o perigo devido às características religiosas da época, e sabendo que havia muita liberdade para o Evangelho na Inglaterra, se dirigiu ao duque de Somerset, então lorde Protetor da Inglaterra, quem lhe concedeu um salário anual de vinte libras, e o autorizou a predicar em Carlisle,

---

[13] Ver Lucas 9:26.

Berwick e Newcastle, onde casou. Foi depois enviado a uma reitoria em Hull, onde permaneceu até a morte de Eduardo VI.

Como conseqüência da maré de perseguição que então começou, fugiu com sua mulher à Frísia, e a Nordon, onde se ocuparam em tecer meias, bonés, etc., para ganhar a vida. Incomodados nesta atividade por falta de materiais, foi à Inglaterra para procurar-se uma quantidade, e o 10 de novembro chegou a Londres, onde logo soube de uma sociedade secreta de fiéis, a qual se uniu, e da qual logo foi escolhido ministro, ocupação na que os fortaleceu com toda boa resolução.

O 12 de dezembro, por denúncia de um chamado Taylor, membro da sociedade, foi apresado um membro dela, chamado Rough, com Cuthbert Symson e outros, em Saracen's Head, Islington, onde celebravam seus serviços religiosos sob a coberta de presenciar uma função teatral. O secretário do ajudante de câmara da rainha levou a Rough e a Symson ante o Conselho, em presença do qual foram acusados de reunir-se para celebrar a Comunhão. O Conselho escreveu a Bonner, e este não perdeu tempo neste sanguinário assunto. Em três dias o teve diante dele, e no seguinte (o 20) decidiu condená-lo. as acusações contra ele eram que sendo sacerdote estava casado, e que havia rejeitado o serviço em língua latina. Rough não carecia de argumentos para contestar estas fraquíssimas acusações. Em resumo, foi degradado e condenado.

Deveria observar-se que o senhor Rough, quando estava no norte, tinha salvado a vida do doutor Watson durante o reinado de Eduardo, e este estava sentado junto ao bispo Bonner no tribunal. Este ingrato prelado, como recompensa pela bondade recebida, o acusou abertamente de ser o mais pernicioso herege do país. O piedoso ministro o repreendeu por mostrar um espírito tão malicioso; afirmou que durante seus trinta anos de vida nunca havia dobrado seu joelho ante Baal; e que duas vezes em Roma tinha visto o Papa levado em ombros de homens com o falsamente chamado Sacramento diante dele, apresentando uma verdadeira imagem do mesmíssimo Anticristo; e que contudo lhe mostravam mais reverência a ele que à imagem da hóstia, que eles consideravam seu Deus. "Ah", disse Bonner, levantando-se e dirigindo-se a ele, como se desejasse desgarrar suas vestes. "Tens estado em Roma, e visto nosso santo pai o Papa, e blasfemas dele deste modo?". Dito isto, se lançou sobre ele, lhe arrancou um pedaço da barba, e para que o dia começasse com satisfação sua, ordenou que o objeto de sua ira fosse queimado às cinco e meia da manhã seguinte.

Cuthbert Symson

Poucos confessores de Cristo exibiram mais atividade e zelo que esta excelente pessoa. Não só trabalhou para preservar seus amigos do contágio do papismo, senão que também se esforçou por guardá-los dos terrores da perseguição. Era diácono da pequena congregação sobre a que presidia como ministro o senhor Rough.

O senhor Symson escreveu uma narração de seus próprios sofrimentos, que não pode descrever melhor o que padeceu:

"O 13 de dezembro de 1557 fui enviado pelo Conselho à Torre de Londres. Na quinta-feira seguinte fui chamado ao corpo de guarda diante do alcaide da Torre e do chefe do arquivo de Londres, o senhor Cholmly, que me mandaram lhes desse os nomes dos que acudiam ao serviço em inglês. Respondi que não diria nada, e como conseqüência de minha rejeição me colocaram sobre um potro de tormento de ferro, eu acho que por espaço de três horas".

"Depois me perguntaram se estava disposto a confessar; respondi igual que antes. Depois de desamarrar-me, me devolveram a minha cela. O domingo seguinte foi levado de novo ao mesmo lugar, ante o tenente e o chefe do arquivo de Londres, e me submeteram a interrogatório. E lhes respondi agora como antes. Então o tenente jurou por Deus que eu confessaria; depois disso me amarraram juntos meus dois dedos índices, e colocaram entre eles uma pequena seta, e a arrancaram tão rapidamente que manou sangue, e se quebrou a seta".

"Depois de agüentar duas vezes mais o potro do tormento, fui devolvido a minha cela, e dez dias depois o tenente me perguntou se estava agora disposto a confessar o que já me haviam perguntado. Respondi que já tinha falado tudo quanto diria. Três semanas depois fui enviado ao sacerdote, onde fui gravemente assaltado, e de mãos de quem recebi a maldição do Papa, por dar testemunho da ressurreição de Cristo. E assim os encomendo a Deus e à Palavra de Sua graça, com todos aqueles que invocam sem fingimentos o nome de Jesus; pedindo a Deus por Sua misericórdia infinita, pelos méritos de seu amado Filho Jesus Cristo, que nos dê entrada em seu Reino eterno. Amém. Louvo a Deus por Sua grande misericórdia que nos tem mostrado. Cantai Hosana ao Altíssimo junto a mim, Cuthbert Symson. Que Deus perdoe meus pecados! Peço perdão a todo mundo e a todo mundo perdôo, e assim abandono o mundo, na esperança de uma gozosa ressurreição!"

Se considerar atentamente esta narração, que imagem temos de repetidas torturas! Porém incluso a crueldade da narração e excedida pela paciente mansidão com a que foram suportadas. Não aparecem expressões maliciosas, nem invocações sequer à justiça retributiva de Deus, nem uma queixa por sofrer sem causa. Ao contrário, o que dá

fim a esta narração é o louvor a Deus, perdão do pecado, e um perdão para todo mundo.

A firme frialdade deste mártir levou a Bonner à admiração. Falando de Symson no consistório, disse: "Vedes que pessoa mais aprazível é, e depois, falando de sua paciência, eu diria, se não fosse um herege, que é a pessoa de maior paciência que jamais tive diante de mim. Três vezes num dia foi colocado na Torre no potro do tormento; também tem sofrido em minha casa, e ainda não vi quebrantada sua paciência".

O dia antes de ser condenado este piedoso diácono, encontrando-se no cepo na carvoeira do bispo, teve uma visão de uma forma glorificada, que lhe foi de grande alento. Disto testemunhou a sua mulher, à senhora Austen, e a outros, antes de sua morte.

Junto a este adorno da Reforma Cristã foram apreendidos o senhor Hugh Foxe e John Devinish; os três foram trazidos ante Bonner o 19 de março de 1558, e lhes colocaram diante deles os artigos papistas. Os rejeitaram, e foram por isso condenados. Assim como adoravam juntos na mesma sociedade, em Islington, assim sofreram juntos em Smithfield, o 28 de março; na morte deles foi glorificado o Deus da Graça, e confirmados os verdadeiros crentes.

Tomás Hiason, Tomás Carman e William Seamen

Estes foram condenados por um fanático vigário de Aylesbury chamado Berry. O lugar da execução se chamava Lollard's Pit, fora de Bishopsgate, em Norwich. Depois de unir-se em humilde rogo ante o trono da graça, se levantaram, foram até a estaca, e foram rodeados com suas correntes. Para grande surpresa dos espectadores, Hudson se deslizou por debaixo de suas correntes e foi à frente. Prevaleceu a idéia entre a multidão de que estava a ponto de abjurar; outros acharam que queria pedir mais tempo. Enquanto isso, seus companheiros na estaca o incitaram com todas as promessas de Deus e com exortações para sustentá-lo. Mas as esperanças dos inimigos da cruz se viram frustradas; aquele bem homem, longe de temer o mais pequeno terror entre as garras cada vez mais próximas da morte, estava somente alarmado pelo fato de que parecia que a face de seu Senhor se lhe ocultava. Caindo sobre seus joelhos, seu espírito lutou com Deus, e Deus verificou as palavras de seu Filho: "Pedi, e recebereis". O mártir se levantou com um gozo extasiado e exclamou: "Agora, graças dou a Deus, estou forte; e não temo o que me faça o homem!" Com um rosto sereno voltou colocar-se embaixo da corrente, unindo-se a seus companheiros de suplício, e com eles sofreu a morte, para consolação dos piedosos e confusão do Anticristo.

Berry, sem sentir-se saciado por sua diabólica ação, convocou a duzentas pessoas na cidade de Aylesham, as que obrigou a ajoelhar-se em Pentecoste ante a cruz, e infligiu outros castigos. Bateu num pobre

homem por uma palavra sem importância, com um golpe que foi fatal. Também deu um soco tal numa mulher chamada Mice Oxes, ao vê-la entrar no vestíbulo num momento em que ele estava irritado, que a matou. Este sacerdote era rico, e tinha grande autoridade. Era um réprobo, e como sacerdote se abstinha do matrimônio, para gozar-se tanto mais de uma vida corrompida e licenciosa. O domingo depois da morte da Rainha Maria estava de orgia com uma de suas concubinas, antes das vésperas; depois foi à igreja, ministrou um batismo, e se dirigia de volta a seu lascivo passatempo, quando foi abatido pela mão de Deus. sem ter um momento de oportunidade para arrepender-se, caiu no chão, e somente lhe foi permitido exalar uma queixa. Nele podemos ver a diferença entre o fim de um mártir e o de um perseguidor.

A história de Roger Holland

Num cercado retirado perto de um campo de Islington tinham-se reunido um grupo de umas quarenta pessoas honradas. Enquanto se dedicavam religiosamente à leitura e exposição das Escrituras, vinte e sete delas foram levadas ante Sir Roger Cholmly. Algumas das mulheres escaparam, e vinte e dois foram levados a Newgate, ficando em cárcere durante sete semanas. Antes de serem interrogados foram informados pelo guarda, Alexandre, que o único que precisavam para ser liberados era ouvir missa. Por fácil que possa parecer esta condição, estes mártires valorizavam mais a pureza de suas consciências que a perda da vida ou de suas propriedades; por isso, treze foram queimados, sete em Smithfield e seis em Brentwood; dois morreram em prisão, e outros sete foram providencialmente preservados. Os nomes dos sete que sofreram em Smithfield eram: H. Pond, R. Estland, R. Southain, M. Ricarby, J. Floyd, J. Holiday, e Roger Holland. Foram enviados a Newgate o 16 de julho de 1558, e executados o 27.

Este Roger Holland, um mercador e alfaiate de Londres, foi primeiro aprendiz de um mestre Kempton, em Black Boy, Watling St., dando-se à dança, esgrima, o jogo e às más companhias. Uma vez recebeu de seu patrão uma certa quantia de dinheiro, trinta libras, e perdeu tudo jogando aos dados. Por isso se propus fugir ao outro lado do mar, para a França ou a Flandes.

Com esta decisão, chamou cedo pela manhã a uma discreta criada da casa, chamada Elizabete, que professava o Evangelho, e que vivia uma vida digna desta profissão. A ela revelou a perda que tinha sofrido por sua insensatez, lamentando não ter seguido seus conselhos, e rogando-lhe que lhe entregasse a seu amo uma nota autógrafa na qual reconhecia a dívida, que pagaria se alguma vez lhe era possível; também lhe rogava que mantivesse secreta sua vergonhosa conduta,

para não levar os cabelos brancos de seu pai com dor a uma sepultura prematura.

A criada, com uma generosidade e uns princípios cristãos raramente ultrapassados, consciente de que sua imprudência poderia ser sua ruína, lhe deu trinta libra, que eram parte de uma suma que recentemente tinha recebido por um testamento. "Aqui tens o dinheiro que necessitam; toma-o, eu fico com a nota, porém com esta expressa condição: que abandones tua vida lasciva e cheia de vício; que nem jures nem fales obscenamente, e que deixes de jogar; porque se fizerdes tal coisa, mostrarei de imediato esta nota a teu patrão. Também queiro que me prometas assistir à prédica diária em Todos os Santos, e ao sermão em são Paulo cada domingo; que jogues fora todos teus livros papistas, e que em lugar deles coloque o Novo Testamento e o Livro de Culto, e que leias as Escrituras com revelação e temor, pedindo a Deus Sua graça para que te dirija em sua verdade. ora também fervorosamente a Deus que perdoe teus anteriores pecados, e que não se lembre dos pecados de tua juventude; e que de Seu favor recebas o temor de quebrantar Suas leis ou de ofender Sua majestade. Assim te guardará Deus e te concederá o desejo de teu coração". Temos que honrar a memória desta excelente criada, cujos piedosos esforços estavam igualmente dirigidos a beneficiar o irreflexivo jovem nesta vida e na vindoura. Deus não permitiu que o desejo desta excelente criada se perdesse em solo estéril; apos meio ano o licencioso Holland se transformou num zeloso confessor do Evangelho, e foi instrumento para a conversão de seu pai e de outros aos que visitou em Lancashire, para consolo espiritual deles e reforma e saída do papismo.

Seu pai, comprazido com a mudança de sua conduta, lhe deu quarenta libras para que começasse seu negócio em Londres.

Logo Roger voltou a Londres, e foi à criada que havia-lhe emprestado o dinheiro para pagar a seu patrão, e lhe disse: "Elizabete, aqui está o dinheiro que me emprestas-te; e pela amizade, boa vontade e bom conselho que recebi de ti não posso pagar-te mais que fazendo de ti minha esposa". E pouco depois se casaram, por que teve lugar no primeiro ano da Rainha Maria.

Depois disto permaneceu nas congregações dos fiéis, até ser apresado, junto com os outros seis mencionados.

E depois de Roger Holland, ninguém mais sofreu em Smithfield pelo testemunho do Evangelho; graças sejam dadas a Deus.

Flagelações ministradas por Bonner

Quando este cruel católico viu que nem as perseguições, nem as ameaças nem a prisão podia produzir alteração alguma na mente de um jovem chamado Tomás Hinshaw, o mandou a Fullham, e durante a

primeira noite o colocou no cepo, sem outro alimento que pão e água. Na manhã seguinte foi ver se este castigo tinha executado alguma mudança em sua mente, porém ao ver que não, enviou seu arquidiácono, o doutor Harpsfielf, para que conversasse com ele. O doutor logo perdeu o humor ante suas respostas, o acusou de briguento, e lhe perguntou se percebia que com tal atitude condenaria sua alma. "Do que estou certo", disse-lhe Tomás, "é de que vos dedicais a promover o tenebroso reino do mal, não o amor pela verdade". Estas palavras foram transmitidas pelo doutor ao bispo, que com uma paixão que quase lhe impedia articular as palavras, lhe disse: "Assim respondes tu a meu arquidiácono, moleque perverso? Pois sabe que vou humilhar-te!" Lhe trouxeram então dois galhos de salgueiro, e fazendo que o jovem, que não opus resistência alguma, se ajoelhasse frente a um longo banco numa enramada de seu jardim, o acoitou até que se viu obrigado a cessar por falta-lhe o alento e estar exausto uma das varas ficou totalmente destroçada.

Muitos outros sofrimentos parecidos padeceu Hinshaw em mãos do bispo; este, ao final, para eliminá-lo, se conseguiu falsas testemunhas que apresentassem falsas acusações contra ele, todas as quais o jovem negou, e, em resumo, se negou a responder a nenhum interrogatório que lhe fizeram. Quinze dias depois disto, o jovem foi atacado por umas febres ardentes, e a petição de seu patrão, o senhor Pugston, do pátio da igreja de são Paulo, foi tirado, não duvidando o bispo que o havia procurado a morte de forma natural; contudo, permaneceu doente durante mais de um ano, e durante este tempo morreu a Rainha Maria, ato da Providência pelo qual escapou da fúria de Bonner.

John Willes foi outra fiel pessoa sobre a qual caíram os açoites de Bonner. Era irmão de Richard Willes, já mencionado, que foi amo em Brentford. Hinshaw e Willes foram encerrados juntos na carvoeira de Bonner, e depois levados a Fulham, onde ele e Hinshaw permaneceram durante oito ou dez dias em cepos. O espírito perseguidor de Bonner se manifestou no tratamento que aplicou a Willes durante seus interrogatórios, batendo-lhe freqüentemente na cabeça com uma vara, puxando-o das orelhas e batendo-lhe embaixo do queixo, dizendo que baixava a cabeça como um bandido. Ao não conseguir com isto nenhum indício de abjuração, o levou ao arvoredo, e ali, sob uma enramada, o acoitou até que ficou exausto. Esta cruel ferocidade a suscitou uma resposta do coitado jovem, que ao perguntar-se-lhe quanto tempo fazia que não tinha acudido de joelhos ante um crucifixo, disse que "não o tenho feito desde a idade da razão, nem o farei ainda que me despedacem com cavalos indômitos". Bonner então o mandou fazer o sinal da cruz sobre a testa, o qual ele recusou, e então o levou ao arvoredo.

Um dia, enquanto Willes estava no cepo, Bonner lhe perguntou se estava gostando de seu alojamento e comida. "Bom seria", repus ele, "ter algo de palha sobre a qual sentar-me ou deitar-me". Justo nesse momento entrou a mulher de Willer, então num avançado estado de gravidez, rogando-lhe ao bispo por seu marido, e dizendo-lhe valorosamente que pariria ali se não lhe permitia a seu marido acompanhá-la a sua própria casa. Para livrar-se da importunidade da boa mulher, e dos problemas de uma parturiente na casa, disse a Willes que fizesse o sinal da cruz e que dissesse: "*In nomine Patris, et Filli, et Spriritus Sancti, Amém*". Willes omitiu o sinal, e repetiu as palavras: "Em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo, Amém". Bonner quis que repetisse as palavras em latim, ao que Willes não fez objeção, ao conhecer o significado das palavras. Depois lhe permitiu que fosse a sua casa com sua mulher, sendo encarregado seu parente Robert Rouze de levá-lo a são Paulo no dia seguinte, aonde foi por si mesmo, e assinando um banal documento latino, foi deixado em liberdade. Ele foi o último dos vinte e dois apreendidos em Islington.

O reverendo Richard Yeoman

Este devoto ancião era vigário do doutor Taylor, em Hadley, e estava sumamente qualificado para sua sagrada função. O doutor Taylor lhe deixou o vicariato ao ir embora, mas tão logo como o senhor Newall recebeu o cargo depus o senhor Yeoman, colocando em seu lugar a um sacerdote romanista. Depois disto, o senhor Yeoman foi de lugar em lugar, exortando a todos os homens a manter-se firmes na Palavra de Deus, a dar-se fervorosamente à oração, com paciência para suportar a cruz que agora se colocava sobre eles para sua provação, com valor para confessar a vida futura diante de seus adversários, e com uma esperança firme para esperar a coroa e a recompensa da felicidade eterna. Mas quando viu que seus adversários estavam perseguindo-o, se dirigiu a Kent, e com um pequeno pacote de rendas, agulhas, botões e outras mercadorias foi de povoado em povoado, vendendo estes artigos, e subsistindo desta maneira e mantendo a sua mulher e seus filhos.

Finalmente, o juiz Moile, de Kent, apreendeu o senhor Yeoman, e o colocou no cepo um dia e uma noite; mas, não tendo nada concreto de que acusá-lo, o deixou livre. Voltando ele em secreto a Hadley, ficou com sua coitada mulher, que o ocultou numa câmera do ajuntamento, chamado o Guildhall, durante mais de um ano. Durante este tempo o bom e ancião pai estava encerrado numa estância todo o dia, passando o tempo em devota oração, na leitura das Escrituras e em cardar a lã que sua mulher tecia. Sua mulher também pedia pão para ela e seus filhos, e com estes precários meios se sustentavam. Assim, os santos

de Deus padeciam fome e miséria, enquanto os profetas de Baal viviam em banquetes e eram custosamente obsequiados na mesa de Jezabel.

Ao ser Newall finalmente informado de que Yeoman estava sendo escondido por sua mulher, este acudiu, assistido com soldados, e violentou a estância onde estava o objeto de sua busca, em cama com sua mulher. Censurou a pobre mulher de ser uma prostituta, e teria arrancado as roupas da cama de forma indecente, mas Yeoman resistiu tanto este ato de violência como o ataque contra o bom caráter de sua mulher, agregando que desafiava o Papa e o papismo. Foi logo tirado para fora e colocado num cepo até se fazer de dia.

Na gaiola na qual foi colocado estava também um ancião chamado John Dale, que tinha estado ali três ou quatro dias, por ter exortado o povo durante o tempo em que Newall e seu vigário estavam celebrando a liturgia. Suas palavras foram: "Oh, guias cegos e miseráveis"! Sereis por sempre cegos guias de cegos? Não ireis corrigir-vos nunca? Não querereis ver a verdade da Palavra de Deus? Não entrarão em vossos corações nem as ameaças nem as promessas de Deus? Não suavizará o sangue dos mártires vossas pétreas entranhas? Ah, geração endurecida, de duro coração, perversa e torcida, a qual nada pode fazê-lhe bem!"

Estas palavras as pronunciou no fervor de seu espírito contra a supersticiosa religião de Roma; por isso, Newall o fez apreender de imediato e colocar o cepo numa gaiola, onde foi guardado até que chegou o juiz Sir Henry Dolle a Hadley.

Quando Yeoman foi tomado, o pároco pediu persistentemente a Sir Henry Doile que enviasse ambos à prisão. Sir Henry Doile pediu-lhe, igual de insistentemente, que considerasse a idade dos homens, e sua mísera condição; não eram nem pessoas destacadas, nem predicadores; por isso propus deixá-los castigados um ou dois dias, e soltá-los, pelo menos a John Dale, que não era sacerdote, e que por isso, como tinha estado já tanto tempo na gaiola, considerava fosse um castigo suficiente para sua idade. Quando o pároco ouviu isto, montou em cólera, e fora de si de raiva os acusou de hereges fedorentos, indignos de viver num estado cristão.

Temendo Sir Henry mostrar-se demasiado misericordioso, Yeoman e Dale foram maniatados, amarrados como bandidos com suas pernas sob os ventres de cavalos, e levados ao cárcere de Bury, onde foram carregados de ferros; e devido a que de contínuo repreendiam o papismo, foram metidos na masmorra mais profunda, onde John Dale, pela doença carcerária e os maus-tratos, morreu pouco tempo depois. Seu cadáver foi jogado fora e sepultado nos campos. Morreu aos sessenta e seis anos. sua profissão era tecelão, e era bom conhecedor sas Sagradas Escrituras, e firme em sua confissão das verdadeiras doutrinas de Cristo tal como tinham sido expostas em tempos do rei

Eduardo. Por elas padeceu prisão e correntes, e desde este cárcere terreno partiu para estar com Cristo na glória eterna, e o bendito paraíso da felicidade que não conhece fim.

Depois da morte de Dale, Yeoman foi levado ao cárcere de Norwich, onde, após sofrer um tratamento muito duro, foi interrogado acerca de sua fé, e se exigiu que se submetesse ao santo padre, o Papa. "O reto (disse ele), e desafio todas suas detestáveis abominações; não terei nada a ver com ele em absoluto". As principais acusações de que foi objeto foram seu matrimônio e sua rejeição do sacrifício da missa. Ao vê-lo que continuava firme na verdade, foi condenado, degradado e não somente queimado, senão também muito cruelmente atormentado no fogo. Assim terminou ele esta pobre e miserável vida, e entrou no bem-aventurado seio de Abraão, gozando com Lázaro daquele repouso que Deus dispus para Seus escolhidos.

Tomás Bendridge

O senhor Bendridge era um cavalheiro solteiro, na diocese de Winchester. Teria podido viver uma vida desassossegada, nas ricas possessões deste mundo; mas preferiu antes entrar pela estreita porta da perseguição na possessão celestial da vida do Reino do Senhor, que gozar dos prazeres presentes com a consciência agitada. Mantendo-se valorosamente frente aos papistas pela defesa da sincera doutrina do Evangelho de Cristo, foi apreendido como adversário da religião romanista, e levado para ser interrogado ante o bispo de Winchester, onde sofreu vários conflitos pela verdade contra o bispo e seu colega. Foi por isso condenado, e algum tempo depois conduzido ao lugar de seu martírio por Sir Richard Pecksal, xerife maior.

Quando chegou à estaca começou a desamarrar as laçadas de suas roupas e a preparar-se; depois deu sua capa ao guarda, a modo de pagamento. Seu colete tinha renda de ouro, e o deu a Sir Richard Pecksal, o xerife maior. Tirou o boné de veludo da cabeça, e o lançou longe. Depois, elevando sua mente ao Senhor, se dedicou à oração.

Quando foi acorrentado ao poste, o doutor Seaton lhe rogou que se desdissesse, e que teria o perdão; mas quando viu que nada o comovia, disse as pessoas que não orassem por ele a não ser que quisesse voltar atrás, assim como também não orariam por um cão.

Estando o senhor Bendridge de pé junto à estaca e com as mãos junta da forma em que os sacerdotes as sustêm durante o Memento, voltou a dirigir-se a lê, exortando-o para desdizer-se, e este respondeu: "Fora, fora, Babilônia!" Um que estava perto disse: "Senhor, cortai sua língua!" Outro, um secular, o amaldiçoou pior do que o havia feito o doutor Seaton.

Quando viram que não estava disposto a ceder, mandaram os atormentadores que acendessem a pira, antes que ficasse coberta por

completo com feixes de lenha. O fogo prendeu primeiro num pedaço de sua barba, ante o qual não se alterou. Depois passou ao outro lado, e pegou suas pernas e, sendo de couro as meias interiores, fizeram com que sentisse o fogo tanto mais intensamente, com o que a intolerável dor lhe fez exclamar: "Me desdigo!", e empurrou repentinamente o fogo fora dele. Dois ou três amigos dele, que estavam perto, queriam salvá-lo; se lançaram no fogo para ajudar a apagá-lo, e por esta bondade foram encarcerados. O xerife, também, com sua autoridade o tirou da estaca e mandou levá-lo ao cárcere, pelo que foi enviado ao fleet e ali permaneceu um tempo. Contudo, antes de ser tirado da estaca, o doutor Seaton escreveu uns artigos para que os assinasse. Mas o senhor Bendridge fez tais objeções que o doutor Seaton ordenou que voltassem a pôr fogo na pira. Então, com muita dor e tristeza de coração, assinou os mesmos sobre as costas de um homem.

Feito isto, lhe devolveram sua capa, e foi enviado de volta à prisão. Enquanto estava ali, escreveu uma carta ao doutor Seaton, desdizendo-se daquelas palavras que havia dito na estaca e dos artigos que tinha assinado, porque estava apenado de tê-los assinado jamais. Que o Senhor lhe dê arrependimento a seus inimigos!

A senhora Prest

Pela quantidade de pessoas condenadas neste fanático reinado, é quase impossível obter o nome de cada mártir, nem detalhar a história de cada um dele com anedotas e exemplos de sua conduta cristã. Graças sejam dadas à Providência, nossa cruel tarefa começa a chegar a seu fim, com a finalização deste reinado de terror papal e de derramamento de sangue. Os monarcas que sentam em tronos possuídos por direito hereditário deveriam, mais que ninguém, considerar que as leis da natureza são as leis de Deus, e que por isso a primeira lei da natureza é a preservação de seus súbditos. As táticas de perseguição, de tortura e de morte deviam deixá-las àqueles que alcançaram a soberania pelo fraude ou a espada; porém, onde exceto entre uns poucos loucos imperadores de Roma e os pontífices romanos, encontraremos a ninguém cuja memória esteja tão "maldita a uma fama eterna" como a da Rainha Maria? As nações choram a hora que as separa para sempre de um governante amado, porém, no que diz respeito à Maria, foi a hora mais bendita de todo seu reinado. O céu tem ordenado três grandes açoites por pecados nacionais: a praga, a pestilência e a fome. Foi vontade de Deus no reinado de Maria lançar um quarto açoite sobre este reino, sob a forma de perseguições papistas. Foi um tempo angustioso, porém glorioso; o fogo que consumiu os mártires minou o papado; e os estados católicos, atualmente os mais fanáticos e cheios de trevas, são os que se encontram mais baixos na escala da dignidade moral e da relevância

política. Que assim permaneçam, até que a pura luz do Evangelho dissipe as trevas do fanatismo e da superstição! Mas voltemos a nosso relato.

A senhora Prest viveu durante um tempo em Cornualles, onde tinha um marido e filhos, cujo fanatismo a obrigava a freqüentar as abominações da Igreja de Roma. Resolvendo agir conforme lhe ditava sua consciência, os abandoou e começou a ganhar-se a vida fiando. Depois de um tempo, voltando a sua casa, foi denunciada por seus vizinhos, e levada a Exeter, para ser interrogada ante o doutor Troubleville e por seu chanceler Blackston. Porquanto esta mártir era considerada de inteligência inferior, a colocaremos em competição com o bispo, para ver quem tinha um melhor conhecimento conducente à vida eterna. Ao levar o bispo o interrogatório a seu desfecho acerca do pão e do vinho, que ele afirmava eram carne e sangue, a senhora Prest disse: "Eu vos perguntarei se podeis negar vosso credo, que diz que Cristo está perpetuamente sentado à destra do Pai, em companheiro e alma, até Ele voltar; ou que Ele está no céu como nosso Advogado, para interceder por nós ante Deus seu Pai. Se for assim, Ele não está na terra num pedaço de pão. Se Ele não está aqui, e se não mora em templos feitos por mãos, senão no céu, quê? O buscaremos aqui? Se Ele não ofereceu Seu corpo de uma vez para sempre, por que fazes outra nova oferta? Se com uma oferta o fez tudo na perfeição, por que você outros com uma falsa oferenda tornais tudo imperfeito? Se Ele deve ser adorado em espírito e em verdade, por que vós adorais um pedaço de pão? Se Ele for comido e bebido em fé e em verdade; se Seu carne não é proveitoso para estar entre nós, por que dizeis que fazeis que Seu carne e sangue, dizendo que é proveitosa tanto para o corpo como para a alma? Ay! Eu sou uma pobre mulher, mas antes de fazer o que dizeis, prefiro não viver mais. Acabei, senhor".

Bispo: Devo dizer que é uma protestante a carta cabal. Posso perguntar em que escola te educaste?

Senhora Prest: Os domingos atendi os sermões, e neles aprendi as coisas que estão tão dentro de meu peito que a morte não as afastará de mim.

Bispo: Ah, mulher insensata! Quem desperdiçará o hálito contigo, e com as que são como tu? Mas, porque te afastas-te de teu marido. Se fosses uma mulher honrada, não terias deixado teu marido e teus filhos, para perambular assim pelo país como uma fugitiva.

Senhora Prest: Senhor, trabalhei para viver; e meu Senhor, Cristo, me aconselha que quando me persigam numa cidade, fuja a outra.

Bispo: Quem te perseguia?

Senhora Prest: Meu marido e meus filhos. Porque quando eu teria desejado que abandoassem a idolatria e adorassem o Deus do céu, não me quiseram ouvir, senão que ele e meus filhos me repreenderam e

me angustiaram. Não fugi para fazer de prostituta, nem para roubar, senão porque não queria ter parte com ele e os seus do abominável ídolo da missa; e lá aonde eu ia, e tão freqüentemente como pude, em domingos e festividades, dava escusas para não ir à igreja papista.

Bispo: Pois boa mulher eras, fugindo de teu marido e de tua Igreja.

Senhora Prest: Quiçá não seja uma excelente ama de casa; porém Deus me deu a graça de ir à verdadeira Igreja.

Bispo: A verdadeira Igreja; que queres dizer com isso?

Senhora Prest: Não tua Igreja papista, cheia de ídolos e abominações, senão ali onde há dois ou três reunidos em nome de Deus, a esta Igreja irei eu enquanto viver.

Bispo: Parece que quisesses ter tua própria igreja. Bem, que esta mulher seja colocada em prisão até que chamemos a seu marido.

Senhora Prest: Não, eu só tenho um marido, que já está no cárcere e no cárcere comigo, e de quem nunca me separarei.

Algumas pessoas trataram de convencer o bispo de que ela não estava em seus cabales, e lhe permitiram ir-se. O guarda dos cárceres do bispo a acolheu em sua casa, onde ou bem fiava, trabalhando como criada, ou bem deambulava pelas ruas, falando acerca do sacramento do altar. Enviaram a buscar a seu marido para que a levasse a sua casa, mas ela recusou enquanto pudesse servir à causa da religião. Era demasiado ativa para estar mão sobre mão, e sua conversação, que eles achavam simplória, atraiu a atenção de vários sacerdotes e frades católicos. A acossavam com perguntas, até que alguns enviados pelo bispo e outros pela própria vontade, a interpelaram. Ela lhes respondeu com ira, e isto os moveu a riso, ante sua seriedade.

"Não", disse ela, "tendes mais necessidade de chorar que de rir, e de sentir-vos triste de terdes nascido, para ser-vos capelães desta prostituta que é Babilônia. A desafio a ela e a todas suas falsidades; e afastai-vos de mim, que somente fazes para turbar minha consciência. Querereíeis que seguisse vossas ações; antes perderei a vida. Rogo-vos que partais".

"Por que, insensata?", disseram eles. "Viemos para teu proveito e para a saúde de tua alma".

Ela respondeu: "Que proveito dás vós outros, que não ensinais ns além de mentiras por verdades? Como salvais vossas almas, quando não ensinais nada senão mentiras e destruís almas?"

"Como demonstras tu isto?", disseram eles.

"Acaso não destruís vós outros as almas quando ensinas as pessoas a darem culto a ídolos, paus e pedras, as obras das mãos dos homens? E a adorar um deus falso de vossa feitura, feito de um pedaço de pão, ensinando e o Papa é vigário de Cristo, e que tem poder para perdoar pecados? E que há um purgatório, quando o Filho de Deus o purificou tudo mediante Seu sacrifício de uma vez e para sempre? Não ensinais

à gente a contar seus pecados em vossos ouvidos, e dizeis que se condenarão se não os confessam todos, quando a Palavra de Deus diz: Quem pode contar vossos pecados? Não lhes prometeis trintenas, e réquiens, e missas por suas almas, e vendeis vossas orações por dinheiro, e fazeis com que comprem perdões, e confiais nestes insensatos inventos de vossas imaginações? Não agis totalmente contra Deus? não nos ensinais a orar com rosários, e a orar a santos, e a dizer que eles podem orar por nós? Não fazeis água benta e pão bento para afugentar os demônios? E não fazeis milhares mais de abominações? E ainda dizeis que vindes em proveito meu, para salvar minha alma. Não, não, há um que me salvou. Adeus, vós outros e vossa salvação".

Durante a liberdade que lhe havia concedido o já mencionado bispo, foi à Igreja de são Pedro, e ali viu um perito holandês que estava fazendo narizes novos a certas belas imagens que tinham sido desfiguradas durante o reinado do rei Eduardo. Então lhe disse: "Que louco estas, para fazer narizes novos, quando dentro de poucos dias todas perderão a cabeça!". O holandês a amaldiçoou, e a maltratou duramente com palavras. E ela replicou: "Tu és maldito, e assim também tuas imagens". Ele a chamou de prostituta. "Não", disse ela, "senão que tuas imagens são prostitutas, e tu estás na luxuria; porque não diz Deus "vós outros vos prostituis após deuses estranhos, figuras de vossas próprias mãos"?, e tu és um deles". Depois disto se deu ordem que fosse encerrada, e não pôde mais gozar de liberdade.

Durante o tempo de seu encarceramento, muitos a visitaram, alguns enviados pelo bispo, e outros por sua própria vontade. Entre estes estava um tal Daniel, um grande predicador do Evangelho, que andara, nos tempos do rei Eduardo, pelos lugares de Cornualles e Devonshire, mas que, pela dura perseguição sofrida, tinha recaído. Ela o exortou com urgência a arrepender-se como Pedro, e que ficar mais firme em sua confissão de fé.

A senhora Walter Rauley e os senhores William e John Kede, pessoas muito respeitáveis, deram abundante testemunho de sua piedosa conversação, dizendo que a não ser que Deus tivesse estado com ela, seria impossível que pudesse defender com tanta capacidade a causa de Cristo. A verdade é que, para recapitular o caráter desta mulher, unia a serpente com a pomba, abundando na mais elevada sabedoria com a maior simplicidade. Suportou encarceramentos, ameaças, escárnios, e os mais vis insultos, mas nada pôde induzi-la a desviar-se; seu coração estava fixo; tinha lançado sua âncora, e não podiam todas as feridas da perseguição tirá-la da rocha na que estavam erigidas toas suas esperanças de felicidade.

Tal era sua memória que, sem ter feito estudos, podia dizer em que capítulo estava qualquer texto da Escritura; devido a esta singular

capacidade, um tal Gregório Basset, extremo papista, disse que estava louca, e que falava como um papagaio, sem sentido algum. No final, após ter provado sem exterior todos os meios para fazê-la nominalmente católica, a condenaram. Depois disso, algum a exortou a abandonar suas opiniões e voltar a sua casa, a sua família, porquanto era pobre e analfabeta. "Verdade é (disse ela), e embora não tenho cultura estou feliz de setembro testemunha da morte de Cristo, e espero que não vos retardeis já mais comigo, porque meu coração está afixado, e nunca direi algo distinto, nem me voltarei a vossos caminhos de superstição".

Para opróbrio do senhor Blackston, tesoureiro da Igreja, este homem costumava mandar buscar do cárcere com freqüência a esta coitada mártir, para divertir-se com ela tanto ele como uma mulher a qual mantinha; lhe fazia perguntas religiosas, e ridicularizava suas respostas. Feito isto, a voltava a mandar a sua mísera masmorra, enquanto ele se recriava a as coisas boas deste mundo.

Talvez havia algo simplesmente ridículo na forma da senhora Prest, porque era baixa, grossa e de uns cinqüenta e quatro anos de idade; mas seu rosto era alegre e vivaz, como se preparada para o dia de seu matrimônio com o Cordeiro. Zombar de sua forma era uma acusação indireta contra seu Criador, que lhe deu a forma que Ele considerou mais idônea, e que lhe deu uma mente muito transcendente às dotes fugazes da carne que perece. Quando lhe ofereceram dinheiro, o rejeitou, dizendo: vou para uma cidade onde o dinheiro não tem poder, e enquanto estiver aqui, Deus tem prometido alimentar-me".

Quando se leu a sentença condenando-a às chamas, ela levantou sua voz e louvou a Deus, agregando: "Este dia tenho achado aquilo que por tanto tempo procurei". Quando a tentaram para que abjurasse, disse: "Não o farei; Deus não queira que eu perca a vida eterna por esta vida carnal e breve. Nunca me afastarei de meu espoco celestial para meu esposo terreno; da comunhão dos anjos para a dos filhos mortais; e se meu marido e filhos são fiéis, então eu o sou deles. Deus é meu pai, Deus é minha mãe, Deus é minha irmã, meu irmão, meu parente; Deus é meu amigo, o mais fiel".

Entregue ao xerife maior, foi levada pelo oficial ao lugar da execução, fora das muralhas de Exeter, chamado Sothenhey, onde de novo os supersticiosos sacerdotes a assaltaram. Enquanto estavam amarrando-a à estaca, ela exclamava de contínuo: "Deus, PT piedade de mim, pecadora!". Suportando pacientemente o fogo devorador, ficou reduzida a cinzas, e assim acabou uma vida que não foi superada em quanto a uma imutável fidelidade à causa de Cristo por nenhum mártir precedente.

Richard Sharpe, Tomás Banion e Tomás Hale

O senhor Sharpe, tecelão, foi levado o 9 de março de 1556 diante do doutor Dalby, chanceler da cidade de Briston, e depois de um interrogatório referente ao Sacramento do altar, foi persuadido para que se desdissesse; e no 29 se ordenou que pronunciasse sua retratação na igreja paroquial. Mas apenas se havia começado a abjurar em público que começou a sentir em sua consciência tal tormento que não se sentiu capaz de trabalhar em sua profissão; por isso, pouco tempo depois, um domingo, entrou na igreja paroquial, chamada Temple, e depois da missa maior se colocou na porta do coro, e disse em alta voz: "Vizinhos, sede testemunhas de que este ídolo aqui (indicando o altar) é o maior e mais abominável que tenha jamais existido; e sinto ter jamais negado a meu Senhor e Deus!". apesar de que a policia recebeu ordem de detê-lo, lhe foi permitido sair da Igreja; mas pela noite foi apreendido e levado a Newgate. Pouco depois, negando frente ao chanceler que o Sacramento do altar fosse o corpo e o sangue de Cristo, foi condenado pelo senhor Darby a ser queimado. E queimado foi o 7 de maio de 1558, morrendo piedosa e pacientemente, firme em sua confissão dos artigos de fé protestante.

Com ele sofreu Tomás Hale, um sapateiro de Bristol, que foi condenado pelo chanceler Darby. Estes mártires foram amarrados de costas. Tomás Banion, tecelão, foi queimado o 27 de agosto daquele mesmo ano, morrendo pela causa evangélica de seu Salvador.

J. Corneford, de Wortham; C. Browne, de Maidstone; J. Herst, de Ashford; Alice Snoth y Catherine Knight, uma anciã mulher

É com prazer que observamos que estes cinco mártires foram os últimos em padecer no reinado de Maria pela causa protestante; porém a malícia dos papistas se manifestou no apressamento do martírio dos mesmos, que poderia ter sido retardado até ter o desfecho da enfermidade da rainha. Se informa que o arcebispo de Canterbury, pensando que a repentina morte da rna suspenderia a execução, viajou pela costa desde Londres, para ter a satisfação de agregar mais uma página à lista negra dos sacrifícios papistas.

As acusações contra eles eram, como geralmente, os elementos sacramentais e a idolatria de inclinar-se ante imagens. Eles citavam as palavras de são João: "Guardai-vos dos ídolos", e a respeito da presença real, apuravam segundo são Paulo, que "as coisas que se veementemente são temporárias". Quando estava para ler-se a sentença contra eles, e ter lugar a excomunhão na forma regular, John Corneford, iluminado pelo Espírito Santo, voltou terrivelmente este procedimento contra eles, e de uma forma solene e impressionante, recriminou sua excomunhão com as seguintes palavras: "Em nome de nosso Senhor Jesus Cristo, o Filho do Deus Onipotente, e pelo poder de seu Espírito Santo, e a autoridade de sua Santa Igreja Católica e

Apostólica, entregamos aqui em mãos de Satanás para sua destruição, os corpos de todos estes blasfemos e hereges que mantenham erro sangue contra sua santíssima Palavra, ou que condenem sua santíssima verdade como heresia, para manter qualquer falsa ou estranha religião, para que por este teu santo juízo, oh poderosíssimo Deus, contra teus adversários, tua verdadeira religião possa ser conhecida para tua grande glória e nossa consolação e a edificação de toda nossa nação. Bom Senhor, que assim seja. Amém".

Esta sentença foi pronunciada em público e registrada, e, como se a Providência tiver decretado que não fosse dada em vão, após seis dias morreu a rainha Maria, detestada por todos os homens bons, e amaldiçoada por Deus.

Embora familiarizado com estas circunstâncias, a implacabilidade do arcebispo excedeu à de seu grande exemplo, Bonner, quem, ainda que tinha a várias pessoas naquele tempo em seu poder, não pressionou para que fossem mortas com apressamento, dando-lhes com este retardo a oportunidade de escapar. Ao morrer a rainha, muitos estavam encarcerados; outros tinham sido acabados de arrestar; alguns, interrogados, e outros, já condenados. O certo é que havia ordens emitidas para várias queimas, mas pela morte dos três instigadores dos assassinatos de protestantes —o chanceler, o bispo e a rainha—, que morreram quase ao mesmo tempo, as ovelhas condenadas foram liberadas e viveram muitos anos para louvar o Senhor por sua feliz liberação.

Estes cinco mártires, na estaca, oraram fervorosamente que seu sangue fosse o último derramado, e não foi vã sua oração. Morreram gloriosamente, e consumaram o número que Deus tinha selecionado para dar testemunho da verdade naquele terrível reinado, e seus nomes estão escritos no Livro da Vida. Embora foram os últimos, não estiveram entre os menores dos santos feitos aptos para a imortalidade por meio do sangue redentor do Cordeiro.

Catharine Finlay, apelidada Knight, foi convertido por seu filho, quem lhe expus as Escrituras, o que obrou nela uma grande obra que se consumou com seu martírio. Alice Snoth, na estaca, enviou buscar a sua avó e a seu padrinho, e lhes proclamou os artigos de sua fé e os mandamentos de Deus, convencendo assim ao mundo de que conhecia seu dever. Morreu clamando aos espectadores que fossem testemunhas de que era cristã, e padeceu gozosa pelo testemunho do Evangelho de Cristo.

William Fetty, acoitado até morrer

Entre as inúmeras atrocidades cometidas pelo desalmado e insensível Bonner, se pode colocar o assassinato deste inocente menino como o mais horrendo. Seu pai, John Fetty, da paróquia de

Clerkenwell, alfaiate de profissão, tinha somente 24 anos, e havia feito uma bem-aventurada eleição; tinha-se afixado de maneira segura numa esperança eterna, e se confiou nAquele que edifica de tal modo sua Igreja que as portas do inferno não prevalecerão contra ela. Mas, ay!, a própria esposa de seu seio, cujo coração tinha-se endurecido contra a verdade, e cuja mente estava influenciada pelos mestres da falsa doutrina, se tornou sua acusadora. Brokenbery, papista e pároco daquela paróquia, recebeu a informação destra traidora Dalila, e como resultado disso o pobre homem foi apresado. Mas então caiu o terrível juízo de um Deus sempre justo, que é "muito limpo de alhos... para ver o mal" caiu sobre esta endurecida e pérfida mulher, porque tão logo foi arrestado seu traído marido pela sua malvada ação, que repentinamente caiu num ataque de demência, exibindo um exemplo terrível e despertador do poder de Deus para castigar os malvados. Esta terrível circunstância teve algum efeito sobre os corações dos ímpios caçadores que haviam buscado anelantes sua presa; num momento de alívio lhe permitiram ficar com sua indigna mulher, devolve-lhe bem por mal, e sustentar a dois filhos que, se ele tiver sido enviado no cárcere, teriam ficado sem protetor, ou teriam chegado a ser uma carga para a paróquia. Como os maus homens agem por motivos mesquinhos, podemos atribuir a indulgência mostrada a esta última razão.

Vimos na primeira parte de nossa narração acerca dos mártires a algumas mulheres cujo afeto para com seus maridos as levou inclusive a sacrificar suas próprias vidas para preservar as deles; porém aqui, em conformidade com a linguajem das Escrituras, uma mãe resulta ser em verdade um monstro da natureza. Nem o afeto conjugal nem o materno podia exercer efeito algum no coração desta indigna mulher.

Embora nosso aflito cristão tinha experimentado tal crueldade e falsidade de parte daquele mulher que lhe estava sujeita por todos os vínculos humanos e divinos, contudo, com um espírito manso e paciente lhe suportou suas más ações, tratando durante sua calamidade de aliviar sua doença, e acalmando-a com todas as possíveis expressões de ternura. Assim, em poucas semanas ficou quase restaurada a seu são juízo. Mas, ay!, voltou de novo a seu pecado, "como um cão volta a seu vômito". A malignidade contra os santos do Altíssimo estava arraigada em seu coração demasiado fortemente para poder ser eliminada; e ao voltarem suas forças, também com elas voltou sua inclinação a cometer maldade. Seu coração estava endurecido pelo príncipe das trevas, e a ela se podem aplicar as palavras tão entristecedoras e desalentadoras: *"Porventura pode o etíope mudar a sua pele, ou o leopardo as suas manchas?*

Então podereis vós fazer o bem, sendo ensinados a fazer o mal" [14]. Ponderando este texto de maneira devida com outro: *"terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia*" [15], como pretenderemos desvirtuar a soberania de Deus chamando a Jeová ante o tribunal da razão humana, que, em questões religiosas, está demasiado amiúde oposto pela sabedoria infinita? *"Larga é a porta, e espaçoso o caminho que conduz à perdição, e muitos são os que entram por ela; e porque estreita é a porta, e apertado o caminho que leva à vida, e poucos há que a encontrem"* [16]. Os caminhos do céu são infinitamente inescrutáveis, e é nosso dever inescusável caminhar sempre em dependência de Deus, olhando-o em humilde confiança, esperando em Sua bondade, e confessando sempre Sua justiça; e ali onde "não possamos compreender, ali aprendamos a confiar". Esta desgraçada mulher, seguindo os horrendos ditados de um coração endurecido e depravado, apenas se ficou confirmada em sua recuperação que, afogando os ditados da honra, da gratidão e de todo afeto natural, de novo voltou a denunciar a seu marido, que uma vez mais foi apresado, e ante Sir John Mordant, cavalheiro e um dos comissionados da Rainha Maria.

Após seu interrogatório, encontrando-o seu juiz firme em suas opiniões, que militavam contra as abrigadas pela superstição e sustentadas pela crueldade, o sentenciou ao encerro e tortura da Torre dos Lolardos. Ali o colocaram num doloroso cepo, e junto dele colocaram um prato de água com uma pedra dentro, só Deus sabendo com que propósito, a não ser que fosse para mostrar que não devia esperar outro alimento, coisa bem acreditável se considerarmos suas práticas semelhantes contra outros antes mencionados nesta narração; como, entre eles, contra Richard Smith, que morreu em seu cruel encarceramento; entre outros detalhes de crueldade se dá que quando uma mulher piedosa foi a pedir ao doutor Story permissão para enterrá-lo, este lhe perguntou à mulher se havia alguma palha ou sangue no cadáver de Smith; mas deixou a juízo dos sábios que foi o que quis dizer com isto.

O primeiro dia da terceira semana dos sofrimentos de nosso mártir, se lhe apresentou algo ante sua vista que lhe fez certamente sentir seus tormentos com toda sua intensidade, e execrar com amargura, detendo-se justo para não amaldiçoar a autora de sua desgraça. Observar e castigar os procedimentos de seus atormentadores fica para o Altíssimo, que vê a queda do passarinho, e em cuja santa Palavra está escrito: "Minha é a vingança, eu retribuirei" [17]. O que viu

[14] Jeremias 13.23, ACF.
[15] Êxodo 33.19, ACF, Romanos 9.15.
[16] Mateus 7.13-14, ACF.
[17] Romanos 12.19,PJFA, Hebreus 10.30.

foi seu próprio filho, um menino da tenra idade de oito anos. durante quinze dias seu impotente pai tinha permanecido suspendido por seu atormentador pelo braço direito e a perna esquerda, e às vezes por ambos membros, mudando-lhe de posição com o propósito de dar-lhe forças para suportar e alongar seus sofrimentos. Quando o inocente menino, desejoso de ver seu pai e de falar com ele, pediu ver a Bonner para pedir-lhe permissão, ao perguntá-lhe o capelão do bispo qual era o propósito de sua visita, disse que desejava ver seu pai. "Quem é teu pai?" perguntou o capelão. "John Fetty", respondeu o menino, indicando ao mesmo tempo o lugar onde estava encerrado. "Mas teu pai é um herege!". Este pequeno, com grande coragem respondeu, com uma energia suficiente ok despertar admiração em qualquer peito, exceto naquele deste miserável insensível e carente de princípios, e tão bem disposto a executar os caprichos de uma rainha sem consciência: "Meu pai não é um herege; tu tens a marca de Balaão".

Irritado pela recriminação tão corretamente aplicada, o indigno e mortificado sacerdote ocultou seu ressentimento por um momento, e levou o atrevido moleque à casa, onde, segurando-o, o entregou a outros que, tão baixos e cruéis como ele, o despiram e o acoitaram com seus chicotes com tanta violência que, desmaiando ele sob os açoites infligidos a seu terno corpinho, e coberto do sangue que manava de suas feridas, estava a ponto de expirar vítima deste duro e imerecido castigo.

Neste estado, sangrando e desmaiado, foi levado diante de seu pai este sofredor menino, coberto só com uma comprida camisa, por um dos atores da horrenda tragédia, o qual, enquanto exibia aquele espetáculo que partia o coração, empregava os mais vis escárnios, e se gozava no que tinha feito. O leal pequeno, como recuperando força ante a visão de seu pai, lhe implorou de joelhos a bênção. "Ah, Will", lhe disse o o afligido pai, tremendo de horror, "Quem te fez isto?!". O inocente menino lhe contou as circunstâncias que o conduziram ao implacável corretivo que tinha-lhe sido aplicado com tanta baixeza; mas quando repetiu a repreensão que tinha dito ao capelão, e que tinha sido ocasionada por seu indômito espírito, foi arrancado de seu pai, que estava desfeito em choro, e levado de volta a sua casa, onde permaneceu trancado e estreitamente vigiado.

Bonner, sentindo um certo temor de que o que tinha feito pudesse não ser justificado nem entre os mais sanguinários mastins de sua voraz manada, concluiu em sua tenebrosa e malvada mente libertar a John Fetty, pelo menos durante um tempo, dos rigores que estava sofrendo na gloriosa causa da eterna verdade. sim, sua brilhante recompensa está fixada além dos limites do tempo, dentro dos confins da eternidade, ali onde a seta do malvado não pode ferir, ali "onde não haverá mais dores pol os bem-aventurados, que, na mansão de glória

eterna, ao Cordeiro sempre glorificarão". Por isso, foi liberado por ordem de Bonner (que desgraça para toda dignidade, chamá-lo de bispo!) de suas dolorosas correntes, e levado da Torre dos Lolardos à estância daquele ímpio e infame carniceiro, onde encontrou o bispo esquentando-se diante de um grande fogo. Ao entrar na estância, Fetty disse: "Deus seja aqui e paz!". "'Deus seja aqui e paz' (repetiu Bonner), isto não é nem 'Deus vos guarde', nem 'bom dia'!". "Se dais coices contra esta paz (disse Fetty), não é este o lugar que procuro".

Um capelão do bispo, que estava junto dele, deu uma virada ao coitado, e pensando escarnecê-lo, disse com tom burlão: "Que temos aqui: um bufão!". Estando assim Fetty na estância do bispo observou, pendurado perto da cama do bispo, um par de grandes rosários de miçangas pretas, pelo que disse: "Senhor, creio que o carrasco não está muito longe, porque a corda (disse, apontando os rosários) já está aqui". Ao ouvir estas palavras, o bispo se enfureceu de forma inexpressável. De imediato observou também, de pé na estância do bispo, um pequeno crucifixo. Perguntou ao bispo que era, e ele lhe respondeu que era Cristo. "E foi maltratado tão cruelmente como aparece aqui", perguntou Fetty. "Sim, assim foi", disse-lhe o bispo. "E assim de cruelmente vós tratareis os que caírem em vossas mãos, porque vós sois para o povo de Deus como Caifás foi para Cristo!" O bispo, encolerizando-se, lhe disse: "Tu és um vil herege e te queimarei, ou perderei tudo quanto tenho, até minha veste sacerdotal!". "Não, senhor, (disse Fetty), melhor faríeis em dá-la a algum pobre, para que ore por vós". Bonner, apesar da ira que sentia, que foi tanto mais intensificada pela calma e as agudas observações deste sagaz cristão, considerou mais prudente despedir o pai, por causa do menino quase assassinado. Sua covarde alma tremia pelas conseqüências que pudessem desprender-se dessa ação; o médio é inseparável das mentes mesquinhas, e este sacerdote roliço e covarde experimentou os efeitos deste meio até tal ponto que o induziu a assumir a aparência daquilo ao que era totalmente alheio: a MISERICÓRDIA.

O pai, despedido pelo tirano Bonner, foi a sua casa com o coração oprimido, com seu filho moribundo, que não sobreviveu muitos dias aos cruéis maus-tratos recebidos.

Quão contrária à vontade do grande Rei e Profeta, que ensinou com mansidão a seus seguidores, era a conduta deste mestre falso e sanguinário, deste vil apóstata de seu Deus a Satanás! Mas o diabo tinha-se apoderado de seu coração, e conduzia cada ação daquele pecador a quem havia endurecido; este, entregado a uma terrível destruição, corria a carreira dos malvados, marcando seus passos com o sangue dos santos, como se anelasse alcançar a meta da morte eterna.

A liberação do doutor Sands

Este eminente prelado, vice-chanceler de Cambridge, aceitou predicar, com mui poucas horas de aviso, diante do duque e da universidade, a petição do duque de Northumberland, quando este veio a Cambridge em apoio da pretensão de lady Jane Gray. O texto que tomou foi o que se lhe apresentou ao abrir a Bíblia, e não poderia ter escolhido um mais apropriado: os três últimos versículos de Josué. Assim como Deus lhe deu o texto, assim também lhe deu tal ordem e poder de palavra que suscitou as mais vivas emoções em seus ouvintes. O sermão estava a ponto de ser enviado a Londres para ser impresso, quando chegaram notícias de que o duque tinha voltado e que tinha sido proclamada a Rainha Maria.

O duque foi imediatamente arrestado, e o doutor Sands foi obrigado pela universidade a demitir-se de seu cargo. Foi arrestado por ordem da rainha, e quando o senhor Mildmay se perguntou como um homem tão erudito se atrevia a colocar-se voluntariamente em perigo e falar contra uma princesa tão boa como Maria, o doutor respondeu: "Se eu for fazer como fez o senhor Mildmay, não deveria temer nenhum cárcere. Ele veio armado contra a Rainha Maria; antes, um traidor, agora, um grande amigo dela. Não posso eu com a mesma boca assoprar frio e quente deste jeito". Seguiu um saqueio geral das propriedades do doutor Sand, e foi levado logo a Londres montado num pangaré. Teve de suportar muitos insultos pelo caminho, provenientes de católicos fanáticos, e ao passar pela rua de Bishopsgate, caiu no chão por uma pedrada que lhe lançaram. Foi o primeiro prisioneiro a entrar na Torre, naqueles tempos, por motivos religiosos. Lhe permitiram entrar com sua Bíblia, mas lhe tiraram suas camisas e outros artigos.

O dia da coroação de Maria, as portas do cárcere estavam tão mal guardadas que era fácil escapar. Um verdadeiro amigo, o senhor Mitchell, foi vê-lo, lhe deu seus próprios vestidos como disfarce, e se mostrou disposto a permanecer em seu lugar. Este era um exemplo extraordinário de amizade; mas ele recusou a oferta, dizendo-lhe: "Não tenho conhecimento de nenhuma causa pela que deva estar em prisão. Fazer isto me faria duplamente culpado. Esperarei o beneplácito de Deus, mas me considero um grande devedor vosso"; assim se foi o senhor Mitchell.

Com o doutor Sands estava encarcerado o senhor Bradford; foram custodiados no cárcere, estreitamente, durante dezenove semanas. O guardião, John Fowler, era um perverso papista e, contudo, tanto o persuadiram, que no final começou a favorecer o Evangelho, e ficou tão persuadido da verdadeira religião que um domingo, quando celebravam a missa na capela, o doutor Sands ministrou a Comunhão a Bradford e a Fowler. Assim, Fowler deveio filho deles, gerado em prisões. Para

fazer lugar a Wyat e seus cúmplices, o doutor Sands e outros nove predicadores foram enviados a Marshalsea.

O guarda de Marshalsea designou um homem para cada predicador, para que o conduzisse pela rua; os fez andar na frente, e ele e o doutor Sands seguiram, conversando juntamente. Para esta época, o papismo começava a ser impopular. Depois de ter passado a ponte, o guarda disse ao doutor Sands: "Vejo que pessoas vãs quiseram lançar-vos ao fogo. Vós sois tão vão como eles se, sendo jovem, vos mantendes em vossa própria arrogância, e preferis vossa opinião à de tantos dignos prelados, ancião, eruditos e sérios homens como há neste reino. Se é assim, vereis que sou um guarda severo, e que meu conhecimento é pequeno; me basta com conhecer a Cristo crucificado, e nada tem aprendido quem não vê a blasfêmia que há no papismo. A Deus me renderei, e não aos homens; nas Escrituras tenho lido acerca de muitos guardas piedosos e corteses: que Deus me faça um deles! E se não, espero que Ele me dê força e paciência para suportar vossos maus-tratos". Depois agregou: "Estais resolvido a manter-vos em vossa religião?". "Sim", disse o doutor, "pela graça de Deus!". "A verdade", disse o guarda, "gosto de você tanto mais por isto; somente vos provava, contai com todo favor de que possa fazer-vos objeto; e me considerarei feliz se posso morrer na estaca convosco".

E cumpriu com sua palavra, porque confiou no doutor, deixando-o passear sozinho pelos campos, onde se encontrou com o senhor Bradford, que também estava preso a disposição do tribunal real, e que tinha conseguido o mesmo favor de seu guarda. Por sua petição, pus o senhor junto com ele, para ser seu companheiro de cela, e a Comunhão foi ministrada a um grande número de comungantes.

Quando Wyat chegou com seu exército a Southwark, ofereceu libertar todos os protestantes encarcerados, mas o doutor Sands e o resto dos predicadores recusaram aceitar a liberdade sob essas condições.

Depois que o doutor Sands permanecera preso nove meses no cárcere de Marshalsea, foi colocado em liberdade por mediação de Sir Tomás Holcroft, cavalheiro marechal. Embora o senhor Holcroft tinha a ordem da rainha, o bispo tinha-lhe ordenado que não deixasse em liberdade o doutor Sands até ter recebido fiança de dois cavalheiros com ele, obrigando-se cada um deles por 500 libras esterlinas, de que o doutor Sands não se ausentaria do reino sem permissão para isso. O senhor Holcroft se viu de imediato com dois cavalheiros do norte, amigos e primos do doutor Sands, que ofereceram-se a pagar a fiança.

Depois de comer, aquele mesmo dia, Sir Tomás Holcroft mandou que trouxessem o doutor Sands a sua casa de Westminster, para dizê-lhe tudo o que tinha feito, o doutor Sands lhe respondeu: "Dou graças a Deus, que tem movido vosso coração para ter-me tal consideração,

pelo que me considero obrigado convosco. Deus vo-lo pagará, e eu mesmo não vos serei ingrato. Mas como me tendes tratado amistosamente, eu também vou ser-vos franco. Vim livremente ao cárcere; não sairei ligado. como não posso ser de benefício algum para meus amigos, tampouco lhes serei para dano. E se sou colocado em liberdade, não permanecerei seis dias neste reino, se posso ir embora. Portanto, se não posso sair livre, enviai-me de novo a Marshalsea, e ali ficareis seguro de mim".

Esta resposta desgostou muito ao senhor Holcroft; mas lhe respondeu como um verdadeiro amigo: "Sendo que não podeis ser mudado de posição, eu mudarei meu propósito, e cederei ante vós. Aconteça o que acontecer, vou deixar-vos em liberdade, e vendo como tendes desejo de atravessar o mar, ide tão rápido como possais. Um coisa vos peço, que enquanto estiverdes lá, não me escrevais nada, pois isso poderia ser minha destruição".

O doutor Sands, despedindo-se afetuosamente dele e de seus outros amigos encarcerados, foi embora. Foi pela casa de Winchester, e dali tomou uma barca e se dirigiu à casa de um amigo em Londres, chamado William Banks, ficando ali por uma noite. Na noite seguinte foi à casa de outro amigo, e ali soube que estava sendo intensamente procurado, por ordem expressa de Gardiner.

O doutor Sands se dirigiu então, de noite, à casa de um homem chamado Berty, um estranho que esteve com ele no cárcere de Marshalsea por um tempo. Era um bom protestante, e vivia em Maik-lane. Ale permaneceu seis dias, e depois foi à casa de um de seus conhecidos em Com-hill. Fez que este conhecido, Quinton, lhe subministrasse dois cavalos, tendo decidido ir-se, nessa manhã, a Essex, a casa de seu sogro, o senhor Sands, onde estava sua mulher, o que executou após ter escapado com dificuldade de ser apresado. Não tinha permanecido ali duas horas antes de ser avisado que dois guardas o arrestariam naquela mesma noite.

Aquela noite o durante Sands foi levado à granja de um honrado camponês, perto do mar, onde permaneceu dois dias e duas noites numa estância, sem companhia alguma. Depois de ter passado pela casa de um tal James Mower, patrão de barco que morava em Milton-Shore, esperou um vento favorável para ir a Flandes. Enquanto estava ali, James Mower lhe trouxe quarenta ou cinqüenta marinheiros, aos que lhes deu uma exortação; tomaram-lhe tanto aprecio, que prometeram morrer antes de permitir que fosse apreendido.

O 6 de maio, domingo, o vento foi favorável. Ao despedir-se de sua hospedeira, que tinha estado casado oito anos sem ter nenhuma criança, lhe deu um bonito lenço e um velho real de ouro, e lhe disse: "Consola-te; antes de ter passado um ano inteiro, Deus te dará um

filho, um menino". E isto se cumpriu, porque doze meses menos um diz depois, Deus lhe deu um filho.

Apenas se tinha chegado a Amberes que soube que o rei Felipe tinha dado ordem de ser apreendido. Fugiu então a Augsburgo, em Cleveland, onde o doutor Sands permaneceu quatorze dias, viajando a continuação a Estrasburgo, onde, após ter vivido ali um ano, sua mulher chegou para estar com ele. Esteve doente de um fluxo durante nove meses, e teve um filho que morreu de peste. Sua amante esposa finalmente caiu doente de uma febre, e morreu em seus braços. Quando sua mulher esteve morta, foi a Zurique, e esteve em casa de Peter Martyr por espaço de cinco semanas.

Sentados um dia comendo, lhes levaram de repente a notícia de que a rainha Maria tinha morrido, e o doutor Sands foi chamado por seus amigos em Estrasburgo, onde predicou. O senhor Grindal e ele se dirigiram a Inglaterra, e chegaram a Londres o mesmo dia da coroação da rainha Elizabete. Este fiel servo de Cristo ascendeu, sob a rainha Elizabete, à mais elevada distinção da Igreja, sendo sucessivamente bispo de Worcester, bispo de Londres e arcebispo de York.

O tratamento dispensado pela Rainha Maria a sua irmã, a princesa Elizabete

A preservação da princesa Elizabete pode ser considerada como um exemplo notável do vigilante olhar de Cristo sobre sua Igreja. O fanatismo de Maria não tinha consideração para com os laços de consangüinidade, dos afetos naturais nem da sucessão nacional. Sua mente, fisicamente lenta, estava sob o domínio de homens que não possuíam bondade humana, e cujos princípios estavam sancionados e mandados pelos dogmas idolátricos do romano pontífice. Se tivessem podido prever a curta duração do reinado de Maria, teriam tingido suas mãos com o sangue protestante de Elizabete, e, como *sine qua non* da salvação da rainha, a teriam obrigado a ceder o reino a algum príncipe católico. A resistência ante tal coisa teria sido acompanhada de todos horrores de uma guerra civil religiosa, e sem teriam sentido na Inglaterra calamidades similares às da França sob Henrique o Grande, a quem a rainha Elizabete ajudou em sua oposição a seus súbditos católicos dominados pelos sacerdotes. Como se a Providência tivesse em vista o estabelecimento perpétuo da fé protestante, deve observar-se a diferença da duração dos dois reinados. Maria poderia ter reinado muitos anos no curso da natureza, porém o curso da graça o dispus de forma distinta. Cinco anos e quatro meses foi o tempo dado a este débil e desgraçado reinado, enquanto que o reinado de Elizabete está entre os mais duradouros de todos que jamais tenha visto o trono inglês: quase nove vezes o de sua desalmada irmã.

Antes que Maria chegasse à coroa, tratou a Elizabete com bondade fraternal, porém desde aquele momento se alterou sua conduta, e se estabeleceu a distância mais imperiosa. Ainda que Elizabete não teve parte alguma da rebelião de Sir Tomás Wyat, foi contudo apreendido e tratada como culpável daquele rebelião. A forma em que teve lugar seu arresto foi semelhante à mente que a havia ditado; os três ministros do gabinete aos que ela designou para que tivessem cuidado do arresto entraram sem nenhuma cortesia em seu dormitório às dez da noite e, ainda estivesse sumamente doente, a duras penas pôde convencê-los para que a deixassem repousar até a manhã seguinte. Seu debilitado estado lhe permitiu ser levada somente em curtas etapas em sua longa viagem a Londres, mas a princesa, ainda que afligida em sua pessoa, teve o consolo que sua irmã jamais poderia comprar: as pessoas pelas quais passava no caminho se compadeciam dela, e oravam por sua preservação.

Ao chegar à corte, foi constituída presa durante duas semanas, estreitamente vigiada, sem saber quem era seu acusador, nem ver a ninguém que pudesse consolá-la ou aconselhá-la. Contudo, a acusação foi finalmente desvelada por Gardiner, que, com dezenove membros do Conselho, a acusou de instigar a conspiração de Wyat, o que ela afirmou religiosamente ser falso. Ao fracassar nisto, apresentaram contra ela seus tratos com Sir Peter Carew no oeste, no qual tampouco tiveram êxito. A rainha interveio agora manifestando que era sua vontade que fosse encerrada na Torre, passo este que abrumou a princesa com o maior temor e inquietude. Em vão abrigou a esperança de que sua majestade a rainha não a enviasse a tal lugar; mas não podia esperar indulgência alguma. O número de seus assistentes foi limitado, e se designaram cem soldados nortistas para guardá-la dia e noite.

O Domingo de Ramos foi levada z Torre. Quando chegou a jardim do palácio, olhou acima para as janelas, esperando ver os da rainha, mas se desenganou. Se deu estrita ordem de que todos fossem à igreja e levassem palmas, para que pudesse ser conduzida a sua prisão sem protestos nem mostras de compaixão.

Ao passar pela Ponte de Londres, a descida da maré fez muito perigosa a travessia, e a barcaça se travou durante um tempo com um espigão da ponte. Para mortificá-la ainda mais, a fizeram desembarcar na Escada dos Traidores. Como chovia intensamente, e se via obrigada a colocar os pés na água para chegar à ribeira, vacilou; mas isso não suscitou nenhuma cortesia no cavalheiro que a atendia. Quando pus seus pés nos degraus, exclamou: "Aqui, embora presa, desembarco como a mais leal súbdita que jamais chegou a estes degraus; e o digo perante Ti, oh, Deus, não tendo outro amigo senão Tu!"

Um grande número de guardas e servos da Torre foram dispostos em ordem, para que a princesa passasse entre eles. Ao perguntar para que era aquela parada, lhe informaram que era o costume. Ela disse: "Se eles estão aqui por mim, rogo-vos que sejam escusados". Ao ouvir isto, os pobres homens se ajoelharam e oraram a Deus que preservasse sua Graça, pelo qual foram expulsos de seus cargos no dia seguinte. Esta trágica cena deve ter sido profundamente interessante: ver uma princesa amável e irrepreensível enviada como um cordeiro, para enlanguescer na expectativa de cruéis tratamentos e morte, e contra a que não havia outros motivos que sua superioridade de virtudes cristãs e capacidades adquiridas. Seus acompanhantes choravam abertamente enquanto ela se dirigia com um andar digno rumo as trágicos merlões de seu destino. "Que quereis dizer-me com estas lágrimas", disse Elizabete; "Vos trouxe para consolar-me, não para desalentar-me; porque minha verdade é tal que ninguém terá motivos para chorar por mim".

O seguinte passo de seus inimigos foi procurar-se evidências por meios que em nossos dias se consideram execráveis. Muitos coitados prisioneiros foram submetidos ao potro do tormento para extrai-lhes, se for possível, qualquer tipo de acusação que pudesse ser susceptível de condená-la a morte, e com isso satisfazer a sanguinária disposição de Gardiner. Ele mesmo foi a interrogá-la, acerca de sua mudança desde sua casa de Ashbridge ao castelo de Dunnington, fazia já muito tempo. A princesa tinha esquecido totalmente este insignificante acontecimento, e lorde Arundel, depois do interrogatório, ajoelhando-se, se escusou por tê-la incomodado numa questão tão trivial. "Me colocais estreitamente a prova", respondeu a princesa, "porém disto estou segura: que Deus tem colocado limite a vossos procedimentos; que Deus vos perdoe a todos".

Seus próprios cavalheiros, que deveriam ter sido seus administradores e tê-la provido das coisas necessárias, foram obrigados a ceder seus postos aos soldados comuns, às ordens do alcaide da Torre, que era em todos os aspectos um servil instrumento de Gardiner; contudo, os amigos de sua Graça obtiveram uma ordem do Conselho que regulou esta mesquinha tirania mais a satisfação dela.

Depois de ter passado um mês inteiro em prisão estrita, enviou uma comunicação ao lorde ajudante de câmara e ao lorde Chandois, aos quais informou do mal estado de sua saúde por falta de ar livre e de exercício. Feita a solicitude ao Conselho, lhe foi permitido, de má vontade, poder passear-se pelas estâncias da rainha, e depois no jardim, momento em que os prisioneiros daquele lado da Torre eram acompanhados pelos seus guardas, que lhes impediam de contemplá-la. Também se excitaram seus ciúmes por um menino de quatro anos, que a diário levava flores à princesa. O menino foi ameaçado com

receber açoites, e se ordenou ao pai que o mantivesse afastado das estâncias da princesa.

O dia cinco de maio, o alcaide foi deposto de seu cargo, e Sir Henry Benifield foi designado em seu lugar, acompanhado de cem soldados vestidos de azul, de torva aparência. Esta medida suscitou grande alarme na mente da princesa, que imaginou que estes eram preparativos conducentes a sofrer a mesma sorte que lady Jane Gary e no mesmo corte. Recebendo seguridades de que não havia um tal projeto em andamento, lhe veio à mente o pensamento que o novo alcaide da Torre estava encarregado de acabar com ela secretamente, por quanto seu caráter equívoco harmonizava com a feroz inclinação daqueles pelos que tinha sido designado.

Depois correu o rumor que sua Graça seria levada fora dali pelo alcaide e seus soldados, o que finalmente resultou ser certo. Veio uma ordem do Conselho para que fosse trasladada à casa senhorial Woodstock, o que teve lugar no Domingo de Trindade, 13 de maio, sob a autoridade de Sir Henn Benifield e de Lorde Tame. A causa ostensível de seu traslado foi dar lugar a outros prisioneiros. Richmond foi o primeiro lugar onde se detiveram, e aqui durmiu a princesa, embora não sem muito temor no princípio, porque seus princípios criados foram substituídos pelos soldados, que foram colocados como guardas na porta de sua estância. Pelas queixas apresentadas, lorde Tame anulou este indecoroso abuso de autoridade, e lhe concedeu perfeita segurança enquanto esteve sob sua custódia.

Ao passar por Windsor viu a vários de seus coitados e abatidos servos que esperavam vê-la. "Vai a eles", lhe disse a um de seus assistentes, "e di-lhes de minha parte estas palavras: *tanquim ovis*, isto é, como ovelha para o matadouro".

Na manhã seguinte, sua Graça se alojou em casa de um homem chamado Dormer, e encaminhando-se a ela, a gente deu tais mostras de leal afeição que Sir Henry se sentiu indignado, e os tratou abertamente de rebeldes e traidores. Em alguns povoados faziam soar os sinos, imaginando que a chegada da princesa entre eles era por causas muito distintas; mas esta inocente demonstração de alegria foi suficiente para que o perseguidor Benifield ordenasse a seus soldados que apreendessem estas humildes pessoas e as colocassem no cepo.

No dia seguinte, sua Graça chegou à casa de lorde Tame, onde permaneceu toda a noite, e foi muito nobremente agasalhada. Isto excitou a indignação de Sir Henry, e o levou a advertir a lorde Tame que considerasse bem sua forma de agir; mas a humanidade de lorde Tame não era das que se deixavam atemorizar, e lhe deu a réplica adequada. Em outra ocasião, este oficial pródigo, para mostrar sua má classe e seu menosprezo pela cortesia, foi a uma estância que tinha sido preparada para sua Graça com uma cadeira, duas almofadas e um

tapete, sentando-se ali presunçosamente, e chamando a um de seus homens para que lhe tirassem as botas. Tão logo como o souberam as damas e os cavalheiros da princesa, o ridicularizaram escarnecendo-o. quando acabou a cena, ele chamou o senhor da casa, e ordenou que todos os cavalheiros e as damas fossem para suas casas, assombrando-se muito de que permitisse uma tão grande companhia, considerando o grave encargo que lhe tinha sido encomendado. "Sir Henry", disse sua senhoria, "dai-vos por satisfeito;evitaremos tanta companhia, incluindo a de vossos homens". "não", disse Sir Henry, "senão que meus soldados vigiarão toda a noite". Lorde Tame replicou: "Não há necessidade". "Bom", disse o outro, "haja necessidade ou não, o farão".

No dia seguinte, sua Graça empreendeu viagem dali a Woodstock, onde foi encerrada, como antes na Torre de Londres, guardando-a os soldados dentro e fora das muralhas, cada dia, em número de sessenta; e durante as noites houve quarenta durante todo o tempo de seu encarceramento.

No final lhe foi permitido passear pelos jardins, mas sempre sob as mais severas restrições, guardando as chaves o próprio Sir Henry, guardando-a sempre baixo muitas fechaduras e ferrolhos, o que a induziu a chamá-lo de carcereiro, pelo qual sentiu-se ele ofendido, e lhe rogou que utilizasse a palavra oficial. Depois de muitos rogos do Conselho, obteve permissão para escrever à rainha; mas o carcereiro que lhe trouxe pluma, tinta e papel permaneceu junto dela enquanto escrevia e, ao sair, voltou levar esses artigos até que tornassem a ser necessários. Também insistiu em levar a carta ele mesmo a rainha, mas Elizabete não admitiu que ele fosse o portador, e foi apresentada por um de seus cavalheiros.

Depois da carta, os doutores Owen e Wendy visitaram a princesa, porque seu estado de saúde fazia precisa a assistência médica. Permaneceram com ela cinco ou seis dias, tempo em que ela melhorou muito; quando voltaram à rainha, e falaram aduladoramente da submissão e humildade da princesa, a rainha pareceu comover-se; porém os bispos exigiam uma admissão de que havia ofendido a sua majestade. Elizabete rejeitou esta forma indireta de reconhecer-se culpável. "Se tenho delinqüido", disse ela, "e sou culpada, não peço misericórdia, senão a lei, que estou segura já teria sofrido faz tempo, caso qualquer coisa pudesse ter sido provada em minha contra; desejaria estar igual de livre do perigo de meus inimigos; então não estaria encerrada e cheia de ferrolhos, trás muralhas e portas".

Naquele tempo se falou muito da idoneidade de unir a princesa com algum estrangeiro, para que pudesse ir embora do reino com uma porção apropriada. Um dos do Conselho teve a brutalidade de propor a necessidade de decapitá-la se era que o rei Felipe queria ter o reino em

paz; porém os espanhóis, aborrecendo uma idéia tão mesquinha, responderam: "Deus não queira que nosso rei e senhor consinta a tão infame proceder!". Estimulados por um princípio de nobreza, os espanhóis pressionaram desde então o rei no sentido de que seria para maior honra dele liberar a lady Elizabete, e o rei não foi insensível a tal petição. A tirou da prisão, e pouco depois foi enviada a Hampton Court. Se pode observar aqui, de passagem, que a falácia dos arrazoamentos humanos se evidência a cada passo. O bárbaro que propus a ação política de decapitar a Elizabete pouco se esperava a mudança de condição que suas palavras iriam propiciá-lhe. Em sua viagem desde Woodstock, Benifielf a tratou com a mesma dureza que antes, fazendo-a viajar num dia de tempestade, e não permitindo que sua velha criada, que tinha vindo a Colnbrook, onde dormiu uma noite, pudesse falar com ela.

Permaneceu guardada e vigiada durante duas semanas de maneira estrita antes que ninguém ousasse falar com ela; no final, o vil Gardiner acudiu, com três mais do Conselho, com grande submissão. Elizabete o cumprimentou com a observação de que tinha permanecido mantida durante muito tempo em prisão isolada, e lhe rogou que intercedesse diante do rei e da rainha para que a liberassem deste encerro. A visita de Gardiner tinha o propósito de obter da princesa uma confissão de culpabilidade; porém ela se guardou contra suas sutilezas, agregando que antes de admitir ter feito nada errado permaneceria em prisão pelo resto de sua vida. Gardiner voltou a visitá-la, e ajoelhando-se, declarou que a rainha se sentia atônita de que persistisse em afirmar que era sem culpa, só que se inferiria que a rainha tinha encarcerado injustamente sem sua Graça. Gardiner a informou, além disso, de que a rainha tinha declarado que deveria falar de forma diferente antes de poder ser deixada em liberdade. "Então", replicou a nobre Elizabete, "prefiro estar em prisão com honra e verdade antes de ter minha liberdade e estar sob as suspeitas de suas majestade. E me manterei no que tenho falado: não vou mentir!" Então, o bispo e seus amigos partiram, deixando-a encerrada como antes.

Sete dias depois a rainha enviou buscar Elizabete às dez da noite; dois anos tinham-se passado desde que se haviam visto pela última vez. Isso criou terror na mente da princesa, que, ao sair, pediu a seus cavalheiros e damas que orassem por ela, porque não era seguro que pudesse voltar a vê-los.

Conduzida ao dormitório da rainha, ao entrar a princesa se enfeitou, e tendo rogado a Deus que guardasse sua majestade, lhe deu seguranças de que sua majestade não tinha um súbdito mais leal em todo o reino, fossem quais forem os rumores que fizessem circular em sentido contrário. Com um altaneiro desdém, a imperiosa rainha

respondeu: "Não vais confessar teu delito, senão que te manténs férrea em tua verdade. Peço a Deus que assim seja".

"Se não for assim", disse Elizabete, "não peço nem favor nem perdão de mãos de vossa majestade". "Bom", disse a rainha, "continuas perseverando teimosa em tua verdade. Além disso, não queres confessar que não foste castigada injustamente".

"Não devo dizê-lo, se assim apraz a vossa majestade".

"Então o dirás a outros", disse a rainha.

"Não, se sua majestade não quer; tenho levado minha carga, e devo levá-la. Rogo humildemente a vossa majestade que tenha boa opinião de mim e me considere sua súbdita, não só desde o começo até agora, senão para sempre, enquanto tenha vida".

Despediram-se sem nenhuma satisfação cordial por parte de nenhuma; e não podemos dizer que a conduta de Elizabete exibisse aquela independência e fortaleza que acompanha à da perfeita inocência. A admissão de Elizabete de que não diria, nem a rainha nem a outros, que tinha sido castigada injustamente, estava em total contradição com o que tinha falado a Gardiner, e deve ter surgido de algum motivo por agora inexplicável. Se supõe que o Rei Felipe estava escondido durante aquela entrevista, e que tinha-se mostrado favorável à princesa.

Após sete dias do regresso da princesa a seu encarceramento, seu severo carcereiro e seus homens foram demitidos, e foi deixada em liberdade, sob a limitação de estar sempre acompanhada e vigiada por algum do Conselho da rainha. Quatro de seus cavalheiros foram enviados à Torre sem outra acusação contra eles que a de terem sido zelosos servos de sua senhora. Este acontecimento foi logo seguido pela feliz notícia da morte de Gardiner, pela que todos os homens bons e clementes glorificaram a Deus, por ter eliminado o principal tigre da guarida, e ter assegurado mais a vida da sucessora protestante de Maria.

Este infame, enquanto a princesa estava encarcerada na Torre, enviou um documento secreto, assinado por alguns do Conselho, ordenando sua execução privada, e se o senhor Bridges, tenente da Torre, tiver sido tão pouco escrupuloso ante um tenebroso assassinato como este ímpio prelado, teria sido morta. Ao não haver assinatura da rainha no documento, o senhor Bridges se dirigiu apressadamente a sua majestade para informá-la e para saber seu parecer. Esta tinha sido uma treta de Gardiner, que tentando demonstrá-la culpável de atividades traiçoeiras tinha feito torturar a vários presos. Também ofereceu grandes sumas em suborno ao senhor Edmund Tremaine e Smithwicke para que acusassem à inocente princesa.

Sua vida esteve várias vezes em perigo. Enquanto estava em Woodstock, se pegou fogo, aparentemente de forma intencionada,

entre as vigas e o teto sob o qual dormia. Também corre o intenso rumor de que um tal Paul Penny, guarda de Woodstock, e notório bandido, foi designado para assassiná-la, mas, fosse como for, Deus contrapôs neste ponto os desígnios dos inimigos da Reforma. James Basset tinha sido outro designado para executar a mesma ação; era um peculiar favorito de Gardiner, e tinha chegado a uma milha de Woodstock, querendo falar com Benifield acerca disto. Quis Deus em sua bondade que enquanto Bassey se dirigia a Woodstock, Benifield, por ordem do Conselho, se dirigisse a Londres; devido a isto, deixou ordem firme a seu irmão de que ninguém fosse admitido em presença da princesa.

Quando Elizabete saiu de Woodstock, deixou estas linhas escritas com um diamante na janela: "Muitas suspeitas pode haver, nada demonstrado pode ser. Disse Elizabete, presa".

Ao acabar a vida de Winchester, acabou o extremo perigo filha princesa, porque muitos de seus secretos inimigos pronto o seguiram e, finalmente, sua cruel irmã, que sobreviveu a Gardiner somente três anos.

A morte de Maria tem sido atribuída a várias causas. Os membros do Conselho trataram de consolá-la em seus últimos momentos, pensando que era a ausência de seu marido o que tanto lhe pesava no coração, mas embora isto teve uma certa influência, a verdadeira razão de sua dor era a perda de Calais, a última fortaleza possuída pelos ingleses na França. "Abri meu coração", disse Maria, "quando estiver morta, e achareis ali escrita a palavra Calais". A religião não lhe causava temores; os sacerdotes tinham adormecido nela toda inquietude de consciência que puder ter existido por causa dos espíritos acusadores dos mártires assassinados. Não era o sangue que tinha derramado, senão a perda de uma cidade, o que moveu suas emoções ao morrer, e este último golpe pareceu ser infligido para que suas fanáticas perseguições pudessem ser colocadas em paralelo com sua insensatez política.

Rogamos fervorosamente que nos anais de nenhum país, católico ou pagão, voltem a serem jamais maculados com tal repetição de sacrifícios humanos o poder papal, e que o aborrecimento que se tem contra o caráter de Maria possa ser um faro para os posteriores monarcas, a fim de evitares os arrecifes do fanatismo!

O castigo de Deus contra alguns dos perseguidores de Seu povo no reinado de Maria

Depois da morte daquele super-perseguidor, Gardiner, outros seguiram, entre os que deve destacar-se o doutor Morgan, bispo de St. Davi's, quem tinha sucedido o bispo Farrar. Não muito tempo depois de ter sido designado para este bispado, caiu baixo a visitação de Deus: seus alimento, uma vez descidos pela garganta, retrocediam com

grande violência. Deste modo acabou sua existência, literalmente morto de fome.

O bispo Thomton, sufragâneo [18] de Dover, foi um infatigável perseguidor da verdadeira Igreja. Um dia, depois de ter exercido sua cruel tirania sobre um número de piedosas pessoas em Canterbury, se dirigiu da casa capitular a Borne, onde, enquanto estava um domingo contemplando a seus homens jogando bolos, caiu sob um ataque de paralisia, e não sobreviveu muito tempo.

Depois o sucedeu um outro bispo ou sufragâneo, ordenado por Gardiner, que não muito depois de ter sido elevado à sede de Dover, caiu por umas escadas na estância do cardeal de Greenwich, quebrando-se o pescoço. Acabava de receber a bênção do cardeal; não poderia ter recebido nada pior.

John Cooper, de Watsam, Suffolk, sofreu a causa de um perjúrio; por malignidade privada foi perseguido por um tal Fenning, que subornou a outros dois para que jurasse que o tinham ouvido dizer "Se Deus não tirar daqui a Rainha Maria, o diabo o fará". Cooper negou ter falado semelhante coisa, porém era protestante e herege, pelo que foi enforcado, arrastado e esquartejado, seus bens foram confiscados, e sua mulher e seus nove filhos reduzidos à mendicidade. Porém durante a seguinte colheita, Grimwood de Hitcham, uma das testemunhas antes mencionada, foi visitado por sua infâmia; enquanto trabalhava, empilhando trigo, suas entranhas arrebentaram repentinamente, e morreu antes de poder conseguir ajuda alguma. Assim foi retribuído um perjúrio deliberado com uma morte súbita!

Já observamos a baixeza do xerife maior de Woodroffe no caso do mártir Bradford. Se regozijava aquele xerife na morte dos santos, e na execução do senhor Roger lhe partiu a cabeça do vaqueiro, porque deteve a carreta para permitir que os filhos do mártir lhe dessem um último adeus. Apenas se fazia uma semana que o senhor Woodroffe tinha deixado de ser xerife maior, foi abatido por uma paralisia, e enlanguesceu vários dias numa condição mais que lastimosa e impotente, apresentando um grande contraste com sua anterior atividade naquele sanguinária causa.

Se crê que Ralph Lardyn, que entregou o mártir George Eagles, foi posteriormente julgado e enforcado como conseqüência de uma auto-acusação. Ante o tribunal, se acusou com estas palavras: "Isto me sobreveio com toda justiça por entregar sangue inocente daquele homem bom e justo, George Eagle, que foi aqui condenado em tempos da Rainha Maria por minha ação, quando vendi seu sangue por um pouco de dinheiro".

---

[18] Sufragâneo: que depende da autoridade e jurisdição de um superior, especialmente no caso dos bispados (N. da T., Enciclopédia Encarta de Microsoft).

Enquanto James Abbes se dirigia à execução, exortando os apenados espectadores a manter-se firmes na verdade, e que como ele selassem a causa de Cristo com seu sangue, um servo do xerife maior o interrompeu, chamando blasfemamente heresia a sua religião, e ao bom homem de lunático. Mas apenas se as chamas tinham alcançado o mártir, o terrível açoite de Deus caiu sobre aquele endurecido miserável, na presença de quem tinha ridicularizado tão cruelmente. Aquele homem se viu repentinamente atacado de loucura e, demente perdido, se despojou das roupas e tirou os sapatos diante de todos (assim como Abbes tinha acabado de fazer, para distribuí-los entre algumas pessoas pobres), gritando ao mesmo tempo: "Assim o fez James Abbes, o verdadeiro servo de Deus, que está salvo, porém eu condenado!". Repetindo isto várias vezes, o xerife o fez segurar e mandou que o vestissem com sua roupa, mas logo que ficou sozinho voltou arrancá-la, gritando como antes. Amarrado a uma carreta, foi levado à casa de seu amo, e após seis meses morreu. Justo antes disso, veio assisti-lo um sacerdote com um crucifixo, mas o desgraçado homem lhe disse que saísse dali com seus enganos, e que ele e outros sacerdotes eram a causa de sua condenação, mas que Abbes estava salvo.

Um tal Clark, inimigo juramentado dos protestantes no reinado do rei Eduardo, se enforcou na Torre de Londres.

Froling, sacerdote muito célebre, caiu na rua e morreu no instante.

Dale, um infatigável informante, morreu comido pelos vermes, constituindo um horrendo espetáculo.

Alexandre, o severo guarda de Newgate, morreu miserável, inchando-se até um tamanho prodigioso, e apodreceu por dentro de modo tal que ninguém queria aproximar-se dele. Este cruel ministro da lei costumava acudir a Bormer, a Story e a outros pedindo-lhes que esvaziassem sua prisão, sentia-se demasiado acossado pelos hereges! O filho deste guarda, três anos depois da morte de seu pai, dissipou suas grandes propriedades, e morreu repentinamente no mercado de Newgate. "Os pecados do pai", diz o decálogo "serão visitados sobre os filhos". John Peter, genro de Alexandre, um horroroso blasfemador e perseguidor, morreu miseravelmente. Quando afirmava qualquer coisa, dizia: "Se não for verdade, que apodreça antes de morrer". E esta terrível condição o visitou em todo seu horror.

Sir Ralph Ellerker tinha estado ansiosamente desejoso de que a Adam Damlip, executado tão injustamente, lhe fosse arrancado o coração. Pouco depois, Sir Ralph foi morto pelos franceses, que o mutilaram cruelmente, lhe cortaram os membros, e lhe arrancaram o coração.

Quando Gardiner soube do mísero final do juiz Hales, chamou a profissão do Evangelho de "doutrina do desespero", mas esqueceu que

o desespero do juiz surgiu depois de ter consentido com o papismo. Com mais razão se pode dizer isto dos princípios católicos, se consideramos o mísero fim do doutor Pendleton, de Gardiner e da maioria dos perseguidores principais. Um bispo lhe recordou a Gardiner, quando este estava em seu leito de morte, a Pedro negando a seu mestre. "Ah!", disse Gardiner, "tenho negado como Pedro, mas nunca me arrependi como ele".

Após a ascensão de Elizabete, a maioria dos prelados católicos foram encarcerados na Torre ou no fleet. Bonner foi encerrado em Marshalsea.

Dos blasfemadores da Palavra de Deus, detalharemos, entre muitos outros, o seguinte acontecimento. Um tal William Maldon, que vivia em Greenwich como criado, estava num anoitecer instruindo-se proveitosamente, lendo um livro de leitura elementar. Outro criado, chamado John Powell, estava sentado perto dele, e ridicularizava tudo quanto dizia Maldon, que o advertiu de não escarnecer da Palavra de Deus. Porém Powell prosseguiu, até que Maldon chegou a certas orações inglesas, e leu em voz alta: "Senhor, tem piedade de nós; Cristo, tem piedade de nós", etc. de repente, o escarnecedor se sobressaltou e exclamou: "Senhor, tem misericórdia de todos nós!". Sentiu-se surpreendido do mais atroz terror em sua mente, disse que o espírito mau não podia permitir que Cristo tivesse misericórdia alguma dele, e afundou na loucura. Foi enviado a Bedlam, e se converteu num terrível exemplo de que Deus nem sempre será ultrajado impunemente.

Henry Smith, estudante de leis, tinha um piedoso pai protestante, de Camdem, em Gloucestershire, e foi piedosamente educado por ele. Enquanto estudava leis no Temple, foi induzido a professar o catolicismo, e dirigindo-se à Lovaina, na França, voltou carregado de perdoes, crucifixos, e outros brinquedos papistas. Não satisfeito com isto, começou a injuriar publicamente a religião evangélica na qual tinha sido criado, mas uma noite a consciência o repreendeu com tal violência que num arrebato de desespero se enforcou com suas próprias ligas. Foi sepultado no caminho, sem que fosse lido o serviço cristão.

O doutor Story, cujo nome tem sido mencionado tantas vezes nas páginas anteriores, foi reservado para ser cortado mediante execução pública, prática na qual tanto tinha-se deleitado quando estava no poder. Se supõe que interveio na maioria das ações dos tempos de Maria e que estendeu seu engenho inventando novas formas de infligir torturas. Quando Elizabete acedeu ao trono, foi encarcerado, porém inexplicavelmente fugiu ao continente, para levar o fogo e a espada ali contra os irmãos protestantes. Do duque de Alba recebeu em Amberes

uma especial comissão para registrar todos os barcos em busca de contrabando, especialmente de livro heréticos ingleses.

O doutor Story se gloriava em seu encargo que foi ordenado pela Providência para obrar sua ruína, e para preservar os fiéis de sua sanguinária crueldade. Se decidiu que um mercador chamado Parker navegasse a Amberes, e que se informasse ao doutor Story que tinha uma carga de livros heréticos a bordo. Apenas ouviu isso, este se apressou a chegar-se à barca, buscou por todas partes em coberta, e depois embaixo na adega, e ali o encerraram. Um oportuna tormenta levou a nave a Inglaterra, e este traidor e perseguidor rebelde foi enviado em prisão, onde esteve um tempo considerável, negando-se obstinadamente a renunciar a seu espírito anti-cristão, e a admitir a supremacia da Rainha Elizabete. Aduzia que era súbdito do rei da Espanha, a cujo serviço estava o famoso Duque de Alba, embora de nascimento e por educação era inglês. Condenado, o doutor foi colocado sobre um reboque de grades e arrastado desde a Torre a Tyburn, onde depois de ter sido enforcado durante meia hora, foi cortado, despedaçado, e o carrasco exibiu o coração de um traidor.

Assim terminou a existência deste Ninrode da Inglaterra.

CAPÍTULO 17 - Surgimento e progresso da religião protestante na Irlanda, com um relato das bárbaras matanças de 1641

As trevas do papado haviam escurecido a Irlanda desde seu primeiro estabelecimento até o reinado de Henrique VIII, quando os raios de luz do Evangelho começaram a dissipar as trevas e a prover aquela luz que até então tinha sido desconhecida na ilha. A abjeta ignorância na que se mantinha ao povo, com os absurdos e supersticiosos conceitos que sustentavam, eram coisa bem evidente para muitos; e os artifícios de seus sacerdotes eram tão patentes, que várias pessoas distinguidas, que tinham sido até então fervorosos papistas, se teriam sacudido o jugo de boa vontade e abraçado a religião protestante; mas a ferocidade natural daquela gente, e sua intensa adesão às ridículas doutrinas que tinham-lhes sido ensinadas, fazia perigoso este intento. Contudo, se empreendei isto mais para frente, o que foi acompanhado das conseqüências mais horríveis e desastrosas.

A introdução da religião protestante na Irlanda se pode atribuir principalmente a George Browne, um inglês que foi consagrado bispo de Dublin o 19 de março de 1535. Tinha sido com anterioridade frade agostiniano, e foi elevado à mitra por seus méritos.

Depois de ter estado nesta dignidade durante cinco anos, na época em que Henrique VIII estava suprimindo as casas religiosas na Inglaterra, fez que tirassem todas as relíquias e imagens das duas catedrais de Dublin, e das outras igrejas de sua diocese; em lugar delas colocou a Oração do Senhor, o Credo, e os Dez Mandamentos.

Pouco tempo depois recebei uma carta de Tomás Cromwell, lorde do Selo Privado, informando-lhe que, tendo Henrique VIII anulado a supremacia papal na Inglaterra, estava decidido a fazer o mesmo na Irlanda, e que por isso o havia designado a ele (o arcebispo Browne) como um dos comissionados para pôr em prática esta ordem. O arcebispo respondeu que tinha feito tudo quanto estava em seu mando, arriscando sua vida, para fazer que a nobreza e os cavalheiros irlandeses reconhecessem a supremacia de Henrique, tanto em questões espirituais como temporais; porém tinha-se encontrado com a mais violenta oposição, especialmente de parte e George, arcebispo de Armagh; e que este prelado, num discurso ao clero, tinha lançado uma maldição sobre todos os que reconhecessem a supremacia de sua majestade, agregando além que sua ilha, chamada nas Crônicas Insula Sacra ou Ilha Santa, não pertencia a ninguém senão ao bispo de Roma, e que os progenitores do rei a tinham recebido do Papa. Observou também que o arcebispo e o clero de Armagh tinham enviado

respectivos correios a Roma, e que seria necessário convocar um parlamento na Irlanda, para aprovar a lei da supremacia, sendo que o povo não aceitaria a comissão do rei sem a sanção da assembléia legislativa. Concluiu dizendo que os Papas tinham mantido o povo sumido na mais profunda ignorância; que o clero era majoritariamente analfabeto; que o comum das pessoas eram mais zelosos de sua cegueira do que tinham sido os santos e mártires na defesa da verdade a começos do Evangelho; e que devia temer-se a Shean O'Neal, um líder muito poderoso da zona norte da ilha, que estava decidido a opor-se à comissão regia.

Seguindo este conselho, no ano seguinte se convocou o parlamento que devia reunir-se em Dublin por ordem de Leonard Grey, que naqueles tempos era lorde lugar-tenente. Nesta assembléia, o arcebispo Browne pronunciou um discurso no que estabeleceu que os bispos de Roma costumavam, antigamente, reconhecer a imperadores, reis e príncipes como supremos em seus próprios domínios; e que por isso ele reconheceria o rei Henrique VIII como supremo em todos os assuntos, tanto eclesiásticos como temporais. Concluiu dizendo que todo aquele que recusasse assentir a esta lei não seria um leal súbdito do rei. Este discurso sobressaltou grandemente os outros bispos e senhores, mas afinal se acedeu, após violentos debates, com a supremacia do rei.

Dois anos depois, o arcebispo escreveu uma segunda carta a lorde Cromwell, queixando-se do clero, e dando indicações das maquinações que o Papa estava tramando contra os defensores do Evangelho. Esta carta está datada em Dublin em abril de 1538; e o arcebispo diz, entre outros assuntos: "A um papagaio se pode ensinar a falar com tanto senso como o fazem muitos do clero neste país. Estes, embora não sejam eruditos, são contudo espertos para enganar a gente simples, dissuadindo-os de obedecer as ordens de Sua Majestade. Os camponeses daqui odeiam muito vossa autoridade, e vos chamam insultantemente em sua língua irlandesa de Filho do Ferreiro. Como amigo, desejo que vossa senhoria tenha cuidado de sua nobre pessoa. Roma tem em grande favor o duque de Norfolk, e grandes favores para esta nação, com o propósito de opor-se a Sua Majestade".

Pouco tempo depois, o Papa enviou a Irlanda (dirigida pelo arcebispo de Armagh e seu clero) uma bula de excomunhão contra todos aqueles que tivessem reconhecido ou chegassem a reconhecer a supremacia do rei dentro da nação irlandesa; denunciando uma maldição sobre eles e os seus que no prazo de quarenta dias não reconhecessem a seus confessores que tinham errado em aceitá-la.

O arcebispo Browne deu conhecimento disto numa carta datada em Dublin em maio de 1538. Parte do formulário da confissão, ou voto, enviado a estes papistas irlandeses, dizia assim: "Declaro além maldito

àquele ou àquela, pai ou mãe, irmão ou irmã, filho ou filha, marido ou mulher, tio ou tia, sobrinho ou sobrinha, parente ou parenta, patrão ou patroa, e todos os outros, as relações mais próximas e queridas, amigos ou conhecidos que sejam, que mantenham ou cheguem a manter, em tempos vindouros, que qualquer poder eclesiástico ou civil esteja acima da autoridade da Mãe Igreja, ou que obedeça ou chegue a dar obediência, em tempos vindouros, a nenhum dos inimigos ou contrários da Mãe Igreja, do que aqui dou juramento: Assim me ajudem Deus, a Bendita Virgem, são Pedro, são Paulo e os Santos Evangelistas", etc. Este formulário se corresponde de maneira precisa com as doutrinas promulgadas pelos Concílios Laterano e de Constança, que declaram de forma expressa que não se deve mostrar favor algum aos hereges, nem se deve guardar a palavra dada; que devem ser excomungados e condenados, e que suas possessões devem ser confiscadas, e que os príncipes ficam obrigados, sob solene juramento, a desarraigá-los de seus respectivos domínios.

Que abominável deve ser uma igreja que ousa calcar deste modo toda autoridade! Que enganada a gente que aceita as instruções de tão igreja!

Na carta acabada de mencionar do arcebispo, datada em maio de 1539, diz ele: "Sua alteza o vice-rei desta nação tem pouco ou nenhum poder sobre os antigos nativos. Agora tanto os ingleses como os irlandeses começam a opor-se às ordens de sua senhoria, e a pôr de lado suas pendências nacionais, o que me temo que fará (se algo pode levar a isso) com que um estrangeiro invada esta nação".

Não muito depois disto, o arcebispo Browne arrestou um tal de Thady O'Brian, um frade franciscano, que tinha em seu poder um documento enviado desde Roma, com data de maio de 1538, e dirigido a O'Neal. Nesta carta estavam as seguintes palavras: "Sua Santidade, Paulo, agora Papa, e o concílio dos padres, descobriram recentemente, em Roma, uma profecia de uma São Laceriano, bispo irlandês de Cashel, na que dizia que a Mãe Igreja de Roma cai quando for vencida a fé católica na Irlanda. Por isso, pela glória da Mãe Igreja, pela honra de são Pedro, e por tua própria segurança, suprime a heresia e os inimigos de Sua Santidade".

Esta Thady O'Brian, depois de uns interrogatórios e registros adicionais, foi colocado no cepoi e mantido sob estrita vigilância até que chegassem ordens do rei acerca de que sorte devia correr. Mas ao chegar a ordem da Inglaterra de que fosse enforcado, se suicidou no castelo de Dublin. Seu corpo foi depois levado a Gallows-Green, onde, após ser pendurado durante um tempo, foi enterrado.

Depois da ascensão de Eduardo VI ao trono da Inglaterra, foi enviada uma ordem a Sir Anthony Leger, lorde Representante da Irlanda, mandando que se estabelecesse na Irlanda a liturgia em

inglês, para que fosse observada dentro dos vários bispados, catedrais e igrejas paroquiais; e se leu por vez primeira em Christ Church, em Dublin, o dia de Páscoa de 1551, diante do mencionado Sir Anthony, do arcebispo Browne e de outros. Parte da ordem real para este propósito era como se segue: "Por quanto sua Graciosa Majestade nosso pai, o rei Henrique VIII, tomando em consideração a escravidão e o pesado jugo que seus leais e fiéis súbditos suportavam sob a jurisdição do bispo de Roma; como diversas histórias imaginarias e prodígios mentirosos desviavam a nossos súbditos, tirando os pecados de nossas nações com suas indulgências e perdões por dinheiro; propondo-se abrigar todos os vícios malvados, como roubos, rebeliões, furtos, fornicações, blasfêmia, idolatria, etc., sua Graciosa Majestade nosso pai dissolveu por isso todos os conventos, todos os mosteiros, abadias e outras pretendidas casas de religião, sendo como eram criadouros de vícios ou luxos mais que de sagrada erudição", etc.

O dia depois que se empregou pela primeira vez a Oração Comum em Christ Church, os papistas tramaram a seguinte perversa confabulação:

Na Igreja havia ficado uma imagem de mármore de Cristo, sustentando uma cana na mão, e com uma coroa de espinhos na cabeça. Enquanto se estava lendo o serviço inglês (a Oração Comum) diante do lugar-tenente, do arcebispo de Dublin, do conselho privado, do alcaide maior e de uma grande congregação, se viu como sais sangue das fendas da coroa de espinhas, e descia pela cabeça da imagem. A isto, um dos inventores da impostura gritou em voz alta: "Vede como mana sangue a imagem de nosso Salvador! Mas tem de fazê-lo, porquanto tem entrado a heresia em sua igreja!". De imediato muitos, das classes mais baixas do povo, certamente o vulgo de todas classes, se sentiu aterrorizado ante um espetáculo tão miraculoso e inegável de evidência do sagrado divino; precipitaram-se fora da igreja, convencidos que as doutrinas do protestantismo emanavam de uma fonte infernal, e de que a salvação somente podia ser achada no seio de sua própria infalível Igreja.

Este incidente, por ridículo que pareça para o leitor ilustrado, teve uma grande influência sobre as mentes dos irlandeses ignorantes, e serviu aos fins dos desavergonhados impostores que o inventaram, em quanto a conseguir refrear de forma tangível o progresso da religião reformada da Irlanda; muitas pessoas não podia resistir-se à convicção de que havia muitos erros e corrupções na Igreja de Roma, porém se viram silenciados por meio desta pretendida manifestação da ira divina, que foi exagerada além de toda medida pelos fanáticos e interessados sacerdotes.

Temos muito poucos detalhes acerca do estado da religião na Irlanda durante o resto do reinado de Eduardo VI e da maior parte do

de Maria. Para o final do tempo de domínio daquela implacável fanática, tentou ela estender suas perseguições à ilha; porém suas diabólicas intenções foram felizmente frustradas da seguinte forma providencial, e os detalhes disto o narram historiadores de genuína autoridade.

Maria tinha designado a Pole (um agente do sanguinário Bonner) como um dos comissionados para executar suas bárbaras intenções. Chegado a Chester com sua comissões, o alcaide daquela cidade, um papista, acudiu a assisti-lo; então o doutor tirou do bolso de seu manto uma carteira de pele, dizendo-lhe: "Aqui tenho a comissão que banirá os hereges da Irlanda". A mordoma da casa era protestante, e tendo um irmão em Dublin, ficou muito angustiada ante o que tinha ouvido. Porém esperando uma oportunidade, enquanto o alcaide se despedia, e o doutor o acompanhava cortesmente escadas embaixo, ela abriu a carteira, tirou a comissão, e em seu lugar colocou uma folha de papel com um baralho, com a dama de paus para acima. O doutor, sem suspeitar o acontecido, guardou no bolso a carteira, e chegou a Dublin em setembro de 1558.

Anelante por cumprir as intenções de sua "piedosa" rainha, de imediato se dirigiu a lorde Fitz-Walter, que então era vice-rei, e lhe apresentou a carteira, que, ao ser aberta, deixou à mostra o baralho. Isto deixou surpreendidos a todos os presentes, e sua senhoria disse: "Devemos conseguir outra comissão; e enquanto isso, baralhemos as cartas".

O doutor Pole teria desejado voltar de imediato a Inglaterra para conseguir outra comissão; mas enquanto esperava um vento favorável, chegou a notícia da morte da Rainha Maria, e graças a isso os protestantes escaparam a uma muito cruel perseguição. O relato que demos está confirmado por historiadores do maior crédito, que agregam que a Rainha Elizabete estabeleceu uma pensão de quarenta libras para a mencionada Elizabete Edmunds, por ter salvado desta forma as vidas de seus súbditos protestantes.

Durante os reinados de Elizabete e de Tiago I, Irlanda esteve agitada quase constantemente por rebeliões e insurreições que, embora não tivesse sempre como motivos a diferença de opiniões religiosas entre ingleses e irlandeses, ficavam agravadas e se faziam tanto mais azedas e irreconciliáveis; por esta causa os sacerdotes papistas exageravam abertamente os falhos do governo inglês, e de contínuo imbuíam em seus ignorantes ouvintes cheios de prejuízos a legitimidade de matar protestantes, assegurando-lhes que todos os católicos mortos no cumprimento de uma empresa tão piedosa seriam de imediato recebidos no gozo eterno. O caráter naturalmente abobalhado dos irlandeses, manipulado por estes homens astutos, os compelia de contínuo a ações violentas bárbaras e injustificáveis,

embora deve confessar-se que a natureza instável e arbitraria da autoridade exercida pelos governadores ingleses não era susceptível de ganhar seus afetos. Também os espanhóis, desembarcando forças no sul, e alentando de todas as formas os descontentes nativos para que se unissem sob sua bandeira, mantiveram a ilha numa estado contínuo de turbulência e de guerra. Em 1601 desembarcaram um corpo de quatro mil homens em Kinsale, e começaram o que chamaram "A Guerra Santa pela preservação da fé na Irlanda". Foram ajudados por grandes quantidades de irlandeses, porém finalmente foram rotundamente derrotados pelo representante da rainha, lorde Mountjoy, e seus oficiais.

Este fechou as transações do reinado de Elizabete com respeito à Irlanda; continuou um período de aparente tranqüilidade, porém o sacerdócio papista, sempre inquieto e agitador, tentou dominar mediante maquinações secretas aquele governo e aquela fé que já não ousavam atacar abertamente. O pacifico reinado de Tiago lhes deu a oportunidade de aumentar sua força e de amadurecer por meio de vários arcebispos titulares católico-romanos, como também de bispos, decanos, vicários gerais, abades, sacerdotes e frades. Por esta razão se proibiu, em 1629, o exercício público dos ritos e cerimônias papistas.

Mas apesar disto, pouco depois o clero romanista edificou uma nova universidade papista na cidade de Dublin. Começaram também a edificar mosteiros e conventos em várias partes do reino, lugares nos que este mesmo clero romanista e os chefes dos irlandeses celebravam numerosas reuniões; e dali costumavam ir e voltar à França, Espanha, Flandes, Lorena e Roma, onde estava sendo preparado o detestável complô de 1641 pela família dos O'Neal e seus seguidores.

Mas depois que começaram a pôr-se em marcha os planos da horrível conspiração que vamos a relatar a continuação, os papistas da Irlanda tinham apresentado uma protesta ante os lorde s de Justiça do reino, exigindo o livre exercício de sua religião e uma derrogação das leis contrárias, ante o que ambas câmaras do Parlamento da Inglaterra responderam solenemente que jamais concederiam tolerância alguma à religião papista naquele reino.

Isto irritou tanto mais os papistas, incitando-os à execução do diabólico complô concertado para a destruição dos protestantes e não fracassou, senão que teve o êxito desejado por seus maliciosos e rancorosos promotores.

O dignidade desta horrível conspiração era que tivesse lugar uma insurreição geral ao mesmo tempo por todo o reino, e que se desse morte a todos os protestantes, sem exceção alguma. O dia fixado para esta horrenda massacre foi o 21 de outubro de 1641, desta de Inácio de Loyola, fundador dos jesuítas; e os principais conspiradores nas

partes principais do reino empreenderam os preparativos necessários para a luta que maquinavam.

A fim de que este aborrecível plano pudesse ter um êxito mais seguro, os papistas praticaram os ardis mais elaborados, e sua conduta em suas visitas aos protestantes foi, neste tempo, de uma mais aparente bondade que a que haviam demonstrado até então, o que se fez para poder consumar de maneira mais plena os desígnios desumanos e pérfidos que contra eles meditavam.

A execução desta selvagem maquinação foi atrasada até inícios do inverto, para que o envio de tropas desde a Inglaterra fosse coisa mais difícil. O cardeal Richelieu, o ministro francês, tinha prometido aos conspiradores um considerável subministro de homens e dinheiro, e muitos oficiais irlandeses tinham prometido assistir cordialmente a seus irmãos católicos, tão logo como tiver lugar a insurreição.

Chegou o dia anterior ao indicado para executar este horrível dignidade, e felizmente para a metrópole do reino a conspiração foi revelada por um irlandês chamado Owen O'Connelly, por cujo serviço o Parlamento inglês lhe votou cinco= libras e uma pensão vitalícia de duzentas.

Foi tão oportunamente que se descobriu este complô, a somente poucas horas de que a cidade e o castelo de Dublin fossem surpreendidos, que os lorde s Justiças apenas se tiveram tempo de preparar-se, junto com a cidade, numa posição defensiva adequada. Lorde M'Guire, que era ali o principal líder, foi, junto com seus cúmplices, detido naquela mesma noite na cidade; em suas moradas encontraram-se espadas, enxadas, machados, marretas e outros instrumentos de destruição preparados para o aniquilamento e o extermínio dos protestantes daquela parte do reino.

Desta forma a capital foi felizmente preservada; mas a sanguinária parte da tragédia tramada já não podia impedir-se. Os conspiradores estavam já sobre as armas cedo na manhã do dia indicado, e todos os protestantes que encontraram em seu caminho foram assassinados de imediato. Não se perdoou nenhuma idade, nem sexo, nem condição. A mulher chorando pelo seu marido destripado, e abraçando seus indefesos filhos, era traspassada junto com eles, morrendo todos ao mesmo tempo. Velhos e jovens, vigorosos e fracos, sofreram a mesma sorte e se confundiram numa mesma ruína. Em vão salvava a fuga de um primeiro assalto; a destruição assolava por todas partes, e se enfrentavam com as perseguidas vítimas a cada volta de esquina. Em vão se tratou de reunir parentes e companheiros, e amigos; todas as relações estavam dissolvidas; e a morte caia da mão daqueles a quem se implorava proteção e de quem se esperava. sem provocação, sem oposição, os atônitos ingleses, vivendo na maior paz, e, pensavam eles, plena segurança, foram assassinados por seus mas próximos

vizinhos, com os que haviam mantido durante muito tempo uma continuada relação de bondade e bons ofícios. Mas a morte foi o mais suave dos castigos infligidos por estes monstros de forma humana; todas as torturas que pode inventar a mais voluntariosa crueldade, todos os prolongados tormentos do corpo e as angústias da mente, as agonias do desespero, não podiam saciar uma vingança carente de motivos, e cruelmente surgida de causa nenhuma. A natureza depravada, inclusive a religião pervertida, embora alentadas pela licencia mais desenfreada, não podem chegar a um maior paroxismo de ferocidade que o que se manifestou nestes desalmados sacrilégios. Inclusive as representantes do sexo débil, naturalmente tenras ante seus próprios sofrimentos e compassivas ante os de outrem, emularam a seus fortes companheiros na prática da crueldade. Os mesmos meninos, ensinados pelo exemplo e a exortação de seus pais, aplicavam seus fracos golpes aos cadáveres dos indefesos filhos dos ingleses.

Tampouco a avareza destes irlandeses foi suficiente para detê-los em absoluto em sua crueldade. Tal era seu desenfreio que o gado que roubaram e que fizeram seus no saqueio, foram degolados conscientemente porque levavam o nome dos ingleses; ou, cobertos de feridas, lançados soltos nos bosques, para ali morrerem lentamente em seus sofrimentos.

As espaçosas vivendas dos camponeses foram reduzidas a cinzas ou arrasadas até o solo. E ali onde os infelizes proprietários tinham-se encerrado em suas casas e se estavam preparando para defender-se, foram mortos em chamar junto com suas mulheres e crianças.

Esta é a descrição geral desta matança sem comparação; agora resta, pela natureza desta obra, dar alguns detalhes particulares.

Apenas se os fanáticos e desalmados papistas tinham começado sujar suas mãos de sangue, repetiram esta horrível tragédia dia após dia, e os protestantes, em todas partes do reino, caíram vítimas de sua fúria com mortes da crueldade mais inaudita.

Os ignorantes irlandeses foram tanto mais intensamente fustigados a executar esta infernal operação pelos jesuítas, sacerdotes e frades, quanto que eles, quando se decidiu o dia da execução do complô, recomendaram em suas orações que se der diligência naquele grande desígnio, que disseram eles seria de grande ajuda para a prosperidade do reino e para promover a causa católica. Em todo lugar disseram ao comum das pessoas que os protestantes eram hereges, e que não devia ser-lhes permitido mais viver entre eles; agregando que não era mais pecado matar um inglês que matar um cão; e que ajudá-los ou protegê-los era um crime mais que imperdoável.

Tendo assediado os papistas a cidade e o castelo de Longford, se renderam os ocupantes deste último, que eram protestantes, com a

condição de que lhes fosse dado quartel; os sitiadores, no instante em que apareceram as pessoas da cidade, os atacaram da forma mais implacável, destripando o sacerdote deles, a modo de sinal, ao ministro protestante inglês; depois disto, seus seguidores assassinaram a todo o resto, alguns dos quais foram enforcados, outros apunhalados ou mortos a tiros, enquanto que a muitos lhes destrocaram as cabeças com machados que tinham-lhes sido subministrados para este fim.

A guarnição de Sligo foi tratada de forma semelhante por O'Connor Slygah, o qual lhes prometeu quartel aos protestantes, e levá-los sãos e salvos ao outro lado dos montes Curlew, a Roscommon. Estes abandonaram seus refúgios, mas então os apresou e guardou num encerro imundo, alimentando-os somente com grãos como alimento. Depois, estando bebidos e contentes alguns dos papistas que vieram felicitar seus malvados irmãos, os frades brancos tiraram os protestantes sobreviventes, e ou bem os mataram a cutelo, ou bem os lançaram da ponte a um rio torrencial, onde logo morreram. Se agrega que depois um grupo deste malvado contingente de frades brancos foi certo tempo depois ao rio, em solene procissão, com água benta em suas mãos, para aspergi-lo; pretendendo limpá-lo e purificá-lo das máculas e da contaminação do sangue e dos cadáveres de hereges, como chamavam eles os desafortunados protestantes que foram tão desumanamente assassinados nesta ocasião.

Em Kilmore, o doutor Bedell, bispo desta sede, tinha assentado e sustentado caridosamente a grande número de protestantes angustiados, que tinham fugido de suas casas para escapar das diabólicas crueldades cometidas pelos papistas. Mas não gozaram muito tempo do consolo de viverem juntos. O bom prelado foi tirado pela força de sua residência episcopal, que foi logo ocupado pelo doutor Swiney, o bispo papista titular de Kilmore, que disse missa na igreja no domingo seguinte, e que logo confiscou todos os bens e possessões do perseguido bispo.

Pouco depois disto, os papistas levaram o doutor Bedell, seus dois filhos e o resto de sua família, com alguns dos principais protestantes aos que ele tinha protegido, a um castelo em ruínas chamado Lochwater, situado num lago perto do mar. Aqui permaneceu com seus companheiros várias semanas, esperando dia após dia ser morto. A maior parte deles tinham sido deixados nus, pelo que sofreram grandes penalidades, ao fazer muito frio (sendo o mês de dezembro), e carecer de telhado o edifício no qual estavam. Prosseguiram nesta situação até o sete de janeiro, quando foram todos liberados. O bispo foi cortesmente recebido na casa de Dennis O'Sheridan, um de seu clero, a quem tinha convertido à Igreja de Inglaterra, porém não sobreviveu muito tempo a esta demonstração de bondade. Durante sua estância ali, passou todo seu tempo em exercícios religiosos, para melhor

dispor-se e preparar-se a si mesmo, e a seus entristecidos companheiros, para seu grande trânsito, porque nada tinham diante de seus olhos senão uma morte certa. Estava então no ano setenta e um de sua vida, e aflito por umas violentas febres que adquiriu por sua estância naquele lugar inóspito e desolado no lago, logo a doença ficou mais violenta e perigosa. Vendo que se aproximava sua morte, a recebeu com gozo, como um dos primitivos mártires que se apressava rumo a sua coroa de glória. Depois de dirigir-se a sua pequena grei, e de exortá-los à paciência, e isso do modo mais patético por quanto viu que se aproximava o último dia deles, após ter abençoado solenemente sua gente, sua família e seus filhos, terminou juntamente o curso de seu ministério e de sua vida o 7 de fevereiro de 1642.

Seus amigos e parentes pediram ao intruso bispo que lhes permitisse enterrá-lo, o que obtiveram com grande dificuldade; ao princípio lhes disse que o pátio da igreja era terra sagrada, e que não devia ser já mais contaminada com hereges; contudo, se obteve permissão ao final, e ainda que não se empregou serviço religioso funerário na solenidade (por medo aos papistas irlandeses), contudo alguns dos melhores, que tiveram a maior veneração por ele enquanto vivia, assistiram ao ato de depositar seus restos no sepulcro. Em seu enterro lançaram uma salva de balas, gritando: "*Requiescat in pace últimos anglorum*", isto é, "Descanse em paz o último inglês". A isto agregaram que como ele era um dos melhores, também seria o último bispo inglês achado entre eles. A erudição deste bispo era muito grande, e teria dado ao mundo tanto mais prova dela se tiver impresso tudo o que havia escrito. Apenas se salvaram alguns de seus escritos, tendo os papistas destruído a maioria de seus documentos e biblioteca. Tinha recolhido uma grande quantidade de exposições críticas da Escritura, tudo o qual, com um grande baú cheio de seus manuscritos, caiu em mãos dos irlandeses. Felizmente, seu grande manuscrito hebraico se conservou, e está agora na biblioteca do Emanuel College, Oxford.

Na baronia de Terawley, os papistas, por instigação dos frades, obrigaram a mais de quarenta protestantes ingleses, alguns dos quais eram mulheres e crianças, à dura sorte de ou bem morrer pela espada, ou afogados no mar. Escolhendo isto último, foram obrigados, a ponta de espada por seus inexoráveis perseguidores, a dirigir-se a águas profundas, onde, com seus pequenos em seus braços, foram primeiro vadeando até o pescoço, e depois afundaram e morreram juntos.

No castelo de Lisgool foram queimados vivos até cento e cinqüenta homens, mulheres e crianças, todos juntos; e no castelo de Moneah, não menos de cem foram passados a espada. Uma grande quantidade foram também assassinados no castelo de Tullah, que foi entregue a M'Guire com a condição de que lhes dessem quartel; mas apenas se

este desalmado havia ocupado o lugar, ordenou a seus homens assassinar o povo, o que foi executado de imediato, e com a maior crueldade.

Muitos outros foram mortos da forma mais horrenda, de modos que somente poderiam ter sido inventados por demônios, e não por homens. Alguns deles foram deitados com as costas sobre o eixo de uma carruagem, com as pernas apoiadas no chão num lado, e os braços e cabeças no outro. Nesta posição, um daqueles selvagens açoitava a coitada vítima nas coxas, pernas, etc., enquanto outro lançava cães selvagens, que desgarravam os braços e as partes superiores do corpo; assim, desta forma terrível, eram privados de sua existência. Muitos deles foram amarrados às caudas de cavalos, e lançados os animais a todo galope por seus cavalheiros, as desgraçadas vítimas eram arrastadas até que expiravam. Outros foram pendurados em altas forcas, e acendendo fogo embaixo deles, acabaram suas vidas em parte por asfixia, em parte por enforcamento.

Tampouco escapou o sexo débil no mais mínimo à crueldade que podiam projetar seus carentes de misericórdia e furiosos perseguidores. Muitas mulheres, de todas as idades, eram mortas das mais cruéis formas. Algumas, de maneira particular, foram amarradas com as costas contra fortes postes e, despidas até a cintura, aqueles desumanos monstros lhes cortaram os seios direitos com tesouras de tosa, o que, naturalmente, lhes provocou as agonias mais terríveis, e assim foram deixadas até morrerem sangradas.

Tal foi a selvagem ferocidade destes bárbaros que inclusive bebês não nascidos eram arrancados do ventre para serem vítimas de sua fúria. Muitas infelizes mães foram penduradas nuas de galhos de árvores, e sua inocente descendência arrancada delas e jogada a cães e a porcos. E, para intensificar o horrendo da cena, obrigavam o marido a vê-lo antes de morrer ele mesmo.

Na cidade de Issenskeath enforcaram mais de cem protestantes escoceses, não mostrando-lhes mais misericórdia que a que haviam demonstrado aos ingleses. M'Guire, dirigindo-se ao castelo daquela cidade, pediu falar com o governador, e, ao permitir-se-lhe a entrada, queimou de imediato os registros do condado, que guardava ali. Depois exigiu 1000 libras ao governador e, tendo-as recebido, o obrigou logo a ouvir missa, e a jurar que continuaria fazendo-o. E para consumar estas horríveis barbaridades, ordenou que a mulher e os filhos do governador fossem enforcados diante dele, além de assassinar pelo menos cem dos habitantes. Mais de mil homens, mulheres e crianças foram levados, em diferentes grupos, à ponte Portadown, que estava rompida no meio, obrigando-os dali a jogar-se na água; os que tratavam de alcançar a ribeira eram batidos na cabeça.

Na mesma parte do país, pelo menos quatro mil pessoas foram afogadas em diferentes lugares. Os desumanos papistas os levaram como animais, depois de despi-los, ao lugar determinado para sua destruição; e se algum, pela fatiga ou debilidade natural, era lento em seu andar, era espetado com suas espadas e lanças; para aterrorizar a multidão, assassinaram alguns deles pelo caminho. Muitos destes infelizes foram lançados na água, e trataram de salvar-se alcançando a costa, porém seus cruéis perseguidores impediam que o lograssem, disparando contra eles enquanto se encontravam na água.

Num lugar, cento e quarenta ingleses foram todos assassinados juntos, após terem sido empurrados, totalmente nus, durante muitas milhas, e com um clima impiedoso, alguns foram enforcados, outros queimados, outros mortos a tiros, e muitos deles enterrados vivos. Tão cruéis eram seus atormentadores que nem sequer lhes permitiam orar antes de tirá-lhes sua mísera existência.

A outros os levaram com a pretensão de um salvo-conduto, e, por isto mesmo, se dirigiam felizes em sua viagem; mas quando os pérfidos papistas os levaram ao lugar conveniente, os mataram ali da forma mais cruel.

Cento e quinze homens, mulheres e crianças foram levados, por ordem de Sir Phelim O'Neal, à ponte Portadown, onde foram todos lançados no rio, e afogados. Uma mulher chamada Campbell, ao não ver possibilidade alguma de fuga, se abraçou repentinamente a um dos principais papistas, e o aferrou tão firmemente que ambos afogaram-se juntos.

Em Killyman fizeram uma matança de quarenta e oito famílias, das quais vinte e duas foram queimadas juntas numa casa. O resto foram enforcados, mortos a tiros ou afogados.

Em Kilmore todos os habitantes, umas duzentas famílias, caíram vítimas da fúria dos perseguidores. Alguns deles foram colocados no cepo até confessar onde tinham seu dinheiro. E depois disto, os mataram. Todo o condado era uma cena geral de carnificina, e muitos milhares pereceram, em pouco tempo, pela espada, pela fome, o fogo, a água, e as mortes mais cruéis que pudesse inventar a fúria e a maldade.

Estes sanguinários desalmados mostraram tão grande favor para com alguns como para eliminá-los rapidamente; mas não quiseram em absoluto permiti-lhes que orassem. A outros os lançaram em imundas masmorras, colocando pesados ferrolhos em suas pernas e deixando-os ali até morrerem de fome.

Em Casel lançaram a todos os protestantes numa imunda masmorra, onde os tiveram juntos durante várias semanas, na maior miséria. A final foram liberados, sendo alguns deles barbaramente mutilados e deixados nos caminhos para morrer lentamente. Outros

foram enforcados, e alguns foram sepultados verticalmente no chão, com as cabeças por acima da terra, e, para intensificar sua infelicidade, os papistas os escarneciam durante seus padecimentos. No condado de Antrim assassinaram a cinqüenta e quatro protestantes numa manhã; e depois, no mesmo condado, uns mil e duzentos mais.

Numa cidade chamada Lisnegary, obrigaram a vinte e quatro protestantes a entrar numa casa, incendiando-a depois, queimando todos eles, escarnecendo com imitações os clamores deles.

Entre outros atos de crueldade tomaram dos meninos de uma mulher inglesa e lhes abriram a cabeça diante dela; depois, lançaram a mãe no rio, afogando-a. trataram a muitas outras crianças de forma semelhante, para grande aflição de seus pais e vergonha da natureza humana.

Em Kilkeuny foram mortos todos os protestantes sem exceção; e alguns deles de forma tão cruel como talvez nunca tenha sido pensado.

Bateram numa mulher inglesa com tal ferocidade que apenas se restou um osso inteiro; depois disto, a jogaram numa vala; porém, não satisfeitos com isto, tomaram sua menina, de uns seis anos de idade, e a destriparam, jogando-a sobre a mãe, para enlanguescer ali até morrer. Obrigaram um homem a ouvir a missa, após o qual o abriram em canal, e o deixaram assim. Serraram um outro, cortaram o pescoço de sua mulher, e depois de ter roto a cabeça de seu filho, um bebê, o lançaram aos porcos, que o devoraram com ânsias.

Depois de cometerem estas e outras horrendas crueldades, tomaram as cabeças de sete protestantes, e entre elas as de um piedoso ministro, fixando-as na cruz do mercado. Puseram uma mordaça na boca do ministro e lhe racharam as bochechas até as orelhas; então, colocando-lhe diante uma folha da Bíblia, o convidaram a ler, pois tinha a boca bem grande. Fizeram várias outras coisas para escárnio, expressando uma grande satisfação ao ter assassinado e exposto assim a estes infelizes protestantes.

É impossível conceber o prazer que estes monstros experimentavam ao exercer sua crueldade. Para intensificar a desgraça dos que caiam em suas mãos, lhes diziam enquanto os degolavam: "Ao diabo com tua alma". Um destes desalmados entrava numa casa com as mãos ensangüentadas, vangloriando-se de que era sangue inglês, e que sua espada havia traspassado a branca pele dos protestantes, até a empunhadura. Quando qualquer deles tinha dado morte a um protestante, os outros vinham e se satisfaziam cortando e mutilando o corpo; depois os deixavam expostos para serem devorados pelos cães; quando assim tinham matado um número deles, se jactavam de que o diabo lhes estava em dívida, por ter-lhe enviado tantas almas ao inferno. Não é de assombrar-se que tratassem assim àqueles inocentes

cristãos, quando não duvidavam em blasfemar contra Deus e sua santíssima Palavra.

Num lugar queimaram duas Bíblias protestantes, e depois disseram que haviam queimado fogo do inferno. Na igreja de Powerscourt queimaram o púlpito, os bancos, cofres e as Bíblias que estavam ali. Tomaram outras Bíblias, e depois de molhá-las com águas sujas, as lançaram nos rostos dos protestantes, dizendo-lhes: "Sabemos que gostais de uma boa lição; esta é excelente, vinde amanhã, e tereis um bom sermão como este".

Arrastaram alguns dos protestantes pelos cabelos até a igreja, onde os despiram e açoitaram da forma mais cruel, dizendo-lhes, ao mesmo tempo, que se acudiam ao dia seguinte ouviriam o mesmo sermão.

Em Munster deram morte da vários ministros da maneira mais terrível. A um, em particular, o despiram totalmente, e foram empurrando-o diante deles, espetando-o com suas espadas e lanças, até que caiu e morreu.

Em alguns lugares arrancaram os olhos e cortaram as mãos dos protestantes, deixando-os depois soltos pelos campos, onde lentamente teve fim sua mísera existência. Forçaram a muitos jovens a levarem seus pais anciãos aos rios, onde eram afogados; a mulheres a ajudar a enforcar seus maridos, e a mães a cortarem o pescoço de seus filhos.

Em um lugar obrigaram um jovem a dar morte a seu pai, e depois o enforcaram. Em outro lugar forçaram uma mulher a matar a seu marido, e depois forçaram o filho a matá-la a ela, e finalmente o mataram a ele de um tiro na cabeça.

Num lugar chamado Glasgow, um sacerdote papista, junto com alguns outros, prevaleceram sobre quarenta Pastores para que se reconciliassem com a Igreja de Roma; apenas se acabavam de fazê-lo, disseram-lhes que estavam não boa fé, e que eles impediriam que se afastassem dela que se tornassem hereges, expulsando-os deste mundo, o que fizeram logo, cortando-lhes o pescoço.

No condado de Tipperary, mais de trinta protestantes, homens, mulheres e crianças, caíram nas mãos dos papistas que, depois de desnudá-los, os assassinaram a pedradas, com lanças, espadas e outras armas.

No condado de Maio, um sessenta protestantes, quinze deles ministros, deviam ser, sob pacto, conduzidos sãos e salvos a Calway por um tal Edmund Bute e seus soldados; porém este desumano monstro tirou a espada no caminho, como sinal para o resto, e assassinaram a todos, alguns dos quais foram apunhalados, outros traspassados com lanças, e vários afogados.

No condado de Queen, grande número de protestantes foram mortos da forma mais atroz. Cinqüenta ou sessenta foram colocados

juntos numa casa, que foi incendiada, e todos morreram em meio às chamas. Muitos foram despidos e amarrados a cavalos com cordas rodeando-lhes as cinturas, e foram arrastados por pântanos até morreres. Outros foram amarrados ao tronco de uma árvore, com um galgo acima. Sobre este galho pendia um braço, que sustentava principalmente o peso do corpo, enquanto uma das pernas era torcida acima e amarrada ao tronco, e a outra pendia. Permaneciam nesta postura terrível e difícil enquanto estivessem vivos, constituindo um prazeroso espetáculo para seus sanguinários perseguidores.

Em Clownes, dezessete homens foram enterrados vivos; e um inglês, sua mulher, cinco crianças e uma criada foram todos enforcados juntos, e depois lançados numa vala. Penduraram a muitos pelos braços de galhos de árvores, com um peso nos pés, e outros da cintura, postura na qual ficaram até morrer. Vários foram pendurados em moinhos de vento, e antes de estar meio mortos, aqueles bárbaros os despedaçaram com suas espadas. Outros, mulheres, homens e crianças, foram cortados e despedaçados em várias formas, e deixados banhados em seu sangue para morrer onde caíssem. A uma coitada mulher a penduraram numa forca com seu filho, um bebê de doze meses, que foi pendurado do pescoço com o cabelo de sua mãe, e desta forma acabou sua breve e trágica existência.

No condado de Tyrone, não menos de trezentos protestantes foram afogados num dia, e muitos outros foram enforcados, queimados e mortos de outras formas. O doutor Maxwell, reitor de Tyrone, vivia naquele tempo perto de Armagh, e sofreu enormemente a causa destes implacáveis selvagens. Esta pessoa, em seu interrogatório, dando juramento ante os comissionados do rei, declarou que os papistas irlandeses tinham reconhecido diante dele que, em várias ações, haviam matado 12.000 protestantes num lugar, aos que degolaram desumanamente em Glynwood, quando fugiam do condado de Armagh.

Como o rio Barin não podia ser vadeado, e a ponte estava quebrada, os irlandeses forçaram a ir por ali um grande número de protestantes desarmados e indefesos, e com lanças e espadas lançaram violentamente um milhar ao rio, onde pereceram sem remédio.

Tampouco escapou a catedral de Armagh da fúria destes bárbaros, sendo incendiada maliciosamente por seus líderes, e queimada até nível do solo. E para extirpar, caso possível, a raça mesma daqueles infelizes protestantes que viviam em ou perto de Armagh, os irlandeses queimaram todas suas casas, e depois reuniram a muitas centenas daquelas pessoas inocentes, jovens e velhos, com o pretexto de dar-lhes um salvo-conduto até Coleraim, porém lançando-se sobre eles no conhecimento, os assassinaram desumanamente.

Horrendas barbaridades como as que acabamos de indicar foram praticadas contra os coitados protestantes em quase todas partes do reino; quando posteriormente se fez a valoração do número dos que foram sacrificados para dar satisfação às diabólicas almas dos papistas, se elevou a cento e cinqüenta mil.

Estes miseráveis desalmados, inflamados e arrogantes pelo êxito (embora mediante métodos acompanhados de atrocidades tão enormes como quiçá não tenham visto igual), logo tomaram possessão do castelo de Newry, onde se guardavam as provisões e munições do rei; e com bem pouca dificuldade se apoderaram de Dundalk. Depois tomaram a cidade de Ardee, onde assassinaram a todos os protestantes, seguindo depois a Drogheda. A guarnição de Drogheda não estava em condições de suportar um assédio, apesar do qual, cada vez que os irlandeses renovavam seus ataques, eram vigorosamente rejeitados por um número muito desigual das forças reais; e uns poucos fiéis cidadãos protestantes sob o mando de Sir Henry Tichbome, o governador, ajudado por lorde visconde Moore. O assédio de Drogheda começou o 30 de novembro de 1641, e se manteve até o 4 de março de 1642, quando Sir Phelim O'Neal e os rebeldes irlandeses sob seu mando se viram obrigados a retirar-se.

Naquele tempo foram enviados dez mil soldados desde a Escócia aos protestantes que restavam na Irlanda, e que apropriadamente distribuídos nas partes principais do reino, felizmente anularam o poder dos assassinos irlandeses; depois disto os protestantes viveram tranqüilos durante certo tempo.

No reinado do rei Tiago II sua tranqüilidade se viu, contudo, interrompida outra vez, porque num parlamento celebrado em Dublin no ano 1689, muitos dos nobres, do clero e dos gentis-homens da Irlanda foram acusados de alta traição. O governo do reino estava, naquele tempo, em mãos do conde de Tyrconnel, um fanático papista, e implacável inimigo dos protestantes. Por ordem dele, foram novamente perseguidos em várias partes do reino. Se confiscaram as rendas da cidade de Dublin, e a maioria das igrejas foram transformadas em cárceres. Se não tiver sido pela decisão e valentia não comum das guarnições da cidade de Londonberry e da cidade de Inniskillin, não teria sobrado nem um lugar de refúgio para os protestantes em todo o reino, senão que todo teria caído nas mãos do rei Tiago e do frenético partido papista que o dominava.

O célebre assédio de Londonberry começou o 18 de abril de 1689, imposto por uma tropa de vinte e dois mil papistas, a flor do exército inglês. A cidade não estava equipada de maneira apropriada para agüentar um assédio, sendo seus defensores um corpo de protestantes sem instrução militar que tinham fugido ali para refugiar-se, e meio regimento dos disciplinados soldados de lorde Mountjoy, com a

principal parte dos habitantes, ascendendo só sem sete mil trezentos e sessenta e um o número de homens capazes de portar armas.

Os assediados esperavam a princípio que suas provisões de trigo e outros viveres lhes seriam suficientes, porém com a continuação do assédio aumentaram suas necessidades, e afinal se fizeram tão intensas que por um tempo considerável antes de levantar-se o sítio, a ração semanal de um soldado era meio litro de cevada grossa, uma pequena quantidade de verduras, umas poucas colheres de fécula e uma porção muito moderada de carne de cavalo. E afinal ficaram reduzidos a tal extremo que comeram cachorros, gatos e ratos.

Aumentando seus sofrimentos com o assédio, muitos desfaleciam e desmaiavam de fome e necessidade, ou caiam mortos nas ruas. E é de destacar que quando seus socorros tão longamente esperados chegaram da Inglaterra, estavam já a ponto de ficarem reduzidos a esta alternativa: ou bem preservar suas vidas comendo-se uns a outros, ou tratar de abrir-se passo lutando contra os irlandeses, o que infalivelmente teria significado sua destruição.

Seus socorros foram transportados com bom sucesso pelo barco Mountjoy de Derry, e o Phoenix de Coleiran, quando somente restavam nove enfraquecidos cavalos e pouco menos de meio litro de farinha para cada homem. Devido à fome e as fadigas da guerra, seus sete mil trezentos e sessenta e um homens tinham ficado reduzidos a quatro mil trezentos homens, uma quarta parte dos quais ficaram inutilizados.

Assim como as calamidades dos assediados foram grandes, também o foram os terrores e padecimentos de seus amigos e parentes protestantes, todos os quais (inclusive mulheres e crianças) foram empurrados pela força desde a região num rádio de trinta milhas, e desumanamente reduzidos à triste necessidade de estar vários dias e noites sem alimento nem abrigo, diante das muralhas da cidade, vendo-se assim expostos tanto ao contínuo fogo do exército irlandês desde fora como aos disparos de seus amigos desde dentro.

Mas os socorros chegados desde a Inglaterra puseram feliz termo a seus sofrimentos; e o assédio foi levantado o 31 de julho, havendo tido uma duração de três meses.

O dia antes de levantar-se o assédio de Londonberry, os Innerskillers iniciaram batalha com um corpo de seis mil católico-romanos irlandeses, em Newton, Builer ou Crown-Castle, morrendo cinco mil deles. Isto, junto com a derrota ante Londoberry, desalentou os papistas, e abandonaram toda tentativa posterior de perseguir os protestantes.

No ano seguinte, isto é, 1690, os irlandeses tomaram armas em favor do príncipe deposto, rei Tiago II, mas foram totalmente derrotados pelo seu sucessor, o rei Guilherme III. Aquele monarca,

antes de deixar o país, o reduziu à submissão, estado no qual têm continuado desde então.

Porém, apesar de tudo isto, a causa protestante está agora sobre uma base muito mais forte que um século atrás. Os irlandeses, que tinham levado anteriormente uma vida instável e vagabunda, nos bosques, as minas de turba e os montes, vivendo do banditismo contra seus semelhantes, aqueles que pela manhã se apoderavam do botim, e pela noite repartiam os despojos, viraram, já desde faz muitos anos, pacíficos e civilizados. Gostam dos bens da sociedade inglesa, e das vantagens do governo civil. Comerciam em nossas cidades, e estão empregados em nossas manufaturas. São também recebido nas famílias inglesas, e tratados com grande humanidade pelos protestantes.

CAPÍTULO 18 - O surgimento, progresso, perseguições e sofrimentos dos quáqueros

Ao tratar acerca destas pessoas desde uma perspectiva histórica, nos vemos obrigados a falar com muita gentileza. Não se pode negar que diferem da generalidade dos protestantes em certos pontos capitais de religião, e, contudo, como conformistas protestantes, ficam incluídos sob a descrição da lei da tolerância. Não é aqui assunto nosso indagar acerca de se houve pessoas de crenças similares nos tempos da cristandade primitiva; talvez não, em certos aspectos, porém devemos escrever acerca deles não em quanto a como eram, senão em quanto ao que agora são. Certo é que têm sido tratados por vários escritores de forma muito depreciativa; também é certo que não mereciam este tratamento.

O apelativo de Quáqueros [19] foi-lhes dado como termo de vitupério, como conseqüência das evidentes convulsões que sofriam quando davam seus discursos, porque imaginavam que eram efeito da inspiração divina.

Não nos toca a nós agora indagar se as crenças destas pessoas concordam com o Evangelho, mas o que sim é verdade é que o primeiro de seus líderes como grupo separado foi um homem de escuro berço, que primeiro viveu em Leicesterchire, por volta de 1624. ao referir-nos a este homem expressaremos nossos próprios sentimentos de uma forma histórica, e unindo a estes o que disseram os próprios Amigos, trataremos de dar uma narração completa.

George Fox descendia de pais honrados e respeitados, que o criaram na religião nacional; porém de criança parecia religioso, calado, firme e manifestando, além de seus anos, um conhecimento não comum das coisas divinas. Foi educado para a agricultura e outras atividades do campo, e estava inclinado de maneira particular à ocupação solitária de pastor, emprego este bem apropriado para sua mente em vários aspectos, tanto por sua inocência como por seu afã de solidão; e foi um justo emblema de seu ministério e de seus serviços posteriores. No ano 1646 deixou totalmente a Igreja nacional, em cujos princípios tinha sido criado e até então, observado; em 1647 se dirigiu a Derbyshire e Nortinghamshire, sem nenhum propósito determinado de visitar nenhum lugar particular, senão que andou solitário por várias cidades e povoados, ali onde o levava a mente. "Jejuava muito", diz Sewell, "e freqüentemente caminhava a lugares retirados, sem outra

[19] Em inglês Quakers (N. da T.), também são conhecido como Sociedade dos Amigos, ou simplesmente Os Amigos. Quaker vem do verbo quake, que significa tremer, sacudir-se, estremecer-se.

companhia que sua Bíblia". "Visitou à gente mais retirada e religiosa daqueles lugares", diz Penn, "e alguns havia, bem poucos, besta nação, que esperavam a consolação de Israel dia e noite; como Zacarias, Ana e Simeão a esperavam em tempos antigos. A estes foi enviado, e a estes buscou nos condados limítrofes, e entre eles ficou até que lhe foi dado um ministério mais amplo. Neste tempo ensinou, e foi um exemplo de silêncio, tratando de tirá-los de uma atuação artificial, testemunhando-lhes acerca da luz de Cristo dentro deles, e voltando-ao a ela, e alentando-os a esperar pacientemente, e a sentir seu poder agitando-se em seus corações, para que seu conhecimento e culto a Deus pudesse consistir no poder de uma vida incorruptível que devia ser achada na luz, por quanto era obedecida na manifestação da mesma no homem: porque no Verbo estava a vida, e a vida era a luz dos homens. Vida na palavra, luz nos homens; e vida também nos homens, assim como a luz é obedecida; vivendo os filhos da luz pela via da Palavra, pela qual a Palavra os gera de novo para Deus, o qual é a geração e o novo nascimento, sem o qual não há entrada no Reino de Deus, no qual todo aquele que entra é maior que João, isto é, que a dispensação de João, que não era a do Reino, senão que foi a consumação da legal, e precursor dos tempos do Evangelho, do tempo do Reino. Por isso, começaram a realizar-se várias reuniões naquelas partes, e assim dedicou seu tempo durante alguns anos".

No ano 1652 "teve uma grande visitação da grande obra de Deus na terra, e da forma em que devia sair, para iniciar seu ministério público". Empreendeu rumo ao norte, "e em todos os lugares aos que chegava, se não antes de chegar a eles, lhe era mostrado de forma particular seu exercício e serviço, de modo que o Senhor era verdadeiramente seu condutor". Converteu a muitos a suas opiniões, e muitos homens piedosos e bons se uniram a seu ministério. Estes foram escolhidos especialmente para visitar as assembléias públicas para repreender, reformar e exortar os ouvintes. Às vezes em mercados, férias, pelas ruas e pelos caminhos, "chamando os homens ao arrependimento e a voltar para o Senhor, com todo o coração, assim como com suas bocas; dirigindo-os à luz de Cristo dentro deles, para que vissem, examinassem e considerassem seus caminhos, e a evitar o mal e a fazer a boa e agradável vontade de Deus".

Não se encontraram sem oposição na tarefa para a qual imaginavam ter sido chamados, sendo freqüentemente colocados em cepos, apedrejados, espancados, açoitados e encarcerados, embora fossem homens honrados e de boa reputação que haviam deixado mulheres, filhos, casas e terras para visitá-los com um vivo chamamento ao arrependimento. Mas estes métodos coercitivos antes acenderam que diminuíram seu zelo, e naquelas zonas lhes ganharam muitos prosélitos, e entre eles vários magistrados e outros das classes altas.

Entenderam que o Senhor tinha-lhes proibido descobrir a cabeça diante de ninguém, alto ou baixo, e que lhes demandava se dirigissem a todos, sem distinção, tratando-os de "tu". Tinham escrúpulos acerca de desejar bons dias ou boas noites às pessoas, e não podiam dobrar joelho diante de ninguém, nem sequer da suprema autoridade. Tanto homens como mulheres levavam uma vestimenta simples, diferente da moda dos tempos. Não davam nem aceitavam títulos de respeito ou honra, e a ninguém na terra estavam dispostos a chamar de mestre. Citavam vários textos da Escritura para defender estas peculiaridades, como "Não jureis", *"Como podeis vós crer, recebendo honra uns dos outros, e não buscando a honra que vem só de Deus?"* [20], etc. etc. baseavam a religião numa luz interior, e num impulso extraordinário do Espírito Santo.

Em 1654 celebraram sua primeira reunião separada de Londres, em casa de Robert Dring, em Warling Street, porque para aquele então tinham-se estendido por todas partes do reino, e em muitos lugares haviam aparecido reuniões ou assembléias, particularmente em Lancashire e régios adjacentes, porém continuavam expostos a grandes perseguições e provações de todo tipo. Um deles, numa carta ao protetor, Oliveiro Cromwell, lhe diz que embora não há leis penais que obriguem ninguém a se submeter à religião estabelecida, contudo os quáqueros são denunciados por outras causas; são multados e encarcerados por recusar prestar juramento; por não pagar dízimos; por perturbar as assembléias públicas e reunir-se nas ruas e lugares públicos; a alguns deles os haviam chicotado como a vagabundos, e por falar com fraqueza aos magistrados.

Sob o favor da tolerância então existente abriram suas reuniões em Bull e Mouth, em Aldersgate Street, onde suas mulheres, igual que os homens, eram estimuladas a falarem. Seu zelo os levou a algumas extravagâncias, o que os expus mais ao açoite de seus inimigos, que agiram duramente contra eles no seguinte reinado. Ao ser suprimida a insensata insurreição de Venner, o governo publicou uma proclama proibindo os anabatistas, quáqueros e Homens da Quinta Mocarquia que celebrassem assembléias ou reuniões sob pretexto de dar culto a Deus, exceto se o faziam em alguma igreja paroquial, ou em casas privadas, com o consentimento do dono da casa, declarando-se ilegais e sediciosas todas as reuniões em quaisquer outros lugares, etc., etc. Então os quáqueros consideraram conveniente enviar a seguinte carta ao rei, com as seguintes palavras:

Oh, rei Carlos!

---

[20] João 5.44, ACF.

É nosso desejo que vivas sempre no temor de Deus, e também teu Conselho. Te rogamos a ti e a teu Conselho que leais as seguintes linhas com piedade e compaixão para nossas almas, e para teu bem.

E considera isto, que estamos encarcerados uns quatrocentos em e em volta da cidade, homens e mulheres, arrebatados a suas famílias, e além uns mil nos cárceres dos condados; desejamos que nossas reuniões possam não ser dispersas, senão que tudo venha a justo juízo, para que seja manifesta nossa inocência.

Londres, dia 16, mês décimo primeiro, 1660.

O 28 daquele mesmo mês publicaram a declaração a que faziam referência e seu discurso, intitulada "Uma declaração da inocente gente de Deus chamada os Quáqueros, contra toda sedição, maquinações e briguentos do mundo, para eliminar as bases de ciúmes e suspeitas, tanto dos magistrados como do povo no reino, acerca de guerras e lutas". Foi apresentada ao rei no dia 21 de novembro de 1660, e lhes prometeu, por sua real palavra, que não sofreriam por suas opiniões sempre e quando vivessem pacificamente; porém suas promessas foram depois bem pouco levadas em conta.

Em 1661 cobraram suficiente valor para pedir à Câmara dos lorde s que houvesse tolerância para sua religião, e para serem isentos de prestar juramento, que consideravam ilegítimo não por desafeição alguma ao governo, nem por crer que ficariam menos obrigados sob uma asseveração, senão por estarem persuadidos de que todos os juramentos eram ilegítimos; e que jurar estava proibido, até nas ocasiões mais solenes, no Novo Testamento. Sua petição foi rejeitada, e em vez de dar-lhes tolerância, se promulgou uma lei contra eles, cujo preâmbulo dizia: "Que por quanto várias pessoas adotaram a opinião de que um juramento é ilegítimo e contrário à lei de Deus, inclusive quando se realiza diante de um magistrado; e por quanto, sob a pretensão de culto religioso, as mencionadas pessoas se reúnem em grandes números em diversos lugares do reino, separando-se do resto dos súbditos de sua majestade e das congregações públicas e lugares usuais de culto divino, se promulga por isso que se tais pessoas, depois do 4 de março de 1661-62, recusam prestar juramento quando seja ministrado legalmente, ou persuadem a outros a recusá-los, ou mantêm por escrito ou de qualquer outra forma a ilegitimidade de prestar juramento; ou se se reúnem para u culto religioso em número de cinco, de uma idade de quinze anos para acima, pagarão pela primeira ofensa cinco libras; pela segunda, dez libras; pela terceira serão desterrados do reino, ou transportados às plantações; os juízes de paz poderão ouvir e decidir suas causas". Esta lei teve o mais terrível efeito sobre os quáqueros, embora bem se sabia que estas pessoas de boa consciência estavam longe de toda sedição ou rebelião contra o governo. George Fox, em suas palavras ao rei, lhe comunica

que três mil sessenta e oito de seus amigos tinham sido encarcerados desde a restauração de sua majestade; que suas reuniões eram diariamente dispersadas por homens com paus e armas, e que seus amigos eram lançados na água e pisoteados até que manava sangue, o que fazia que se reunissem nas ruas. Imprimiu-se um documento, assinado por doze testemunhas, no que se comunica que havia mais de quatro mil duzentos quáqueros encarcerados; deles, quinhentos em Londres e seus subúrbios, e vários deles tinham morrido nos cárceres.

Contudo, se gloriavam em seus padecimentos, que aumentavam a cada dia, de maneira que em 1665 e nos anos de interinidade foram fustigados de forma inacreditável. Como persistiam resolutamente em reunir-se abertamente em Bull e Mouth, lugar já mencionado, os soldados e outros oficiais os levaram dali à prisão, até que Newgate ficou lotada deles, e multidões morreram pelo estreito confinamento, naquele e noutros cárceres.

Seiscentos deles, diz um relato publicado naquele tempo, estavam encarcerados, simplesmente por causa de sua religião, dos que vários foram levados às plantações. Em resumo, os quáqueros deram tanto trabalho aos informantes, que estes tiveram menos tempo para assistir às reuniões de outros inconformados.

Não obstante, sob todas estas calamidades se comportavam pacientemente e com gentileza ante o governo, e quando teve lugar o complô de Ryehouse em 1682 consideraram conveniente proclamar sua inocência acerca daquele falso complô, num documento enviado ao rei, no qual, "apelando ao Esquadrinhador de todos os corações", dizem que "seus princípios não lhes permitem tomar armas em defesa própria, e muito menos vingar-se pelos danos recebidos de outrem; que continuamente oram pela segurança e preservação do rei; e que por isso aproveitam esta oportunidade para rogar humildemente a sua majestade que tenha compaixão de seus sofredores amigos, que lotam tanto seus cárceres que têm carência de ar, com evidente perigo para suas vidas e com perigo de infecções em diversos lugares. Além disso, muitas casas, oficinas, celeiros e campos são saqueados, e seus bens, trigo e gados são arrebatados, com o que se desanima o trabalho e a agricultura, empobrecendo-se muita quantidade de gente pacifica e trabalhadora; e isto por nenhum outro motivo que pelo exercício de uma consciência sensível no culto do Deus Todo Poderoso, que é soberano Senhor e Rei das consciências dos homens.

Ao ascender Tiago ao trono, se dirigiram àquele monarca de maneira honrada e simples, dizendo-lhe: "Viemos para testemunhar nossa dor pela more de nosso bom amigo Carlos, e nosso gozo porque tenhas sido feito nosso governante. Se nos diz que não pertences à persuasão da Igreja de Inglaterra, como tampouco nós o somos; por

isso, esperamos que nos concedas a mesma liberdade que tu te permites, fazendo o qual desejamos todo tipo de bênçãos".

Quando Tiago, pelo poder do qual estava investido, concedeu liberdade aos não conformados, começaram eles a gozar de algum descanso de suas angústias; e certamente já era o momento para isso, porque haviam crescido em grande número. O ano anterior a este, que para eles foi de feliz liberação, numa petição que expuseram a Tiago para que se pusesse fim a seus sofrimentos, estabeleceram "que nos últimos tempos mil e quinhentos de seus amigos, tanto homens como mulheres, dos que agora restavam mil trezentos e oitenta e três; dos quais duzentos são mulheres, muitas com sentença de desacato à autoridade regia; e mais de cem delas, por recusarem realizar juramento de lealdade, porque não podem jurar. Trezentos e cinqüenta morreram em prisão desde o ano 1680; em Londres, o cárcere de Newgate tem ficado lotado até arrebentar, havendo nos últimos dois anos até quase vinte pessoas por cela, pelo qual várias pessoas morreram asfixiadas e outros, que saíram doentes, morreram de febres malignas após alguns dias. Grandes violências, destroços enormes, terríveis perturbações e saqueios tremendos têm sido aplicados aos bens e possessões da gente, por um grupo de informantes ociosos, insólitos e implacáveis, por perseguições baseadas na lei de conspirações, e outras, também em escritos *qui tam*, e em outros processo por vinte libras por mês, e duas terceiras partes de suas possessões confiscadas para o rei. Alguns não tinham uma cama na qual jazer, outros não tinham animais para lavrar o solo, nem trigo para alimento ou pão, nem ferramentas de trabalho; os tais informadores e xerifes penetravam violentamente em casas em alguns lugares, com o pretexto de servir o rei e à Igreja. Nossas assembléias religiosas têm sido acusadas ante a lei comum de ser sediciosas e perturbadoras da paz pública, pelo que grandes números foram encerrados em prisão sem consideração alguma pela idade, e muitos lançados em buracos e masmorras. Os aprisionamentos por vinte libras por mês tinham levado a milhares de pessoas encarceradas, e vários que haviam empregado a pessoas pobres em manufaturas não podem já mais fazê-lo, por seu prolongado confinamento. Não perdoam viúvas nem órfãos, e tampouco têm nem sequer cama onde dormir. Os informantes são ao mesmo tempo testemunhas e fiscais, para ruína de grande número de famílias frugais; e juízes de paz foram ameaçados com multas de 100 libras se não emitem ordens de prisão com base em suas denúncias". Com esta petição apresentaram uma lista de seus amigos encarcerados, nos vários condados, que ascendia a quatrocentos e sessenta.

Durante o reinado do rei Tiago II, esta gente foi, pela intercessão de seu amigo senhor Penn, tratada com maior tolerância do que jamais o

havia sido. Tinham-se tornado muito numerosos agora em muitos lugares do país, e ao ter lugar, pouco depois, o estabelecimento de Pensilvânia, muitos foram para a América. Ali gozaram das bênçãos de um governo pacifico, e cultivaram as artes do trabalho honrado.

Como toda a colônia era propriedade do senhor Penn, convidou a gentes de todas as denominações a ir e assentar-se ali. Teve lugar uma liberdade de consciência universal; e nesta nova colônia se estabeleceram pela primeira vez os direitos naturais da humanidade.

Estes Amigos são, em tempo presente, um grupo bem inocente e inofensivo; mas já falaremos disso numa seção posterior. Por suas sábias leis, não somente se honram a si mesmos, senão que são de grande serviço para a comunidade.

Pode ser necessário observar aqui que por quanto os Amigos, comumente chamados quáqueros, não prestam juramento num tribunal, se permite sua afirmação em todas as questões civis; porém não podem perseguir um criminoso, porque nos tribunais ingleses toda evidência deve ser sobre juramento.

Relato das perseguições aos Amigos, comumente chamados quáqueros, nos Estados Unidos

Por volta de meados do século dezessete se infligiu muita perseguição e sofrimento a uma seita de inconformados protestantes, comumente chamados quáqueros; gente que surgiu naquele tempo na Inglaterra, e alguns dos quais selaram seu testemunho vida seu sangue.

Para uma história destas pessoas, veja a história de Sewell, ou a de Gouth, acerca deles.

Os principais motivos pelos que seu inconformismo de consciência os fez susceptíveis às penas da lei foram:

- Sua resolução cristã de reunir-se publicamente para o culto de Deus da forma mais conforme a sua consciência.
- Sua rejeição a pagar dízimos, que consideravam uma cerimônia judaica, ab-rogada pela vinda de Cristo.
- Seu testemunho em contra das guerras e das lutas, cuja prática consideravam inconseqüente com o mandamento de Cristo: "Amai vossos inimigos" (Mt 5.44).
- Sua constante obediência ao mandamento de Cristo: "Não jureis de nenhum modo" (Mt 5:34).
- Sua rejeição a pagar taxas ou valorações para edificar e reparar casas de culto com as que eles não estejam de acordo.
- Seu uso da linguajem apropriada e escrituraria, "tu" e "ti" para uma pessoa individual; e seu afastamento do costume de descobrir-se a cabeça como homenagem a um homem.

• A necessidade em que se encontraram muitos de publicar o que acreditavam ser a doutrina da verdade, e isso às vezes nos lugares designados para o culto nacional público.

Sua consciente inconformidade nos anteriores pontos os expus a muita perseguição e sofrimento, consentindo em procedimentos judiciais, multas, cruéis espancamentos, açoites e outros castigados corporais; encarceramentos, desterros e inclusive a morte.

Dar um relato detalhado de suas perseguições e sofrimentos iria além dos limites desta obra; portanto remitimos, para esta informação, às histórias já citadas, e mais em particular à Coleção de Besse acerca de seus sofrimentos; e limitaremos nosso relato aqui maiormente aos que sacrificaram suas vidas, que evidenciaram, por sua disposição de mente, constância, paciência e fiel perseverança, que estavam influenciados por um sentimento de dever religioso.

Numerosas e repetidas foram as perseguições contra eles; e às vezes por transgressões ou ofensas que a lei nem contemplava nem abrangia.

Muitas das multas e penalidade que lhes foram impostas não somente eram irrazoáveis e exorbitantes, de modo que não podiam pagá-las e se viam aumentadas várias vezes o valor da demanda; por isso muitas famílias pobres ficavam enormemente angustiadas, e se viam obrigadas a depender da ajuda de seus amigos.

Não só grandes números foram cruelmente açoitados a chicotadas em público, como criminosos, senão que alguns foram marcados com ferros candentes, e a outros lhes cortaram as orelhas.

Muitíssimos foram encerrados longo tempo em imundas masmorras, nas que alguns terminaram suas vidas, como conseqüência do encerro.

Muitos foram sentenciados ao desterro, e muitos foram deportados. Alguns foram desterrados sob pena de morte, e quatro foram finalmente executados pelo carrasco, como veremos mais para frente, após inserir cópias de algumas leis do país onde sofreram.

Numa corte geral celebrada em Boston, o 14 de outubro de 1656

Por quanto há uma maldita seita de hereges que surgiu ultimamente no mundo, chamados comumente quáqueros, que assumem serem enviados diretamente de parte de Deus e ser assistidos de maneira infalível pelo Espírito, falando e escrevendo opiniões blasfemas, menosprezando o governo e a ordem de Deus, na Igreja e na comunidade, falando mal das dignidades, vituperando e injuriando a magistrados e ministros, tratando de afastar o povo da fé, e conseguir prosélitos para seus perniciosos caminhos: este tribunal, tomando em consideração suas premissas, e para impedir males semelhantes como os que por causa deles têm lugar em nossa terra, ordenamos portanto

que, pela autoridade deste tribunal, que seja ordenado e cumprido que qualquer patrão ou comandante de qualquer nave, barca, chalupa ou bote que traga a qualquer porto, arroio ou enseada, dentro desta jurisdição, a qualquer quáquero ou quáqueros, ou quaisquer outros hereges blasfemos, pagará, ou fará pagar a multa de cem libras ao tesoureiro do país, exceto se carecia de verdadeiro conhecimento ou informação de que o fossem; em tal caso, tem liberdade de demonstrar sua inocência declarando sob juramento quando não haja suficiente prova do contrário; e em caso de falta de pagamento ou falta de aval, será encarcerado, e continuará nesta condição até que fique satisfeita a suma ao tesoureiro, como se indicou acima.

E ao comandante de qualquer barca, nave ou chalupa que fique legalmente convicto, dará suficiente segurança ao governador, ou a qualquer ou mais dos magistrados, que tenham poder para determinar a mesma, para levá-los outra vez ao lugar de onde vieram; e em caso de que recuse fazê-lo, o governador, ou um ou mais dos magistrados, recebem por estes instrumento poderes para emitir sua ou suas ordens para entregar o mencionado patrão ou comandante à prisão, para que fique nela até que dê suficiente seguridade do conteúdo ao governador, ou a qualquer dos magistrados, como já foi dito.

E se ordena e estabelece além disso que qualquer quáquero que chegue a este país desde o estrangeiro, ou que chegue a esta jurisdição desde quaisquer zonas vizinhas, será imediatamente levado à Casa de Correição; ao entrar nela, será severamente açoitado, e será mantido constantemente ocupado em trabalhos para o diretor, e não se permitirá que ninguém converse nem fale com eles durante o tempo de seu encarceramento, que não se prolongará além do necessário.

E se ordena que se qualquer pessoa introduzir intencionadamente em qualquer porto desta jurisdição quaisquer livros ou escritos quáqueros, acerca de suas diabólicas opiniões, pagará por tal livro ou escrito que lhe seja legalmente demonstrado contra ele ou eles a suma de cinco libras; e todo o que dispersar ou ocultar tal livro ou escrito e seja encontrado com ele encima, ou em sua casam e não o entregar de imediato ao magistrado, pagará uma multa de cinco libras por dispersar ou esconder tal livro ou escrito.

E também se ordena, além do mais, que se quaisquer pessoas de dentro desta colônia assumem a defesa das opiniões heréticas dos quáqueros, ou de nenhum de seus livros ou artigos, serão multados pela primeira vez com 40 xelins; se persistirem no mesmo, e as defendem numa segunda vez, quatro libras; se apesar disso voltam defender e a manter as mencionadas opiniões heréticas dos quáqueros, serão levados à Casa de Correição até que haja uma passagem conveniente para tirá-los desta terra, sentenciados a desterro pelo Tribunal.

Finalmente, se ordena que toda pessoa ou pessoas que injuriem às pessoas dos magistrados ou dos ministros, como é usual com os quáqueros, tais pessoas serão severamente açoitadas, ou pagarão multa de cinco libras.

Esta é uma cópia fiel da ordem do tribunal, como testemunha

Edward Rawson, sec.

Numa corte geral celebrada em Boston o 14 de outubro de 1657

Em adição à anterior ordem, com referência à chegada ou transporte de qualquer da maldita seita dos quáqueros a esta jurisdição, se ordena que qualquer que desde agora traga ou faça trazer, direta ou indiretamente, a qualquer quáquero ou quáqueros conhecidos, ou outros hereges blasfemos, propositadamente, cada uma destas pessoas será multada com quarenta xelins por cada hora de hospitalidade e ocultação de qualquer quáquero ou quáqueros como se mencionou, e será encarcerada como se disse antes, até que a multa seja satisfeita integramente.

E se ordena além disso que se qualquer quáquero ou quáqueros têm a presunção, depois ed terem sofrido o que a lei demanda, de voltar entrar nesta jurisdição, serão arrestados, sem necessidade de ordem judicial quando não haja magistrado disponível, por qualquer policia, comissário ou xerife, e levados de policia em policia até o magistrado mais próximo, que encarcerará as mencionadas pessoas em prisão estrita, para ficarem ali (sem fiança) até a seguinte reunião do tribunal, onde serão julgados legalmente.

Depois de ficar convicto de pertencer à seita dos quáqueros, será sentenciado ao desterro, sob pena de morte. E todos aqueles habitantes desta jurisdição que sejam convictos de pertencer à mencionada seita, bem por assumir, publicar ou defender as horrendas opiniões dos quáqueros, ou agitando motins, sedição ou rebelião contra o governo, ou assumindo suas insultantes e subversivas práticas, como a de negar respeito cortes a seus iguais ou superiores, e afastando-se das assembléias da igreja; e em lugar disso freqüente reuniões próprias, em oposição a nossa ordem eclesiástica; aderindo-se ou aprovando a qualquer quáquero conhecido ou os princípios e as práticas dos quáqueros que sejam opostas às ortodoxas opiniões recebidas dos piedosos, e que trate de levar a outrem a serem desafetos frente ao governo civil e à ordem da Igreja, ou que condene a prática e os procedimentos deste tribunal contra os quáqueros, manifestando por isso que está de acordo com eles, cujo dignidade é a subversão da ordem estabelecida na Igreja e no estado; toda pessoa assim, sob convicção ante o mencionado Tribunal, da forma mencionada, será encerrada em prisão estrita durante um mês, e

depois, a não ser que escolha voluntariamente ir-se desta jurisdição, se der fiança por sua boa conduta, e comparecer ante o tribunal em sua seguinte convocatória, persistindo em sua obstinação, recusando retratar-se e reformar-se das mencionadas opiniões, será sentenciada a desterro sob pena de morte. E qualquer magistrado que ao receber denúncia de toda pessoa assim, a fará apreender e encerrar em prisão, a sua discrição, até que compareça a juízo como se especificou anteriormente.

Parece que também se promulgaram leis nas então colônias de New Plymouth e New Haven, e no estabelecimento holandês de New Amsterdam, agora New York, proibindo às pessoas chamadas quáqueros que entrassem nestes lugares, sob severas penas; como conseqüência disso, alguns sofreram consideravelmente.

Os dois primeiros em serem executados foram William Robinson, mercador, de Londres, e Marmaduke Stevenson, camponês, de Yorskshire. Chegados a Boston, a começos de setembro, foram feitos comparecer ante o Tribunal e ali sentenciados a desterro, sob pena de morte. Esta sentença foi também pronunciada contra Mary Dyar, mencionada mais na adiante, e Nicolas Davis, que se encontravam em Boston. Mas William Robinson, considerado como mestre, foi também condenado a ser duramente açoitado, e se ordenou ao chefe de policia que conseguisse um homem forte para isso. Então Robinson foi levado até a rua, e despido; colocando suas mãos através dos orifícios da carreta de um grande canhão, onde o manteve o carcereiro, o verdugo lhe aplicou vinte açoites com um chicote de três pontas. Depois ele e os outros presos foram liberados e desterrados, como se desprende da seguinte ordem:

Se ordena por esta que se coloque agora em liberdade a William Robinson, Marmaduke Stevenson, Mary Dyar e Nicolas Davis, que, por ordem do tribunal e do conselho, tinham sido encarcerados, porque se desprendeu por própria confissão deles, suas palavras e ações, que são quáqueros; portanto se pronunciou sentença contra eles para se saíssem desta jurisdição, sob pena de morte; e que será a seu próprio risco se qualquer deles for achado dentro desta jurisdição ou em qualquer parte da mesma depois do 14 deste presente mês de setembro.

Edward Rawson

Boston, 12 de Santo, 1659.

Embora Mary Dyar e Nicolas Davis deixaram esta jurisdição naquele então, Robinson e Stevenson, contudo, embora saíram da cidade de Boston, não puderam decidir-se (não estando livres em sua

consciência) a ir-se daquela jurisdição, ainda se jogassem a vida. Dirigiram-se então a Salem, e a alguns lugares das redondezas, para visitar e edificar a seus amigos da fé. Mas não se passou muito tempo antes que voltassem a serem encarcerados em Boston, e acorrentados nas pernas. No mês seguinte também voltou Mary Dyar. E enquanto estava enfrente do cárcere, falando com um tal Christopher Holden, que tinha chegado ali com o propósito de indagar acerca de algum barco que se dirigisse à Inglaterra, aonde queria ir, foi também arrestada.

Assim, agora tinham a três pessoas que, segundo a lei deles, tinham perdido o direito à vida. O 20 de outubro estes três foram feitos comparecer ante o tribunal, onde estavam John Endicot e outros reunidos. Chamado ao tribunal, Endicot ordenou ao guarda que lhes tirasse os chapéus; depois lhes disse que eles tinham promulgado várias leis para manter os quáqueros fora de sua companhia, e que nem as chicotadas nem o cárcere, nem o corte de orelhas nem o desterro sob pena de morte os podia manter afastados. Disse também que nem ele nem os outros desejavam a morte de nenhum deles. Contudo, sem mais preâmbulo, estas foram suas seguintes palavras: "Ouvi e escutai vossa sentença de morte". Também se pronunciou sentença de morte contra Marmaduke Stevenson, Mary Dyar e William Edrid. Vários outros foram encarcerados, açoitados e multados.

Não temos desejo algum de justificar os Peregrinos por estes procedimentos, porém acreditamos que sua conduta admite atenuação, considerando as circunstâncias da idade em que viviam.

Os pais de Nova Inglaterra sofreram incríveis dificuldades para prover-se de um lar no deserto; e para proteger-se no gozo imperturbável de uns direitos que haviam adquirido a tão grande preço, adotaram às vezes medidas que, se julgadas pelas perspectivas mais ilustradas e liberais de nosso tempo presente, devem ser pronunciadas como totalmente injustificáveis. Porém, devem ser condenados sem misericórdia por não terem agido em base a uns princípios que eram então não reconhecidos e desconhecidos em toda a cristandade? Se terá a eles unicamente como responsáveis de umas opiniões e uma conduta que tinha-se consagrado desde a antigüidade e que era comum aos cristãos de todas as outras denominações? Cada governo que existia então se arrogava o direito de legislar acerca de questões de religião; e de reprimir a heresia mediante estatutos penais. Este direito era reclamado pelos governantes, admitido pelos súbditos, e está sancionado pelos nomes de lorde Bacon e de Montesquieu, e por muitos outros igualmente afamados por seus talentos e erudição. Assim, é injusto "pressionar sobre uma pobre seita perseguida os pecados de toda a cristandade". A falta destes pais foi a falta de seu tempo; e embora não possa ser justificada, desde logo é

um atenuante de sua conduta. Igualmente poderiam ser condenados por não compreender e agir com base nos princípios da tolerância religiosa. Ao mesmo tempo é justo dizer que por imperfeitas que fossem suas perspectivas em quanto aos direitos da consciência, estavam contudo muito avançados à idade a qual pertenciam; e que é mais com eles que com nenhuma classe de homens sobre a terra que está o mundo em dívida pelas perspectivas mais racionais que prevalecem hoje em dia acerca da questão da liberdade civil e religiosa.

CAPÍTULO 19 - História da vida e perseguições de John Bunyan

Este grande puritano nasceu no mesmo ano que os Padres Peregrinos desembarcaram em Plymuth. Seu lar foi Elstow, perto de Bedford, na Inglaterra. Seu pai era latoeiro, e ele aprendeu o mesmo ofício; era um rapaz vivaz e agradável, com um aspecto serio e quase mórbido em sua natureza. Todo ao longo de sua primeira idade adulta esteve arrependendo-se dos vícios de sua juventude, e isso embora nunca tivesse sido bêbado ou imoral. As ações particulares que angustiavam sua consciência foram a dança, tocar os sinos na igreja, e brincar de tip-cat, um jogo de jardim. Foi numa ocasião, enquanto jogava a isso, que "uma voz acudiu repentinamente do céu a minha alma, que disse: 'Deixarás teus pecados e iras ao céu, ou manterás teus pecados e irás ao inferno?' ". Foi por volta deste tempo que ouviu falar a três ou quatro pobres mulheres em Bedford enquanto tomavam sol na porta. "Sua conversação era acerca do novo nascimento, da obra de Deus nos corações. Estavam muito além de minha capacidade".

Em sua juventude foi membro do exército parlamentário durante um ano. A morte de um camarada perto dele aprofundou sua tendência aos pensamentos sérios, e houve épocas nas que parecia quase louco em seu zelo e penitencia. Durante um tempo esteve totalmente seguro de ter cometido o pecado imperdoável contra o Espírito Santo. Enquanto era jovem casou com uma boa mulher que lhe comprou vários livros piedosos que leu com assiduidade, confirmando assim seu fervor e aumentando sua inclinação às controvérsias religiosas.

Sua consciência foi mais acordada pela perseguição do grupo religioso dos batistas, aos que se havia unido. Antes da idade de trinta anos tinha-se convertido num predicador batista destacado.

Então lhe chegou o turno de ser perseguido. Foi arrestado por predicar sem licencia. "Antes de ir ante o juiz, roguei a Deus que se fizesse Sua vontade; porque não deixava de ter esperanças de que meu encarceramento pudesse resultar num despertamento dos santos da região. Somente nisto encomendei a questão a Deus, e verdadeiramente quando voltei me encontrei docemente com meu Deus na prisão".

Padeceu verdadeiras penalidades, devido ao mísero estado dos cárceres daqueles tempos. A este encerro se agregou a dor pessoal de estar afastado de sua segunda jovem esposa, e de quatro filhos pequenos, e particularmente de sua filinha cega. Enquanto estava no

cárcere se recreou com os dois livros que tinha levado consigo: a Bíblia e o "Livro dos Mártires" de Fox [21].

Embora escreveu alguns de seus primeiros livros durante este longo encarceramento, não foi senão durante seu segundo encarceramento, mais breve, três anos depois do primeiro, que redigiu seu imortal "Progresso do Peregrino", que foi publicado três anos depois. Num tratado anterior tinha pensado brevemente na similitude entre a vida humana e uma peregrinação, e agora desenvolveu este tema em fascinante detalhe, empregando as cenas rurais de Inglaterra como fundo, a esplêndida cidade de Londres para a Feria das Vaidades, e os santos e vilões que conhecia pessoalmente para descrever os bem desenhados caracteres de sua alegoria.

O "Progresso do Peregrino" é verdadeiramente o relato das próprias experiências espirituais de Bunyan. Ele mesmo tinha sido o "homem coberto de andrajos, de pé, e com as costas voltadas para a sua habitação, tendo sobre os ombros uma pesada carga e nas mãos um livro". Depois de perceber que Cristo era sua justiça e de que isso não dependia "do bom estado de seu coração" ou, como diríamos nós, de seus sentimentos, "agora caíram certamente os ferrolhos de minhas pernas". Seus tinham sido o Castelo da Dúvida e o Pântano do Desespero, com muita parte do Vale da Humilhação e da Sombra da Morte. Porém, por acima de tudo, é um livro de vitória. Uma vez, saindo da porta da sala do tribunal onde tinha sido derrotado, escreveu: "Enquanto saia da porta, teve grande gozo de dizê-lhes que levava comigo a paz de Deus". Em sua visão estava sempre a Cidade Celestial com todos os sinos repicando. Tinha combatido constantemente contra Apolião, e amiúde ferido, envergonhado e caindo, mas no final, "mais que vencedor por meio dAquele que nos amou".

Seu livro foi a princípio recebido com muitas críticas por parte de seus amigos Puritanos, que viram nele somente um agregado à literatura mundana de seus tempos; porém então os Puritanos não tinham demasiadas coisas para ler, e não se passou muito tempo antes que fosse devotamente colocado junto a suas Bíblias e lido com gozo a proveito. Passaram talvez dois séculos antes de que literários começaram a perceber que esta história, tão cheia de realidade humana e de interesse, e tão maravilhosamente modelada sobre o inglês de tradução autorizada da Bíblia, constitui uma das glórias da literatura inglesa. Em seus anos tardios escreveu várias outras alegorias, de uma das quais "A Guerra Santa", foi dito que se o

---

[21] Refere-se à antiga edicao, escrita por Fox no século XVI. A seguinte (a atual) foi ampliada por William Byron Forbush no século XIX, incluindo o material deste capítulo.

"Progresso do Peregrino" não tivesse sido nunca escrito, seria considerado como a melhor alegoria da língua inglesa.

Durante os últimos anos de sua vida, Bunyan ficou no venerado pastor e predicador locar. Também era um orador favorito nos púlpitos inconformados de Londres. Chegou a ser um líder e mestre tão a escala nacional, que freqüentemente era chamado o "Bispo Bunyan".

Nem útil e desprendido de sua vida pessoal, seu caráter era apostólico. Sua última doença foi devida aos embates de uma tempestade durante uma viagem na que tratava de reconciliar um pai com seu filho. Seu final chegou o 3 de agosto de 1688. foi sepultado em Bunhill Fields, o pátio de uma igreja de Londres.

Não há dúvidas acerca de que o "Progresso do Peregrino" tem sido mais útil que qualquer outro livro fora da Bíblia. Foi oportuno, porque continuavam queimando mártires na Feria das Vaidades enquanto ele estava escrevendo. É um livro duradouro, porque enquanto diz pouco de viver a vida cristã na família e na comunidade, sim interpreta a vida até ali onde é da alma individual, numa linguagem simples. Bunyan desde logo "mostrou como reconstruir um trono principesco sobre a humilde verdade". Ele tem sido para muitos seu mesmíssimo Bom Coração, o valoroso guia de peregrinos.

CAPÍTULO 20 - História da vida de John Wesley

John Wesley nasceu o 17 de junho de 1703, em Epworth, Inglaterra, o décimo quinto de dezenove filhos de Charles e Suzanna Wesley. O pai de Wesley era predicador, e a mãe de Wesley era uma manhã notável em quando a sabedoria e inteligência. Era uma mulher de profunda piedade e criou a seus pequenos em estreito contato com as histórias da Bíblia, contando-as já em volta do fogo da habitação das crianças. Também costumava vestir os meninos com suas melhores roupas os dias em que tinham o privilégio de aprender seu alfabeto como introdução à leitura das Sagradas Escrituras.

O jovem Wesley era guapo e varonil, e adorava os jogos e em particular a dança. Em Oxford foi um líder, e durante a última parte de sua estância ali foi um dos fundadores do "Santo Clube", uma organização de estudantes sérios. Sua natureza religiosa se aprofundou com o estudo e a experiência, mas não foi até anos depois de deixar a universidade e entrar sob a influência dos escritos de Lutero que sentiu ter entrado nas plenas riquezas do Evangelho.

Ele e seu irmão Charles foram enviados a Geórgia pela Sociedade para a Propagação do Evangelho, e ali os dois desenvolveram suas capacidades como predicadores.

Durante sua navegação se encontraram em companhia de vários Irmãos Morávios, membros da associação recentemente renovada pela atividade do conde Zinzendorf. John Wesley observou em seu diário que numa grande tempestade, quando todos os ingleses a bordo perderam inteiramente a compostura, estes alemães o impressionaram com sua calma e total resignação a Deus. Também observou a humildade deles sob tratamentos insultantes.

Foi ao voltar à Inglaterra que entrou naquelas mais profundas experiências e que desenvolveu maravilhosos poderes como predicador popular, que o fizeram um líder nacional. Naquele tempo se associou também com George Whitefield, de fama imperecível por sua maravilhosa eloqüência.

O que executou beira o incrível. Ao entrar em seu ano 85, deu as graças a Deus por ser quase tão vigoroso como sempre. o subscrevia à vontade de Deus, ao fato de que sempre tinha dormido profundamente, a que durante sessenta anos se levantara às 4 da manhã, e que por cinqüenta anos predicou cada manhã às 5. apenas em sua vida sentiu alguma dor, aversão ou ansiedade. Predicava duas vezes ao dia, e amiúde três e quatro vezes. Estimações realizadas calcularam que cada ano viajou mais de sete mil quilômetros, a maioria a cavalo.

Os êxitos logrados pela predicação metodista tiveram de ser alcançados através de uma longa série de anos, e entre as mais azedas perseguições. Em quase todas as partes da Inglaterra se viu enfrentado no princípio com a plebe que o apedrejava, e com tentativas de feri-lo ou matá-lo. Somente em ocasiões houve intervenções da autoridade civil. Os dois Wesley enfrentaram todos estes perigos com um assombroso valor, e com uma serenidade igualmente assombrosa. O mais irritante era o amontoamento de calunias e injúrias de parte dos escritores daquela época. Estes livros estão totalmente esquecidos.

Wesley tinha sido, em sua juventude, um eclesiástico da igreja alta, e sempre esteve profundamente aderido à Comunhão Estabelecida. Quando viu necessário ordenar predicadores, se fez inevitável a separação de seus seguidores da igreja oficial. Logo receberam o nome de "metodistas" devido à peculiar capacidade organizativa de seu líder e aos engenhosos métodos que aplicava.

A comunhão wesleyana, que depois de sua morte cresceu até constituir a grande Igreja Metodista, se caracterizava por uma perfeição organizativa quase militar.

Toda a direção de sua denominação sempre em crescimento descansava sobre o Pai Wesley. A conferencia anual, estabelecida em 1744, adquiriu um poder de governo somente com a morte de Wesley. Charles Wesley fez um serviço incalculável para a sociedade com seus hinos. Introduziram uma nova era na hinologia da Igreja de Inglaterra. John Wesley dividiu seus dias entre seu trabalho de dirigir a igreja, seu estudo (porque era um leitor incansável), viajar e predicar.

Wesley era incansável em seus esforços por disseminar conhecimentos úteis através de sua denominação. Planificou a cultura intelectual de seus predicadores itinerantes e mestres locais, e para escolas de instrução para os futuros mestres da Igreja. Ele mesmo preparou livros para seu uso popular acerca da história universal, história da Igreja, e História natural. Nisto Wesley foi um apóstolo da união da cultura intelectual com a vida cristã. Publicou também os mais amadurecidos de seus sermões e várias obras teológicas. Tudo isto, tanto por sua profundidade e penetração mental, como por sua pureza e precisão de estilo, excitam nossa admiração.

John Wesley era pessoa de estatura ordinária, mas de nobre presença. Seus rasgos eram mais garbosos, incluso em sua velhice. Tinha uma testa larga, nariz aquilino, olhos claros e uma complexão viçosa. Suas maneiras eram corteses, e quando estava em companhia de pessoas cristãs se mostrava relaxado. Os rasgos mais destacados de seu caráter eram seu amor persistente e laborioso pelas almas dos homens, e firmeza, e a tranqüilidade de espírito. Inclusive em controvérsias doutrinárias exibia a maior calma. Era amável e muito

generoso. Já se mencionou sua grande laboriosidade. Se calcula que nos últimos cinqüenta e dois anos de sua vida predicou mais de quarenta mil sermões.

Wesley trouxe a pecadores ao arrependimento em três reinos e dois hemisférios. Foi bispo de uma diocese sem comparação com nenhuma na Igreja Oriental ou Ocidental. Que há no âmbito dos esforços cristãos —missões estrangeiras, missões interiores, tratados e literatura cristã, predicação de campo, predicação itinerante, estudos bíblicos ou o que for que não tenha sido tentado por John Wesley, que não fosse abrangido por sua poderosa mente mediante a ajuda de seu Divino Condutor?

A ele foi concedido avivar a Igreja da Inglaterra quando tinha perdido de vista a Cristo o Redentor, levando-a a uma renovada vida cristã. Ao predicar a justificação e renovação da alma por médio da fé em Cristo, levantou a muitos das classes mais humildes da nação inglesa desde sua enorme ignorância e maus costumes, transformando-os em cristãos fervorosos que fiéis. Seus incansáveis esforços se fizeram sentir não somente na Inglaterra, senão também na América e na Europa continental. Na só se devem ao Metodismo quase todo o zelo existente na Inglaterra pela verdade e vida cristã, senão que a atividade agitada em outras partes da Europa Protestante podemos remontá-la, indiretamente pelo menos, a Wesley.

Morreu em 1791, depois de uma longa vida de incessantes lavores e de desprendido serviço. Seu fervente espírito e cordial irmandade continuam sobrevivendo no corpo que mantém afetuosamente seu nome.

CAPÍTULO 21 - As perseguições contra os protestantes franceses no sul da França, durante os anos 1814 e 1820

A perseguição nesta parte protestante da França prosseguiu com poucas interrupções desde a revogação do édito de Nantes, por Luis XIV, até um período muito breve antes do começo da Revolução Francesa. No ano 1785, o senhor Rebaut St. Etienne e o célebre senhor de La Fayette foram as primeiras pessoas em interessar-se ante a corte de Luis XVI para eliminar o açoite da perseguição contra esta sofredora gente, os habitantes do sul da França.

Tal era a oposição de parte dos católicos e dos cortesãos, que não foi até o final do ano 1790 que os protestantes se viram livres de seus alarmes. Antes disto, os católicos, em particular em Nimes, tinham recorrido às armas. Nimes apresentara um terrível espetáculo: homens armados correndo por todas partes da cidade, disparando desde as esquinas, e atacando a todos os que encontravam, com espadas e foices.

Um homem chamado Astuc foi ferido e lançado no aqueduto. Baudon caiu sob os repetidos golpes de baionetas e sabres, e seu corpo foi lançado também na água; Boucher, um jovem de somente dezessete anos de idade, foi morto de um disparo enquanto olhava desde sua janela; três eleitores foram feridos, um deles de consideração; outros eleitor foi ferido, e outro escapou da morte declarando várias vezes que era católico; um terceiro recebeu três feridas de sabre, e foi levado a sua casa terrivelmente mutilado. Os cidadãos que fugiam eram detidos pelos católicos nos caminhos, e obrigados a dar prova de sua religião antes de concedê-lhes a vida. O senhor e a senhora Vogue estavam em sua casa de campo que os fanáticos forçaram, e mataram a ambos, destruindo sua vivenda. Blacher, um protestante de sessenta anos, foi despedaçado com uma foice; ao jovem Pyerre, que levava alimentos para seu irmão, lhe perguntaram: "Católico ou protestante?" Ao responder "Protestante", um daqueles monstros disparou contra o menino, que caiu. Um dos companheiros do assassino disse: "Igual poderias ter matado um cordeiro". "Jurei" repus o outro "matar a quatro protestantes como minha parte, e este contará como um deles". Contudo, como estas atrocidades levaram às tropas a unir-se em defesa do povo, caiu uma terrível vingança sobre o partido católico que tinha tomado as armas, o qual, junto com outras circunstâncias, como a tolerância exercida por Napoleão Bonaparte, os refreou totalmente até o ano 1814, quando o

inesperado retorno do antigo regime voltou a uni-los sob as antigas bandeiras.

A chegada do rei Luis XVIII a Paris

Esta chegada se soube em Nimes o 13 de abril de 1814. Quinze minutos depois via-se por todas partes a divisa branca, ondeava a bandeira branca nos edifícios públicos, nos esplêndidos monumentos da antigüidade, e inclusive na torre de Mange, fora das muralhas da cidade. Os protestantes, cujo comércio tinha sofrido durante a guerra, estiveram entre os primeiros em unir-se ao regozijo geral, e em enviar sua adesão ao senado, e ao corpo legislativo, e vários dos departamentos protestantes enviaram mensagens ao trono, mas desafortunadamente o senhor Froment estava de novo em Nimes naquele tempo, com muitos fanáticos dispostos a segui-lo, e a cegueira e a fúria do século dezesseis rapidamente tomaram o lugar da filantropia do século dezenove. De imediato se traçou uma linha de distinção entre pessoas de diferentes persuasões religiosas; o espírito da antiga Igreja católica era novamente o de regular a parte que cada um deveria ter de estima e de seguridade.

A diferença de religião iria agora a governá-lo tudo; e inclusive os criados católicos que tinham servido a protestantes com zelo e afeto começaram a descuidar seus deveres ou a executá-los com falta de vontade e hostilidade. Nos festejos e espetáculos dados a conta do erário público, se usou a ausência dos protestantes para acusá-los de deslealdade; e em meio de clamores de "*Vive le Roi*" se ouviram os clamores dissonantes de "*Abás le Maire*" (abaixo o alcaide). O senhor Castletam era protestante; apareceu em público com o prefeito Ruland, que era católico, e o expulsaram a pontapés, e a gente disse que devia renunciar a seu cargo. Os fanáticos de Nimes lograram inclusive que se apresentasse uma mensagem ao rei, na que diziam que na França somente devia haver um Deus, um rei e uma fé. Nisto foram imitados pelos católicos de várias cidades.

A história do menino de prata

Para este tempo, o senhor Baron, conselheiro do Tribunal Real de Nimes, adotou o plano de dedicar a Deus um menino de prata, se a duquesa de Angulema dava a um príncipe a França. Este projeto foi adotado como um voto religioso público, que era tema de conversação em público e em privado, enquanto que várias pessoas, com a imaginação acendida por este projeto, corriam pelas ruas gritando "*Vivent les Bourbons*" (Vivam os Borbons). Como conseqüência deste desenfreio supersticioso, se diz que em Alais se aconselhou e instigou às mulheres para que envenenassem seus maridos protestantes, e afinal se encontrou conveniente acusá-los de crimes políticos. Já não

podiam aparecer em público sem serem insultados e injuriados. Quando a plebe se encontrava com protestantes, os tomavam e dançavam em volta deles com um bárbaro regozijo, e em meio de repetidos gritos de "*Vive le R*oi" cantavam versos cujo sentido era: "Nos lavaremos as mãos em sangue protestante, e faremos morcelas com o sangue dos filhos de Calvino".

Os cidadãos que saiam a passear buscando ar e frescor fora das ruas fechadas e sujas eram afugentados com gritos de "Vive le Roi", como se aqueles gritos pudessem justificar todos seus excessos. Se os protestantes faziam referência ao estatuto, lhes asseguravam sem voltas que de nada lhes serviria, e que somente tinham conseguido assegurar mais sua efetiva destruição. Ouviu-se a pessoas de categoria dizer em público: "Deve matar-se a todos os huguenotes; desta vez se deve matar a seus filhos, para que não sobre ninguém desta maldita ralé".

É verdade, contudo, que não eram assassinados, senão tratados com crueldade; as crianças protestantes não podiam já misturar-se nos jogos com as católicas, e nem sequer lhes era permitido aparecer sem seus pais. Quando escurecia, as famílias se encerravam em seus aposentos, porém inclusive então se lançavam pedras contra as janelas. Quando se levantavam pela manhã, não era fora do comum encontrar desenhos de forcas em suas portas ou paredes; e nas ruas os católicos aferravam cordas já ensaboadas diante de seus olhos, apontando os instrumentos com os que esperavam e tramavam acabar com eles. Se passavam de uns a outros pequenas forcas ou modelos das mesmas, e um homem que vivia diante de um destes pastores exibiu um destes modelos em sua janela, e fazia sinais bem significativos quando o ministro passava. Também penduraram numa encruzilhada de caminhos públicos uma figura representando um predicador protestante, e cantavam os mais atrozes cânticos embaixo de suas janelas.

Para o final do carnaval tinha-se inclusive formado o plano de realizar uma caricatura de quatro ministros do lugar, e queimá-los em efígie; porém isto foi impedido pelo alcaide de Nimes, que era protestante. Uma terrível canção foi apresentada ao prefeito, na língua da região, com uma tradução falsa, e impressa com sua aprovação, e teve muita aceitação antes que ele percebesse o erro ao que tinha sido induzido. O sexagésimo terceiro regimento de linha foi publicamente censurado e vaiado por ter protegido os protestantes em cumprimento das ordens recebidas. De fato, os protestantes pareciam ovelhas destinadas ao matadouro.

As armas católicas em Beaucaire

Em maio de 1815, muitas pessoas de Nimes pediram uma associação federativa similar à de Lyon, Grenoble, Paris, Avinhon e Montpelier, mas esta federação acabou aqui após a efêmera e ilusória existência de quatorze dias. Enquanto isso, um grande partido de zelotes católicos tinha-se armado em Beaucaire, e prontamente levaram suas patrulhas tão perto das muralhas de Nimes "que alarmaram os habitantes". Estes católicos pediram ajuda aos ingleses que se encontravam atracados no porto de Marselha, e obtiveram a doação de mil mosquetes, dez mil cartuchos, etc. Contudo, o general Gilly foi logo enviado contra estes guerrilheiros, impedindo-lhes de chegar a maiores ações, concedendo-lhes um armistício. Não obstante, quando Luis XVIII houve voltado a Paris, após o final do reinado de Napoleão de cem dias, e pareceram estabelecer-se a paz e diminuir os espíritos partidários, inclusive em Nimes, bandos de Beaucaire se uniram a Trestaillon nesta cidade, para cumprir a vingança premeditada durante tanto tempo. O general Gilly tinha deixado o departamento fazia já vários dias; as tropas que deixou atrás de si tinham assumido a divisa branca, e esperavam novas ordens, enquanto que os novos comissionados tinham somente de proclamar o cesse das hostilidades e o total estabelecimento da autoridade real. Foi em vão; não apareceram comissionados, não chegaram despachos para acalmar e regular a mente do público; porém para a tarde entrou na cidade a vanguarda dos bandidos, que ascendia a várias centenas, indesejados mas sem que ninguém se opusesse a eles.

Enquanto marchavam sem ordem nem disciplina, cobertos com roupas ou farrapos multicores, enfeitados com divisas, não brancas, senão brancas e verdes, armados com mosquetes, sabres, forcas, pistolas e foices, bêbados e manchados do sangue dos protestantes que tinham encontrado pelo caminho, apresentavam um aspecto do mais repulsivo e pavoroso. Na praça aberta diante dos quartéis, se uniram a estes bandidos o populacho armado da cidade, encabeçados por Jacques Dupont, comumente chamado Trestallion. Para poupar derramamentos de sangue, a guarnição de uns quinhentos homens consentiu em capitular, e saiu abatida e indefesa; porém apenas tinham passado uns cinqüenta, a gentalha começou a disparar a discrição contra suas confiadas vítimas, totalmente carentes de proteção; quase todos morreram ou foram feridos, mas uma quantidade muito pequena puderam voltar a entrar no pátio antes que fechassem de novo os portões da guarnição.

Matança e saqueio em Nimes

Nimes exibia agora uma cena do mais terrível de ultrajem e carnificina, embora muitos dos protestantes tinham fugido a Convennes e a Gardonenque. As casas de campo dos senhores Rey,

Guiret e outras tinham sido saqueadas, e os habitantes tratados com uma barbárie desapiedada. Dois partidos tinham saciado suas sacrílegas inclinações na granja de Madame Frat; o primeiro, após comer, beber e quebrar a mobília, anunciou a chegada de seus camaradas, "em comparação dos quais", disseram, "eles seriam considerados misericordiosos". Restaram três homens e uma anciã naquele lugar; ao verem chegar a segunda companhia, dois dos homens fugiram. "És católica?", lhe perguntaram dois dos bandidos à anciã. "Sim". "Então, recita o Pater e o Ave". Aterrorizada como estava, ela vacilou, e no instante lhe deram uma pancada com a culatra do mosquete. Ao voltar em si, fugiu da casa, mas se encontrou com Ladet, o velho mordomo, que trazia uma salada que seus atacantes tinham-lhe ordenado preparar. Em vão tratou de persuadi-lo para que fugisse. "És protestante?", lhe perguntaram. "Sim". Descarregando-lhe um mosquete acima, caiu ferido, porém não morto. Para consumar sua obra, aqueles monstros acenderam um fogo com palha e tábuas, lançaram sua vítima ainda viva nas chamas, e a deixaram morrer nas mais atrozes agonias. Depois comeram a salada, a omelete, etc. no dia seguinte, alguns trabalhadores, vendo a casa aberta e abandonada, entraram e descobriram o corpo meio consumido de Ladet. O prefeito de Gard, o senhor Darbaud Jouques, tratando de paliar os crimes dos católicos, teve a audácia de afirmar que Ladet era católico; mas isto foi contradito publicamente por dois dos pastores de Nimes.

Outra partida cometeu um terrível assassinato em St. Cezàire, matando a Imbert la Plume, marido de Suzon Chivas. O encontraram ao voltar de trabalhar nos campos. O líder lhe prometeu perdoá-lhe a vida, mas insistiu em que devia levá-lo ao cárcere de Nimes. Vendo, contudo, que os da partida estavam decididos a matá-lo, assumiu seu caráter natural, e sendo um homem forte e corajoso, adiantou-se e exclamou: "Vós sois bandidos! Fogo!" Quatro deles dispararam e ele caiu, porém não morto; e enquanto estava ainda com vida lhe mutilaram o corpo; depois, passando uma corda em sua volta, o arrastaram, amarrado a um canhão do qual tinham-se apoderado. Não foi até depois de oito dias que seus parentes souberam de sua morte. Cinco pessoas da família de Chivas, todos eles casados e pais de família, foram mortos no curso de poucos dias.

O desalmado tratamento das mulheres, nesta perseguição de Nimes, foi de tal natureza que teria ofendido a qualquer selvagem que tiver sabido disso. As viúvas Rivet e Bernard foram obrigadas a entregarem enormes quantidades de dinheiro; a casa da senhora Lecointe foi devastada, e seus bens, destruídos. A senhora F. Didier viu sua morada saqueada e quase arrasada até o nível da terra. Uma partida destes fanáticos visitou a viúva Perrin, que morava numa pequena granja nos cata-ventos; após cometer todo tipo de devastações, atacaram

inclusive o campo-santo, que continha os mortos da família. Tiraram os ataúdes e espalharam o conteúdo por campos limítrofes. Em vão recolheu esta ultrajada viúva os ossos de seus antepassados para voltara a colocá-los em seu lugar; de novo os exumaram; finalmente, depois de várias inúteis tentativas, ficaram espalhados na superfície dos campos.

Decreto régio em favor dos perseguidos

Por fim foi recebido em Nimes o decreto de Luis XVIII que anulava todos os poderes extraordinários conferidos tanto pelo rei, pelos príncipes, ou agentes subordinados, e as leis seriam agora administradas pelos órgãos regulares, e chegou um novo prefeito para pô-las em vigor. Porém, apesar das proclamações, a obra de destruição, detida por um momento, não foi abandonada, senão que logo foi retomada com renovada força e efeito. O 30 de julho, Jacques Combe, pai de família, foi morto por alguns da guarda nacional de Russau, e o crime foi tão público que o comandante da partida devolveu à família o livro de notas de bolso, e os papéis do falecido. No dia seguinte multidões amotinadas encheram a cidade e os subúrbios, ameaçando os coitados aldeões, e o primeiro de agosto os mataram sem oposição.

Ao meio-dia daquele mesmo dia, seis homens armados, encabeçados por Truphemy, o açougueiro, rodearam a casa de Monot, um marceneiro; dois da partida, que eram ferreiros, tinham estado trabalhando na casa o dia anterior, e tinham visto um protestante que se havia refugiado ali, o senhor Bourillon, que tinha sido tenente do exército, e que estava retirado com uma pensão. Era homem de excelente caráter, pacifico e inofensivo, e nunca tinha servido o imperador Napoleão. Precisaram apontá-lo a Truphemy, quem não o conhecia, enquanto partilhava seu frugal desjejum com a família. Truphemy lhe ordenou que fosse com ele, agregando: "Teu amigo Saussine já está no outro mundo". Truphemy o colocou no meio da tropa, e ardilosamente lhe ordenou que gritasse "*Vive l'Empereur*", o qual recusou, agregando que nunca havia servido o imperador. Em vão as mulheres e as crianças da casa intercederam por sua vida, enaltecendo suas gentis e virtuosas qualidades. Foi levado à Esplanada e tiroteado, primeiro por Truphemy, e depois pelo resto. Várias pessoas se aproximaram, atraídas pelo barulho de disparos, mas foram ameaçadas com uma sorte similar.

Depois de um certo tempo os bandidos foram embora, ao grito de "*Vive le Roi*". Algumas mulheres se encontravam entre eles, e ao ver uma delas dolorida, disse-lhe Truphemy: "Hoje matei sete, e tu, se dizeres uma palavra, serás a oitava". Pierre Coubert, um tecelão, foi arrancado de seu telar por um bando armado, e morto de um tiro em

sua própria porta. Sua filha mais velha foi abatida com a culatra de um mosquete; e mantiveram um punhal junto ao peito de sua mulher enquanto os bandidos saqueavam sua vivenda. Paul Heraut, vendedor de sedas, foi literalmente despedaçado em presença de uma grande multidão e em meio dos impotentes temores e lágrimas de sua mulher e de seus quatro pequenos filhos. Os assassinos somente deixaram o cadáver para voltar à casa de Heraut e apoderar-se de tudo quanto fosse de valor. O número de assassinatos naquele dia não pode determinar-se. Uma pessoa viu seis cadáveres no Cours Neuf e nove foram levados ao hospital.

Se algum tempo depois os assassinatos ficaram menos freqüentes por alguns dias, o saqueio e as contribuições obrigatórias foram impostos ativamente. O senhor Salle d'Hombro foi despojado, em várias visitas, de sete mil francos; numa ocasião, quando alegou os grandes sacrifícios que tinha feito, o bandido lhe disse, apontando para seu cachimbo: "Olha, porei fogo a tua casa com isso, e com isto", agregou, brandindo uma espada, "acabarei contigo". Ante estes argumentos não cabia discussão nenhuma. O senhor Feline, fabricante de sedas, foi despojado de trinta e dois mil francos ouro, três mil francos prata, e vários rolos de seda.

Os pequenos lojistas estavam continuamente expostos a visitas e exigências de provisões, de tecidos, ou de qualquer coisa que vendessem. E as mesmas casas que incendiavam as casas dos ricos e destrocavam as vides dos agricultores, destrocavam os telares do tecelão, e roubavam as ferramentas do artesão. A desolação reinava no santuário e na cidade. as bandas armadas, em lugar de reduzir-se, aumentavam; os fugitivos, em lugar de voltar, recebiam constantes sobressaltos, e os amigos que lhes davam refúgio eram considerados rebeldes. Os protestantes que ficaram foram privados de todos seus direitos civis e religiosos, e até os advogados e xerifes tomaram a resolução de excluir a todos os da "pretendida religião reformada" de seus corpos. Os que estavam empregados na venda de fumo perderam suas licencias. Os diáconos protestantes encarregados dos pobres foram todos espalhados. De cinco pastores somente sobraram dois; um deles se viu obrigado a mudar de residência, e somente podia aventurar-se a ministrar os consolos da religião ou a executar suas funções de ministro sob o manto da noite.

Não satisfeitos com estes tipos de tormentos, publicações caluniosas e escarnecedoras acusaram os protestantes de levantar a proscrita bandeira das comunas e de invocar o caído Napoleão; e naturalmente como sendo indignos da proteção das leis e do favor do monarca.

Depois disso, centenas deles foram arrastados ao cárcere sem sequer uma única palavra escrita; e embora um diário oficial, levando o título de *Journal du Gard*, foi estabelecido por cinco meses, enquanto

esteve influenciado pelo prefeito, o alcaide e outros funcionários, a palavra "estatuto" não foi mencionada uma única vez nele. Ao contrário, um de seus primeiros números descreveu os sofredores protestantes como "crocodilos, que somente choram de ira e lamentando que não tenham mais vítimas para devorar; como pessoas que tinham ultrapassado a Danton, a Marat e a Robespierre em fazer o mal; e que tinham prostituído suas filhas à guarnição para ganhá-la para Napoleão". Um extrato deste artigo, impresso com a coroa e as armas dos Borbones, foi vozeado nas ruas, e seu vendedor ia enfeitado com a medalha da policia.

Petição dos refugiados protestantes

A estas repreensões é oportuno opor a petição que os refugiados protestantes em Paris apresentaram a Luis XVIII em favor de seus irmãos de Nimes.

"Colocamos a vossos pés, sire, nossos agudos sofrimentos. Em vosso nome são degolados nossos concidadãos, e suas propriedades são devastadas. Aldeões enganados, em pretendida obediência a vossas ordens, se reuniram sob as ordens de um comissionado designado por vosso augusto sobrinho. Embora estavam prestes para atacar-nos, foram recebidos com seguridades de paz. O 15 de julho de 1815 soubemos da chegada de vossa majestade a Paris, e a bandeira branda ondeou de imediato em nossos edifícios. A tranqüilidade pública não tinha sido perturbada, quando entraram camponeses armados. A guarnição capitulou, mas foram assaltados ao retirar-se, e foram mortos quase todos. Nossa guarda nacional foi desarmada, a cidade ficou lotada de estranhos, e as casas dos principais habitantes, que professam a religião reformada, foram atacadas e saqueadas. Acompanhamos a lista. O terror tem feito fugir de nossa cidade os mais respeitáveis cidadãos".

"Vossa majestade tem sido enganada se não colocaram diante de vós a imagem dos horrores que transformam em deserto vossa boa cidade de Nimes. De contínuo têm lugar proscrições e arrestos, e a verdadeira e única causa é a diferença de opiniões religiosas. Os caluniados protestantes são os defensores do trono. Vosso sobrinho tem visto a nossos filhos sob suas bandeiras; nossas fortunas têm sido colocadas em suas mãos. Atacados sem razão, os protestantes não deram, nem sequer por uma justa resistência, o fatal pretexto à calúnia de parte de seus inimigos. Salvai-nos, sire! Apagai a chama da guerra civil; uma única ação de vossa vontade restaurará a existência política a uma cidade interessante por sua população e por seus produtos. Demandai conta de sua conduta aos líderes que trouxeram tais desgraças sobre nós. Colocamos ante vossos olhos todos os documentos que nos chegaram. O temor paralisa os corações e apaga

as queixas de nossos concidadãos. Colocados numa situação mais segura, nos aventuramos a levantar nossa voz em favor deles", etc., etc.

Monstruosos ultrajes contra as mulheres

Em Nimes é coisa bem sabida que as mulheres lavam suas roupas bem nas fontes, bem nas ribeiras dos rios. Existe um grande lavadouro perto da fonte, onde se podem ver muitas mulheres por dia, ajoelhadas na borda da água, batendo suas roupas com pesadas pás de madeira em forma de raquetes. Este lugar chegou a ser o cenário das práticas mais vergonhosas e indecentes. A canalha católica virava as anáguas das mulheres por acima de suas cabeças, e as amarrava de maneira que ficassem expostas e submetidas a uma nova classe de tormento; porque, colocando pregos na madeira das paletas de lavar em forma de flor-de-lis, as batiam até que manava sangue de seus corpos e seus gritos desgarravam o ar. Freqüentemente se pedia a morte como fim deste ignominioso castigo, que era recusada com maligno regozijo. Para levar este ultraje até seu maior grau possível, se empregou esta tortura contra algumas que estavam grávidas. A escandalosa natureza destes ultrajes impedia a muitas das que o haviam sofrido fazê-lo público, e especialmente relatar suas circunstâncias mais agravantes. "Tenho visto", disse o senhor Duran, "a um advogado católico acompanhando os assassinos de Bourgade, armar uma batedora com aguçados pregos em forma de flor-de-lis; os vi levantar os vestidos das mulheres, e aplicá-lhes a seus corpos ensangüentados estas batedoras, com fortes pancadas, às que deram um nome que minha pluma recusa registrar. Nada podia detê-los, nem os clamores das atormentadas mulheres, a efusão de sangue, os murmúrios de indignação suprimidos pelo temor. Os cirurgiões que atenderam às mulheres que morreram podem testemunhar, pelas marcas de suas feridas, que agonias devem ter suportado; isto, por terrível que pareça, é, contudo, estritamente verdadeiro".

Não obstante, durante o progresso destes horrores e destas obscenidades, tão desonrosas para a França e a religião católica, os agentes do governo tinham poderosas forças a seu mando, com as quais, se empregadas retamente, teriam podido restaurar a tranqüilidade. Contudo, prosseguiram os assassinatos e os roubos, que foram tolerados pelos magistrados católicos, com bem poucas exceções; é verdade que as autoridades administrativas usaram palavras em suas proclamações, etc., mas nunca exerceram ações para deter as atrocidades dos perseguidores, que declararam desavergonhadamente que o dia 24, o aniversário de são Bartolomeu, tinham a intenção de fazer uma matança geral. Os membros da Igreja Reformada se encheram de terror, e em lugar de tomar parte na

eleição de deputados, estiveram ocupados como puderam para prover a sua seguridade pessoal.

Ultrajes cometidos aos povos, etc.

Deixamos Nimes agora para examinar a conduta dos perseguidores na região das redondezas. Depois do restabelecimento do governo monárquico, as autoridades locais se distinguiram por seu zelo e diligência em apoiar seus patronos, e sob os pretextos de rebelião, ocultação de armas, descumprimento dos pagos de contribuições, etc., se permitiu às tropas, à guarda nacional e ao populacho armado saquear, arrestar e assassinar a pacíficos cidadãos, não meramente com impunidade, senão que alento e aprovação. No povo de Milhaud, perto de Nimes, se obrigou freqüentemente aos habitantes a pagarem grandes sumas para evitarem ser saqueados. Não obstante, isto não valeu de nada em casa de Madame Teulon. O domingo 16 de julho foram devastadas sua casa e propriedades. Levaram ou destruíram seus valiosos moveis, queimaram a palha e a madeira, e exumaram o corpo de um menino, enterrado no jardim, e o arrastaram em volta de um fogo acendido pela gentalha. Foi com grande dificuldade que a senhora Teulon escapou com vida.

O senhor Picherol, outro protestante, tinha ocultado alguns de seus bens em casa de um vizinho católico. Atacaram sua casa, e embora respeitaram todas as propriedades do último, as de seu amigo foram saqueadas e destruídas. No mesmo povoado, um dos da partida, duvidando de se o senhor Hermet, um alfaiate, era o homem al qual buscavam, perguntaram: "Tu és protestante?". Ao reconhecê-lo, disseram: "Muito bem". E o assassinaram ali mesmo. No cantão de Vauvert, onde havia uma igreja consistorial, extorquiram oitenta mil francos.

Nas comunas de Beauvoisin e Generac um punhado de libertinos cometeram excessos similares, sob o olhar do alcaide e aos gritos de "*Vive le Roi*". St. Gilles foi cenário das iniqüidades mais desalmadas. Os protestantes, os mais ricos dos habitantes, foram desarmados, enquanto suas casas eram saqueadas. Apelaram ao alcaide, porém este riu e foi embora. Este oficial tinha a sua disposição uma guarda nacional de várias centenas de homens, organizada sob suas próprias ordens. Seria fatigoso ler a lista dos crimes que tiveram lugar durante muitos meses. Em Clavisson, o alcaide proibiu aos protestantes a prática de cantar os Salmos, coisa que se costumava celebrar no templo, para que, como disse, não se ofendesse nem perturbasse os católicos.

Em Sommières a uns quinze quilômetros de Nimes, os católicos fizeram uma esplêndida procissão através da população, que continuo até o pôr-do-sol, e foi seguida pelo saqueio dos protestantes. Ao

chegar tropas forasteiras a Sommières, recomeçou a pretendida busca de armas; obrigava-se aos que não possuíam mosquetes a comprá-los, com o propósito de que os rendessem, e apostavam soldados em suas casas a seis francos diários até que entregassem os artigos pedidos. A Igreja protestante, que tinha sido fechada, foi convertida em quartel para os austríacos. Depois de ter estado suspendido durante seis meses o serviço divino em Nimes, a igreja, chamada Templo pelos protestantes, foi reaberta, e se celebrou o culto público na manhã do 24 de dezembro. Ao examinar o campanário, se descobriu que alguém tinha roubado a vara central do sino. Ao aproximar-se a hora do serviço, se reuniram vários homens, mulheres e crianças ante a casa do senhor Ribot, o pastor, e ameaçaram com impedir o culto. Quando chegou a hora, dirigindo-se ele para a igreja, foi rodeado; lançaram-lhe os mais terríveis gritos; algumas mulheres o aferraram pelo colarinho da camisa; porém nada pôde perturbar sua firmeza nem excitar sua impaciência. Entrou na casa de oração e subiu ao púlpito. Jogaram pedras dentro e caíram entre os adoradores; contudo, a congregação permaneceu tranqüila e atenta, e o serviço continuou entre ruídos, ameaças e insultos.

Ao saírem, muitos teriam sido mortos se não fosse sido pelos caçadores da guarnição, que os protegeram honrosa e zelosamente. Pouco depois o senhor Ribot recebeu a seguinte carta do capitão dos caçadores:

2 de janeiro, 1816.

Lamento profundamente os prejuízos dos católicos contra os protestantes, dos quais dizem que não amam o rei. Segui agindo como o tendes feito até agora, e o tempo e vossa conduta contradirão os católicos; se tiver lugar um tumulto similar ao do sábado, informai-me. Conservo meus informes destes fatos, e se os agitadores resultam incorrigíveis, e esquecem o que devem ao melhor dos reis e ao estatuto, cumprirei com meu dever e informarei o governo de suas atuações. Adeus, querido senhor; daí ao consistório seguridades de minha estima, e dos sentimentos que abrigo acerca da moderação com que afrontaram as provocações dos malvados de Sommières. Tenho a honra de saudar-vos com respeito

Suval de Laine.

Este pastor recebeu outra carta Deus marquês de Montlord, o 6 de janeiro, para alentá-lo a unir-se com todos os bons homens que crêem em Deus para obter o castigo dos assassinos, bandidos e perturbadores da paz pública, e a ler publicamente as instruções que tinha recebido do governo a este efeito. Apesar disto, o 20 de janeiro de 1816, quando se celebrou o serviço de comemoração da morte de Luis XVI, formando-se uma procissão, os guardas nacionais dispararam contra a

bandeira branca pendurada nas janelas dos protestantes, e terminaram o dia saqueando-os.

Na comuna de Angargues, as coisas estavam ainda piores; e na de Fontanes, desde a entrada do rei em 1815, os católicos quebrantaram todos os compromissos com os protestantes; de dia os xingavam, e de noite forçavam suas portas, ou as marcavam com giz para serem saqueadas ou queimadas. St. Mamert foi repetidamente visitada por estes saqueios, e em Montruiral, em data tão tardia como o 16 de junho de 1816, os protestantes foram atacados, espancados e encarcerados por ousar celebrar o regresso de um rei que tinha jurado preservar a liberdade de religião e manter o estatuto.

Relato adicional das ações dos católicos em Nimes

Os excessos perpetrados no campo não parecem ter desviado em absoluto de Nimes a atenção de seus perseguidores, outubro de 1815 começou sem melhora alguma nos princípios ou medidas do governo, e isto foi seguido por uma presunção correspondente por parte do povo. Várias casas no bairro St. Charles foram saqueadas, e suas ruínas queimadas nas ruas entre cânticos, danças e gritos de "*Vive le Roi*". Apareceu o alcaide, porém a multidão pretendeu não conhecê-lo, e quando se atreveu a repreendê-los, lhe disseram "que sua presença era desnecessária, e que podia retirar-se". Durante o 16 de outubro, todos os preparativos pareciam anunciar uma noite de carnificina; circularam de maneira regular e confiada ordens para reunir-se e senhas secretas para o ataque; Trestaillon passou revista a seus sequazes, e os urgiu a perpetrarem seus crimes, tendo com um destes malvados o seguinte diálogo:

Sequaz: "Se todos os protestantes, sem exceção, devem ser mortos, me unirei a isso contente; mas como me tens enganado tantas vezes, não me mexerei a não ser que devam morrer todos".

Trestaillon: "Pois então vem comigo; porque desta vez não escapará ninguém".

Este horrendo propósito teria sido executado se não tiver sido pelo general La Garde, comandante do departamento. Não foi senão até as dez da noite que percebeu o perigo. Então viu que não podia perder sequer um momento. As multidões estavam avançando por cento e cinco subúrbios, e as ruas enchiam-se de rufiões, lançando as mais terríveis imprecações. A generala soou às onze da noite, o que piorou a confusão que se estava estendendo pela cidade. Umas quantas tropas se reuniram em volta do conde La Garde, que estava agitado pela maior angústia ao ver que o mal tinha chegado até o paroxismo. Acerca disto dá o senhor Durand, um advogado católico, o seguinte relato:

"Era perto da meia-noite, minha mulher acabava de adormecer; eu estava ao lado dela, escrevendo, quando fomos perturbados por um barulho distante. Que podia ser aquilo? Para acalmar seu alarme, disse que provavelmente se tratada da chegada ou saída de algumas tropas da guarnição. Mas já podíamos ouvir disparos e gritos, e ao abrir minha janela distingui horríveis imprecações misturadas com gritos de "*Vive le Roi*". Despertei a um oficial que se alojava em minha casa, e ao senhor Chancel, diretor de Obras Públicas. Saímos juntos, e chegamos ao Boulevard. A lua resplandecia brilhantemente, e se via todo tão claramente como de dia; uma enfurecida multidão estava dirigindo-se para o massacre juramentado, e a maior parte iam semi-nus, armados com facas, mosquetes, paus e sabres. Como resposta a minhas indagações, me disseram que a matança era geral, e que muitos tinham já sido mortos nos subúrbios. O senhor Chancel se retirou a colocar-se seu uniforme de capitão dos Pompiers; os oficiais se retiraram aos quartéis, e eu, intranqüilo por minha mulher, voltei a casa. Pelo barulho que ouvia, estava convencido de que alguns me seguiam. Me deslicei pela sombra da parede, abri a porta de minha casa, entrei e a fechei, deixando uma pequena abertura pela que podia vigiar os movimentos da partida cujas armas resplandeciam sob a lus da lua. Pouco tempo depois apareceram alguns homens armados levando um prisioneiro junto ao mesmo lugar onde eu estava escondido. Se detiveram, e eu fechei suavemente minha porta e subi sobre um álamo plantado junto à parede do jardim. Que cena! Um homem de joelhos implorando clemência a uns desalmados que zombavam de sua angústia e o carregavam de insultos. "Em nome de minha mulher e meus filhos", dizia ele, "deixai-me! O que eu fiz? Por que devíeis assassinar-me por nada?" Estava neste momento a ponto de gritar e de ameaçar os assassinos com a vingança. Não tive tempo para decidir-me, porque a descarga de vários fuzis acabou com minha indecisão; o infeliz suplicante, atingido nas costas e na cabeça, caiu para não voltar a levantar-se. Agora os assassinos davam as costas a árvore; se retiraram de imediato, recarregando suas armas. Eu desci e me aproximei do moribundo, que estava lançando profundos e penosos suspiros. Chegaram alguns guardas nacionais naquele momento, e de novo me retirei e fechei a porta. "Vejo um morto", disse um. "Ainda canta", disse outro. "Melhor será", disse um terceiro, "rematá-lo e pôr fim a seus sofrimentos". De imediato descarregaram cinco ou seis mosquetes, e os gemidos cessaram. No dia seguinte, as multidões acudiram a inspecionar e xingar o morto. Os dias depois de uma matança se observam sempre como uma espécie de festa, e se deixam todas as ocupações para ir contemplar as vítimas". Este era Louis Lichare, pai de quatro crianças; quatro anos depois deste

acontecimento, o senhor Durand verificou este relato sob juramento durante o juízo de um dos assassinos.

Ataque sobre as igrejas protestantes

Um tempo antes da morte do general La Garde, o duque de Angulema tinha visitado Nimes, e outras cidades do sul, e naquela primeira cidade honrou os membros do consistório protestante com uma entrevista, prometendo-lhes proteção, e alentando-os a reabrir seu templo, tanto tempo fechado. Tinham duas igrejas em Nimes, e se acordou que a melhor para esta com seria a pequena, e que deveria omitir-se o toque dos sinos. O general La Garde manifestou que responderia com sua cabeça pela segurança da congregação. Os protestantes se informaram em privado entre si que voltaria a celebrar-se o culto às dez horas, e começaram a reunir-se em silêncio e com precaução. Foi acordado que o senhor Juillerat Chasseur celebrasse o serviço, ainda que sua convicção do perigo fosse tal que rogou a sua mulher, e a alguns de sua grei, que permanecessem com suas famílias. Sendo aberto o templo somente como questão formal, e em obediência às ordens do duque de Angulema, este pastor desejava fervorosamente será única vítima. Dirigindo-se ao lugar, passou junto a numerosos grupos que o olhavam ferozmente. "Esta é a oportunidade", disse um, "de dá-lhes o último golpe". "Sim", agregaram outros, "e não se devem perdoar nem as mulheres nem as crianças". Um malvado, alçando a voz por acima das outras, exclamou: "Ah, eu vou procurar meu mosquete, e dez como a minha parte". Através destes sons ameaçadores, o senhor Juillerat continuou seu caminho, mas quando chegou ao templo, o sacristão não se atreveu a abrir as portas, e se viu obrigado a abri-las ele mesmo. Ao chegarem os adoradores, acharam pessoas estranhas ocupando as ruas adjacentes, e também nas escadarias da igreja, jurando que não celebrariam culto nenhum, e gritando: "Abaixo os protestantes! Matai-os! Matai-os!" As dez, a igreja estava quase cheia, e o senhor Juillard Chasseur começou as orações. De repente, o ministro foi interrompido com um barulho violento, misturado com gritos de "*Vive le Roi*", porém os gendarmes conseguiram expulsar a estes fanáticos e fechar as portas. O barulho e os tumultos lá fora se duplicaram, e as batidas do populacho que tentava tirar as portas abaixo fez que a casa ressoasse com gritos e gemidos. A voz dos pastores que tratavam de consolar sua grei se vez inaudível; em vão tentaram cantar o Salmo 42.

Passaram lentamente três quartos de hora. "Eu me coloquei" disse Madame Juillerat, "ao pé do púlpito, com minha filha em meus braços; finalmente, meu marido se uniu a mim e me deu alimentos; lembrei desde o princípio que era o aniversário de nosso casamento. Depois de seis anos de felicidade, me disse, estou a ponto de morrer com meu

marido e minha filha; seremos mortos ante o altar de Deus, vítimas de um dever sagrado, e o céu se abrirá para receber-nos a nós e a nossos infelizes irmãos. Abençoei o Redentor, e sem amaldiçoar nossos assassinos, esperei sua chegada".

O senhor Oliver, filho de um pastor, oficial das tropas reais de linha, tentou sair da igreja, porém as amistosas sentinelas da porta lhe aconselharam que permanecesse encerrado com o resto. Os guardas nacionais recusaram agir, e a fanática multidão aproveitava tudo quanto podia a ausência do general La Garde e seu crescente número. Afinal se ouviu música marcial, e vozes desde fora gritaram aos assediados: "Abri, abri e salvai-vos!". Sua primeira impressão foi temer uma traição, no entanto logo lhes asseguraram que um destacamento que voltava de missa tinha sido disposto diante da porta para favorecer a saída dos protestantes. A porta foi aberta, e muitos deles escaparam entre as fileiras dos soldados, que tinham empurrado a multidão fora dali; contudo, esta rua, assim como as outras pelas que deviam passar os fugitivos, logo voltou a ficar lotada. O venerável pastor, Olivier Desmond, que estava entre os setenta e oitenta anos de idade, foi rodeado por assassinos; lhe deram socos na cara, e gritaram: "Matai o chefe dos bandidos!". Foi preservado pela atitude firme de alguns oficiais, entre os quais estava seu próprio filho;fizeram uma barreira diante dele com seus próprios corpos, e entre seus sabres desembainhados o levaram até sua casa. O senhor Juillerat, que tinha assistido o serviço divino com sua mulher ao lado e sua filha em braços, foi perseguido e atacado com pedras; sua mãe recebeu uma pedrada na cabeça, e sua vida esteve em perigo. Uma mulher foi vergonhosamente açoitada, e várias foram feridas e arrastadas pelas ruas; o número de protestantes mais ou menos maltratados nesta ocasião ascendeu entre uns setenta e oitenta.

Assassinato do general La Garde

Afinal se aplicou a repressão a estes excessos pelo sucesso do assassinato do conde La Garde que, ao receber notícia deste tumulto, montou em seu cavalo e entro numa das ruas, para dispersar a multidão. Um vilão tomou suas rédeas; outro lhe apontou com uma pistola, quase tocando-o, e bradou: "Miserável! Tu farás que me retire?" E logo disparou. O assassino foi Louis Boissin, um sargento da guarda nacional; porem, embora todo mundo soubesse disso, ninguém tratou de arrestá-lo, e fugiu. Quando o general se viu ferido, deu ordem à gendarmeria para que protegessem os protestantes, e se lançou a galope para seu alojamento, mas desmaiou imediatamente ao chegar ali. Ao recuperar-se, impediu o cirurgião que lhe examinasse a ferida até ter escrito uma carta ao governo, para que, em caso de sua

morte, se pudesse saber de onde tinha saído sua ferida, e que ninguém ousasse acusar os protestantes deste crime.

A provável morte deste general produziu um pequeno grau de relaxamento por parte de seus inimigos e alguma calma, porém a massa do povo tinha-se entregado durante demasiado tempo à libertinagem para sentir-se refreados sequer pelo assassinato do representante de seu rei. Pela noite voltaram ao templo, e com machados abriram a porta, o ameaçador som de suas batidas infundiu terror nos corações das famílias protestantes refugiadas em suas casas, até o choro. O conteúdo da caixa de esmolas foi roubado, e também as roupas preparadas para sua distribuição; as vestes do ministro foram destrocadas; os livros foram rotos ou roubados; as estâncias foram saqueadas, mas as habitantes que continham os arquivos da inferno, e os sínodos, foram providencialmente passadas por alto; e se não tivesse sido pela muitas patrulhas a pé, tudo teria ficado reduzido a cinzas, e o edifício mesmo seria um monte de ruínas. Enquanto isso, os fanáticos atribuíram o crime do general a sua própria devoção, e disseram que "era a vontade de Deus". Foram oferecidos três mil francos pela captura de Boissin; porém sabia-se muito bem que os protestantes não ousariam capturá-lo, e que os fanáticos não quereriam. Durante estes acontecimentos, o sistema de conversões forçadas para o catolicismo estava progredindo de forma regular e temível.

Interferência do governo britânico

Para crédito da Inglaterra, o conhecimento destas cruéis perseguições executadas contra nossos irmãos protestantes na França produziu tal sensação no governo que os levou a intervir. E agora os perseguidores dos protestantes transformaram este ato espontâneo de humanidade e piedade em pretexto para acusar os sofredores de correspondência traidora com a Inglaterra; mas neste estado de acontecimentos, para grande desmaio deles, apareceu uma carta, enviada fazia algum tempo a Inglaterra pelo duque de Wellington, dizendo que "existia muita informação acerca dos acontecimentos do sul".

Os ministros das três denominações de Londres, anelantes para não serem mal informados, pediram a um de seus irmãos que visitasse as cenas de perseguição, e que examinasse com imparcialidade a natureza e extensão dos males que desejavam aliviar. O reverendo Clement Perot empreendeu esta difícil tarefa, e cumpriu seus desejos com um zelo, uma prudência e uma devoção totalmente elogiáveis. A seu retorno proveu abundantes e irrefutáveis provas de uma vergonhosa perseguição, materiais para uma apelação ao Parlamento Britânico, e um informe impresso que foi circulado pelo continente, e

que pela primeira vez deu uma correta informação aos habitantes da França.

Viu-se então que a intervenção estrangeira era de enorme importância; e as declarações de tolerância que suscitaram no governo da França, assim como a atuação mais cuidadosa dos perseguidores católicos, operou como reconhecimentos decisivos e involuntários desta interferência que manifestada na dura voz da opinião pública na Inglaterra e em outros lugares, produziu uma correspondente suspensão da matança e os saqueios; contudo, os assassinos e saqueadores ficavam ainda por serem castigados, e inclusive eram aclamados e premiados por seus crimes; e enquanto os protestantes na França sofriam as penas e castigos mais cruéis e degradantes pelas mais insignificantes falta, os católicos, tingidos de sangue e culpados de numerosos e horrendos assassinatos, eram absolvidos.

Quiçá a virtuosa indignação expressada por alguns dos mais ilustrados católicos contra estes abomináveis procedimentos teve parte —não pequena— em refreá-los. Muitos protestantes inocentes tinham sido condenados às galeras, ou tinham sido castigados de outras formas, por supostos crimes baseados em declarações realizadas sob juramento de desalmados sem princípios nem temor de Deus. O senhor Madier de Montagu, juiz do Tribunal Real de Nimes e presidente do tribunal de Gard e Vauclause, se sentiu obrigado numa ocasião a levantar uma sessão antes de aceitar o testemunho de um monstro sanguinário tão notório como Truphemy. Disse este magistrado: "Numa sala do Palácio de Justiça diante daquela na que eu me sentava, vários infortunados perseguidos pela facção estavam sendo julgados, e cada testemunho tendendo a sua condena era aplaudido com gritos de "*Vive le Roi*". Três vezes se fez tão terrível a explosão deste terrível gozo que foi necessário chamar reforços dos quartéis, e duzentos soldados eram freqüentemente insuficientes para refrear a multidão. De repente redobraram os gritos e clamores de "*Vive le Roi*". Chegava um homem aclamado, aplaudido... era o terrível Truphemy. Se aproximou ao tribunal. Tinha vindo testemunhar contra os prisioneiros. Foi admitido como testemunha... Levantou a mão para que lhe tomassem juramento! Atônito de horror ante aquele espetáculo, me precipitei fora de meu assento, e entrei na sala de conselho. Meus colegas me seguiram; em vão quiseram persuadir-me para que voltasse a minha cadeira. "Não!", exclamei, "Não vou consentir que este miserável seja admitido para dar testemunho ante uma corte de justiça na cidade a qual tem enchido de assassinatos; no palácio, em cujas escadarias tem assassinado o infeliz Burillon. Não posso admitir que mate suas vítimas com seu testemunho como se fosse um punhal. Ele um acusador! Ele, testemunha! Não, jamais consentirei que este monstro se levante em presença de magistrados para dar um juramento sacrílego, com suas

mãos ainda manchadas de sangue!". Estas palavras foram repetidas fora da porta; as testemunhas tremeram; os facciosos tremeram também —os facciosos que guiavam a língua de Truphemy como tinham guiado seu braço, que lhe ditavam calúnia após tê-lhe ensinado a assassinar. Estas palavras penetraram nos calabouços dos condenados, e inspiraram esperança; deram a outro corajoso advogado a resolução de assumir a causa dos perseguidos; levou as orações de inocência e desgraça ao pé do trono; e ali perguntou se a evidência de um Truphemy não era suficiente para anular uma sentença. O rei concedeu um perdão pleno e livre".

Resolução final dos protestantes em Nimes

A respeito da conduta dos protestantes, estes cidadãos tão perseguidos, levados a um estremado sofrimento por seus perseguidores, sentiram afinal que somente lhes restava escolher a forma de morrer. Decidiram unanimemente que morreriam lutando em defesa própria. Esta firme atitude fez ver a seus perseguidores que já não poderiam assassinar impunemente. Todo mudou de imediato. Aqueles que durante quatro anos tinham aterrorizado outrem, agora experimentaram este sentimento. Tremiam ante a força de homens que, tanto tempo resignados, achavam no desespero, e seu alarme se intensificou quando souberam que os habitantes das Cevennes, convencidos do perigo em que se achavam seus irmãos, estavam dirigindo-se ali em auxílio deles. Mas, sem esperar a chegada destes reforços, os protestantes apareceram de noite na mesma ordem e armados da mesma forma que seus inimigos. Os outros desfilavam pelos Boulevards, com seu usual barulho e fúria, mas os protestantes permaneceram calados e firmes nos postos que tinham tomado. Três dias continuaram estes perigosos e ominosos encontros, todavia se impediu o derramamento de sangue pelos esforços de alguns dignos cidadãos distinguidos por seu nível e fortuna. Ao partilhar os perigos da população protestante, obtiveram o perdão para um inimigo que agora tremia enquanto ameaçava.

CAPÍTULO 22 - O começo das missões americanas no estrangeiro

Samuel J. Milss, enquanto estudante do Williams College, reuniu em sua volta um grupo de companheiros estudantes, sentindo todos a carga do grande mundo pagão. Um dia de 1806, quatro deles, alcançados por uma tempestade, se refugiaram sob a coberta de um monte de palha. Passaram a noite em oração pela salvação do mundo, e resolveram, se houver oportunidade para isso, ir eles mesmos como missionários. Esta "reunião de oração da palha" virou histórica.

Estes jovens foram posteriormente ao Seminário Teológico de Andover, onde se uniu a eles Adoniram Judson. Quatro deles enviaram uma petição à Associação Congregacional de Massachusetts em Bradford, o 29 de junho de 1810, oferecendo-se como missionários e perguntando se poderiam esperar o apoio de uma sociedade deste país, ou se deviam solicitá-lo a uma sociedade britânica. Como resposta a este chamamento, se constituiu a Junta Americana de Comissionados para Missões Estrangeiras.

Quando se solicitou um estatuto para a Junta, uma alma incrédula objetou desde os bancos dos legisladores, alegando, em oposição à petição, que o país tinha uma quantidade tão pequena de cristãos que não se poderia prescindir de nenhum deles para exportação; porém outro, que estava dotado de uma constituição mais otimista, lhe lembrou que se tratava de um bem que quanto mais se exportasse, tanto mais aumentaria na pátria. Houve muita perplexidade acerca da planificação e dos aspectos financeiros, pelo que Judson foi enviado à Inglaterra para conferenciar com a Sociedade de Londres em quanto à possibilidade da cooperação das duas organizações para enviar e sustentar os candidatos, mas este plano deu em nada. Afinal se conseguiu suficiente dinheiro e em fevereiro de 1812 zarparam para oriente os primeiros missionários da Junta Americana. O senhor Judson ia acompanhado de sua mulher, tendo-se casado com Ann Hasseltine pouco antes de empreender a viagem.

Durante a longa travessia, o senhor e a senhora Judson e o senhor Rice foram levados de alguma forma a revisar suas convicções acerca do modo apropriado do batismo, chegando à conclusão de que somente era válida a imersão, e foram re-batizados por Carey pouco do de chegarem a Calcutá. Este passo necessariamente cortou sua relação com o corpo que os havia enviado, e os deixou sem apoio. O senhor Rice voltou a América a informar desta circunstância aos irmãos batistas. Eles contemplaram a situação como resultado de uma ação da Providência, e planejaram anelantes aceitar a responsabilidade que

tinha-lhes sido lançada acima deles. Assim, se formou a União Missionária Batista. Deste modo o senhor Judson foi quem deu ocasião à organização de duas grandes sociedades missionárias.

A perseguição do doutor Judson

Depois de trabalhar por um tempo no Indostán, o doutor e a senhora Judson se estabeleceram por fim no Império Birmanês em 1813. em 1824 explodiu uma guerra entre a Companhia das Índias Orientais e o imperador da Birmânia. O doutor e a senhora Judson e o doutor Price, que estavam em Ava, a capital da Birmânia, foram, ao começar a guerra, arrestados de imediato e encerrados por vários meses. O relato dos sofrimentos dos missionários foi escrito pela senhora Judson, e aparece em suas próprias palavras:

Rangún, 26 de maio de 1826.

Meu querido irmão...

Começo esta carta com a intenção de dar-te os detalhes de nosso cativeiro e sofrimentos em Ava. A conclusão desta carta determinará até quando minha paciência me permitirá lembrar cenas desagradáveis e horrorosas. Tinha mantido um diário com todo o que havia acontecido desde a nossa chegada a Ava, mas o destruí ao começarem nossas dificuldades".

O primeiro conhecimento certo que tivemos da declaração da guerra por parte dos birmaneses foi ao chegar a Tsenpyu-kywon, a uns 160 quilômetros a este lado de Ava, onde haviam acampado parte das tropas, sob o mando do célebre Bandula. Seguindo nossa viagem, nos encontramos com o próprio Bandula, com o resto das tropas, regiamente equipado, sentado em sua barcaça dourada, e rodeado por uma frota de barcos de guerra de ouro, um dos quais foi enviado de imediato ao outro lado do rio para interpelar-nos e fazer-nos todas as perguntas necessárias. Se nos permitiu prosseguir tranqüilamente quando o mensageiro foi informado que éramos americanos, não ingleses, e que íamos a Ava em obediência ao governo de sua Majestade.

Ao chegar à capital, encontramos que o doutor Price estava fora do favor ante a corte, e que ali havia mais suspeitas contra os estrangeiros que em Ava. Teu irmão visitou duas ou três vezes o palácio, mas achou que o caráter do rei para com ele era muito diferente do que tinha sido anteriormente; e a rainha, que antes havia expressado desejos pela minha chegada, não perguntou agora por mim, nem indicou desejo algum de ver-me. Conseqüentemente, não fiz esforço algum por visitar o palácio, embora era convidada quase a diário para visitar alguns dos parentes da família real, que viviam em suas próprias casas, fora do recinto do palácio. Sob estas

circunstâncias, acreditamos que o mais prudente seria prosseguir nossa intenção original de construir uma casa e de iniciar as operações missionárias segundo houvesse oportunidade, tratando assim de convencer o governo de que não tínhamos nada a ver com a atual guerra.

Duas ou três semanas depois de nossa chegada, o rei, a rainha, todos os membros da família real e a maior parte dos oficiais do governo voltaram a Amarapora, a fim de acudir e tomar possessão do novo palácio na forma acostumada.

Não me atreverei a descrever este esplêndido dia, quando sua majestade entrou, com toda a glória que lhe acompanhava, pelas portas da cidade dourada e posso dizer que entre as aclamações de milhões, tomou possessão do palácio. Os saupwars das províncias fronteiriças com a China, todos os vice-reis e altos oficiais do reino, estavam reunidos para a ocasião, vestidos em suas roupas de estado, e adornados com a insígnia de seu ofício. O elefante branco, ricamente ornamentado com ouro e jóias, era um dos objetos mais belos na procissão. Somente o rei e a rainha estavam sem enfeitar, vestidos na simples vestimenta do país; entraram, tomando-se da mão, no jardim no qual tínhamos tomado assento, e onde se preparou um banquete para seu refrigério. Todas as riquezas e a glória do imperador foram exibidas aquele dia. O número e o imenso tamanho dos elefantes, os numerosos cavalos, e a grande variedade de veículos de toda descrição, ultrapassou com muito todo o que eu jamais tinha visto ou imaginado. Pouco depois que sua majestade tomara possessão do novo palácio, se deu ordem de que não se permitisse entrar a nenhum estrangeiro, exceto a Lansago. Ficamos um tanto alarmado ante isto, porém concluímos que era por motivos políticos, e que talvez não nos afetaria de maneira essencial.

Durante várias semanas não aconteceu nada alarmante para nós, e prosseguimos com nossa escola. O senhor Judson predicava cada domingo, tínhamos conseguido todos os materiais para construir uma casa de tijolos, e os pedreiros haviam realizado um considerável avanço na construção do edifício.

O 23 de maio de 1824, quando acabávamos nosso culto em casa do doutor, do outro lado do rio, chegou um mensageiro para dizer-nos que Rangún tinha sido tomada pelos ingleses. o conhecimento disto nos provocou um choque no qual havia uma mistura de gozo e de temor. O senhor Gouger, um jovem comerciante residente em Ava, estava então conosco, e tinha mais razões para temer que o resto de nós. Contudo, todos voltamos de imediato a nossa casa e começamos a considerar que deveríamos fazer. O senhor G. foi visitar o príncipe Thar-yar-wadi, o irmão mais influente do rei, que lhe informou que não devia temer ns, pois ele já havia tocado esta questão com sua

majestade, que havia respondido que "os poucos estrangeiros que havia em Ava não tinham nada a ver com a guerra, e não deviam ser molestados".

O governo estava agora em pleno movimento. Um exército de dez ou doze mil homens, sob o mando de Kyi-wun-gyi, foi enviado após três ou quatro dias, aos que se devia unir Sakyer-wun-gyi, que tinha sido anteriormente designado vice-rei de Rangún e que estava a caminho para ali quando lhe chegaram as notícias do ataque. Não havia dúvidas acerca da derrota dos ingleses; o único temor do rei era que os estrangeiros soubessem do avanço das tropas birmanesas, e que pudessem alarmar-se tanto que fugissem a bordo de seus barcos e fossem embora antes de que houvesse tempo de tomá-los e submetê-los a escravidão. "Trazei-me" disse um selvagem jovem do palácio, "seis kala pyu (estrangeiros brancos) para que remem em minha barca"; "E para mim" disse a dama de Wun-gyi, "enviai-me quatro estrangeiros brancos para que dirijam os negócios de minha casa, porque sei que são servos de fiar". As barcas de guerra, com grande moral, passaram diante de nossa casa, cantando e dançando os soldados, e dando mostras do maior regozijo. Coitados meninos!, dissemos nós; provavelmente nunca volteis dançar. E assim foi, porque poucos, ou nenhum deles, voltaram a ver sua casa natal.

Afinal o senhor Judson e o doutor Price foram chamados a um tribunal de interrogatórios, onde se lhes fez uma estrita indagação acerca do que sabiam. A grande questão parecia ser se havia existido o costume de comunicar-se com estrangeiros acerca do estado do país, etc. eles responderam que sempre tiveram o costume de escrever a seus amigos da América, mas que não mantinham correspondência com oficiais ingleses nem com o governo de Bengala. Depois de ser interrogados, não foram encerrados, como o foram os ingleses, senão que se lhes permitiu voltar a suas casas. Ao examinar as contas do senhor G., se encontrou que o senhor J. e o doutor Price tinham recebido sumas consideráveis de dinheiro de sua parte. Ignorando como ignoravam os birmaneses a forma em que recebíamos o dinheiro, por ordens desde Bengala, esta circunstância foi suficiente evidência para suas mentes desconfiadas de que os missionários estavam pagos pelos ingleses, e que muito provavelmente eram espiões. Assim se apresentou a questão ao rei, que enfurecido ordenou o arresto imediato dos "dois mestres".

O 8 de junho, enquanto nos preparávamos para a comida, entrou precipitadamente um oficial, que tinha um livro preto, com uma dúzia de birmaneses, acompanhados por um ao qual, por sua cara com manchas, soubemos que era um carrasco e "filho da prisão". "Onde está o mestre" foi a primeira pergunta. O senhor Judson se apresentou. "És chamado pelo rei", disse um oficial; esta é uma frase

que sempre se utiliza quando se vai arrestar um criminoso. O homem com as manchas de imediato se apoderou do senhor Judson, o jogou no chão e tirou uma corda pequena, o instrumento de tortura. Peguei-o do braço: "Pare", disse, "lhe darei dinheiro". "Arrestem-na também a ela", disse o oficial; "também é estrangeira". O senhor Judson, com um olhar implorante, rogou que me deixassem até que recebessem novas ordens. A cena era agora chocante além de toda descrição.

Toda a vizinhança tinha-se reunido, os pedreiros trabalhando na casa de tijolos jogaram as ferramentas que correram, os meninos birmaneses estavam berrando e chorando, os criados bengaleses ficaram imóveis ao verem as indignidades cometidas contra seu patrão, e o endurecido carrasco, com gozo infernal, apertou as cordas, amarrando firmemente o senhor Judson, e o arrastou, não sabia eu aonde. Em vão roguei e supliquei àquela face manchada que aceitasse dinheiro e afrouxasse as cordas, mas escarneceu de meus oferecimentos, e foi embora de imediato. Contudo, dei dinheiro a Moung Ing para que os seguisse, e voltasse a tentar mitigar a tortura do senhor Judson; porém em vez de ter êxito, quando se viram a uma distância da casa, aqueles insensíveis homens voltaram a jogar o preso por terra, e apertaram ainda mais as cordas, de modo que quase lhe impediam de respirar.

O oficial e seu grupo se dirigiram à corte de justiça, onde estavam reunidos o governador da cidade e os oficiais, um dos quais leu a ordem do rei de que o senhor Judson fosse lançado na prisão da morte, na qual logo foi colocado, a porta trancada e Moung Ing já não o viu mais. Que noite aquela! Me retirei a minha habitação, e tratei de conseguir consolo apresentando minha causa a Deus, e implorando fortaleza e forças para sofrer o que me esperasse. Mas não me foi concedido muito tempo o consolo da solidão, porque o magistrado do lugar veio à galeria, e me chamava para que eu saísse e me submetesse a seu interrogatório. Mas antes de sair destruí todas minhas cartas, diários e escritos de todo tipo, por se revelavam o fato de que tínhamos corresponsais na Inglaterra, e onde eu tinha registrado todos os acontecimentos desde a nossa chegada ao país. Quando acabei com esta obra de destruição, sai e me submeti ao interrogatório do magistrado, que indagou de forma muito detalhada acerca de tudo o que eu sabia; depois ordenou que fossem fechados os portões das instalações, que não se permitisse entrar nem sair a ninguém, pus uma guarda de dez esbirros, aos que lhes deu ordem estrita de guardar-me com segurança, e foi embora.

Era já escuro. Me retirei a uma estância interior com minhas quatro pequenas meninas birmanesas, e tranquei as portas. O guarda me ordenou de imediato que destrancasse as portas e saísse, ou derrubaria a casa. Me neguei obstinadamente a obedecer, e consegui

intimidá-los, ameaçando-os com queixar-me de sua conduta antes as mais elevadas autoridades pela manhã. Ao ver que eu estava decidida a não obedecer a suas ordens, tomaram os dois criados bengaleses e os colocaram em cepos numa posição muito dolorosa. Não pude suportar isto; chamei o cabo desde a janela, e lhes disse que lhes faria um presente pela manhã a todos eles se soltavam os criados. Depois de muitas discussões e de muitas severas ameaças consentiram, porém pareciam decididos a irritar-me tanto quanto fosse possível. Meu estado desprotegido e desolado, minha total incerteza acerca da sorte do senhor Judson, as terríveis ameaças e a linguagem quase diabólica do guarda, tudo isso se uniu para fazer daquela com muito a noite mais angustiosa que jamais tenha passado. Podes bem imaginar, querido irmão, que o sono fugiu de meus olhos, e de minha mente a paz e a compostura.

Na manhã seguinte enviei a Moung Ing para que soubesse da situação de teu irmão, e que lhe desse alimentos, se ainda vivia. Logo voltou, com as notícias ed que o senhor Judson e todos os estrangeiros brancos estavam encerrados no cárcere da morte, com três pares de correntes de ferro, e amarrado a uma comprida estada, para impedir que se mexessem! Meu motivo de angústia agora foi que eu mesma era prisioneira, e que não podia fazer nada pela liberação dos missionários. Roguei e supliquei ao magistrado que me permitisse ir a algum membro do governo para defender minha causa; mas ele me disse que não ousava consentir, por temor de que eu fugisse. Depois escrevi a uma das irmãs do rei, com quem eu tivera uma estreita amizade, pedindo-lhe que utilizasse sua influência para a liberação dos mestres. A nota foi devolvida com esta mensagem: ela "não o compreendia", o que era uma cortês negativa a interferir; depois soube que tinha estado desejosa de ajudar-nos porém que não se atreveu a causa da rainha. O dia foi passando lentamente, e tinha ante mim outra terrível noite. Tratei de suavizar os sentimentos do guarda dando-lhes chá e cigarros para a noite, de modo que me permitiram permanecer em minha estância sem ameaçar-me como tinham feito na noite anterior. Contudo, a idéia de que teu irmão estivesse esticado num duro chão em ferrolhos e encerrado perseguia minha mente como um espectro, e me impediu dormir com tranqüilidade, embora estava quase exausta.

Ao terceiro dia enviei uma mensagem ao governador da cidade, que tem toda a direção das questões carcerárias, para que me permitisse visitá-lo com um presente. Isto teve o efeito desejado, e de imediato enviou ordem aos guardam para que me permitissem ir até a cidade. o governador me recebeu agradavelmente, e me perguntou que desejava. Lhe apresentei a situação dos estrangeiros, e em particular a dos americanos, que eram estrangeiros e que nada tinham a ver com a

guerra. Me disse que não estava em sua mão liberá-los do cárcere, mas que podia fazer mais cômoda sua situação; havia um oficial chefe, a quem devia consultar acerca dos médios. O oficial, que resultou ser um dos escritores da cidade, e cujo rosto apresentava a simples vista o mais perfeito conjunto de paixões unidas à natureza humana, me levou aparte, e tratou de convencer-me de que tanto eu como os prisioneiros estávamos totalmente em suas mãos, que nosso futuro bem-estar iria depender da generosidade de nossos presentes, e que estes deviam ser entregues de forma secreta, sem que o soubesse funcionário algum do governo. "Que devo fazer para mitigar os sofrimentos atuais dos mestres" lhe perguntei. "Pague-me duzentos tickals (uns cem dólares), duas peças de tecido fino, e duas peãs de lenços". Eu tinha pegado dinheiro naquela manhã, sendo que nossa casa estava a três quilômetros do cárcere, e eu não poderia voltar facilmente. Ofereci este dinheiro ao escritor, e lhe roguei que não me pressionasse com os outros artigos, por quanto não dispunha deles. Ele duvidou por certo tempo, mas temendo perder de vista tanto dinheiro, decidiu tomá-lo, prometendo aliviar os mestres de sua penosa situação.

Depois consegui uma ordem do governador para poder ser admitida na prisão; porém as sensações produzidas por meu encontro com teu irmão naquela situação terrível, horrenda, e a cena patética que se seguiu, não tratarei de descrevê-las. O senhor Judson se arrastou até a porta da cela porque nunca se nos permitiu entrar, e me deu algumas instruções acerca de sua liberação; mas antes de poder realizar nenhum arranjo, aqueles endurecidos carcereiros, que não podiam suportar ver-nos gozar do mísero consolo de ver-nos naquele tétrico lugar, me ordenaram sair. Em vão aleguei a ordem do governador para ser admitida; de novo repetiram, com dureza: "Sai, ou te jogamos fora". Aquela mesma noite os missionário, junto com os outros estrangeiros, que tinham pagado uma suma igual, foram tirados do cárcere comum e encerrados num local aberto do recinto da prisão. Aqui se me permitiu mandá-lhes alimentos e esteiras sobre as quais dormir; mas não me permitiram voltar a entrar por vários dias.

Meu seguinte objeto foi lograr apresentar uma petição ante a rainha; mas ao não admitir-se em palácio ninguém que estivesse em desgraça com sua majestade, tentei apresentá-la por meio da mulher de seu irmão. Tinha-a visitado em melhores épocas, e havia recebido particulares sinais de seu favor. Porém os tempos tinham mudado; o senhor Judson estava em prisão, e eu angustiada, o que era suficiente razão para que me recebesse friamente. Levei um presente de valor considerável. Ela estava recostada em seu tapete quando eu entrei, e tinha suas damas junto dela. Não esperei a pergunta usual feita a um suplicante: "Que quereis?", senão que de maneira aberta, com vos intensa porém respeitosa, lhe expus nossa angústia e os males que

nos tinham sido feitos, e lhe roguei sua ajuda. Ela levantou a cabeça um pouco, abriu o presente que lhe havia trazido, e contestou friamente: "Teu caso não é coisa fora do comum; todos os estrangeiros recebem o mesmo tratamento". "todavia sim é fora do comum", lhe disse, "Os mestres são americanos, são ministros de religião, e nada têm a ver nem com a guerra nem com a política. Nunca fizeram nada que mereça tais tratos, é justo tratá-los assim?" "O rei faz o que lhe apraz", disse ela, "Eu não sou o rei, que posso eu fazer?" "Poderíeis apresentar sua causa ao rei, e conseguir sua liberação", respondi. "Colocai-vos em minha situação; se vós estivésseis na América, e vosso marido, inocente de todo crime, fosse lançado na prisão, em ferrolhos, e vós, uma solitária mulher sem proteção, que faríeis?". Com um ligeiro sentimento em sua voz, disse: "Apresentarei sua petição, volte amanhã". Voltei à casa com consideráveis esperanças de que estava mais perto da liberação dos missionários. Porém no dia seguinte foram tomadas as propriedades do senhor Couger, com um valor de cinqüenta mil dólares, e levadas a palácio. Os oficiais, a seu regresso, me informaram educadamente que deveriam visitar nossa casa no dia seguinte. Fiquei agradecida por esta informação, e por isso fiz preparativos para recebê-los escondendo tantos artigos pequenos como fosse possível, junto com uma considerável quantidade de prata, pois sabia que se a guerra se prolongava nos veríamos em sério risco de morrer de fome sem ela. Contudo minha mente estava terrivelmente agitava, pois se isso se descobria me lançariam a mim no cárcere. E se eu tiver podido conseguir dinheiro de algum outro lugar, não teria-me arriscado a tomar este passo.

Na manhã seguinte, o tesoureiro real, Príncipe Tharyawadis, *o Chefe Wun e Koung-tone Myu-tsa, que foi no futuro ns firme amigo, acompanhados por quarenta ou cinqüenta seguidores, para tomar possessão do que tínhamos. Os tratei com cortesia, lhes dei cadeiras para sentarem, e chá e doces para seu refrigério; e a justiça me obriga a dizer que executaram a atividade da confiscação com mais consideração para meus sentimentos que o que teria pensado poderiam exibir os funcionários birmaneses. Somente entraram os três oficiais na casa; seus acompanhantes receberam ordem de esperar fora. Viram que estava profundamente afetada, e pediram escusas pelo que deviam fazer, dizendo que não gostavam tomar possessão de uma propriedade que não era a deles, mas que estavam obrigados a fazê-lo por ordem do rei.*

Onde estão sua prata, seu ouro e suas jóias?", perguntou o tesoureiro real. "Não tenho ouro nem jóias; mas aqui estão as chaves do baú que contém a prata; façam o que desejem". Selou o baú, e a prata foi pesada. "Este dinheiro", disse eu, "foi recolhido na América pelos discípulos de Cristo, e enviado aqui com o propósito de edificar

um kyoung (o nome de uma casa de um sacerdote), e para nosso sustento enquanto ensinamos a religião de Cristo. É apropriado que o levem?" (Os birmaneses são adversos a tomar o que está dedicado desde uma vontade religiosa, o que me empurrou a perguntá-lhes isto). "Manifestaremos estas circunstâncias ao rei" disse um deles, "e talvez o restaurará. Mas, esta é toda a prata que tem?" Eu não podia menti-lhes. "A casa está em suas mãos", respondi, "busquem vocês mesmos". "Não depositou prata com alguma pessoa conhecida?". "Meus conhecidos estão todos em prisão. Com quem poderia depositar prata?"

De imediato, examinaram meu baú e minhas gavetas. Somente permitiram ao secretário acompanhar-me neste registro. Todo o bonito ou curioso que atraia sua atenção era apresentado aos oficiais, para sua decisão acerca de se devia ser tomado ou deixado. Roguei que não tomassem nossos vestidos, pois seria desonroso tomar roupas já usadas em possessão de sua majestade, e que para nós eram de enorme valor. Consentiram com isto, e levaram somente uma lista, e o mesmo fizeram com os livros, medicinas, etc. Resgatei de suas mãos minha pequena mesa de trabalho e cadeira de balanço, em parte com artifícios e em parte por sua ignorância. Também deixaram muitos artigos de grande valor durante nosso longo encerramento.

Tão logo como acabaram com seu registro e partiram, me apressei a ver o irmão da rainha, para saber al tinha sido a sorte de minha petição, mas, ay!, todas minhas esperanças ficaram esmagadas pelas frias palavras de sua mulher, dizendo: "Apresentei sua causa à rainha; porém sua majestade me respondeu: Os mestres não morrerão; que fiquem como estão. Minhas expectativas tinham sido tão elevadas que esta sentença foi como o fragor de um trovão para meus sentimentos. Porque a verdade se me fez evidente que se a rainha recusava ajudar, que ousaria interceder por mim? com o coração oprimido, fui embora, e de caminho a casa tratei de entrar na prisão, para comunicar as tristes novas a teu irmão, porém me recusaram asperamente a entrada. Tentamos comunicar-nos por escrito, e depois de tê-lo logrado por vários dias, foi descoberto; o pobre homem que levava as comunicações foi açoitado e colocado no cepo; e esta circunstância me custou uns dez dólares, além de dois ou três dias de agonia, por temos às conseqüências.

Os oficiais que tinham tomado possessão de nossas propriedades as apresentaram a sua majestade, dizendo: "Judson é um verdadeiro mestre; nada achamos em sua casa exceto o que pertence aos sacerdotes. Além deste dinheiro, havia uma grande quantidade de livros, medicinas, baús com roupas, do qual somente fizemos uma lista. O tomaremos, ou o deixaremos?" "Que seja deixado", disse o rei, "e coloca estas propriedades aparte, porque lhe serão devolvidas se é

encontrado inocente". Esta era uma alusão à idéia de que fosse um espia.

Durante os dois ou três meses seguintes estive sujeita a contínuas fustigações, em parte devido a minha ignorância pela forma de agir da policia, e em parte pelo insaciável desejo de cada suboficial de enriquecer-se por meio de nosso infortúnio.

Tu, meu querido irmão, que conheces minha intensa adesão para meus amigos, e quanto prazer tenho experimentado até aqui nas lembranças, poderás julgar pelas circunstâncias expostas quão intenso era meu sofrimento. Mas o ponto culminante de minha angústia residia na terrível incerteza acerca de nossa sorte final. Minha opinião dominante era que meu marido sofreria uma morte violenta e que eu, naturalmente, viraria escrava para enlanguescer numa breve embora miserável existência em mãos de algum monstro sem sentimentos. Mas os consolos da religião, nestas circunstâncias tão duras, não foram "pequenos nem poucos". Me ensinou a olhar além deste mundo, para aquele repouso de paz e felicidade onde Jesus reina, e onde nunca entra a opressão.

Alguns meses depois do encarceramento de teu irmão, me permitiram fazer uma pequena habitação de bambu nos recintos da prisão, e onde se me permitia passar às vezes duas ou três horas. Aconteceu que os dois meses que passou neste lugar foram os mais frios do ano, quando teria sofrido muito no local aberto que ocupava antes. Depois de nascer tua sobrinha, me foi impossível visitar o cárcere e o governador como antes, e descobri que tinha perdido a considerável influência conseguida antes; porque já não estava tão bem disposto a ouvir-me quando havia uma dificuldade, como antes. Quando Maria tinha quase dois meses, seu pai me enviou uma mensagem uma manhã de que todos os prisioneiros brancos tinham sido colocados na prisão mas interna, com cinco pares de ferrolhos cada um, que sua pequena habitação tinha sido destrocada, e que os carcereiros tinham levado sua esteira, almofada, etc. isto foi para mim uma terrível sacudida, porque pensei de imediato que era somente o anúncio de piores males.

A situação dos presos era agora angustiosa além de toda descrição. Era o começo da época estival. Havia por volta de cem prisioneiros encerrados numa estância. Sem ar, exceto por umas fendas nas tábuas. Às vezes davam permissão para acudir à porta por cinco minutos, e meu coração encolhia-se ante a miséria que contemplava. Os presos brancos, devido a sua sudoração incessante e à perda do apetite, pareciam mais mortos que vivos. Fiz rogos diários ao governador, oferecendo-lhe dinheiro, porém o recusava; tudo que consegui foi permissão para que os estrangeiros comessem seu alimento fora, e isto prosseguiu durante muito pouco tempo.

Depois de continuar na prisão interna durante mais de um mês, teu irmão caiu doente de febres. Tinha a certeza de que não viveria muito tempo, a não ser que fosse tirado daquele lugar pestilento. Para lográ-lo, e a fim de estar perto do cárcere, sai de nossa casa e pus uma pequena estância de bambu no recinto do governador, que estava quase na frente da grade da prisão. Daqui roguei incessantemente ao governador que me desse uma ordem para tirar o senhor Judson fora da prisão grande e colocá-lo em situação mais cômoda; o ancião, cansado afinal de meus rogos, me deu finalmente a ordem num documento oficial; também deu ordem ao carcereiro chefe para permitir-me entrar e sair, a todas horas do dia, para ministrá-lhe medicinas. Agora me sentia feliz, certamente, e fiz que o senhor Judson fosse de imediato levado a uma pequena choça de bambu, tão baixa que nenhum dos dois podia estar de pé dentro dela, mas era um palácio em comparação com o lugar onde tinha estado.

Traslado dos presos a Oung-pen-la; seguimento da senhora Judson

Apesar da ordem que o governador tinha dado para minha admissão no cárcere, foi com a maior dificuldade que pude persuadir o sub-carcereiro de abrir a grade. Costumava levar eu mesma a comida para o senhor Judson, para poder entrar, e depois ficava uma ou duas horas, a não ser que me expulsassem. Tínhamos desfrutado desta cômoda situação somente dois ou três dias quando uma manhã, tendo entrado o desjejum do senhor Judson que, devido à febre, não pôde tomar, fiquei mais tempo do usual; então o governador mandou chamar-me com muita pressa. Lhe prometi voltar tão logo como soubesse quais eram os desejos do governador, sendo que ele estava muito alarmado ante esta insólita mensagem. me senti portanto agradavelmente aliviada quando o governador me disse que somente queria perguntar-me acerca de seu relógio de pulso, e pareceu inusitadamente agradável e conversador. Depois descobri que sua única intenção tinha sido reter-me até que terminasse a terrível cena que estava a ponto de ter lugar no cárcere. Porque quando o deixei para voltar a minha estância, um dos criados veio correndo, e com rosto pálido me disse que todos os presos brancos estavam sendo trasladados.

Não queria acreditar na informação, mas de imediato voltei ao governador, que me disse que acabava de saber, porém que não queria dizer-me. Sai precipitadamente à rua, esperando poder ter um vislumbre deles antes que desaparecessem de minha vista, porém em vão. Corri primeiro a uma rua, depois a outra, perguntando a todos os que via, mas ninguém queria responder-me. Finalmente, uma anciã me disse que os presos brancos tinham ido para o riacho, porque

deviam ser levados a Amarapora. Depois fui correndo à ribeira do riacho, que estava a unos oitocentos metros dali, mas não os achei. Então voltei ao governador, a perguntá-lhe a causa desse traslado, e a probabilidade de sua sorte futura. O ancião me assegurou que desconhecia a intenção do governo de trasladar os presos até aquela manhã. Que desde que eu tinha saído, ele havia sabido que os presos tinham sido enviados a Amarapora, mas não sabia com que propósito. "Enviarei um homem de imediato para ver que é o que deve fazer-se com eles. Não pode fazer nada mais por seu marido", prosseguiu ele, "Tenha cuidado de você mesma".

Nunca antes tivera tanto temor ao atravessar as ruas de Ava. As últimas palavras do governador, "Tenha cuidado de você mesma" me faziam suspeitar que havia algum desígnio que eu desconhecia. Vi também que tinha medo de sair pelas ruas, e me aconselhou que esperasse até que fosse de noite, e me enviaria uma carreta, e um homem para abrir as portas. Tomei dois ou três baús com os artigos mais valiosos, junto com o baú das medicinas, para depositá-lo todo em casa do governador; e depois de confiar a casa e as instalações a nosso fiel Moung Ing e a um criado bengalês, que continuava conosco (embora não podíamos pagá-lhe o salário), me despedi, como então pensava provável, para sempre de nossa casa de Ava.

O dia era terrivelmente quente, mas obtivemos um barco coberto, no qual estávamos toleravelmente cômodos, e chegamos a uns três quilômetros da casa de governo. Depois procurei uma carreta; mas as violentas sacudidas, junto com o terrível calor e o pó, quase me alienaram. E qual foi minha frustração quando cheguei no edifício da corte de justiça, e descobri que os presos tinham sido enviados fora duas horas atrás, e que devia ir de forma tão incomoda sete quilômetros mais, com a pequena Maria em meus braços, a qual tinha carregado todo o caminho desde Ava! O carreteiro recusou prosseguir, e depois de esperar uma hora sob o ardente sol, consegui outro, e me dirigi àquele lugar que jamais poderei esquecer, Oung-pen-la. Obtive um guia de parte do governador, e me conduziram diretamente ao pátio da prisão.

Mas que cena de miséria vi diante de meus olhos! O cárcere era um velho edifício em ruínas, sem telhado; a cerca estava totalmente destruída; oito ou dez birmaneses estavam acima do edifício, tratando de fazer algo semelhante a um refúgio com folhas, enquanto que abaixo de uma pequena proteção fora do cárcere se encontravam os estrangeiros, acorrentados juntos de dois em dois, quase mortos de sofrimento e cansaço. As primeiras palavras de teu irmão foram: "Por que vieste? Esperava que não me seguisses, porque não pode viver aqui".

Havia escurecido já. Não tinha refrigério para os sofredores presos nem para mim mesma, porquanto havia esperado conseguir todo o necessário no mercado de Amarapora, e não tinha refúgio para a noite. Pedi a um dos carcereiros se podia levantar uma pequena casa de bambu perto dos presos. "Não, não é o costume", me respondeu. Então lhe roguei que me procurasse um refúgio para a noite, e pela manhã procuraria um alojamento. Me levou a sua casa, na qual havia somente duas estâncias pequenas; numa vivia ele e sua família, a outra, que então estava meio cheia de grão, ma ofereceu; e naquela suja habitação passei os seguintes seis meses de miséria. Consegui algo de água meio fervida, em lugar de meu chá, e vencida pela fadiga me deitei numa esteira estendida sobre o arroz, e tratei de obter algo de descanso dormindo. A manhã sangue teu irmão me contou o que segue acerca do brutal tratamento que tinha recebido ao ser tirado do cárcere.

Tão logo como tive saído pela chamada do governador, um dos carcereiros se precipitou na pequena estância do senhor Judson, o tomou violentamente do braço, o tirou fora, o despiu de sua roupa exceto pela camisa e as calças, tomou os sapados, o chapéu e toda sua roupa de cama, lhe tirou os ferrolhos, amarrou uma corda em volta da cintura, o arrastou à casa do tribunal, onde antes tinham sido levados os outros presos. Foram depois amarrados de dois em dois e entregues em mãos do Lamine Wun, que foi na frente deles a cavalo, enquanto seus escravos conduziam os presos, sustendo cada escravo uma corda que amarrava a dois presos juntos. Isto aconteceu em maio, um dos meses mais quentes do ano, e às onze da manhã, quando o sol era verdadeiramente intolerável.

Tinham caminhado somente um quilômetro quando os pés de teu irmão ficaram tão cheios de bolhas, e tão grande era sua agonia, inclusive numa etapa tão primária da viagem, que ao passar num riacho anelava jogar-se na água para livrar-se de seus sofrimentos. Somente o impediu a culpa unida a tal ação. Restavam seis quilômetros de caminho. A areia e a brita eram como carvões acesos para os pés dos prisioneiros, que logo ficaram em carne viva; neste mísero estado foram fustigados por seus implacáveis condutores. O estado de debilidade do senhor Judson, a causa da febre, e ao não ter tomado alimentos pela manhã, o fazia menos capaz de suportar aquelas dificuldades que os outros presos.

A meio caminho se detiveram para beber, e teu irmão rogou ao Lamine Wun que lhe permitisse ir em seu cavalo por um ou dois quilômetros, porque não podia continuar naquele terrível estado. Mas a única resposta que recebei foi um olhar maligno. Depois pediu ao capitão Laird, que estava amarrado com ele, que lhe permitisse apoiar-se em seu ombro, porque estava caindo. Isto o concedeu aquele gentil

homem por um ou dois quilômetros, porém depois achou insuportável aquela carga agregada. Justo então se aproximou deles o criado bengalês do senhor Gouger e, vendo a angústia de teu irmão, tirou o turbante, que estava feito de tecido, o partiu em dois, deu a metade a seu amo, e a metade ao senhor Judson, que de imediato o usou para vendar seus pés feridos, porque não lhes permitiam repousar nem um momento. O servo ofereceu então seu ombro ao senhor Judson, e assim o levou o resto do caminho.

O Lamine Wun, ao ver o estado lastimoso dos presos, e que um deles tinha morrido, decidiu que não prosseguiriam mais naquela noite, pois senão teriam continuado até chegar a Oung-pen-la aquele mesmo dia. Ocuparam um pequeno barraco naquela noite para descansar, mas sem esteira nem travesseiro, nem nada para cobrir-se. A curiosidade da mulher do Lamine Wun a induziu a visitar os presos, cujos sofrimentos suscitaram sua compaixão, e ordenou que lhes dessem algo de fruta, açúcar e tamarindos para alimentá-los. A manhã seguinte lhes preparou arroz, e pobre como era este alimento, foi para refrigério dos presos, que no dia anterior não tiveram quase nenhum alimento. Também se prepararam carretas para levá-los, porque nenhum deles podia caminhar. Durante todo este tempo os estrangeiros desconheciam totalmente que iria acontecer com eles; quando chegaram a Oung-pen-la e viram o estado do cárcere, todos, unânimes, chegaram à conclusão de que seriam queimados, segundo um rumor que antes havia circulado por Ava. Todos começaram a preparar-se para o terrível fim que esperavam, e não foi até que viram preparativos para reparar o cárcere que começaram a perder a horrível certeza de uma morte cruel e lenta. Minha chegada teve lugar uma ou duas horas depois disto.

A manhã seguinte me levantei e tratei de encontrar algo de comida. Mas não havia mercado, e não se podia conseguir nada. Contudo, um dos amigos do doutor Price havia trazido algo de arroz frio e de curry desde Amarapora, o que, junto com uma xícara de chá do senhor Lansago, serviu de desjejum para os presos; para comer, fizemos um curry de peixe salgado seco, que tinha tradizo um criado do senhor Couger. Todo o dinheiro que tinha neste mundo estava comigo, escondido em minhas roupas; poderás julgar quais eram nossas perspectivas em caso de que a guerra se prolongasse muito. Todavia, nosso Pai celestial demonstrou ser melhor para nós que nossos temores porque, apesar das constantes extorsões dos carcereiros durante os seis meses que estivemos em Oung-pen-la, e das freqüentes carências às que estivemos submetidos, nunca sofremos realmente por falta de dinheiro, embora sim freqüentemente por falta de provisões, que não podíamos procurar-nos.

Aqui neste lugar começaram meus sofrimentos físicos pessoais. Enquanto teu irmão estava encerrado na prisão da cidade, tinham-me permitido ficar em nossa casa, onde me restavam muitas comodidades, e onde minha saúde tinha continuado boa além de todas as expectativas. Mas agora não tinha eu nenhuma comodidade, nem sequer uma cadeira ou assento de qualquer classe, exceto o solo de bambu. A mesma manhã depois de minha chegada, Mary Hasseltine caiu doente de varíola, de forma normal. Ela, embora muito jovem, era a única ajuda de que eu dispunha para cuidar da pequena Maria. Porém ela demandava agora todo o tempo que eu podia dedicar ao senhor Judson, que continuava com febre no cárcere, e cujos pés estavam tão terrivelmente danificados que durante vários dias foi incapaz de mexer-se.

Não sabia que fazer, porque não podia conseguir assistência dos vizinhos, nem medicina para os doentes, senão que estava todo o dia indo da casa ao cárcere com a pequena Maria em braços. Às vezes me sentia muito aliviada deixando-a dormir durante uma hora ao lado de seu pai, enquanto voltava a casa para cuidar de Mary, que tinha febre tão alta que delirava. Estava tão coberta de varíola que não se distinguia entre as pústulas. Como estava na mesma habitação que eu, sabia que Maria se contagiaria. Portanto, a inoculei de outro menino, antes que a de Mary chegasse ao estado de ser contagiosa. Ao mesmo tempo inoculei Abby e os meninos do carcereiro, e todos os tiveram tão leve que nem interrompeu suas brincadeiras. Poream a inoculação no braço da minha pequena Maria não pegou; se contagiou de Mary, e a sofreu de maneira normal. Então tinha somente três meses e meio, e teria sido uma menina muito saudável; porém demorou três meses antes de recuperar-se totalmente dos efeitos desta terrível doença.

Lembrarás que eu nunca tive varíola, senão que tinha sido vacinada antes de sair da América. Como conseqüência de estar exposta tanto tempo a ela, se me formaram quase cem pústulas, ainda que sem sintomas prévios de febre nem nada. Ao ter os meninos do carcereiro a doença em forma tão leve, como conseqüência da inoculação, minha fama se estendeu a todo o povoado, e me trouxeram todas as crianças, pequenos e mais velhos, que ainda não a tiveram, para que os inoculasse. E embora eu não soubesse nada da doença, nem da forma de tratá-la, os inoculei a todos com uma agulha, e os mandei que tivessem cuidado com suas comidas; estas foram todas as instruções que lhes pude dar. O senhor Judson foi melhorando de saúde, e se encontrou muito mais comodamente situado que quando estava preso na cidade.

Os presos foram a princípio acorrentados de dois em dois; porém tão logo como os carcereiros puderam conseguir suficientes correntes, foram separados, e cada preso teve somente dois ferrolhos. O cárcere

foi reparado, se fez um novo cerco, e se erigiu um grande e arejado cobertor diante do cárcere, onde lhes permitiam estar aos prisioneiros durante o dia, embora eram encerrados no pequeno e atestado cárcere durante a noite. Todos os meninos se recuperaram da varíola; mas meus cuidados e minha fatiga, junto com minha pobre comida, somado ao mísero alojamento, trouxe sobre mim uma das doenças do país, que quase sempre é fatal para os estrangeiros.

Minha constituição parecia destruída, e em poucos dias fiquei tão debilitada que apenas se podia caminhar à prisão do senhor Judson. Neste estado debilitado, me dirigi em carreta a Ava para conseguir medicinas, e algum alimento apropriado, deixando o cozinheiro que tomasse meu lugar. cheguei sã e salva na casa, e durante dois ou três dias a doença parecia ter parado; depois disso voltou atacar-me violentamente, de modo que não me restaram esperança de recuperar-me; minha ansiedade era agora voltar a Oung-pen-la para morrer perto da prisão. Foi com grande dificuldade que recuperei meu baú de medicinas de mãos do governador, e então não tive a ninguém para ministrar medicinas. Contudo, consegui láudano, e tomando duas gotas por vez durante várias horas, me deteve a doença até o ponto de possibilitar-me subir a bordo de um barco, embora tão fraca que não conseguia manter-me em pé, e de novo me dirigi a Oung-pen-la. As últimas quatro horas de viagem foram penosas, em carreta, e em meio da estação chuvosa, quando a lama enterra os bois. Para que te dês uma idéia de uma carreta birmanesa, te direi que suas rodas não estão constituídas como as nossas, senão que são simplesmente tábuas redondas grossas com um buraco no meio, através do qual passa o eixo que sustenta a plataforma.

Apenas cheguei a Oung-pen-la quando pareceu que tivessem esgotado por completo minhas forças. O bom cozinheiro nativo saiu a ajudar-me a entrar na casa, porém minha aparência estava tão alterada e consumida que o coitado rompeu em choro ao ver-me. Me arrastei sobre a esteira na pequena estância, na que me mantive encerrada durante mais de dois meses, e nunca me recuperei perfeitamente até que cheguei ao acampamento inglês. Neste período, quando me vi incapaz de cuidar de mim mesma ou de cuidar do senhor Judson, os dois teríamos morrido, se não tiver sido pelo fiel e afetuoso cuidado de nosso cozinheiro bengalês. Um cozinheiro bengalês normal não está disposto a fazer nada além da simples atividade de cozinhar; mas pareceu esquecer sua casta, e quase suas próprias necessidades, em seus esforços por salvar-nos. Procurava, cozinhava e levava a comida de teu irmão, e depois voltava e cuidava de mim. tenho sabido que freqüentemente não tomava comida até o anoitecer, a causa de ter que ir muito longe para conseguir lenha e água, e a fim de ter a comida do senhor Judson pronta na hora indicada. Nunca se queixou;

nunca pediu sua paga, e nunca duvidou um instante em ir aonde for, nem em agir da forma que desejássemos. Tenho grande prazer em falar da fiel conduta deste criado, que continua estando conosco, e confio que tem sido bem recompensado por seus serviços.

Nossa pequena Maria foi a que mais sofreu neste tempo, ao privá-la minha enfermidade de seu alimento usual, e não pudemos conseguir nem uma aia nem um pingo de leite no povoado; fazendo presentes aos carcereiros, consegui permissão para que o senhor Judson saísse do cárcere e levasse a coitada pequena ao povo, para rogar algo de alimento de aquelas mães que tivessem bebês. Seus choros em meio da noite eram para partir o coração, mas era impossível suprir suas necessidades. Aí comecei a pensar que tinham caído sobre mim as aflições de Jó. Quando estava com saúde pude suportar as várias vicissitudes e provas que fui chamada a sofrer. Mas estar encerrada, doente, e incapaz de ajudar meus seres queridos, quando estavam angustiados, era quase mais do que podia suportar. E se não tiver sido pelos consolos da religião, e por uma convicção total de que cada prova adicional estava ordenada por um amor e uma misericórdia infinitos, teria-me afundado ante o acúmulo de sofrimentos. Às vezes nossos carcereiros pareciam algo suavizados ante nossos sofrimentos, e durante vários dias deixaram que o senhor Judson viesse a casa, o que era para mim um indizível consolo. Depois voltavam a mostrar-se com um duro coração em suas exigências, como se estivéssemos livres de sofrimento, e em circunstâncias de abundância. A irritação, as extorsões, e as opressões às que nos vimos submetidos durante nossos seis meses de estância em Oung-pen-la estão além de toda enumeração ou descrição.

Finalmente chegou o tempo de nossa liberação daquele odioso lugar, o cárcere de Oung-pen-la. Chegou um mensageiro de nosso amigo, o governador da porta norte do palácio, que era anteriormente Kung-tone, Myou-tsa, informando-nos que tinha sido dada uma ordem no palácio, na noite anterior, para a liberação do senhor Judson. Aquela mesma noite chegou uma ordem oficial; e com o coração gozoso comecei a preparar nossa partida para a manhã seguinte. Porém houve um estorvo imprevisto, que nos fez temer que eu deveria continuar sendo retido como prisioneira. Os avarentos carcereiros, mal dispostos a perder sua presa, insistiram em que meu nome não estava incluído na ordem, e que eu não devia partir. Em vão insisti em que eu não tinha sido enviada ali como presa, e que eles não tinham autoridade alguma sobre mim; continuaram decididos a que eu não fosse embora, e proibiram os do povoado que me alugassem uma carreta. O senhor Judson foi então tirado do cárcere e levado à casa do carcereiro, onde, com promessas e ameaças, conseguiu finalmente seu

consentimento, a condição que deixássemos a parte restante de nossas provisões que tínhamos recebido recentemente de Ava.

Era meio-dia quando nos permitiram partir. Quando chegamos a Amarapora, o senhor Judson se viu obrigado a seguir a condução do carcereiro, que o levou ao governador da cidade. após ter feito todas as indagações pertinentes, o governador designou outra guarda, que levou o senhor Judson ao tribunal de Ava, lugar ao qual chegou em algum momento da noite. Eu empreendi minha própria viagem, voltei de barco, e cheguei em casa antes que fosse escuro.

Meu primeiro objetivo na manhã seguinte foi buscar teu irmão, e tive a mortificação de encontrá-lo novamente em prisão, embora não na prisão da morte. Fui de imediato a ver meu antigo amigo o governador da cidade, que agora tinha ascendido de categoria a Wun-gye. Este me informou que o senhor Judson devia ser enviado ao acampamento birmanês, para agir como tradutor e interprete, e que estava confinado somente durante um tempo, enquanto se solucionassem seus assuntos. Cedo na manhã seguinte fui a ver de novo a este oficial, que me disse que naqueles momentos o senhor Judson tinha recebido vinte tickals do governo, com ordens de ir imediatamente a um barco dirigido a Maloun, e que lhe tinham dado permissão para deter-se uns momentos em casa, que estava de passagem. Me apressei a voltar à casa, aonde logo chegou o senhor Judson. Porém somente lhe permitiram ficar um breve tempo, enquanto eu preparava comida e roupa para uso futuro. Foi colocado numa pequena barca, onde não tinha espaço nem para deitar-se, e onde sua exposição às frias e úmidas noites lhe provocou uma violenta febre, que quase pus fim a todos seus sofrimentos. Chegou a Maloun no terceiro dia, onde, doente como estava, foi obrigado a começar de imediato a trabalhar em traduzir. Permaneceu seis semanas em Maloun, sofrendo tanto como tinha sofrido durante o tempo que tinha passado encarcerado, embora não estivesse sujeito sem ferrolhos, nem exposto aos vexames daqueles cruéis carcereiros.

Durante a primeira quinzena depois de sua partida, minha ansiedade foi menor que a que tinha sofrido na época anterior, desde o começo de nossas dificuldades. Sabia que os oficiais birmaneses no acampamento considerariam inestimáveis os serviços do senhor Judson, e modo que não empregariam medidas que ameaçassem sua vida. Pensei também que sua situação seria mais cômoda do que realmente foi; por isto minha ansiedade foi menor. Porém minha saúde, que nunca se recuperara daquele violento ataque em Oung-pen-la, foi agora diminuindo a diário, até que cão na febre com manchas, com todos seus horrores. Conhecia a natureza desta febre desde seu começo, e por causa do fraco estado de minha constituição, junto com a ausência de assistentes médicos, estava convencida de

que o desenlace seria fatal. O dia em que cai doente, veio uma aia birmanesa e ofereceu seus serviços para Maria. Esta circunstância me encheu de gratidão e confiança em Deus; pois embora tinha realizado tantos esforços durante tanto tempo para conseguir uma pessoa assim, nunca tinha conseguido. E no amém momento em que mais necessitava de uma, sem esforço algum se me fez o oferecimento voluntário.

Minha febre me atacou violentamente e sem ceder um momento. Comecei a pensar em arranjar meus assuntos terrenos, e em entregar minha pequena Maria ao cuidado da mulher birmanesa, quando perdi a razão e fiquei insensível a tudo quanto havia a meu redor. Durante este terrível período, o doutor Price foi liberado da prisão, e ao ouvir de minha doença conseguiu permissão para ver-me. Desde então me contou que minha condição era a mais terrível que ele já tinha visto, e que não pensou então que eu fosse sobreviver muitas horas. Tinha o cabelo raspado, a cabeça e os pés cobertos de ampolas, e o doutor Price ordenou ao criado bengalês que se cuidava de mim que tratasse de persuadir-me a tomar algo de alimento, o qual eu tinha recusado obstinadamente durante vários dias. Uma das primeiras coisas que lembro é ver a este fiel criado de pé a meu lado, tratando de convencer-me para que bebesse algo de vinho e água. De fato, estava tão enfraquecida que os vizinhos birmaneses que vieram ver-me dissera: "Está morta; e se o rei dos anjos entrasse aqui, não poderia recuperá-la".

A febre, soube depois, esteve dominando-me durante dezessete dias desde a aparição das ampolas. Agora comecei a recuperar-me lentamente; todavia se passou mais de um mês antes de ter forças para ficar em pé. Enquanto estava neste estado de debilidade, o criado que tinha seguido a teu irmão ao acampamento birmanês chegou e me informou que seu amo tinha chegado, e que estava sendo conduzido à corte de justiça da cidade. Enviei um birmanês para que observasse os movimentos do governo, e a tomar conhecimento, se podia, de que iriam fazer com o senhor Judson. Logo voltou e me disse que tinha visto o senhor Judson sair do pátio do palácio, acompanhado por dois ou três birmaneses, que o levavam a um dos cárceres da cidade; e que se comentava pela cidade que seria devolvido ao cárcere de Oung-pen-la. Estava demasiado fraca para ouvir más notícias de nenhum tipo; mas este acontecimento repentino tão terrível quase acabou comigo. Durante um tempo apenas se conseguia respirar; mas afinal recuperei suficiente compostura para enviar nosso amigo Moung Ing a nosso amigo, o governador da porta norte, e lhe roguei que fizesse outro esforço para obter a liberação do senhor Judson, e que impedisse que fosse enviado de novo ao cárcere do campo, onde sabia que sofreria muito, porque eu não poderia segui-lo até lá. Moung Ing foi logo em

busca do senhor Judson, e era já quase de noite quando o achou dentro de uma escura prisão. Eu tinha enviado alimentos à primeira hora da tarde, mas ao não poder achá-lo, o que enviei voltou com eles, o que piorou minha angústia, porque temia que fosse ser enviado a Oung-pen-la.

Se jamais tinha sentido o valor e a eficácia da oração, a senti agora. Não podia levantar-me de meu leito; nada podia fazer para conseguir a meu marido; somente podia rogar Àquele grande e poderoso Ser que disse: "E invoca-me no dia da angústia; eu te livrarei, e tu me glorificarás" [22]*. Ele me fez sentir nesta ocasião esta promessa de maneira tão poderosa que fiquei serena, tendo a certeza de que minhas orações seriam respondidas.*

Quando o senhor Judson foi enviado de Maluon a Ava, foi com um prazo de cinco minutos e sem saber a causa. Enquanto ia rio para acima viu acidentalmente a comunicação que tinha enviado o governo acerca dele, e que simplesmente dizia: "Não temos mais necessidade de Judson, e portanto o devolvemos à cidade dourada". Ao chegar ao tribunal aconteceu que não havia ninguém familiarizado com o senhor Judson. O oficial presidente perguntou acerca de desde onde tinha sido enviado a Maloun. Responderam-lhe que desde Oung-pen-la. "Então", disse o oficial, "que o devolvam ali". Foi logo entregue a um guarda, para ser levado ao lugar mencionado, para permanecer ali até que pudesse ser conduzido a Oung-pen-la. Enquanto isso, o governador da porta norte apresentou uma petição ao alto tribunal do império, oferecendo-se como garantia da segurança do senhor Judson, obteve sua liberação e o levou à sua casa, onde o tratou com todas as bondades possíveis, e aonde fui eu levada quando minha saúde melhorada o permitiu.

Foi num anoitecer fresco e de belo luar, no mês de março, que com corações enchidos de gratidão a Deus, e sobreabundantes de gozo ante nossas perspectivas, passamos Irrawaddy rio abaixo, rodeados por seis ou sete barcas douradas, e acompanhados de todas nossas posses terrenas.

Agora, por primeira vez em um ano e meio, sentimos que éramos livres, e já não mais sujeitos ao opressivo jugo dos birmaneses. E com que sensação de deleite vi, na seguinte manhã, os mastros de um barco a vapor, o seguro presságio de estar dentro do âmbito da vida civilizada! Tão logo como a nossa barca chegou à costa, o brigadeiro A. e outro oficial subiram a bordo, nos cumprimentaram pela nossa chegada, e nos convidaram a bordo do vapor, onde passei o resto do dia. Enquanto isso, teu irmão ia ver o general que, com um destacamento do exército, tinha acampado em Yandabu, alguns

---

[22] Salmo 50.15, ACF.

quilômetros mais abaixo no rio. O senhor Judson voltou naquela tarde, com um convite de ir Archibald para que acudisse de imediato a sua residência, onde me apresentaram na manhã seguinte, e recebida com a maior gentileza pelo general, que tinha levantado uma tenda para nós perto da dele, e que nos convidou à sua mesa, tratando-nos com a bondade de um pai mais que como estrangeiros de outro país.

Durante vários dias esta só idéia ocupou minha mente de contínuo: que estávamos fora do poder do governo birmanês, e uma vez mais sob a proteção dos ingleses. nossos sentimentos ditavam de contínuo expressões como esta: "Que pagaremos a Jeová por todos seus benefícios para conosco?"

Em breve se concertou o tratado de paz, assinado por ambas as partes, e se declarou publicamente o termo das hostilidades. Saímos de Yandabu, depois de umas duas semanas de permanência, e chegamos sãos e salvos à casa da missão em Rangún, depois de uma ausência de dois anos e três meses.

Ao longo de todo este sofrimento se conservou o precioso manuscrito do Novo Testamento birmanês. Foi colocado numa sacola e transformado num travesseiro duro para o encarceramento do doutor Judson. Todavia, se viu obrigado a mostrar-se aparentemente descuidado com ele, para que os birmaneses não pensassem que continha algo valioso e o pegassem. Mas com ajuda de um fiel converso birmanês, o manuscrito, que representava tantos longos dias de trabalho, foi guardado a salvo.

No término desta longa e trágica narração, podemos dar de maneira apropriada o seguinte tributo à benevolência e aos talentos da senhora Judson, dado por um dos presos ingleses que estiveram encerrados em Ava com o senhor Judson. Foi publicado num jornal de Calcutá ao término da guerra.

"A senhora Judson foi a autora daqueles eloqüentes e intensos depoimentos ao governo que os prepararam gradualmente para a submissão às condições de paz, que ninguém teria esperado, conhecendo a arrogância e inflexível soberba da corte birmanesa".

"E falando nisto, o derramamento de sentimentos de gratidão, em meu nome e no de meus companheiros, me levam a agregar um tributo de gratidão pública àquela amável e humanitária mulher, que, ainda vivendo a três quilômetros de distância de nosso cárcere, sem meios de transporte, e com muito precária saúde, esqueceu sua própria comodidade e fraqueza, visitando-nos quase todos os dias, e ministrando para nossas necessidades, e contribuindo em todas as formas a aliviar nossa desgraça".

"Enquanto fomos deixados sem alimentos pelo governo, ela, com uma perseverança infatigável, por um ou outro médio, nos conseguiu um constante subministro".

"Quando o estado esfarrapado de nossas roupas evidenciou a extremidade de nossa angústia, ela se mostrou disposta a substituir nosso escasso vestiário".

"Quando a insensível avareza de nossos guardiões nos mantinha no interior ou nos levava a por nossos pés em cepos, ela, como anjo servidor, nunca cessou em suas solicitudes ao governo, até que era autorizada a comunicar-nos a gratas notícias de nossa liberação, ou de um respiro de nossas amargas opressões".

"Além de todo isso, foi certamente devido, em primeiro termo, à mencionada eloqüência e às intensas petições da senhora Judson, que os mal instruídos birmaneses foram finalmente levados à boa disposição de assegurar o bem-estar e a felicidade de seu país com uma paz sincera".

Começos missionários

1800. Batismo do primeiro convertido de Carey

1804. Organização da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira

1805. Henry Martyn zarpa rumo à Índia

1807. Robert Morrison zarpa para a China

1808. A reunião do monte de palha celebrada perto do Williams College

1810. Organização da Junta Americana

1811. Os wesleyanos fundam a Missão de Sierra Leona

1812. Zarpan os primeiros missionários da Junta Americana

1816. Organização da Sociedade Bíblica Americana

1816. Robert Moffat zarpa pla a África do Sul

1818. A Sociedade Missionária de Londres penetra em Madagascar

1819. Organização da Sociedade Missionária Metodista

1819. A Junta Americana inaugura a Missão das Ilhas Sandwich

1819. Judson batiza seu primeiro convertido birmanês

EPÍLOGO À EDIÇÃO ORIGINAL

E concluímos agora, bons leitores cristãos, este tratado que nos ocupa, não por falta de matéria, senão para antes bem abreviar o tema devido à imensidade de que trata. Enquanto isso, que a graça do Senhor Jesus Cristo opere em ti, bondoso leitor, em todas tuas diligentes leituras. E quando tenhas fé, dedica-te de tal modo a ler que pela tua leitura possas aprender diariamente a conhecer aquilo que possa ser de proveito para tua alma, que te possa ensinar experiência, que te possa armar de paciência, e instruir-te mais e mais em todo conhecimento espiritual, para teu perfeito consolo e salvação em Cristo Jesus, nosso Senhor, a quem seja a glória *in secula seculorum*. Amém.

AUTOR: John Fox
SITE: www.graciasoberana.com
CÓPIA: terça-feira, 7 de novembro de 2006, 08:44:02